20634

Ser. 1916

Fol. 1918

Fol. 45
a
91—

1

Os Indesejaveis

"Diario Official" - 16 - Setembro - 1916 -

O Sr. Gustavo Barroso (*)— Sr. Presidente, ha cerca de tres mezes apresentei á Camara uma indicação para que a Commissão de Agricultura se pronunciasse sobre a melhor maneira de impedir a entrada no Brazil, de extropiados e de outros individuos inutilizados em consequencia da guerra européa, problema que reputo muito sério e que as nações sul-americanas tambem consideram seriissimo, tanto que a Republica Argentina e o Chile já legislaram prudentemente sobre o assumpto.

A minha indicação foi commentada muito favoravelmente, tanto pela imprensa carioca, como pela dos Estados; apoiaram-na o Conselho Municipal, mensagens de presidentes dos Estados e varias pessoas, em entrevistas concedidas aos jornaes.

A Commissão de Agricultura, entretanto, não se quiz dar ao trabalho de proferir uma palavra sobre o assumpto.

Hontem, o illustre jornalista Medeiros e Albuquerque deu a publico na *A Noite* um pequeno artigo baseado na mesma idéa.

Assim requeiro a V. Ex. consulte á Camara sobre si consente na publicação deste artigo no *Diario do Congresso*, porque, talvez, que as verdades que eu disse, repetidas no estylo conciso e claro do notavel escriptor brazileiro echoem melhor no seio da Commissão, que expressas pelas minhas proprias palavras. Fica deste modo feita a minha reclamação contra a demora da Commissão de Agricultura em resolver qualquer cousa sobre a indicação. (*Muito bem; muito bem.*)

(*) Este discurso não foi revisto pelo orador.

Consultada, a Camara concede a publicação pedida.

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. DEPUTADO GUSTAVO BARROSO

«Ha um problema de após guerra que o nosso Governo podia desde já prevêr. Podia prevêr, impedindo-lhe as consequencias nefastas.

O Brazil é o unico paiz do mundo em que ainda se discute a expulsão de estrangeiros. Mesmo depois que a guerra rebentou, esse problema foi agitado e acharam-se numerosos impugnadores do direito de expulsão. Ha, de facto, quem interprete a nossa Constituição, achando que nós não temos o direito de pôr para fóra de nosso paiz mesmo os mendigos, mesmo os vagabundos, mesmo os criminosos estrangeiros.

O melhor caso que já tivemos a esse respeito foi o do Dr. Urbino de Freitas.

Tratava-se de um typo condemnado como assassino — como assassino do genero que, com razão, se considera mais baixo e mais vil: como enverenador.

Havia, é certo, quem não acreditasse no seu crime. O essencial para nós é que os tribunaes do seu paiz acreditaram.

Ora, um bello dia, após numerosos annos de pena em um presidio da Africa, elle conseguiu perdão da pena de prisão. Só da de prisão. Ficou, do mesmo modo, condemnado a não entrar no seu paiz.

Foi nessas condições que elle veiu para o Brazil e aqui se fixou. O Governo quiz expulsal-o e não pôde.

E' impossivel descobrir cousa mais espantosa. Tratava-se de um personagem que o seu proprio paiz considerava um criminoso de direito commum e que por isso não queria receber no seu territorio. Achou-se, entretanto, que elle tinha, não o direito de nos pedir agazalho e hospitalidade, mas o direito de nos exigir tudo isso!

Só muito depois foi que Portugal se decidiu a perdoar-lhe completamente o resto da pena.

O direito de expulsão de estrangeiros, antes mesmo da guerra, não era mais contestado por paiz algum. O ultimo a decretar essa medida foi a a Inglaterra. E mesmo a circumstancia mais interessante a esse respeito é que são os paizes de legislação mais liberal os que se mostram mais rigorosos a esse respeito. Assim, todos sabem que vigilancia os Estados Unidos e o Canadá exercem para impedir a entrada de «indesejaveis».

No emtanto, é corrente vêr considerar a expulsão desses estrangeiros indesejaveis como uma medida pouco nobre, indigna da nossa adiantadissima Constituição. Mas, como se acaba de lembrar, essa medida é, pelo contrario, tanto mais util quanto mais liberal é a legislção do paiz.

Nos paizes em que os cidadãos gozam de escassas liberdades, a entrada de máos elementos não tem tanta importancia, exactamente porque as liberdades são raras e a repressão dos abusos é mais severa. Quanto menos se entravam os direitos dos cidadãos mais se precisa que esses cidadãos não sejam criminosos, não sejam emfim elementos perniciosos, indignos de usar das liberdades que lhes são concedidas.

O rigor ainda deve ser maior quando se trata de uma nação que é ao mesmo tempo de leis liberrimas e pouco povoada. Esse é o caso dos Estados Unidos e, sobretudo, o do Canadá. Neste, embora colonia ingleza, expulsam-se mesmo os máos elementos que veem da Inglaterra.

Parece que não se torna necessario insistir muito fortemente sobre o Brazil. Não se precisa lembrar que somos um territorio vastissimo e quasi sem habitantes. Aqui, mais do que em outros logares, se deve recear a entrada de elementos perniciosos.

Mas a estas considerações, que são de ordem permanente, junta-se agora uma consideração de momento.

Quando a guerra acabar, ella vae deixar um numero consideravel de estropiados em todos os paizes belligerantes. Estropiados incapazes de ganhar a vida, que ou serão immediatamente ou tornar-se-hão dentro de pouco tempo mendigos.

Desses, os respectivos governos favorecerão por todos os modos a emigração. E como só ha no mundo um paiz-monturo, para o qual os outros podem varrer impunemente mesmo os seus criminosos; vamos provavelmente ter uma invasão desses máos elementos.

Note-se que os nossos hospitaes e até a nossa Casa de Correcção já teem tido em alguns annos mais estrangeiros do que nacionaes — o que não acontece em nenhuma outra nação.

A guerra acabada, os impostos vão ser terrivelmente aggravados em todos os paizes belligerantes, tanto vencidos como victoriosos. Muita gente procurará partir para o estrangeiro. E da-se-ha então esta selecção: os bons elementos irão para os Estados Unidos, porque lá não deixam entrar os máos, o resto, o cisco, os detrictos virão naturalissimamente para o Brazil.

O caso é tão sério, tão grave, tão importante que se póde esperar que a jurisprudencia, até aqui contradictoria e oscillante do Supremo Tribunal, se decida a tomar um rumo certo e a vêr o perigo nacional que nós corremos; si continuarmos a ser o vasadouro de lixo do resto do mundo.

Tudo indica, portanto, que o Governo deveria desde já regular a admissão de estrangeiros nos nossos portos; fazendo emfim o que fazem os Estados Unidos. E' muito melhor prevenir do que remediar. Estabelecidas regras, tudo se simplifica, porque as companhias de navegação se incumbem de fiscalizar o caso nos portos de embarque, não acceitando sinão os passageiros que ellas sabem poder desembarcar livremente. E' o interesse delias não se embaraçarem com os outros para não ficarem obrigadas a reconduzil-os gratuitamente.

A lei de expulsão de estrangeiros, que nunca foi regulamentada, permitte perfeitamente ao Governo tomar essa providencia, que se impõe com todo o caracter de urgencia. — *Medeiros e Albuquerque.*»

"O Paiz" - 26 - Setembro 1916

A soberania em acção.

O Sr. Antonio Carlos manifestou-se favoravelmente ao projecto de lei que estatue providencias no sentido de obstar que affluam ás nossas plagas, terminada a conflagração européa, os mutilados e os miseraveis, que hão de pullular no Velho Mundo.

Não se póde deixar de applaudir o interesse que o governo manifesta pela adopção de uma providencia dessa natureza, reclamada pelas nossas actuaes condições de paiz unico, talvez, no universo, ao qual se destina quem quer que seja, sem restricção de especie alguma—todos os elementos deleterios que a acção policial de outros paizes não permitte que ali permaneçam.

A sympathia com que o *leader* da Camara recebeu o projecto do Sr. Gustavo Barroso, solicitando á commissão de Justiça o seu rapido andamento, e as manifestações feitas por S. Ex. ao externar essa sympathia, foram traduzidas não só como a solidariedade do governo ás providencias suggeridas, mas ainda foram recebidas com a significação de que o governo tomava a si a responsabilidade do projecto, o que o Sr. Antonio Carlos contestou, nestes termos, em palestra, hontem na Camara:

"Eu não declarei que o projecto de lei sobre os "indesejaveis" é um projecto governamental, como se publicou. O que eu disse é que via, como *leader*, este projecto com sympathia e me esforçaria no sentido delle ter uma rapida marcha nas commissões e no recinto, de fórma a se poder transformal-o, com modificações, ainda este anno, em lei."

Seja como for, o facto do *leader* da maioria da Camara se interessar pelo rapido andamento do projecto indica que se póde contar com a sua rapida evolução nos varios turnos de debate, não ficando a boa iniciativa do deputado cearense apenas na sua intenção de bem servir ao paiz, mas devendo se transformar em uma realidade mais do que util, porque é imprescindivel.

GBJr 5

"Noticia" - 20 Set. 916

OS INDESEJAVEIS...

O Sr. Gustavo Barroso apresentou hontem á Camara dos Deputados um projecto regulando a entrada de estrangeiros no territorio nacional. Por elle ficam prohibidos de entrar no Brasil, salvo excepções que o projecto estabelece, as seguintes castas: "cegos, surdo-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou de ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados mentaes de qualquer especie, criminosos condemnados nos paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16".

Ha um ponto que merece attenção especial da Camara: é o que exceptua da prohibição de entrada os chamados "criminosos politicos". E' certo que, dada a liberalidade das nossas leis, não se póde negar asylo a um individuo que, tendo promovido uma revolução politica na sua patria e tendo sido vencido, ficou por isso incluido no cadastro dos criminosos, emquanto os outros, só porque alcançaram victoria, ficaram sendo o poder legitimamente constituido... Mas é preciso que certos elementos perigosos, conhecidos genericamente pelo nome de "anarchistas", não se possam valer da excepção aberta em favor dos "criminosos politicos" para entrarem no Brasil e estabelecerem por aqui a sua base de operações. E' certo que temos leis especiaes que prohibem a entrada e a permanencia de taes elementos na nossa terra; entretanto, parece que não fará mal nenhum esclarecer o sentido dessa excepção "criminosos politicos", quando não no texto da propria lei, pelo menos no regulamento que a explicar.

Quanto ao mais, é preciso confessar que ha mais tempo deviamos possuir essa lei, que agora, na espectativa do fim da guerra, adquiriu caracter de urgencia. Não é possivel permittir que entrem nos nossos portos os mutilados innumeraveis de todas as raças, que, incapacitados de luctar na sua patria, aleijados pela guerra, com certeza buscarão refugio nos paizes sul-americanos. Esta doutrina póde não ser humanitaria, póde não ser altruistica, mas é muito pratica, e muito util, como todas as idéas que não são humanitarias... As nações, quando legislam, só devem ter tem vista o seu interesse. A caridade christan, a philanthropia, o altruismo e outras virtudes correlatas, ficam muito bem aos particulares. Os governos não foram constituidos para praticarem a caridade para com os estrangeiros, mas para cuidarem do bem dos cidadãos que o elevaram ao fastigio da autoridade. E' prohibir a entrada de rufiões, meretrizes, idiotas e mutilados, embora muito gloriosos estes ultimos, de certo é servir aos interesses geraes da Republica. Eis porque o projecto do Sr. Gustavo Barroso merece a approvação de toda a gente de bom senso, que preze mais a limpeza das nossas ruas do que as cicatrizes, medalhas nobilissimas aliás, conquistadas gloriosamente por todos os mutilados que defenderam as suas respectivas patrias em todos os campos de batalha do Velho Mundo...

— **Antonio Torres.**

Os "indesejaveis" e uma declaração do Sr. Antonio Carlos

Antes de assumir esta tarde a presidencia da commissão de finanças, extraordinariamente reunida, o Sr. Dr. Antonio Carlos, "leader" do governo, teve ensejo de nos fazer a seguinte declaração sobre o projecto dos "indesejaveis" que subiu a estudos da commissão de constituição e justiça daquella casa:

Desejo que o mais breve possivel a Camara approve aquelle projecto, ao qual empresto o caracter governamental. Nesse sentido já falei ao Sr. Cunha Machado, presidente da commissão de constituição e justiça, e ao Sr. Maximiano de Figueiredo, relator do alludido projecto, pedindo-lhes que encarem aquelle trabalho como medida amparada pelo governo.

Realmente — proseguiu S. Ex. — o Sr. presidente da Republica considera a approvação do projecto cousa de absoluta e immediata necessidade, estando resolvido a envidar todos os esforços no sentido de vel-o ainda este anno convertido em lei.

Inutil será dizer que algumas modificações serão apresentadas ao trabalho do Sr. Gustavo Barroso, de accôrdo com o parecer que será lido pelo respectivo relator na segunda reunião da commissão, visto que na primeira o Sr. Maximiano de Figueiredo terá de tratar das questões de sociedades anonymas e de fallencias.

"A Rua" - 15 Setembro - 916

OS "INDESEJAVEIS"

O deputado Gustavo apresentará amanhã um projecto á Camara

Logo que o "Jornal do Commercio", edição da tarde, tratou do problema que a guerra européa veiu aggravar, o problema dos "indesirables", segundo a classificação dos anglo-saxões, o Deputado cearense Gustavo Barroso apresentou á Camara uma indicação que visava provocar a redacção de um projecto por parte da Commissão de Constituição e Justiça. A indicação ficou dormindo no seio da Commissão...

O Sr. Gustavo Barroso

Hoje soubemos que o Sr. Gustavo Barroso ia apresentar amanhã um projecto á consideração da Camara. Fomos ouvir o deputado cearense.

S. Ex. nos disse mais ou menos o seguinte:

"No dia 20 de Maio deste anno o "Jornal do Commercio" publicava uma interessante nota, na sua edição da tarde, acompanhado de uma estatistica do nosso porto, demonstrando o perigo de consentirmos na entrada prejudicial de individuos mutilados e outros reduzidos á miseria pela guerra européa. Diante das palavras sinceras e patrioticas do "Jornal do Commercio", fiquei verdadeiramente impressionado e, não tendo tempo de redigir um projecto de lei, apresentei á Commissão de Agricultura uma indicação, para que ella providenciasse em pról da nossa defeza. Essa indicação teve logo o apoio unanime da imprensa.

As redacções da "Gazeta", do "Correio", d'"A Rua", da "Noticia", do "Jornal do Commercio", do "Paiz" commmentaram-na favoravelmente. O Conselho Municipal apoiou-a. Alguns presidentes de Estado chamaram a attenção de suas assembléas para a questão.

Eu procurei estudal-a afim de redigir o meu projecto de lei, que está, felizmente, prompto e será apresentado amanhã. Fil-o de accordo com a legislação "yankee" sobre immigração, com as leis da Argentina e do Chile acerca dos indesejaveis. Agora tenho o prazer de registrar o apoio do illustre Sr. Medeiros e Albuquerque á minha idéa. Espero que o projecto que apresentarei amanhã terá tambem o apoio da imprensa e da opinião.

"Diario Official" - 21 Setembro - 916

REQUERIMENTOS

N. 1

Requeiro que a Mesa solicite do Ministerio da Viação uma cópia da introducção e conclusão do relatorio sobre o anno de 1915, que o Dr. Pompeu, chefe de secção dos serviços contra a secca no Estado do Ceará, apresentou á respectiva Inspectoria.

Sala das sessões, 20 de setembro de 1916. — Gustavo Barroso.

3 "Diario ... 19 set. 1916

PROJECTO

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º O Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira, cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados mentaes de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16.

Art. 2.º Ficam exceptuados dessa prohibição:

a) os cegos, surdos-mudos, paralyticos e mutilados que provarem ter rendimentos bastantes para viverem sem recorrer á caridade publica ou familia que os possa manter;

b) os enfermos de molestia contagiosa ou incuravel no unico caso de serem transferidos de um sanatorio estrangeiro para estabelecimento congenere nacional;

c) os criminosos politicos;

d) os idiotas, imbecis e alienados mentaes de qualquer especie transportados de um estabelecimento de saude estrangeiro para um nacional ou que tenha familia que os possa manter;

e) as mulheres sós, desde que provem qualquer das seguintes condições:

1ª, vir para casa de sua familia domiciliada no Brazil;
2ª, vir para emprego ou collocação determinado;
3ª, ter rendimentos proprios;
4ª, documentando profissão honesta, trazer 200$ ouro; quantia sufficiente para as primeiras despezas antes de encontrar collocação;

f) as viuvas com filhos menores de 16 annos que estiverem nas seguintes condições:

1ª, possuam rendimento proprio;
2ª, venham para casa de sua familia já domiciliada no paiz;
3ª, tendo profissão certa, tragam 400$ ouro, quantia destinada ás despezas de primeira installação;

g) os homens maiores de 60 annos que sejam chefes de familia que as possam sustentar ou possuam rendas particulares;

h) os menores de 16 annos que venham acompanhados de suas familias ou responsaveis, que se destinem a casa destes e os tiverem domiciliados aqui; que venham para collocação determinada ou com destino a qualquer estabelecimento de instrucção do paiz.

Art. 3.º Ao entrar no territorio nacional, o individuo de nacionalidade estrangeira deverá apresentar ás autoridades competentes um certificado das autoridades do seu paiz de origem, visado gratuitamente pelos representantes consulares do Brazil, provando sua idoneidade e conducta, que não soffram condemnação ou penas infamantes e nunca exerceu a mendicidade.

Art. 4.º Todo o estrangeiro que tentar por qualquer meio fraudar esta lei será expulso do territorio naciónal, ficando inhibido de nelle jamais penetrar.

Art. 5.º O Governo empregará para executar a presente lei, sem o menor augmento de despeza, nos portos a policia maritima e nas fronteiras a aduaneira.

Art. 6.º A presente lei entrará em vigor logo após sua promulgação.

Art. 7.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 18 de setembro de 1916. — Gustavo Barroso.

("Le Messager de S. Paulo" a publié une traduction de ce projet. Observateur)

"Jornal do Commercio" 21 Setembro 1916

O SR. AURELINO LEAL E O PROJECTO SOBRE OS "INDESEJAVEIS"

A proposito do projecto apresentado á Camara dos Deputados pelo Sr. Gustavo Barrozo, ouvimos hontem a autorizada opinião do Sr. Dr. Aurelino Leal, Chefe de Policia desta Capital.

Disse-nos S. Ex., sem mais preambulos, á nossa pergunta inicial:

— Applaudo sem reserva o movimento que este projecto consubstancia. O Brasil não só está no direito de evitar os inuteis, como até deve fazel-o.

— E, convertido em lei esse projecto, a sua execução, porventura, não poderia, de alguma sorte, prejudicar a immigração para o Brasil?

— Não ha duvida que precizamos povoar o vasto territorio nacional, multiplicar, decuplicar o numero dos nossos habitantes, a cuja insignificancia devemos a marcha lenta da nossa civilização e dos nossos progressos. Estes, porém, e eis ahi a solução da sua objecção, não se conseguem senão com actividades positivas, com homens validos, com o individuo são e forte: «mens sana in corpore sano».

— V. Ex. não reputa por demais conservadora a orientação do projecto?

— Reputo-o ninhamente conservador. Aliás, eu sou daquelles que pensam que a orientação conservadora é a que mais convem á politica brasileira, na situação em que nos encontramos.

A Constituição Brasileira avançou de mais em alguns pontos; e se não fôra a resistencia de alguns espiritos moderados, muito mais longe teriam ido os seus autores no terreno das desconhecidas exaltações liberaes. Eu não comprehendo, por exemplo, que um paiz como o nosso, sem cultura, sem emancipação ethnica, tenha como instituição sua o suffragio universal; não comprehendo a doação aos Estados das terras devolutas; não comprehendo que a magistratura e as leis do processo sejam duplas; não comprehendo que os Estados tenham a liberdade de compromettter a União, fazendo emprestimos sem contraste.

Ora, exclamou o Dr. Aurelino Leal, tudo isto é obra da Constituição de 1891...

E uma vez, accrescentou S. Ex., que não é facil a reforma do nosso estatuto fundamental, o melhor é interpretal-o no sentido conservador.

Já tivemos uma politica dessa natureza, a que, talvez, seja precizo voltarmos. O senhor sabe que o Acto Addicional tambem produzio um effeito de dispersão entre as provincias, pela descentralização mal organizada. Bernardo de Vasconcellos salvou o paiz desfraldando o labaro de uma reacção conservadora, salutar, propondo a interpretação da reforma de 1831. Tão necessaria foi esta que os liberaes, que a combatiam, terminaram por apressal-a, quando deram o golpe de Estado da maioridade.

— Tem-se dito que a medida constante do projecto é inconstitucional. V. Ex. póde dar-nos a sua opinião nesse particular?

— Com certeza se quererá discutir com a liberalidade do inciso decimo do artigo 72 da Constituição, segundo o qual «em tempo de paz *qualquer póde entrar no territorio nacional*, ou delle sahir, com a sua fortuna e bens, *quando e como lhe convier, independente de passaporte*.»

Ora, um liberal exaltado lerá este artigo como representando uma immensa porta pela qual poderão passar todos os máos elementos extrangeiros, entre nós se installando, sem terem, para dar-nos, uma actividade proficua e intelligente.

Entretanto, um espirito conservador verá que o legislador constituinte, neste particular, não foi nada platonico. De facto, o referido inciso previo o bom immigrante, o bom colono, o homem util, como factor economico, tanto assim que enxertou no seu contexto a phrase «com a sua fortuna e bens»...

Este «qualquer» que «póde entrar no territorio nacional... quando e como lhe convier», é o homem proveitoso, o homem de trabalho, o homem productor de actividades uteis, é o homem «com a sua fortuna», é o homem com os seus «bens».

Isto não quer dizer que a expressão «com a sua fortuna e bens» equivalha a uma concretização, isto é, á posse de uma determinada fortuna ou de determinados bens: basta que o individuo tenha uma profissão, tenha capacidade para collaborar no trabalho nacional. Isto constitue a sua fortuna potencial.

Dentro, pois, da disposição constitucional a liberdade de entrada no paiz póde ser restringida pelas suas necessidades conservadoras. E essas necessidades comprehendem tudo: a saude, a moral, a economia publica...

— A respeito das excepções consignadas no projecto?

— Acho que muitas dellas são justas. Aliás, me parece que se devia aproveitar o ensejo para estender o conceito dos «indesejaveis» até aos anarchistas vigiados, aos caftens e todos os individuos sem profissão licita.

Perguntámos ainda ao Sr. Dr. Aurelino se a disposição contida no art. 3º não seria inexequivel sem a correspondente sancção penal.

— Certamente, o art. 3º do projecto preciza ser completado com essa sancção.

"Gazeta de Noticias" 19. Set.º 916

Um projecto patriotico do deputado Gustavo Barroso sobre a immigração

De ha muito que na America do Norte se acha perfeitamente regulado o problema da immigração.

O espirito pratico e previdente, ajudado por um egoismo, perdoavel pelo seu fim patriotico, dos estadistas norte-americanos, promoveu a organisação de uma lei reguladora do problema de immigração.

Esta lei saneadora, immediatamente depois da sua sancção entrou em vigor nos Estados Unidos. Com todo o seu rigor, contribue sensivelmente para o engrandecimento da America do Norte.

Patrioticamente elaborada visa a lei impedir que em territorio americano aportem individuos inutilisados quer pelo seu physico prejudicado, quer pelo seu moral anormal.

Esses elementos, julgados com a mais justa das razões prejudiciaes ao bom desenvolvimento de uma nação, por isso mesmo que são denominados de "indesejaveis", foram muito sabiamente evitados pelos Estados Unidos.

Encarada a questão da immigração indispensavel ao adiantamento de um paiz, relativamente novo, como o é a America do Norte, foi ella tratada, com o carinho que merecia, pelos americanos, como tambem della cuidaram todas as nações do Novo Continente.

Os legisladores "yankees", porém, preoccuparam-se, não descuidando da sua expansão, em organisar esse problema de tal fórma que não surgissem, ao envés de beneficios, males com o augmento desejado do numero de seus habitantes.

De sorte que trataram immediatamente, prevendo com intelligencia o apparecimento de elementos prejudiciaes a crescer, em seu territorio, de evital-o.

Rigorosa em seus artigos, não só foi estendida a prohibição de desembarque aos mutilados, isto é, a todos aquelles cujo physico se mostrasse de tal modo transtornado que os impedisse de contribuir com regular coefficiente de trabalho, como ainda o foi para aquelles cuja moral fosse considerada perniciosa, já pelos irrecommendaveis antecedentes de sua conducta no paiz de onde emigrassem, já pela carencia absoluta ou deficiencia de suas faculdades mentaes.

Respeitada em todo o continente esta muito patriotica lei o vai saneando aos poucos do máo e do inutil elemento.

Ou pelo menos evita, o que é bastante, maior corrupção de costumes, ou difficulta o augmento do numero dos que fazem da mendicidade uma profissão e concorre enormemente para a diminuição dos criminosos, cessando desse modo a expansão do crime.

Os mutilados em geral, os cegos, os surdos e mudos, etc., etc., não são absolutamente elementos que contribuam siquer com a minima parcella para o progresso material ou intellectual de uma nação, o que muito acertadamente levou a America do Norte a evital-os o mais possivel, isto é, impedindo a entrada em seu territorio desses, os que não tivessem meios para a sua manutenção.

Por qualquer dos lados que se analyse a lei americana sobre a immigração, ella se apresenta proveitosa, e, não diremos mal, se affirmarmos que é extraordinariamente beneficiadora, indispensavel a sua vigencia naquelle paiz e inexplicavel a inexistencia de uma selhante em outros paizes que necessitem da immigração, principalmente no Brasil.

Outras nações, a exemplo da Norte America, têm se preoccupado com esse ponto capital para o seu engrandecimento, que além do mais é ainda um poderoso meio de evitar, o mais possivel, a irradiação da "caftismo", a pavorosa gangrena social. A Argentina e o Chile disso cuidaram, não sendo, no entanto, tão completas as suas leis como o é a da America do Norte.

O que existe, entre nós, é quasi nada, para não dizermos absolutamente nada.

Os nossos legisladores, desgraçadamente, muito pouco se interessam pelo que futuramente possa advir em beneficio para o Brasil, e só se preoccupam com o que produza um resultado immediato.

Este assumto de que agora muito dignamente veiu tratar o joven deputado Gustavo Barroso, nunca, infelizmente, interessou aos nossos parlamentares, porque a sua regularisação, pensavam elles, não poderia apresentar resultados immediatos taes, que viessem pôr em destaque alguma individualidade ou abrilhantar a carreira parlamentar do que fosse o autor do seu projecto de lei.

O joven representante cearense, porém, prevendo a affluencia de que seria victima o nosso paiz dos mutilados e dos tornados inuteis com a catastrophe européa, muito patrioticamente elaborou um projecto de lei relativo ao modo de ser admittida a immigração no Brasil.

E' de esperar, que ao projecto hontem, apresentado á Camara Federal, dêm os Srs. deputados a importancia que elle exige como um projecto sociologico de principal utilidade.

E que á sua conversão em lei, dêm os nossos legisladores a maxima urgencia, para que entre a vigorar desde já, evitando assim, o quanto antes e o mais possivel, o apparecimento prejudicial dos "indesejaveis" em nossas terras, cujo numero naturalmente, em consequencia da guerra que ora inutilisa milhares e milhares de individuos, é de temer!

Que o espirito patriotico dos legisladores brasileiros se evidencie agora!

"Gazeta de Noticias" 20 - Set.º 916

O Sr. Gustavo Barroso, deputado pelo Ceará, ha quatro mezes teve uma idéa e levou-a para a Camara, atirando-a ao classico tapete da discussão.

S. Ex. achava que o poder legislativo devia regularisar a entrada de estrangeiros no Brasil, sobretudo prevendo-se as consequencias da guerra, porque, caso contrario, estariamos arriscados a dar aqui abrigo a uma legião de mutilados, de individuos parasitas, positivamente indesejaveis.

Nesse sentido o Sr. Gustavo Barroso deixou, desde logo, uma indicação sobre a mesa da Camara.

Garantida a sua idéa, o deputado pelo Ceará começou a estudar o assumpto, apparelhando-se com leis identicas de outros paizes, com os decretos em vigor em varias nações, para assim moldar o seu projecto.

O Sr. Medeiros e Albuquerque, porém, chegando da Europa e não tendo, muito naturalmente, conhecimento das idéas do Sr. Gustavo Barroso, escreveu — sem a elle se referir — um artigo demonstrando a necessidade de uma lei sobre os "indesejaveis".

Era um apoio.

Mas, já no dia seguinte, o Sr. Gil Vidal — com as habilidades que lhe são peculiares — declarou que a idéa era delle...

Era o toque de "avançar".

Depois o Sr. Medeiros foi á Camara e fez as pazes com o Sr. Barbosa Lima. E o Sr. Antonio Carlos, todo mesuras, foi logo dizendo:

— Para commemorar as pazes vamos pedir ao Medeiros que organise o projecto dos "indesejaveis".

Ora, o Sr. Medeiros e Albuquerque não é deputado, não poderia, pois, organisar projecto nenhum, nem acceitar a incumbencia que o Sr. Antonio Carlos lhe fazia, com manifesto menoscabo aos seus collegas da Camara, porque tacitamente os suppunha incompetentes para esse fim, e tanto mais quando o "leader" da maioria sabia que o Sr. Gustavo Barroso estava organisando um projecto nesse sentido.

E, para não perder uma idéa, o Sr. Gustavo Barroso, muito finamente, foi obrigado a parar os estudos e correr á Camara, apresentando logo o seu projecto, antes — como lá dizia D. João VI — que um aventureiro lançasse mão delle...

Francamente, muito custa ter-se uma idéa, nesta terra!

"Gazeta de Noticias" 21 - Setembro - 916

Os "indesejaveis"...

Está na Camara, dependente ainda de discussão, um projecto do deputado Gustavo Barroso acerca dos "indesejaveis", isto é, dos individuos de ambos os sexos que, vindos do estrangeiro, não devam ser acceitos no territorio nacional, por motivos de ordem moral ou economica. São elles, entre outros, os aleijados, os mendigos, os proxenetas, as mulheres que não tenham familia, as viuvas que vierem com filhos menores e sem dinheiro para sustental-os, etc., etc.

Esse projecto merece estudo muito attento dos Srs. deputados. Elle não visa hostilisar de preferencia os "mutilados da guerra", como á primeira vista se terá afigurado a muita gente, graças sobretudo a más interpretações que lhe têm sido dadas por alguns jornaes.

Seja como fôr, entretanto, o que está indicando o simples bom senso de todo o mundo é que, terminada a guerra, é claro que não virão para a America os homens validos. Estes ficarão no Velho Mundo, onde haverá muito que fazer e, por conseguinte, bom dinheiro para ganhar. E embora, segundo dizem, já na Europa se esteja cuidando de estabelecer profissões consentaneas com as forças de que disponham os mutilados, os surdos e os cégos em consequencia da guerra, para que elles possam, depois da catastrophe, viver honestamente da sua actividade profissional, apesar disso devemos premunir-nos contra as levas de aleijados, viuvas e.. outras, que virão certamente para a America do Sul, formar no continente um peso morto, principalmente no nosso paiz, que não está ainda garantido por lei especial e rigorosa como os Estados-Unidos, a Argentina e tambem o Chile, que já está cautelosamente tratando de fixar uma lei a esse respeito...

E' de esperar, pois, que a Camara vote ainda este anno essa lei salutar, que nos garantirá contra muitos dissabores e, diremos até, muitas desgraças que certamente nos sobrevirão, se não tomarmos essa urgente providencia. Aliás, segundo dizia hontem um vespertino, o Sr. Antonio Carlos, "leader" da maioria, está de accordo com o projecto do Sr. Gustavo Barroso e nós só temos applausos para essa attitude.

"A Rua". 23 de Setembro de 1916

MFN 916

Ainda este anno os "indesejaveis" serão prohibidos de entrar no Brasil

Seguiremos assim os passos da Argentina

Como o Sr. Gustavo Barroso justifica o seu projecto

O Congresso ainda este anno votará o projecto sobre os "indesejaveis" do Sr. deputado Gustavo Barroso. O "leader", o Sr. Antonio Carlos, numa roda, na Camara, ante-hontem, teve esta phrase sobre o projecto do deputado cearense:

—"Creio que o Congresso se votar este anno a lei sobre os indesejaveis, poder-se-á gabar de ter feito alguma cousa util."

O Sr. Gustavo Barroso

Ora, quem assim sim se expressa sobre um projecto em andamento, tudo fará para que o Congresso deixe alguma cousa de util.

Ao saber da phrase do "leader" fomos leval-a ao conhecimento do deputado Gustavo Barroso e tivemos, então, opportunidade de conversar sobre o seu projecto, que terá, dentro de 15 dias, parecer do Sr. Maximiniano de Figueiredo designado para relatal-o na Commissão de Constituição e Justiça. S. Ex. acha o projecto bom, precisando, apenas, de ligeiras modificações.

O representante cearense fallou-nos sobre o seu necessario projecto, que tem tido, merecidamente—uma boa apreciação da imprensa:

—"Em consequencia da guerra, cessou quasi completamente a immigração de gente valida para os trabalhos agricolas e industriaes. Quando a guerra acabar, creio que essa immigração continuará suspensa, porquanto a carencia de braços na Europa será muito grande.

Não é de esperar que os seus homens fortes e aptos para o trabalho continuem a procurar o nosso paiz, quando o seu lhes puder dar com fartura os meios de subsistencia. Ainda vou além: acredito mesmo que a emigração das populações dos paizes que não tomarem parte na guerra procurará as nações agricolas e industriaes do velho continente, onde ha muito que refazer e reconstruir, de preferencia á America. Nada mais natural.

Pensando nessa escassez proxima de braços, S. Paulo previdentemente cuida de favorecer a corrente da immigração japoneza.

Entretanto, cada dia é maior a ameaça de nos despejarem nos portos levas de mutilados, cégos e outros que de nada possam servir e sim de estorvo e carga morta. Constame com alguns fundamentos de certeza que, na Europa, já se cuida do estabelecimento de industrias especiaes que aproveitem mutilados e cégos. Acho melhor, porém, nós nos defendermos sem esperar que os outros nos defendam directa ou indirectamente."

Abordámos a questão da prohibição da entrada dos "indesejaveis" e o deputado Barroso nos fallou assim:

—"A Argentina viu o perigo antes de nós. Viu dias antes, porque lá se tratou da questão em Março, se não me engano, e aqui o "Jornal do Commercio" da tarde iniciou sua brilhante campanha a 27 de Abril, publicando interessantes estatisticas das entradas de immigrantes neste porto, as quaes eram nas suas tres quartas partes mulheres e crianças.

O governo argentino, sentindo a necessidade de defender a raça e o progresso nacionaes não cuidou de esperar leis do parlamento, cujos tramites e discussões muito se alongam. Viu na sua lei de Immigração o art. 32 e regulamentou-o sem demora, tornando-o proprio para o fim visado. Eis o teor do referido artigo:

"Los capitanes de buques conductores de immigrantes no podrá transportar á la Republica en calidad de tales, enfermos de mal contagioso ó de cualquier vicio organico que los haga inútiles para el trabajo; ni dementes mendigos, presidiarios ó criminales que hubiesem estado bajo la accion de la justicia, ni mayores de sesenta años a no ser jefes de familia, so pena de reconducirlos á sus expensas y pagar las multas que les fuerem fijadas con arreglo del articulo 35."

Regulamentando este artigo de lei, o poder executivo argentino foi dum rigor terrivel. O primeiro artigo do decreto de regulamentação prohibe a entrada de cégos, surdos-mudos, paralyticos, aleijados, invalidos, dementes, epilepticos, tuberculosos, mendigos, mulheres sós ou com filhos menores e todos que se presuma poderem cahir a cargo de beneficencia publica. Não faz a menor excepção. Os outros artigos do decreto estabelecem as formalidades de entrada e apresentação de documentos.

De maneira que, embora o "indesejavel" tenha familia no paiz ou meios de subsistencia não entra na Argentina.

A lei é duma dureza excepcional.

No projecto que apresentei á Camara procurei sem esquecer as idéas que me levaram á escrevel-o, ser o mais humano possivel e fiz todas as excepções que era possivel fazer.

No Chile, tambem o Congresso está cogitando do assumpto, que o governo reputa de tal maneira imprescindivel e urgente que,

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 794/2005
Patrimonio 63.805
Origem D

G-B
AUTORIA
RECORTES
6

antes de ser votada qualquer lei, o Ministro do Interior baixou um decreto, determinando exigir-se de cada immigrante um certificado de boa saude visado pelo consul chileno no paiz de procedencia. A lei americana impede a entrada de loucos, mendigos, analphabetos, prostitutas e todos os que não possuirem certa somma (40 dollars), necessaria ás primeiras despezas com muito mais rigor do que a minha."

Objectamos que alguem já commentára o seu projecto, dizendo que os Estados Unidos sómente começaram a impedir a entrada de "indesejaveis", depois de terem já 80 milhões de habitantes.

Antes deixavam entrar todo o mundo. O representante do Ceará respondeu-nos:

—"Não é um argumento. Os Estados Unidos não tinham feito tal prohibição, porque ainda não haviam pensado no assumpto.

Quando alli se discutiram os artigos da lei de immigração, no Congresso e na imprensa, muita voz e muita penna lamentaram não existir ella de ha muito. Antes dos Estados Unidos, já o Canadá, quando só tinha maior densidade de população nas margens do S. Lourenço, nos districtos de Ottewa, Guebec e Montreal, quando ainda não povoára quasi o territorio dos Assiniloios a costa occidental, Quadra e Vanconver, o sul do Labrador, promulgára uma lei sobre "indesejaveis".

O Chile não está certamente abarrotado de habitantes e já cuida do assumpto. A Argentina não é absolutamente nem relativamete mais populosa que o Brasil e a sua lei prohibitiva é duma severidade "lycurgueana".

Aá lembrarmos as opiniões que dizem ir a lei de encontro a preceitos constitucionaes, S. Ex. nos disse que não faltarão entendidos na materia para discutir esse ponto do qual se exime por falta de competencia e por achar que a Constituição não deve ser interpretada da maneira liberal por que é; e lembrou a respeito as palavras do Sr. Aurelino Leal sobre o mesmo caso, publicadas pelo velho "Jornal do Commercio". Tratando dos propositos que a sua lei visa, o Sr. Gustavo Barroso nos declarou o que se segue, terminando deste modo sua palestra comnosco:

—"Nada ha de mais importante e decisivo para o futuro do Brasil, já tão mal servido ethnicamente e que só com a acção do tempo se irá libertando dos elementos pessimos que o atopem, do que a formação duma raça physica e moralmente sadia, apta para todo e qualquer trabalho, expurgada de sangue máo e de tendencias perniciosas. Nenhum brasileiro digno deste nome, estou certo, poderá ser contrario a estes patrioticos propositos."

"A Noite" - 19 Setembro - 1916

OS "INDEZEJAVEIS"

O ilustre deputado por Pernambuco, o Dr. Gonçalves Maia, não está de acôrdo com a ideia de não se admitirem no nosso paiz os individuos inaptos para o trabalho, que os outros paizes queiram nos exportar. O seu ideal seria que o Brazil fosse a unica nação do mundo em que não houvesse lei de expulsão. Esta medida, bem como a proibição de entrada, lhe parece revestir sempre o caráter de uma penalidade e o Dr. Gonçalves Maia acha que o exemplo da Inglaterra depois da guerra não vale nada.

Neste ultimo ponto, ha um engano. A Inglaterra não decretou a expulsão dos estranjeiros por ocazião da guerra: já o fizera, por uma lei regular e normal, muitos annos antes, quando de guerra ninguem falava.

O exemplo da Inglaterra é digno de ser citado porque essa grande nação foi a ultima a admitir o principio da expulsão. Ele repugnava profundamente aos principios liberais da lejislação ingleza. Mas, pouco a pouco, sob a pressão da necessidade, teve de chegar a isso. Verificou que, sem essa providencia, uma nação moderna pode vêr-se reduzida a um despejadouro de maus elementos de todas as outras.

Assim, a citação da lei ingleza é precioza, exâtamente porque essa lei foi elaborada e decretada em tempos normais, de perfeita e absoluta tranquilidade.

E, si nessa questão de fato o ilustre deputado não tem razão, não parece tambem que a tenha quando assevera que a proibicao de entrada no paiz tem o caráter de uma pena.

A pena é uma restrição de direitos. Qualquer de nós é punido, quando nos tolhem o exercicio de um direito individual. Quando, porém, alguem, que me não conhece, me impede a entrada na sua caza, eu não me posso considerar punido, porque eu não tenho direito de entrar em domicilio alheio.

E' absolutamente identico o cazo dos estranjeiros, que dezejam entrar em outro paiz. O Marquez de Pombal exprimiu essa ideia com a sua célebre fraze: "Cada um em sua caza pode tanto, que, mesmo depois de morto, são precizas quatro pessôas para o tirarem delá".

De mais, quando se trata de lejislar, não basta vêr os principios gerais. E' necessario considerar a aplicação deles ao paiz para o qual a lei vai ser feita.

Ora, si nós tivessemos os motivos que levaram todos os povos do mundo a adotar a expulsão e a proibição de estranjeiros indezejaveis — motivos que são para nós os mesmos que para eles — nós teriamos alguns peculiares ao Brazil. Pode-se até dizer que, si nenhum outro paiz houvesse adotado essas medidas, ainda assim o Brazil não devia hezitar em decreta-las.

Já aqui se disse que nós somos uma nacionalidade em formação. Não ha no mundo inteiro nenhuma nação ao mesmo tempo tão grande, tão pouco povoada e de constituição étnica ainda tão incerta como o Brazil.

Somos uma especie de gigantesco cadinho, em que havia indios. Despejou-se dentro disso uma grande massa de portuguezes e outra de africanos. Recentemente recebemos mais de um milhão de italianos e meio milhão de alemãis. Apezar de tudo, ainda ha espaço para o dobro, para o triplo, para o décuplo e o céntuplo da população atual. Que sairá d'aí? Ninguem o pode prevêr com absoluta certeza.

Em todo cazo, uma couza é evidente: si os elementos que aí se lançarem forem os reziduos dos outros povos não pode sair nada de bom... Com lixo não se faz ouro.

Ha cerca de 23 annos, o governo brazileiro mandou á Italia um dos nossos mais ilustres parlamentares, em missão confidencial, para estudar a emigração, que de lá se fazia. Esse parlamentar, que é hoje senador e chefe politico, teve ocazião de vêr as instruções secretas que o Ministerio italiano enviava aos síndicos das cidades e aldeias do seu paiz. Nelas se aconselhava explicitamente ás autoridades que procurassem encaminhar para o Brazil todos os bêbedos, vagabundos, loucos e outros incapazes; todos os máus elementos.

O Governo Italiano fazia muito bem. Procurava descartar-se dos que o incomodavam. E, pois que havia uma terra disposta a recebê-los, despejava-os nela.

Felizmente, já pelas providencias que tomámos, já, sobretudo, pela força inelutavel das couzas, nós começámos a receber da Italia elementos muito melhores do que esses e chegámos a constituir uma colonia, que é das mais laboriozas e das mais dignas. Mas o fato não deixa de ser digno de nota.

Ha uma dezignação que fere a sucetibilidade de muita gente: é a dezignação de *indezejaveis*. Ao que parece, ela foi, pela primeira vez, uzada na lejislação do Canadá. D'aí se generalizou.

Enganam-se, porém, os que veem nela um labéu, uma nota de menosprezo.

Quando uma nação declara "indezejavel" um cidadão estranjeiro, não quer dizer que ele seja um criminozo: indica apenas que, no estado atual do paiz, esse elemento, que pode ser muito bom fora d'ali ou em outra época, é ali, naquela época, inconveniente. Um cavalheiro que não tem o necessario para comprar uma roupa decente é evidentemente "indezejavel" na platéa de um teatro lirico, onde todos se devem aprezentar, não só decente, mas luxuozamente vestidos. No emtanto, si o referido cavalheiro não tem o necessario para bem vestir-se, isso não prova que ele seja um bandido.

Do mesmo modo, em um paiz onde a vida é cara e o trabalho escasso, a entrada de pessôas que não possuem o bastante para esperar uma colocação, que certamente custarão a achar, é francamente "indezejavel". Como agravar imprudentemente a crize do trabalho nacional, deixando entrar sem fiscalização estranjeiros que, ou não podem de todo, ou só dificilmente podem encontrar meios de ganhar a vida?

Incompatibilidades de raça, de relijião, de situação economica são muitas vezes outros tantos motivos de *indezejabilidade*, que não envolvem, no emtanto, nenhum conceito de criminalidade e que, portanto, retiram á proibição de entrada nos paizes estranjeiros todo caráter de pena.

Assim, o excelente projeto do Sr. Gustavo Barrozo não merece, de certo, sinão aplauzos.

Medeiros e Albuquerque

Garatujas

— Estou muito aborrecida, meu querido amigo, muito aborrecida mesmo.

— Porque motivo, minha amiguinha? Tão moça, tão bonita tão querida e tão alegre, não deve ter grandes razões para aborrecimentos. Conte-me o que lhe aconteceu.

— Imagine que o meu Dadá hontem fez annos e levou uma surra formidavel. Coitadinho do meu lulú!

— Não é possivel. Quem lhe poderia bater? Um cãosinho mimoso e bom. Seria malvadez nunca vista, Foi seu mano o algoz do Dadá?

— Não. Como o Totó fazia annos hontem comprei muitos pães doces e bisboitos, arranjei alguns pratos de papelão, desses das confeitarias e preparei com alguns caixões pequenos e uma toalha branca uma linda mesa debaixo do caramanchão. Puz-me á porta do jardim. Todo cão que passava, *street-dog* ou de raça, eu chamava, dava-lhe um biscoito, attrahia-o para o interior do jardim, acariciava-o, Consegui reunir assim oito cachorros para tomarem parte no banquete de anniversario de Dadá.

— Avalio o que a canzoada fez!

— Não avalia nada. Pintou mais do que o senhor pensa. Na hora da comida puz o Dadá á mesa, de guardanapo ao pescoço. Elle ficou alli muito quietinho, o meu filho. Mas os outros, cachorros mal educados que não deviam ser filhos de familia, avançaram nos pães doces e nos biscoitos como loucos. Devoraram tudo. Engalfinharam-se. Foi um barulho medonho. Eram gritos, ganidos, guaiados, berros, uivos de dôr! E não contentes em brigarem entre si, bichos mal agradecidos! deitaram-se ao pobresinho do Dadá e deram-lhe uma surra tremenda. Fci preciso que eu chamasse o jardineiro e mandasse pôl-os na rua a pau. Assim mesmo, ainda morderam o pobre homem numa perna. Fique certo, meu amigo, que nunca mais convido cachorros para o anniversario do Dadá. No anno vindouro, convidarei algumas pessôas. Sempre se portam melhor, não é verdade?

— Algumas vezes. Outras, não, fazem peior que os *street-dogs*.

— Escute. O meu amigo está convidado para o anno que vem. Não falte ao jantar. O Dadá ficará triste, se não vier.

"Jornal do Commercio" 16 de Outubro de 1916

O BRASIL ASYLO DE INVALIDOS

A urgente necessidade de se remodelar a legislação sobre immigração — Uma idéa em marcha

Antes de começar a actual sessão legislativa, a 27 de Abril, fizemos destas columnas um appello ao Congresso Nacional, que ia reabrir dalli a dias, para que submettesse a criterioso estudo a questão da immigração, que já então se apresentava com uma feição nova e alarmante, como consequencia directa da conflagração.

Estavamos certos, naquella época, que o Congresso não podia deixar de tratar de tão importante assumpto, se acaso não ficasse com a attenção totalmente absorvida pelos varios, variados e avariados casos politicos, já maduros ou a amadurecer, todos pendentes da frondosa arvore da politicagem nacional, ainda cheia de viço apezar de secular.

A 20 de Maio voltavamos ao assumpto para proclamarmos a urgencia de se legislar sobre a immigração, porque os males a evitar ao nosso paiz não eram do futuro, já pertenciam ao dominio do presente. E para prova detalhavamos assim a lista dos passageiros de 3ª classe que acabavam de chegar da Europa, no vapor "Darro": adultos 27, sendo 4 homens e 23 mulheres; menores 35, sendo 13 masculinos e 22 femininos.

A 25 do mesmo mez registravamos, com expressões de jubilo por não termos perdido o nosso tempo appellando para os Srs. legisladores, a seguinte indicação justificada na Camara pelo Deputado cearense Gustavo Barroso:

"Indico que a Commissão de Agricultura, considerando os perigos da immigração de menores e mulheres desamparados, de estropiados e outras pessoas inutilizadas pela guerra européa, tendo em vista as estatisticas do porto do Rio de Janeiro sobre o assumpto, diga sobre a melhor fórma de evitar os prejuizos decorrentes dessa inconveniente entrada de immigrantes prejudiciaes."

O perigo de ser o Brasil procurado por emigrantes prejudiciaes que têm a entrada difficultada ou prohibida nos outros paizes da America, geralmente conhecido e commentado nas mais elevadas rodas das classes conservadoras, fez nascer a idéa de uma legislação defensiva, idéa de que nos fizemos interprete, dando-lhe a fórma de um appello ao Congresso. Essa idéa está em marcha e acaba de receber um vigoroso impulso, que lhe foi dado pelo Sr. Medeiros e Albuquerque.

O illustre jornalista, recentemente chegado da Europa, é incontestavel autoridade no assumpto. O artigo que sobre o caso publicou em *A Noite* já repercutio na Camara dos Deputados.

E' possivel que agora a Commissão de Agricultura se resolva a attender á indicação apresentada em Maio pelo Deputado Gustavo Barroso.

Cremos inutil indagar dos motivos que têm determinado o silencio da Commissão de Agricultura sobre o caso, pois é mais que provavel que não haja motivo algum. A Commissão, muito naturalmente, ainda não pensou nisso, ou por falta de tempo, ou por excesso de tempo que leva a facilitar, a protelar todas as tarefas. A Commissão tem seguramente as melhores intenções do mundo em tratar opportunamente deste e de outros casos de interesse geral mas como a sua attenção é mais fortemente solicitada pelos que pleiteiam andamento de assumptos de interesse mais restricto, esquece-se, com a mais perfeita naturalidade, da indicação Gustavo Barroso.

E' de esperar, porém, que desta vez, despertada a sua preciosa attenção, se resolva a fazer um esforço que, dada a competencia de seus membros, seria insignificante, e mande em breve para o plenario o projecto dessa desejada lei, que nos livre do perigo da immigração prejudicial.

"Jornal do Commercio" - 18 Setembro de 1916 - 2ª. de tarde

O BRASIL ASYLO DE INVALIDOS

Uma idéa em marcha --- A necessidade urgente de se remodelar a legislação sobre immigração

E' com satisfação que registramos mais uma etapa vencida pela idéa de se remodelar a legislação sobre a immigração de modo a se poder defender o paiz da entrada de immigrantes prejudiciaes.

O Deputado Gustavo Barroso, segundo hontem informou o vespertino "A Rua", vai apresentar um projecto decalcado no que a America do Norte, Argentina e Chile legislaram sobre o assumpto.

O Deputado Antonio Carlos, illustre "leader" da maioria da Camara, segundo informou "A Noite" de sabbado ultimo, acha que "é um assumpto sério de que os Srs. Deputados precizam tratar."

"Nós, disse S. Ex., que temos tantas leis de menor importancia, nos descuramos de um assumpto desta magnitude."

A magnitude deste assumpto nós a proclamamos daqui, destas columnas desde 27 de Abril, quando, appellando para o Congresso Nacional que ia reabrir dahi a dias, lhe pediamos que submettesse a criterioso estudo a questão da immigração, que já então se apresentava com uma feição nova e alarmante, como consequencia directa da conflagração européa.

Afinal, após cinco mezes de expectativa, entretida pela grata emoção que nos causou a iniciativa do Deputado Gustavo Barroso, que, em Maio, justificou a famosa indicação para que a Commissão de Agricultura dissesse sobre o assumpto, temos uma bem legitima satisfação de ver o illustre *leader* reconhecer a magnitude do assumpto.

Mas, chegando-se a este ponto defronta-se um novo perigo.

O Deputado Antonio Carlos, como informa a "Noite", pedio ao Deputado Barbosa Lima para conversar com o Sr. Medeiros e Albuquerque, autor do artigo "Paiz monturo", para, de accôrdo com elle, elaborar um projecto de lei que nos defenda da immigração prejudicial.

Dous projectos sobre o mesmo assumpto podem fazer incravar a idéa e retardar a adopção de medidas que nos parecem urgentes.

Não seria muito mais razoavel se evitarem rivalidades sobre uma materia desta natureza, felizmente fóra da zona de interesses politicos e assignar tambem o Sr. Barbosa Lima o projecto do Sr. Gustavo Barroso, introduzindo-lhe as modificações que a autoridade do Sr. Medeiros e Albuquerque aconselha?

O Sr. Barroso demorou em apresentar o seu projecto precizamente porque, segundo estamos informados, teve de esperar que lhe viessem ás mãos as leis que regulam a materia na America do Norte, Argentina e Chile, documentação impossivel de ser encontrada de improviso no paiz e para cuja obtenção foi necessaria a attenciosa interferencia da Secretaria das Relações Exteriores. O projecto do Sr. Barroso tem, portanto, além de incontestavel primazia, uma base solida, que o torna digno de toda a consideração.

O contrario seria suppor que a attenção dada na Camara a um projecto depende mais das relações politicas e particulares do proponente que da magnitude do assumpto.

8 "Jornal do Commercio" - Ed. da tarde - 21 Set.º - 1916

O BRASIL ASYLO DE INVALIDOS

O projecto do deputado Gustavo Barroso

Está afinal elaborado um projecto de lei, vizando defender o paiz da invasão de immigrações prejudiciaes. O Deputado Gustavo Barroso, cansado, naturalmente, de esperar que a Commissão de Agricultura respondesse á indicação por elle apresentada e pela Camara votada, resolveu-se a sahir da sua modestia e elaborou um projecto optimo.

O projecto do Sr. Barroso, cotejado com as correspondentes leis argentina e norte americana, apresenta a differença de ser muito menos rigido. De facto, o projecto Barroso tem maior numero de excepções perfeitamente razoaveis e sensatas.

A marcha deste projecto devia ser rapida, em attenção não já ao perigo que nos ameaça mas para sanar um mal já existente. Esse mal consiste no desequilibrio qualitativo da immigração expontanea que tem entrado no paiz nos ultimos tempos, como temos assignalado. As listas dos passageiros de 3ª classe dos vapores que vêm da Europa apresentam um maximo de velhos, mulheres e crianças e um minimo de homens validos.

O equilibrio qualitativo de uma população depende da relacção existente entre a parte valida e laboriosa que tem a seu cargo a invalida não laboriosa. A primeira categoria é composta na sua quantidade de homens adultos, algumas mulheres, poucos velhos e raros menores. A segunda é quasi, totalmente, composta por velhos, mulheres e crianças invalidados ou por doença ou por incapacidade physica para a vida laboriosa, e mais um minimo de adultos que, ou por moral viciosa, ou por escassez de trabalho, não conseguem manter-se pelos seus proprios esforços.

Ora, o conjunto de circumstancias de nossa vida social faz com que já haja um bem pronunciado desequilibrio qualitativo na população normal desta Capital. Esse desequilibrio é devido ao augmento dos da segunda categoria referida. De facto, as mulheres aqui são muito menos laboriosas que noutros paizes de população excessivamente condensada, além disso é numerosissima a parte dos adultos não laboriosos ou por moral viciosa ou por falta de trabalho.

Ha evidente escassez de trabalho, provocada em parte pela profunda crise financeira e economica por que passa o nosso paiz. Os capitaes retrahem-se temerosos de tomarem a iniciativa de organizar novas emprezas que forneceriam novas opportunidades de trabalho. Das emprezas já existentes, retrahidas tambem, raras são as que funccionam no maximo da sua capacidade productiva.

Em geral, a excessiva carestia da vida obriga o consumo a se retrahir, o que força a producção a diminuir de volume e velocidade, reduzindo portanto, as opportunidades de trabalho.

Todas estas circumstancias, que ficaram apenas ligeiramente esboçadas, fazem com que a nossa população normal já se resinta de um accentuado desequilibrio qualitativo.

Seria, portanto, um absurdo consentir-se, por um paradoxal sentimentalismo, que continuem á entrar no paiz, em abundancia, elementos da segunda categoria, que vêm augmentar a sobrecarga dos já excepcionalmente sobrecarregados elementos laboriosos da primeira categoria.

Reservemos os impulsos do nosso sentimentalismo, mesmo aquelle que desabrocha em inodoras flôres de rhetorica, para a ciosa defesa da nossa população laboriosa.

E quem sahir da penumbra do gabinete, onde commoda e confortavelmente se póde praticar o epicurismo mental de saborear com delicias os liberalissimos preceitos da nossa Constituição imitada e quizer abrir os olhos para ver o que se passa entre nós, no seio do nosso conjunto social, facilmente se convencerá que, num caso destes, convém descer, mais que depressa, dos páramos azues do constitucionalismo lyrico para, mais terra a terra, mas com mais coração e menos cabeça, se defender o paiz de um mal que já é presente e tende a se aggravar desmesuradamente no futuro.

Judicael o Santo

Depois de ter percorrido com a ponta do lapis o mar da Mancha, mostrando no mappa estendido sobre a mesa a posição dos cruzeiros inglezes e a dificuldade das navegações por aquella passagem, para os submarinos allemães ganharem o Atlantico e virem á America, Claudio França deteve-a na aguçada peninsula armoricana e disse:

— Hoje tudo isto é tão bôa França quanto toda a terra que se estende dos Pyrineus a Calais; mas já houve grande differença entre Bretanha e França. Se os duques de Borgonha foram, dos grandes suzeranos francezes, os que mais resistiram ao açambarcamento dos reis, a Bretanha não resistio menos e, embora reduzida, de reino a ducado, sómente caío sob o poder da corôa de Franca pelas allianças matrimoniaes.

No remoto começo da idade média o reino da Bretanha foi illustre e notavel. Teve a sua interessantissima historia. Os seus reis possuiam nomes legitimamente bretões como Alaus, Alano, Yan e Galzun, ou biblicos como Salomão e Joel. O pequeno paiz celta foi uns tempos governado por um optimo rei Judicael o Santo. Era monge. Vivia em orações no seu mosteiro, quando lhe vieram dar a corôa. Seu pae, Joel II, acabava de morrer e difficuldades sem numero affligiam a nação. O monge despio o burel, cobrio-se com o manto de purpura e salvou a Bretanha.

Quando, para nos salvar, encontrarão os homens publicos um novo Judicael?

"Kosmos" 25-Agosto-1916

1

O BRASIL ASYLO DE INVALIDOS

Uma entrevista com o autor do projecto contra os indesejaveis

Declarações do Deputado Gustavo Barroso

O projecto não visa apenas os mutilados da guerra --- A medida será victoriosa --- Providencias contra a immigração dos negros das Antilhas

Nada mais natural, para nós que nos temos batido por medidas que livrem o Brasil do perigo da invasão de individuos incapazes de trabalho, do que pedirmos sobre o assumpto algumas opiniões. Assim, procuramos ouvir o Sr. Deputado Gustavo Barroso, autor do projecto sobre os "indesejaveis", ora dependente do parecer da Commissão de Justiça da Camara.

Ao iniciarmos a nossa palestra, disse-nos o representante cearense:

— "Tenho esperanças de ver dentro em pouco o projecto que apresentei á Camara convertido em lei, com as modificações que o seu douto relator julgar convenientes. E' dever meu, porém, declarar que nessa importante questão só tive o merito, pequeno, aliás, de formular uma indicação em projecto de lei. Quem levantou a lebre, quem mostrou á nação o perigo dos "indesejaveis" foi o *Jornal do Commercio*, na sua edição da tarde.

Isto eu mesmo já declarei no discurso com que fundamentei a minha indicação em Maio passado e faço questão de repetir agora.

Ha um outro ponto que é necessario esclarecer. Geralmente se diz que o meu projecto visa impedir a entrada dos mutilados e estropiados pela guerra européa.

Não é, felizmente, tão restrito o seu fim. Elle visa afastar do Brasil todos aquelles que não possam ser factores de trabalho, energias aproveitaveis; aquelles que pelas suas condições de saude ou raça não possam contribuir senão para peiorar as condições actuaes do povo brasileiro. Certo é que com a terminação da guerra ha o perigo duma invasão maior de "indesejaveis", mas o projecto visa afastal-os agora, no fim da guerra e mais futuramente ainda. A guerra foi simples e unicamente quem acordou uma idéa que ainda se não precizaria bem, mas existia latentemente."

— "Acha que o parecer da Commissão de Constituição e Justiça será dado em breve e a favor do projecto?"

— "Estou quasi certo que sim. Se não bastassem para isso as declarações feitas categoricamente pelo illustre *leader* da maioria, as palavras que hontem me disse o habil relator do projecto, deputado Maximiano de Figueiredo, não me deixariam duvidas. Eis o que elle me disse: — "Seu projecto é realmente *approvavel* e eu pretendo dar parecer sobre elle na primeira semana de Outubro."

Espero que o parecer do illustre relator introduzirá no meu projecto modificações uteis e imprescindiveis."

— "Acha que o seu projecto convertido em lei e devidamente regulamentado prohibirá por completo a entrada de elementos nocivos?"

— "Creio que sim, porque nelle accumulei todas as classes de "indesejaveis", não esquecendo nem mesmo os ciganos, gente vagabunda e incapaz de qualquer trabalho util, que na Argentina não pode desembarcar. Ha, no emtanto, uma outra classe de "indesejaveis" e dos peores, cuja prohibição de entrada exige um estudo mais acurado e talvez uma lei especial. Quero fallar dos negros de Barbados, Santa Lucia e outras Antilhas, que immigram para a Amazonia em quantidade alarmante. Sobre esses, quando colligir dados precisos, pretendo fazer um estudo completo afim de procurar o remedio necessario.

"Jornal do Commercio"
Ed. da Tarde
29 Set° — 1916

"Il Mattino" 30. Set°-916
(o Rigoletto)

Us indesejáve

Us indesejave só istus pissoalo chi non presta p'ra ingollaborá nu progresso da Naçó. Per inzempio : — os perneta, chi só os omi chi non tê perna; os maneta, chi só os omi chi non tê braço; os allemó, chi só us omi chi non tê vergogna, ecc., ecc.

Os "indesejave" só infim tuttas persona chi tegna un defeito fisico o immorale guarguere : o Hermeze per inzempio é un indesejáve, pur causa chi dá urucubacca na genti; os allemó só indesejáver pur causa chi só tuttos uns páu d'agua indisgraziato; a Veno du Imilio é una indesejáve pur causa chi non té braço; u Artigno Aranteso é un indesejáver pur causa chi tê o quejo molto grande i vive trapagliano o transito das rua co queijo; a minhoca é una indesejave pur causa chi non tê gabeza; u Mauriço di Lacerda é un indesejáve pur causa chi vive afazéno gréve di sargento, ecc.

Istus indesejave non ingollabora nu prugresso das Naçó, i pur istu amutive tuttas Naçó dá u fóra nellis. Só u Brasile no tê una legge dano u fóra nista crassia di funzionnario i é pur isso chi as nossa rua vive xeigna di vagabundimos i mindiguimos.

Lá na intalia, quano nasce un intalianigno sê perna o ladró di galligna, u guvernimo dá passagi di meiacara p'reelli i manda elli p'ru Brasile.

Quano un bondinletrico pega un gamarada i gorta o piscoço delli tambê vê p'ru Brasile pidi smóla.

Eh ! non é distas genti chi o Brasile pricisa ! O Brasile pricisa di genti curretta come io, chi sô barbiére, giurnaliste i zanfoniste na banda du Fieramosca, come o Gioachino, chi stá o migliore ingraxate c'oa moda di Parigi, come o Vurtolino, chi stá u ingarigaturiste maise indisgraziato che io cunheço !

U Brasile non pricisa di allemó páu d'agua né di turco p'ra vendê forforo a duas gaxa un testô.

Ingonçideráno tuttos istus fattimo u inlustro disputado Gostava du Barroso presentô un projettimo apuribino a intrada nu Brasile dus indesejave.

U prujetto é questo :

"*Artigolo I* — E' puribida a intrada nu territorimo anazionalo :

a) di tuttas dividuo sê braço, sê pé ô sê gabeza;

b) di tuttas ladró di galligna, ladró di gavallo i di tuttas ôtra specie di ladró;

c) di tuttas páu d'agua, incrusive us allemó.

Artigolo II — E' puribida tambê a intrada di tuttos individuo chi tê urucubacca, incrusive u Hermeze.

Artigolo III — E' puribido agiugá nu bixo.

Artigolo IV — Chi non cumpri ista legislaçó paga quinhentó di murta.

Artigolo V — Rivoga as indisposiçó du contrario."

"O Malho" - 30 - Set. 1916

"O Malho" (Salada da Semana de Momi)

30 Set 1916

O deputado Gustavo Barrozo apresentou um projecto que visa impedir a entrada do pessoal que ficar inutilisado na guerra. O Antonio Carlos fez declarar que o governo faz questão de que o projecto seja approvado quanto antes, porque, em materia de invalidos, já basta o que existe cá por casa. Os aposentados, reformados, jubilados, etc., já mamam mais de um terço dos nossos orçamentos. A ideia está tambem sendo valentemente defendida por Medeiros de Albuquerque, Epitacio Pessôa, Graça Aranha, Nuno de Andrade, Eduardo Salamonde, Amaro Cavalcante e outros brazileiros illustres.

Nada de concorrencias...

O deputado Gustavo Barroso apresentou um projecto — que prohibe a entrada no Brazil dos estropiados da guerra. Muito bem!

O joven parlamentar falla de cadeira, porque se os habitantes do Brazil fossem todos como elle... oh! ferro! Ninguem poderia com elle!...

Ceará - Eleições de 1915-17 (chapa)

Para Deputados:

Dr. Eduardo Thomé de Saboya,
Advogado residente em Fortaleza.

Dr. Eduardo Thomé de Saboya,
Advogado residente em Fortaleza,

Dr. Gustavo Dodt Barroso,
Jornalista residenie na Capital Federal.

Dr. José Lino da Justa,
Medico residente em Fortaleza.

"Fon-Fon!" 2 Set.° 1916

"Fon-fon!"
26 Agto 1916

Garatujas...

Provei um pouco de compota de Bacury e disse:

— Tem um perfume delicioso este delicioso doce do Maranhão. E' talvez a melhor compota que se faz no Brasil. Entretanto, é forçoso reconhecer que as nossas fructas não têm delicadeza. Esta fructa que de gosto, de perfume e de apparencia é tão fina e tão suave, deixa, logo depois, na bocca, um sabor acre e azedo. Prefiro as fructas européas. São mais delicadas.

Claudio França, poisando o talher, contrariou-me:

— Não tens razão. As nossas fructas são muito superiores ás da Europa, em tudo e por tudo, no sabor, na apparencia e no cheiro. Que ha nas outras terras comparavel a um abacaxi bem maduro, a uma fructa de conde colhida de vez, ao bacury, á mangaba?

— São fructas excellentes, mas todas têm qualquer coisa de selvatico, de picante, de barbaro. O abacaxi fere a mucosa, o bacury azeda os labios, o leite da mangaba gruda os dedos.

— Sim, mas que queres? A maçã, a uva, a pêra, a ameixa, o damasco, o pecego, o abrunho, têm seculos e seculos de cultura, de escolha, de enxerto, de adubo, de experiencia e melhoramento continuos. Esses fructos representam uma evolução provocada pela mão humana, que lhes fez diminuir os caracteristicos sylvestres. Os nossos fructos não têm o menor cultivo. Você os colhe e os come talqualmente os tapuias e os bandeirantes os colhiam e os comiam. Elles vêm para a nossa mesa civilisada directamente da selva, da floresta tropical, da varzea, do taboleiro, da chapada, do matto bravio. E são tão saborosos! Avalia o gosto que terão com algumas centenas de annos de aperfeiçoamento continuado pela mão do homem!

Calei-me, tornei a encher o prato de pedaços de bacury, levemente amarellados, boiando na calda perfumosa, e continuei a comer. Depois, olhei Claudio, de frente, e disse:

— Tens razão.

O MOMENTO POLITICO

Banquete ao Coronel Liberato Barroso

Grupo tomado por occasião do banquete offerecido no *Jockey-Club* pela maioria da representação cearense ao Dr. Benjamin Liberato Barroso (o terceiro sentado, da esquerda para a direita) por haver concluido o seu Governo do Estado do Ceará.

"Selecta" - 26 - Agosto - 1916

A CAMARA E OS DEPUTADOS

BANCADAS DO NORTE E DO SUL

Com os ataques que o Sr. Mauricio de Lacerda fez ao general Setembrino de Carvalho sobre a campanha do Contestado, um deputado pelo Paraná foi obrigado a defender o referido militar. Coube essa tarefa ao Sr. João Pernetta, irmão do conhecido poeta Emiliano Pernetta, que demonstrou ser um polemista de algum valor. Essa questão durou muitos dias e até o *leader* da maioria teve de falar em defesa do general atacado não só para prestial-o como para dar mais força ás asserções do Sr. João Pernetta.

Dr. Luiz Carvalho
da banca maranhense

Numa das occasiões em que o referido representante paranaense orava, o Sr. Moreira da Rocha, deputado pelo Ceará, deu um aparte contrario á acção do Sr. Setembrino quando interventor federal em Fortaleza. Toda a Camara extranhou esse aparte, porque elle poz em difficuldades o Sr. José Lino, collega do Sr. Moreira. Ambos são directores do partido democrata cearence. O Sr. Moreira da Rocha é inimigo politico do general accusado. O Sr. José Lino só póde ser amigo, porque foi seu secretario e gozou da sua maior confiança. Se o Sr. Perneta em resposta ao aparte convidasse o Sr. Lino, ex-secretario do general a defendel-o, que banzé não haveria no directorio do partido democrata, todo elle hostil ao Sr. Setembrino. Felizmente o deputado Pernetta, que só é perneta no nome, não se lembrou dessa resposta.

Apezar de sua acção nesse caso e em outros, perante os poderes federaes não é elle o representante da terra do pinho e do matte que tem maior prestigio. No Rio de Janeiro quem tem um jornal é rei. Ora, o Sr. Luiz Bartholomeu, deputado pelo Estado do Paraná, é proprietario de quatro jornaes: *Malho, Illustração, Tico-Tico* e *Tribuna*. Portanto deve ser elle o de maior prestigio na bancada, mesmo porque o bondoso general Alberto de Abreu não tem grande geito para a politica e o sympathico Sr. Luiz Xavier parece até contrafeito em ser deputado.

Ex-membro da commissão de diplomacia, extremo defensor do do Sr. Lauro Muller nos debates do anno passado sobre questões de neutralidade e do A. B. C., advogado dos de maior clientela no nosso fôro, elegante e intelligente, sempre a fumar um perfumado charuto, o Sr. Celso Bayma representa na Camara o Estado de Santa Catharina e o pensamento do chanceller, ora licenciado. Este anno S. Ex. não quiz continuar na commissão que clareava com o brilho da seu talento, preferindo continuar a sua saborosa calma vida, gozar o seu *landaulet* confortavel e almoçar todo o dia, descansadamente, na «Rotisserie Americaine», entre as fatiotas cinzentas dos seus jovens auxiliares de escriptorio.

Dr. Luiz Bartholomeu
representante do Paraná.

Mas porque seria que o elegante catharinense deixou de ser o orador defensivo do Itamaraty?

A pequena bancada do Maranhão, por ser composta, na sua maioria de homens de talento, que fazem continuar a sua fama de Athenas Brasileira, tem bastante destaque. O Sr. Collares Moreira é vice-presidente da Camara. O Sr. Cunha Machado é um dos *leaders* mais acatados. O Sr. Agripino de Azevedo, advogado de nota, é uma das intelligencias mais esclarecidas em questões de direito nessa casa do Congresso. O Sr. Luiz Carvalho, que usa cavaignac parece que ainda não falou. E', assim, esperado com anciedade o seu primeiro discurso. O Sr. Luiz Domingues, espirito brilhante e *railleur*, faz quasi sempre com os seus interessantes e espirituosos discursos as delicias da hora do expediente.

A esquerda, Dr. Celso Bayma, deputado
por Santa Catharina.

No seio dessa pacifica bancada dois homens de valor representam as grandes correntes de civilisação que se chocam na Europa. O Sr. Dunshee de Abranches, jornalista e publicista, que foi no Congresso um dos braços de Rio Branco, leva ao mais alto gráo a sua admiração pela cultura allemã. O Sr. Coelho Netto, o grande escriptor patricio, o rendilhador da prosa brasileira, autor de uns setenta volumes, imaginação ardente e palavra enthusiasta, representa toda a alma da gente e da civilisação latinas. Grande ventura para a bancada é que os dois nunca discutam sobre a guerra. Senão temos uma scisão. **X.**

"Fon-Fon!" 2 - Setembro - 1916

Gatafunhos...

Outro dia, um amigo commentava, na minha presença, alguns nomes interessantes de ruas desta leal e heroica cidade. Citou, por exemplo, o bêcco do *lá vem um* e o largo do Capim. Eu disse-lhe que não tinha razão, pois, hoje em dia, raras vias e logradouros publicos do Rio de Janeiro têm nomes de tal natureza.

Outróra ainda havia a rua de Mata-Cavallos, a dos Latoeiros, a das Marrecas e a da Valla. E lembrei-lhe que nas capitaes dos Estados do Norte existem nomes de ruas, verdadeiramente impagaveis.

—Em Fortaleza, meu caro, você morreria de riso ao vêr a rua do Funil e o becco do Sovaco, ou peior: a rua da Cachorra Magra e a rua do Rabo da Besta...

12 "Fon-Fon" 2 - Setembro - 1916

Garabulhas...

Falava-se daquelle homem que se despio em pleno largo do Rocio, trepado sobre a garupa de bronze do corcel de Pedro I. Eu disse:

— O homem nú da praça Tiradentes é um pobre louco. A multidão enfuriada e irreflectida quiz bater-lhe, porque elle deu trabalho a meia duzia de bombeiros e offendeu a hypocrisia do pudor publico. Quantos ha que maiores actos de loucura commettem sem ninguem saber!

Matheus de Almeida contrariou-me:

— Não é um louco. O homem nú da estatua do primeiro imperador deve ser um sujeito original, que fez uma aposta mais original ainda, á americana, e cupriu-a com cynismo e alarde. Sahiu-se verdadeiramente bem.

E Claudio França, olhando-nos de frente, calmo, ironico e triste, respondeu:

— Nem um louco e nem um original. O homem nú do monumento da independencia é um symbolo. Na sua loucura ou na sua originalidade, elle representou com exactidão o povo brasileiro. Lá em cima do grupo de bronze que lembra o Ypiranga, atirou as roupas ao chão e mostrou-se, aos olhares esgazeados da gentaça, nú como está o povo brasileiro, cuja ultima camisa as aperturas das tributações e das crises alternadas levaram. E nestes tempos em que, num cinema, levam com successo a fita da verdade núa elle foi, no seu symbolismo occasional, dura verdade núa e crúa...

Gatafunhos...

Aquelle homem alto, de pés enormes mettidos em grossos sapatões de coiro vermelho de bezerro, vinha, lentamente, pela Avenida. Olhei-o com assombro quasi tão grande como os dos nautas lusitanos diante do Adamastor ou de Olans Magno avistando a grande serpente do mar.

— E' um patagão!

Claudio França sorrio, passou o braço em volta do meu pescoço e fallou:

— Outr'ora os descobridores da America do Sul crearam essa lenda dos patagões, homens de pés desmesurados, que, depois de mortos, talvez fosse necessario empurrar para cahirem. Tu, diante desse sujeito disforme, que passou, repetes a lenda dos antigos descobrimentos. Por que não foste de preferencia buscar uma comparação na antiguidade classica? Em vez de patagão deverias têl-o denominado um sciapodo.

— Que vem a ser?

— Plinio o Antigo conta de uns homens que habitavam regiões desconhecidas, que só tinham um pé e esse era tão chato e tão grande que lhes servia de guarda-sol e de guarda-chuva, quando dormiam, só precisando erguer a perna para que o pé os tapassem totalmente. Nas velhas chronicas da Idade Media, encontrarás os sciapodos desenhados de accordo com a descripção de Plinio. Aquelle homem é um sciapodo, mas com dois pés.

1 2 3

Garabulhas...

Deserta, abandonada ha um seculo, a velha estrada se enccurvava e destendia por capoeirões e barrancos afóra, marginando as pirambeiras da Serra do Mar. Sobre as torrentes, pontes de arcos romanos uniam as margens com o granito das sancas coberto de limo e enfeitado de avencas. No respaldo dos morros, os silhazes de pedra sustinham a argilla das ribanceiras. A' beira dos abysmos, as amuradas de cantos cimentados ainda estavam de pé. Mas tudo tinha um aspecto de desolação. O matto enchia o empedramento. Os folhiços entupiam as calhas de escoamento das aguas pluviaes. As raizes levantavam as lages, disjungiam as pedras dos muros. E um carreiro estreito, uma vereda torcillosa se alongava pelo areio da estrada antiga.

Outr'ora, por alli passavam as tropas de burros e as boiadas enormes, que vinham de Minas e do proprio Estado do Rio, buscando as aguas do littoral, para os embarques nos navios de vela. A construcção da Central e a libertação dos escravos, posteriormente, transportaram a vida daquellas paragens para outras, hoje mais felizes.

Parei diante duma construcção em ruinas. Uma casa de tres corpos, pequena, erguia-se a um lado da estrada, defrontando uma muralha esburacada, em que se embutia como joia architectonica, alto, elegante, simples e digno frontão de granito, no mais puro estylo da Renascença, dominando a fonte de pia ampla, onde se dessedentavam os animaes dos comboios.

— Que era isto?

O guia velho caboclo de maçãs do rosto salientes e barba rala explicou:

— Aqui paravam as tropas, para pagar a passagem.

Senti a reminiscencia dos velhos tributos dos caminhos e pontes antigas, a *peáge*, os direitos de alcavala e de passagem. E vi com os olhos d'alma a burrada zoupeira do comboio, bebendo na pia marginal, o freteiro robusto, de facão á cintura e bolsa a tiracollo, pagando o imposto ao recebedor.

Gatimanhos...

Poisando a Biblia sobre a mesa de oleo vermelho reluzente de talha doirada no arqueado das pernas, elegantes e leves no seu puro estylo *rocaille*, André de Figueiredo disse:

— Como é cacete este velho livro, quando ennumera as genealogias dos antigos hebreus. Ha capitulos inteiros em que só se lêm phrases assim: «Fulano gerou a Beltrano, que gerou a Sicrano; Fulano, filho de Beltrano, filho de Sicrano». Safa!

— Não tens razão de queixas. Os judeus intitulavam-se ao principio os Beni-Israel, filhos de Israel. Todos os povos antigos não conhecem outro appellido para as pessoas que não seja o de filho de tal. Os arabes são sempre *bens*: Abú-ben-Abú, Abú filho de Abú; Abd-ben-Akber, Abd filho de Akber. Nos Escocezes, encontras os *macs*: Philip Mac-Gregor, filho de Gregor; Mac-Kinley, filho de Kinley. Os Irlandezes dar-te-ão os Patrick O'Donoghan, os O'Connel, os O'Higgins, O'Meara, filhos de Donoghan, de Connel, de Higgins, de Meara. Na Russia, acharás todos os *witchs*, inclusive o tsarewitch, filho do czar.

— Felizmente em portuguez não temos taes coisas.

— Enganas-te. Os aryas legaram ás tribus germanas que invadiram a peninsula iberica esse velho habito, que chegou até os nossos dias. A desinencia *es* em portuguez tem o mesmo valor qu· o *ben* do arabe e o *ó* do Irla z. Os Fagundes sãc filhos de F cundo; os Fernandes de Fe.nando; os Ramires de Ramiro; os Gonçalves de Gonçalo; e tu, que és André de Figueiredo Lopes, não és mais do que André de Figueiredo, filho de Lopo, nome por certo da melhor côr medieval...!

Garatujas...

Isadora Duncan. O theatro estava cheio. A' meia luz vermelha dos camarotes, luziam collos de mulheres, reluziam joias. No scenario de reposteiros verde malva, dôces á vista, cahindo em longas dobras suaves, Isadora dansava, lenta, clara, hieratica, divina.

Eu, em voz baixa, mal perturbando as notas de Chopin, disse do meu enthusiasmo por aquella resurreição da choreographia hellenica; que via, no rythmo dos seus movimentos, na esthetica das suas posições, toda a alma de Athenas: as proporções architecturaes derivadas das do corpo humano, a esculptura perpectuando as pomas e os quadris divinos, a ceramica moldando as amphoras pelas curvas das mulheres, a dansa mostrando o deslumbramento das carnes perfeitas e a musica divinisando todos os rythmos da natureza. Então, ainda diminuindo mais a voz, eu a chamei, pelo seu maravilhoso corpo, victoria de Samothracia, Artemisia de Gabies, Diana de Epheso, Pallas dos olhos verdes, Heré dos braços brancos, Venus de Cnide, Venus Anadyomena, Venus Peribasia, Venus Callipygia!...

Claudio França fez-me calar:

Incommodas os visinhos e impedes ouvir a musica com o teu enthusiasmo. Silencio! Para divinisares esta mulher divina, bastam-te aquellas expressões deliciosas de D'Annunzio na *Gioconda*. «Cada movimento rythmico do teu corpo sumptuoso destróe uma harmonia para crear uma harmonia nova!»

Gatafunhos...

— Estou furioso!

— Por qne?

— Imagina que fui á exposição canina.

— Só ou acompanhado?

— Não brinques. Sabes que adoro os cães de raça e que os crio, apuro e treino com mil cuidados.

— Sim, e que te aconteceu, Claudio França?

— Os julgadores desprezaram os meus cães. Nem sequer os olharam. Não entendem nada de cachorros. Imagina tu que levei um *pointer* normando como ninguem possue igual no Brasil, um *braque* Saint-Germain, premiado em Paris com medalha de oiro, em 1914; um lulú Pomerania, que em Londres foi considerado *hors-concours*. Levei tambem o meu *cooley* premiado em Antuerpia, Hamburgo, Roma e Madrid, o meu São Bernardo escuro e aquelle cão de pastor da Hungria, côr de lobo, de olhos fulvos e orelhas pontudas, raro até mesmo na Europa.

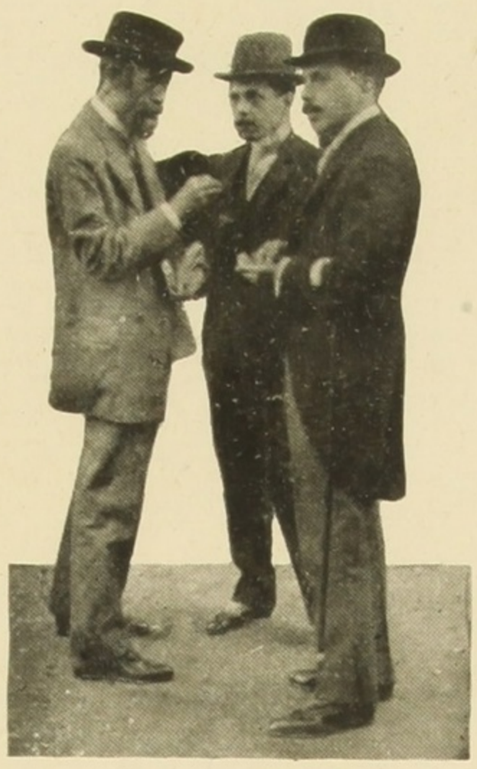
— E não deram a nenhum sequer uma menção?

— Nada, meu amigo. Entretanto não houve cadellinha preta, saltitante, ou *street-dog* dos mais ordinarios, que não obtivessem premios. Estou furioso. Nunca mais levo os meus cadellos ás exposições caninas; mandal-os-ei ás exposições de avicultura.

A CAMARA E OS DEPUTADOS

AS BANCADAS CARIOCA E DO NORTE

Nos tempos que correm, tristes e cheios de difficuldades, a commissão de finanças da Camara assumiu uma importancia sem igual. Ella exerce quasi uma dictadura no seio da representação federal, tal é a preponderancia de suas decisões. Se em qualquer periodo de vida normal do paiz o valor duma commissão de tal ordem é de grande peso no concerto das deliberações do legislativo, qual não deve ser numa epoca de penuria geral e pobreza extrema do governo. Dahi o querer muita gente forçar-lhe as portas, porque um relator de orçamento enfeixa na mão poderosa as aspirações dum ministerio e a acção dum ministro. Felizmente, porém, a Camara tem agido criteriosamente na escolha dos membros da referida commissão.



Drs. Octavio e João Mangabeira, da Bahia, e Barbosa Lima, do Districto Federal, membros da Commissão da finanças.

O publico está por certo muito bem lembrado da bonita attitude dos srs. deputados elegendo por maioria esmagadora o sr. Octavio Mangabeira e dando a maior cotação ao sr. Carlos Peixoto, que desde alguns annos é o competente e sensato relator do orçamento da receita.

Dentre os membros mais em evidencia na commissão estão os srs. Mangabeira e Barbosa Lima, os quaes conversam á nossa vista sob o olhar benevolente e melancolico do sr. João Mangabeira. O deputado Octavio, já muito conhecido por pareceres e discursos de incontestado brilho, demonstrou este anno o conceito e prestigio de que goza, sendo eleito por vantajosa maioria sobre o seu competidor, o sr. Macedo Soares, embora o *leader* do governo fizesse questão fechada da victoria do segundo. O sr. Octavio Mangabeira é relator do orçamento da marinha.

Dr. Gustavo Barroso (João do Norte), deputado pelo Ceará.

O deputado Barbosa Lima, increpado de ter um genro que accumula empregos e atacado por querer uns tantos cortes, renunciou o seu logar na commissão. Essa renuncia foi negada pela Camara e não foi reiterada pelo autor. O illustre representante do Districto Federal é relator do orçamento da Agricultura e tem tido diversos desaguizados com o sr. José Bezerra, titular dessa pasta. Uma dessas questões foi explorada pela imprensa, tendo alguns jornaes combatido fortemente o senhor Barbosa Lima, o que motivou a renuncia ao seu cargo na importantissima commissão.

Vemos ainda aqui o senhor Afranio de Mello Franco, irmão do saudoso Affonso Arinos, representante de Minas, advogado de nomeada, uma das mais bellas intelligencias do parlamento. Está em companhia do sr. João Maximiano, tambem advogado e jornalista, ex-director do «Paiz», arguto deputado pela Parahyba, que vae ter a felicidade de ser governada pelo sr. Camillo de Hollanda...

Ao lado do sr. Costa Rego vai um outro parédro alagoano. E' o sr. José Paulino, que até hoje não estreou na tribuna, embora a sympathia do seu physico fizesse esperar delle um excellente orador...

O infeliz Estado do Ceará, eterna victima da sêcca, dá dez deputados ao Congresso Nacional. Actualmente a bancada está dividida. A situação dominante conta com quatro. A opposição, que tinha quatro, tem agora seis, porque dois governistas passaram para ella depois da questão da successão governamental, cujo resultado foi a eleição do sr. João Thomé, engenheiro illustre e homem de bem. Parece que elle fará optima administração na terra de Iracema, apezar da ambição e dos rancores politicos. Deus o queira.

Drs. João Maximiano, deputado pela Parahyba, e Afranio de Mello Franco, deputado por Minas Geraes.

Os deputados rabellistas são o sr. Moreira da Rocha, medico e chefe politico, o sr. Thomaz de Paula, bacharel e ex-delegado de policia; o sr. Osorio de Paiva, marechal e bonacheirão: o sr. Ildefonso Albano, negociante e antigo intendente municipal de Fortaleza; os srs. Alvaro Fernandes e José Lino, medicos, outr'ora governistas e candidatos á presidencia do Estado. Os representantes governistas são o sr. Eduardo Saboya, grande intelligencia, infelizmente afastado por doença; o sr. Eduardo Studart, juiz aposentado, chegado a pouco tempo duma viagem a terra natal; o sr. Frederico Borges, professor de direito, illustre advogado do Ceará na questão de limites com o Rio Grande do Norte, e o sr. Gustavo Barroso, jornalista, mais conhecido pelo pseudonymo de João do Norte, o deputado mais moço da Camara.

Drs. José Paulino e Costa Rego, representantes de Alagôas.

X.

"Fon-Fon!" — 9 de Setembro de 1916

João do Rio (Paiz)—Não se incommode com o que berrarem por ahi contra você. Fique certo que o Presteros, aquelle fabuloso animal do Oriente que imbecilisava os homens ao seu contacto ainda vive neste nosso paiz.

Dr. Luiz Gastão (Prefeitura) —Então, voltou com cara de quem comeu e não gostou daquelle passeio a Carrapativa?

Amadeu Macedo (S, Christovão) — Hippolyto, Hippolyto, olhe bem para mim!

Ministerio do Exterior (Itamaraty)—E' necessario velar pela nossa neutralidade! Pois bem, pela costa do Estado do Rio, os Allemães andam com estações portateis de telegraphia sem fio. Ouve-se o ruido das antenas recebendo as ondas, á noite. E' preciso providenciar. Mande alguem a Mangaratiba; lá lhe dirão o que ha. Passe muito bem.

Chauffeur

Garabulhas...

Um cearense contou-me um facto digno de registro. Foi na secca terrivel do anno passado que se passou e assignala a honradez excepcional do povo sertanejo do nordeste do Brasil.

A capital do Ceará estava cheia de retirantes vindos de todos os sertões, famintos, desnudos, adoentados e sem esperança. Talvez uns dez mil sertanejos esfomeados se haviam acolhido nos arredores de Fortaleza, cujas ruas diariamente percorriam, aos bandos, pedindo esmolas.

Pois bem, nessa epoca de soffrimentos inenarraveis uma casa commercial despachara na Alfandega dez caixas de vinho do porto. O carroceiro encarregado de trasportal-as para o armazem trouxe-as muito tarde, encontrando-o já de portas fechada. Então, por ignorancia ou preguiça de ir guardal-as em logar seguro, despejou-as da carroça sobre o passeio, onde ficaram a noite inteira sem que ninguem as vigiasse. E nessa capital de oitenta mil almas, onde se accolheram dez mil flagellados, o negociante encontrou ao outro dia as suas caixas intactas!

Eu, sempre sceptico e cheio de duvidas, interrompi o enthusiasmo do cearense:

— Talvez nenhum retirante passou por aquella rua á noite. Nenhum retirante ou nenhuma outra pessoa.

Elle replicou-me:

— Está enganado. A dois passos das caixas espalhadas sobre o passeio, num vão de porta, um sertanejo esqualido dormia encostado sobre um sacco de molambos com duas creancinhas cadavericas aconchegadas aos lados!

Gatafunhos...

Percorrendo a velha, abandonada estrada de rodagem, que, grimpando pela serra do mar, vai de Mangaratiba a São João Marcos, no fertil Estado do Rio, pendurada em contrafortes de silharia escura á beira dos abysmos, galgando as torrentes sobre pontes de arco romano, deixando escoar as aguas pelas alcorcas, calhêtas e regueiros de granito cimentado, eu sonhava na grandeza de antanho daquella região.

O cavallo ia devagar, batendo as patas furadas nas lages dispingidas da estrada. Avencas e lichens cobriam os sancos dos arcos das pontes. Toda a vegetação rasteira e vil dos ermos enchia caminho antigo. Por entre as arvores dos capoeirões marginaes, entreviam-se ruinas. Eram capiteis de pedra tombados entre as guaximas robustas, paredões fenestrados enrodilhando de cipós e trepadeiras, recintos de antigas casas atupidos de canellas, perobas, jacarés e ipês-roxos. Aqui se apresentava uma ogiva perfeita; alli se mostravam os mezaninos duma capella arruinada; acolá surgia uma casa de fabrica, derruida; adiante ostentava a sua saliencia um balcão de balaustres rendilhados.

Quando o commercio de café de Minas e de toda a provincia fluminense por alli se escoava, quando o trafico dos negros assentava suas bases na Marambaia e na costa de Mangaratiba, aquella região era prospera e feliz. Os fazendeiros, da raça dos Breves e outros, enchiam a redondeza com as suas fazendas e engenhos; os jesuitas tinham por aquillo tudo conventos, capellas e feitorias. A estrada de ferro central do Brasil derivou para zonas outras os cabedaes e os productos do commercio e da lavoura que por alli transitavam. A abolição vibrou o ultimo, o decisivo golpe na riqueza daquella região, hoje miseravel.

De tanto progresso só restam aquellas ruinarias no mal que nos tem causado o abandono da labuta rude e util dos campos para vida ficticia, grulhante, movimentosa das cidades littoraneanas...

Gatimanhos...

Sobre um bufete arabescado de bestiães como os moveis da Idade Media, Claudio França abrio diante de meus olhos deslumbrados um grosso folio de lettras cabidulas arabescadas á maneira do seculo dezesseis. Disse:

— Este é o missal authentico duma sé portugueza, que foi roubado ha tempos e, por um acaso, veio parar ás minhas mãos.

Mal eu acabava de admirar o livro antigo, de ferragens e coiros estampados, com a firma do conego Estevão Gonçalves, que o illuminara e compuzera. encimada pelo brazão illustre da nobre cidade de Vizeu, o meu amigo novamente me deslumbrava amostrando outro livro, mais precioso ainda. Folheei-lhe as paginas pergaminhadas com as mãos tremulas, examinei-o com olhos de assombro.

Era um «Terencio» impresso e encadernado pelos Elzevires, em Amsterdam. Tinha no fecho a firma complicada de Abrahão Elzevir e o escudo azul da familia, esquartelado com uma cruz de oiro, tendo nos quarteis, alternando-se, dois leões e dois grupos de flores de liz. tambem de oiro. Mirei o ex-libris da casa famosa e vi com gaudio um velho colhendo flores á sombra duma arvore; embaixo a divisa: *Non solus*.

Extactico, olhei o meu dilecto amigo com a mesma beatitude de Sylvestre Bonnard, quando teve nas suas mãos de *bouquiniste* apaixonado a «Legende Dorée» de Jacques de Voragine, *edição princeps*.

E Claudio, abrindo o bufete medieval, mostrou-me um «Planto» de Josse Elzevir, um «Homero» de Matheus Elzevir, um «Horacio» de Gil Elzevir.

— Como arranjaste tão maravilhosos livros?

— Amigo, eu sou como esse velho gravado no ex-libris dos velhos encadernadores hollandezas: colho as flores que posso pelo mundo. Todo o meu esforço converge para cercar-me de coisas bellas. Assim, na medida das minhas posses, eu vou colhendo flores da natureza, da arte, da sciencia, do enthusiasmo e até do amor. Só desprezo umas flores: as de rethorica.

Garatujas...

O trem corria diante do mar, que parecia immovel na frescura da manhã. Ilhotas esfumadas na bruma boiavam á distancia. O leito de cascalho da ferro-via estremecia, chocalhante, á passagem veloz do comboio. Aqui, alli, numa praiasinha branca, sob tejadilhos vermelhos ou tectos leves de palha, dormiam canôas. Em torno viçavam moitas crespas. Do outro lado dos vagões, a montanha se erguia a prumo em pirambeiras de argilla rubra ou paredões de granito griseu.

Eu dizia do meu assombro em saber que aquella estrada de ferro, pendurada entre a montanha e o mar, de onde a podiam destruir os balasios dum vaso de guerra, tivesse sido construida com o fim estrategico de impedir desembarques de inimigos em Angra dos Reis... Exclamei:

— Como a incompetencia domina este paiz!

Mas os meus olhos se detiveram numa fachada de casa arruinada, toda pendida á beira d'agua. Sobre as pedras dum velho molhe espreguiçavam-se espumas brancas. Dentre as paredes musgosas, irrompiam alegres vegetações. Nos janellões largos, encruzavam-se varões grossos, de ferro, carcomidos pelo tempo, enfestonados de trepadeiras.

Mal os meus olhos se desprendiam da saudade daquella ruina, quando numa volta da costa, outra, quasi identica se apresentou. E mais adeante outra. Ao fundo duma abra—outra. Outra ainda no recorte duma enseada. Mais outra. Mais outra. Voltei-me para o interior do carro com espanto. Os meus olhos poisaram na face risonha e aberta de Claudio França. O meu dilecto amigo falou:

— Por toda esta sinuosa costa do Estado do Rio até Mangaratiba e mais além, multiplicam-se estes arruinados casarões. E' triste e dolorosa a historia de taes pardieiros. Entre essas paredes grosseiras, olhando, pelas grades fenestraes, o sol que se punha atraz da serra do Mar, os miseros negros da costa d'Africa, comidos de bichos, esfaimados, feridos de açoites, sentiam os olhos humidos ao pensar na patria distante, onde a essa hora as tamareiras ramalhavam nos oasis e os leões começavam a rugir. O trafico era prohibido. Navios inglezes fiscalisavam o littoral do Brasil. Elles eram trazidos como contrabando, desembarcados na ilha da Marambaia, dahi conduzidos aos grupos para esses ergastulos, cujas ruinas vês. Então, os remettiam para o interior fluminense e mineiro. Iam trabalhar nas fazendas, construindo a fortuna dos nossos avós. Pobres negros!

Baixei a cabeça com tristeza e mudo fiquei, com os olhos pregados naquellas ruinas que já se iam perdendo numa volta da estrada.

Garabulhas...

— Sabes como se denominavam os antigos *nomos* ou provincias do antigo Egypto?

— Não.

— Tinham nomes interessantissimos. Havia o *nomo* do Arpão, o de Ibis, o da Serpente, o da Vacca Negra, o da Lebre, o da Gazella...

— Onde queres chegar com esta enumeração, Claudio França?

— Onde? Ao seguinte ponto. Embirro solennemente, não sei nem quero saber por que, com os appellidos dos Estados da nossa Federação. Tenho raiva dos nomes como Matto Grosso, Goyaz, Piauhy, Rio Grande do Norte...

— Pilherias.

— Absolutamente não. Se fôra deputado, proporia ao Congresso a mudanças dessas designações. Converteria pelo meu projecto, de accordo com o uso do Egypto pharaonico, o Amazonas em Estado dos Jacarés; o Pará em Estado do Assahy; o Maranhão, do Côco Babassú; o Piauhy, do Meu Boi Morreu; o Ceará, do «Apois, bichinho»; o Rio Grande do Norte, do Gerimun; a Parahyba, do Peixe com côco; Alagôas, do Surúrú; Sergipe o Estado Menor; Matto Grosso, o Estado Maior; Bahia, do Vatapá; Espirito Santo, das Mattas Cortadas. O Rio de Janeiro seria o Estado do Arrozal de Pendotiba como Minas seria o da Linguiça e São Paulo o do Café. Santa Catharina denominar-se-ia o Estado da Barriga-Verde ou das Bananas; Paraná, o do Matte, Goyaz o do Incognito e Rio Grande do Sul o do Xarque.

Que tal?

— Excellente! Claudio França.

Gatimanhos...

— Meu caro, tudo nesta terra causa inveja e uma inveja furiosa, que se manifesta no olhar e no gesto, que procura occasião de explodir, que provoca, que insulta.

— E' verdade. Invejam uma roupa melhor, a posição que se conquista, as felicidades apparentes que se têm, as vantagens que se auferem.

— E começa a maledicencia! E surgem os ultrages! E forma-se, movimenta-se, executa-se a campanha formidavel contra o individuo invejado!

— Então, nesta Avenida faz até medo passar. Ha os que nos olham com um desprezo affectado. Ha os que nos fitam com provocação. Ha os que nos viram as costas com furor. Ha mesmo os que nos dão encontrões propositaes.

— A's vezes, tenho vontade de andar por aqui equipado como um explorador da Africa, de bacamarte aperrado na mão...

"Selecta" - 2 - Setembro - 1916

A CAMARA E OS DEPUTADOS

Districto Federal, Rio, Matto-Grosso e S. Paulo

Para aquelles que blatearam muito contra a nossa Camara federal deve-se de quando em quando repetir aquella fabula das rãs que pediam a Jupiter um rei. Não contentes com um pedaço de pau, que era quieto e deixava-se conduzir sobre a agua, ellas tanto supplicaram que Zeus mandou-lhes um pernalta devorador de batrachios. Assim, agradeçamos aos numes nos terem propiciado o congresso que temos, porque peior ainda elle póde ser.

Pelo menos no seu seio ainda ecoam vozes desassombradas, que bradam fortemente contra abusos e vergonheiras. O deputado Mauricio de Lacerda, apezar de ser incongruente de vez em quando, é uma valvula por onde se escapa o desejo de protestar contra actos do executivo ou de condemnal-os.

Drs. Alfredo Mavignier, representante de Matto Grosso e Ponce de Leon, da bancada fluminense.

O Estado do Rio de Janeiro, que possúe uma grande representação, não possúe quem mais livremente e sem medo fale no Monröe do que o citado orador. O Sr. Mauricio ás vezes se transforma em verdadeira machina de requerimentos de informações. S. Ex. tem graves erros e pecca muitas vezes nos seus ataques aos poderes publicos, mas tem dias de tanto brilho que o alimpam de qualquer jaça. O seu discurso sobre o incidente Gastão da Cunha é uma peça digna de um grande tribuno pela eloquencia do seu dizer, digna dum grande talento, pela elegancia da sua forma, digna dum homem de cultura, bom senso e patriotismo pela propriedade e justeza dos seus conceitos, pelo encadeiamento logico das suas proposições. Ah! se o Sr. Mauricio fizesse todas as suas orações identicas a essa!

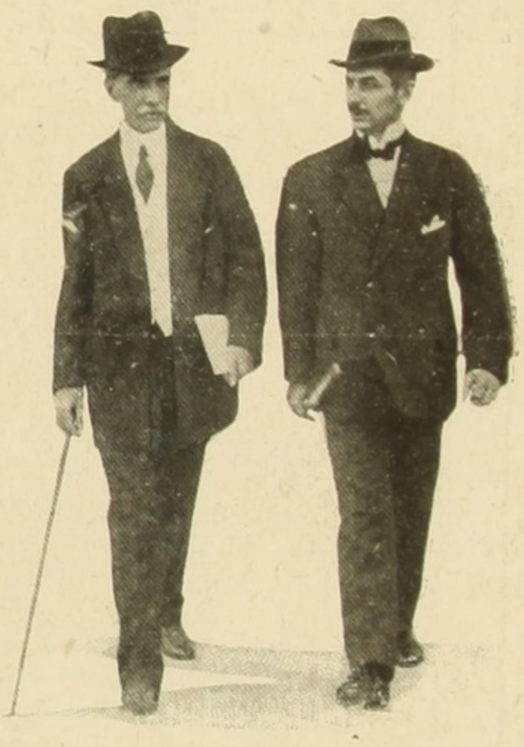
O Estado do Sr. Nilo Peçanha e dos arrozaes de Pendotiba aponta-nos aqui outras figuras representativas de sua politica. O Sr. Pedro Reis apparece barbado e tristonho; o Sr. Ponce de Leon, de luto e calado como sempre; o Sr. Pereira Nunes ao lado do Sr. Piragibe. Certamente o director da *Epocha* lhe vai contando o successo ainda não esquecido do seu discurso sobre os proprios nacionaes e expondo as suas engraçadas idéas financeiras expostas em longos artigos pelo seu jornal.

Ainda vemos a face morena, benevolente e insinuante do Sr. Ramiro Braga; o Sr. Souza e Silva, official de marinha, da commissão de diplomacia e tratados, antigamente intimo do Morro da Graça e hoje intimo do Itamaraty, o qual conversa com o illustre representante de São Paulo, Dr. Alberto Sarmento, talvez ouvindo deste a resposta a uma consulta sobre direito internacional.

Passa tambem á nossa frente o sympathico Sr. Raul Veiga, optimo coração e bella intelligencia, 1º secretario da Camara na legislatura passada, figura de destaque na sua bancada, nome falado para a commissão de finanças, um leitor de bellas obras e um espirito que se delicia com a leitura suave de Anatole France. O Sr. Raul Veiga, segundo consta, sabe quasi por inteiro de cór as «Opiniões do Sr. Jeronymo Coignard» e gosta immensamente de recontar os «Contos de Jacques Tournebroche».

Dr. Vicente Piragibe, deputado pela Capital Federal e Pereira Nunes, pelo Estado do Rio.

A' esquerda, Drs. Ramiro Braga e Raul Veiga, deputados fluminenses.



Deputados Souza e Silva, do Estado do Rio e Alberto Sarmento, de São Paulo.

E todos esses senhores representantes fluminenses ahi estão á espera do *mot d'ordre* do Sr. Nilo Peçanha, que está prestando relevantes serviços ao Estado que governa, á espreita duma occasião propicia para pleitear sua candidatura á presidencia da Republica.

De todos os candidatos ao Cattete, Lauro Muller, Nilo Peçanha, Rodrigues Alves, Francisco Salles, Ruy Barbosa, Dantas Barreto e outros, certamente o que maior desejo tem de vencer é o Sr. Nilo. Os outros têm a ambição do mais alto cargo da nação, querem proval-o, experimental-o. Na sua ambição ha qualquer coisa de curiosidade. O Sr. Nilo já gozou algum tempo o logar de presidente, sabe o gosto que tem, almeja tornar a experimentar as emoções sentidas, ambiciona com mais vehemencia.

Podemos do Estado do Rio dar um pulo até Matto Grosso, porque entre estes politicos fluminenses vem o Sr. Alfredo Marignier, 3º secretario da mesa, porta-voz do Estado de Matto Grosso. Muita gente duvida que esse Estado exista, mas o Sr. Mavignier, lendo na sessão funebre pela morte do general Pinheiro Machado um sentido necrologio declarou falar em nome do povo mattogrossense. O Sr. Mavignier não ia mentir. E' certo, portanto, que Matto Grosso existe.

X.

16 "Fon-Fon!" — 16 - Setembro - 1916

Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1916.

GANHAR DINHEIRO

Muito sol. A luz diluia, á distancia, o azul das montanhas no esmalte azul do céu. Domingo, dia do Senhor, dia de repouso e tambem de regatas e de *foot-ball*.

As archibancadas do *ground* da rua Guanabara estavam cheias de moças, entre cujos vestidos claros, risonhos, vivos, raramente se destacava a côr escura e triste dum fato masculino. Encostadas ás grades, alongavam-se densas filas de homens. A' sombra de arvores, recostando-se nos gramados em declive, sentando-se nos respaldos dos canteiros como em palanques naturaes, zumbia, grulhava, bezoava uma meninada sadia, forte, palradora, enthusiasta do *sport*.

Quando um jogador dava um *shoot* notavel, o *goal-keeper* aparava certeira bolada, um *half-back* ficava *off-side*, era um berreiro atroador. Moças, rapazes, meninos erguiam-se na ponta dos pés e vivavam ou vaiavam á vontade. Outras vezes, grupos se hostilisavam com dichotes e doestos por causa de uma decisão injusta do *referee*. E se a pelota atravessava um *goal*, então o barbarizo, mescla de assovios, vivas, uivos e gritos, era medonho!

Eu gozava o meu lindo e rico domingo de sol, vendo e ouvindo aquella actividade de *foot-ballers* e aquelle enthusiasmo todo da assistencia. Ao meu lado, Claudio França riscava a areia com a ponteira de marfim da bengala de castão d'onyx, os labios vincados por um sorriso máo. Depois de alguns instantes de silencio, começou a soprar para a minha alma o pessimismo eterno do seu coração:

— « Com a escravidão que se foi, passou um tanto do preconceito brasileiro de que o trabalho, principalmente o do campo, deslustra e deshonra. Consequencia logica: desappareceu quasi a mania de ser bacharel, que a influencia dos militares no começo da Republica transformára no ardente desejo de ser alferes e positivista.

As grandes obras da exposição de 1908, da abertura da Avenida e dos canos do Xerem trouxeram a certeza de que a engenharia civil era a melhor das carreiras. A crise matou-a. Agora surgiu o veso dos *sports*. Antes assim. Esses vêem demonstrar que o nosso paiz, obedecendo á fatalidade historica, mesologica e sociologica dos paizes americanos, mirando-se nos exemplos faúlhantes dos Estados Unidos e da Argentina, se yankisa. Permitta você a expressão.

Esta yankisação do meu querido paiz traz-me consolo e esperança pelo lado do desenvolvimento physico. Eu me alegrarei em vêr o brasileiro amar os exercicios que dão saude e vigor como os gregos amavam jogos delphicos e olympicos, os romanos corridas circenses de bigas e quadrigas, o homem da idade-media guerras, justas, torneios e bafordos.

Os meus temores se accentuam pelo lado moral. O americano do norte teve, na sua formação. a base moral da gente perseguida que povoou as Virginias e as Carolinas: os puritanos, os presbyterianos, os aristocratas dos Stuarts desthronados e os soldados de Cromwell vencido. Nós tivemos degredados, selvicolas, negros e fóra o mais que se não póde e se não deve dizer, pelo menos em voz alta...

Jubilo estuante seria o meu, quando visse uma nova, e brilhante, e membruda raça brasileira, de cruzamento util e digno, caracterisando-se no aspecto varonil, na côr, na altura, confiante na solidez do seu arcabouço e no offensivo poder da sua murraça, fazendo esquecer a mestiçagem fracalhona, e banal, e estupida, que desde a meninice, eu tristemente contemplo e cuja degenerescencia durante trinta annos tenho melancolicamente acompanhado. Mas eu queria, meu amigo, essa fortaleza alicerçada numa base moral. Não a vejo. Não sinto ninguem no esforço de fabrical-a. Não conheço alguem capaz de produzil-a. Não acredito nos diabos que, depois de velhos, se fazem ermitões e andam a prégal-a...»

— « Não tem limites o teu pessimismo. Aposto, eu que ainda creio, que aquella meninada alli é toda sã de corpo e forte de caracter. O nosso paiz resurgirá. Aposto!»

« Não apostes! Chama um daquelles rapazinhos e interroga-o.»

Chamei um pirralho de doze a treze annos, avermelhado e arruivado, de sapatões grossos, calças e meias curtas, as musculosas pernas apparecendo, face sadia, rindo á luz, á vida.

— « Como te chamas?»

— « Deausemar Garcia.»

— « Tens um nome interessante.»

— « Papai diz que é raro, que a gente já está cançada de Maneis, Joaquins, Oscares e Philippes.»

— « Gostas de *foot-ball*?»

Elle fanfarronou, pavoneando-se de mãos no bolso, diante de nós dois:

— « Muito! Sou o bicho no *shoot!* Pertenço ao *Youngs men foot-ball club* da rua Guanabara, bandeira amarella com uma cruz azul! Tambem sou patrão da yole Lygia, do Botafogo. Já fiz os remadores ganharem duas vezes os do Natação. Se não fôsse eu, elles perdiam! Estou aprendendo *tennis* e *cricket*. Vou aprender *water-polo*. Daqui a pouco ninguem póde commigo nessas coisas!»

— « Estás no collegio?»

— « Estive no Paula Freitas, porém papai me tirou. Fui para o São Bento e sahi, porque a farda é muito feia. Agora estou no Pedro II, onde os professores são muito páus. Vou pedir a papai que me mande para o Pio Americano. Dizem que é muito bom, que se vadia muito, que o director não castiga a gente.»

— « De que aula gostas mais?»

— « Da de desenho. O professor não sabe nada e a gente leva o tempo fazendo caricaturas. A aula mais "besta" é a de Historia do Brasil. Gosto da de geographia, sómente por causa da guerra. Eu sou alliado! O senhor é *boche*?»

— « Não. Que queres ser, quando ficares homem: bacharel, militar, engenheiro ou medico?»

— « Não quero ser nada disso! Está doido? Quero ganhar dinheiro, fazer um negocio grande com o governo e ganhar muito dinheiro duma vez! Todo o dia, ao jantar, papai diz que assim é que se ganha muito dinheiro e que a melhor coisa do mundo é ganhar dinheiro!»

Olhei assombrado Claudio França, que me reprehendeu:

— « Não te disse que não apostasses!»

Jotaenne

Gatimanhos...

Jogava xadrez com um amigo e ia-lhe contando anedoctas interessantes desse grande jogo, tão amado de principes e sabios, tão cheio de philosophia e de originalidade na sua origem oriental. De repente, elle me interrompeu a palinodia para me dar um xeque-mate com rainha e torre. Emquanto eu olhava o taboleiro a cuidar no soccorro impossivel dum bispo ou dum cavallo, disse-me:

— Infelizmente não se póde tomar o rei neste honrado jogo de xadrez. E isto deu origem a um dito celebre, motejo cruel dum rei numa hora de sangueira. Foi na batalha de Brenneville. Archeiros inglezes agarraram as cambas do freio do cavallo de Luiz o Gordo, rei de França, gritando: — « O rei está preso!» Mas o soberano deu-lhes de montante em cima, decepando cabeças, a berrar, estonteado: — « Não se toma o rei no xadrez!»

Garatujas

Por um destes tristes crepusculos de Setembro nos quaes se cola aos vidros da janella a face mais triste ainda, pensando não se sabe em que, eu sentia a alma mais annuviada que o ceu. E' que no meu espirito passavam, lentamente, dolorosamente, reminiscencias de injustiças e ingratidões. Relembrava tudo quanto a inveja tem atirado contra mim e contra outros na sua insidia incançavel e corrosiva.

Ah! como é pequenina no seu modo de agir e enorme, gigantesca no seu odio, a inveja de certa gente desta mui leal e heroica cidade!

Mas, de subito, sorri, sorri acalmado e cheio de philosophia. A minha memoria apresentava-me aquella velha phrase de Hesiodo:

— «O oleiro inveja o oleiro, o musico inveja o musico e o pobre até inveja o pobre».

Gatafunhos...

Um dos nossos chronistas semanaes escreveu a dias duas columnas sobre a ineshetica dos monumentos do nosso Rio de Janeiro. Disse horrores.

O referido jornalista tem razão em muitas de suas criticas, mas em outras não tem. Se existem estatuas inexpressivas como a de Alencar, dansantes e mesquinhas como a de João Caetano, complicadas, heterogeneas e horrendas como a do Floriano, outras ha de grande significação e linhas admiraveis como a do Barroso, a do Descobrimento e a de Pedro I.

E' admissivel que se não tenham furores diante dos calungas frios, tristes, chupados que representam Ottoni e o Visconde de Mauá, porém, dá ganas, raiva, odio a figura branca, balôfa, bojuda de Teixeira de Freitas, com as mãos na pansa, diante do Syllogeu, quasi a gemer: — Ai! que dôr de barriga!

Garatujas...

Não me cansei de mirar e remirar as photographias em que, na *Selecta*, apparecem Isadora Duncan, seus filhos e suas discipulas. O meu amigo Jack apontou-me uma scena em que as alumnas da excelsa dansarina resuscitam uma scena grega, junto de arvores, á beira d'agua.

— E' a mais bella de todas estas photographias, disse com enthusiasmo.

Eu discordei. Percorri todas de novo com os olhos. Mostrei uma vista pequena, suave como uma estampa do Romantismo e linda como uma vista da Hellade. De um fundo de arvoredo escuro fugiam para o primeiro plano, quasi voando sobre o velludo dum prado, duas de suas discipulas, tão leves e delicadas como mynphas. O vento dava nas suas roupagens transparentes, que mal velavam a formosura, a elegnacia e a melodia das suas carnes. E retruquei:

— Esta é a mais bonita, Jack. Olha e dize-me se não tens como eu um impeto desejoso de ser Pan e de livremente correr por esse campo perfumoso, perseguindo estas deusas ou de tocar a flauta maviosa ao pé das faias, para que ellas dansassem, farandolassem, revoassem, por entre a bruma de oiro do crepusculo, em torno de ti?

Gatimanhos...

Numa das ruas proximas da Quinta da Bôa-Vista, ainda resoante e empoeirada da passagem da artilharia, eu me detive com prazer diante duma varonil e nobre figura militar. Era um simples aspirante de cavallaria, alto, delgado, robusto, apurado e esmerado no uso do seu uniforme elegante, montando com destreza um lindo cavallo de raça, admiravelmente tratado.

Pensei nos escriptores militares que preconisam, como o fazia Vallet, o gosto pelo cavallo, o amor pelo cavallo, o melhor symptoma de que um official tem verdadeiro espirito de soldado. Recordei o atrazo dos nossos antigos officiaes e fui-me, rua afóra, sem perder de vista o elegante cavalleiro, trauteando uma velha canção da *guerre en dentelles*:

Beau chevalier qui partez pour la guerre,
Qu'allez vous faire
Si loin d'ici?

17

"Fon-fon!" - 16 - Set.º 1916

Dr. Wenceslão Braz (Palacio do Cattete) — Ha muito tempo não temos o prazer de conversar. Não é que o esquecessemos, excellentissimo senhor. Mas temos tido muito que fazer e V. Ex. dá tão poucos signaes de si, que até pensavamos estivesse passando uns dias em Itajubá, *sub tegmini fagi*. Foi o illustre Magi quem nos deu noticias de V. Ex., dizendo que a saudinha ia bôa. Estimamos. Desejava-mos, porém, que, pelo Magi ou outro qualquer mensageiro, V. Ex. nos mandasse algumas noticias da crise.

Dr. Rivadavia Correia (Senado) — Dizem que V. Ex. vai aos espectaculos da companhia lyrica, no Municipal, no camarote do Dr. Azevedo Sodré, prefeito desta cidade. V. Ex. faz bem em mostrar á plebe ignára *et reliqua*, que existe um prefeito effectivo além do interino...

Dr. Antonio Carlos (Camara) — V. Ex. faz muito mal quando sáe de sua cadeira para beber agua ou ir á secretaria, deixar, marcando, seu logar, um dos seus bellos lenços de linho listrado. Faz mal porque todo o mundo vai pensar que V. Ex, adquiriu esse habito no circo do Philomeno, em Juiz de Fóra, onde os mineiros, quando saem nos intervallos, deixam o lenço vermelho de rapé amarrado no encosto da cadeira, *tomando conta do lugar*... E' verdade que quem vae ao vento perde o assento»,

Dr. Thomaz da Cunha (rua da Quitanda) — Como vae a *tachycardia* do illustre advogado?

Dr. J. Nunes Tassára (Leme) — Cremos inteiramente perdida aquella causa dos trinta contos, Nem o senhor nem o seu amigo Thomaz e nem o seu companheiro Pacheco arranjam nada. Os homens estão duros e os tempos mais que duros — bicudos.

Dr. Oscar Trompowki (?) — O senhor não tem razão de queixas. A sua casa está optima e sahio baratissima. Cale a bocca e vá morar nella direitinho que nem do céo lhe cahiria pechincha igual.

Dr. Vicente Neiva (rua General Argollo) — Então foi nomeado Prior? Parabens.

Chauffeur

Dr. Barbosa Lima (Camara) — Nossos parabens por ter feito as pazes com o Sr. Medeiros e Albuquerque e parabens maiores por tel-as feito da maneira bonita que os jornaes descreveram. Entretanto, dizem que dois bicudos não se beijam!

Dr. Rodolfo Josetti (Sylvestre) — Constou que o illustre medico fez annos domingo ultimo. E' verdade?

Carlhos Malbeiro Dias («Revista da Semana») — Quando o nosso illustre amigo manda publicar aquelle conto da nympha e o frade? Ha gente que anciosamente o está esperando.

Deputado Arlindo Leone (Camara) — Abraços pela brilhante attitude contra os celebres addidos gratuitos do Exterior. Continue firme no proposito de cortal-os e fará obra de benemerencia.

Dr. Pinheiro Junior (Theresopolis) — Lemos a sua carta publicada na *A Noite* de 16 do corrente. Nada temos a dizer quanto ao assumpto. Aquelle *Me desculpará o valoroso pedagogo...*, porém, com franqueza!!...

Chauffeur

Gatafunhos...

Eu percorrêra com a vista todas as casas que enfeitavam com as suas fachadas diversas aquelle trecho da Avenida Atlantica, quando os meus olhos se detiveram numa exquisita construcção ainda não concluida. Era uma casa que participava pelo seu feitio incongruente, arredondada em baixo, quadrada mais em cima, com uma esguia torre dominando tudo, do bôlo de noiva e do templo indiano de Iggernaut, do pagode chinez e do carro de critica dos Tenentes. Tinha saliencias á maneira dos solares medievos, telhados multiplos como chalets suissos, mezzaninos como as casas de Veneza, arabescos turcos, ornatos barrocos e molduras bysantinas. Puz-lhe olhos esgazeados de espanto e não me pude impedir de murmurar:

— «Architectura epileptica!»

"Fon-fon!" - 23 - Set.º 1916

Garabulhas...

Ainda um éco da parada de sete de Setembro.

As forças de marinha desfilavam pela rua Figueira de Mello com elegancia e garbo. As fardas vermelhas dos fusileiros navaes attrahiam todos os olhares da multidão que estacionava sobre os passeios, contida pelos cordões de guardas civis. Perto de mim, um mulato pernostico, de amplas calças bombachas, brancas, tufadas de gomma, contava bravatas a um negroide esgrouviado e magricella, que o fitava com assombro. Depois, estendendo a mão para as filas vermelhas dos fusileiros, disse com entono;

— «Não é só os allemão que teem soldado, não! Nós tambem tém! Tá hi elles! E' tudo o bicho! P'ra se espaiá não custa! E eu tenho uma fé nessa negrada!»

Gatafunhos...

Não se comprehende porque os constructores do Theatro Municipal tanto se descuidaram das galerias. Emquanto por todo aquelle sumptuoso edificio o luxo se ostenta nos silhares de marmores polychromicos, nas columnas de porphyro, nos capiteis de bronze, nos velludos das cortinas e reposteiros, nas lindas madeiras envernizadas e polidas do mobiliario, as infelizes torrinhas são identicas a qualquer archibancada de circo da roça ou de casa de espectaculos do largo do Rocio.

Sem um enfeite, com bancos de pau duro carecendo de divisões e encostos, o *gallinheiro* do Municipal é uma nota de mau gosto e descuido no meio de toda aquella sumptuosidade. Achamos que as geraes duma tão bella sala de theatro tinham direito a mais alguns retoques, a mais algumas commodidades, mesmo porque ha muita gente bôa que não póde pagar as poltronas duma temporada elegante e cara, sendo obrigada a ir lá para cima e mesmo porque as torrinhas do Municipal custam a bagatela de nove mil reis...

Garabulhas...

Depois que falei da belleza incomparavel das montanhas e da Bahia que emmolduram esta formosa e deliciosa cidade, o meu amigo Honorio, o exaggero personificado, recentemente vindo da Europa, disse-me maravilhas das paysagens italianas. Elevou ao mais alto gráu a fama das campinas romanas, onde, ao pôr do sol, elle ia de palheta e pinceis na mão pintar e descorar do céu por traz das ruinas dos acquedutos de Vespasiano.

Por fim, a estuar de enthusiasmo, disse:

— «Não sabes o que são bellezas naturaes! Na Italia é que ha coisas lindas. Ah! se visses um prado da Romanha ou da marca de Ancona, na Primavera! Não avalias a quantidade de flôres! Ha milhares de milhões de bilhões só de violetas! Imagina que o gado come o pasto e as flôres cheirosas que viçam de permeio e, por isso, até o seu esterco perfuma o ar!»

Eu disparei...

Gatafunhos...

Do alto do morro olhei a cidade que a bruma triste da tarde envolvia toda. Os traços mais claros das ruas cortavam, aqui em linha recta, alli em zig-zag, alli em curvas multiplas, a massa escura do casario. De onde em onde começaram a luzir, pestanejando, os fócos electricos.

Em torno de mim só havia um sussurro de arvores e o canto duma fonte escondida no recesso dos bosques do Sylvestre. Naquella solidão comecei a scismar no meu mui grande e mui entranhado amor por esta leal e heroica cidade. Com afinco maior fiquei a contemplar a vista da cidade esfumada em poeiradas que os ultimos raios do sol doiravam em raros pontos e a sentir nalma um desejo impreciso e insistente, no emtanto. Era a vertigem de viver bem vivida a vida movimentada da cidade, de me fundir nas suas brumas, de me derreter nos seus aguaceiros, de mergulhar nos seus antros, de patinhar na sua lama, de desapparecer no turbilhão das suas luctas... E ella estava tão silenciosa e tão distante, lá em baixo, aninhando-se nos recortes dos montes verdes. Ah! não ter eu, como o estudante hespanhol do Lesage, ao meu lado um novo Asmoden, que levantasse os seus telhados e me mostrasse toda a intimidade cancerosa da cidade! Talvez ainda eu a amasse mais...

A CAMARA E OS DEPUTADOS

CONCLUSÃO

Em 1834 o Sr. Carvalho e Mello, Visconde da Cachoeira deputado pela Bahia clamava pela diffusão da instrucção publica no Brasil, mostrando que nem o plano de estudos geraes de 1755 se havia até então posto em pratica. O illustre representante da monarchia achava que sem instrucção publica o paiz não poderia progredir com base segura. Foi por ter o grande Sarmiento esta mesma opinião que a Argentina se encontra nas admiraveis condições de progresso em que está. O estadista platino não descançou um momento emquanto não conseguio dar verdadeiro impulso á educação do seu povo. Assim, elle extirpou o caudilhismo e preparou a grandeza do paiz.

Deputados J. J. Palma e Leão Velloso da Bahia, Costa Rego, de Alagôas, Lebon Regis, de Santa Catharina.

Não são muitos na nossa Camara os que se occupam de instrucção publica. Entre esses merece bem ser destacado o Sr. José Augusto, que tem produzido sobre o assumpto algumas admiraveis orações. O joven deputado representa um Estado pequeno, o Rio Grande do Norte, circumscripção da federação brasileira que está numa ponta unica. Deu um ministro ao executivo, o Sr. Tavares de Lyra; um senador á commissão de finanças do Senado, o Sr. Lyra Tavares; um membro á commissão de finanças da Camara, o Sr. Alberto Maranhão, relator do orçamento do interior; um á commissão de instrucção publica, o Sr. José Augusto; e o segundo secretario á mesa da Camara, o Sr. Juvenal Lamartine.

Houve uma bancada que antanho poderosamente influio nos destinos da Camara, a de Pernambuco. O glorioso Estado nortista não é, porém, mais o que foi. Já se acabou o tempo em que delle dizia o poeta:

«Pernambuco, um dia eu vi-te
Dormindo immenso ao luar.
....
Do braço o clarim suspenso,
O punho no sabre immenso.
De pedra rochedo extenso
Que rasga o seio do mar!»

Dr. Netto Campello, deputado por Pernambuco.

Hoje já não se bate mais pelos ideaes de 1817 e de 1824, não encabeça mais a confederação do Equador, mas sim dá um ministro para a Agricultura, estiola-se em luctas de politicagem e esquece o seu dever e a sua missão, que é, inilludivelmente, pôr-se, pela sua coragem nunca desmentida, a sua energia, a sua riqueza, as suas tradições, a frente das representações do Norte, para disputar ao Sul alguma coisa da parte do leão que este se attribue.

Mas a vida da bancada pernambucana hoje em dia deflúe numa bonhomia silenciosa. O Sr. Julio de Mello vive a recordar pensativamente o tempo em que presidio a Camara. O Sr. Estacio Coimbra viaja de quando em quando, para se afastar da monotonia. O Sr. Erasmo anda com saudades do tempo em que o general Dantas era governador e o Sr. Borba, *leader* da bancada, porque então não havia pruridos seccionistas.

Assim mesmo ainda o valor dos 17 votos de Pernambuco lhe dão o lugar de primeiro secretario da mesa, occupado pelo Sr. Costa Ribeiro.

A' nossa vista passam agora o Sr. Netto Campello, muito amavel e muito bondoso. O Sr. Aristarcho Lopes, sempre com uma piada em voz baixa engatilhada para qualquer assumpto.

Dr. Aristarcho Lopes e Netto Campello, da bancada pernambucana

A bancada ainda possúe uns bellos talentos e uns bons caracteres, porém, forçoso é confessar, já não é mais o que era. «Pernambuco um dia vi-te»... E' o caso de se dizer que «só fala de quem foi quem já não é».

Dr. Aggripino de Azevedo da bancada maranhense.

Fizemos nesta serie de pequenos artigos ou melhor de notas uma leve reportagem sobre a Camara e os senhores deputados mais conhecidos, muitos dos quaes o nosso photographo apanhou na sua machina á sahida do Monroe. Citamos aqui os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Minas, São Paulo, Rio de Janeiro, Districto Federal, Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul e Matto Grosso.

Faltaram Piauhy e Goyaz. O Piauhy dá quatro deputados e agóra está sómente com tres, porque a vaga do Sr. Felix Pacheco ainda não foi preenchida. Dos tres restantes, dois, os Srs. Elias Martins e Antonino Freire, adversarios politicos terriveis, estão no seu Estado natal tratando de questões politicas. Aqui ficou sómente o Sr. Joaquim Pires, encarregado de fazer o necrologio do governador Miguel Rosa, que a nossa objectiva não poude apanhar.

Dr. Costa Ribeiro, 1.o secretario da Camara, representante de Pernambuco, e José Augusto, do Rio Grande do Norte.

Apezar de termos algumas duvidas sobre a existencia de Goyaz, procuramos apanhar um instantaneo de deputado goyano. Foi impossivel. Não se encontrou um só, nem o Sr. Caiado nem o Sr. Ayres da Silva.

X.

"Selecta"
9
Setembro
1916

19

"Fon-fon!" 26 Agosto 1916

Alli em frente do *Mannekenpiss*, do Manequinho, que parece um dos innumeros meninos do monumento do Floriano, fugido para satisfazer uma necessidade mais adiante, existe uma larga vitrine da Cooperativa Militar, onde se expoem dragonas, galões, divisas, cocardas, emblemas, toques, pennachos, bandas, fieis, talins, alamares e outros atavios reiunos.

Para chamar a attenção dos passantes, tambem alli puzeram um manequim horroroso, mettido numa farda de official de *film* italiano ou de guarda da «Grande Duchesse» num theatro de aldeia. E' um monstrengo de dolman azul turqueza, calças vermelhas orladas de oiro, botas amarellas, bonet russo com pennacho branco e encarnado, tendo o peito do uniforme trançado de fios doirados. Aquillo espanta e assombra, devendo dar ao estrangeiro que nelle detiver os olhos a idéa de que somos em materia de gosto militar iguaes á gente selvagem do Zambeze.

Garatujas...

Disse de minhas impressões sobre os animaes das fabulas antigas. Falei da Hydra de Lerna com as suas sete cabeças ferozes, mytho talvez das sete paixões criminosas que o homem custa mais a vencer. Relembrei o Minotauro defendendo Creta; a Esphinge, cabeça de mulher e corpo de fera, erguendo dos areaes a sua fronte como uma eterna interrogação; a Chimera alada e de lingua bipartida, olhos verdes e cauda de dragão, saltitante e veloz como todas as illusões. Não esqueci os dragões horriveis dos Chinezes nem os monstros marinhos dos Escandinavos. E descrevi o grifo, os centauros gregos, os cynocephalos fabulosos do Egypto e o basilisco de fogo do Apocalypse.

Então, Claudio França tornou-me:

— Esqueceste os monstros mais raros e mais interessantes, aquelles que provam a enormidade e a fecundidade da imaginação humana, creações maravilhosas, incongruentes e phantasticas, cada uma com a sua significação e a sua critica. Deixa de lado os animaes apocalypticos e esses homens de garupa de cavallo que a Hellade creou. Vai á Syria, á Anatolia, á Chaldéa, ao Egypto silencioso. Verás aqui os touros alados de cabeça humana, symbolos da força; os peixes de cara de homem, symbolos das creações primitivas e das intelligencias primevas; os anjos de seis azas e bico de gavião, symbolos da lucidez e dos altos pensamentos. Terás o Sadhuzag, veado da cabeça de touro, leveza de corpo e entendimento bronco confundidos, e o Tragelapho, touro da cabeça de veado, em que se casam a rudeza physica com a subtileza intellectual, Encontrarás leões da mais complicada phantasia: o Martichoras, vermelho, devorador de caravanas, espanto das solidões e terror dos desertos; o Myrmelion, leão da cintura para cima, formiga da cintura para baixo, união da força e valentia com a paciencia e o trabalho.

Acharás as mais heterogeneas combinações na feitura dos monstros: o Catoblepas é um bufalo da cabeça de porco, emblema da estupidez; a doninha Pastinaca, emblema do mal, que mata arvores e jardins com o aflato horroroso que exhala; Mirag, que é uma lebre de chifres, Phalmante, que é um leopardo gritador, Senad, que é um urso de tres cabeças, Cepus, que é um cão que dá leite. E existem milhares de outros ainda.

Ha um, porém, menos complicado, cujo symbolismo tem a delicia da ironia calma de Luciano de Samosata.

— Qual é?

— E' o monstro que os antigos orientaes chamavam Presteros e que tornava imbecis aquelles que lhe tocavam o corpo escamento ou delle se approximavam.

— Tens razão. Todos os monstros fabulosos morreram com as suas crenças e as suas religiões. Esse nunca morrerá! E' immortal, porque o numero daquelles que lhe tem tocado o corpo flacido cada vez é maior. E não achas, Claudio França, que esse tal Presteros escolheu o Brasil para morar?...

7 de Outubro de 1916

"Gazeta de Noticias" - 6-Outº 1916) "Fon-Fon!"

Os indesejaveis.

Ha já muitos dias que foi distribuido á commissão de Constituição e Justiça da Camara o projecto apresentado pelo Sr. deputado Gustavo Barroso a respeito dos "indesejaveis", isto é, dos individuos que, por motivos de ordem social, economica, ou moral, não podem ter permissão para desembarcar nos nossos portos.

Já ha mais que o tempo necessario para que a commissão dê o seu parecer acerca do projecto. O Sr. João Maximiano de Figueiredo promettera até dal-o hontem. Entretanto, não appareceu ainda esse trabalho, indispensavel para que o projecto entre em discussão.

Chamamos a attenção da mesa da Camara para isso. Tratando-se, como se trata, de um projecto de incontestavel utilidade publica, e tanto assim que tem merecido o apoio de todos os homens de bom senso, inclusive os governistas, não se explica que elle não figure quanto antes em ordem do dia, afim de ser approvado ainda este anno.

Garatujas...

Foi uma semana de bastantes desastres a ultima que passou. Houve uns em que morreram pessoas, outros em que não morreu ninguem, como aquelle da estação de Palmeira, na Central, em que os carros dum trem rolaram da serra abaixo e se espatifaram nas curvas e nos precipicios.

O mais doloroso de todos foi o que causou a morte duma sadia e saltitante creancinha. Era um menino de sete annos e brincava na Avenida Atlantica, á hora da passagem dos automoveis de passeio, numa fresca tarde de domingo. Apanhada de surpreza por um desses vehiculos, cujo guia não o poude desviar, pereceu esmagado sob as rodas.

Vá alguem consolar os paes que perderam de tal maneira os seus filhinhos! Não ha, nunca houve, jamais haverá expressões para fazel-o. E' destes casos muito tristes, dos quaes ninguem tem culpa e diante dos quaes a dôr, a raiva e o proprio desespero somente podem encolher os hombros e murmurar: fatalidade!

Garatujas

Claudio França dizia no domingo, ao passarmos pela frente do cemiterio de S. João Baptista:

— «Avalia, amigo meu, que quem entrar agora nesta cidade dos mortos encontrará o meu mausoléu.»

— «O teu mausoléu?!»

— «Não te espantes. E' um caso simples. Vou explical-o. Meu pae e minha mãe estavam sepultados ahi num pedaço de chão á tôa. Resolvi construir um tumulo com terreno proprio, afim de para elle transladar os ossos dos meus paes e nelle ser depositado quando chegasse minha vez.

Prompta a obra, toda de marmore branco, simples e forte, mandei gravar...»

— «Um epitaphio do mais bello sabor classico, do mais puro gosto literario ou nobre e soberbo:

Sta viator, heroem calcas?»

— «Não me interrompas. Um letreiro singelo: «Sepultura da familia França.» Surgio, porém, um impecilio formidavel deante do qual só tive um remedio: — ceder. Foi a borocracia da administração do cemiterio. Como quem requerêra licença para construir o tumulo fôra o Sr. Claudio França sómente este nome poderia figurar no tituleiro mortuario. Por favor consentiram no accrescimo da palavra — familia.

Desta sorte quem entrar naquella necropole encontrará o sepulcro do teu amigo aqui presente com este funebre distico;

«Sepultura de Claudio França e familia.»

O bonde rodava bulhentamente pelo escuro e apertado tunnel da Real Grandeza. Naquella athmosphera abafada, sentindo o cheiro da terra humida, eu me angustiei a pensar no horror de ser enterrado vivo mesmo assim em nome sómente. Mas o arco de sahida luzio adeante. O bonde fez uma curva brusca á beira de capinzaes orvalhados. A luminosidade da manhã dava uma belleza nova ao panorama encantador de Copacabana. Voltei-me para Claudio França e dei uma gargalhada.

Julho - 1916

"Mensagem" do Presidente do Congº, Cel Benjamin Barroso, pag 17

Patente é a desegualdade com que são interiormente tratados, no seu Paiz, os emigrantes nacionaes em comparação com os estrangeiros.

Isto dispertou um gesto patriotico do digno representante deste Estado, o illustre doutor Gustavo Barroso, que chamou a attenção do Congresso pedindo uma medida que impeça em nosso Paiz a entrada de emigrantes inuteis, os mutilados pela guerra actual. Talvez que dahi surja o começo de bem entendida assistencia aos trabalhadores nacionaes. E então não os veremos mais, para felicidade e honra nossa, morrerem de fome e aos milheiros, como na secca que passou.

10

"Fon-Fon!" 30 de Setembro de 1916

Garatujas

Era um velho de longas barbas brancas quem me dizia com a sua voz tão tremula como os seus passos:

— «Eu vi a guerra da Cisplatina, a guerra do Rosas, a guerra do Uruguay e a guerra do Paraguay. Vi os negros que os senhores davam para serem soldados, e os recrutamentos á força, e os voluntarios de pau e corda; mas tambem vi muito enthusiasmo: as bandeiras bordadas pelas mulheres, a mocidade se incorporando aos batalhões de Voluntarios da Patria e muita coisa bonita mais. Havia nesse tempo, apezar de erros e defeitos, um sentimento nacional muito forte. Parece que este não se apagou. Senti-me cheio de esperança ao ver agora passar um batalhão de moços, de voluntarios especiaes. Criei alma nova. Creio que a mocidade influirá para o alevantamento do patriotismo brasileiro. Só ella poderá operar esse milagre. Eu acredito nella e agora, depois que a vi passar, fiquei tão cheio de mim, que estou chorando, veja o senhor, porque não sou moço e não posso acompanhal-a. Deus a proteja!»

Chauffeur

Dr. Carlos Maximiliano (Ministerio do Interior)—Estamos certos de que a companhia lyrica vae voltar e dar alguns espectaculos excellentes. V. Ex. tem razão de estar satisfeito. São algumas noites deliciosas a mais para V. Ex. que tanto gosta do lyrico, para V. Ex. e para o seu amigo, deputado Ferreira Braga.

Dr. Antonio Carlos (Camara dos Deputados) — Applaudimos *in totum* as declarações de V. Ex. de que o projecto sobre *indesejaveis* será considerado como governamental. O que se faz necessario é uma lei semelhante, no futuro reconhecimento, afim de impedir, ahi na Camara, a entrada de muito *indesejavel*. E' ou não é?

Dr. Justiniano de Serpa (Camara) — V. Ex. fazendo, como fez outro dia, na roda dos seus pares, considerações juridicas a proposito da inconstitucionalidade de certos projectos, está demonstrando que muito lhe servio aquella lição do eminente dr. Pedro Lessa, que propunha se enviasse a certos congressistas um exemplar da Constituição...

General Thomaz Cavalcante (Jacarepaguá) — V. Ex. precisa apparecer. A sua casa é muito longe e seus amigos precisam vel-o.

Miguel Mello (?) — Ainda está zangado? Pense bem e verá que não tem razão. A proposito: parabens! parabens! parabens!

Franklin Araujo (São Christovam) — Como vae o muque? Não lhe mandamos um abraço com medo do arrôcho.

Dr. Gomes Pereira (?) — E' verdade... nem um cartão!... Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga...

Garabulhas...

Eu commentei a obra de alguns individuos que, como o Topsius da *Reliquia*, autor da *Expressão Mysionomica dos Lagartos*, vivem a publicar obras de fancaria, de taboletas vistosas, nas quaes se limitam a trabalhos benedictinos de buscas em archivos ou enfileiram citações, raramente entremeiadas de seis ou oito palavras suas.

Veio á baila um historiador das nossas coisas, que já tem publicado uma dezena de volumes sobre historia brasileira á custa de fartos archivos, sem ter um commentario proprio, sem adduzir uma opinião, sem demonstrar uma idéa original.

E Claudio França accrescentou:

— «Esse é, na litteratura historica, o que é, nas lettras juridicas, um juiz federal dum Estado visinho. O tal magistrado cada trimestre dá á luz uma nova obra, compilada com trechos das ordenações, farrapos de codigos, dissertações de mestres e accordãos do Supremo Tribunal por extenso. Os jornaes annunciam de tres em tres mezes um importante livro do fecundo e facundo juiz: «Consolidação das leis sobre a funcção dos porteiros dos auditorios», 1 volume com 480 paginas. «Da funcção dos officiaes de justiça no Brasil», 2 volumes de 600 paginas cada um.

O nosso paiz, fica certo, é o mais rico do mundo em Topsius, Pachecos e Acacios.

Gatafunhos...

Diante d'aquelle elegante palacete que olhava para o mar pelas suas quatro grandes janellas abalcoadas em puro estylo Renascença, eu recordei dias felizes, dos quaes sómente me restava a melancolia das coisas passadas, ou melhor, a mais triste das saudades. Descrevi festas, rostos lindos que nunca mais vira, expressões e acções que o tempo levára. Baixei tristemente a cabeça.

Claudio França bateu-me no hombro, obrigou-me a caminhar e foi-me sussurrando ao ouvido a offerta duma ballada do poeta Villon, a *Ballada das damas de outrora*:

Prince, n'enquerez de sepmaine
Où elles sont, ne de cest an,
Que ce refrain ne vous remaine:
Mais où sont les neiges d'antan?

"Revista Parlamentar" - 10-25 Setembro - 1916

O Sr. Medeiros e Albuquerque fez, pelo talento e pelo trabalho, um nome illustre entre os nossos publicistas: e fez ainda um nome excepcionalmente popular e querido, porque poucos são os escriptores que têm como elle o dom de serem rapidos, logicos e claros, mas de uma clareza de meio-dia tropical...

Em poucas linhas sabe elle pôr de um modo incomparavel qualquer assumpto; em dous ou tres traços, leves e faceis, mostra todos os aspectos do mais rebarbativo problema. E', assim, o publicista complexo e culto, synthetico e crystallino, que mais convém aos apressados leitores de hoje.

Foi num artigo desses, apparentemente tão facil, que Medeiros e Albuquerque acaba de nos mostrar magnificamente o que elle chama um *problema de apoz-guerra*.

O Brazil é, desde muito, e intensamente, o que o illustre jornalista chamou com absoluta propriedade *o monturo do mundo*.

Não temos, como em toda parte acontece, lei alguma regulando a admissão e a expulsão de extrangeiros. Deste modo convergem naturalmente para aqui os criminosos, os doentes, os vagabundos, os elementos, emfim, da peior especie, corridos de todos os pontos do planeta.

São facilidades de tal ordem que fizeram ao Brazil uma reputação universal de *doux-pays*...

Depois da guerra semelhante situação tederá francamente a aggravar-se. Basta suppor que um ou meio por cento dos estropiados por ella feitos pretenda vir para cá.

«Note-se, salienta Medeiros e Albuquerque, que os nossos hospitaes e até a nossa Casa de Correcção já têm tido em alguns annos mais extrangeiros do que nacionaes — o que não acontece em nenhuma outra nação.»

Ora, é precizo pensar nisso desde já. Exactamente porque precizamos immenso da immigração o nosso primeiro dever é seleccional-a. Não podemos continuar a ser, sem gravissimos prejuizos de ordem material, o *monturo do mundo*.

Trata-se de uma velha questão, mas o artigo de Medeiros e Albuquerque impressionou fundamente. O Deputado Gustavo Barroso, que em tempo já havia cuidado do assumpto, voltou a solicitar da Camara a attenção para o projecto de sua lavra sobre os *indesejaveis*. E a Camara não póde deixar de levar para adiante esse interessante projecto, porque nelle se attende a uma das necessidades mais prementes da defesa nacional.

E todos os aspectos do problema da defesa nacional devem ser para nós igualmente sagrados.

"Fon-Fon!" 14 - Outubro - 1916

Gatafunhos...

Não faz ainda uma semana que um dos nossos elegantes chronistas de elegancias mundanas escreveu umas tiras a proposito das côres dos nossos automoveis. Elle falou nos autos de praça claros de certas capitaes européas e lamentou que aqui estivesse grassando a mania de pintar as *carrosseries* de negro, verde e azul escuros.

Estamos de accordo. Entretanto, apezar de já haver muito automovel preto neste luminoso Rio de Janeiro, queremos crêr que é a unica cidade onde não existe a monotonia dos taxis.

Em muitas cidades da Allemanha e certas capitaes do norte da Europa os taximetros são brancos como os carros da Assistencia e as carrocinhas das leiterias.

Em Copenhague os *auto-taxa* são pardos; em Vienna *beiges*. Os *taximètres* de Paris ou são amarellos ou côr de chocolate. E em todas essas cidades além da monotonia da côr nesses carros de praça ha a monotonia do seu aspecto. Todos elles são pequenos *coupés*. No Rio não: ha taxis amarellos, castanhos, verdes, encarnados, violetas, prateados e até de quadrados escocezes á moda de saiotes dos *highlanders* como outro dia vi um, sendo que cada qual delles tem o seu feitio: phaetons, quasi baratos, de 6, de 8, de 12, de 25 cavallos, *coupés*, *landaulets*, *limousines* e que sabemos mais!

Garabulhas...

Eu li outro dia com estes olhos que a terra ha de comer, num reles jornal provinciano, um conto cuja acção se passava na guerra européa e que tinha um trecho assim:

«A artilharia pesada, os 420, os 150 longos, os morteiros montados sobre carretas de estradas de ferro, os canhões de marinha transportados para fortins terrestres, estrondavam: *brom! prrom! bão! bum!* Os tambores duma brigada de infantaria começaram a soar no intervallo das descargas: *rataplan! plan! plan!* Cornetas esganiçavam-se atraz das linhas de combate: *lá ri lá! trá lá lá! trá lá lá!* O tiroteio da fusilaria e das metralhadoras não parava um minuto: *pum! pum! tra tra ta! tré tré tré!*

As balas, os pelouros, as *dun-duns* sibilavam no ar: *si si si! si si si!* Gemidos de feridos enchiam o espaço: *ai! ai! ai!* E a cavallaria, aproveitando um rompimento da frente inimiga, chegava ao galope: *catrapuz! catrapuz!*»

Atirei o jornal pela janella afóra.

27

"Jornal do Brasil" - 8 - Outubro - 1916 - artigo do L. Alb. Pazeres

A CAMARA EM REVISTA

O talentoso Deputado pelo Ceará, Sr. Gustavo Barroso, tão conhecido pelo pseydonymo de "João do Norte", com que se destacou no mundo litterario, narrando com raro brilho scenas do Norte Brasileiro — apresentou um projecto de lei, que não sabemos como coadunar-se possa com a nossa Constituição.

Determina o trabalho do illustre homem de lettras que o Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira cégos, surdos-mudos, parlyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou de ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16.

Ora, o numero dez do artigo em que, na nossa Constituição, se faz a declaração dos direitos, diz, insophismavelmente, que "em tempo de paz, qualquer póde entrar no territorio nacional ou delle sahir, com sua fortuna e bens, quando e como lhe convier, independente de passaporte".

Bastaria esse paragrapho do artigo 72 do nosso pacto fundamental para que arrefecido ficasse o enthusiasmo que o projecto provocou; mas, não é só...

Que motiva a providencia?

Positivamente o receio de que, terminada a guerra européa, o mundo inteiro possa ser invadido por uma multidão de individuos nas condições que o projecto enumera.

Ora, tal não acontecerá, pois que os mutilados da guerra, os heróes da mais tremenda luta que o mundo já assistiu, não serão nem podem ser abandonados pelas patrias agradecidas. Supponhamos, porém, que alguns dos mutilados não logrem a gratidão de seus povos e que tenham necessidade de vir procurar trabalho em paizes distantes, no Brasil, por exemplo.

Como poderemos garantir que um homem, só porque lhe falta um braço ou uma perna, é pernicioso á sociedade e que della deve ser banido? Ha uma porção de profissões e de officios que podem ser exercidos pelos mutilados, principalmente agora em que a orthopedia fez progressos verdadeiramente admiraveis.

O proprio autor do projecto reconhece a sua impraticabilidade, quando, no artigo seguinte, estabelece uma serie de excepções, que valem por outras tantas portas abertas á livre entrada e que servem para demonstrar que difficil será uma execução equitativa da lei em projecto.

Que restará de tudo isto, portanto?

Restará, unicamente, a exigencia do documento pedido pelo artigo terceiro do projecto, documento que é chamado de *certificado*, mas que vale por um verdadeiro passaporte, e é isto o que não quer, expressamente não quer, o numero 10 do artigo 72 da nossa Constituição.

O Brasil já possue leis de policia e de expulsão de estrangeiros capazes de defender a nossa sociedade de individuos perniciosos, sem as possibilidades de injustiças que o projecto do talentoso representante do Ceará contém.

* * *

"A-B-C" Rio - 14 - Outubro 1916 -

O projecto contra os "indesejaveis" deve attingir tambem os analphabetos

A Camara, ao que parece, dentro em breve transformará em lei o projecto sobre os "indesejaveis".

E' possivel, porém, que varias emendas o modifiquem nas suas linhas geraes tornando-o mais exequivel.

Logo á primeira vista, de facto, observa-se nelle uma falta: nas suas clausulas não se nota a mais ligeira referencia aos analphabetos.

E esse ponto se nos afigura capital, numa medida do alcance do projecto Barroso, principalmente se quizermos constatar que a percentagem de estrangeiros que não sabem lêr e escrever e que são refractarios á instrucção entre nós é enorme, occupando talvez cerca de sessenta por cento nos algarismos das estatisticas.

Se não queremos para o nosso convivio os mutilados da guerra, os egressos de galés e outros individuos que só nos viriam dar aborrecimentos, devemos tambem incluir na lista os ignorantes, pois duplo seria o trabalho dos professores dos nucleos agricolas que tivessem de ensinar a essa gente toda.

E não será difficil pôr em pratica essa iniciativa, pois das correntes immigratorias que ao Brasil se dirigem ha algumas que não contam em seu seio senão um numero quasi nullo de analphabetos.

Já que o projecto cogita de afastar os mutilados physicos, que trate tambem de nos livrar dos mutilados de intelligencia.

Gatimanhos...

"In-Fox!"

14 Outubro 1916

Era uma roda de homens serios e nella se falava da espionagem allemã. Todos a condemnavam, admirados de que não seja vergonha exercel-a e antes titulo de gloria na terra tudesca. Houve quem relembrasse os espiões dos Persas na Grecia, dos Romanos em Carthago e os de todas as nações do mundo, mas esse mesmo declarou que nenhum desses espiões de coisas militares se assemelhava aos da Germania. Elles viam e annotavam armamentos e defezas, viviam na terra inimiga olhando para contar o que olhavam, porém não preparavam armadilhas, engenhos, trincheiras e armas dentro do paiz alheio, não se immiscuiam no lar, não espionavam as almas.

Nisto um indagou de onde viera para os Allemães esse frio, calculado poder de serem olheiros e escutadores até das consciencias do inimigo. E um velho alto, vincado de rugas, nariz direito, traços leaes, explicou:

— «Vocês sabem que o Geral dos Jesuitas de certo tempo a esta parte é sempre Allemão. Porque? Porque na Allemanha se acolheu e vive o jesuitismo. E' esta a maravilhosa herança que lhes dá aos espiões o maravilhoso poder. E' della que vem a morte do preconceito de que é indignidade espionar e a vida da opinião de que espionar é bem servir a patria. Foi a moral da antiga Companhia quem elevou á gloria e ao martyrio o espião e é a sua disciplina que os rege. Se pudessemos comparar o codigo de espionagem duma e doutra veriamos que a nação se iguala neste ponto á velha communidade religiosa. Querem melhor explicação?»

22 "A Rua". Belem - Pará - 2 de Outubro de 1916

Os "Indesejavéis"

O sr. Gustavo Barrozo, sobre ser o escriptor primoroso, da «Terra do Sol» e das «Praias e Varzeas», é tambem um parlamentar illustre e notavel, que tem sabido sempre dignificar e engrandecer mais e mais o nome glorioso, por todos os titulos, do povo que representa e deffende na Camara dos Deputados.

Nós, que tão sincera e enthusiasticamente sabemos presar as valiosas e finas joias litterarias do escrinio precioso do «conteur» das «Velas Brancas», que em tantas e tão elegantes, delicadas e lindas paginas ha eternisado a paysagem, as tradicções e os costumes cearenses, emergimos agora do reccesso da nossa obscuridade para bater palmas calorosas ao sr. Gustavo Barroso, não já como escriptor, mas como congressista, como deputado.

O joven e talentoso representante do Ceará, ainda uma vez louvando o nome de sua terra, acaba agora mesmo de erguer o seu verbo moço e fluente no parlamento nacional, com uma elevação de idéas que hoje rareia, para apontar um perigo imminente que nos ameaça e suggerir medidas preventivas, serias e sensatas, que, de tão opportunas, desmentem a nossa indole de povo proverbialmente incauto, que só fecha a porta depois de roubado...

Desta vez, porem, assim não acontecerá, se a voz bem avisada do deputado nortista fôr ouvida e não se perder, como de costume, no meio chaotico da balburdia politiqueira do Congresso Nacional.

Como é natural, a conflagração européa fará surdir, mais tarde, do charco da sua sangueira, das cinzas das suas chammas e dos escombros das suas ruinas, uma multidão perniciosa de invalidos e desamparados, imprestaveis e mutilados, que, sem pão e sem abrigo, num fatal movimento expansionista, avolumará em bastas ondas emigratorias, alastrando assustadoramente o mundo inteiro, e tendendo, certamente, a localisar-se nas terras opulentas do Novo Mundo, que, mercê de Deus, ficarám isentas dos damnos directos da grande guerra. E nesse caso o Brazil será, não resta duvida, como sempre, um dos pontos appetecidos, e talvez o preferido, por essa legião calamitosa de inuteis, que só poderá concorrer para o augmento progressivo da miseria desoladora, senão da fome negra, dominante neste immenso e fecundissimo paiz.

Tranquilisa-nos, entretanto, a certeza de que dos labios ardentes de um moço já partiu o primeiro grito, cauteloso e patriotico, de alarma contra essa invasão que, desde agora, nos ameaça.

Com a serenidade e a sensatez tão raras na sua edade, mas com o largo descortino e a clareza de vistas tão proprios do seu bello talento e da sua formosa juventude, o sr. Gustavo Barroso enviou, ha dias, á Camara um projecto prohibitivo da entrada no paiz de extrangeiros cegos surdos-mudos, paralyticos, enfermos por molestias contagiosas ou incuraveis, imbecies, alienados, condemnados, mulheres solteiras, e finalmente toda a massa dos futuros invalidos da conflagração.

Merece, portanto, sem favor, pela sua palpitante actualidade e insophismavel necessidade, os mais vehementes applausos e os mais incondicionaes louvores a iniciativa canta e intelligente do joven deputado e publicista, que, sem embargo dos seus verdes annos, sabe ver e cuidar melhor dos interesses nacionaes do que toda a incomputavel chusma encanecida e veneranda dos politiqueiros profissionaes, dos chamados paes da patria que ao Congresso vão apenas defender causas bastardas, advogar questões subalternas ou embolsar, pacata e patrioticamente, o gordo subsidio do seu labor insano.»

"Fon-Fon!"
14 - Outubro - 1916

Garabulhas...

Junto de mim, na sala de espera dum cinema, uma senhora baixinha, de meia idade e olhar intelligente, contava a outra uma historia que me chamou a attenção. Dizia que duns tempos para cá começaram a atirar pedras na sua casa noite e dia. Era uma coisa horrivel! As pedradas choviam ora na varanda da casa, ora no quintalejo, ora na cosinha, ora em cima do telhado. Vivia já como doida sem saber o que fazer.

Ora, desde que sahi da minha provinciana cidade natal nunca mais ouvi falar de coisas semelhantes. Lá sim, cada semana apparecia uma casa apedrejada. Passavam-se dias de vigilancia e prejuizos e descobria-se que era uma creadinha ladina, encapotada, de parceria com o namorado, que fazia o tal assombramento, afim de ganhar liberdade ou sómente divertir-se.

Mas no Rio de Janeiro, capital da Republica, com um milhão de habitantes, pretenciosa e futil, um caso destes é de pasmar! Nunca imaginei que aqui tambem houvesse tal *assombração*. Pensava que essa historia de pedras, vindas não se sabe de onde, fôsse propria da provincia e jamais pudesse passar as raias da civilisação.

Qual o que! Alli estava, ao meu lado, viva, bolindo, a pobre senhora que se queixava do apedrejamento, confessando não ter a menor vocação para Santo Estevão. Coitada! Dizia á outra que a policia fôra chamada e o tiroteio de pedras peiorára. Guardas civis e policiaes passaram dias e noites de atalaia sem descobrir nada. Agentes secretos vigiavam as casas visinhas e um morro que havia perto. Nada! Organisaram-se batidas, deram-se tiros em todas as direcções. Nada! Noite e dia, espaçadamente, as pedras cahiam. Não havia geito que dar. Ella e o marido procuravam casa para mudar se. O peior é que a apedrejada era propria e seria difficil agora alugal-a ou vendel-a. E a pobre senhora concluio:

— «Meu marido diz que as pedradas são de alguem que deseja comprar a nossa casa baratinha; mas eu estou tão horrorisada que acredito p'amente que é alma do outro mundo!»

Não pude deixar de sorrir. Alma do outro mundo apedrejando casa em Barbacena, em Faxina, em Bagé, em Amarante, em Cachoeira, em Gurupy ou em Quixeramobim, vá lá; porém no Rio de Janeiro, com telephone, luz electrica e taxis, qual o que, não é possivel! E se é, nunca pensei que fosse!

23

"Fon-Fon!" 14. Outb.º-1916

Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1916.

TAL E QUAL!

Lamentei a dolorosa situação actual do Brasil e condemnei os erros dos seus dirigentes, comparando o seu desenvolvimento com o de outros paizes. As minhas considerações e commentarios alcançaram os phenomenos sociaes e as actividades economicas, as manifestações do espirito e os processos da politica.

« — E' o paiz das antitheses e do culto completo da incompetencia, disse. Raros são os refugios da competencia e raros os seus possuidores. Cria-se o proteccionismo para uma industria incipiente, que não é bem industria e sim manipulação ou combinação de materiaes importados do extrangeiro. Abandona-se a agricultura ás suas proprias forças. Legisla-se do mesmo modo para os homens da Avenida Rio Branco e para os seringueiros do Acre, para os jagunços de S. Francisco e para os que moram nos confins de Matto Grosso, a 24 dias de viagem dos mais proximos logares habitados, quando ha agua para subir o rio... Paiz sem braços para a lavoura subsidia immigração sem desta exigir obrigações. Contracto em que só elle as tem e as cumpre. O immigrante prefere a demandar os campos ficar nas cidades do littoral. Terra sem excesso de população, antes pelo contrario, tendo o trabalho carissimo, deita fóra dinheiro construindo villas proletarias, que sómente se fazem onde a mão de obra é baratissima e o poder publico se encontra na contingencia de soccorrer o operariado. »

Parei e olhei a rua triste pelos largos vidros da janella. O reflexo das lampadas electricas mergulhava no asphalto molhado. Não havia viva alma. A chuva batia nos passeios. Voltei-me para o interior do gabinete illuminado, de paredes cinzentas cheias de quadros e elegantes moveis de oleo vermelho com ornatos de bronze. Uma lampada de Richards, com palmeiras em recorte no quebra luz fôsco, clareava o tampo da mesa de trabalho.

Naquelle clarão Claudio França deixára aberto um livro, cujas laudas brancas reluziam como se não tivessem lettras.

O meu amigo apontou-m'o e ordenou :

« — Lê alto, com vagar e respeito, essas duas paginas de Charles Setourneau. »

Peguei do livro e li :

« — Supponhamos, *o que é impossivel*, que possa existir no mundo uma nação tão desgraçada e tão pouco esclarecida que entregasse a gerencia de seus destinos a guias intellectualmente cégos, sem a menor noção scientifica, imbuidos de prejuizos e preconceitos, que trabalhassem sómente para entravar o desenvolvimento de seu paiz. Então, se a infeliz nação que imaginamos fôra docil e malleavel até o extremo, tudo nella seria dentro de pouco tempo organisado ao contrario do senso commum... »

« — Continúa ! »

Algumas linhas saltaram-me diante dos olhos attonitos e prosegui, mais adiante, sem dar conta do salto :

« — Nesse triste meio social forçoso seria no inicio de cada carreira humilhar-se, captar a protecção deste ou daquelle, muita vez empregando a hypocrisia e a mentira. Seria necessario em primeiro logar a iniciação da falta de vergonha. Podem-se avaliar quaes os costumes dominantes nesse paiz : a massa das classes dirigentes teria, como ideal, sómente prazeres grosseiros ou ineptos ; não se aspiraria alli senão aos gozos sensuaes e vaidosos, ao dinheiro, ás sinecuras, aos titulos honorificos sem os merecer ; a dedicação e o desinteresse seriam considerados tolices ; não haveria o menor horizonte nem para o passado e nem para o futuro. Haveria a selecção do menos digno. Naturalmente, o mais digno se tornaria raro ; depois, desappareceria e succumbiria no esquecimento e na miseria. Com o auxilio da hereditariedade, a raça declinaria, em progressiva velocidade, tanto na dignidade, na força physica e moral, como na intelligencia... »

Levantei a vista com pasmo. A voz de Claudio mandou :

« — Prosiga ! »

« — A misera nação que suppomos, porém, não seria só no mundo. Ao lado e em derredor della rivaes mais espertas teriam ficado sadias e mais fortes, e vencel-a-iam, por certo, na concurrencia ethnica, porque teriam conservado e desenvolvido as energias physicas, moraes e intellectuaes. Pacificamente ou não, consequentemente e forçosamente, ellas supplantariam, em virtude da propria lei do progresso, a raça retardada, cujo paiz cedo ou tarde seria riscado da lista das nações... Lastimemos os povos moribundos... »

Atirei o livro sobre a mesa. Faltava-me o ar. Escancarei a janella. Entrou uma lufada humida. Ao longe, o mar rolava calmo e sonoro. Olhei Claudio e perguntei :

« — Letourneau veio algum dia ao nosso paiz ? »

« — Não. Por que ? »

« — E' tal e qual, meu amigo, tal e qual ! »

Jotaenne

"Fon-Fon!" 17-2-917

Gatimanhos...

Mademoiselle conversava animadamente numa roda alegre de moças e rapazes, no meio daquelle jardim fidalgo, onde as ruasinhas de saibro claro colleavam entre as moitas de hortensias e os gramados muito verdes, manchados de sol.

Fallava de pic-nics e tangos, de serenatas e chás, de recepções e *one steps*, de bailes e theatros, do carnaval e de passeios a cavallo, passando dum assumpto para outro como uma borboleta vôa de flôr em flôr.

Sentado solitariamente no meu banco, prestava attenção aquelle interessante parolar, quando rente a mim passaram dois rapazes trajados com elegancia, conversando vagarosamente.

E um, o mais sympathico, dizia ao outro :

— Gosto tanto della, mas não me posso acostumar com a sua inconstancia. Muda de assumpto como de idéas. Aborrece um vestido mais depressa do que quem lhe quer bem. Eu até já a appellido — «Mademoiselle Gironette.»

"Fon-Fon!" 14-Outb.º-1916

Gatimanhos...

A nossa mocidade é triste. Ella não tem a alegria da juventude dos outros paizes. Parece que a estreiteza do meio, os impecillios que os costumes politicos e publicos criam a todo o mundo, erigindo a injustiça distribuidora de graças e favores, o eterno *para que ?* que os brasileiros antepõem a qualquer esforço, tudo isso deu aos moços da nossa terra um langor romantico e uma tristeza sem par.

Houve quem duvidasse desta opinião e quem desta sorte pensa retorquio do modo seguinte :

— «Estão aqui sobre a minha mesa dois livros de dois dos mais jovens poetas brasileiros. São dois rapazes tão moços que ainda podem ser considerados meninos. Têm talento e têm tristeza. Os seus versos bem medidos e bem escriptos respiram melancolia. Leia-se o soneto com que Caio de Mello Franco abre o seu bello livro *Urna :*

«Velha urna que aos olhos dos profanos,
Num gesto lento, ousei abrir: deixai
Que antigas maguas, mortos desenganos
Nos levem pelo tempo que lá vae!...

Passam horas e dias... passam annos,
Emquanto na ampulheta a areia cae,
Marcando a idáde vã dos vãos enganos,
Que fogem tão depressa como um ai ! . . .

Das tuas cinzas, tremulo, arranquei
As minhas mortas emoções primeiras
E as lagrimas primeiras que chorei ! . . .

De tudo quanto amei, num só segundo,
Deslisaram fileiras e fileiras,
E a saudade ficou, triste, no fundo ! . . .»

E' um adolescente, sadio e intelligente, que se lastima e se lamenta assim, tão cheio, ao iniciar a vida, de desenganos, de lagrimas, de saudade, de ais, maguas e cinzas de emoções !

Costa Rego Junior, outro moço e poeta, inicia o seu livro *Evocações e Panoramas* com estes lindos e tristes versos :

«Sonhos de gloria ou sonhos de martyrio,
Azas tontas da sêde, do delirio
De correr mundo, de subir. . .
— Cousas que o vento leva na carreira
E a gente fica a olhar a vida inteira
Sem saber onde vão cahir. . .»

E são todos assim. Mocidade talentosa e nostalgica, que adora aquella formula de Shakespeare :

— «Que bom que é estar triste e calado!»

Todos têm a volupia da melancolia. Talvez que o clangor dos clarins e o rufar dos tambores, convidando os jovens ao serviço militar, banam das suas almas essa tristeza quasi doentia.

"Fon-Fon!" 17 Fevereiro 1917

Gatimanhos...

Fallavamos do fado portuguez e das canções de todos os povos. Alguem queria que os mais bellos poemas populares do mundo estivessem entre os povos danubianos. Outro lembrava as nossas cantigas e quadras sertanejas, as nossas modinhas. Houve quem recordasse cantos da Allemanha, logo repellidos *una voce* por causa do esforço guttural da pronuncia. Um teve a coragem de trautear uma ballada campezina de Inglaterra. Foi quando André Nunes classificou os versos inglezes de series de apostrophes e collecções de th.

Claudio França disse :

— A unica canção do mundo é a franceza. E' a unica em que se respira delicadeza, subtileza, elegancia e carinho. Ouçamos esta quadra e deem-me razão :

« Reveillez-vous, belle dormeuse,
Si mon baiser vous fait plaisir,
Mais si vous êtes scrupuleuse,
Dormez ou feignez dormir. »

"Gazeta de Noticias"
24 19-Outubro-1916

COMO SE GOVERNA !...

POBRE CEARA' !

Os bailes do Sr. João Thomé

Hontem, num ligeiro commentario sobre o governo do Dr. João Thomé, affirmámos que as despezas administrativas no Ceará já soffreram grande augmento e, por isso mesmo, a nossa estranheza era perfeitamente cabivel diante de um telegramma da Americana, annunciando a realisação proxima de um baile, offerecido pelo presidente do Estado á officialidade do "Benjamin Constant", surto no porto de Fortaleza.

A' tarde, do Sr. Gustavo Barroso, sympathico redactor da elegante revista "Fon-Fon!" e deputado federal, recebemos uma carta em que S. Ex. confirma absolutamente o nosso topico, accrescentando porém:

1° — que todos os augmentos de despeza são "on paper", isto é, não passam, até agora, de autorisações dadas pelo poder legislativo;

2° — que o baile vai ser "modesto".

Quanto a despezas votadas pelo legislativo, do triste exemplo que o Monroe nos dá todos os dias, póde-se inferir a subserviencia dos deputadelhos estadoaes, escolhidos a dedo, para fantoches do chefe do executivo. Se foram, portanto, no Ceará, votadas autorisações para reformas administrativas, trazendo augmento de despeza, reformas, na sua maioria improductivas taes como as destinadas a reforçar o regimento policial, etc., ninguem será capaz de duvidar um só momento que tudo isto se praticou por unica e exclusiva vontade do Dr. João Thomé, e, por consequencia, faltará a S. S. a virtude necessaria para deixar de aproveitar se de tão amaveis disposições legislativas.

Basta, aliás, a preoccupação que S. S. teve de armar-se com poderes necessarios para gastar mais dinheiro que os seus antecessores, para ser feita uma justa idéa da sua administração, no presente e no futuro, em uma terra assolada periodicamente por terriveis seccas e onde os recursos estadoaes não chegam para salvar da morte a cohorte tetrica dos famintos, patricios desgraçados, successivamente victimas do impatriotismo e da inconsciencia de governos criminosos.

Para contrastar a miseria do Ceará, victima recente da grande tragedia decorrente de uma prolongada secca, o governador João Thomé, — que para lá foi fortalecido pelo apoio unanime de todas as facções politicas, ferozmente inimigas — entra a dar bailes a custa do thesouro estadoal.

Ninguem nos dirá que seja razoavel o Dr. João Thomé fazer o Ceará pagar os bailes, mesmo "modestos", que S. S. pretende offerecer, quando a sua situação financeira é de pura fallencia...

Qualquer baile custa dinheiro, por mais modesto que elle seja.

Os proprios homenageados, a digna officialidade do "Benjamin Constant", prefereria, se fosse consultada, ver o dinheiro que se vai gastar no baile, applicado em obras uteis para minorar os soffrimentos dos habitantes da região infelicitados pelas seccas periodicas.

Esta é que é a verdade.

Mas o Dr. Gustavo Barroso, moço feliz, que não conhece miserias e teve a sorte de ver-se deputado, ha de ser por força a favor dos bailes...

Os sentimentos do redactor do "Fon-Fon!" são mais fortes que os de representante do Ceará, quando não se é legitimo representante...

Gatimanhos...

Claudio França ha dias narrou-me o seguinte;

— «Fui botar 500 mil reis no British Bank, na minha conta corrente, e apreciei em mim mesmo este phenomeno interessante. Havia lá muita gente. Era começo de mez e a maior parte tirava dinheiro. Como eu ia depositar umas economias, sem querer, julguei-me superior aos que iam retirar algumas. Estufei o peito e tomei uma *pose* orgulhosa. Quando dei por mim estava assim todo ancho e fui obrigado a reflectir um pouco para me dominar.

Ao entregar no *guichet* a minha nota de quinhentos, no postigo ao lado um homem de idade, muito grisalho, retirava cinco contos de reis.

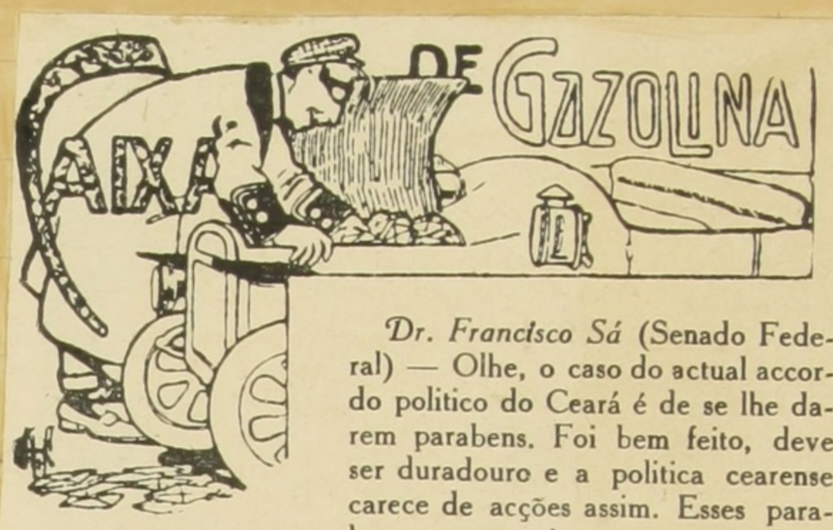
Ora, a minha caderneta não chegava a ter esse total. Ficava pela metade mais ou menos. O homem retirava mais do que eu possuia e guardava no bolso a caderneta, signal de que ainda nella ficára alguma coisa; senão tel-a-ia liquidado. Entretanto, eu só porque depositava e elle retirava senti-me superior, mais poderoso e mais feliz.

Veja você como é engraçado, divertido o coração humano! Sahi ralhando commigo mesmo e lembrando-me das apresentações que tantas vezes ouvi nos Estados Unidos:

— «O Sr. Fulano de Tal, que vale tantos mil dollars!»

E todos nós, os da humanidade, somos assim!

"Fon-Fon!" - 21 - outubro - 1916



Dr. Francisco Sá (Senado Federal) — Olhe, o caso do actual accordo politico do Ceará é de se lhe darem parabens. Foi bem feito, deve ser duradouro e a politica cearense carece de acções assim. Esses parabens são extensivos aos seus collegas das duas camaras.

Dr. Nuno de Andrade («Paiz») — Continúe a escalpelar as nossas finanças e os nossos financistas. Faz gosto lêr os seus artigos. Tambem quem tem o espirito que o illustre medico tem! Não é elogio: *á tout seigneur tout honneur.*

Paulo Laboriau (Rua da Quitanda) — Precisa melhorar o seu jogo de xadrez. Essa historia de levar xeque-mate sempre não serve. Por que não compra mais alguns livros sobre esse jogo, afim de augmentar um pouco a sua bibliotheca de enxadrista?

Dr. Mario Studart (Rua Bambina) — Que fim tem levado? Onde tem andado que ninguem quasi o vê? Serão os estudos ou mais alguma coisa?

Coronel João Brigido (Fortaleza) — Então, desta vez ficou de fóra? Como os homens são ingratos!...

Dr. Gastão Cunha (S. Christovam) — Vá logo para o Rio Grande do Sul que o outro está cançado de esperar. E o tio que não consente na licença com vencimentos? Essa foi bôa?

Chauffeur

Garatujas

Acabaram-se os baleiros que subiam no bonde a gritar aos nossos ouvidos: — «Bala de ovo, de althéa e chocolate, hortelã pimenta e abacaxy!» São raros os que ainda vegetam no largo do Estacio, ou praça da Bandeira e na esquina da Lapa. São poucos os vendedores de bilhete que trepam nos *tramways* apregoando o numero da sorte.

Bilheteiros e baleiros tiveram um successor terrivel nas subidas dos tranvias para aborrecimento dos passageiros. Foi o vendedor de jornaes, molecote agil, esperto, encopetado, que nos mete pela cara o jornal da tarde ou da manhã, berrando o escandalo ou o successo do dia.

Pois bem esse molecote já foi substituido nas suas «paulificantes» funcções pelo garoto vagabundo, que anda atraz dum jornal lido para recambiar á empreza e abiscoitar quatro vintens ou passal-o adiante e ganhar um tostão. Este trepa no bonde, segura-se aos balaustres, escolhe a sua victima alli na esquina do ex-convento da Ajuda e vem até á Imprensa Nacional, supplicando com voz anciosa e choramingas: — «Me dá essa folha?»

A policia não terá meio de supprimir esse martyrio?

"Jornal do Commercio" - Ed. da tarde
31-Outubro-1916

Os "indesejaveis" que foram capitulados num importante projecto, pelo Sr. Gustavo Barroso, estão envolvidos na tunica do silencio com que o vestio o Sr. Maximiano de Figueiredo. Não porque o illustre relator da Commissão de Justiça tenha contra elle má vontade; é que o Sr. Maximiano de Figueiredo anda por demais assoberbado com os serviços parlamentares. No emtanto, dada a urgencia do assumpto é de esperar que, apezar de todos os pezares, tenhamos ainda na presente prorogação, o projecto no plenario. E que assim seja, porquanto precizamos, desde já, regular a materia de que tracta o projecto do Sr. Gustavo Barroso, sendo como é, de natureza inadiavel. Trazido á baila por nós e sobejamente discutido na imprensa que, além dos elogios, mostrou a necessidade em que nos achamos de regulamentar, por lei o problema nada mais resta á Camara que discutil-o e approval-o.

"Diario Popular"
- S. Paulo -
4- Nov°- 1916

Gustavo Barroso é outra vez hospede em São Paulo.

O talentoso estyllista de "Praias e Varzeas", da "Terra de Sol" e dos "Pergaminhos", veiu passar alguns dias junto de amigos e companheiros intellectuaes, aos quaes muito aprecia e talvez que emprehenda rapida excursão ao interior.

Hoje, um seu collega de representação politica na Camara Federal, offereceu-lhe um almoço no salão de refeições do "Progredior" tendo o dr. Gustavo Barroso recebido saudações como literato de escól e companheiro dotado de nobres sentimentos de lealdade.

"Estado de S. Paulo" - 3 Nov.º 1916
Transcripto na Epoca de março n 4.

"Correio Paulistano"
4 Nov.º 1916

"Jornal do Commercio"
- Edição de S. Paulo -
5 - Novembro - 1916

25

TOPICOS

Acha-se em S. Paulo o brilhante homem de letras Gustavo Barroso, deputado federal pelo Ceará.

O festejado "João do Norte" traz na sua pasta, a vêr se o imprime em S. Paulo, um livro que será uma affirmação nova e até inesperada do seu talento e das suas tendencias de escriptor: intitula-se "Pergaminhos" e compõe-se de uma série de contos medievaes.

Já nada apparece alli do "conteur" das scenas do sertão cearense, empapado de brasileirismo, rescendente de perfumes tropicaes: é outro espirito, outra sensibilidade, outro estylo. O que, porém, dá aos "Pergaminhos" um cunho absolutamente original, dentro da nossa literatura, é a composição e a linguagem: cada conto representa um arduo trabalho de pesquisa pacientissima, onde todos os detalhes do scenario, todas as particularidades do ambiente, todos os traços dos costumes surgem minuciosamente marcados, cada um com o seu boleio de phrase proprio, com o seu vocabulo genuino, desenterrado do pó dos foraes, das ordenações, das chronicas, dos cancioneiros coevos. Cremos que nem na literatura portugueza existe coisa que se compare aos "Pergaminhos" nesse meticuloso esforço de recomposição, tão completo e tão bem succedido.

O livro será fartamente illustrado com admiraveis desenhos de Corrêa Dias, no estylo das magnificas vinhetas de "Jacques Tournebroche", de Anatole, e nada inferiores, talvez bem superiores a ellas.

E ahi está uma bella noticia, que vae de certo agradar tanto ao leitor como a quem a escreve.

GUSTAVO Barroso (João do Norte) deu-nos hontem alguns minutos de palestra. E' encantador esse nosso confrade, quer na fidalguia do trato, quer no brilho do seu fino espirito de escól. João do Norte, depois de uma afanosa vida de imprensa, primeiro em seu Estado natal, Ceará; depois no Rio, onde trabalhou em diversos diarios, notadamente no "Jornal do Commercio", ao qual prestou serviços por longo tempo, no começo como reporter, mais tarde como redactor, João do Norte está agora circumspecto, conscio da sua pesada responsabilidade de representante do Ceará na Camara Federal.

Mas, como o uso do cachimbo... elle continua a dar fulgor ao "Fon-Fon", o interessante semanario carioca.

E veiu a S. Paulo para contractar numa das nossas typographias a impressão do seu ultimo livro de contos medievaes, um trabalho de folego que revelará uma nova feição do talento do joven escriptor.

Esses contos são fructo de paciente e longo estudo e abrangem todo o periodo da edade média, expondo os costumes, caracteristicos de differentes povos da peninsula iberica.

Pela descripção que nos foi feita em linhas geraes, póde-se prevêr um brilhante successo para o seu livro.

"Fon-Fon!" 28 de Outubro de 1916

DEPUTADO GUSTAVO BARROSO

S. Paulo hospeda ha dous dias o Sr. Gustavo Barroso, Deputado federal pelo Ceará, o "João do Norte" de "A Terra de Sol".

Num curto afastamento da Camara, onde em breve deverá ser apresentado parecer sobre o seu projecto de lei que regula a mineração, o Deputado Gustavo Barroso abandonou por dias os trabalhos parlamentares para vir a S. Paulo como "João do Norte", exclusivamente como litterato, por uma imperiosa exigencia de perfeição esthetica.

João do Norte sempre teve predilecção pelo estudo da historia universal e, como fino artista que é, deu a sua preferencia aos factos pittorescos da Edade Média. E dahi a ideia de fazer um livro de contos, esse já annunciado, sob o suggestivo titulo "Pergaminhos".

Os assumptos desses contos são tirados da Edade Média mas não a esmo; obedecem como que a uma evolução chronologica a começar logo depois da invasão dos barbaros e a terminar em Bizancio.

Um outro fino artista, o Sr. Corrêa Dias, collaborou na magnifica obra, executando illustrações primorosas, illuminuras em que ha capricho e vigor de desenho e riqueza de colorido, miniaturas que espantam pela abundancia de espaço e multidão de figuras, tudo numa imitação admiravel da arte medieval, de um encanto que ainda nos fascina, arte de minucia e phantasia que vai morrendo assassinada pelos processos da arte industrial.

Foi para fazer lithographar as illustrações do seu livro que João do Norte veio a S. Paulo. Satisfeito, João do Norte, para provar que não errou o caminho, conta ter recebido de um illustre extrangeiro aqui residente, applausos pela sua resolução de ter vindo, porquanto, na phrase daquelle cavalheiro "S. Paulo é a Leipzig do Brasil".

E, de facto, é esta das capitaes do Brasil, a que attingiu a maior gráo de perfeição nas artes graphicas.

Certo, o Sr. Gustavo Barroso achará aqui quem execute as illustrações do "Pergaminhos" que dentro em breve será dado a publicidade.

O Deputado Gustavo Barroso está hospedado na "Rôtisserie Sportman".

Garabulhas...

Quando vem o outomno, os arvoredos de ruas e praças das cidades européas despojam-se das folhas e ficam desnudos, de braços hirtos, abertos desconsoladamente para o céo. Aqui na nossa *urbs* maravilhosa não existe o outomno, mas ha um costume que nos dá a impressão delle ter chegado.

Nos fins de Setembro e começo de Outubro, a Inspectoria de Jardins manda podar as arvores das ruas. Temos um curto outomno artificial, porque logo ellas reflorescem e rebrotam com maior vigor. Estamos justamente nessa falsa época outomnal. Andam a fazer todo o dia pela cidade afóra a poda dos arvoredos.

Nas ruas solitarias e nas praças de pouco movimento essa poda não incommoda ninguem, porém nas ruas commerciaes e movimentadas demora o transito, enche os chapéos de folhas, atrapalha a passagem. Não seria conveniente que a Inspectoria de Mattas mandasse podar as arvores das ruas de movimento ao clarão das lampadas electricas?

Garavetos

Quem de nós Brasileiros nunca ouvio contar do lobishomem? Desde a nossa mais tenra infancia que as mucanas nos foram mettendo na cabeça a crença de que todo homem pallido, amarello, *come-longe*, em certos dias da semana se espoja num montão de esterco, com a roupa ás avessas, e transmuda-se num monstro repellente, de orelhas cahidas, que sae a uivar pelos caminhos em fóra.

Outro dia, eu abri por acaso um livro recheiado de observações preciosas, publicado em Paris no anno de 1845, «Viagens no Brasil», de Henry Koster. Encontrei este rico pedacinho:

«Um negro liberto, que eu havia conhecido e ao tempo em que me mudava para Itamaricá fôra visitar-me, contou-me horrorisado a historia dum tal Miguel, que estivera ao meu serviço. Disse-me que de tempos em tempos elle virava lobishomem. Pedi-lhe que me explicasse o que era. Affirmou que o homem se transformava num bicho do tamanho dum novilho, tendo a forma de cão. Metamorphoseado assim saia furioso, de casa, á meia-noite, como um cão damnado, atacando todo o mundo. O negro estava convencido da veracidade do facto e garantiu-me que, estando em companhia dum cunnado e da irmã, encontrára o extraordinario animal junto de sua propria palhoça. Pensei que fosse um grande cão faminto que rondava a cabana na esperança de matar a fome, mas o negro não duvidava que fosse o Miguel.»

Ninguem se admirará da crendice desse negro de Itamaracá, no meiado do seculo ultimo, quando eu disser com todas as lettras que outro dia um morador das proximidades do Tunnel Velho, nesta cidade de luzes e automoveis, avenidas e asphaltos, contou-me arripiado que anda apparecendo um lobishomem no morro da Real Grandeza!...

26

"Fon-Fon!" - 28 - Outubro - 1916

Gatimanhos...

Fui á egreja da Pena, em Jacarépaguá, e andei por umbrosos e deleitosos caminhos, tão cheios de paz, de passaros cantadores e insectos chilreantes que a gente perde a noção de que existe uma cidade populosa, futil, vasta e movimentada, á meia hora de bonde.

A' beira duma acéquia estendia-se uma horta cortada de regueiros onde tremelusiam aguas esverdinhados. Junto á cerca sob uma latada folhuda havia um poste de madeira clara, ennodoado de luz, em cuja ponta se recurvavam dois grandes cornos de boi. Claudio França chamou-me a attenção:

— Vês isto. E' um resquicio do velho culto da Fecundidade, reminiscencia inculta, barbara, selvagem, corrompida por milhares de gerações dos Terminos, Priapos, Hortanes e Hermes Casmillus. E que bem lhe cabe o começo duma antiga elegia de Tibrillio:

« Divino Priapo, que os tectos de folhagem sempre te cubram do sol e te protejam contra a neve! »

28 de Outubro

Galimatias

Li em voz alta uma admiravel pagina de um dos melhores commentadores da Biblia. Era a descripção maravilhosa do paraiso terreal. Depois, comparei-a com o que diz Mahomet do seu paraiso e achei-a superior. Mas o meu amigo Claudio França logo me contrariou a opinião.

— Não, meu amigo, o mais bello paraiso é o dos hindús, é o da India, cantado nos doces *elokas* do poeta Walmiki. Lê a sua descripção nesse « Ramayana », traducção Fauche, na quarta prateleira da estante.

Tirei o livro, abri-o e li:

« Grandes montanhas se elevam coloridas pelo sol. Rivalisam de explendor o brilho da prata, do oiro, da purpura sangrenta, da opala, da esmeralda e dos diamantes embebidos de luz. Em limpidos regatos cujas margens os lotus vermelhos e as nymphéas azues vedam ao olhar as gazellas esguias vêm beber. Arvores de mil especies cobrem essas aguas tremulas e macias com uma abobada florida e verde. Uma briza perfumada agita as ramas onde se occultam myriades de passaros matizados das côres das pedrarias, de vozes divinaes e ebrios e tontos de amor...

— O' Claudio, por que não existem essas mansões de paz, harmonia e delicias, que os velhos livros nos descrevem: o Paraiso dos Hebreus, dos Hindús e dos Arabes, o Parnaso e a Colchida, o céo dos Aztecas e a ilha de Ogygia, a Atlantida e as terras fabulosas dos Carthaginezes, os Campos Elyseos e o Paiz Azul que o nosso selvagem esperava ver além dos Andes?

— Ingenuo! Porque não pode existir a perfeição e não deve existir a felicidade!

Gatafunhos...

Houve quem naquelle alegre circulo de rapazes abordasse o thema religioso e affirmasse ser o Deus actual o ultimo Deus. Muitos soltaram gargalhadas de duvida e muitos approvaram a affirmativa. Mas um, dando expansão á sua crença, revoltou-se e affirmou que a religião em que acreditava e a sua familia e a sua raça crêra jámais se apagaria da face do mundo.

Claudio França, que se mantivera calado e triste, interveio:

« — Creatura vã que affirmas a eternidade daquillo que é menos eterno, lê aquelle trecho do canto segundo do *Child Harold*, que assim diz: « Os proprios deuses succumbem. As religiões se succedem: era a de Jupiter, é a de Mahomet, e outras crenças surgirão com outras épocas até que o homem saiba que o seu incenso fumega e as suas victimas sangram em vão, pobre filho da duvida e da morte, cuja esperança é construida no ar! » Lê isto, rapaz, e medita, e medita profundamente na philosophia immensa que dentro dessas palavras mora! »

E Claudio, erguendo o copo, fallou:

« — A' saude do ultimo deus! »

11 de Novembro de 1916

Gatafunhos...

Quem sáe de' Fortaleza, capital do Ceará, e demanda o interior pela velha estrada de Mecejana, ao chegar ao Alto da Balança descortina um bello panorama. O olhar se espraia por taboleiros que ondulam sem fim todos borrifados de moitas crespas, por varzeas humidas em que as carnahubeiras se alinham e se perfilam a perder de vista. O olhar se alonga até as cercanias da praia, na foz do rio Cocó. Avistam-se porções de duna, muito alvas, reluzindo, faiscando ao sol, limitando uma compacta massa de verdura que ennegrece o verde cinza da paysagem naquelle ponto. E do seio dessa mata cresce no ar, avulta na vibração luminosa do dia a copa magestosa, desmesurada, gigantesca, solitaria dum cajueiro enorme. E' como um zimborio de folhagem densa, um domo colossal de ramas e galhos, uma cupola altiva toda verde, que se eleva acima de todas as vegetações. Chamam-n'o o cajueiro do Moura.

Dizia-me outro dia, falando delle com saudade, um cearense exilado:

— « Era um poiso predilecto da minha vista, quando olhava, esmiuçando os taboleiros, de cima do Alto da Balança. Ha muitos annos não o vejo e talvez não o veja mais ou porque não volte á minha terra ou porque mãos desalmadas o tenham cortado. Não creio que morra de velhice. Acredito-o tão eterno quanto um oitizeiro que ha perto da egreja do Rosario em Fortaleza, e que é algumas vezes secular. O cajueiro do Moura, quando o via, lembrava-me aquelle celebre castanheiro siciliano, sob o qual se abrigaram dum aguaceiro a rainha Joanna a Doida e cem cavalleiros, o castanheiro dos cem cavallos. Recordava-me tambem a arvore gigante de que fala Pedro Vaz Caminha nas suas cartas e que os nautas portuguezes avistaram ao descobrir o Brasil, erecta, grandiosa, soberba e só, a dominar de um teso a ameada de Porto-Seguro. Tenho saudades do cajueiro velho, desejaria repousar á sua sombra, ou ao menos avistal-o ainda uma vez, e não seria de todo máu que me enterrassem debaixo delle...

11 de Novembro de 1916

Gatimanhos

Contaram scenas horriveis da fome durante a ultima secca do infeliz nordeste brasileiro. E todos os da roda soltavam exclamações de espanto. Então, Claudio França affirmou que as dôres mais atrozes, as sensações mais terriveis eram as da fome e da sêde:

« — Savigny, narrando os horrores do famoso naufragio da fragata *Medusa*, dizia que sentira arrancarem lhe o estomago com tenazes de aço. Roulin, na relação de sua viagem ao interior da Columbia, conta que elle e mais tres pessoas que o acompanhavam, torturados pela fome, devoraram cinco pares de chinelos e um avental de coiro de veado. Os marujos da náo *Catharineta* punham sola de molho para jantar. Franklin, explorando as regiões arcticas comeu sapatos velhos e roeu ossos despregados pelos ratos. Humbold conta que os Ottonacos do Orenoco, nas épocas de fome, se enchem com argilla. Na Nova Caledonia os Kaurtschadalos distendem o estomago engulindo serragem de madeira. E depois destes exemplos vocês ainda se admirarão que os miseros, desgraçados jagunços e retirantes do Ceará comam cardeiros, raizes e podridões ou comprimam o ventre, ao nivel do epigastro, com uma cinta de coiro? »

"A Gazeta Noticias"

Novembro - 9 - 1916 (Domingo)

. O deputado Gustavo Barroso expõe á vista dos homens de gosto vulgar um lindo "veston" azul, só comparavel "au complet vert" do seu collega Joaquim Salles. Os Srs. Barroso e Salles são os nossos mais elegantes parlamentares no que muito pese a gravata "papillon" do Sr. Carlos Peixoto, e mais as suas polainas "voyantes"

17

"Fon-Fon!"

Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 1916.

Dona Quixota

O espirito de aventura e de heroismo da mulher, consubstanciado pelos hellenos inventivos e fecundos na lenda cavalheiresca das Amazonas, que á margem do Thermodonte pereceram á luz gloriosa do sol e entre o tapezape das armas de bronze, jamais se tem apagado na historia da humanidade.

Em todas as guerras e devastações lá surge uma ou outra figura feminina a praticar prodigios, a galopar á frente dos regimentos, a combater no meio das batalhas. Não remontando á antiguidade classica nem precisando rememorar as coisas medievas, bastará tomar a esmo uns tres exemplos nos tempos modernos. No guerrilhar incessante e sanguinario da rebeldia vendeana uma amazona destemerosa, que guiava as partidas de camponezes, Antonieta Adams, era denominada o cavalleiro Adams. Na invasão da França em 1870, foram diversas as mulheres que se bateram de permeio com francos atiradores e garibaldinos ou se celebrisaram na conducção de despachos, na transmissão de ordens, no despistar as tropas prussianas. Na guerra do Paraguay, tivemos uma nortista, que se engajou como voluntaria, vestio a farda e sopesou a granadeira de munição, chegando a pisar o solo inimigo.

Na conflagração actual, tem sido divino o papel da mulher, anjo das enfermarias, santa milagrosa das obras de auxilio e beneficencia. Entretanto, apezar da grandeza nunca alcançada do flagello militar, quasi não existe um caso de heroismo verdadeiramente guerreiro da mulher. Talvez que a magnitude da sua missão agora, a responsabilidade da mãe, da esposa, da filha, da patriota, obrigadas ao arduo, fatigante, exhaustivo, heroico serviço dos hospitaes ou ao trabalho pesado, productivo e mais que util do fabrico de munições, tenha expulsado da moderna alma feminina as fantasias quixotescas. Mas é notavel que um abalo social tão grande não tenha despertado novas amazonas. Bemdita seja a mulher por ter neste transe da vida da humanidade ficado superior ao homem, afastada do espirito de matança e confinada nas altas idéas de consolação!

Outro dia, vi numa revista illustrada a photographia das manobras feitas pelas mulheres americanas, que ora muito se preoccupam com a defesa militar dos Estados Unidos. Os homens tinham querido dar-lhes unicamente serviços de acampamento, distribuição de viveres e munições, ambulancia, radiotelegraphia e signaes; porém ellas não se haviam conformado e exigiram uniformes, armas, disparos de canhões, aberturas de trincheiros e pontarias.

Foi-lhes feita a vontade. Ao vêl-as em formatura, com o chapéo tradicional das milicias yankees e as carabinas perfiladas, eu pensei na historia veridica e inacreditavel da Monja Alferes, mulher que foi mais que homem, virago duellista e aventureiro, que escreveu as proprias memorias, para que José Maria de Heredia as traduzisse, publicando assim um livro de prosa.

Dona Catharina de Erauso era quasi nobre, biscainha e noviça do convento de S. Sebastião o velho. Um dia fugio, cortou os cabellos e embarcou para a America hespanhola, nesse tempo terra abundante que fornecia riquezas aos Felippes de Castella, a bordo dum galeão como grumete.

Durante muitos annos, correu aventuras do isthmo de Panamá aos pampas argentinos, soldado, salteador, duellista, jogador, negociante, sempre desejado pelas mulheres que cuidavam fosse um rapazinho e a perseguiam sem treguas.

Foi alferes das companhias de guerra que caçavam indios, atravessou os desertos e os Andes, matou duzias de homens em duellos, pregou á faca nas grossas mesas de pinho a mão dos jogadores atrevidos e foi condemnada á morte muitas vezes, sendo salva por milagrosos imprevistos quando já com a corda no pescoço ou os pés sobre a fogueira. Na batalha de Valdivia, tomou uma bandeira, galopou noites inteiras com mulheres raptadas na garupa e foi gravemente ferida diversas vezes.

Voltando á Europa, teve uma pensão de Felippe III de Castella, e do papa Urbano VIII, que pessoalmente visitou, obteve licença para andar vestida de homem, passeando a sua insolencia, arrastando com arrogancia esporas e a ponteira do espadagão pelas ruas de Roma e de Napoles. Não termina as suas memorias e ninguem sabe ao certo como se finou. Dizem alguns que num combate, no Mexico. O povo, porém, ainda hoje acredita que o diabo a carregou em corpo e alma.

Hespanha, terra mãe de Dom Quixote, não podia deixar de produzir uma Quixota. Deu-a ao mundo original, burlesca e forte, typo extraordinario de alma romanesca e militar, Não invejemos tal gloria e nem desejemos para as lindas mulheres da nossa terra e da nossa raça taes inclinações.

Jotaenne

"Fon-Fon!" - 18-Novembro-1916

Garatujas

Alguem me falou dum festival de caridade que se realizou ultimamente e no qual uma conhecida e distincta amadora representou um papel difficil e impressionante. Esse alguem desfez se em elogios á artista e me affirmou que era superior a muitas artistas de nomeada, tendo uma admiravel vocação para o theatro. Então, falamos de actores celebres e commentamos os seus triumphos. Claudio França disse:

— Temos actualmente grandes artistas da scena, sobretudo na França. Entretanto, nenhum é capaz de emocionar o publico como os gregos outr'ora o faziam, não medindo sacrificios para isso.

Duvidamos. E Claudio nos contou com singeleza uma anecdota que está incluida nas «Noites Atticas» de Aulo-Gelio:

— Havia na Grecia um actor chamado Polus que não encontrava quem o igualasse em pureza de voz e graça de attitudes. Representava as obras primas com arte e habilidade profundas. Morreu-lhe o filho que amara loucamente. Depois de longo luto voltou ao palco. Na «Electra» de Sophocles, que representava em Athenas, devia trazer a urna dentro da qual estão as cinzas de Orestes. Electra chora, geme e lamenta-se, abraçada aos restos mortaes do irmão. Nessa epoca os papeis eram representados por homens ou mulheres indifferentemente. Polus fazia de Electra. Apresentou-se coberto de lugubres vestes e tinha na urna que abraçava os ossos do proprio filho, que tirara do tumulo, para que a sua dôr não fosse simulada e sim verdadeira. Imaginem a emoção dos Athenienses!

E todos nós concluimos:

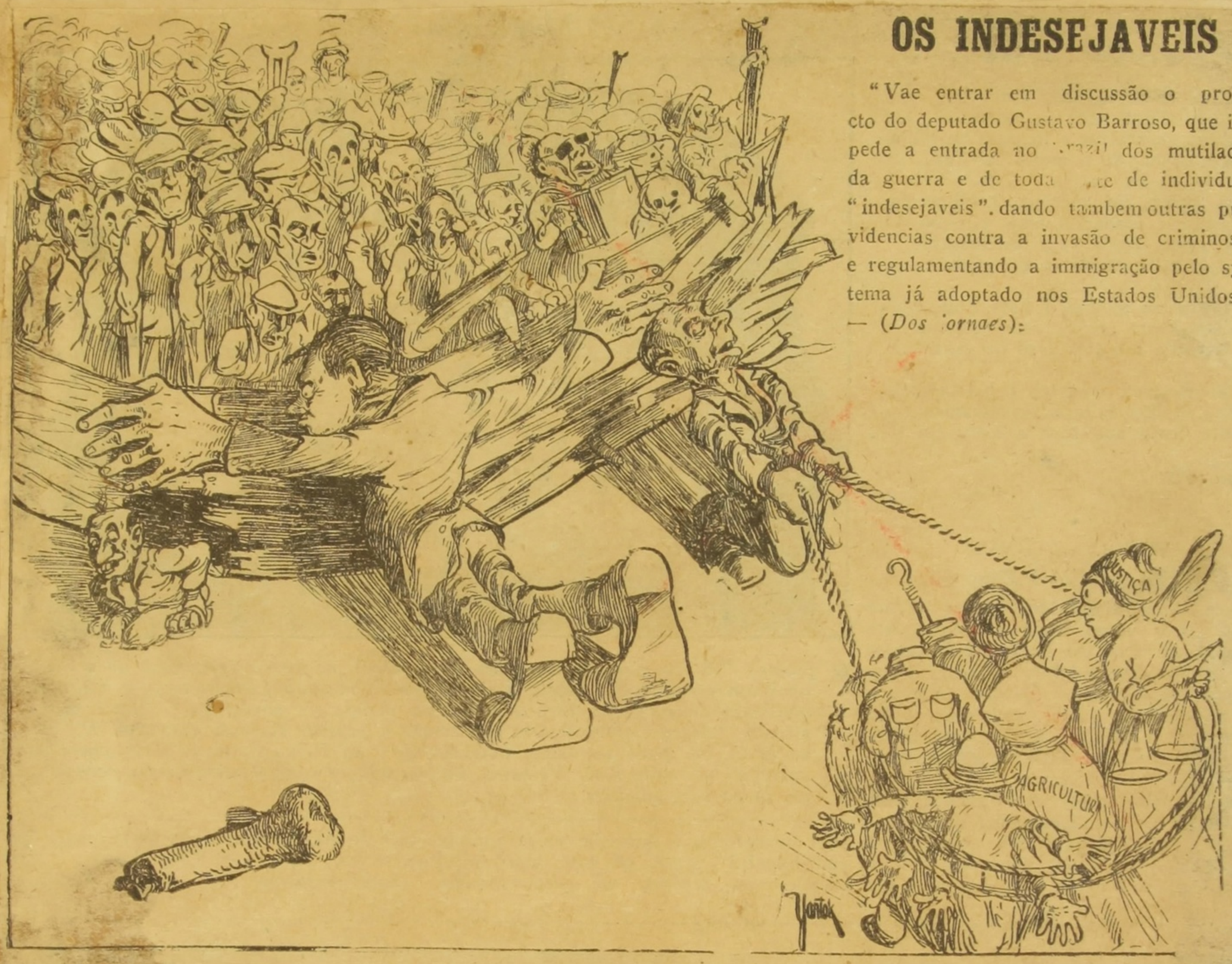
— Era muito amor á arte!

28

"O Malho" 11. Nov.º - 1916

OS INDESEJAVEIS

"Vae entrar em discussão o projecto do deputado Gustavo Barroso, que impede a entrada no Brazil dos mutilados da guerra e de toda a sorte de individuos "indesejaveis", dando tambem outras providencias contra a invasão de criminosos e regulamentando a immigração pelo systema já adoptado nos Estados Unidos." — (*Dos Jornaes*).



ZÉ' POVO : — Aguentem lá essa torrente de mutilados, de "indesejaveis" estrangeiros !

Sabe Deus o que me custa aguentar este troço de phenomenos nacionaes, verdadeiramente "indesejaveis" : homens sem cabeça e com muitas algibeiras...gente com muitas unhas para roubar... Justiça de olhos arregalados... Agricultura sem braços, etc., etc. !

Parece incrivel tanta gana para roer o osso a que o Brazil ficou reduzido, com tantos "indesejaveis" d'aquem e d'além mar !...

"Fon-Fon" 25 de Novembro de 1916

Gatafunhos...

Contava-me um sympathico voluntario da Reserva Naval :

— « Meu amigo, nada me commoveu tanto na cerimonia do juramento da bandeira quanto o nosso regresso ao arsenal de marinha.

Na praia do Flamengo, as mais distinctas familias nos apreciaram e applaudiram. Houve palmas e flores. Milhares de applausos sairam da multidão.

Mas ao chegarmos na rua Marechal Floriano, na marcha de retorno, esperava-nos o verdadeiro povo : calafates, pescadores, marinheiros, catraeiros, trabalhadores do cáes, empregados do porto, gente singela e valorosa da Saude e da Favella. E foi della que partio a mais ruidosa acclamação. Acompanharam-n'os de lanternas e archotes accesos, agitando lenços, dando vivas. Então, sentimos o verdadeiro povo commungando comnosco. »

Garatujas

— Outro dia, na praia do Flamengo, um peixe deu tão grande dentada na perna duma banhista, que levou o naco na bocca !

— Isto não é nada. No mez passado, depois de uma ressaca, appareceu perto da ilha Rasa um tubarão de dez metros de comprimento. A rapaziada do club Botafogo, que fôra pescar lá fóra numa baleeira, regressou aterrorisada.

— Ora, meu amigo, peior foi a arraia jamanta que na semana passada surgio adiante da fortaleza de São João. Era um monstro !

Parecia uma ilha ! Um amigo meu harpoou-a, mas como o seu barco era pequeno, deu o chiquote do cabo do harpão a um rebocador de alto mar, que passava perto.

O rebocador deu atraz e a arraia nadou para diante...

— E rebocou o rebocador ?

— Não, porém o cabo de linho partio-se !

— Ufa !

Gatimanhos...

Caçapava ! O rapido paulista parou, descarregando o vapor dos freios como quem dá um grande suspiro de allivio. Ao meu lado um casal de caipiras esmiuçava com os olhos o casario fronteiro. Eu apreciava um pequeno jardim publico bem cultivado e bem arranjado que ficava de permeio a estação e a primeira rua. Nisto o fazendeiro, homem de sessenta annos, escuro da soalheira dos cafezaes, sêcco e musculoso. olhos escuros e penetrantes, qualquer cousa de astucioso, de vulpino no rosto ruguento, toca na mulher com o cotovello. A matuta, velhinha miúda, de pupillas espertas, face engilhada, toda encolhida na sua manta de quadrados azeitonada, voltou-se para o marido. Este estirou o braço e apontou-lhe adiante, numa esquina, a loja de fazendas dum turco.

Tambem olhei. Uma taboleta espectaculosa enchia a fachada. Li: *A Musica dos Beijos*. Ia sorrir quando a velha falou. Prestei attenção.

— « Credo ! Que turco audacioso ! Elle pensará que isto aqui é como aquella semvergonhice da terra delle, onde um homem tem dez mulheres ? Filha minha não ia comprar naquelle desgraçado. Turco sem caracter ! »

"Gazeta de Noticias"
artigo de fundo
24
Agosto
919

OS INDESEJAVEIS

Vamos, afinal, resolver o problema dos indesejaveis. Não por lei nossa, que regule uma questão de ordem interna, que só a nós interessava, mas pelo convenio que daqui a alguns mezes haveremos de firmar, "ad referendum" do Congresso, com o Uruguay e a Argentina.

Realmente esse facto não é muito lisonjeiro para nós, nem dá provas muito evidentes da comprehensão que deveriamos ter do nosso direito de soberania... Porque, no fim de contas, não ha hoje em dia paiz nenhum civilisado que não fiscalise a entrada de estrangeiros em seu territorio. Mesmo os Estados Unidos, cuja democracia imitamos e cuja constituição copiamos, com excessivo servilismo, adoptam leis muito severas sobre a immigração: nos portos americanos não entra quem quer e a policia maritima "yankee" não se limita só a prohibir o desembarque de caftens, gatunos conhecidos e anarchistas. Ella exige um pouco mais: exige, entre outras cousas, que o passageiro exhiba documentos de honestidade, certificados de bom comportamento, folhas corridas authenticadas; que elle explique o que vai fazer na grande republica, diga os seus recursos, os seus antecedentes, a sua profissão, não seja um vagabundo, nem um mutilado, que iria pesar sobre a economia do paiz. O inquerito é rigoroso e cheio de minucias e uma só destas não satisfatoria basta para recambiar o passageiro ao porto de origem. O mesmo acontece — para não ir além — na Argentina e no Uruguay. Mas no Brasil não ha nada disso. A nossa vigilancia é tão superficial, que mesmo os exploradores de escravas brancas conseguem burlar a policia e, uma vez aqui estabelecidos, permanecem quanto tempo quizerem, na maioria dos casos. E' verdade que temos uma lei de expulsão, mas tão fraca, tão benevolente, que as autoridades policiaes desistem de perseguir os caftens, pois que difficilmente conseguem da Justiça poderes para os expulsar do paiz. Lei de indesejaveis, dessa não cuidamos jámais. Os nossos portos são francos para contrabandos dessa especie...

Assim temos vivido, na graça do Senhor!

Ha tres annos um deputado trabalhador e sinceramente preoccupado com os interesses do paiz, apresentou um projecto de lei á Camara, estabelecendo as normas pelas quaes qualquer estrangeiro poderia desembarcar e permanecer no territorio nacional. Era um projecto de uma grande clareza, sem nenhum exagero, sem nenhum ponto que melindrasse a nossa vestalissima constituição. Elle fôra moldado em disposições usadas em outras nações tão liberaes quanto a nossa e a Commissão de Justiça da Camara o apoiára inteiramente. Justificando-se, não só o seu autor como o relator, disseram que o Brasil não podia adiar por mais tempo a votação de semelhante lei. A guerra, mais dia menos dia, teria um fim e, logo após elle, se daria um verdadeiro exodo de europeus de toda a casta, revolucionarios perseguidos, mutilados inuteis para qualquer trabalho, familias de mendigos, o rebutalho que se não sustentaria em suas patrias por falta de recursos. Toda essa gente viria aportar a nossas plagas, porque eramos a terra unica onde não havia uma lei que impedisse o desembarque della! Tudo isso foi demonstrado exhaustivamente. Mais se provou ainda. Provou-se que nós precisamos de defender o trabalho nacional, defender os direitos adquiridos pelos nossos operarios. Se não admittimos a concorrencia estrangeira no commercio de artigos por nós fabricados, não é licito admittirmos que braços estrangeiros venham concorrer, com operarios aqui residentes ha muito tempo, em certas industrias para as quaes já dispomos de artifices em numero sufficiente. Carecemos, é certo, de immigrantes, mas não para as industrias fabris: precisamos para a lavoura.

E, assim, o que deviamos fazer era seleccionar a immigração, tolerando unicamente aquella que se destinasse aos trabalhos da agricultura e nunca os que pretendem ficar parasitariamente nos centros populosos. E esse ponto de vista era só referente aos homens validos, porque, quanto aos invalidos esses não nos podiam convir de fórma alguma, salvo se pretendessemos transformar o Brasil num hospital ainda mais vasto do que elle já realmente o é...

A precaução, porém, devia ir mais adiante.

Sabiamos o que se passava no velho mundo; viamos como ali os fermentos anarchicos se iam desenvolvendo; como elles eram severamente perseguidos pelos elementos sãos da sociedade. O antigo anarchismo, o velho nihilismo fundiram-se, quintessenciaram-se numa classe nova: a do bolshevismo. Justas aspirações de classes, até então conduzidas com relativa calma e dentro de uma ordem mais ou menos normal, foram repentinamente envolvidas pelo furacão dos "soviets". Agora não se pedia mais, não se disputava um direito dentro das normas da legalidade: era a imposição brutal e violenta, era a revolução plena com todas as suas terriveis consequencias, era a confusão de interesses materiaes com desvairadas ambições politicas e tudo isso se argamassava com o sangue de milhares de creaturas, muitas das quaes innocentes nesse tumulto, outras tantas victimas de uma illusão perigosa. E como a sociedade naturalmente reagia contra essa onda avassalladora e a procurava dominar, os vencidos, certamente, haveriam de emigrar para outras terras, onde continuassem a sua nefasta obra.

Nessas condições, razoavel seria que cada paiz precavidamente cuidasse de evitar esses elementos indesejaveis.

Todos o fizeram, menos o Brasil, embora a propaganda do maximalismo se fosse aqui desenvolvendo e della já tivessemos colhido alguns frutos bem amargos...

E por mais que se reclamasse, por mais que a imprensa mostrasse o perigo desse liberalismo estupido e as autoridades policiaes, nos seus relatorios, divulgassem factos edificantes sobre o desenvolvimento entre nós da praga anarchista, nada se fez.

O perigo já não era só nacional: era continental, porque nada impedia que esses máos elementos de que nos iamos saturando, começassem a transbordar pelas nossas fronteiras para os paizes limitrophes.

Talvez dahi nascesse a idéa do convenio proposto ao nosso governo pelo chanceller da Republica do Uruguay...

Convenhamos que seria mais honroso para nós que os delegados que vamos enviar ao Rio da Prata ali comparecessem mostrando as providencias que anteriormente tomaramos contra os indesejaveis, para comparal-as com as já adoptadas pelos nossos vizinhos. Ao invés disso, vamos aprender e... concordar!

Emfim, não lastimemos muito essa imprevidencia indesculpavel e contentemo-nos, por agora, em applaudir a idéa do convenio, que nos permitte estabelecer a lei dos indesejaveis, a lei de defesa social, que já deviamos ter adoptado ha muito tempo.

30

"Brasil-Ferro-Carril"
Rio, 30 de Novembro de
— 1916 —

PROJECTO DE LEI DOS INDESEJAVEIS

O nosso prezado confrade João do Norte apresentou na Camara dos Deputados, na qual tem assento sob o pseudonymo de Gustavo Barroso, um projecto de lei sobre a entrada de extrangeiros em territorio nacional, que é realmente muito opportuno, sendo provavel que ainda este anno seja approvado nas duas casas do Congresso e sanccionado pelo Presidente da Republica.

Neste projecto ha alguns dispositivos que merecem reparos, entre os quaes o que se contem no artigo 3º, para o qual, desde já nos permittimos a ousadia de chamar a attenção do nosso confrade João do Norte, para que o jornalista emende o cochilo do deputado, pois esse artigo estabelece uma formalidade que, sem evitar a entrada no paiz de aventureiros e patifes indesejaveis, que sempre a poderão cumprir, vem difficultar a immigração desejavel, conveniente e proveitosa.

A propria lei americana de immigração — que é a mais severa de todas quantas, de facto, existem no mundo — não inclue essa formalidade a que se refere o artigo 3º do projecto de lei do nosso confrade João do Norte, cujos termos são os seguintes:

"Art. 1.º O Governo Federal impedirá a entrada no territorio da Republica aos individuos de nacionalidade estrangeira cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou de ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados de qualquer especie, criminosos condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 e menores de 16.

Art. 2.º Ficam exceptuados dessa prohibição:

a) os cegos, surdos-mudos, paralyticos e mutilados que provarem ter rendimentos bastantes para viverem sem recorrer á capacidade publica ou familia que os possa manter;

b) os enfermos de molestia contagiosa ou incuravel no unico caso de serem transferidos de um sanatorio estrangeiro para estabelecimento congenere nacional;

c) os criminosos politicos;

d) os idiotas, imbecis e alienados mentaes de qualquer especie transportados de um estabelecimento de saude estrangeiro para um nacional ou que tenham familia que os possa manter-los;

e) as mulheres sós desde que provem qualquer uma das seguintes condições:

1ª, vir para a casa de sua familia domiciliada no Brazil;
2ª, vir para emprego ou collocação determinada;
3ª, ter rendimentos proprios;
4ª, documentando profissão honesta, trazer duzentos mil réis, ouro, quantia sufficiente para as primeiras despezas antes de encontrar collocação;

f) as viuvas com filhos menores de 16 annos que estiverem nas seguintes condições:

1ª, possuam rendimento proprio;
2ª, venham para casa de sua familia já domiciliada no paiz;
3ª, tendo profissão certa, tragam quatrocentos mil réis, ouro, quantia destinada ás despezas de primeira installação;

g) os homens maiores de 60 annos que sejam chefes de familia que os possa sustentar ou possuam rendas particulares;

h) os menores de 16 annos que venham acompanhados de suas familias ou responsaveis, que se destinem á casa destes se os tiverem domiciliados aqui; que venham para collocação determinada ou com destino a qualquer estabelecimento de instrucção do paiz.

Art. 3.º *Ao entrar no territorio nacional, o individuo de nacionalidade estrangeira deverá apresentar ás autoridades competentes um certificado das autoridades do seu paiz de origem, visado gratuitamente pelos representantes consulares do Brazil provando sua identidade e conducta, que não soffreu condemnação ou penas infamantes e nunca exerceu a mendicidade.*

Art. 4.º Todo o estrangeiro que tentar por qualquer meio fraudar esta lei será expulso do territorio nacional, ficando inhibido de nelle jámais penetrar;

Art. 5.º O Governo Federal empregará para executar a presente lei sem o menor augmento de despeza, nos portos a policia maritima e nas fronteiras a aduaneira.

Art. 6.º A presente lei entrará em vigor logo após sua promulgação.

Art. 7.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Sessões, 18 de Setembro de 1916. — Gustavo Barroso."

"J. do Commercio" - Ed. Manhã
3 - Dezembro - 1916

O joven Deputado Gustavo Barroso, um talento adamantino, tem, no Congresso, um projecto sobre os «indesejaveis». Isto toda a gente sabe. Mas o que todos ignoram é a existencia nesse projecto de um artigo pelo qual ao extrangeiro que, ao desembarcar, ao pisar terra brasileira, apresentar um bilhete do loteria federal do Natal, será dispensado a melhor acolhida.

"Fon-Fon!" 2 - Dezembro - 1916

Confabulam á porta da *Associação dos Empregados no Commercio*, ambos jovens, ambos fortes e sadios, o deputado Gustavo Barroso e o professor de esgrima Jacob Nogueira. O assumpto da palestra deve ser jovial, porque os dois estão evidenciando bom humor.

Alguem que os observa e os conhece intimamente define-os assim:

— O Gustavo Barroso, aliás João do Norte, conhece a fundo a esgrima das leis emquanto que o Jacob Nogueira é senhor de todas as leis da esgrima.

Gatafunhos...

O trem parou na estação de Maxambomba. Era de manhã muito cedo. Ainda umas nevoas esfarrapadas preguiçosamente se arrastavam pelas serrotas proximas. As plataformas da *gare* estavam vazias. Fiquei á janella do vagão olhando o povoado adormecido com a sua camara municipal espaventosa logo á frente. Tres ou quatro casas commerciaes estavam abertas: um café, um botequim, uma agencia de loterias e creio que a loja dum turco.

Estava, para matar o tempo, examinando-as uma por uma, quando deparei com o lettreiro da casa de loterias e jogo do bicho, em caracteres vermelhos, garrafaes, na platibanda: — *Centro loterico e litterario.*

Fiquei absorto. Loterico muito bem, estava direito, era aquillo mesmo; mas litterario por que? Cuidei logo em reuniões alli realisadas dos poetas da terra, talvez sob a presidencia sympathica do Manoel Reis. Abandonei a idéa. Não era possivel. Maxambomba ainda não estava de todo depravada pela visinhança do Rio. Pensei e repensei e já estava quasi sem encontrar motivo para aquelle distico, quando por acaso atinei com a razão. A agencia de loterias de Maxambomba tambem vendia jornaes e revistas da capital. Lá estavam elles ás duzias pendurados das portas, suspensos do balcão. Era por isso que a casa além de loterica chegava a ser litteraria — porque vendia jornaes...

"Fon-Fon!" 2 Dezembro 1916

16 - Dezembro - 1916

Garabulhas...

Aquelle senhor de idade que alli conversava comnosco tinha nos seus punhos enrolados á moda antiga dois interessantes botões, camafeus finissimos, que representavam Castor e Pollux. Pedimos licença para vêl-os mais de perto. Elle entregou-os e nos contou, emquanto os examinavamos, o seguinte :

— « Fulano era no tempo do imperio um dos mais ricos negociantes do Rio de Janeiro. Infeliz em certas transacções, fallio. A fallencia foi considerada fraudulenta, embora elle ficasse sem um vintem. Hoje em dia isto seria deshonroso sómente porque o sujeito sahia pobre. A fraude é titulo de gloria e passaporte excellente para a sociedade. Mas naquelle tempo era o diabo. Um fallido fraudulento nunca mais se aprumava na vida. Fulano ficou reduzido á ultima miseria. Não lhe davam em parte alguma um logar de caixeiro vassoura.

Alguns annos passaram e encontrei-o na rua Nova do Ouvidor, de manhã, irreconhecivel. Veio pedir-me uma esmola, esqualido, sujo, rasgado, a barba enorme. Disse-me seus soffrimentos. Contou-me que disputava aos cães os restos das latas do lixo! Apiedei-me delle, dei-lhe algum dinheiro e tanto fiz que lhe arranjei em breve um emprego de duzentos mil reis.

Dois ou tres annos depois, recebi um recado seu. Estava para morrer e queria vêr-me. Fui á casa modesta onde habitava. Só fazia agradecer-me o favor que lhe fizéra. Nunca imaginei que pudesse haver tão fervorosa gratidão. Foi o primeiro e unico exemplo que tive na vida. Já ao expirar elle me deu este par de botões. Tinham sido de seu pae. Passára as maiores necessidades e nunca os puzera no prego ou se desfizera delles. Eram uma lembrança sagrada. Que eu os guardasse e usasse, pois tinham sido dum desgraçado que soccorrera.

Não usei os botões por andar sempre com outros, de familia. Mas hoje estou empobrecido como aquelle homem que soccorri e uso os seus botões como um desgraçado que anda com a herança de outro desgraçado! »

O senhor de idade estava com lagrimas na face e nenhum de nós tinha os olhos enxutos...

Garatujas...

Alguem criticára as denominações do jogo de cartas portuguez : copas, oiros, espadas e páos, achando-as improprias e comparando-as com as denominações francezas, mais consentaneas com as figuras : quadrados, lanças, corações e flôres. Não acceitei a critica e disse que as figuras do nosso baralho não estão de accordo com os nomes, mas isto porque usamos as figuras francezas e os nomes vernaculos. Entretanto, outróra o jogo portuguez e o hespanhol tinham cartas proprias. Nelle os oiros eram representados por moedas, as copas por taças, os páos por bastões e as espadas por gladios.

Claudio França interveio :

« — Outrora, todos os baralhos de Italia, Hespanha e Portugal eram assim. Nós fizemos mal em adoptar as figuras francezas, porque conservamos as nossas denominações e essa combinação parece um disparate. Deviamos ter baralhos portuguezes em tudo. Bem fazem os milanezes em conservar o seu velho jogo do Taroco com as suas 52 cartas, os seus vinte azes representando o Papa, a Papiza Joanna, um bôbo, um enforcado, os amantes, a fortuna, a morte, etc., cujos naipes se chamam : *bastone, danari, spade* e *coppe*. A nossa raça, porém, não guarda tradições ; ademais critica o que sabe e o que não sabe, aquillo de que entende, tambem aquillo de que nada entende. »

O homem que fallára primeiro calou-se.

Gatafunhos...

Fallámos acerca do celibato dos padres. Houve quem, calmamente quebrando a cinza branca do charuto na borda do cinzeiro de Majolica, o condemnasse e houve quem muito o elevasse, declarando-o necessidade que santificava a egreja. A controversia generalisava-se quando Claudio França deu esta idéa :

« — Vamos a respeito consultar um padre. Não póde haver melhor juiz do que quem sente os effeitos e sabe as causas de uma medida. »

A opinião foi geralmente acceita. Estavamos dispostos a fazer treguas de palavras, verdadeiras Treguas de Deus, até encontrarmos um padre amigo no qual tivessemos confiança para fazer a pergunta. E citamos os nomes de sacerdotes amigos que iriamos consultar, quando eu, abrindo por acaso um largo folio que estava sobre a mesa dei com esta pbrase :

« Em 1063 o clero da Lombardia fez a guerra civil para se não submetter á lei do celibato imposta pelo Papa. »

Todos accorreram e leram estas palavras. Olhamos-nos sorrindo os que eramos contra o celibato. Claudio disse :

« — Não precisamos mais consultal-os. A historia universal respondeu por elles ! »

Galimatias

Eu saía do theatro e rumava para a minha poisada quando encontrei o meu amigo Claudio França, de casaco, rodopiando a *badine* entre os dedos enluvados e fumando um delicioso charuto de Monterey.

Trocámos um abraço leal e proseguimos conversando. Duma casa de chà surge ligeira e leve uma deliciosa mulher. Atravessou o paseio envolta na sua pelliça rica e penetrou num *landaulet* que a esperava perto.

Reluziram joias e dois olhos fascinantes. Um perfume caro ficou no ar frio da noite. O carro partio. Voltei-me para o amigo e fiz uma enthusiastica prelecção sobre a belleza feminina e a sua influencia sobre nós homens, que nos apregoamos tão fortes. Por que ella nos seduz de tal sorte? Por que nos maravilha tanto? Por que nos arrasta atraz de si?

Claudio teve um riso perverso. Caminhamos mais uma quadra. Elle parou e disse-me :

« — Todos nós corremos a vida inteira atraz duma inaccessivel e incançavel meta que não existe — a felicidade. Nesse desejo de possuil-a gastamos todas as horas e todos os minutos. Ainda morremos com a esperança de outras felicidades, campos elyseos nirvanas, paraisos, céos, reincarnações. A felicidade é a miragem do nosso deserto. Para alcançal-a fazemos os mais vãos esforços. Eis ahi porque nos attrae de tal maneira a formosura das mulheres. A mulher bonita na phrase profunda de Stendhal, não é mais do que «uma promessa de felicidade». Serve-te a explicação? »

Garatujas...

Fallei no meu projecto de tirar de um livro sómente cem exemplares, distribuil-os aos amigos e depois quebrar os *clichés* que serviram na impressão. Claudio França dissuadio-me dessa idéa.

« — Nada vais fazer de original. Já muita gente tem feito edições semelhantes e outros têm-te passado a perna em originalidade.

O duque de Litta, rico fidalgo lombardo, que Napoleão nomeára *grand-chambellan* do reino de Italia, escreveu uma obra «Historia das Familias Illustres da Italia», um velho estylo, com maravilhosas gravuras. Pois bem, esse homem que tinha oito mil libras de renda, mandou tirar de tal livro um unico exemplar.

Stendhal que o manuseou achava-o uma obra notavel. O autor, porém, fez destruir a composição, as gravuras, as provas e o manuscripto depois de impresso o volume. Teve-o sempre religiosamente guardado em casa. Consentia que o examinassem e lessem na sua presença afim de nada copiarem. E quando morreu mandou queimal-o á sua vista.

A vista de tal exemplo continuarás com a tua idéa? »

Garatujas

Contei dum encontro, que tivera em viagem, a bordo dum paquete do Lloyd. Falava com um sujeito sobre a feiura de certo rapaz que conhecêra aqui no Rio. Chamei-o Quasimodo o degenerado. Depois de algum tempo, o meu companheiro de bordo declarou :

— « Esse Matheus Moreira, tão feio assim, de quem o senhor está falando, é meu filho. »

Não me sumi pela terra adentro, porque não era possivel.

Claudio França poisou o charuto no cinzeiro e falou :

— « Stendhal, andando pela Italia, teve ensejo de encontrar um companheiro de viagem com quem parolou muito sobre musica e musicos italianos. De Rossini afirmou que nascera com genio e sabia crear grande riqueza de acompanhamentos e belleza de cantos. Ao despedir-se, o homem deu o seu nome : Rossini. Stendhal, no livro em que conta tal aventura, acrescenta : « Felizmente e por benevolo acaso não lhe falei da preguiça de Rossini, do desleixo de Rossini e dos plagios de Rossini ! « E' por isso, meu caro, que o vulgo diz ser o silencio de oiro. »

32

"Fon-Fon!" — 16 - Dezembro - 1916

Garatujas...

Não são sómente os poetas francezes que têm cantado o excepcional valor do soldado francez. Mais não o têm cantado poetas estrangeiros, porque nunca nenhuma nação produzio um Victor Hugo, que foi até hoje quem os cantou melhor. Entre os poetas do mundo talvez tenham sido os de raça allemã que mais elevaram a gloria do guerreiro gaulez. Henrique Heine pinta nas *Grenadieren* com côres maravilhosas a dedicação dos *grognards* por Napoleão. Basta citar dessa formosa poesia a quadra final, para se vêr o enthusiasmo de Heime:

"Escarve-me o corcel do Imperador-soldado
A deslembrada córa, aos rufos do tambor;
E aos roncos do canhão resurgirei armado,
Para morrer por ti, ó meu Imperador!"

O barão de Zedlitz, que fôra do estado-maior austriaco nas guerras contra Napoleão, não cansou jamais em seus versos de exaltar a coragem franceza. Foi elle quem escreveu a famosa poesia a «Revista Nocturna», em que o Cesar francez passa fantasticamente diante do seu exercito lugubre, sahido á meia noite em ponto das sepulturas e alinhado numa extensa planicie ao som dum tambor macabro. Essa poesia inspirou talvez a mais bella litographia de Raffet.

Ha versos assim:

"Os alvos craneos ao luar reluzem,
Tremem pennachos que formosos são,
As armas tinem, os cavallos rincham,
Mastigam freios, escarvando o chão!"

Poetas italianos cantaram a *furia francese*. Poetas Inglezes, Hespanhoes, Belgas, Dinamarquezes e Russos, todos perpetuaram a valentia do melhor soldado do mundo. Aqui no Brasil tivemos a cantar a epopéa Napoleonica Domingos José Gonçalves de Magalhães:

"O infernal retintim do embate das armas,
O sibilo das balas que gemiam,
Eram como úma orchestra aos seus ouvidos!
Abobadas de balas pelo inimigo aos centos disparadas,
Aos seus pès se curvavam respeitosas..."

Agora apparece mais um poeta brasileiro endeusando o valor militar da França. E' o Sr. Ulysses Sarmento, que fez uma «Ode aos soldados Francezes», mostrando que jamais se acabarão rimadores estrangeiros que cantem a bravura da gente que venceu Jeanne d'Arc e Du Guesclin, com Turenne e Condé, em Rantzan, Berwick e o duque de Villars, com Hoche, Pichegru e Massena, com Bugeaud, Mac-Mahon e Lamoriciére, agora com Joffre, Foch e Pétain. A ode é toda de bellos versos e nella ha evocações assim:

"Sois os mesmos heróes, os mesmos bravos de hontem!
Perdura a mesma fè no vosso coração!
O que sois e valeis, que altos feitos apontem,
E paginas de luz a vossa historia contem.
Almas gemeas de Joffre e de Napoleão!"

Garatujas...

Era um homem magro e pallido aquelle que passou pela minha porta numa cinzenta e triste manhã de chuva. Morava no quarteirão proximo e sube depois que era vegetariano, vivia de um pequeno rendimento e gostava de conversar. Uma feita, no bonde, palestrei com elle. Começou a explicar-me o seu systema religioso e demorou-me meia hora á porta de casa com a peroração. Maçador!

Disse-me que somente comia vegetaes: legumes e fructas, que eram sagrados por que sempre foram offertados aos deuses. Os seus deuses eram todos os de todas as religiões. Pretendia reunir em si o fetichismo, o polytheismo, o monotheismo e o pantheismo do Universo. Elle era uma especie de microcosmo religioso. Assim, não devorava o carneiro porque a religião catholica o sagrara acompanhando S. João Baptista, para não esquecer o Aries do Zodiaco nem os autos da offerenda pagã e Zebraica. Não se alimentava com a carne vaccum, porque o touro fôra uma forma de Jupiter amoroso; o boi — deus dos Egypcios, seguidor de S. Lucas; e a vacca emblema da fecundidade de muitos credos antigos.

Não comia o porco, porque o suino selvagem era quasi deus dos gaulezes, nem as gallinhas, porque o gallo fôra quasi deus tambem dos merovingios. O ganso lhe era defeso em recordação dos gansos sagrados do Capitolio. Não montava a cavallo por causa de serem divinos os cavallos carthaginezes de Eschmun nem em burro em lembrança do asno adivinho de Balaão. Nunca deixára de acariciar um cão onde o encontrasse como signal de respeito por Assubis. Não admittia peixes á sua mesa porque todos descendiam de Oannés, o peixe mystico da Assyria, ou dos lottos primordiaes da Phenicia; e ovos tambem, porque o ovo era santificado entre os mahometanos e significava o ovo mystico do passaro Roca ainda repetido annualmente pelos ovos da Paschoa.

E acrescentou:

— «O sr. vae admirar-se certamente, mas eu não adoro somente esses animaes uteis ou domesticos. Adoro os bichos selvagens. Quero muito aos lobos, porquanto eram adorados pelos indigenas da America do Norte. Estremeço as lagartixas, os calangros, os tejuassús, os camaleões e os jacarés, visto como os povos do Benin adoram o lagarto. Prostemo-nos diante dos urubús, pois que os oschantis deificaram o abutre, que já é com o gavião sagrado desde o Egypto.»

Eu o interrompi:

— «O meu amigo, não deve comer mais cenouras, rabanetes e nabos.»

— «Por que?»

— «Porque elles recordam a raiz do Baarás, divinisado no Oriente.»

— «E' verdade! que sacrilegio tenho commettido! Jamais comerei desses legumes!»

— «Tambem não deve comer fructas.»

— «Por que?»

— «Lembre-se do pomo da Discordia, dos pomos de oiro que Herailes roubou no jardim das Hesperides, da maçã paradisiaca...»

— «Não comerei mais maçãs!»

Despedio-se e partiu, gesticulando. Não era maçador. Era maluco e andava em liberdade! Que perigo, santo Deus!!...

"Fon-Fon!" - 23 - Dezembro - 1916

Gatimanhos

Escreve-nos um leitor assiduo:

« Sr. Redactor. Sou um *habitué* do corso, aos domingos, na praia do Flamengo, mais, muito mais constante do que fui, em tempos infelizmente passados, no que se realisava ás quartas-feiras á praia de Botafogo, sob o patrocinio do saudoso Figueiredo Pimentel. O Flamengo é um dos mais lindos trechos do Rio de Janeiro. A vista da entrada da barra e a perspectiva dos montes que vão de Santa Cruz ao sacco de São Francisco, maravilhosa. Cada momento dos longos crepusculos de verão toda a paysagem cambia de tonalidade sob o oiro enrubecido do sol. Ha verdes de turmalinas nas selvas que se irisam de tons aureos e purpureos. Ha toda a tremulina azulea da agua que córa aos beijos da luz. E nem fallo do encanto das mulheres e da polychronia elegante e sensual dos seus vestidos claros.

Desculpe, Sr. Redactor, esforcei-me em fazer todas essas phrases meio petulantes, meio literarias, sómente para reclamar da Prefeitura, para os jardins do Flamengo, uma coisa bem prosaica: bancos, bancos, porque são raros os que alli existem e toda a gente gosta de descansar um pouco. Creio que só os *sportmen* podem aguentar de pé uma tarde inteira. Dessa falta de bancos resentem-se os jardins da Beira-Mar. A enseada de Botafogo tem alguns, o Flamengo raros. O Russell é o privilegiado, tem bastantes. Deram uma duzia á Gloria, mas todo o trecho que vai do Passeio ao relogio, isto é, a praia da Lapa nenhum possúe. O Flamengo carece de mais alguns e não é difficil á Prefeitura attender a tão pequena reclamação. Muito grato, Sr. Redactor, etc. »

33

"Fon-Fon!" 9-12-1916

Rio de Janetro, 9 de Dezembro de 1916.

A MORAL

Na tarde maravilhosa daquelle domingo, toda banhada no oiro abundante do sol, fui andando, vagarosamente, pela Beira-Mar, do lado das aguas, a olhal-as, a mirar encantado o seu azul de sonho e as franjas alvas de espuma ao pé dos negros montes distantes. Raras vezes, voltava a cabeça para o movimento continuo do corso. Passavam centenas de automoveis cheios de creaturas elegantes e formosas. No passeio fronteiro, era um vae-vem de fatos escuros de homens e vestidos claros de mulheres. Tudo isso vi num relance. Ainda demorei os olhos na silhueta esbelta duma esplendida senhora, recostada ao fundo do seu phaeton luxuoso, toda de azul claro, com dois olhos mais negros e mais brilhantes que os das mulheres dos serralhos orientaes. E voltei-me novamente para o mar, a seguir a marcha veloz das velas brancas dos *cutters*, na enseada de Jurujuba, ao longe.

Batem-me no hombro. Dou de cara com o meu amigo Claudio França, de frack mescla, calças escuras de riscas pontilhadas de branco, a gravata negra com uma perola cinza, tão clara e tão perfeita que metia inveja.

— «Em que andas pensando? perguntou-me.»

— «Em nada. Olhava a paysagem. Admirava-a como sempre. Sabes que me encanta a todas as horas com todos os tons de luz a natureza carioca.»

— «Sei. E's um verdadeiro *touriste* nacional. Mas dize-me uma coisa: que fizeste hoje, domingo, dia longo e vasio, *glorious day*?»

— «Escrevi cartas. Joguei uma partida de bilhar, depois do almoço, e li até a tarde. E tu?»

— «Fui almoçar ao Sylvestre em casa dum amigo. De volta, dormi a sesta, após uma longa leitura.»

Mais mulheres chegavam pelas ruas transversaes á Beira-Mar. Eram lindas quasi todas. Tinham a côr de jambo, a face rosada, o andar gracioso das filhas desta terra de maravilha. Claudio e eu ficamos a vel-as. Por fim, o meu amigo indagou:

— «Que lêste hoje?»

— «Chronicas e Frases de Godofredo de Alencar.»

— «E tu, Claudio?»

— «Interessante a coincidencia! Tambem. A mesma coisa.»

A luz do sol baixava e um vento leve e perfumado pelos jardins, soprava encurvando o plumacho das palmeiras. Iamos defronte da rua Paysandú. Dobrava a esquina um *landaulet* envidraçado com uma bella mulher recostada no acolchoado assento com desenfado e a superioridade duma santa no seu oratorio, esperando o preito dos mortaes.

Falei da belleza e do encanto das brasileiras, mas Claudio tornou ao livro que lêra com estas palavras:

— «João do Rio fez uma excellente collectanea de chronicas. Ha nella paginas primorosas: a *Virgem Cega* e *Maria Rosa, a curiosa do vicio*. Esta ultima é quiçá a melhor. Poucos escriptores terão como Paulo Barreto tanto brilho de linguagem e tanta emotividade. E' sobremaneira interessante o typo de Godofredo de Alencar.»

Respondi a Claudio França:

«Agradou-me sobremodo a divisão do livro em triptico*s*. Cada qual tem sua razão propria de ser. Os assumptos, assim, não ficaram dispersos e foram agrupados habilmente conforme eram symbolos, maravilhas da natureza, ardores de desejos e anceios de amor. De permeio, as frases, algumas dignas de registo nas memorias.»

— «Faltou, porém, um triptico, ao meu ver.»

– «Qual?»

— «O triptico das almas, que devêra ser feito com aquelles tres pedaços espalhados entre as frases: *alma civilisada*, *alma simples* e *alma romantica*.»

Claudio accendeu um charuto de Henri Clay, perfumoso e claro. Deixou espiralar ao oiro luminoso do ar umas volutas de fumo branco e disse:

— «Ha tantos individuos que se occupam em dizer mal do que escreve o João do Rio! Tantos! E' inveja por certo. Mas por isso mesmo elle tem razão quando diz: «quanto mais dizem mal dum escriptor, mais os seus livros se vendem.» Consta me que houve, em tempos idos, um politico, que enviava verrinas contra si proprio aos «A pedidos» do «Jornal do Commercio», quando a imprensa passava alguns dias sem o *valorisar* em descomposturas.»

Vinha caindo a noite, tardia como todas as noites de verão. As lampadas electricas começaram a pestanejar. E como por magia a Avenida, que estava tão movimentada, esvasiava-se dum momento para outro. Sobre as aguas, longe, num derradeiro clarão do dia moribundo, via-se o vulto branco dum cruzador. O guincho aspero dum rebocador partio da ilha de Villegaignon já coberta de luminarias. Claudio sussurrou-me:

— «Toda essa gente que ahi andava diz-se mal entre si. Não sei por que numa cidade tão grande se occupam tanto com a vida alheia! Pessimo e feio costume! Deves saber os homens que contam de mim, porque eu sei os que narram de ti. Mas nós não os contamos um ao outro, porque já estamos acostumados.»

Então, pegando-lhe do braço e levando-o pela rua Tamandaré afóra, murmurei ao meu amigo um pensamento de Godofredo de Alencar:

— «A moral é uma qualidade que se exige nos outros.»

Jotaenne

Gatafunhos...

Foi Alfieri, salvo engano, quem disse, referindo-se á Italia: «La pianta uomo robusta più qui che altrove.» Stendhal commenta-a assim: «Dai durante vinte annos um Napoleão aos Romanos e vereis os espantosos resultados.»

Com effeito, raro será o paiz que tenha dado ao mundo tão grandes e tão fortes homens quanto a Italia. Não se precisa remontar aos gigantes do imperio romano nem muito procurar nas lutas extraordinarias da media idade nem na tyrannia e grandeza artistica do renascimento.

Basta enumerar cinco ou seis nomes, que enchem de espanto: Dante Alighieri, Jeronymo Savonarola, Giuseppe Garibaldi, Machiavel, Cavour e Marconi.

Napoleão era de raça italiana.

Porventura não serão grandes e muito grandes, embora os vicios e a crueldade, Cosmo de Medicis e Cesar Borgia, o *condottiere* Bartolomeo Colleoni e o salteador de estrada Duque do Monte Mariano?

"Fon-Fon!" 27-Janeiro-1917

Garavetos

A crueldade militar é coisa mui antiga. Contaram-me outro dia um facto que arripia os cabellos.

Num povoado russo, o coronel dum regimento allemão, verificando que seu filho. tenente, se apaixonára por uma joven moscovita de tal maneira que seria capaz de commetter uma falta por sua causa, resolveu eliminar a rapariga. Para isso, fêl-a prender como espiã e condemnar pelo conselho de guerra. Dias depois, o filho, desesperado, fazia-se matar num posto perigoso.

Entretanto, conheço peior que isso. Affonso de Ornano, general francez na guerra dos tres Henriques, tinha um sobrinho official sob suas ordens. Este commetteu uma falta não muito grave. Sem a menor desconfiança vai jantar na barraca do tio e general. Ornano levantou-se, apunhalou-o, pedio agua, lavou as mãos, sentou-se á mesa e jantou tranquillamente! ...

"Jornal do Commercio"
20. Dezembro. 1916

34

LATINA GEUS

Fundou-se ha pouco tempo na Italia uma grande sociedade intitulada «Latina Geus», composta de estadistas, professores, politicos, escriptores, poetas, magistrados, grandes industriaes e commerciantes. Do seu Patronato faz parte como Presidente o Sr. Boselli, Ministro do Governo italiano. A sociedade já se irradia para o extrangeiro, tendo filiaes organizados na França, na Hespanha, em Portugal e na Rumania.

A «Latina Geus», tem por fim estreitar os laços espirituaes entre os povos néo-latinos, manter grande convivio de idéas entre seus homens mais notaveis e promover por diversos meios a propaganda da civilisação latina, publicando uma revista no genero «Monde Latin», da sua filial franceza, com artigos em todas as linguas derivadas do latim; fundando escolas onde se ensinem essas linguas, a geographia economica e politica, a historia do commercio e das artes dos paizes néo-latinos; instituindo em Roma uma Academia Scientifica Litteraria de cultura latina e um *burcau* de informações commerciaes e agricolas, em relação com todos os centros do mundo latino.

Dentro de pouco tempo a «Latina Gens» effectuará em Pariz uma grande conferencia, afim de conseguir dos governos das demais nações latinas a adopção dessas medidas já aceitas pelo Governo italiano.

Em 21 de Abril deste anno a «Latina Gens» celebra uma grande festa popular no Palatino, em Roma, na qual pronunciaram discursos o seu Presidente, o jornalista francez Jean Carrére e outros. No theatro Genuino, em Roma tambom, fez uma longa conferencia sobre os fins da Associação o Senador portuguez e ex-Ministro da Instrucção Publica Dr. Sebastião de Magalhães Lima.

Em Outubro tambem foi realizada nova festa mais imponente. Num dos maiores theatros da Capital italiana fallaram a escolhido e numeroso auditorio o parlamentar Innocencio Cappa, os jornalistas Jean Carrére e Jules Destrée, o Senador Magalhães Lima, a escriptora rumaica Helena Bacaloglu e o orador inglez Commendador Carry.

A proposito da referida sociedade, o Sr. Deputado Gustavo Barroso recebeu a seguinte carta:

«Sr. Dr. Gustavo Barroso. — O nosso illustre amigo, Senador Magalhães Lima, chefe da «Latina Gens» em Portugal, fez-nos o favor de indicar o vosso nome, como de pessoa influente e intellectual e que á nossa Associação poderá ser proveitoso no Brasil.

Espero que adhereireis á «Latina Gens» e que me enviareis o vosso pedido de inclusão.

Mandar-vos-hei os signaes de reconhecimento e os distinctivos sociaes.

Se, como espero, quizerdes tambem vos interessar pela creação de uma filial no vosso paiz, tende a bondade de m-o communicar para que vos expeça as necessarias instrucções.

Agradeço-vos affectuosamente e peço-vos acolher os meus protestos de amizade. O Presidente. — *Awocato G. Letri.*»

"Fon-Fon!" - 10-2-917

Gatafunhos...

Com um sol de oiro a rutilar no céo azul como as hortencias, Friburgo acordava serenamente numa apotheose de luz. Para todos os lados o olhar sómente avistava flôres. Manchas roseas de estephanotes, manchas vermelhas de cravos, manchas cinzentas, azues, arrocheadas de hortensias, manchas brancas, acarminadas, roseo-claro dos roseiraes enchiam os jardins. E entre tantas e tantas flôres, tantos e tantos perfumes, ella passou elegantemente no seu vestido azul-claro com gazes ligeiramente crêmes, mais fresca que as rosas, de labios mais vermelhos que os cravos e mais doce ao olhar do que o azul do céo. Para vel-a assim, todas as manhãs, valeria a pena ficar morando em Friburgo.

"Diario do Estado"
Fortaleza. 29 de Dezembro de 1916

Deputado Gustavo Barroso

O dia de hoje marca o anniversario natalicio de nosso prezado amigo e correligionario doutor Gustavo Barroso, deputado do P. R. C. C. á Camara Federal.

Esse nosso conterraneo é um nome feito no paiz inteiro pelas suas excepcionaes qualidades de espirito e de caracter.

No Rio, onde conquistou as mais merecidas victorias no jornalismo e na litteratura, o seu nome é bastante conhecido. Conhecedor profundo dos costumes do Ceará que tem descripto com fidelidade em obras successivas, Gustavo Barroso e' um representante genuino da civilisação do nordeste.

Pelos seus esforços proprios abriu caminho na imprensa carioca, conquistando lugar em destaque na Redacção do «Jornal do Commercio», onde seus escriptos foram sempre muito apreciados.

A sua carreira politica data de 1915, epoca em que foi eleito pelo nosso pujante partido para a importante posição que hoje occupa. No posto em que foi collocado pelo P. R. C. C., tem-se portado com a lealdade compativel com os sentimentos de honra.

Em nome do Partido e do DIARIO, lhe enviamos, na data de hoje, affectuosas felicitações de envolta com ardentes votos de felicidades.

"Revista da Semana" - Natal - 23. Dezembro. 1916

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

Guarda de Corpo de Pedro I

Ao MInistro da Guerra do Brasil

Porque não o temos ainda, precisamos crear o culto das nossas tradições, mui especialmente das tradições militares. Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não póde haver nacionalidade. Amar a historia é amar a terra. Uma não passa de corollario da outra. Até hoje quasi não temos esforços nesse sentido. Façamo-los. Os ensinamentos das luctas actuaes nos mandam defender o Brasil das ambições que possam vir. Devemos executar esse programma materialmente — fomentando o desenvolvimento physico e a instrucção militar; espiritualmente — incutindo em todos os brasileiros a religião do passado, que é a alma mesma da patria.

Seria de grande alcance, para tal fim, rememorar constantemente ao povo as cousas antigas, collecionando em museus adequados objectos representativos da vida militar da nação, expondo-os, explicando-os, familiarisando as gentes com elles. Todos os paizes teem museus militares. Nós não os possuimos.

Somos o povo que menos guarda e, por isso, menos estima as cousas do passado. Necessitamos ser educados. Trata-se agora do levantamento do espirito patriotico e militar do Brasil. Ha uma verdadeira cruzada. Ao lado della, porque não restauraremos, no nosso exercito, o prestigio da tradição? Seria tão facil fazel-o, embora elle ignore até a origem dos seus uniformes, cuja documentação é a mais difficil possivel.

Sem excepção alguma, as nações do mundo inteiro conservam, carinhosamente, nas revistas e paradas, as linhas geraes e as côres dos fardamentos de antanho, de maneira a se não quebrarem nos seus exercitos os elos tradicionaes que ligam o passado ao presente e este ao futuro, fortificando o espirito de corpo nos regimentos e o amor da historia patria, na população. Isso é que temos obrigação de fazer.

Passando uma revista de olhos sobre a nomenclatura das tropas européas, encontramos as armas, especialmente a cavallaria, subdivididas em muitas variedades e especies, quando seria mais pratico computa-las assim: cavallaria pesada, de linha e ligeira. Mas os grandes reformadores dos exercitos modernos não pensam dessa maneira. Como os antigos homens de armas deixaram a tradição da armadura, os regimentos de cavallaria pesada continuam a usar o casco de aço e a coiraça, peças que no exercito francez ainda ha pouco tempo se chamavam *armure*, sendo que a ultima em muitos paizes já foi substituida por uma especie de collete de coiro. Os dragões da cavallaria de linha foram creados quando se necessitaram de tropas que combatessem a pé e a cavallo. Napoleão fez a experiencia de usa-los como infantaria montada. Desde o tempo de Luiz XIV nunca mais sahiram das armas européas. Quando invadiram a Hungria, os turcos atiravam na frente dos seus corpos numerosos cavalleiros ardentes e bravos — *oghlans*, sobre cujo turbante se erguia uma placa de ferro defensora da cabeça. Os uhlanos ficaram perpetuados na Austria, na Russia, e na Allemanha. Todos usam o *schapska*, capacete baixo do qual se eleva a antiga placa defensiva. Mesmo os uhlanos hungaros do *Landwehr* cobrem-se com um turbante pelludo encimado pela placa historica.

Mathias Corvino, rei da Hungria e da Transylvania, no primeiro recenseamento dos camponezes para o serviço obrigatorio das suas hostes, mandava dividi-los por vintenas. Desses grupos dezenove homens eram arrolados na infantaria e o vigesimo *(usarz)* entrava na cavallaria. Os regimentos de hussares, originados d'ahi, foram levados para a França, quando esta pagava mercenarios, pelos principes de Esterhazy e Bercheny. Depois, domiciliaram-se nos outros exercitos. Sejam de que nação forem, usam um uniforme de côr differente para cada regimento. E' velho habito muito respeitado. E, segundo diz Lucien Vallet no seu livro sobre as cavallarias européas, cada corpo ama as suas côres como ama sua propria historia.

Napoleão, conforme descreve Frederico Masson, tinha-os azues celestes canutilhados de branco; castanhos e azues; cinzentos prateados; azues e escarlates com pelliças variadas; escarlates e verdes; azues com alamares côr de junquilho; azues escuros enfeitados de vermelho; todos com altos shakos de coiro polidos ou pesados colbacks enfestonados de borlas, as longas plumas dos pennachos tremendo no ar; luxo que custava rios de dinheiro, mas dava orgulho, amor proprio, coragem e a victoria!

A Allemanha tem-n'os côr de cinza e vermelhos, castanhos e azues, esverdeados e negros. Estes são os *todkopf*, os hussares da morte, os do *colback* com a caveira fatidica, côr de treva, trançados de alamares brancos como esqueletos, que manteem côres e tradições dos hussares de Frederico II, dos hussares celebres de Zieten, daquelles que cerseguiram os fugitivos de Waterloo e um notavel espriptor francez chama: — «*Chevaliers noirs, lugubres rebueurs des morts!*

Os hussares austriacos teem uma côr para cada regimento. A Russia guarda o vermelho, que é a côr tradicional dos cavalleiros hungaros, para os hussares do Imperador e os de Grodno. Vermelhos ainda são os hussares dinamarquezas. Variados, mas quasi sempre escuros, os de Inglaterra. Encarnados e azues, os da Romenia e os da Hespanha.

A propria lança é, nas actuaes condições de batalhar, mais um objecto historico do que uma arma. Os velhos generaes a apregoavam como a primeira entre as primeiras. Montecuculli chamava-a a rainha das armas. O marechal de Saxe divinisava-a. Napoleão aboliu-a. Um dia, porém, vendo os cavallo-ligeiros polacos apoderarem-se das lanças d'um esquadrão de uhlanos allemães, manejarem-nas com habilidade, tomando uma bateria e aprisionando o principe de Auersperg, disse a Bessières, coronel general da cavallaria da Guarda: «Dêm-lhe lanças, já que tão bem sabem servir-se dellas!» A Russia uma vez tomou-a dos cossacos, mas na Allemanha até os couraceiros a carregam.

O espirito militar europeu é o mais tradicionalista pos-

Os Scots Greys (Inglaterra)

sivel. Ainda hoje, considera a cavallaria unica arma nobre, a infantaria supportavel e a artilharia, arma plebea, a mais moça, a scientifica e a mechanica. Contam que o Kaiser nunca vestiu uma farda de artilharia, embora experimente a vestimenta de quasi todos os regimentos. Todos os exercitos se esforçam para continuar a tradição.

Na Inglaterra, em festas de gala, uma revista no campo de Aldershot parece uma parada de ha cem annos atraz: pennachos brancos e rubros, enormes, perfilados; barretinas de pello com oitenta centimetros de altura; dolmans e jaques encarnados; plastrões e peitoraes alvos e vermelhos; tambores agaloados como o das antigas companhias de mosqueteiros; pifanos pequenos como os que apparecem nas gravuras de Moreau. Os maravilhosos uniformes inglezes estão bellamente esboçados nas gravuras celebres de Detaille, que sentiu com emoção verdadeira quanto vale para o povo inglez a historia e a tradicionalidade: Os *Granadeiros na Torre de Londres*, o *Regimento que volta do exercicio*, o *Dragão* e o *Porta-estandarte dos Horse-Guards*.

Mas, entre todos, os *Highlanders* e os *Royal-scots-greys*, escocezes a pé, de saiote e *plaid*, escocezes montados, de barretina pelluda e dolman vermelho, montando cavallos cinzentos, rodados, esses são os que, ao lado dos *Coldstream-Guards* e dos *Life Guards*, manteem melhor os uniformes historicos da Inglaterra.

A Dinamarca, no parque de Iaegersborg e na vasta planura de Hald apresenta nos dias de revista a sua tropa guardadora da historia do uniforme; os Granadeiros da Guarda Real, de altas barretinas de pello de cão, negras e lustrosas, com a placa de bronze brazonada mordendo as sedas sobre a pala curta e brilhante.

Os Guardas do Corpo, de alto capacete e peito negro riscado por duplos alamares de oiro, e os Dragões do Scania de shako de coiro de lustre com o negro pennacho cahido e a forrageira de borlas, representam na Suecia os regimentos queridos das campanhas da Pomerania com a farda mais ou menos egual á da epocha de Bernadotte.

O visconde de Vogué dizia que muitos paizes podiam-se orgulhar da força militar, mas nenhum a apresentava tão pinturescamente como a Russia. Com effeito, os Guardas a Cavallo têm um capacete com aaguia bicephala e uma cirra armoriada que recordam arautos medievaes; os cossacos guardam em cada sotnia uma lança celebre, a de Platof, que cortou ao meio, ousadamente, o exercito de Napleão, na retirada; a de Paluline, que trouxe d'um combate com os turcos enfiadas nella dezesete entranhas! O regimento Paulowsky só desfila a passo de carga e de bayoneta cruzada, para recordar a carga com que livrou Suvarow de ser envolvido pelos turcos. Além disso, é composto de homens de nariz arrebitado e de bigodes ruivos. Os Couraceiros da Imperatriz lembram os de Alexandre I. Os Granadeiros a Cavallo recordam a escolta de Catharina II. O regimento de Preobadjensky anda com a mitra de cobre dos granadeiros de Pedro o Grande.

Na Allemanha, não falando dos Hussares da Morte, já citados, encontramos a tradição desde as marchas antigas e proprias de cada corpo usadas nas revistas de gala até os monogrammas reaes e imperiaes que se entrelaçam nas charlateiras e passadeiras. Encontramo-la nos Granadeiros a Pé, do Regimento Alexander, 1.º da Guarda, que tem mitras á maneiras dos de Frederico, e no capacete dos Guardas do Corpo, encimado pela aguia de azas abertas, igual no seu formato e no das azas aos dos cavalleiros das lendas medievas!

Em Vienna, os Archeiros do paço imperial cobertos de oiro e os guardas nobres hungaros com a pelle de panthera ao hombro, relembram os guardas de Francisco II e do Imperador José *Mais do que isso*. O governo austriaco acabou com os dragões azues ebrancos, que continuavam a elegancia faustosa dos soldados do archi-duque Carlos, mas conservou no primeiro uniforme dos generaes a tunica branca, que é tradicional no exercito austriaco e as folhas de carvalho, á guisa de cocarda, no boné dos infantes, folhas que os voluntarios tyrolezes traziam nas guerras de Maria Thereza.

Antes da guerra actual, o nome de Guia na Belgica era synonimo de elegancia e belleza militar. Esses cavalleiros de alto colback emplumado, kurtka verde e pantalonas collantes, garances, lembravam os Guias do segundo imperio francez e, juntamente com os atiradores de chapéo de coiro redondo e os gendarmes de barretina alta, garantiam a vida das tradições do exercito.

O capacete de cimeira pontuda da cavallaria italiana foi copiado do dos Guardas Nobres do Vaticano. Tem fórma caracteristica dos cascos da cavallaria de linha na Europa desde tres seculos para cá. Modelo tirado do antigo capacete romano e, por isso, Victor Hugo, referindo-se aos dragões napoleonicos, dizia que Roma os julgaria legionarios. Os carabineiros da Italia andam com a casaca e o bicornio atravessado das velhas milicias piemontezas. E a cruz que abre os braços nos capellos dos seus cavalleiros é a mesma que faiscava na *sabretache* luxuosa dos sumptuosos Guias brancos e bordados a oiro de Murat, rei de Napoles, gran-duque de Cléves e de Berg.

Os hespanhoes até hoje não abandonaram o *Ros*, képi de coiro, com que venceram em Marrocos e luctaram com denodo em Cuba, nem os dolmans faulhantes dos hussares de Pavia e da Princeza, nem as coiraças com o sol de oiro da Escolta Real, nem o bicornio da *Guardia Civil* e a alabarda dos *Alabarderos*.

A Grecia continúa com os Evzones a tradição dos Polikaros.

A Turquia faz os seus Zuavos envolverem na cabeça o turbante verde, côr sagrada do Propheta.

"Les Guides", Regimento de cavallaria da Belgica

A França, apesar dos pruridos demagogicos e da luta por matar tradições, apesar do seu exercito chegar a tal ponto de vestir mal que Julio Richard dizia andar com roupas de doente, por causa das calças babanadas, cahidas sobre as botas; a França nunca tirou o imponente capacete dos couraceiros e dragões d nem o shako em- a Guarda Republi- pé, procurando na plumado cana a Guarda Republicana a cavallo reatar o prestigio elegante dos Cem Guardas da Imperatriz Eugenia.

Os Estados Unidos, cheios do delirio commercial e industrial, vestem os cadetes da Escola de West-Point com a casaca azul e as calças brancas dos soldados de Washington, os guerreiros da Independencia. Reminiscencia tambem de sua independencia, a Argentina tem os lindos Granadeiros a Cavallo, de casacas azues e paramentos encarnados, o alto guritão de coiro cheio de tranças, escamas e borlas.

Nós nada temos de semelhante. Nunca procuramos

Guarda republicana (França)

Escola Militar de West Point.
(Estados-Unidos)

guardar uma tradição guerreira. Nada nos recorda a Independencia, o maior fasto de nosssa historia. Nem sabemos como se fardavam as tropas nesse tempo. Archivos e museus nada possuem. Sómente João Baptista Debret, na sua obra, dá umas figuras de Granadeiros e Caçadores do primeiro Imperador, de indios artilheiros e dos Guardas de Corpo de sua Magestade. Num livro allemão ha descripções das fardas dos mercenarios tudescos e irlandezes.

O uniforme dos Guardas do Corpo é verdadeiramente bonito: branco com os reversos e paramentos vermelhos, o capacete de coiro, chapeado de metal, com a cimeira de bronze doirado representando um dragão dentre cujas azas abertas escorre uma crina negra. Pedro Americo pintou essa farda, phantasiando um pouco o casco, no *Grito do Ypiranga*. As altas botas lustrosas dão elegancia, as dragonas de escamas guarneciam os hombros, o pennacho bicolor corôa a cabeça. Esse admiravel cavalleiro deveria ser revivido no Brasil como os Granadeiros de San Martin, heroes dos Andes, de Chacabrico e de Maipú, o foram pela Argentina.

O primeiro regimento de cavallaria do exercito, em virtude de lei, devia passar a chamar-se Regimento dos Dragões da Independencia, usando essa farda tradicional dos Guardas do Corpo. Com ella daria guarnição na capital federal, escolta ao Presidente da Republica e aos diplomatas estrangeiros, guarda do Palacio do Governo nos dias de festa e a carga final da revista de Sete de Setembro.

Nas manobras e nas campanhas, seria o primeiro de cavallaria, usando a farda commum.

O uniforme historico ficaria sómente para a parada e escolta, mesmo porque não é com crinas e pennachos que se vae á guerra de hoje, em que a prudencia é a maior virtude militar.

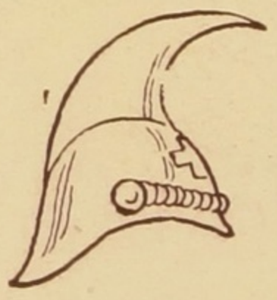
Mas os bellos fardamentos nas guarnições e revistas contribuem mais do que se pensa para o prestigio das cousas bellicas e o enthusiamo guerreiro. Napoleão escolhia e esboçava os uniformes de seus soldados. Levou mezes em hesitações e experiencias para dotar os Carabineiros com a farda branca paramentada de azul, a coiraça ensolada e a *échartille* escarlate do capacete doirado, que os tornam os mais bellos cavalleiros da Europa. Numa nota ao projecto de creação dos Guardas do Corpo, elle escrevia com a propria mão: *On leur donnera un bel habillement.*

Vallet diz a proposito o seguinte: *Les beaux uniformes surexcitent les passions guerrières des jeunes gens. Cette verité admisse par tous les hommes de guerre, Frederic, Napoléon, etc., est si evidente, que les engagements sont tout-jours proportionnés á la renomée et á la brillante tenue des regiments.*

Os Dragões da Independencia teriam um uniforme mais do que tradicional e historico. Representariam a creação do novo exercito com a creação da nova nacionalidade. Symbolisariam a tradição da raça com a evocação dos celebrados dragões portuguezes, aquelles Dragões das Minas, que policiavam os sertões, e aquelles Dragões de Milicias, que participaram das rebeldias antigas. O dragão do seu capacete é igual aos que seguravam o brazão das quinas e depois guardavam o escudo com a esphera e a cruz do imperio. E já estão coloridos pelo nosso maior pintor no quadro que perpetua o grito de Independencia ou Morte! Seria até o caso de se apresentar a respeito um projecto á Camara, afim de que no primeiro centenario de nossa emancipação forme o regimento dos Dragões da Independencia, como no centenario da liberdade da Argentina formaram os Granadeiros de San Martin.

GUSTAVO BARROSO.

Granadeiros a cavallo de S. Martin—(Argentina)



O capacete italiano.

(*Desenhos executados sobre croquis do autor.*)

"Fon-Fon!" — 30 de Dezembro de 1916

Galimatias

—Estou afincadamente estudando a magia, disse-me outro dia Claudio França, tanto a magia branca como a magia negra. E tenho feito progressos notaveis.

Sorri e perguntei-lhe com ironia se já praticava magias, sortilegios, encantamentos, transformações e ensalmos.

— «Ainda não cheguei a tão alto ponto, respondeu, porém já estou de posse dos conhecimentos basicos mais interessantes. Conheço, por exemplo, de cór e salteado os vinte e dois arcanos do *tarot* dos Bohemios. Ao Bateleiro corresponde a Unidade, o Principio e o Objecto. A' Papiza correspondem as Faculdades e o Sujeito. A' Imperatriz, o Verbo. O Imperador significa a Base Cubica, o Poder. O Papa é a Vontade; e o Amante, a Opposição e a Reciprocidade. O Triumpho e a Riqueza estão contidos na Carroça; o Equilibrio e a Harmonia, na Justiça, como o Isolamento e o Poder sobre os Astros estão no Eremita. O arcano da Roda da Fortuna quer dizer a Vida Collectiva e a Causalidade. O arcano da Força quer dizer Energia e Meios de Acção. O Enforcado representa o Sacrificio e a Interferencia; é Morte, Desintegração; a Temperança, Mudanças a Trocas; o Diabo, Correntes Fataes do Instincto; e e Torre Fulminada, Queda e Desespero. A Estrella a signal de Idealismo e Esperança. A lua é signal de Armadilha e Emboscada. O Sol marca Esplendor, Riqueza e Expansão. O Julgamento nos dá a Resurreição e a Restituição. O Louco nos mostra a Desordem. E o Mundo determina o Syncretismo Universal, a Mattiese.

Isto, meu caro, é o abc da magia. Vamos agora ao b-a-bá...»

— «Claudio, tem paciencia, mas com este calor prefiro ir tomar um sorvete».

— «Vamos».

Garabulhas...

Disse do meu desdem pelos criminosos de occasião, pobres entes fracos que a opportunidade atira covardemente para o crime. Declarei preferir a grandeza do caracter e da energia, no delicto. O criminoso de occasião é o criminoso mediocre incapaz de resistir á tentação de momento, á virtigem do minuto propicio. Um indeciso entre o vicio e a virtude! Para elles foi feita, segundo o affirma Enrico Ferri, aquella hypothese famosa dum grande escriptor:

« Se bastasse para tornar-se o unico herdeiro dum mandarim que nunca se tivesse visto, de quem nunca se tivesse ouvido fallar e que habitasse no fundo da China, calcar um botão para fazel-o mover, quem de nós não calcaria esse botão? »

Um amigo fallou:

« — Não sabia que Ferri citasse o *Mandarim* de Eça de Queiroz. »

« — Ferri não citou Eça. A hypothese famosa é de Jean Jacques Rousseau. O Eça é que, sem a citar, della tirou a idéa do seu famoso livro... »

38

"O Paiz" - 1ª pag. - 27 Dezembro 916)

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

Num artigo de um intenso colorido, que é, por assim dizer, uma deslumbrante parada militar internacional, onde esvoaçam pennachos e rutilam metaes e grita victoriosamente o triumpho das cores, o illustre deputado Sr. Gustavo Barroso, mixto de politico e de homem de letras, lançou agora uma formosa idéa, formosa e patriotica, a que nos associamos para lhe dar todo o nosso applauso.

O artigo é dedicado ao Sr. ministro da guerra e vem defender, como complemento á cruzada militar de Olavo Bilac, o culto das tradições historicas, de que nós andamos tão desviados.

Gustavo Barroso tem razão. A alma do povo affirma-se pela continuação historica. A immortalidade das patrias não admitte solução de continuidade. Um povo que não tem historia, não tem nacionalidade. E' um agglomerado de gentes, um arraial de pesquizadores de ouro, mas não uma patria. A patria é uma associação de interesses regida por uma communhão espiritual.

O cosmopolitismo nas cidades litoraes e a distancia que separa as cidades interiores têm diluido as tradições que se esfumam num glorioso passado que, apesar de não ser remoto, dir-se-hia, de tão esquecido, quasi prehistorico.

Para dar ao Brasil a plena consciencia dos seus destinos, do seu futuro, é preciso chamal-o ao culto de si mesmo, estimulando-lhe a disciplina social e o espirito de dedicação á causa commum, que é ao que tende a cruzada de Olavo Bilac, e despertando-lhe o gosto pelo passado, que é o que pretende Gustavo Barroso no seu pintoresco e patriotico artigo.

Esse artigo, que faz uma larga e vistosa revista dos regimentos tradicionaes das diversas nações da Europa, procurando justificar pelo parallelo, a sua idéa fundamental, é muito interessante.

Mas, afinal, o que pretende o distincto homem de letras? Nem mais nem menos do que crear um corpo de cavallaria de *élite* — "Os Dragões da Independencia". O seu fardamento seria a restauração do tradicional e vistoso fardamento dos "Guardas do Corpo".

Pelo nome e pelo fardamento esse corpo de cavallaria seria uma forte evocação da época mais gloriosa da nossa historia —a da Independencia, orgulho da nossa raça, que desde essa hora demonstrou ao mundo a sua pujança, creando duas patrias — uma a de mais formoso passado, outra a de mais bello futuro.

A restauração do fardamento dos Guardas do Corpo como uniforme dos Dragões da Independencia podia, á primeira vista, parecer uma ninharia, uma futilidade, mas no fundo tem um alto cunho patriotico e um perfeito senso militar, pois que despertaria no povo um enthusiasmo bem vivo pela gloriosa época assim evocada.

E' claro que Gustavo Barroso apresenta a sua idéa justamente equilibrada. Elle não desconhece e claramente o frisou, que não seria um fardamento de campanha, pois que hoje ninguem vai para a guerra com fardamento de gala.

Nas guerras modernas as tropas vão por assim dizer vestidas de terra, tal a cor parda, indecisa, dos uniformes que se confundem e disfarçam nos accidentes do terreno. Um dos preceitos da guerra contemporanea é vêr e não ser visto.

Seria, pois, de parada esse fardamento restaurado dos Guardas do Corpo para os Dragões da Independencia com o fim de estimular o enthusiasmo militar, o culto das tradições, reatando-se neste particular a continuidade historica.

Dragões da Independencia... Bastaria este nome para dar energia e orgulho militar a uma tropa de *élite*, que sendo a mais vistosa na paz, seria tambem a mais ardorosa na guerra. A denominação é felicissima. Ha certas palavras, nem sabemos por que mysterio, que têm em si energia guerreira, estimulo heroico.

Napoleão tinha o segredo dessas palavras, dessas pequenas coisas com que realizava as grandes coisas que ainda hoje clangoram e dominam todos os corações, sem que a grande conflagração lhe tenha empanado o fulgor.

Dragões da Independenciha... Lembra o distincto escriptor que seria a data do centenario da nossa emancipação a hora propria para a apresentação desse corpo de *élite*.

Realmente, seria bello vêr nesse dia desfilar, o primeiro regimento de cavallaria do exercito brasileiro — esses bellos e desempenados Dragões da Independencia, que bellos e desempenados os sonha na sua visão de estheta, Gustavo Barroso. O seu uniforme rutilaria "ao claro sol amigo dos heróes", branco com os reversos e paramentos vermelhos, segundo a descripção do escriptor, o capacete de couro, chapeado de metal, com a cimeira de bronze dourado, representando um dragão, dentro cujas azas abertas escorre uma crina negra. Altas botas lustrosas, dragonas de escamas e penacho bicolor...

A idéa de Gustavo Barroso encontra-se nos seguintes periodos: "representariam, os Dragões da Independencia, a creação do novo exercito com a creação da nova nacionalidade. Symbolizariam a tradição da raça com a evocação dos celebrados Dragões de Minas que policiavam os sertões e aquelles Dragões de Milicias, que participaram das rebeldias antigas".

Dragões da Independencia...

Formosa idéa, patriotica iniciativa.

(Transcripto no Diario do Estado)

"Jornal do Commercio"
"Topicos" — 29 de Fevereiro
29 - Dezembro - 1916

O Deputado Gustavo Barroso, em artigo inserto no lindo numero de Natal da "Revista da Semana", acaba de alvitrar a creação dos "Dragões da Independencia".

Seria a restauração dos luzidos Guardas de Corpo de Pedro I, de que Pedro Americo deixou suggestivo desenho na sua famosa tela "O grito do Ypiranga".

Todas as grandes nações — e tambem as pequenas — mantêm a indumentaria de certos regimentos historicos, cujos uniformes fallam á alma nacional. Deixemos de parte os exemplos da Europa, onde a tradição vive e até governa. Fiquemos cá pela America, terra de tão amplo futuro que pensa não ter tempo para olhar o passado.

Pois, mesmo neste continente de cousas de ultima hora, existem regimentos tradicionaes.

Os Estados Unidos conservam aos Cadetes de West Point a casaca azul e as calças brancas dos soldados de Washington. O Uruguay ufana-se de seu regimento de Buldines, á frente do qual os Orientaes parece verem ainda relampejar a espada de Artigas. A Argentina resuscitou os granadeiros de San Martin.

Na Bolivia, no Perú, em toda parte se acha ainda honrando os peitos orgulhosos de o trazer o uniforme dos antigos heroes nacionaes.

No Brasil, elle perdura nas telas sómente. Nem sequer em Museus Militares, que não os temos!

Anime-se o illustre Deputado pelo Ceará. Consubstancie em projecto de lei o alvitre de seu artigo. Restitua-nos os bellos Guardas de Corpo de Pedro I, dê-nos os Dragões da Independencia!

3

impor-se ao acatamento dos homens de bem. Jornal que calumnía nada vale no conceito dos cidadãos que prezam a virtude. Continuem, pois, os nossos adversarios no mesmo caminho que nós estaremos sempre na brecha para desmoralisal-os.

"Fon-Fon!" - 10-2-917

Garavetos

Petropolis. Faz um doce luar de verão. No fundo claro do céo as ramarias do arvoredo recortam-se como folhagens de bronze. Redonda e pallida, a lua reunira-se na agua quieta duma repreza sumida entre carcavões negros, agua faulhante como uma toalha de argempel.

Recordo na melancolia que me vem do luar o charivari de Rostand ao astro nocturno e parece-me ver um vulto claro, esbelto, admiravel de mulher que se formara nos raios suaves, diluidos da luz e numa salva de oiro me trazia o seu coração. Mas num apice, ao passar veloz duma nuvem sobre a face das estrellas e da lua, a visão se dissipou mais rapida do que viera.

"Diario do Estado" - Ceará - 6-1º-917

2

Fugindo da questão das notas promissorias do Banco do Ceará, assignadas pelo coronel Benjamin Barroso, a "Folha" accusou o deputado Gustavo Barroso de haver recebido do governo do Estado a quantia de 30 contos para (dá a entender a "Folha") comprar o parecer em favor do reconhecimento do general Thomaz Cavalcanti no Senado.

Essa accusação já foi destruida pelo deputado perrecista, da tribuna da Camara. Accusado de haver recebido essa importancia de um banco no Rio, o illustre representante cearense escreveu cartas a todos bancos da capital do paiz, sendo as suas respostas lidas da propria tribuna da Camara dos Deputados.

Esse facto não é ignorado pela "Folha", pois, por essa occasião, o DIARIO publicou, em telegramma, a defesa cabal e irrespondivel do doutor Gustavo Barroso.

Por esses processos, o orgão do governo dos incendios não conseguirá

"A Rua". 1ª columna da 1ª pagina: 25 Dezembro 1916

"Os dragões da Independencia"

Uma idéa interessante - A nossa tradição militar - O exemplo das outras nações

ENTREVISTA COM O DEPUTADO GUSTAVO BARROSO

Uma de nossas revistas illustradas no seu numero de Natal publicou um curioso artigo do Deputado Gustavo Barroso sobre a tradição militar nos diversos paizes do mundo comparativamente com o nosso descaso pelo espirito de corpo e o passado guereiro da nação,ia qual o autor propunha, a exemplo de varios paizes, a creação dum regimento que mantivesse o prestidio e a belleza dum uniforme historico. Como se trata duma questão verdadeiramente nacional, procurámos o representante cearense para nos dar uma explicação mais detalhada dos seus propositos. O Dr. Gustavo Barroso respondeu-nos do seguinte modo:

"Como "A Rua" não ignora, cada nação possue um (e ás vezes mais) regimento de "elite", de escol, que conserva nas paradas, revistas, guardas de honra, escoltas e demais serviços de gala, um uniforme tradicional e historico, representativo duma época que se deve trazer sempre presente á memoria do povo. A Russia, rememorando as guerras de Pedro o Grande, conserva o uniforme desse tempo heroico da sua formação no celebre regimento de Prebadjeens-Ky. A Suecia rememora as campanhas de Bernadotte com os "Dragões de Scania".

A Prussia augmentada e organizada por Frederico II guarda nos "Hussares da Morte" a farda da cavallaria do grande rei.

Representando as antigas batalhas do Milanez estão os "Hussares de Pavia", em Hespanha. Os "Scots Greys" da Inglaterra montam em cavallos cinzentos, porque já em Waterloo assim montavam. A Grecia tem "Evzones", a Turquia "Zuavos", a Italia "Bersaglieri", a Austria "Archeiros", a Belgica "Guião", a Dinamarca "Granadeiros" e a Santa Sé "Guardas Nobres".

Nas proprias Republicas procura-se do melhor modo possivel manter o culto pelo passado militar. Em França o capacete dos dragões couraceiros e das republicanas a cavallo, é semelhante ao dos dragões e couraceiros de Napoleão I e ao dos "Cem Guardas" da côrte de Napoleão III. Os Estados Unidos conservam o fardamento da guerra da Independencia nos cadetes da "Escola Militar de West Point".

O Uruguay tem o regimento tradicional de Janceiros, que se chama "Blandengues de Artigas". A Argentina possue os "Granadeiros a Cavallo", usando a farda dos soldados que combateram os hespanhóes sob as ordens de San Martin. A Bolivia teve os celebres "Cazadores de Bolivar".

— Um unico paiz faz excepção á regra géral: é o Brasil."

— Como pensa, então, que seja possivel o nosso paiz seguir o exemplo dos outros nessa questão?

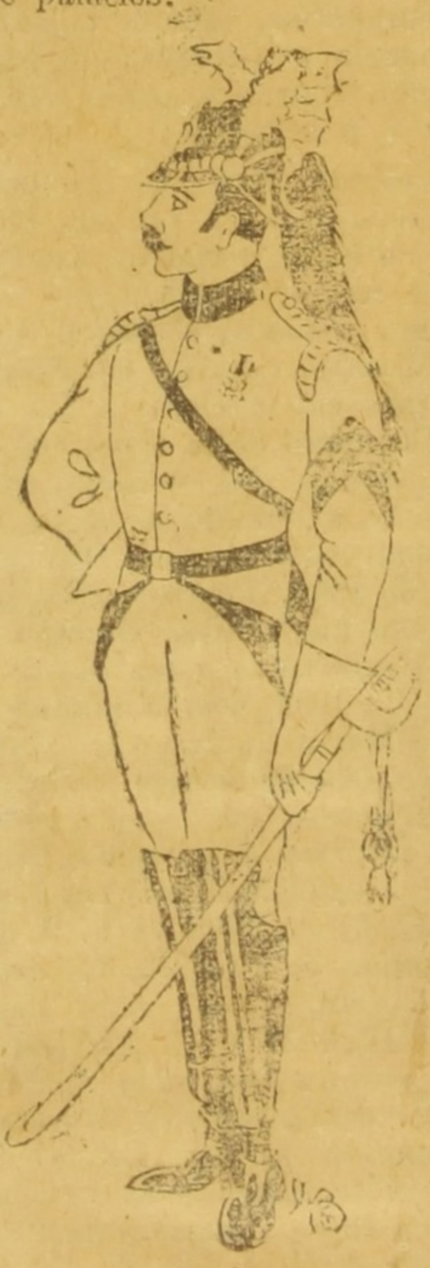
"Procurando na nossa historia militar um typo de solddo que tenha verdadeira significação social, que esxprima uma época de victoria ou orgulho e adoptando o seu uniforme numa das unidades do exercito, para que o povo veja de quando a quando esse uniforme deante dos olhos, aprendendo qual a sua razão de ser, a sua origem. Sómente com medidas dessa ordem se poderá ir incutindo na nossa gente o amor do passado sem o qual não pode existir uma nacionalidade."

—"O Sr. deve ter estudado o assumpto. Dê-nos alguns detalhes a respeito."

—"E' muito difficil restaurar os typos de fardamento do segundo e do primeiro imperio: Os nossos archivos nada ou quasi nada conservam a respeito. No Ministerio da guerra nada existe sobre o assumpto. Depois de certo trabalho consegui alguns pormenores num velho livro em allemão "Rio de Janeiro wie es ist", editado no Hannover em 1829, pormenores sobre uniformes dos antigos corpos estrangeiros, mercenarios, e sobre a antiga infantaria. Outros documentos deram algum subsidio do tempo do Paraguay e por fim na obra de Debret que ha na Bibliotheca Nacional ha minucias acerca das tropas de Pedro I".

— Qual o uniforme que acha deve ser ser restaurado e em que condições?

—"Em toda a parte a cavallaria é considerada (reminiscencia medieval) arma nobre e escolhida para os serviços de gala e guarda de palacios.



Os dragões da Independencia, segundo o deputaod Gustavo Barroso

Ella tanto se presta ás escoltas e cortejos como ao estylo decorativo das sentinellas externas e internas.

O nosso primeiro regimento de cavallaria era o que escoltava D. Pedro II. Bem podia guardar o presidente da Republica. Em campanha elle poderá continuar como 1º de cavallaria, usando a vestimenta commum do exercito; mas em guarnição no Rio de Janeiro devia, em virtude da lei, passar a ser o "Regimento dos "Dragões da Independencia," usando o uniforme dos antigos "Guardas do Corpo". No exercito portuguez a subdivisão da arma dos Dragões era a preferida. No tempo colonial, os nossos sertões eram policiados por Dragões. Dahi escolher esse nome. O subtitulo lembraria a nossa emancipação e o uniforme significaria a creação do novo exercito, por que foi o primeiro desenhado com originalidade para as tropas brasileiras do primeiro imperador.

Em todas as nações, os guardas do corpo usam no capacete o timbre dos escudos. Em Petrograd têm a aguia bicephala.

Em Berlim, a aguia simples. Em Anhalt, o urso. Na Baviera, o leão. No Brasil imperial, cujos "tenents" do brazão eram dous dragões verdes, tinham um dragão dentre cujas azas escorria uma clina negra. A farde é branca enfeitada de vermelho, o correame negro, o capacete de couro lustroso com os ornatos de metal.

Não seria grande o augmento de despezas E' um regimento só e tão formoso o resultado. Esse fardamento serviria sómente para os serviços de gala e para as revistas de Sete de Setembro."

— Pretende levar ao Congresso a sua idéa?

—"Pretendo. Conto para o anno apresentar um projecto nese sentido e tenho esperança de que no Centenario da Independencia verei desfilar o regimento dos "Dragões da Independencia" entre acclamações. Talvez seja, no entanto, demasiado optimista..."

"Gazeta de Noticias" 9- Janeiro - 1917

A administração Liberato Barroso

Mais um "embrulho"?

O que nos diz a deputado Gstavo Barroso

Recebemos o seguinte telegramma:

"FORTALEZA, 8 — Consta da escripta Thesouro remessa no dia 5 junho de 1915 de trinta contos ao deputado Gustavo Barroso a ti-

Dr. Gustavo Barroso, deputado federal pelo Ceará

40

"Gazeta de Noticias" 11-Janeiro 1917

"Fon-Fon!" 13-Janeiro 1917

tulo de publicações na imprensa do Rio, mas esses 30 contos foram, segundo é publico e notorio, destinados á compra de um parecer de reconhecimento senatorial. "A Folha" desafiou o "O Diario" para que publicasse a certidão da secretaria da Fazenda, contestando o facto. "O Diario" respondeu com a seguinte nota confirmadora da accusação: — "Quanto aos trinta contos enviados ao deputado Barroso sobre que "A Folha" tanto alarme tem feito, temos a dizer, para terminar qualquer discussão sobre o assumpto, que os seus redactores se dirijam á secretaria da Fazenda e peçam as informações necessarias".

O deputado Gustavo Barroso contestou dahi que lhe tivessem remettido semelhante dinheiro, no emtanto o "O Diario", orgão do seu partido, diz que o dinheiro foi enviado.

Estivemos á noite com o Dr. Gustavo Barroso que, sabedor do telegramma acima, assim nos explicou:

"Não é verdade que eu tenha recebido de uma só vez a quantia de 30 contos remettida pelo governo do Ceará. Recebi sim varias importancias que o Sr. Liberato Barroso me enviou, num total de 38 contos, mais ou menos, para fins diversos, possuindo delles recibos e quitação do governo do Estado. Uma das incumbencias que recebi foi pagar o armamento que o governo do Ceará pretendia adquirir do Ministerio da Guerra, e não se realisando semelhante pagamento, por não se ter effectuado a transacção, devolvi o dinheiro para isto destinado. Tudo mais é vontade de armar escandalo".

A administração Liberato Barroso

O caso dos trinta contos

UMA CARTA

Do Sr. deputado Gustavo Barroso recebemos a seguinte carta:

"Sr. redactor — Tendo hontem a "Gazeta" estampado um telegramma do Ceará sobre o recebimento por mim de dinheiros do Estado do Ceará e feito a gentileza de acompanhal-o com declarações minhas a respeito, entre as quaes se achava a de que tenho quitação do referido Estado, venho pedir-vos o obsequio de publicar o documento da mesma:

"O cidadão José Pedro de Mello Cesar, director da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda do Ceará, servindo o cargo de secretario do mesmo departamento, na fórma da lei, etc.:

Faço saber aos que o presente titulo de quitação for apresentado que, tendo sido remettida ao doutor Gustavo Barroso, no Rio de Janeiro, a quantia de trinta e seis contos setecentos e setenta e cinco mil réis (36:775$), para occorrer a despesas com publicações autorisadas pelo governo deste Estado, conforme se verifica das partidas de despesas do Caixa Geral de 1915, sob ns. 709, 710, 711 e 1.690, e do corrente exercicio, sob n. 375, de cuja importancia despendeu a de seis contos quatrocentos e oitenta e quatro mil réis (6:484$), conforme a conta corrente apresentada e approvada por despacho do Exmo. Sr. presidente do Estado, de 10 do corrente mez, do que resulta um saldo, a favor do Estado do Ceará, de trinta contos duzentos e noventa e um mil réis (30:291$); e como tenha em data de 30 de junho ultimo feito effectivo o recolhimento aos cofres desta repartição do citado saldo, como do conhecimento do Caixa Geral, sob n. 808, hei por bem consideral-o quites, livre e desembaraçado para com a mesma Fazenda, por todo o recebimento e despesa que fez.

O que para constar mandei lavrar o presente titulo de quitação, que será registrado e vai por mim assignado. E eu, Francisco Hygino Barbosa Lima, director da 3ª secção da mesma secretaria, o fiz escrever. — José Pedro de Mello Cesar. Secretaria dos Negocios da Fazenda do Ceará, 11 de julho de 1916. Registrado ás folhas 3 do livro competente. Secretaria dos Negocios da Fazenda do Ceará, em 11 de julho de 1916. — Francisco Rodrigues Barbosa, 3° official."

Pela publicação deste documento muito grato ficarei, Sr. redactor. Amigo e collega obrigado — Gustavo Barroso."

"Fon-Fon!" 6-Janeiro-1917

Gatafunhos...

Tenho um amigo chamado Thomé da Cunha, advogado e espituoso. Ha um mez ganhou uma causa com surpreza de seus clientes beneficiados pela victoria e maior surpreza de sua parte. Recebeu de honorarios e gratificação doze contos de réis. Ficou como barata doida. Não parava num logar. Contava a todo o mundo a sua felicidade. Andava pela rua cantando.

Encontrei-o hontem na esquina da Quitanda e Assembléa, tomando um bello e lustroso *phaeton* de quarenta cavallos, com o *chauffeur* agaloado e a placa metallica dos automoveis particulares. Disse-me que comprára o carro por seis contos. Uma pechincha!

Estivemos conversando alguns minutos e, ao despedir-me, aconselhei-o a mandar gravar o seu monogramma na portinhola.

« — Qual, meu amigo, infelizmente não posso. As minhas iniciaes por arte do diabo não se prestam: Thomé da Cunha. T. C. O monogramma não ficava mal, porém todo o mundo pensaria que o auto fosse da «Transportes e Carruagens»! »

Garatujas...

Um volume pequeno e sympathico o de Antonio Austregesilo sobre «Pequenos Males». Li-o num domingo de muito sol, á sombra carinhosa de arvores antigas, ouvindo ao longe o rolar das ondas. Li-o com attenção e prazer. Encontrei paginas que me obrigaram a meditar, como as do «Cultivo Artificial da Dôr». Depois, o capitulo do «Nevrose do Amor», um dos melhores, recordou-me a conferencia que assisti na Bibliotheca Nacional. Parecia-me estar vendo o illustre professor, falando modestamente da sua cathedra a um dos melhores e mais escolhidos auditorios que se têm reunido no salão daquella utilissima casa, sob a presidencia do Sr. Cicero Peregrino.

Dos «Erros do Pão e do Amor» ficou-me na retentiva este trecho: «Na conquista ambiciosa do pão o homem escalavrou e retalhou a superficie da terra: muito nutrido, reproduzio-se demais, e o globo ficou superpopulado. De taes precipitações de energias nasceram a ambição, a conquista, os sonhos de grandeza, e como a terra parecesse pequena, ao homem cégo de ambições, elle transportou os ideaes para os céos, creou muitas divindades, architectou varias religiões, que surgiram pelo excesso de pão e o excesso de amor». Um dos melhores capitulos do bello livro, especialmente na parte sobre erros do amor. Pouca coisa conhecemos em litteratura tão completa a respeito.

A «Preguiça Pathologica» e a «Doença da Mentira» são duas partes tambem muito interessantes e dignas de acurada leitura. Erasmo fez o elogio da Loucura. Austregesilo quasi fez o elogio da Mentira. Com effeito, achamos que ella tem produzido mais bem para os homens que a verdade núa e crúa. Diga um individuo na sociedade milhões de mentiras, ellas não causarão tanto mal quanto talvez causariam duas ou tres verdades que pronunciasse. O escriptor tem toda a razão em affirmar que a mendacia servio de lastro, de base, primitivamente, ao caracter do homem. E não restam duvidas: «A mendacia vem do instincto de defesa».

Ainda me detive em trechos escolhidos da «Molestia do Ciume» e entrei alegremente no capitulo «Imitar», lembrando-me daquelle sociologo que escolheu a Imitação para lei basica do seu systema social. Austregesilo expõe com clareza de estylo e simplicidade elegante a mania de imitar tão propria do homem, até chegar á doutrina de Gabriel Tarde, o sociologo em que pensava, quando comecei a lêr o «Imitar».

Ficou-me da leitura do livro uma lembrança encantadora e até um desejo de fazer um semelhante, imitando-lhe a disposição tão sympathica, e que se poderia intitular «Grandes Remedios».

Garatujas...

Aquelle grande edificio que fica alli na Lapa entre o Syllogeu e um collegio de padres, segundo me disseram, é um grande estabelecimento de banhos quentes e frios e duchas de toda a sorte.

O seu aspecto demonstra mais ou menos o seu fim. Ha nas suas linhas architectonicas qualquer coisa de greco-romana e duas velhas estatuas da medicina hellenica lhe enfeitam a fachada.

Informaram-me que se chamará Thermas Carioca. Muito bem. Deus queira, no emtanto, que o seu proprietario não se lembre de convidar o Novidades, para apregoar o annuncio dos banhos aos quatro cantos desta mui leal e heroica cidade.

Se elle o incumbir dessa tarefa, teremos as vias publicas do Rio de Janeiro transformadas nas viellas de Paris ou melhor da Lutecia de Philippe Augusto, quando appareceram as primeiras casas de ba

"Fon-Fon!" 3-Fevereiro 1917

nhos publicos. Nesse tempo, plena idade-media, gritavam pelos adros, betesgas e bêcos do velho Paris:

« Seigneur, voulez-vous vous baigner?
Entrez donc sans delaier;
Les bains sont chauds, c'est sans mentir. »

"Fon-Fon!" - 13 Janeiro - 1917

Rio, 13 de Janeiro de 1917.

Um presente da França

Conversava-se animadamente no claro e alegre salão, emquanto fóra a chuva cahia sem interrupção, açoitando as vidraças. Falava-se de Joffre e da sua promoção ao grande posto de marechal de França, vago e esquecido desde a guerra de 1870. Houve quem evocasse aquelle rude batalhador Jacques Clemente, o primeiro a quem os reis francezes conferiram a alta dignidade. Outros recordaram os marechaes de Luiz XIV: o escossez Berwick, o dinamarquez Rantzau, os duques de Villars e de Bouflers, Vendome, Catinat, Luxemburgo e aquelle Villeroi, de quem uma canção reza assim:

«Palsambleu! la nouvelle est bonne
Et notre bonheur sans egal,
Nous avons recouvré Cremone
Et perdu notre general...
Villeroi,
Villeroi!»

Ainda lembravam episodios de Tureme e do marechal de Saxe, quando Claudio França se levantou e disse:

— «Joffre é talvez o maior vulto dos tempos que correm. Da escola de Fabio Maximo, o Cuntactor, salvou a França na batalha do Marne, como nos campos Catalaunicos e na planicie de Tolbiac Theodorico e Clovis a tinham salvo. Napoleão restabelecendo o cargo de marechal de França, cancellado pela Revolução, fez aquella maravilhosa promoção de generaes cuja idade media era de 27 annos. Depois, tornou-os principes e duques das batalhas ganhas. Ney era principe de La Moskowa; Massena, de Essling; Berthier, de Wagran; Davout, duque de Auerstaedt; Soult, da Dalmacia; Suchet, de Albufera; Lannes, de Montebello; e Lefevre, de Dantzig. Se a França não fôra actualmente republica, Joffre seria principe do Marne, como Mac-Mahon foi duque de Malakoff».

André Nunes interrompeu-o:

— «Protesto contra a tua comparação da batalha do Marne com as que detiveram os barbaros antigos. Os allemães não são barbaros!»

Claudio fechou um momento os olhos e logo após disse:

— «No começo do decimo terceiro seculo a Prussia, paiz lithuanio, era um territorio esteril, habitado por idolatras. Os cavalleiros teutonicos, regressando da Palestina, estabeleceram-se alli. O bispo da Livonia, Alberto de Buxhoff, fundou a ordem dos cavalleiros Porta-Gladio, que se fundiram nos outros. Emfim, um dia é eleito grão mestre da ordem Alberto Hohenzollern, margrave de Brandeburgo, que secularisa o paiz, abraça o lutheranismo e se torna duque hereditario. Estava começada a Prussia e nas mãos dessa modesta familia, que sahira do seu burgo senhorial encarapitado no cume do Zollerberg para o burgraviado de Nuremberg e para comprar depois por 400 mil florins a marca de Brandeburgo, começando desta sorte a sua extraordinaria fortuna politica.

Comparem o tempo de vida dessa nação com a França e teremos a immensa differença de evolução que as separa. Claro está que não falo de desenvolvimento material.

Richelieu achava que a França teria completado o seu destino, a sua unificação nacional, no dia em que occupasse o territorio da Gallia antiga. A França está quasi nesse ponto. A Allemanha não é ainda a Germania antiga e se fragmenta em 26 paizes. Em 1790, quando a França una e enthusiasta proclamava os direitos do homem, a Allemanha se dividia em 390 pequenos estados feudaes.

Ademais, é a França que tem feito a Allemanha».

— «Paradoxo!»

— «Absolutamente não. Carlos Magno, rei dos Francos, é o fundador do Santo Imperio Romano Germanico. Elle deu tambem origem á Prussia, creando a marca de Brandeburgo, estado tampão entre o imperio e as tribus barbaras, de raça slava, que viviam na Samogitia e na Lithuania, e inquietavam os estabelecimentos das fronteiras. Ainda foi Carlos quem fundou entre gentes barbaras vencidas os ducados de Saxe e da Baviera. Durante mil annos esses pequenos paizes ficaram o que eram. Foi preciso um novo imperador francez para crescerem. Napoleão elevou a reinos a Baviera, a Saxonia e o Wurtemberg, a grão ducado o Hesse. Antes disso, porém, o desenvolvimento fabril da Prussia fôra iniciado pelo grande numero de industriaes francezes, protestantes, que a revogação do Edito de Nantes expulsou da França catholica. Fôram 30 mil francezes os que nessa época funcionaram no paiz de Frederico II as suas primeiras fabricas.

Como já disse, a Allemanha é um presente da França do mesmo modo que o Egypto é um presente do Nilo...»

André Nunes ergueu-se, accendeu um charuto e sahio.

Jotaenne

Garavetos

Era um allemão loiro e gordo, de olhos azues vivos, face bondosa, allemão calmo e philosopho do sul, filho risonho do Wurtemberg hospitaleiro ou da Baviera catholica. Dirigia as suas officinas typographica e litographica, calmamente, preoccupando-se muito com a guerra que lhe encarecia o papel e privava de certas tintas. Nas paredes do seu vasto escriptorio pregára especimens de todas as gravuras que imprimia. Até as paredes pareciam, assim atapetadas de alto a baixo, um desses muros lisos que entristecem [illegible] e onde ha em lettras pretas enormes: E' proibido collar cartazes... A's vezes até o distico prohibitivo desapparece sob a alluvião de reclames.

Mas voltemos á vaca fria, que neste caso é o allemão. Elle explicava-me a maneira como poderia executar uma encommenda minha e dizia as razões do seu preço, que eu, como todo bom freguez, achára excessivo, quando os meus olhos depararam com as lithogravuras polychromicas do general italiano Cadorna espalhadas por todos os cantos.

— «O senhor, então, apezar do rompimento da triplice alliança, da campanha dos Alpes e do Isonzo, da cooperação italiana na Albania, no Montenegro e em Salonica, quando os imperios centraes se debatem assaltados por toda a parte e fazem os ultimos esforços, tem coragem de imprimir, na sua casa allemã com operarios allemães, a figura desse chefe inimigo!»

Terminei a minha palavrosa interpellação. O tudesco sorrio vagarosa e docemente. Depois, explicou-se:

«Que quer, meu caro senhor, somos negociantes e precisamos fazer negocios. Aqui em São Paulo (o caso passou-se em S. Paulo) ha muitos e muitos italianos e bem poucos allemães. Ora, eu imprimiria com patriotico prazer as figuras marciaes de Hindemburg, de Von Secht e de Von Mackensen, mas ninguem as compraria. Seria um prejuizo certo. Isto nada adiantaria aos imperios centraes, a elles ou a mim. Emquanto que, gravando o Cadorna, todos os italianos o compram. Isto me dá lucros e portanto lucros tambem ao Hindemburg, ao Mackensen e aos imperios centraes.»

"Diario Popular" - S. Paulo - 17 - Janeiro - 1917

H2

UNIFORMES HISTORICOS

O distincto literato e deputado federal dr. Gustavo Barroso, não ha muitos dias escreveu que no Brazil, o exercito não conservou num só regimento nem batalhão o seu uniforme historico.

Este descaso pela tradição o escriptor João do Norte criticou em uma pagina quente como as da "Terra do Sol", bellas novellas de sua penna inspirada.

De facto o governo brazileiro deveria de conservar uma recordação militar do periodo da independencia, uma vez que nem se quer se guardou a instituição da ordem do Cruzeiro, cuja constellação serviu para o emblema da bandeira da Republica.

Um regimento de cavallaria ou um batalhão de infantaria que tivesse o seu historico uniforme serviria de brilhante recordação patriotica dos episodios da campanha pela independencia nacional.

No reino prussiano ainda um corpo de infantaria da guarda recorda o tempo dos granadeiros de Brandenburgo e a organisação militar de Frederico o Grande ; na França ficaram os couraceiros do imperio napoleonico ; a Inglaterra tem o regimento "Royal horse artillery" e o batalhão de infantaria de escocezes com a banda de musica provida de antigos instrumentos desse povo montanhez ; a Italia possue os seus batalhões de Bersaglieri que recordam a bravura dos soldados do tempo do Risorgimento ; a Russia orgulha-se de guardar a tradição do regimento de Preobajeusky e assim outras nações da Europa que possuem o que se denomina espirito militar.

Na America do Sul, a Argentina, o Chile e o Uuruguay têm os seus corpos militares que usam o uniforme antigo : os coraceiros, os lanceiros de O'Higgins e os Blandengues de Artigas ; todos recordam as luctas da guerra pela libertação nacional, contra o dominio hespanhol.

O Brazil é excepção neste particular.

No Asylo de Invalidos da Patria, nas velhas arrecadações do Arsenal de Guerra, desde que não existe um Museu do Exercito — deverão de restar vestigios dos antigos uniformes militares para que se possam agora refazer como memoria gloriosa.

Quem escreve esta noticia recorda-se que no Arsenal de Porto Alegre existiram cousas dessa época historica e um particular, o velho republicano prof. Apolinario Gomes P. Alegre possuia em sua residencia, na Casa Branca, numerosos especimens do exercito da revolução de Piratiny.

Por acaso, outras pessoas, amantes de curiosidades antigas não terão guardado, como o brigadeiro Lima e Silva conservava armas, peças de uniforme, correame e desenhos do velho exercito brazileiro ?

Tudo isto prestaria como contribuição efficaz para o projecto de lei que o deputado Gustaco Barroso prepara para a reunião parlamentar deste anno.

E quando não servisse, existe aqui, no Museu Paulista, a sumptuosa tela do pintor Pedro Americo, representando a proclamação do Ypiranga e onde se vê com todo garbo uniformisada de branco a escolta de d. Pedro I.

Para o regimento de cavallaria que tiver de recordar o passado nacional talvez possa servir de modelo o vestuario e armamento dessa escolta do fundador do imperio bragantino no Brazil.

Gatimanhos...

Os tres amigos rememoravam a serie de anecdotas espalhadas neste paiz inteiro sobre a «urucubaca» de que era portador um individuo altamente collocado. Contavam casos os mais interessantes, quando um delles, mais sceptico, interrompeu a palestra com enfado :

— Superstição ! Somente um povo atrazado como o nosso dá credito a taes allusões.

O mais moço dos outros dois respondeu-lhe :

— Sim, allusões, porem o mundo está cheio dellas e sempre esteve. Talvez até nunca se liberte. Os Romanos eram um povo superior, entretanto entre elles corria, segundo nos diz Aulo-Gello nas «Noites Atticas», a celebre lenda do cavallo de Seius, garanhão laio que dava má sorte ao seu proprietario. Todos os que o possuiram pereceram de morte violenta depois de terem perdido sua fortuna ou soffrido os peiores males.

O ultimo então falou :

— Está ahi, o tal sujeito é o cavallo de Seius nacional.

Gatafunhos...

Encontramos num velho livro sobre costumes da idade-media um pormenor muito interessante. Segundo as capitulares de Carlos Magno e outras leis, o individuo que cortasse os cabellos duma donzella pagaria sessenta e dois e meio soldos de oiro de multa.

Quem apertasse o dedo na mão duma mulher de condição livre pagaria quinze soldos. A multa era de trinta soldos para quem tocasse no ante-braço, de trinta e cinco para quem segurasse no braço acima do cotovello, de quarenta e cinco para quem ousasse chegar até o seio, segundo diz o texto latino : *si mammillam strinxerit.*

Nesses tempos de fé e de coisas cavalheirescas não havia cinemas, entretanto a lei deixa entrever que existiam bolinas. Hoje em dia esta desunida classe tem a vantagem do escuro nas salas de projecções. Era o caso do Conselho Mnnicipal imitar as velhas capitulares ou do dr. Cadaval escrever mais umas disposições no seu codigo de policia de costumes...

Garabulhas...

Recebi hontem pelo correio da tarde esta pequena carta :

« Nova Friburgo, quinta-feira, dia chuvoso, lamacento e triste do primeiro mez. Meu caro amigo. Estou sitiado pela chuva incessante nesta cidade serrana, pequena e abandonada. Não se pode sair de casa. A humidade sobe até a alma. Não se ouvem cantos de passaros. Ha dez dias não se vê a luz gloriosa do sol. Leio no meu quarto Luciano de Samosata e passeio nos corredores do hotel. As ruas estão cheias de lagos, lagôas, lagunas, ipueiras, pôças e charcos. Cada regueiro, cada sargeta, cada sanja é hoje um rio, uma caudal. Nos matos cheios de agua não passa o fremito duma viração. E chove! A' noite, faço somno olhando o vermelhejar duma lampada de petroleo na janella duma casa distante. Certo, algumas pessôas ao pé daquella luz trabalham ou estudam, jogam ou palestram. E eu tão só! Que foste fazer em Friburgo? perguntarás. Não te respondo. E' cá um segredo muito serio do teu

Claudio França.

Galimatias

Ceci n'est pas autre chose que l'histoire dun pauvre enfant, diz Edmundo Rostand no frontespicio do *Aiglon*. Effectivamente o filho de Napoleão, creado numa côrte austriaca, peiado por uma educação proposital, doente do corpo e doente da alma, nada teve, pode-se dizer, da energia ferrea, da vontade mascula do seu immenso pae. Era um rapaz loiro, acurvado, que vivia a se interrogar se possuia algum lampejo da alma vigorosa e excepcional que o gerára.

Do mesmo modo Ricardo, filho de Oliveiro Cromwell, o Protector, o homem audaz e crú que fez cair a cabeça de Carlos I e assignava os tratados pondo seu nome antes do dos reis, era fraco e indeciso, não parecendo sair de tão forte tronco.

Bem razão tem o autor dos *Quatro Stuarts*, quando diz : « Esses genios pelos quaes começam novas ordens de coisas são solitarios. Só se perpetuam pelas suas obras, nunca pela sua raça».

"Selecta". 20 . janeiro - 1917

...al do Commercio" - Es. tarde - 25-1-917

Os dragões da Independencia

A proposito da sua idéa sobre a creação dum regimento tradicional e historico no Brasil, revivendo o uniforme dos "Guardas do Corpo" do primeiro Imperador, idéa apresentada em artigos e entrevistas, o Sr. Deputado Gustavo Barroso recebeu do Sr. Firmino Carlos de Yeregui, introductor de Ministros e chefe de secção de assumptos diplomaticos do Ministerio do Exterior do Uruguay, a seguinte carta:

"Illmo. Sr. Uma das cousas de que mais me tenho lembrado, regressando a Montevidéo, tem sido a promessa que lhe fiz de enviar-lhe toda a documentação que me fosse possivel arranjar sobre o nosso 1° regimento de cavallaria, regimento de "Blandengues de Artigas". Porém, como vejo que, devido á ausencia duma pessoa desta Capital, demoraria em enviar taes dados, quero prevenil-o disso, afim de que não cuide que esqueci a promessa.

Seu artigo sobre os "Dragões da Independencia" é muito interessante e demonstra o seu perfeito conhecimento da questão. Sua idéa de reconstruir esse regimento historico com seus uniformes do principio do seculo dezenove é acertadissima, e além do precedente argentino dos "Granadeiros de San Martin" póde o Sr. citar mais, se escrever algum artigo complementar, o dos nossos "Blandengues de Artigas".

Sabe o senhor que o nosso grande Artigas, preclaro autor das "Instrucções do anno XIII", qualificado com justiça Washington sul americano, militava sob as bandeiras hespanholas como capitão dum regimento hespanhol de blandengues (lanceiros), ao produzir-se no Vice-Reinado do Prata a revolução de Maio de 1810. Nascera em Montevidéo e sendo, como era, ardente partidario da independencia destes paizes, depois de uma discussão com seu chefe, o brigadeiro Muesa, destacado na colonia do Sacramento, passou-se para a revolução.

A Junta de Buenos Aires, que conhecia seu valor e prestigio deu-lhe o posto de tenente-coronel e alguns recursos para se pôr á frente do movimento que a sua fuga provocára no Uruguay.

Artigas, vestindo o uniforme dos Blandengues, foi immortalizado numa téla popular por um dos nossos maiores pintores, João Manoel Blanes, que o representou de pé sobre a ponte levadiça da antiga cidadella de Montevidéo, hoje totalmente desapparecida e em cujo sitio está actualmente a praça da Independencia.

O actual regimento de Blandengues, de guarnição nesta Capital, faz sómente o serviço de escolta do Presidente da Republica e escolta e continencias a embaixadores ou ministros plenipotenciarios. As côres do uniforme são as mesmas da época de Artigas.

No desempenho das minhas funcções de Introductor de Ministros, cada vez que com a escolta de Blandengues conduzo em carruagem descoberta algum diplomata que vai apresentar credenciaes ao Presidente da Republica, tenho occasião de verificar como o vistoso uniforme historico, o mesmo que Artigas vestia, produz o melhor effeito e a melhor impressão nos extrangeiros que o vêem pela primeira vez.

Faço sinceros votos para que dentro de muito breve o povo do Rio de Janeiro veja desfilar por suas ruas o brilhante regimento dos "Dragões da Independencia", por cuja reconstituição historica o senhor se bate com empenho.

Sempre ás suas ordens, admirador e amigo. — *Firmino Carlos de Yeregui* "

"Revista da Semana". 27-1-917

Os Dragões da Independencia

A idéa lançada pelo distincto deputado e talentoso escriptor, dr. Gustavo Barroso, no bello artigo que publicou no numero de Natal desta *Revista*, de ser creado um regimento de cavallaria de *élite*, a que se chamaria *Dragões da Independencia*, e uniformisado com a farda da *Guarda do Corpo*, de D. Pedro I, que acompanhava o Imperador no dia historico do Ypiranga, tem obtido o mais enthusiastico acolhimento nos meios militares e intellectuaes. Depois do artigo que lhe dedicou *O Paiz*, varios jornaes de S. Paulo e do Rio Grande se teem referido ás brilhantes paginas do dr. Gustavo Barroso, applaudindo o seu appello patriotico e fazendo votos para que, nas festas do centenario, os *Dragões da Independencia* forneçam já a guarda de honra nas grandes solemnidades officiaes. Lembra-nos um illustre official do exercito que para a composição desse regimento de *élite* sejam escolhidos os melhores soldados dos regimentos de cavallaria, que se tenham salientado por actos de bravura ou comportamento exemplar, e que na proxima sessão legislativa o distincto collaborador da *Revista da Semana* apresente o projecto de constituição dos *Dragões da Independencia*, para que haja tempo de organisal-o, uniformisal-o e montal-o convenientemente. Podemos adiantar que essa é, justamente, a disposição em que está o sr. dr. Gustavo Barroso.

"Fon-Fon!" 27-1-917

Garavetos

Passou por mim e entrou numa casa de chá. Foi como se, no escuro dum antro, me tivesse chegado um loiro raio de sol. Ainda a vejo como naquelle primeiro dia.

Era esbelta e elegante, o rosto altivo, o olhar intelligente e franco. Alva e alourada com duas pequenas mechas a se enroscarem no marmore da nuca. Ao andar, cada movimento do seu corpo, tal qual diz d'Annunzio na «Gioconda», desfazia uma harmonia para crear uma harmonia nova.

Acompanhei-a com a vista, a murmurar tudo quanto troveiros, trovistas e trovadores cantavam das mulheres amadas nos tempos cavalheirescos da fecunda média-idade: « Corpo de jaspe e oiro, alma de claro sol; collo de garça real; flôr da montanha; perdição dos olhares!»

E lembrei-me da formosura tão gabada de Leonor Telles, encanto da vida de D. Fernando, Cleopatra de Portugal, a do brazão de oiro liso, signal da mais limpa nobreza, contra quem a plebe esvurmava injurias e a cuja belleza mal lograva resistir Nuno Alvares Pereira, o Condestavel. Lembrei-me da tão formosa bellesa de Leonor e disse, vagarosamente, saboreando as palavras, como da rainha de Portugal, diziam os menestreis: «Flôr de Altura!» «Flôr de altura» ella era, a que passou por mim, porque a sua bellesa tinha qualquer coisa de remoto e de alto, e porque na seriedade do seu modo de ser ella parecia inalcançavel, inattingivel para mim! «Flôr de Altura!»

27-1-1917

Garabulhas...

Reis cavalleiros foram quasi todos os que viveram da Idade Média á Renascença. Reis heroes foram aquelles que, como Philippe de Valois derrotado, batendo á porta dum castello dizia ainda phrases heroicas; foram aquelles que, como Ricardo Coração de Leão, hirtos sobre o giganteo corcel de guerra, um gerifalte branco no punho, faziam com a sua sombra colossal tremerem os cavallos dos esquadrões arabes! Reis poetas foram alguns, poucos aliás. Henrique III de França fazia canções. Francisco I versejava. Escrevia até com o dedo na vidraça embaciada pela geada:

«Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie.»

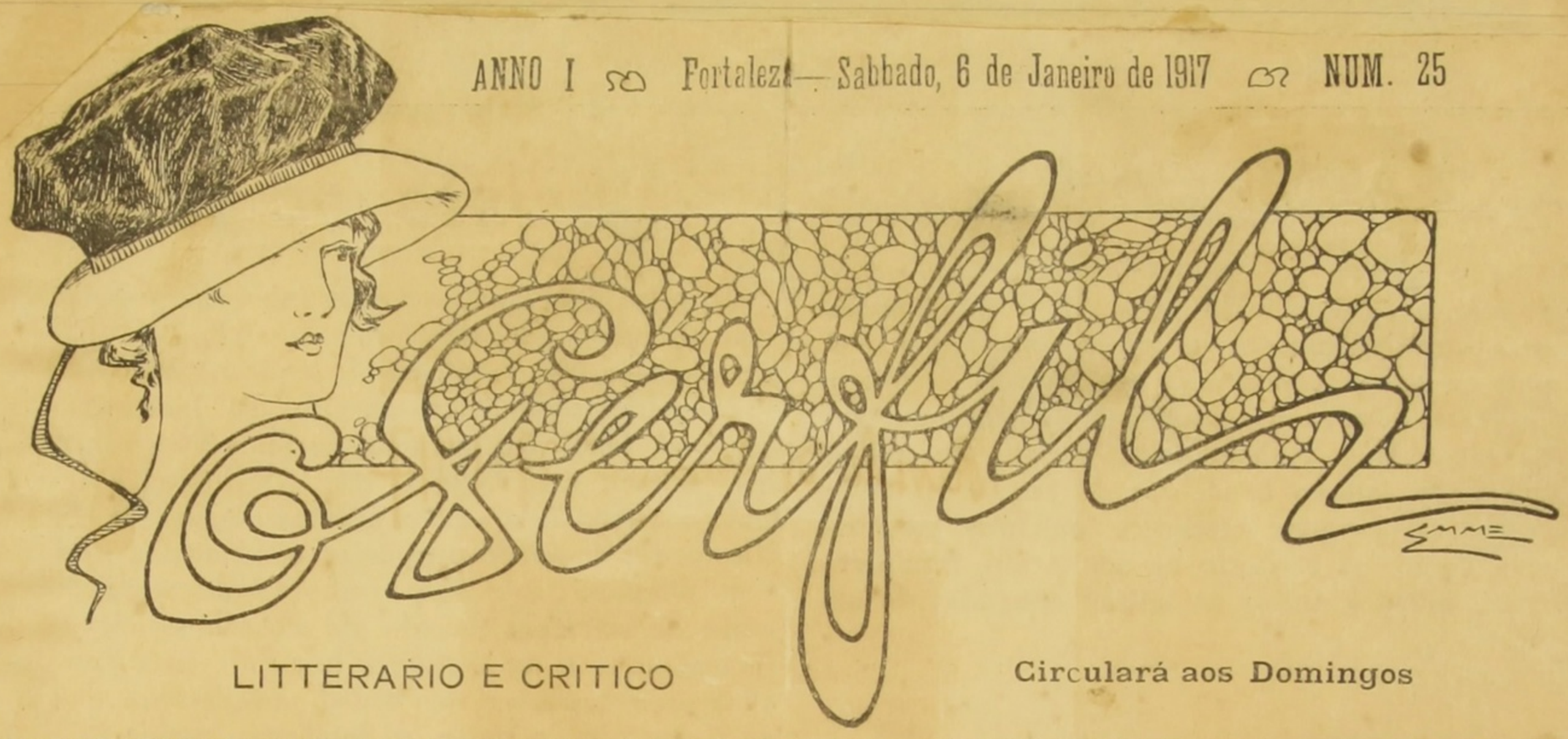
Rainhas poetisas existiram em menor numero. Uma dellas era a infortunada Maria Stuart, de cuja vida soffredora sómente a libertou o carrasco em Fotheringay. Saudades de Francisco II, seu moço e gentil marido, ella cantou nestes suaves versos seus:

«Si je suis en repos
Sommeillant sur ma couche,
J'oy quil me tient propos,
Je le sens qui me touche:
En labeur, en reçoy,
Toujours est près de moy.»

44

"O Perfil" - Ceará - nº 1 - 6-1-917

ANNO I — Fortaleza — Sabbado, 6 de Janeiro de 1917 — NUM. 25



LITTERARIO E CRITICO

Circulará aos Domingos

«O Perfil» Social

Dr. Gustavo Barroso (João do Norte)

O primoroso estylista do "Terra de Sol" e representante do Ceará na Camara dos Deputados

45

"Fon-Fon!"

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1917.

A PRAÇA DA IGREJA

Ao sol, entre o verde das arvores, em toda a extensão da Avenida, mal tremiam na escassa viração do dia estival, milhares de bandeirolas tristes, desbotadas e feias. De espaço a espaço elevavam-se coretos de madeiras pintados de branco, engrinaldados de folhagens, velados de fieiras de lampadas electricas multicôres. As columnas esguias que sustentavam os seus pesados tectos de estylo indefinivel participavam pelo formato e pelos ornamentos das forquilhas dos primitivos templos aryanos e das pilastras dos gyneceus persas. Os arcos tinham deselegancias de ogivas mal traçadas, entalhes de gosto mosarabe. Nas bandeiras havia a mais completa repulsão entre as côres. O verde claro ria ao lado do castanho e o amarello dava o braço ao cinzento escuro, emquanto o brilho do vermelho morria entre listas pretas e arroxeadas. Nos coretos as linhas obedeciam á mais ignorante e anti-artistica imaginação.

Ia haver á noite uma batalha de confetti.

Do lado da praça Mauá vieram guinchos dum clarim fanhoso. Todo o mundo se voltou curiosamente. Entre a poeira insolada, lá adiante, luziram metaes, balancearam cabeças de cavallos. Uma companhia de circo de cavallinhos fazia sua espalhafatosa exhibição. Dentro duma carroça empavezada de annuncios, um negro tocava clarim e um palhaço alto, untado de alvaiade em que sangrava um riso bestial de vermelhão, dava pancada num bombo. Depois, desfilaram cavallos de picadeiro, um elephante ataviado, um macaco sabio trepado á garupa dum jumento, dois pelles-vermelhas de longos cachimbos e calças de coiro, e dois ou tres carros com mulheres vestidas de ciganas que lembravam a desdentada Imperia, no ultimo quartel da vida, feita saltimbanco em companhia de don João.

Mal o cortejo dobrava a esquina da rua da Assembléa, sahia da rua Sete de Setembro um collegio de meninos, de uniforme kaki, carabinas ao hombro, marchando ao som do tambor.

Ao sumir-se adiante da rua do Ouvidor, na fumaceira de dois taxis parados, que roncavam e bufavam doidamente, uma theoria de meninas pallidas, envoltas em aventaes de brim pardo e saiotes de xadrez, guiadas por tres irmãs de caridade, atravessou a calçada do Odeon, sob a canicula.

Depois, appareceram dois sujeitos de pernas de pau, fazendo reclames de cigarros e vinhos, varios cegos esmolando e uma banda de musica, uma charanga de sociedade particular, com um sujeito na frente conduzindo um quadro na ponta duma vara com o programma dum theatro do largo do Rocio.

Segui para os lados do Municipal. Um bafo ardente se evolava do asphalto. Por traz dos muros que cercam o terreno do antigo convento da Ajuda surgiam os tectos das barracas da Exposição de Fructas. Junto a mim passou uma familia suburbana com vestidos berrantes, fora de moda, e amplos chapéus emplumados de azul de rei e de carmim.

João de Oliveira, que ao meu lado calmamente caminhava como se andasse por uma vereda da sua fazenda do Uruquê, no amago do sertão cearense e que até alli não dera uma palavra, tocou-me com o cotovello e falou:

— «Compadre, estou-me sentindo aqui nesta terra tão bem como na minha, a villa de São Bento da Amontada. Esta Avenida, mal comparando, é a mesma coisa, em ponto *mais grande*, que a praça da igreja lá da minha villa: as bandeirinhas, os kiosques das morenas, os coretos da musica, as moças mostrando os vestidos, o destacamento fazendo o exercicio, o collegio dos padres, os palhaços do circo e até aquella philarmonica. Só faltam os foguetes, compadre!»

Jotaenne

"Fon-Fon!"

17

Fev.º 1917

Galimatias

Qual o mais bello episodio da vida de Kosciusko, o grande heróe polaco, é aquelle que um dos seus servidores narrou ao bispo de Varsovia.

Kosciusko enviou o seu criado a dar um recado urgente numa cidade visinha, dando-lhe o seu proprio cavallo para que o famulo não se demorasse.

Pois bem, o creado custou muito a voltar. Chegando em casa, Kosciusko reprehendeu-o, indagando as causas da demora. E o serviçal respeitoso disse-lhe:

— O cavallo parou durante toda a viagem diante de cada mendigo ou de cada esfarrapado que encontrava, não se movendo nem a poder de espora ou de chicote senão depois de ter eu dado uma esmola ao individuo.

O revolucionario polaco respondeu singelamente:

— E' que eu o puz em máos costumes.

Garatujas...

Noite. Faz um calor de torrar. O ar parece que tem febre. E os tenues sopros da escassa viração são ardentes como bafios de rescaldo. A praia de Ipanema está deserta. Ao longe pestanejam as luzes do *Country Club*. A areia sobre que me deitára guardava um resto de frescor das ondas que a lavaram na préa-mar.

Os meus olhos passeiavam pelo céo immenso, limpo, claro, sereno, pontilhado de estrellas. Fui olhando uma por uma as constellações que palpitavam mais brilhantes: o Cão Menor, o Escorpião, o Cruzeiro. E, já fechando os olhos com somno, balbuciei aquelle final maravilhoso dum soneto divino de Heredia:

Ils voyaient monter dans un ciel ignoré
Du fond de l'océan des etoiles nouvelles.

"El Diario" - Buenos Aires - 12 fevereiro = 1917

476

La fertilidad del Brasil—

El suelo de este país privilegiado es de una fertilidad exuberante. Quiero referir un ejemplo elocuente que me fué contado por el doctor Gustavo Barroso, el joven y talentoso escritor y periodista, Joao do Norte, diputado federal por el Ceará.

Se recuerda la espantosa sequía que diezmó el año pasado aquel estado, sumiéndolo en una miseria terrible: murieron millares de hombres, mujeres y niños; se perdió todo el ganado; no quedó en pie planta alguna. Fué un desastre completo.

Pues bien, en menos de un año Ceará se ha transformado en un Estado floreciente y el bienestar, la riqueza, la superabundancia casi, se han diseminado por toda la region, llegando á todo el pueblo. El milagro aconteció así: despues del desastre de la sequía, el gobierno local distribuyó gratuitamente la semilla de algodon á todos, y todos plantaron algodon, cultivo sencillo que no demanda ni conocimientos especiales ni trabajo excesivo. El algodon creció con la exuberante generosidad característica de este país, su precio fué remunerativo y todos tienen dinero en Ceará, han reconstruído sus hogares desolados, han normalizado su vida y la prosperidad vino á reemplazar la desolacion de hace pocos meses.

"Fon-Fon!" Rio 24-Fevereiro 917

Garavetos

A' sombra das arvores antigas do velho parque todo doirado de sol, a espirituosa senhora, poisando em mim fugitivamente os seus olhos claros e doces, disse-me não achar explicação para o facto da ambição feminina ser menos escrupulosa e muito mais energica que a ambição dos homens.

— E' talvez porque a ambição da mulher manifesta-se mais raramente que a dos homens, respondi-lhe, sorrindo. Dahi a concentração e a força nos casos insulados.

Ella balançou a cabeça envolta na poeira de oiro dos seus finos cabellos crespos.

— Não. Deve haver uma causa mais profunda, disse.

Então, recordei a opinião de Dieulafoy:

« E' porque o seu ser moral tem arestas, que desappareceram no do homem pela dureza dos attrictos diarios duns com os outros. »

Um raio de sol brincou no castão de prata lavrada do seu guarda-sol *mauve* e ella, olhando aquelle faulhar da luz, pensativa e triste, fallou:

— Ainda não, meu amigo. Deve haver outro motivo.

"Fon-Fon!" 3-3-917

Gatafunhos...

Tenho á mão o ultimo livro de Hermes Fontes e de sua leitura me ficou uma excellente impressão. A sua primeira obra estuava de viço e enthusiasmo, que o proprio titulo traduzia — «Apotheoses». A segunda e a terceira eram esforços magnificos para a pureza da fórma e a maravilha do rythmo - «Genese» e «Cyclo da Perfeição». Este terceiro livro é um livro de sentimento, um livro escripto com o coração — «Miragem do Deserto».

Sente-se que os seus versos foram feitos por quem ama e por quem ama com esperança e fé, com muita esperança e com muita fé.

«,... O rumo é incerto :
e elle prosegue viagem
porque tem fé :
— contempla o azul profundo e aberto,
e procura a miragem
.... a longinqua miragem do deserto. »

Não vale a pena fallar da technica e da arte de Hermes Fontes. Dum poeta consagrado como é que poderá dizer um misero prosador? Basta confessar ao publico o seu encanto em lel-o e o seu prazer em sentir que elle disse no rythmo da poesia coisas formosas e impressionadoras.

Garatujas...

Discutiam-se as operações da guerra actual e alguem falou de estrategia e tactica, lembrando os dois processos principaes da arte da guerra: envolver o inimigo, segundo as regras classicas de Frederico; cortal-o ao centro e bater, separadamente, as duas alas, conforme costumava fazer Napoleão. E de toda a roda se elevaram louvores aos envolvimentos maravilhosos do rei da Prussia.

Claudio França parou de escutar os outros e disse:

— O envolvimento é a manobra classica e intuitiva por excellencia. O soldado não receia dez inimigos pela frente, mas se apavora com dois á rectaguarda. Frederico fez habeis movimentos envolventes em Mollwitz e Rosbach. Napoleão empregou-os em Montenolte, Borodino e Iena. Mais notavel, porém, é a manobra com que escapou de ser envolvido em Leipzig. Os prussianos envolveram os francezes em Saint-Privat e Reischoffen. Porém o envolvimento mais celebre de que fala a historia militar do mundo é o da batalha de Rephain, quando David á frente dos seus afamados gibbors cahiu pelas costas do exercito philisteu, derrotando-o completamente.

Como tactico, estrategista e poliorcete, o velho rei David não era inferior a Frederico da Prussia e valia mais que o marechal de Saxe.

Galimatias

Um amigo meu preparou neste carnaval, em Petropolis, um interessante carro de critica. Aos lados, pintadas em negro sobre fundo branco se repetem caricaturas de Joffre, e de soldados tudescos, de mãos para o ar, gritando: «Pas caput, Kamerade!»

O carro se chama « A conflagração». Dentro vão quatro rapazes: um highlander, a Inglaterra; um camponez de tamancos, Portugal; um montanhez de suissas, Montenegro; um cow-boy, Estados Unidos. Varias moças se apresentam vestidas de França, Russia, Allemanha, Austria, Italia, Bulgaria, Turquia, Japão, Rumania, Servia e Belgica. Um latagão magricella vae, trepado sobre nuvens de algodão em rama, de camisolão branco e azas doiradas, uma estrella na cabeça e um ramo de oliveira na mão. E' o amigo da paz.

Porém o mais interessante de toda a critica é que nos dois burros do carro se penduraram duas grandes taboletas em letras encarnadas: *Neutros.*

"Jornal Pequeno" - Recife - 14-3-917

GUSTAVO BARROSO. — Passageiro do *Pará*, viaja, com destino ao norte, o talentoso belletrista patricio Gustavo Barroso, mais conhecido sob o pseudonymo litterario de «João do Norte».

Ao distincto viajante, que é uma figura acatada no nosso meio intellectual enviamos os nossos cumprimentos.

"Jornal do Recife" - 25.ª 14-3-917

Gustavo Barroso, o joven e talentoso belletrista patricio, viaja a bordo do paquete «Ceará».

Deputado federal pelo Ceará, Gustavo Barroso ou melhor João do Norte é uma das figuras mais em destaque no meio intellectual do paiz.

Saudamos o distincto patricio,

"Jornal do Recife" - 25.ª 14-3-917

Dr. Gustavo Barroso

Com destino ao Ceará, vindo da Capital da Republica, deu-nos hoje o prazer de sua fina e illustrada palestra, o illustre dr. Gustavo Barroso, deputado pelo importante Estado nortista e um dos litteratos de renome do paiz.

Agradecidos pela gentileza da visita que se dignou de nos fazer, desejamos ao amigo muitas felicidades.

"Jornal do Recife" - 25.ª 14-3-917

Gustavo Barroso

Com destino a Fortaleza, viaja a bordo do paquete nacional «Ceará», o illustre dr. Gustavo Barroso, uma das figuras mais em destaque nos circulos litterarios do Paiz.

Gustavo Barroso que representa o Ceará no Parlamento Nacional, é o João do Norte, o scintilhante escriptor cujas chronicas magistraes, são admiradas por todos quanto se interessam pelo movimento litterario do paiz.

"Imparcial" - 20-3-917 - Ceará

Dr. Gustavo Barroso

Pelo «Ceará» chegou anteontem do Rio de Janeiro, o sr. dr. Gustavo Barroso, deputado federal por este Estado e distincto escriptor cearense.

S. S. vem em visita a sua digna familia.

«O Imparcial» apresenta-lhe suas respeitosas bôas vindas.

"Correio do Ceará" - 19-3-917

Dr. Gustavo Barroso

A bordo do paquete «Ceará» chegou, hontem, a esta capital o illustre representante cearense na Camara Federal, dr. Gustavo Barroso.

O talentoso parlamentar desde muito jovem dedicou-se á carreira das letras, publicando varios trabalhos que o recommendaram ás sympathias do alto meio intellectual carioca.

Ao desembarque do dr. Gustavo Barroso compareceu crescído numero de parentes e amigos que o acompanharam até a residencia de seu pae, coronel Felino Barroso.

O «Correio do Ceará» apresenta ao illustre congressista os cumprimentos de bôas vindas.

"Jornal do Recife" 25. M. 15-3-917

DR. GUSTAVO BARROSO

Gustavo Barroso — o paysagista excellente das nossas terras nortistas—o João do Norte de varios livros de magnificos contos regionaes sagrados pela critica, está no Recife, a bordo do «Ceará» em demanda ao Estado do mesmo nome, sua terra atal que representa dignamente na Camara Federal dos Deputados.

João do Norte faz parte tambem da redacção do *Fon-Fon* o scintillante semanario carioca tão querido entre nós pelas suas paginas cheias de vida e belleza artisticas.

Ao distincto litterato patricio e congressista federal dr. Gustavo Barroso, o *Jornal do Recife* revova as suas saudações e deseja um proseguimento de viagem bonançosa, ao mesmo tempo que agradece a gentileza da visita.

—

"Fon-Fon!" - 10-3-917

Garabulhas...

Catharina de Medicis, mulher de Henrique II, mãe de Francisco II, Carlos IX e Henrique III, quatro vezes rainha de França, foi um dos mais energicos e originaes caracteres femininos que a historia regista. Teve amantes perfumistas, intrigou politicamente quatro côrtes e commetteu todos os crimes. Era uma mulher violenta, ambiciosa, apaixonada, temperamento forte, natureza superior que se não embaraçava com nenhum escrupulo, espirito eminente que nenhum freio dominava, comico e tragico consummado.

Das mulheres que a familia florentina dos Medicis mandou para os leitos dos monarchas francezes foi a que em mais alto gráu possuia a dissimulação e a força da raça e do clan de onde descendia.

E' necessario remontar muito nos annaes da humanidade para encontrar outra mulher que se lhe assemelhe. Essa é a linda Bethsabá, favorita de David e mãe de Salomão, astuciosa, subtil, ambiciosa e energica, que se elevou dum leito de soldado a um throno de rei.

"Diario do Estado" - 20-3-917 - Ceará

Deputado Gustavo Barroso

Pelo «Ceará» chegou ante-hontem da Capital da Republica o nosso prezado amigo e correligionario dr. Gustavo Barroso, deputado Federal, representante do P. R. C. C.

Gustavo Barroso, que é um nome feito na litteratura nacional e na imprensa de bom quilate da capital do paiz, e que tem sabido honrar o mandato que lhe foi confiado, vem a sua terra natal, que tanto estremece, em visita á familia.

Demorar-se á, apenas alguns dias, entre nós

Ao seu desembarque compareceu crescido numero de amigos e o representante do Presidente do Estado.

O DIARIO, que o tem como collaborador intelligente e dedicado, envia-lhe affectuoso abraço.

"A Noite" - Fortaleza - 25 - Março - 1917

Casar é ter a idéa de uma longa viagem em perenne rio n'uma *Gondola* de amor; sentindo-se o *labôr e ouvindo-se* o tic-tac febril dos idéaes politicos.

Gustavo Barrozo

48 "Fon-Fon!" 10-3-917 e "Fon-Fon!" 17 de Março de 1917 e

Garabulhas...

O trem fazia a curva da sahida da serra, vagarosamente, arfando. Meio debruçado á janella do wagon, olhava os outros carros gemendo sobre os trilhos, guinchando na cremalheira, e contemplava a scismar os rectangulos das janellas illuminadas destacando-se no escuro da noite como quadrados de luz suspensos no espaço.

O pharol da locomotiva clareou uma fachada humilde de casa, pendurada á beira dum barranco. Entrevi na rapidez da faixa de luz um grupo de creanças sentadas em derredor dum homem de meia idade, escutando com attenção as historias de encantamentos que, certamente, elle lhes contava.

O comboio subia e eu ia pensando em como devem ser felizes os que são bons, humildes e despidos de ambição, porque em um recordava de quanto era feliz, quando menino, no pateo enluarado da fazenda dos meus ascendentes, ouvindo os contos de fadas, estropiados pelo velho vaqueiro, heroe das catingas e das seccas.

Não ter ambição e ser tão simples assim é que é ser feliz; e ninguem o pode ser, porque ninguem consegue desejar alguma coisa.

Gatafunhos...

O sol alto e quente doirava toda a pequena cidade de Petropolis, elegantemente aninhada entre as suas serrotas e caprichosamente espalhada pelas encostas e valles serpejantes.

A viração tão forte quanto a luz açoitava os arvoredos frondosos das avenidas e chegava a encrespar as aguas correntes, enrugadas e claras dos rios.

Todo o mundo deixára o aconchego caseiro e viera para a avenida Quinze ou para o largo de dom Affonso, gozar a delicia estival da manhã.

Sob as arvores copadas e muito verdes, sentavam-se nos bancos centenas de mulheres, quasi todas novas, quasi todas bellas, quasi todas elegantes, quasi todas bem vestidas e muitas possuidoras dos maiores encantos.

Passei entre as suas filas de chapeu na mão, cumprimentando algumas e fui sentar-me, indifferente e só, quasi á beira da rua, sem sorrir e cheio de nostalgia, até que ella appareceu, toda de preto, muito clara e muito fresca, muita nova e muito simples, para alegria dos meus olhos e do meu coração.

Gatimanhos...

Olhando a alta torre que se eleva junto á nossa cathedral, coroada por uma imagem doirada, Claudio França me disse:

— E' gosto genuinamente hespanhol ter junto das sés, nas suas cidades, um alto campanario com um titulo formoso, gosto tão antigo e tradicional como o dos carrilhões flamengos.

Viajando na Hespanha, tive occasião de notar essa particularidade e o prazer e orgulho com que cada cidade fala do seu campanario, orgulho e prazer quasi tão grandes como os de Pisa pela sua torre inclinada, de Veneza pelo *campanile* de São Marcos, de Pekim pelo torreão de porcelana e das cem campainhas.

Castella, Aragão e Andaluzia são os paizes das grandes e celebres torres religiosas. Sevilha possúe a formosa, a encantadora Giralda, onde se misturam os gostos godos e arabes, e a linda torre do Oiro. Em Salamanca, o tourista encontra a torre do Clavero, original e vetusta. Toledo tem a de São Thomaz. Burgos é dominada pela de las Huelgas. E Saragoça, capital do Aragão, a heroina de 1808, dorme ao badalar triste dos sinos da torre de São Miguel.

O passado revive aos olhos do homem na Europa toda. A America vive de matar o seu.

Garabulhas...

Um famoso livro o do meu querido amigo e patricio Mario Linhares. Li o «Evangelho Pagão» na serra da Estrella, á sombra amena de arvores, com um rio limpido a escorrer entre bambuaes e todo um sol de oiro e pedraria a faulhar sobre a natureza inteira. Um dia dyonisiaco, um dia verdadeiramente pagão.

E eu li alto, na solidão do meu retiro sob os ipês floridos do amarello, um lindo Sonho Pagão, que me dava estremecimentos e desejos de ser da raça augusta e sensual de Pan:

«Sonho-te nùa e o teu grego corpo de Venus,
Aos meus olhos pagãos, palpitando, apparece..,
Recruzam'te no olhar locusticos venenos
E a tua voz me chama em sussurro de prece.»

A alma cearense de Mario Linhares se descobre, vibrante, na A morte de Iracema e no seu lindo soneto sobre Farias Britto. Os seus estúos de mocidade pagã se vêm no Culto Selvagem, no Festim Romano, na Morte de Petronio, no Elogio do Beijo. As rebelliões de seu espirito estão transcriptas no Grito Revél e no Rebellado. O melhor de sua alma poetica vae no Renascimento e no Nosce te Ipsum. O seu lyrismo extravasa na Canção de Amor.

Em summa, um formoso livro!

Gatimanhos...

Farias Britto, o philosopho cearense, que nos deu aquella maravilhosa pagina do «Deus é a luz» não será esquecido depois de morto como muitos outros têm sido. Parece que o seu nome se perpetuará com relativa facilidade e pressa. Homem de valor excepcional escapará ao olvido com que no Brasil se cobrem os tumulos dos homens de valor.

Antes delle morrer, o seu talentoso discipulo Jackson de Figueiredo publicára um livro estudando, analysando e enaltecendo a sua obra. Pouco depois de sua morte, o poeta cearense Mario Linhares no seu bello livro «Evangelho Pagão» publicava um soneto perfeito, terminando-o assim:

«E á eterna luz dos teus ensinamentos grandes,
Teu nome pairará numa altura infinita
Qual uma aguia que attinge o pincaro dos An-
[des.»

Agora, abrindo a delicada e sentida plaquette que o talento de Felix Pacheco e a sua alma de pae dedicaram á gentilissima e ainda pequenissima Martha, encontrei esta citação de Farias Britto, no perystillo das quarenta e oito paginas do poeta encantador e pae encantado: ... «toda creança, quando nasce, é sempre festejada como se fôsse portadora dum mysterio novo»...

Farias Britto não morrerá na memoria das lettras brasileiras.

não tenham fim.
...udas Phrynéas, que
sublime eloquencia, a el...
...enciosa do silencio qu...
do Amor que é a unica ...
da vida...
saudação de

CRAVO BRANC...

RUZ & IRMÃO

CASA FUNDADA EM 1874

ARMAZEM DE ESTIVAS, MOLHA...
E MIUDEZAS

...UA BARÃO DO RIO BRANCO, ...

"A Nota"
Fortaleza - 1 - Abril - 1917

Semeadores

Emile Faguet no seu formoso estudo «En lisant les beaux vieux livres», transcreve os melhores trechos de prosa e verso dos classicos francezes, analysando-os com uma subtileza verdadeiramente parisiense e com a segura visão d'um sabio e d'um estheta. Ao tratar de Victor Hugo, não foi buscar nenhuma ode das «Orientaes», nem os mais fortes poemas da «Lenda dos Seculos», não repetiu capitu-

49

» Fon-Fon!« - 24-Março 1917

los da «Notre-Dame» e não criticou periodos dos «Trabalhadores do Mar». Procurou, porém, no faulhante acervo de obras de arte do mestre a sua melhor joia. Garimpeiro afortunado, encontrou-a entre as poesias esquecidas pelos que lêm o poeta. E escreveu quatro ou cinco paginas sobre as estrophes divinas do «Semeador».

Nesse curto poemeto, Victor Hugo medita sob um postal gothico, envolto pelas primeiras sombras violetadas do crepusculo, olhando os campos arrelvados, as rugas dos semedeiros e a prata liquida das sanjas do recadio. E' a ultima hora do fecundo trabalho agricola. Um velho lavrador, esfarrapado e nobre, lentamente possuia sobre a terra negra, revolvida pelo arado, atirando num gesto lento, longo e lindo, as sementes de que brotarão os trigaes futuros.

Elle vae e vem, vae e volta, vae e torna na planice immensa.

«Pendant que, deployante ses voiles,
L'ombre où se mêle une rumeur
Semble elargir jusqu'aux etoiles
Le geste auguste du sêmeur.»

A imaginação ardente do genio eleva até o céu estrellado o gesto augusto do semeador, porque aquelle que semeia, embora para o porvir, colherá as bençãos dos posteros e muitos semeadores têm colhido as bençães doiradas da gloria. E' o mais nobre acto da vida do camponio—semear, é a mais nobre funcção do homem—semear.

Os poucos versos desse poemeto inspirado valem quasi tanto quanto toda a do grande poeta. Faguet foi descobril-os levado pelo seu faro de conhecedor e a sua maravilhosa alma de estheta. Naquelle gesto que atira grão de trigo para o solo nú e ao mesms tempo parece que lança mancheias de constellações para o velludo do céu, ha todo um alto symbolismo da fecundidade.

Semear é produzir, é agir, é esforçar-se; e toda producção, e toda acção, e todo o esforço são sagrados. Somente os inuteis e os egoistas nada dão de si. Mas todos os que são dignos do nome de homens têm a obrigação implicita de agir, de semear e de colher.

As rimas e o rythmo dos versos de Hugo divinisam o trabalho e todo augusto gesto em pról de qualquer idéa. Assim, collegas e amigos da «Nota», plantai, produzi e colhei, trabalhai, esforçai-vos e vereis que as sementes atiradas por vossas mãos desejosas de resultados fecundos poderão ser transformadas em estrellas de oiro. Semeai idéas! Semeai vontades!

JOÃO DO NORTE.

Garavetos

Tinhamos ido passeiar no Leblon por uma sensual e linda noite de luar. Ella caminhava com a cabeça encostada ao meu hombro e eu sustentava o seu talhe esbelto com o braço em volta da sua cintura. E todo meu ser palpitava ao seu delicioso contacto! E toda ella palpitava encostada a mim!

Sentamo-nos sobre pequeno comoro de areia lavada diante do mar que rugia, arqueando o dorso ao luar como uma féra arqueia a espinha sob a caricia duma nivea mão de mulher.

Puz a cabeça sobre seus joelhos... Quando abri os olhos, madrugava. Tinham-se passado muitas horas. Ella, que nem ao menos cochilára, disse-me:

— Vamos embora, senão o dia nos surprehende aqui.

E admirou-se, depois, quando eu me admirei de tão depressa ter passado o tempo.

Então contei a historia do religioso e do passarinho. Um freire singelo e santo não podia comprehender o versiculo do psalmo que diz que um momento na presença de Deus equivale a longos annos na presença dos homens. Andava uma tarde a pensar e meditar sobre isso, quando lhe surge á frente um passarinho, que, saltitando, o guiou até uma matta. Ao regressar o frade, após ter perdido de vista a avesinha, não reconhecer a cidade nem o convento nem o povo e estes não o reconheceram. Tinham-se passado tres seculos naquelle minuto diante do passarinho. O monge cahio de joelhos. O milagre fizera-o comprehender o psalmo.

O mesmo se dá commigo e comtigo. Em tua presença as horas vôam, não sinto o tempo passar. E's o meu passarinho divino, a minha Deusa!

O primeiro clarão da aurora rebrilhou sobre o mar. Corremos para o nosso automovel. Acordamos o *chauffeur*. E fugimos para a cidade.

Galimatias...

Meu caro amigo. Entrei ha dias num cinema que annunciava a Carmen em cinco actos e ella, aquella que tu bem conheces e tambem se chama Carmen, lá estava, elegantemente cingida no seu vestido côr de malva, com um chapéu negro quasi igual na forma ao dos fidalgos da *guerre en dentelles*.

Tive vontade de sahir, mas o symbolismo da sua presença quando se projectava a fita do seu nome, fez-me ficar. Ella, como sempre, não me olhou uma unica vez. E eu estive todo o tempo a pensar em como, para mim, ella é igual á Carmen e como eu me pareço com o don José.

Dirás, espantado, que ella nunca me prometteu ou sequer deixou adivinhar nada, que eu nunca a segui e nunca a possui como o hespanhol. Estou a vêr-te perguntar qual a razão da semelhança.

E' facil responder-te. A Carmen que inspirou Bizet foi, na vida regrada certa e leal de don José, a influencia perniciosa e devastadora. A Carmen que sabes é, na minha leal, certa e regrada vida, a devastadora e perniciosa influencia. Se a vires, dá lhe com os olhos saudades minhas.

Um abraço do teu *Claudio França.*»

Galimatias

Os drakkars dos vikings, os navios compridos, terminando em cauda e fauces de dragão, dos piratas normandos não desappareceram de todo da face das aguas do mundo.

Outro dia, vi numa photographia de Benoliel o perfil medieval dum «maliceiro». Senti-me tranportado, diante desse barco dos lagos de Portugal, á época heroica e sanguinaria de Rollon, de Ragnar, de Erik o Vermelho, de Rurik e de Kanuto o Grande, ao tempo das luctas da pirataria normanda, tanto a fórma dos seus drakkars velozes se via naquella embarcação das lagôas portuguezas. A fórma das coisas feitas pelo homem custa muito a morrer.

Disse da minha admiração em constatar um modelo naval da idade-media existindo ainda no Portugal republicano. Claudio França respondeu-me:

— Não precisas ir aos lagos da velha Lusitania buscar o «maliceiro», para teres o drakkar antigo. No teu proprio paiz encontrarás essa fórma, certamente trazida pelos portuguezes. Os «bahianos» ou «botes de mineiros», que navegam pelo Tocantins, de Goyaz ao Pará, são identicos no seu proprio formato ás embarcações dos piratas escandinavos. Tens razão. A fórma das coisas feitas pelo homem custa muito a morrer!

Garavetos

Ella ria, ria, ria nervosamente entre as amigas ao canto do salão, entre as altas peanhas de onyx claro que sustentavam grandes vasos de Sèvres. Depois, deita a correr em galhofa pela varanda abalaustrada do palacete. Algumas moças a seguiram, por fim cançaram e voltaram ao salão, onde as senhoras de idade e os homens serios empertigados dentro das serias casacas, commentavam:

— Como é estouvada! Como é alegre! A alegria sã, infantil dos quinze annos!

Quando se vio só, ella atravessou duas salas e chegou a um balcão que deitava para o jardim. Dahi descortinava as aléas de saibro claro perdendo-se á sombra dos arvoredos e os bancos de pedra que circulavam o repuxo, onde tritões sopravam agua para a bacia vasta de marmore claro. Sentados alli, muito chegadinhos, um rapaz e uma moça conversavam com os braços passados sobre os hombros reciprocamente. Ella olhou-os, encostou-se no humbral e chorou.

50

"Fan-Fan!" - 24 - Março - 1917

Lembrei-me da Miss Melancolia de Julio Dantas, a ingleza tristonha que desatara a rir quando vira o namorado. Aquella era a Miss Alegria, que desatara a chorar, porque vira o namorado da outra e o seu não viera á festa.

"Correio da Tarde" Macaió
13 - Abril - 1917

DEPUTADO GUS-
TAVO BARROSO

De passagem pelo nosso porto a bordo do paquete «Ceará», demorou-se nesta capital o nosso illustre confrade e conhecido litterato, deputado Gustavo Barroso leader da bancada Cearaense e que collabora no Rio sob o pseudonymo de João do Nor-
te.

Levamos ao nosso confra-
frade votos de feliz viagem.

"Jornal do Recife"
12 - Abril 1917

Gustavo Barroso

A bordo do paqnete nacional «Ceará», presentemente ancorado no porto desta cidade, viaja com destino ao Rio, o talentoso escriptor patricio Gustavo Barroso, uma das mais vigorosas organisações litterarias do paiz.

Deputado federal pelo Ceará, sua terra natal, Gustavo Barroso é um dos vultos mais em destaque no seio de sua bancada.

A Gustavo Barroso apresentamos nossos cumprimentos.

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1917.

FRANGOTES

Era na estação de Petropolis, por uma tarde fresca e adoravel, toda cheia de sol e toda perfumada de violetas, de cravos e de rosas. Por cima do casario da cidade e dos altos pinheiros da Avenida Quinze, avistavam-se as corcóvas verdes dos morros, onde sorriam fachadas de rusticas vivendas, muito claras, lampejantes, como esfregadas de luz. E no ar luminoso vibrava com um faulhar de oiro as copas floridas dos ipês.

Toda a alta roda social do Rio, que adorna e enriquece o verão da pequena cidade, se encontrava sob a alpendrada encardida e banal á espera do trem. Viam-se os altos nomes da finança e do commercio, da litteratura e do jornalismo, da administração e da politica, da diplomacia e até mesmo da nobreza, que a temos já, para nossa honra e orgulho, heraldicamente brazonada e apregoando aos quatro ventos titulos antigos.

Mas os olhares se prendiam nos grupos encantadores das senhoras matizados de jerseys cinzentos, de setins azues de rei, de sêdas côr de rubim, taffetás oiro velho, de moirés cambiantes e *failles* tão suaves como o tom da malva que envelhece. Quasi todas eram attrahentes, muitas eram bonitas e todas eram elegantes. O trigueiro ou o branco da sua pelle, as linhas do corpo e o formato dos labios, a côr dos olhos e a dos cabellos mostravam ora o typo delicioso da morena brasileira, ora as misturas de sangues europeus já se fundindo, amalgamando na nossa sociedade. Conversavam e riam, assumiam atitudes de figurinos parisienses, falavam de modas em francez, de tennis e foot-ball em inglez. E a gente as escutava, maravilhado pelo seu chilrear de passaros, pela gamma colorida dos vestidos, pelo reluzir discreto das joias discretas, pelo perfume entontecedor que se evolava dellas.

Aos bandos e com rumorosa ledice, invadiam a estação, suja e decrepita, lindas mocinhas entre 15 e 18 annos, cheias de viço e de frescôr, flôres humanas, dôces ao olhar como uma paysagem de Corot e mais dôces de ouvir que uma musica de Chaminade. Sob a sombra violeta e oiro dos seus grandes chapéus ornados de flôres ou cysnes, apertadas no corpete justo com um ligeiro decote mostrando a limpidez perturbadora da nascença do collo e deixando vêr quatro dedos de nuca empoada abaixo daquelles encantadores cachos que alli se enroscam como a serpente paradisiaca, iam e vinham com ondulações das saias curtas e largas a exhibirem as meias de seda fina perdendo-se nos sapatinhos da Borralheira ou os ca nos luzidios das botinas de verniz, que lhes davam qualquer coisa das bellas camponezas dos arredores de Budapest ou das proximidades de Kiew.

Paravam, andavam, moviam-se copiando as attitudes daquelles *manequins* de Paris, que, nas fitas do Pathé-Jornal, expõem as lindas modas de França. E todas respiravam nos gestos, na voz como que ainda corada pelo carmin dos labios, essa deliciosa futilidade das mulheres, que é o seu maior e o seu verdadeiro encanto.

Olhei-as todas uma a uma, toquei com o cotovello o amigo que até alli me trouxera e disse-lhe:

— Veja-as, meu caro marechal. Repare bem os seus vestidos, o seu pó de arroz e as suas maneiras. São mais do que encantadoras, e justamente porque estão na idade magica e graciosa que o velho Bernardim Ribeiro, já tão fóra da moda, chamava «menina e moça». Ellas, com effeito, na leveza dos modos e na infantilidade da voz são verdadeiramente meninas, emquanto que na graça, no vestir e nas formas são mulheres já.

Ficamos ambos uns momentos silenciosos e enlevados a contemplal-as. Depois, o meu amigo marechal, torturando nos dedos o castão de ouro do guarda-chuva, falou-me:

— O meu caro amigo com certeza já prestou attenção á differença que existe entre a nova geração feminina e a nova geração masculina. Aquella é um tanto affectada, mas sempre cheia de graça, de esplendor e, o que é notavel, mesmo do espirito. Esta é a camarilha dos «frangotes», apertados nas suas roupas apertadas, com anneis brazonados e pregões de nobreza mais falsa que o oiro francez dos botões de punho. São os dansadôres de tango, de one-step e do passo do urso e do gambá; heróes do flirt e do carnaval, leões da futilidade.

Um silvo de trem interrompeu o meu velho amigo. Todo o mundo correu para o comboio, que estacava silvando, despejando mós de gente empoeirada e fatigada. O marechal separava-se de mim, ligeiramente, com um aperto de mão. Mas ainda tive tempo de sussurrar-lhe ao ouvido:

— Inuteis, os frangotes, meu amigo! Inuteis!

Jotaenne

"A Nota"
Recife - 4 - abril - 1917

Paginas de album

«Virgilio—Maravilhado com os teus quadros só te posso dizer que «Après le rêve» não é somente o titulo de teu celebre quadro, mas tambem o estado da minha alma depois de ter contemplado o «Après le bal».

Entrei no teu atelier e sonhei um lindo sonho de arte....

João do Norte—Recife-15-3-917».

***

A Virgilio Mauricio, complicada figura de artista, em torno de quem os meus ouvidos apprehenderam o clangor de todos os apodos, mas que os meus olhos se devisam entre scintillas de genio, homenagem de

Mario Rodrigues.

***

Agradeço ao sr. Virgilio Mauricio a hora d'arte que me fez gosar no nosso Pernambuco, admirando as suas bellas creações. Felicito-o cordialmente por estes trabalhos de nú que são realmente primorosos e desejo-lhe a maior gloria na sua carreira de artista independente e sincero.

M. de Oliveira Lima.

"A Provincia" - 13-4-1917
(Recife)

Dr. Gustavo Barroso

Passageiro do vapor nacional *Ceará*, passou hontem por esta capital o brilhante escriptor e deputado federal dr. Gustavo Barroso (João do Norte), que se destina ao Rio de Janeiro.

O notavel intellectual tenciona offerecer brevemente ao pubico de seu paiz, um magnifico livro de contos—*Pergaminhos*, que fará o mesmo successo dos seus trabalhos anteriores.

Deixou de ser effectuado o almoço que o pintor Virgilio Mauricio pretendia offerecer a Gustavo Barroso, e para o qual haviam sido expedidos diversos convites, devido a um desencontro de telegrammas.

Cumprimentamos ao illustre jornalista e admiravel escriptor brasileiro.

"Fon-Fon!" 31 Março 1914

Gatafunhos...

No seu gabinete alegre e claro, com moveis reluzentes de talha doirada, o meu amigo Claudio França, abrio diante dos meus olhos maravilhados um antigo e nobre evangeliario bysantino, que fechos de bronze, figurando licornes retorcidas em luta com retorcidos dragões, trancavam, todos espelhantes de facêtas de topazio. Era escripto com lettras de cinabro e enluminado com Jesus e Virgens de tunicas purpureas, entre folhagens ornamentaes verdes, de mãos postas, olhando os pés.

Abri-o religiosamente e pela lembrança passavam rapidamente os vultos de lenda e de grandeza, de decadencia e de sensualidade da morta Bysancio. Cada illuminura me recordava Theodosio e Isaac o Anjo, Leão o Isaurio e Julião o Apostata, Constantino e Miguel Paleologos, Theodora, Eudoxia e Theodosia, os vultos maravilhosos das lindas escravas esclavonias de Justiniano, Eustokkia, Damalis, as corrupções e intrigas dos Gyneceus.

E Claudio me disse:

—Não te parece estar vendo na riqueza polychromica deste livro admiravel toda a imponencia luxuosa da côrte dos Basileus bysantinos, dos autocratas do Grande Palacio, aquelles grandes dignatarios envoltos em dalmaticas marnetadas de oiro com uma gemma preciosa a luzir no meio de cada ramo das bordaduras? A gente recorda sem querer a côrte de Bysancio e os seus altos e complicados funccionarios: o Grande Drungario, ou chefe da esquadra; o Grande Logotheta, presidente dos juizes; o Grande Domestico, commandante dos guardas; o Grande Stratopedarcha, o Grande Cartulario, ou director dos ardinos; e o Grande Myrteita; o Chefe dos Chantres, ou regente das orchestras e coros; o Protestador, o Protovestiario, governador dos camaristas; o Protoieracario, o Protoproedro e o Proedro; o Canicleios, o Cetonito e o Curopalato.

Poisei o evangelicario sobre uma mesa e disse ao meu amigo:

— Bysancio morreu! Tudo o que de grande, brilhante, forte, artistico e sonoro a humanidade tem desapparece depressa. O que nada vale para o explendor das palavras, das côres e das linhas dura muito. Bysancio morreu e a China vive ainda!

Garavetos

Havia moedas de oiro do sol, que passavam entre as ramarias, espalhadas á face rugosa dos pedregaes. Um regato cantava, e os troncos claros das arvores desciam enfileirados e elegantes á escarpa dos precipicios.

Ella vinha silenciosa ao meu lado, olhos semi-cerrados, a cabeça encostada ao meu hombro e arrastando preguiçosamente a voz nas menores coisas que dizia.

Tinhamos vindo até alli, a cavallo, beirando uma eclusa onde os nenuphares abriam sobre a face quieta da agua. Espinhos e folhinhas pegavam-se ao seu escuro vestido de montaria. O meu terno kaki de montar tinha pingos de resinas e rodas de carrapichos. Assentamo-nos fatigados á sombra deliciosa da gruta. E, lentamente, muito lentamente, os nossos labios se adiantaram uns para os outros, encontrando-se num beijo tão longo pelo que durou, que nos pareceu bonissimo pela deliciosa saudade de recomeçal-o.

Depois, ella sorriu e perguntou-me:

— Como se chama este logar?

— A gruta de Paulo e Virginia, respondi.

— O' meu amigo, disse ella, tremula, não seremos, estou certa, tão puros quanto esses amantes foram, mas somos, estou certa tambem, mais felizes do que elles!

Garatujas...

O meu amigo Claudio França estava pessimista naquelle dia cinzento de chuva. Eu ia no bonde que leva á Praia Formosa, pela rua Sete de Setembro, quando, na esquina do mercado de flores, elle mandou parar e subio.

Conversamos e, de assumpto em assumpto, saltando ou resvalando, acabamos por falar da proxima successão presidencial, dos papaveis ao Cattete e das manobras dos que têm influencia na questão, tudo diante da situação calamitosa creada pelos erros internos e pela guerra européa.

Ao chegarmos no largo do Rocio, elle increpou a estatua de Pedro I:

— Fizeste sem criterio a independencia dum povo sem criterio!

Toquei-lhe no hombro e disse:

Volta-te. Naquella esquina defronte está o café Criterium. Então, não tem criterio o povo que para o possuir basta pagar um tostão e obtel-o em latim como as drogas mais finas e custosas das pharmacias?

Claudio olhou e respondeu:

— Repara como está vasio a esta hora e com esta chuva. Não ha uma mesa occupada. Nem a tua pilheria defende a nossa gente. Se houvesse no Brasil um café que vendesse criterio de verdade, ficaria ás moscas...

Gatafunhos...

No meio do vasto salão Luiz XVI, entre o perfume das senhoras e a seriedade dos homens, a graciosa menina recitava aquella linda poesia de Gonçalves Crespo, o «Minuete», que começa assim:

«Espaçoso é o salão; jarras a cada canto,
Admira-se o lavor do tecto de pau santo.»

Seguia-se a descripção dos retratos de familia, que enfeitavam a sala fidalga, e, por fim, da moldura dum delles, á meia noite, descia uma figurinha leve de mulher, cabeça de Greuze e roupas de Watteau, a dansar «airosa o airoso minuete».

Quando os applausos pararam, não me lembra quem me disse ao ouvido:

— Essa linda poesia é um plagio ou uma imitação do conto de Theophile Gautier «La Cafetière», em que os nobres duma galeria de retratos, á meia noite em ponto, desciam para o salão e dansavam um airoso minuete.

E este conto mesmo já foi inspirado numa velha lenda medieval, em que se reunem os membros duma familia feudal mortos, á meia noite, lenda que inspirou por certo a «Revista Nocturna» de Zedlitz e a «Missa das Sombras» de Anatole France.

Garatujas...

Abrindo a alta estante envidraçada, toda de madeira escura com quatro grifos de bronze aos cantos, no gosto severo e nobre do estylo Imperio, Claudio França tirou um livro encadernado em vermelho com laivos azues e ribetes de oiro. Folheou-o ligeiramente e deu-m'o.

Era todo illustrado pelas côres vigorosas de Leroux em puro estylo bysantino com a riqueza do seu colorido e a magia dos seus tons. Vi as illustrações uma por uma, vagarosamente, analysando os pormenores eruditos das figuras. Detive-me a olhar a capa onde o lettreiro doirado «Bysance» rebrilhava sobre um corpo nú de mulher cahido entre austeros vultos sacerdotaes. E perguntei:

— Que tal o livro?

Claudio respondeu:

— Posso definil-o com as expressões de Paul Marguerite. «Fresco desmesurado, pesadellos de multidões rumorejantes resuscitados por um obreiro das lettras que tinha genio... cidades monstruosas, Babeis do passado, tumultuosas misturas de civilisações e assaltos vorazes dos povos, Roma ao tempo de Heliogabalo, Bysancio ao tempo de Constantino V.» E' assim o livro.

Garabulhas...

A roda elegante das senhoras todas, todas de perturbadora belleza e peregrino encanto, falava mal dos homens, mas falava mal com espirito e muitas vezes com justiça. Na sala sómente eu representava o meu sexo. Um barão e dois diplomatas tinham ido vêr o campo de tennis. Tres meninotes de apertadas roupas conversavam na varanda com duas mocinhas eximias no tango. Eu ouvia com paciencia e mesmo com encanto toda aquella perfumada catilinaria contra os meus semelhantes e me admirava do silencio da baroneza, que até alli não fizera causa commum com as amigas.

De repente, a esposa dum ministro plenipotenciario interpella-me:

— Por que não defende seus semelhantes? Ande. Tenha coragem. Faça a sua defesa. Minhas senhoras, o doutor tem a palavra!

Sorri e voltei-me para a baroneza:

— Minha senhora, nomeio-a pelo seu silencio augusto, advogada dos homens. Tome a palavra.

A baroneza fechou o leque e disse:

52

"Fon-Fon!" 31 Março - 1917

— Para defendel-os dos seus ataques, minhas collegas, bastar-me-á citar um pensamento do mais brilhante escriptor moderno de Portugal, que a minha experiencia approva e sancciona. «Todas nós devemos nos habituar a encarar os homens como elles são e não como nós desejariamos que elles fossem». E' da falta deste bom senso no modo de pensar que vem toda a acre censura de vocês. Ainda me valho da mesma penna brilhante afim de mostrar que é inutil falar mal dos homens, inutil e insensato. «Os maridos são detestaveis, mas que havemos de fazer, se não temos outros?»

"Fon-Fon!" - 7 Abril-917

Garabulhas...

Na varanda nobre do seu palacete, de onde se avistavam as collinas, as casinholas e os jardins duma parte da cidade, o maravilhoso *causeur* disse-me:

— E' veso meu localizar nas paysagens que percorro, as figuras litterarias que os seus auctores para ellas crearam. Vaes agora ao norte. Ao passares sob um carnahubal ou á beira duma praia, reconstróe no teu espirito as scenas da Iracema ou mesmo da Maria Ritta. Sentirás um excellente prazer espiritual.

Quando estive na Europa, fiz muita vez assim. Em Napoles, junto a umas casas de pescadores, todas engrinaldadas de rêdes de pescar, diante dos barcos em descanso, enfestonados de algas e de cabos, encontrei uma deliciosa morena. Não resisti, perguntei-lhe se conhecêra a Graziella de Lamartine, ella que tinha a mesma côr doirada pelo sol, os mesmos cabellos, os mesmos olhos, a mesma graça. Não, não conhecia essa moça. E despediu-se um tanto confusa e espantada. Fiquei a pensar que fosse uma irmã mais nova da Graziella.

Visitando Florença, eu tinha na memoria todo o Lys Rouge de Anatole. Uma feita, ia com alguns amigos por uma das mais antigas ruas da cidade e vi pendurada a uma esquina uma caixa do correio de formato archaico. Parei e exclamei:

— Era alli que a Thereza punha as suas cartas de amôr!

Todos se entreolharam e perguntaram-me:

— Que Thereza?

— Cá uma senhora que conheci e de quem me lembrei agora.

O meu fino interlocutor calou-se, sorrindo. Eu sorri tambem. Em derredor cahia lentamente a tarde e já no céu escurecido vibrava o pó de oiro das estrellas.

Garatujas...

Eu sou pae e sou amador da bôa leitura. E' com estas duas deliciosas predisposições que abro e leio o ultimo livro de Felix Pacheco, que é pae e poeta. O formato dessa brochura encantadora é duma simples plaquette, mas o seu conteúdo, pelo carinho da feitura, a perfeição da forma e a pureza do sentimento é muito maior que o continente e lhe dá a força e o valor dum verdadeiro livro. Nessas poucas paginas a alma de Felix Pacheco disse-me mais que outras almas me têm dito em volumes.

Nunca li nada tão delicado e tão sentimental em poesia, a não ser o livrinho irmão desse livrinho, «Ignezita». Mas agora com a nova filha, tenrinha, flóculo de neve e rosa, transparencia de petala, deliciosamente inesperada, o poeta vibrou mais e melhor, o seu estro teve inspirações mais suaves ainda. Que profundamente amorosa, bôa e sentimental a alma de Felix Pacheco, sobre a qual nada puderam, para lhe embotar as delicadezas, os attrictos, as vigilias, os dissabôres e o exaggero do trabalho da sua afanosa vida de jornalista.

E o poeta é tão feliz com os seus lindos versos de pae:

«Aqui perpassa um halito divino,
A reflectir-se, meigo, em vozes de anjo.
E' uma harpa monocordica que tanjo,
Mas sou feliz assim com o meu destino.»

Felix Pacheco só tem coração e so tem alma para a felicidade do seu lar:

«Eu cantarei meu lar, nem me constranjo
Prendendo a lyra a um berço pequenino.»

A sua filhinha encantou-lhe todo o mundo interior e eil-o que canta:

«Sobre a alvura do linho a flôr radiosa
Cáe sem se abrir e espalha-se encolhida,
Olha-a, vaidoso, o pae, e, combalida,
A mãe pergunta se foi cravo ou rosa.»

Foi cravo e foi rosa, foi rosa e foi cravo, cravo e rosa, rosa e cravo mysticos da verdadeira e da mais pura felicidade.

Jotaenne

"Fon-Fon!" - 14 - Abril - 1917

Garatujas...

Claudio França parou diante do palacete de marmore branco, que dominava a avenida Koeler e a praça dom Affonso, os dois locaes mais elegantes de Petropolis. Percorreu com os olhos as minucias de arte gothica espalhadas á face das cantarias. Depois, deixou o olhar pairar demoradamente, numa fileira de brazões nobres pintados sobre as ameias do torreão; disse-me por fim:

— Sei algo de heraldica e vou ler-te por curiosidade aquelles escudos, cuja significação nesta casa particular não posso comprehender. Alli tens uma torre ou castello de oiro em fundo de goles ou encarnado, armas de Castella, encimadas pela coroa real. Um fundo de bláu semeado de flores de liz de jalne sob uma coroa de rei, armas de França ao tempo dos Bourbons. No escudo todo vermelho tres leopardos de oiro, passantes, tendo por timbre uma coroa regia, armas de Inglaterra. Outro escudo identico, porém sómente com dois leopardos, que deve o brazão dum ramo collateral da real familia da Grã Bretanha. Em campo negro ou de sable, dominado por uma coroa de palissada, tres molhos de trigo de oiro liso, armas não sei de quem. Um leão arremettente e batalhante de goles sobre fundo de jalde. Ainda um brazão enxequetado de oiro e goles com aureo leopardo passante no chefe de saibro. E por fim um escudo complicado e desconhecido, onde um pelicano alterna com dois leopardos e uma torre de oiro com florões de liz.

Que extranhas e antigas familias fidalgas tem este Brasil republicano e bregeiro!...

"A Lucta" - Recife
13 - Abril - 1917

Dr. Gustavo Barroso

O Recife hospedou hontem por algumas horas, o illustre deputado federal dr. Gustavo Barroso, primoroso escriptor brasileiro.—Virgilio Mauricio não realisou a festa de arte que tencionava offerecer á Gustavo Barroso (João do Norte) devido a um lamentavel desecontro de despachos.

Era um almoço.

Após, Gustavo Barroso deliciaria os convidados do artista com a leitura de um dos seus admiraveis contos, uma das joias do seu futuro livro— "Pergaminhos", cujas illustrações assignadas por Correia Dias, são magnificas.

"Pergaminhos" fará um grande successo como aliás todas as obras de João do Norte. De um estylo facil e proprio, de um poder descriptivo surprehendente, de um colorido forte e expressivo, Gustavo Barroso (João do Norte), é sem lisonja, um dos mais brilhantes escriptores nacionaes. Felicitamos o illustre, deputado e fnlgurante homem de lettras e desejamo-lhe magnifica viagem.

"Fon-Fon!" 14-abril-1917

Galimatias

Fui visitar um meu amigo e illustre escriptor no seu admiravel sitio, afamado pelo excellente banheiro de agua corrente e gelada na sua fonte natural sob os ipês floridos da serra.

Logo á entrada da vivenda, detive-me debaixo de imponente *futaie*, onde os troncos musgosos do pau ferro alternavam com a grossura gigante dos jequitibás.

O meu amigo veio ao meu encontro e encontrou-me embevecido na contemplação das arvores. Disse-me todo feliz e todo contente:

Ah! és como eu, gostas das arvores, apezar da tua mocidade! Eu as amo e estimo mais do que tudo. São o encanto da minha vida. Não é de admirar esse amor em mim, que já desço a outra encosta da vida, mas é de admirar em ti que ainda sobes a mais formosa.

Todo o homem da minha idade torna-se phytolatra, volta ao antigo culto dos vegetaes, regressa aos fetichismos iniciaes da humanidade. Adoro os arvoredos e queria, ao morrer, sentir lentamente a minha estructura se transformar num vegetal!...

(Ceará)

"Diario do Estado" 29 Março 1917 | "Idade" Bahia - 12 Março 1917 | "Fon-Fon" 21 Abril 1917

Desfazendo uma intriga

Do nosso eminente amigo deputado Gustavo Barroso recebemos a seguinte carta em refutação á affirmativa do correspondente da «Folha».

Meu caro collega e amigo dr. Julio Ibiapina, muito digno redactor chefe do "DIARIO DO ESTADO."

A "Folha do Povo" no seu numero de hontem publica um telegramma do Rio, noticiando que numa entrevista que se diz dada por mim ao correspondente do "Jornal do Brazil," declarei seria o sr. dr. Odorico de Moraes depurado no reconhecimento de deputados á Assembléa Legislativa do Estado.

Tudo que se contem na referida noticia é falso. Não concedi nenhuma entrevista ao sr. João Lima, redactor do "Jornal do Brazil" em excursão pelos Estados do Norte, que aqui se demorou alguns dias, unico correspondente do citado orgão que poderia ter enviado a noticia. Com o mesmo mantenho relações cordiaes. Entretanto, somente conversei ligeiramente duas vezes com elle, evitando nessas palestras referir-me a qualquer assumpto politico.

Não sou poder competente para reconhecer ou depurar deputados estadoaes. As minhas opiniões sobre a eleição ultimamente realisada só podem ser opiniões pessoaes, porque, soldado disciplinado do P. R. C. Cearense, acato as decisões do meu partido. Do que li e ouvi sobre as eleições em questão me veio a segurança de que o sr. Odorico de Moraes foi derrotado pelo sr. João Bèzerra. Quanto ao reconhecimento de um ou de outro, isto é lá com a Assembléa. E este muito meu modo de pensar aqui exarado não o foi em presença do correspondente do "Jornal do Brazil," a quem repito, não concedi entrevista nem fiz declarações de especie alguma.

Sem mais, agradecendo-lhe a publicação desta, tenho o prazer de apertar-lhe a mão.

Gustavo Barroso

Ceará, 28 de Março de 1917. Rua Major Facundo 70.

"Diario do Estado" - 11 - Abril - 1917

Ao embarque dos nossos eminentes amigos, deputados Gustavo Barroso e Eduardo Studart, realizado domingo proximo passado, além de crescido numero de pessoas, compareceu, pessoalmente, o exmo. sr. dr. Presidente do Estado.

O sr. cel. Prefeito Municipal se fez representar pelo sr. José Montenegro.

Gustavo Barroso passa pela Bahia e fala a "A Cidade„

Gustavo Barroso, o joven deputado federal pelo Ceará e fino homem de letras, de viagem para o seu Estado, aportou á Bahia.

Encontramol-o, hontem, a bordo, onde gentilmente nos recebera e, attendendo ao que fomos, manteve comnosco ligeira palestra.

Sr. Gustavo Barroso

Após conversação de assumpto geral, indagamos:

--E, sobre politica, o que ha lá pelo Rio? Em que pé está a situação cearense?

--Sobre a politica, a politica cearense, nada de interessante tenho a dizer, porque nada ha. O meu partido, que tem a maioria eleitoral do Estado, acaba de dar no Congresso Estadoal, composto de trinta membros, oito deputados ao partido rabellista e está plenamente satisfeito com a administração honesta e elevada do dr. João Thomé. O Estado está em plena paz, resarcindo-se dos prejuizos da secca com um optimo inverno e alta do algodão.

—E a politica lá pelo Rio; a successão presidencial?

—Sobre a sucessão presidencial, posso affirmar que nada sei. Ao sair do Rio o centro alagoano lançara a candidatura Dantas Barreto.

Os jornaes levavam o tempo a se occupar de outras questões e della, da sucessão, pouco tratavam. Entretanto, aventuraram varias combinações: Sabino-Altino Arantes; Rodrigues Alves, Delfim Moreira. Até mesmo outras chapas. Porem tudo no ar.

De politica é só isso.

—E quanto á literatura?

—Quanto á literatura, tinham causado rumor e obtido elogios os livros de versos de Hermes Fontes e Da Costa e Silva, "Miragem do Deserto„ e "Zodiaco„.

Trabalhavam pela candidatura do dr. Aloysio de Castro á ultima vaga da Academia.

Ao meu particular respeito, posso adiantar que dei á livraria Alves o meu livro sobre cangaceiros, «Heróes e Bandidos„ e á livraria Leite Ribeiro o livro "Idéas e Palavras„. Ambos já estão sendo mpressos.

Garatujas

Naquella elegante sala toda branca, de moveis lacados de branco e almotadas de sêda branca, as elegantes senhoras e os elegantes senhores sómente falavam em francez. Mas uma, a mais moça e a mais bonita, commetteu um erro de concordancia. Logo todos procuraram troçal-a levemente, alfinetando-a com ironias.

Ella sorria silenciosa e como que acanhada. De subito, porém, levantou-se e com a sua voz divina os dentes de marfim a rebrilharem entre a pôlpa vermelha dos labios, disse:

—Tolos voces todos! Eu devo falar mal as linguas extrangeiras para ser verdadeiramente brasileira. Sigo o conselho que Fradique Mendes dava numa carta a Madame não sei quem. Só se deve falar com pureza e segurança a nossa lingua. As extrangeiras devem ser faladas orgulhosamente mal. Na lingua deve residir o maior patriotismo. Eu falo o francez mal de proposito, tolos!

Garavetos

Como a raça allemã é jesuitica na sua disciplina e fetichista no seu patriotismo, trahindo, apezar dos seculos passados, o connubio dos machiavelicos cavalleiros da Ordem Teutonica com os idolatras da Pomerania antiga!

Petropolis foi outr'ora povoada por Allemães. Já lá se vão muitos annos e elles continuam germanicos quasi sem se fundirem no elemento brasileiro circumdante.

Vendia-me fructas e hortaliças em casa um menino de doze annos, loiro e intelligente, prestativo e bem educado. Um dia perguntei-lhe, sorrindo, se era allemão ou brasileiro. E elle, filho do sol de oiro da serra da Estrella, respondeu-me logo de cara meio amarrada, que seu avô era allemão, seu pae allemão, elle allemão e não queria ser brasileiro. Então, por brincadeira e sem o menor intuito de offensa, disse que a situação da Allemanha era de grandes aperturas e mais valia ser brasileiro do que allemão. De resto, quem era allemão devia ir para a guerra.

Desde esse dia nunca mais o menino veio vender as suas coisas em minha casa e, si ao passar pela rua, a creada o chama, vira o rosto furioso.

5ª "Fon-Fon". 28-Abril-1917

Rio de Janeiro, 28 de Abril de 1917.

Après le bal

Não ha muito tempo se fez nesta nobre capital intensa campanha de descredito contra um joven artista brasileiro, que commettera o crime inafiançavel e hediondo de ter sido premiado pelo austero jury do *Salon* de Paris. Diziam que elle não sabia pintar, mas que á custa de muito dinheiro obtivera varias obras dum optimo pintor francez e as expunha como suas. Outros chegavam até a affirmar que andava com o tal artista venal em sua companhia, incognito, afim deste pintar as telas de que carecesse onde quer que estivesse.

Todas essas lendas vieram abaixo como castellos de cartas de jogar e o vento as espalhou doidamente pelo ar em fóra. Virgilio Mauricio, o autor do «Après le rêve» e do «L'heure du Gôuter», que os catalogos francezes estampam, montou o seu atelier no Recife e, sem que alli tenha apparecido qualquer artista mysterioso e sem a possibilidade de virem quadros da Europa, pintou uma tela famosa — «Après le bal». Os seus amigos viram-no pintar. Visitantes illustres surprehenderam-no de palheta na mão, os pinceis osculando as carnes núas duma figura de mulher em tamanho natural. Toda a capital pernambucana conhece a creatura que lhe servio de modelo e reconhece nas formas pintadas as formas verdadeiras, salvo as modificações artisticas e imprescindiveis. Da rua do Crespo á da Imperatriz, dos Afogados á Lingueta, da Magdalena ridente e socegada á Olinda vetusta e monacal, ninguem ignora os factos aqui succintamente expostos.

O eminente escriptor Oliveira Lima no album de impressões da officina de Virgilio Mauricio deixou estas palavras:

«Agradeço ao Sr. Virgilio Mauricio a hora de arte que me fez gozar no nosso Pernambuco, admirando as suas bellas creações. Felicito-o cordialmente por estes trabalhos de nú, que são realmente primorosos e desejo-lhe a maior gloria na sua carreira de artista independente e sincero.»

Eu encontrei Virgilio Mauricio em meiados de Março, entrando para almoçar no conhecido restaurante do Leite, defronte da estatua eloquente de Joaquim Nabuco, a um lado da ponte da Bôa Vista. Fazia muito tempo que nos não viamos. Convidou-me a visitar-lhe a casa. Fui. Montára numa rua discreta um recanto de arte encantador. As paredes da sala de entrada estavam cheias de quadros notaveis e de varias paysagens do Recife e seus arredores, pintadas por elle durante sua estadia alli, entre as quaes um aspecto do arruinado forte do Buraco e um pôr de sol, muito vivo e muito quente, num horizonte marinho, entrevisto atravez de coqueiraes.

Outra sala continha o seu quadro admiravel, recebido no *Salon* e justamente premiado, repetido em catalogos de exposições e de obras dignas de registro, «Après le rêve», tão discutido, tão atacado e já tão bem defendido. Aqui e alli pendiam estudos de nús, torsos asperos de homens, collos niveos de mulheres.

Virgilio Mauricio correu um reposteiro. Olhei um apartamento pequeno e semi-claro. Ao fundo vibravam, vivas, faiscantes, tremulas, animadas, doiradas pela luz, formas núas de mulher. Era o quadro pintado quasi publicamente na capital pernambucana. Era o «Après le bal». Tomei uma cadeira. Sentei-me. Fiquei, assim, examinando-o, talvez uma hora, talvez duas. E não me cancei e não me aborreci. O tempo voou. Vou tentar descrever o quadro nas suas linhas geraes.

E' noite, mas ha uma penumbra luminosa na alcôva, onde a luz morde a canella escura dos moveis, do leito alto e singelo, da mesa de cabeceira sobre a qual, num jarro, palpitam cravos. Uma linda mulher, toda núa, linhas classicas das ancas, torneado maravilhoso de pernas, harmonia completa de formas, espaduas divinas, caminha para o leito aberto e quente, de vagar, como que ainda exhausta dum serão de dansas.

Parece andar e a luz perfumada de violetas, e nem esta expressão traduz o seu suave tom, morde-lhe os flancos, beija-lhe as covas da carne nos hombros, nos braços roliços, modela-lhe os torneados, enrosca-se-lhe na nuca com os ultimos cachos de cabello ondeado, todo elle ligeiramente faúlhando.

A cama a espera com a maciez dos lençóes para afagar-lhe as carnes lassas. E eu vi, illusão de arte, aquella mulher núa caminhar para os colchões costumeiros á delicia de sentir o peso do seu corpo!

Levantei-me e perguntei ao pintor quanto tempo lhe custára aquelle quadro. Elle sorrio e respondeu-me:

— «Matei-me de trabalhar, porém gastei sómente cinco mezes.»

Voltámos á sala de visitas. A um canto havia uma aquarella: um recanto do parque de Cluny. Tenho no meu gabinete de trabalho, dentro de severa moldura, outro recanto do mesmo parque com a estatua da Virgem sob aloendros, cuja folhagem já o outomno amarellece. Virgilio Mauricio deu-m'a um dia de bom humor e eu sou dos raros que possuem um quadro assignado por elle e dado de presente. Era o mesmo estylo, o mesmo colorido e a mesma alma.

Cheguei á porta da rua e despedi-me do artista amigo com um abraço, dizendo-lhe:

— «Tu puzeste em pratica nesse teu quadro um velho preceito de Boileau na sua *Arte Poetica*. Descobriste o verdadeiro segredo da arte, que elle nos mostra nestas palavras: Primeiro agradar; depois emocionar.»

Jotaenne

Garabulhas...

Contaram-me no Ceará esta anedocta, por cuja veracidade não me responsabiliso.

O Perdigão gostava muito da pinga e, diariamente, absorvia umas duas duzias de garrafas de cerveja. Entre seus amigos dizia elle que estava tão cheio de alcool que um dia lhe acontecêra o seguinte:

Chegara em casa á noite e encontrára a mulher ninando a filhinha, que não queria dormir por mais esforços que a mãe fizesse. Approximou-se do berço, tomou a menina nos braços, passeiou um pouco pelo quarto e por fim, abrindo a bocca, arrotou umas duas vezes, bafejando a creancinha.

Dahi a poucos minutos, tão impregnado de alcool estava o seu halito que a petiza ferrou no somno.

E elle terminava a historia:

— «Pois a menina, apezar de fortezinha, já com dois annos de idade, dormio dois dias seguidos só com o bafo!»

Gatimanhos...

O pequeno salão era todo branco e os moveis Luiz XV tinham a palhinha doirada. A um canto havia uma grande jarra de Sèvres, azul e oiro, sobre uma peanha de madeira branca; nas paredes, um casal de pequenas tapeçarias de Gobelin, representando *les ébats des petits amours*.

Queixei-me do calor que fazia no Rio e elogiei aquella deliciosa temperatura petropolitana de que gozavamos por mercê dos deuses.

O diplomata que provocára as minhas queixas, falando do calor, disse, então, que não precisára sahir do Rio e sómente viera a Petropolis falar com o ministro. Morava na Avenida Atlantica. As noites eram excellentes e, quando fazia um pouquinho de calor, sahia de pyjama, indo deitar-se a dormir sobre a areia refrescante, á beira da praia.

O escriptor a quem nós visitavamos, disse:

— Não poderia nunca gozar uma noite assim á beira mar. Sou escriptor e perseguido pelos jornaes. O primeiro reporter que me visse alli deitado, publicaria ao outro dia na sua gazeta, uma noticia, affirmando que eu estava bebedo.

Galimatias

Alguem fallou de condecorações e do seu valor como recompensa aos meritos civicos e guerreiros.

Claudio França interveio na palestra:

— «Reconheço a utilidade e a antiga usança das commendas, porém, sómente, gosto daquellas que me trazem ao espirito uma lembrança galante. Prefiro ás cruzes e medalhas que recordem campanhas e batalhas aquellas que perpetuam a galanteria dum principe gentil. Ha nessas sempre a caricia leve das mãos duma mulher. Em vez da Legião de Honra, de Santo Estevão da Austria, de São Jorge da Russia ou do Elephante dinamarquez, queria a ordem da Rosa, lembrança amorosa do nosso primeiro imperador; a Jarreteira, que recorda a galanteria de Eduardo junto á condessa de Salisbury; a da Annunciada, que nos conta o amôr de Amadeu de Saboia; e o Tosão de Oiro, que Felippe o Bom, duque de Flandres, creou no dia do seu casamento com a infanta de Portugal, porém, segundo Hervyn de Lettenhore, em memoria da mulher que amava e os deveres do throno faziam com que abandonasse — uma linda e loira burgueza flamenga.

Gatafunhos...

Detive o cavallo rente a uma cerca enfestonada de jasmineiros, emquanto pelo meio da estrada dois burros brancos passavam, acertando o passo nas arrieiras fundas e nos camalhões altos, solavancados entre os varáus duma velha, poeirenta liteira.

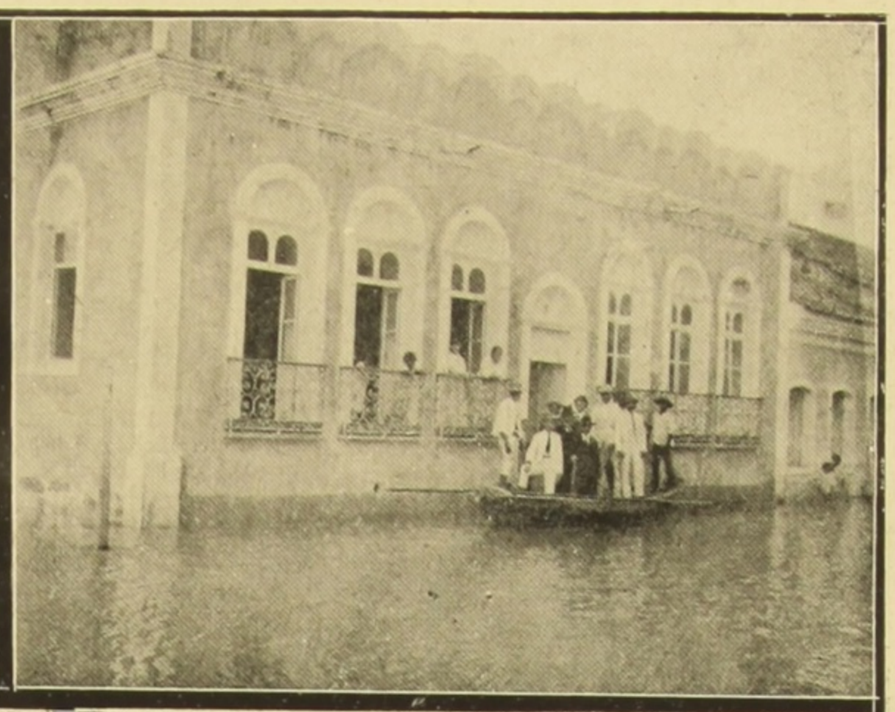
Defronte, Claudio França, trançando a perna sobre a lua da sella, com o oiro do sol a faulhar na bota envernisada á escudeira, disse-me sorrindo:

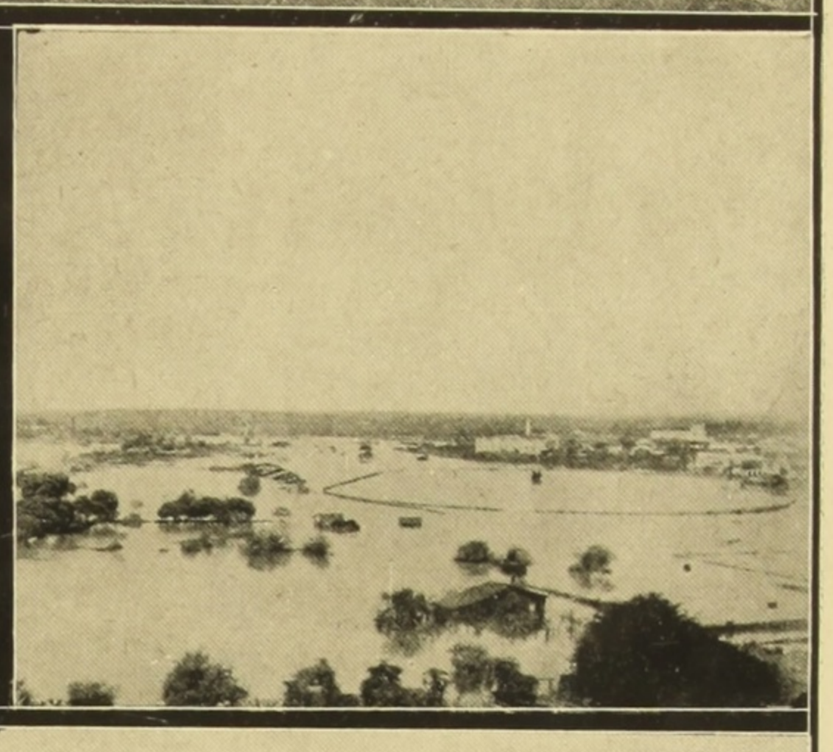
— Quem sabe nao é uma cadeirinha historica? Nella talvez tenha viajado algum dia o Breves Mata Gente, afamado nos sertões fluminenses e mineiros, Tiradentes ou Silverio dos Reis, o traidor. Talvez tenha servido alguma feita ao conde dos Arcos, a Gomes Freire ou ao marquez de Barbacena. Nós nunca recolhemos o lixo ou os restos da nossa historia. Não possuimos um museu tradicional. Uma tristeza! Essa liteira fez-me agora lembrar que, uma feita, vi, na Armeria Real de Madrid, entre a armadura florejada do torneio do archiduque Carlos e a borguinhota de Carlos V, damasquinada, com cavalleiros gregos roubando mulheres e faunos raptando nymphas, em relêvo; entre o capello de Fernando o Catholico cheio de gomos qual um melão, e o capacete de Ali Pachá, encimado pela meia lua, a cadeira portatil em que Carlos, imperador e rei, fugio de Innspruck aos hombros de quatro alabardeiros e asandas nas quaes era conduzido, entre as fileiras de soldados, na batalha de Rocroy, o marquez de Fuentes, vencido pelo joven duque de Enghien e principe de Condé.

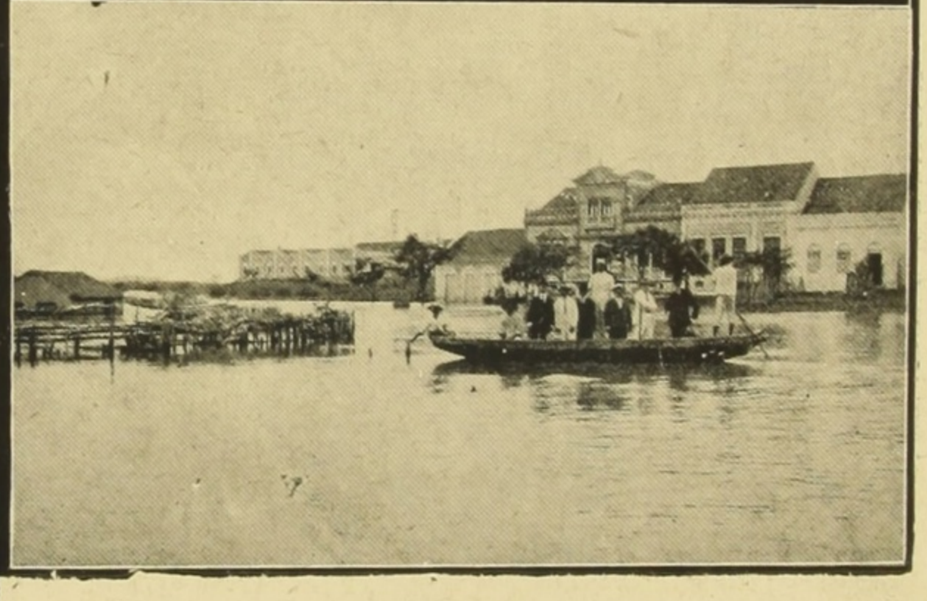
Já a liteira se perdia adiante, entre as moitas floridas dum atalho. Approximamos os cavallos e trocamos um cigarro, parando de conversar para accen-sêl-o

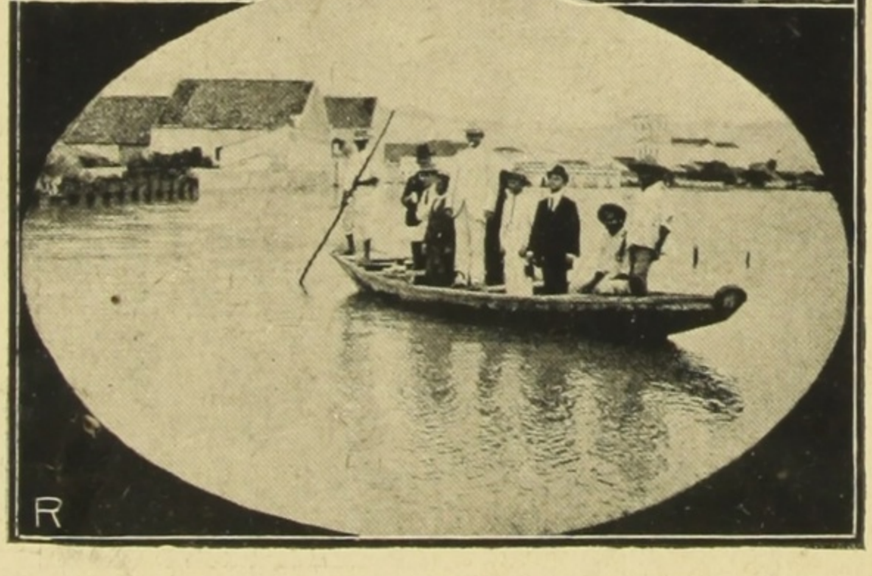
"Selecta" - 28 - Abril - 1917

AS INUNDAÇÕES NO CEARÁ









O Ceará é como o ferreiro da maldição, de que falam as lendas, que, quando tinha ferro, não tinha carvão e, quando tinha carvão, não tinha ferro. A inconstancia, a extemporaneidade, a ausencia completa ou a demasiada abundancia das chuvas o infelicitam de tempos em tempos. Depois das grandes sêccas devastadôras, vêm quasi sempre as innundações formidaveis que a ironia daquelle resignado estoico que é o sertanejo chama com a maior propriedade: *Sêcca d' agua*. Effectivamente, as consequencias dos aguaceiros são quasi tão terriveis quanto as da soalheira. Morrem as plantações e os gados, enxarcam-se os terrenos e assim se amaninham em vez de se amaninharem estorricados. Só não se morre de sêde, mas as pragas de lagartas e de ratos estragam as roças, que escaparam á furia liquida e envolvente das trombas d'agua.

No anno de 1915 o Ceará teve a sêcca. No de 1917 a «sêcca d'agua». A roda do destino ainda se não cançou de lhe marcar decepções e cataclysmas.

As nossas photographias mostram varios aspectos dos effeitos das aguas naquelle infeliz e valente Estado, o mais varonil talvez dos filhos da União. São as ruas de Sobral, a segunda cidade do Ceará, pouco facil de ser inundadas e que ficaram quasi todas *navegaveis*.

Imaginam-se os effeitos calamitosos desse avultado crescimento de aguas na zona ribeirinha do grande Jaguaribe, o antigo rio dos Onças, que banha cidades como o Aracaty, onde as innundações são classicas e as familias embarcam para se salvar pelas sacadas dos sobrados, pois a agua sobe 5 e 6 metros acima do calçamento. Este anno o habitantes do Aracaty abandonaram a cidade, que soffreu estragos terriveis. E maiores damnos que ella, suppurtou a do Limoeiro, sita numa ilha, entre a forquilha de dois braços do rio furioso e encachoado, ululante como uma pororóca, que lhe derrubou mais de trezentas casas!

56

"Revista Parlamentar" - Rio - 10-25- junho - 1917 -

Aspecto do banquete offerecido ao Sr. João Thomé, na Associação dos E. no Commercio

Aspecto do banquete offerecido ao Sr. João Thomé, na Associação dos E. no Commercio

57

"A Nota"

Fortaleza - 15 de Abril de 1917

A NOTA

ANNO 2 * Fortaleza, 15 de Abril de 1917 * NUM. 54

DEPUTADO GUSTAVO BARROSO

A Nota rende homenagem á figura altamente consagrada do Dr. Gustavo Barroso, o fino estylista da TERRA DO SOL, redactor elegante do FON-FON e aprimorado collaborador da nossa revista.

58 "Fon-Fon!" 5 de maio de 1917

Garavetos

Eram duas horas da tarde quando me chamaram ao telephone. Uma linda voz de mulher disse o meu nome. Perguntei quem era e logo ella me disse: — Aquella a quem hontem escreveste uma doce carta. Aqui tens a resposta, meu caro, e, como aprecias a boa litteratura, eu a darei litterariamente. Respondo-te como o Arlequin daquella fina comedia «Les Deux Billets»: «Je t'aime! Je n'ose pas baiser ce mot lá, de peur de l'effacer. Mon cœur est a toi pour toujours!»

E a famosa creatura desligou o telephone.

Fiquei um instante em meditação. Depois, murmurei, lembrando-me do mesmo Arlequin a que ella se referira, porém pensando o contrario della:

— «Elle a la bouche trop jolie pour dire la verité et la main trop blanche pour ne pas me tromper!»

Garatujas

O elegante rapaz trazia no dedo minimo uma grande cornalina avermelhada. Mostrou-ma, dizendo que o sinete nella esculpido era o brazão de sua familia. Adiantou mais que sabia heraldica a fundo e o leria com os termos classicos, se eu tivesse curiosidade de sabel-os. Não esperou minha resposta e disse:

— E' um escudo partido. A destra enxequetado de oiro e saibro. A sinistra avieira do de sinopla e goles.

Claudio França, que chegava e ouvira as ultimas palavras, disse:

— O cavalleiro de Florian, natureza delicada que não resistio ao calor da revolução franceza e estalou como um Sevres purissimo, aquelle que Aronet appellidára pela sua gentileza Florianet, o auctor das fabulas mais delicadas que a litteratura franceza produzio, o creador das arlequinadas florianescas como o quinteto de Rostand nos «Romanescos», Florian conta a seguinte anedocta.

Elle fôra, quando menino, visitar Voltaire em Ferney, onde tambem estava um tio seu. O grande escriptor agradou-se da physionomia intelligente do petiz e começou a conversar com elle. Perguntou-lhe o que sabia. Florian respondeu que muita coisa: a «Illiada» e a «Heraldica». Voltaire rio e contou-lhe a fabula do Negociante, do Gentilhomem, do Pastor e do Filho do Rei. Florian diz textualmente o seguinte:

«A fabula e a maneira encantadora com que me foi contada persuadiram-me que a heraldica não era a mais util sciencia e resolvi aprender outras coisas.»

E Claudio França voltando-se para o elegante fidalgote brasileiro, perguntou-lhe a queima roupa:

— «Por que o Sr. não segue o exemplo do nobre cavalleiro de Claris de Florian? Por que não resolve aprender outras coisas mais uteis?»

Gatafunhos...

O meu erudito amigo conversava sobre a conquista da Inglaterra pelos Normandos, citando observações ou muito judiciosas ou muito interessantes. Entre as ultimas disse a seguinte.

— «Os Normandos não se misturaram com o povo anglo-saxonico. Tornaram-se todos senhores feudaes e viveram murados na sua fidalguia sem se mesclarem na arraia miuda. Este phenomeno social deixou a sua pégada na propria lingua. Os animaes vivos têm em inglez nomes saxonicos puros, porque os servos se pastoreavam e tratavam: carneiro é sheep; boi, ox; gallinha, hen. Entretanto, logo que são mortos todos mudam de nome, porquanto eram servidos na mesa do fidalgo, normando de origem e que fallava o francez da sua adaptação ás terras cedidas por Carlos o Simples. E, assim, essas denominações nada mais são do que palavras francezas corrompidas: mutton, corruptela de mouton; beef, de bœuf; powl, de poule.

Garavetos...

Limite parvulos. Com este titulo, um dos nossos jornalistas, ha tempos, creou uma secção, que, infelizmente, pouco durou e na qual eram relatados, com graça e subtileza, feitos, tiradas espirituosas, originalidades e traços interessantes, respostas e repentes das creanças.

Embora tardio, aqui está mais uma pequena contribuição para esse acervo, que servirá talvez um dia, para a historia psychologica da petizada.

Um filho do meu visinho, de cinco annos de idade, falante e esperto, ia todas as manhãs com a creada a um estabulo, tomar um copo de leite fresco. Nessa vaccaria, quasi todas as vaccas eram brancas. As que faziam excepção tinham pequenas manchas escuras ou eram amarelladas.

Um dia, o pequeno chega lá e encontra uma vacca preta como carvão. Bateu as mãosinhas e disse:

— Eu *tero* café!

— Café de onde? — perguntou a ama.

— Daquella vacca preta. As vaccas brancas dão leite, aquella preta dá café. Eu *tero* café!

"Fon-Fon" - 19. mai - 1917

Garavetos

Foi a bordo dum vapor do Lloyd Brasileiro, quando já se avistavam as dunas brancas da costa do Ceará, que um homem experiente e viajado falava com enthusiasmo do heroismo cearense no desbravamento da Amazonia.

Elle comparava o papel dos filhos do nordeste, expulsos do seu habitat pelas sêccas ferozes, explorando o Amazonas e o Acre, com o papel dos bandeirantes paulistas dos tempos coloniaes, varejando os sertões.

E achava maior coragem, maior valor, mais constancia e mais tenacidade nos filhos da terra de sol.

Ao terminar o seu elogio, disse:

— «Não conheço gente mais forte nem mais intelligente. Conheci um caboclo que não sabia lêr, morador em Fortaleza. Encontrei-o dois annos depois no alto Xapury, num barracão de seringal, deitado numa rede, lendo jornaes. Perguntei quem lhe ensinara a lêr. Respondeu-me calmamente que aprendêra sósinho, soletrando os rotulos das pilulas que lhe davam contra as febres. Um heroe!»

"A Rua" 7-mai-917

Revolução no Ceará?

Uma palestra com o deputado Gustavo Barroso

O Sr. Gustavo Barroso

Hontem um matutino publicou um despacho de Fortaleza, noticiando a descoberta de um *complot* contra a pessoa do Commandante da policia cearense, Capitão do Exercito João Torres Cruz.

A' noite um vespertino estampava noticia mais sensacional, dizendo ser a revolução para depor o Presidente do Estado, Dr. João Thomé e dando sobre a mesma varios pormenores.

Procurando saber da verdade de taes telegrammas e boatos, estivemos com o Deputado Gustavo Barroso, que nos disse o seguinte:

— Não ha nada, meu amigo. Não passa tudo de pura invencionice de correspondentes mal informados. Diante da noticia do *complot* contra o commandante Cruz, o Dr. Eurico Cruz, pretor nesta capital, seu irmão, telegraphou hontem ao Governador do meu Estado, pedindo informações. O Dr. João Thomé promptamente respondeu nos seguintes termos:

"Nada de importante. Alguns officiaes angariavam assignaturas de collega. para uma representação contra o commandante por detalhe de serviço. Isto foi considerado acto de indisciplina. Os officiaes foram presos e abriu-se inquerito. Abraços. — *João Thomé.*"

Lendo na "Noite" de hontem, continuou o Dr. Gustavo Barroso, a noticia da tentativa de deposição, transmitti a mesma hora ao Dr. João Thomé um telegramma, que me respondeu com o seguinte:

"E' pura fantasia o telegramma da "Noite", Descobriu-se que alguns officiaes da policia angariavam assignaturas de camaradas seus para uma representação contra o commandante. Foram presos cinco e aberto inquerito. Não houve a menor participação de soldados no caso nem o menor movimento de forças. Abraços. — *João Thomé.*"

Como vê o amigo nada ha e nada houve no meu querido Ceará.

59

"A Epoca" - 8 - abril - 1917

A revolução no Ceará

Ante-hontem "A Noite" publicou um telegramma de seu correspondente em Fortaleza, noticiando o descobrimento de uma conspiração de officiaes de policia, com o fim de depôr o governo do Estado.

Sobre o assumpto, pedimos alguns esclarecimentos ao deputado Gustavo Barroso, que nos respondeu deste modo:

— A noticia da tal conspiração para depôr o governador do meu Estado, apezar dos pormenores alarmantes de que estava cercada, não me assustou, porque na vespera já "O Imparcial" dizia ser a mesma destinada a apeiar o commandante da milicia estadoal, capitão João Cruz e o sr. dr. João Thomé telegraphára ao irmão deste, dr. Eurico Cruz, desmentindo o boato e explicando sua origem.

Ademais, não havia razões para essa rebeldia. O governo do sr. João Thomé está prestigiado pelo Estado inteiro e nada praticou que pudesse despertar tamanho revide. Os cearenses estão ao seu lado, confiantemente.

Entretanto, á noite mesmo, transmitti os boatos ao governador e tive o prazer de receber delle o seguinte telegramma:

"E' pura phantasia o telegramma d'"A Noite". Descobriu-se que alguns officiaes da policia angariavam assignaturas de camaradas seus para uma representação contra o commandante. Foram presos cinco e aberto inquerito. Não houve a menor participação de soldados no caso nem o menor movimento de tropas. Abraços. — **João Thomé.**"

Como vê, tudo não passou de mal entendido do correspondente, alarmado, quando transmiitiu a noticia, ou de simples balella. No Ceará reina a paz mais completa e nem ha motivos para revoluções, sinão as que forem feitas pelo telegrapho...

"Jornal do Commercio" (Gazetilha) 8 - maio - 1917

POLITICA DO CEARA'

O Sr. Deputado Gustavo Barroso recebeu hontem do Governador do Ceará o seguinte telegramma:

E' pura fantasia o telegramma enviado para ahi noticaindo descoberta «complot» aqui. Alguns officiaes de policia angariavam assignaturas de collegas para uma representação contra o commandante. Foram presos cinco por ser isto acto de indisciplina. Abrio-se inquerito. Não houve a menor participação dos soldados nem ha o menor movimento de forças. Abraços. — *João Thomé.*»

— O Dr. Eurico Cruz recebeu do Governador do Ceará o seguinte despacho:

«Nada ha de importante. Alguns officias de policia angariavam assignaturas de collegas para uma representação contra o commandante, por detalhes do serviço. Isso foi considerado acto de indisciplina. Foram presos. Abrio-se inquerito. Abraços. — *João Thomé.*»

"Diario do Estado" - 4 de maio de 1917

(Nota a um artigo contra A. C. Mendes)

(1) — Estamos autorisados (a proposito (pelo deputado Gustavo Barroso a pedir ao sr. A. C. Mendes o resultado de uma subscipção aberta pelo «Diario» em favor de um busto a José de Alencar. A subscripção montou a trezentos e tantos mil réis (crêmos). Fica, pois, intimado a entregar-nos ou áquelle representante cearense a alludida quantia, com a qual, Deus queira não aconteça o mesmo que com os 25 mil marcos que deve á casa de Coblenz.

"A Noite" - 7 - maio - 1917

O que houve no Ceará

Indisciplina da policia

Que houve com o Sr. João Thomé, lá do Ceará ? Houve mesmo attentados de deposição ou não ? O nosso serviço telegraphico é categorico nesse sentido, de maneira que, se não se tratar de dpeosição, não padece duvida que algo occorreu de anormal nas terras cearenses. Na Camara, os citados telegrammas foram objecto de commentarios, principalmente na bancada cearense. O Sr. Frederico Borges, perguntado pelos seus collegas, respondia, duvidoso:

— E' impossivel... O João Thomé é uma boa creatura; todos estão satisfeitos. O que elle não póde é fazer milagres, sem dinheiro, e governando um Estado combatido pela natureza, onde depois das calamidades de um longo periodo de tragica secca, appareceram as devastadoras inundações. Os attentados que actualmente apparecem por lá, são da natureza, contra a qual o cearense luta até á morte. Pobre Ceará! Depois da secca depois das inundações, veiu agora uma praga de ratos que estraga todas as plantações e quebranta todos os esforços.

Apezar das lamuriosas palavras do Sr. Frederico Borges, muitos estavam indecisos. O Sr. Gustavo Barroso, porém, que havia desde hontem telegraphado para o seu Estado, pedindo novidades, recebeu das mãos de um continuo um cabogramma. Siléncio de expectativa. Depois, um sorriso de satisfação muito communicativo pela bancada.

S. Ex. disse:

— Nada houve no Ceará, sinão um pequeno acto de indisciplina da parte de alguns officiaes de policia. O Dr. João Thomé, governador do Estado, telegraphou hontem ao Dr. Eurico Cruz, irmão do capitão Cruz, commandante da policia cearense, nestes termos: "Nada de importante. Alguns officiaes angariavam assignaturas de collegas para uma representação contra o commandante, por detalhes de serviço. Isto foi considerado acto de indisciplina. Foram presos. Abriu-se inquerito. Abraços — João Thomé".

Actos de indisciplina apenas. Nada de "complot". Em compensação, não se tratava apenas de secca, das inundações e dos ratos, do que se queixava o Sr. Frederico Borges. Havia mais alguma cousa: a indisciplina da policia.

"Gazeta de Noticias" - 8 - 5 - 917

Revolução no Ceará

Não houve nada

As informações do deputado Gustavo Barroso

Alguns jornaes publicaram noticias telegraphicas alarmantes sobre o Ceará, dizendo ter sido ali descoberta uma conspiração de officiaes de policia com o fim de depôr o Dr. João Thomé de Saboya, presidente do Estado, accrescentando haver movimento de tropas fieis ao governo.

Procuramos, para saber da verdade de taes noticias, o deputado cearense Gustavo Barroso, que nos disse, mais ou menos o seguinte:

— O Ceará, felizmente, está em paz, e não ha razões para que assim não seja. Nenhum partido politico ali tem interesse em mover revoltas contra o governo, que está apoiado pela maioria politica e social do Estado. Nem os actos do Sr. João Thomé poderiam provocar tão criminoso attentado. Tudo não passa de invencionice ou de leviandade de correspondentes telegraphicos.

Apesar de estar mais do que certo do que acabo de dizer, transmitti ao governador do meu Estado termos alarmatnes dos telegrammas, aqui estampados pelos jornaes. O Dr. João Thomé respondeu-me assim:

"E' pura fantasia o telegramma da "A Noite". Descobriu-se que alguns officiaes da policia angariavam assignaturas para uma representação contra o commandante. Foram presos cinco e aberto inquerito.. Não houve a menor participação de soldados no caso, nem o menor movimento de forças. Abraços.—João Thomé."

Vê, pois, o collega, que nada ha de anormal no Ceará e sim uma simples questão disciplinar interna do regimento policial do Estado.

Bem quizera eu que fossem tão verdadeiras quanto estas as noticias, essas sim, muito alarmantes, da invasão de ratos nas plantações do sertão, causando damnos terriveis. Infelizmente esta ultima noticia é verdadeira e ainda não foi desmentida.

"Paiz" - 1ª pagina - 14 - maio - 1917

Uniforme historico.

Falar-se em uniforme historico, num paiz como o nosso, em que o afan de mudar a todo o momento as fardas das corporações tem feito com que todos os vestigios de tradições gloriosas desappareçam, é tocar em um assumpto inteiramente novo. Dos distinctivos que com garbo os nossos antepassados usaram nos varios transes da nossa historia, nenhum mais existe hoje. Assim, o povo não tem a opportunidade de defrontar, a todo momento, como que de modo palpavel, algumas recordações que todos devem ter sempre o mais vivo possivel...

E' attendendo a essa necessidade de tirar do passado exemplos e lições para o presente, que no exercito britannico, o uniforme de grande gala de alguns corpos ainda se conserva o mesmo que era no XIII seculo. Na França, o uniforme da guarda republicana nunca foi alterado e o dos couraceiros mantem a mesma linha geral. O mais caracteristico desses casos, sob o ponto de vista historico, é o dos Estados Unidos, onde a escola militar ainda usa o uniforme dos soldados de Washington.

No nosso exercito seria interessantissimo que se realizasse essa reforma. Assim pensando, o deputado Gustavo Barroso resolveu iniciar um movimento neste sentido, e, depois de trocar idéas com o Sr. ministro da guerra, o qual apoiou a iniciativa, entregou-se á pesquiza de um uniforme que, não indo de encontro á esthetica, representasse effectivamente uma tradição nacional. Teve o deputado cearense a dita de encontrar o que queria. Trata-se do uniforme da guarda de honra do imperador D. Pedro I, guarda que o rodeava em Ypiranga e que o acompanhou na magnifica galopada que de São Paulo ao Rio fez aquelle soberano, afim de consolidar, na capital, o acto que iniciara: essa guarda era composta dos chamados Dragões de Milicias. Mais tarde os Dragões de Milicias passaram a constituir o 1º regimento de cavallaria e, já então, a mania de mudar o uniforme fez com que a farda fosse modificada.

Justamente é essa uma farda que se presta admiravelmente para a grande gala: botas altas, calça e casaco brancos; gola e punhos vermelhos, capacete de couro, com um dragão em bronze e crina caida pelas costas. Fórma esse uniforme um bello conjunto.

O deputado em questão pretende fazer uma conferencia, provavelmente no Club Militar, onde explanará o assumpto. Em seguida apresentará na Camara um projecto mandando que o uniforme de grande gala do 1º regimento de cavallaria seja o usado pela guarda de D. Pedro I e que o regimento passe a se denominar —*Dragões da Independencia.*

60

"A Rua" - 15-maio-1917

"Gazeta de Noticias" 16-maio-1917

2

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

O deputado Gustavo Barroso conferencia com o titular da Guerra

Com o Sr. Ministro da Guerra conferenciou o deputado federal Gustavo Barroso.

A conferencia versou sobre a transformação do 1º regimento de cavallaria no "Regimento de Dragões da Independencia", idéa que aquelle deputado concretisará em um projecto de lei que, de accordo com o titular da guerra, deve apresentar brevemente na Camara.

Essa idéa, que mereceu franca sympathia do Marechal Faria, tirou-a aquelle deputado do facto de não termos um corpo militar historico, quando bem poucas são as nações que não o têm ; e a escolha do 1º regimento funda-se no facto de ser elle a mais antiga unidade do exercito e justamente aquella que sempre, no passado regimen, teve a funcção de servir de guarda ao Imperador e em seu effectivo serviram principes.

Como não só de pão vive o homem, o Sr. deputado Gustavo Barroso pensou tambem que, nesta hora em que todo o Brasil vive preoccupado com a carestia dos generos, com os problemas financeiros e economicos e principalmente com a idéa se devemos ou não entrar na guerra contra a Allemanha, elle bem podia dedicar as suas horas de ocio para fazer... uma restauração.

Não monarchica, pois que o Sr. Gustavo Barroso é republicano da velha guarda, mas historica.

O deputado pelo Ceará, artista, não podia ser indifferente ao vêr desfilarem as tropas do Exercito pelas avenidas, sem uma nota impressionante de recordações do passado. Aquelles monotonos "kakis" davam-lhe nos nervos hyperestheticos. Lembrou-se então de fantasiar um dos nossos batalhões de cavallaria em "dragões do imperador" — aquelles que cercavam a velha cabeça de Pedro I, nas suas viagens de S. Christovão, e que figuraram no quadro do Museu do Ypiranga, no momento solemne do "Independencia ou morte".

O marechal Caetano de Faria, que é tambem da Sociedade de Homens de Letras, ficou encantado com a lembrança do deputado cearense e approvou-a.

Assim, a idéa vai ser consubstanciada num projecto que o Congresso approvará mais depressa que o dos "indesejaveis" e dentro em breve teremos os "Dragões da Independencia", de farda branca, botas altas, capacete brilhante, a desfilarem garbosos pelas ruas.

O Sr. Gustavo Barroso vencerá uma verdadeira "batalha de esthetica", no Exercito...

"A RAZÃO" - Rio - 17 - MAIO - 917

Os "Dragões da Independencia"

Fala-nos sobre o seu projecto o sr. Gustavo Barrozo

Ao encontrarmo-nos, na Camara, perguntámos, hontem, ao sr. deputado Gustavo Barrozo:

— E' verdade, doutor, que apresentará um projecto creando o corpo dos "Dragões da Independencia"?

— Sim; é verdade.

— Nesse caso, será para nós um prazer ouvir qualquer coisa de sua parte a proposito dessa creação.

— Pois não. Serei breve na exposição do meu pensamento:

Sempre me interessei muito pelas coisas militares, especialmente pela historia militar.

Dos meus estudos e indicações, verifiquei a vantagem da conservação das tradições nos exercitos e o carinho com que as mesmas são tratadas pelos estados-maiores e os governos mais adeantados e mais progressistas.

Verifiquei tambem que, em todos os paizes europeus e nos mais civilizados da America, sempre ha um regimento que guarda um uniforme historico, recordação de antigos feitos militares de épocas memoraveis. Um unico paiz fazia excepção á regra geral, o nosso.

Então, lembrei-me de estudar a historia do nosso costume militar. Visitei archivos e bibliothecas; remexi velhos livros e acabei por ver no meu fraco entender, que nenhuma parte estaria em melhores condições de ser restaurada no Brazil do que a da antiga guarda de honra de Pedro I, constituida pelos esquadrões das milicias que se promptificaram a combater os portuguezes, especialmente pelo esquadrão paulista, que escoltava o imperador e ouviu o grito de "Independencia ou morte!"

Nos Estados Unidos, a Escola Militar veste o fardamento da época da sua independencia; no Uruguay, os "blandengues" de Artigas usam a vestimenta historica das guerras que occasionaram a independencia do paiz; na Argentina, os granadeiros de San Martin andam com a farda das lutas pela independencia da Republica vizinha.

Por mil motivos outros, emfim, cuja enumeração seria enfadonha, nenhum uniforme melhor que esse que symbolisa a nossa independencia.

Dahi, a minha idéa que, ainda este mez, pretendo explanar demoradamente, no Club Militar, e que já mereceu o apoio do illustre titular da pasta da Guerra.

Até o fim do mez é provavel que, corporificada em projecto, submetta-a á apreciação da Camara."

E ahi está como teremos a fazer parte do nosso Exercito um regimento que se tornará tradicional.

"Fon-Fon" - 19-maio-917

Garranchos

Contaram-me na Bahia, no terraço do theatro São João, diante do mar enluarado, a seguinte historia :

«O Araujo era estudante e pobre, mas frequentava muito bôa roda devido á distincção de suas maneiras e a vestir-se mais ou menos bem, o que conseguia economisando fortemente a sua parca mesada.

Uma noite, o nosso homem, vindo de um baile, de casaca e cartola, recolhia-se á casa, a pé, porque não tinha um nickel para o bond, fumando o seu derradeiro cigarro.

Ao dobrar uma esquina, onde começava de escantilhão escura ladeira, surge-lhe pela frente um ladrão, de revólver em punho :

— Bolsa ou vida !

O Araujo levantou os braços, tal qual como vira fazer os *cow-boys* nos cinemas e como fazem os Allemães. Quasi que grita:

— Pas kaput, kamerade !

O gatuno, mantendo com a mão direita a arma apontada, com a esquerda cascavilhou os bolsos da casaca, da calça e do collete branco. Nada achou. O Araujo não possuia relogio nem carteira, não tinha dinheiro nem cigarros. O bandido com uma cara de decepção e piedade, guardou o revólver, tirou duzentos reis do bolso do jaléco e deu-os ao estudante, dizendo com piedade e enfado:

— Toma lá, desgraçado, para o bond. Estás peior do que eu!

— E o Araujo recebeu a esmola? perguntei.

O meu amigo affirmou :

— Recebeu e tomou o bond.

João do Norte (Gustavo Barroso), o nosso prezado companheiro de trabalho, cujos creditos de escriptor estão firmados na nossa litteratura, tem em vias de publicidade um novo livro sobre a vida sertaneja.

Heroes e Bandidos é um estudo serio e documentado sobre os bandidos do sertão brasileiro. Doptado de uma vasta cultura litteraria e scientifica, João do Norte, que é ao mesmo tempo um estudioso apaixonado da vida e dos costumes do sertão brasileiro, dá-nos em *Heroes e Bandidos* uma nova feição do seu talento, fazendo-nos viver no proprio meio que descreve e com elle observar a vida aventurosa e não raro heroica do banditismo sertanejo, cujas causas expõe em linguagem clara e encantadora e de cujos typos principaes nos descreve o perfil, sempre com a leveza e a graça do seu estylo rico e sadio.

Em *Terra de Sol* João do Norte pintou-nos, a côres vivas, a natureza e o *meio* do nordéste brasileiro ; agora em *Heroes e Bandidos*, numa successão natural, dá-nos um dos typos caracteristicos desse *meio*, dessa natureza que já nos fizéra conhecer no seu primeiro livro.

Heroes e Bandidos que se divide em duas partes — Causas e Typos — não é um estudo superficial sobre o banditismo sertanejo, mas bem ao contrario a narrativa documentada de factos. A segunda parte do livro que estuda os *Typos*, comprehende os seguintes capitulos — Cunhas e Patacas, Mourões e Muqueca, Liberatos e Guabirabas, Brilhantes, Limões e Suassunas, Adolfo Meia Noite, Athayde, Rio Preto, Viriato, Os dois Josés Antonios e Antonio Silvino.

Heroes e Bandidos que será posto á venda por todo o mez vindouro está fadado a um verdadeiro successo de livraria.

"A. B. C." Rio - 19 · maio - 1917

A phantasia de Nhônhô

O sympathico Sr. Gustavo Barroso (João do Norte), conduzido á Camara dos Deputados pelo milagre maior que já produziu o nepotismo na politica republicana, é um mancebo que se não resigna em ser apenas digno sobrinho do senhor seu tio.

Aos que o accusam de não estar á altura do cargo electivo para o qual o nomeou o Sr. Benjamin Barroso, responde o elegante deputado com o "Diario do Congresso" em punho, a mostrar os apartes com que espirituosamente vem pontilhando os discursos dos seus collegas, ao mesmo tempo que lhes suggere novas e magnificas idéas. E não só de apartes está fulgurantemente cheia a carreira parlamentar do festejado moço. Ainda não ha muito tempo S. Ex. apresentou um projecto. Um projecto revelador de que na bella fronte do Sr. Gustavo Barroso a meditação sobre as necessidades publicas escolheu um ninho privilegiado.

Acompanhando attentamente os episodios da guerra européa, o deputado cearense, dotado de um maravilhoso instincto de previsão, concluiu que entre os sobreviventes da grande tragedia se poderiam contar, de antemão, innumeros aleijados. E de conclusão em conclusão chegou S. Ex. á de que muitos desses estropiados, não mais conseguindo a subsistencia na terra de nascimento, poderiam lembrar-se de emigrar para o Brazil. O que seria profundamente desastroso, em se tratando de um paiz que necessita de gente valida para o amanho da terra, esta mesma terra ubertosa e inculta que o Sr. Gustavo Barroso, joven e sadio, prefere exaltar em prosa, ao envez de cultival-a, sem duvida por saber que isto lhe resultaria menos lucrativo.

Como evitar que para o Brazil convergissem verdadeiros exercitos de invalidos? O Sr. Gustavo Barroso não levou muito tempo a estudar o problema: o seu projecto boycottando os "indesejaveis" foi apresentado á Camara e, embora houvesse quem o inquinasse de inconstitucionalidade, o effeito visado pelo seu autor estava attingido. Por espaço de um mez os jornaes appareceram pejados de commentarios sobre a interessante personalidade do Sr. Gustavo Barroso, e nem uma só vez se disse que o sensacional projecto havia sido apresentado por um sobrinho do Coronel Benjamin Barroso.

E era o que desejava o joven deputado, já aborrecidissimo por se vêr a todos os momentos designado, nas rodas parlamentares e na imprensa, como uma simples expressão de nepotismo politico.

Acontece, porém, que um projecto de lei, mesmo o relativo aos "indesejaveis", não é sufficiente para manter por muito tempo em evidencia quem o apresenta. E o Sr. Gustavo Barroso já voltava a ser, como deputado, simplesmente o sobrinho do seu tio, quando a visão da guerra — sempre a guerra — lhe suggeriu um outro projecto. Não se trata, como seria para suppôr, de um plano, opportunissimo aliás, de defesa do Brazil, de qualquer cousa emfim que pudesse parecer destinada a eclipsar a gloria do Sr. Olavo Bilac. O Sr. Barroso quer simplesmente a transformação do 1° regimento de cavallaria, a mais antiga e instruida unidade dessa arma no Exercito Brazileiro, em corpo decorativo, destinado a embasbacar a multidão nos dias de parada.

Que resultados praticos nos advirão dahi? O que ganhará o Exercito, agora que se lhe pretende augmentar o effectivo, em efficiencia, com os uniformes brilhantes, as botas de luxo, as espadas carissimas, os pennachos deslumbradores, que vão ser distribuidos aos soldados do 1° regimento, e que os officiaes serão obrigados a adquirir com sacrificio?

Nossa Senhora! O Sr. Gustavo Barroso, quando apresenta um projecto — e este é o segundo no seu segundo anno parlamentar — não visa mais do que forçar a evidencia e obter o esquecimento, por alguns dias, de que na Camara é apenas o representante de seu tio. Não lhe devemos querer mal por isso. Deixemol-o com a sua gloria de crear os "Dragões da Independencia", E' uma phantasia de deputado quasi creança, que ainda se não distanciou muito dos soldadinhos de chumbo, e quer os soldados de verdade envoltos em fardas que pela polychromia relembrem os dos seus brincos infantis...

M. CAVALCANTI.

"Fon-Fon" - 19 - maio - 917

Garavetas

Debruçado na amurada do paquete, depois de ter examinado com a vista toda a pequena mas encantadora bahia da Victoria, desde a ilha dos Urubús até o imponente mosteiro da Penha, eu corri os olhos pelos letreiros dos botes que se avisinhavam do portaló, buscando freguezia. E li os seus nomes interessantes:

— « Atlas, Voador, Guarany, Catita, Capichaba, Furta-Moça».

Sorri e murmurei:

— « Furta-Moça, tem graça!»

Um meu companheiro de viagem bateu-me no hombro:

— «Então, tem a mesma curiosidade que eu: lêr os titulos dos botes por estes portos afóra? Ha engraçadissimos. Imagine o senhor que tenho, segundo os nomes, eu que por aqui tenho viajado muito, as minhas preferencias. Na Bahia só desembarco num escaler — «Defensora da Patria». No Recife tenho outro preferido o «Saúde da Mulher». E em Maceió escolho sempre o saveiro «Espirito Divertido». Havemos de lá chegar e o senhor terá o desgosto de conhecer o dono...»

A Fon-Fon - 12 - MAIO - 917

Garatujas...

Claudio encontrou-me na rua da Quitanda e disse-me:

— « Acabo de receber de bem longe esta carta. Lê».

Abri um envelope perfumado e li:

« Meu querido. — Maravilhosa manhã de sol. As manchas rôxas das quaresmas esparsas entre o arvoredo dos serros lembram as côres das olaias floridas. Despertei cheia de ti e toda em ti. Com uma saudade maior e mais alta que o céo, fui sentar-me na areia da praia. Parecia-me que o velho mar, dolente e triste, choraria commigo a tua ausencia e me pediria perdão de nos separar. Mas não, elle murmurava que a vida é toda feita de descrença e toda feita de desillusões. Do mesmo modo que apagava no recúo do horizonte o branco das vélas talvez tu tivesses apagado de ti a minha recordação. Adeus, Claudio. deixo em teus olhos a minha bocca! »

Olhei o meu amigo e somente pude dizer: «Mulheres!»

Elle sorrio, dobrou a carta, guardou-a no bolso e exclamou:

— «Mulheres!»

Gatimanhos

Alli á esquina do Hermanny conversavam animadamente um desembargador, um juiz de direito e um pretor criminal. Ao passar-lhes perto, disse ao meu companheiro:

— « Veja como estão compenetrados no seu alto papel social aquelles tres magistrados. Certamente discutem uma notavel these juridica ou desenvolvem com calor os *consideranda* sobre direito internacional a proposito do bloqueio effectivo e do bloqueio não effectivo. Talvez mesmo, a proposito da provavel declaração de guerra, travem controversias sobre as prerogativas constitucionaes do presidente da republica e do Congresso. »

Claudio França respondeu-me:

— « Enganas-te com certeza. Sou da opinião de Julio Dantas e aconselho-te que a sigas. Eil-a: — « Em que fallam tres juizes que se encontram? — Em mulheres. » Juro que aquelles estão fallando dellas!

Garabulhas...

Meu amigo. A tua carta é uma queixa continua. Não tens, entretanto, a menor razão. Permitte que eu francamente te diga que és o unico culpado da guerra terrivel que te movem. Falas-me de intrigas, de calumnias, de fingidos desdens, de esquecimentos voluntarios, de picuinhas de toda a sorte. Acredito tudo quanto me relatas e repito-te: és o unico culpado.

Vou explicar-me. E's moço, és physicamente bello e és talentoso. Achas que é facil ao commum dos mortaes perdoar-te essas tres qualidades que raros têm e todos desejariam possuir? Então, trazes do berço tres maravilhosas condições de victoria e queres que não te invejem aquelles que, para a concurrencia vital, não as obtiveram no ventre materno? Onde puzeste o teu bom senso?

O mundo, os teus semelhantes, teus proximos, teus irmãos, jamais se consolarão vendo-te joven e elles velhos ou envelhecidos, vendo-te intelligente e elles ineptos ou communissimos, vulgarissimos, e, sobretudo, vendo-te bello e forte, e elles feios e degenerados.

E és o unico culpado de toda essa guerra que se desencadeia dos quatro pontos cardeaes, porque o teu orgulho, o teu amor proprio excessivo não consentiram que puzesses em pratica o profundo conceito dum dos mais gentis poetas de França: «Pardonner la gloire a force d'amabilité »

Adeus. Escreve-me sempre, porem menos descrente e sê amabilissimo com todo o mundo para que te perdõem seres moço e sadio, bom e bello. Um aperto de mão do amigo *Claudio França.*

62

Ceará - "Diario do Estado" - 3 de novembro de 1914

Anda em maré de fraqueza o *Unitaristico*.

Descomposturas, insultos, immoralidades não lhe faltam. Mas os artigos politicos são duma anemia profunda, como se estivessem roidos por uma especie de ankylostomiase duodenal. Sente-se que o velho pelourinho da honra alheia está sem base. Oscilla. Dahi a chlorose dos seus artigos politicos, a falta de energia de suas notas, descontando elle tudo isso e mascarando a pobreza das idéas, a vacuidade dos conceitos, os tropeços nas questões de politica local, com a sujeira do palavreado e a lama das descomponendas. Que teriam feito no Rio aos enviados do partido *unitaristico* para tão cabal demonstração de falta de força na linguagem do seu orgão apasquinado? Mysterios...

Não é só na parte politica que o jornal anda malacafento. E' em tudo. A sua redacção é composta de analphabetos. O unico que alli existe capaz de seis ou oito garatujas é o major Brigido. Desse andamos nós com uma piedade... quasi filial! Pobre velhinho! Quasi noventa annos de vida attribulada pelas luctas da politicagem, da intriga e da calumnia minaram-lhe as circumvoluções cerebraes, que não funccionam nem podem funccionar bem. Pobre ancião!

O misero major, digno da maior pena, louco por ir descansar no seu Maracanahú, em paz, afim de terminar a vida, mas nisso impedido pelos que não têm dó de explorar-lhe a falta de vista e a falta de juizo, com o intuito de servirem seus interesses politicos, o misero major anda já com a intelligencia em verdadeiro desmantelo e escreve coisas no *Unitaristico* que não assignaria o proprio Manezinho do Bispo, si as lêsse.

Eis um trecho do fundo de artigo do *Unitaristico* de sabbado, obra da infeliz creatura:

"De grande raiva devia estar possuido o assassino; e o que vem a ser a raiva?

Um sentimento instantaneo que, aliás, já tinha a sua razão de ser em alguma das peças que entram na mechanica corporea ou na chimica, que nos seja licito chamar visceral, por não dispensar tantas retortas que temos em nós mesmos e tantos agentes que podem explodir."

Contra este facto não póde haver argumento. Os leitores entenderam este *morceau choisi?* Certamente não. Assim nós, que perguntamos ao infeliz velho:—*seu* major, que diabo disto é aquillo?...

Precisava dízer?...

Os nossos illustres collegas da «Folha do Povo» publicaram hontem algumas accusações ao governo, em pequenos periodos, começando cada um delles por uma lettra garrafal. Reunidas essas grandes iniciaes e lidas de cima para baixo davam esta frase: *faltam treze dias.* Muito interessante o anagramma. Mais interessante, porém, foi um pequeno annuncio que a distincta confreira inserio na sua primeira pagina, chamando a attenção do publico para o acrostico, explicando-o e mostrando a maneira de se poder lêl-o.

Ficamos a matutar. Que idéa faz a «Folha» da intelligencia e da boa vista de seus leitores para precisar dizer que aquillo era um anagramma e se lia da forma tal assim e assim, quando elle resaltava do primeiro golpe, tão negras e grandes eram as lettras?

Cuidámos até que tivessem dado aquella explicação com pena de José Brigido, coitado! que está cego e quasi mouco, precisando de quem o guie em tudo e de quem lhe explique tudo, pois o cerebro já lhe anda perro ás vezes e ás vezes desmantelado, como relogio muito velho que ora atraza muito, ora se adianta que é um horror.

O acrostico de nossos sympathicos collegas lembrou-nos outro que fez um portuguez ricaço, da rua da Praia, morador num sobrado de azulejos que ainda lá existe, quando desembarcou nesta cidade o 26 batalhão de voluntarios da Patria, regressando da sangueira do Paraguay. O negociante, enthusiasmado, fizera um discurso patriotico, exaltando a bravura do soldado brasileiro, especialmente do cearense. Depois, na peroração, dizendo desaforos a Solano Lopes, mostrando quanto era feroz a alma do dictador, findou por este acrostico tão interessante quanto o da «Folha do Povo»:

Leão
Onça
Panthera
Estrangulador
Serpente venenosa

Teve um delirio frenetico de acclamações. Pudera! O povo só applaude o que não entende direito.

63 Ceará" - "Diario do Estado" - 5 de novembro de 1914

UMA CARTA HONROSA

No dia 31 de outubro ultimo o dr. Gustavo Barroso, que pedira demissão do cargo de secretario do interior, recebeu do sr. Benjamin Grangeiro, intelligente e honrado funccionario da fazenda federal, a seguinte carta, que muito o penhorou:

«Meu caro dr. Gustavo. Lendo o «Diario do Estado» de hontem tive a surpreza de ver annunciada a sua viagem pelo primeiro vapor. Como cearense sinto a sua partida. Até minha obscuridade chegava o fulgor do seu primoroso talento, vendo com immenso prazer que em tudo aqui ia elle imprimindo um novo cunho de bom gosto, mocidade e vida. Para os homens politicos foi um verdadeiro triumpho sua passagem pelo Ceará, dando o exemplo de que, a despeito do meio, se póde ter a responsabilidade de homem de Estado, sendo-se puro, simples e popular. Continúe assim; lembre-se que, para crestar as mimosas flores de uma alma, será bastante que durmam uma só noite no coração a vaidade e a inveja, malditas aves agoureiras, por culpa das quaes muita gente traz torrada até a consciencia. Ao partir deixe todas as suas magoas! Conduza-se como os passaros, lançando-se aos ares, leves, sadios, despreoccupados e felizes. Ao Ceará não venha nunca a negar o seu amor e o seu braço e no seu grande e nobre coração tenha sempre reservado um pequeno logar para o seu antigo companheiro de sonhos e fantasias... já mortos, que cada vez mais o aprecia e estima.»

Lendas que morrem

CONFERENCIA feita, em 31 de Outubro de 1914, pelo dr. Gustavo Barroso, no "Club Iracema"

Sr. Presidente do Estado
Senhoras e senhores

Parece que uma a uma muitas lendas vão morrendo. E eu temo que, dentro em pouco, neste pratico seculo de invenções portentosas e crises formidaveis, não reste mais aos espiritos fatigados da aspereza scientifica o afago poetico e suave de uma só. Nem se cuida mais, infelizmente, de coisas delicadas para amaciarem a dureza da vida. Tudo vai nos arrancos e nas pressas destes tempos de machinas e assombros. Tanto assim que Jules Claretie abrio os olhos de espanto quando lhe annunciaram o projecto da erecção dum monumento de Homero em Paris. Rio e escreveu: «neste Paris cinematographico e moderno um monumento a Homero è inaudito!»

Cada dia, tristemente, desce uma lenda ao tumulo. E tudo quanto sobre ella se escreveu ou disse sôa-nos aos ouvidos de modo extranho, como coisa morta ou desapparecida, velha ou remota, que só nos faz saudades.

Ao seculo em que vivemos acho que coube a ingloria tarefa de matar as velhas lendas, sem o menor respeito para o passado de sonho, desejo, imaginação e amor que as produzio.

O canto do cysne, o ultimo canto, branco como o seu corpo, arquejo sonoro e derradeiro de sua vida, já se foi. E' necessario um grande esforço de imaginativa e boa vontade, para se dizer ainda com entono aquelle terceto de Julio Salousse:

—"Que o cysne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sosinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cysne."

Dentro em pouco, todas essas lendas, amavios da poesia, doçuras dos poetas, estarão esgotadas. Nesta carreira vertiginosa da humanidade para o progresso vão ficando esparsas e perdidas á maneira de folhas outoniças que o vento desprega, espalha, tange e escurraça. Na feição naturalista das coisas de hoje querem tão somente que appareça a verdade em plena nudez. Mas não é só na verdade que vive e que palpita o gozo da vida. A vida é mais illusão. E porque a diminuem, viver hoje é mais pesado que antanho.

Muitas lendas morrem ou se transformam com o envelhecer, no lento andar dos tempos destruidores. A maior parte, porem, é destruida pelos scientistas com uma ferocidade de vandalos ou das modernas tropas do Kaiser.

Entre os maiores assassinos de lendas occupa o primeiro logar o sr. Paul Girard, professor da Sorbonna, membro do Instituto de França, conhecedor do Oriente, remexedor de velhos lixos e cascalhos historicos.

E' o mais terrivel matador de lendas que conheço. Numa austera sessão do Instituto, essa prosaica creatura apregoou que jamais Phrynéa fora despida, perante o areopago maravilhado, num genial recurso dum chicanista helleno. Os helliastas não a absolveram, disse, pela admiração de que se tomaram ante o esplendor de sua rosea carnação. Nunca tal scena se passara. E procurou provar isto com sciencia e espirito, dizendo que, ao publicar seu discurso, faria precedel-o de "algumas desculpas a Phrynéa», arrotando erudição classica, falando da fabricação de tecidos argivos, da fiação de pannos da Thracia e da tecelagem dos véus finissimos de Coryntho.

Tanto esforço florescera em arte ao derredor da bella lenda! A estatuaria grega deixara na limpidez dos marmores de Paros aquella linha de belleza impeccavel. Os artistas mais obscuros copiaram-n'a no barro delicado de Tánagra e Myrina. Gerome compuzera uma téla assombrosa. Bilac burilára aquelles versos perfeitos:

"Mnezarete, a divina, a pallida Phrynéa,
Comparece ante a austera e rigida assem-
[bléa..."
.....
"Estremecem no altar, ao contemplal-a, os
(deuses,
Núa, entre acclamações, nos festivaes de
(Eleusis..."
.....
"Nada iguala o poder de suas mãos pe-
(quenas:
Basta um gesto, e a seus pés roja-se hu-
(milde Athenas."
.....
"Núa e branca, de pé, patente á luz do dia
Todo o corpo ideal, Phrynéa apparecia
Diante da multidão attonita e surpreza,
No triumpho immortal da Carne e da Bel-
(leza."

Para que tanto esforço á roda dessa lenda? Si tanta obra darte produzio, apparece agora um duro scientista para a prostituir e calcar aos pès! Razão de sobra teve Afranio Peixoto para dizer que, assim como as borboletas esvoaçam em torno da luz, procurando penetrar o mysterio da chamma, nós nos agitamos, inquietos, em volta duma illusão...

Não contente com o crime commettido, o sr. Girard anda agora em Creta, rebuscando a velha civilisação de Minos, e, na Grecia, estudando fontes antigas de litteratura e arte, para provar em Paris que Menelau, o famoso marido de Helena, não foi tão infeliz como se pensa e que ella não era tão linda como cantam os poemas dos rapshodos, não valendo a sua formosura aquelle esforço do assédio de Troya.

Estão aqui algumas frases do sr. Paul Girard, nas quaes duma só cajadada vai matando muitas lendas bonitas e consoladoras:

"Homero foi precedido de toda uma historia de vivas realidades, que acommodou a seu bel prazer. Reunio nos seus poemas uma porção de aventuras augmentadas á sua vontade, tomando por ponto de partida singelissimos acontecimentos. Numa simples querella de generaes accumula coisas extraordinarias ou extravagantes. Seus mancebos e raparigas são eternamente jovens, fortes e bellos. Penelope espera o velhaco Ulysses, seu esposo, vinte annos, dez que levou no cerco de Troya e dez de aventureiro retorno a Ithaca. E elle a encontra tão fresca e tão formosa como a deixára!"

O sr. Girard faz tambem umas contas e accrescenta que Helena, ao voltar ao domicilio conjugal, arrancada dos braços de Páris, devia ter sessenta e dois annos! Os grandes rapshodos e poetas epicos na sua opinião eram *blagueurs*...

Para outras muitas lendas uma descoberta mais ou menos scientifica marcalhes o fim. O movimento da terra acabou com a historia de Josué ter parado o sol. As longas viagens apagaram o *mar tenebroso*. O encontro das phocas matou as sereias. A pesca da baleia terminou a serpente do mar, de Olaus Magno.

O sabio allemão Wolff diz que Homero é, como Orpheu, um mytho intangivel. Para elle o verdadeiro autor da Illiada e da Odysséa é o proprio povo. Eis as suas palavras: "A grande epopéa grega brotou, tal qual o Cid, dos labios anonymos da multidão."

Dizia-se que, quem se deitasse á sombra da mancenilba, morreria aos poucos, num ineffavel adormecimento. Era um doce morrer. Então os poetas tomaram conta da arvore e suicidaram-se á sua sombra amena... em odes, balladas, villancicos e sonetos. Quando não se suicidavam assim, assim matavam as suas languidas amantes. Houve hecatombes sob a arvore do somno.

Guerra Junqueiro poz esta quadra nos labios da peregrina Imperia:

"Foge de mim, trovador!
Não voltes mais! acredita!
Sou a arvore maldita,
A mancenilha do amor!"

Ou, adiante, numa exclamação das mães piedosas ás filhas maceradas pelas noites de amor:

"Com quem fostes dormir ao pè das mancenilhas?!"

Mas o triumpho da mancenilha foi quando os versos de Scribe e a musica de Meyerbeer a levaram aos palcos eurepeus no final da grande opera *A Africana*, cantada pela primeira vez em 1865.

Era um lindo final de opera: a lubrica Selika deitava-se á sombra assassina e ia suavemente morrendo, emquanto no horizonte impassivel esmaecia, apagava-se a vela, que, para longe, conduzia o seu amor...

Hoje tudo isto vae desmanchado e derruido. Surge uma sombria verdade. A mancenilha não mata. Quem o diz é o sr. Coutance, um medico francez que morou na Martinica largos annos e estudou minuciosamente a arvore fatidica. E o referido medico, mostrando os resultados de suas observações sobre os doentes do hospital de Fort de France, declarou na Academia de Medicina de Paris que a mancenilha não mata. E' verdade que provoca um adormecimento, porem é uma ligeira e deleitosa modorra, como a do Hatchiss, povoada de sonhos paradisiacos. Eis ahi a arvore que exhalava a morte transformada em réles dormideira, á cuja sombra devem prender redes para as sestas tropicaes...

Assim, a douta razão da sciencia vai despindo a poesia, gralha bulhenta, das fulgidas pennas de pavão com que se arreia desde que o mundo é mundo!

Digam os poetas adeus para sempre ao somno mortal da mancenilha e resignem-se aos suicidios modernos: quedas de aeroplano, desastres de automoveis ou caminhos de ferro electricos, injecções hypodermicas de toxinas ferozes com seringas de Lüer...

Ademais, como viverem lendas num seculo de audacias em que tudo se afffrma ou tudo se nega; em que as casas, *sky scrapers* relembram a torre de Babel, a paixão do reclamo e do espalhafato sobre ás nuvens; perdeu-se o prestigio da medida, da harmonia, da proporção, o exemplo da architectura deixou de ser o Acropolio, S. Pedro, Chartres e Reims, para ostentar-se o aranhol de ferro da torre Eiffel, o monumento de Bismarck ou o obelisco bronzeo de Munich; em que os exercitos recordam pela multidão as tropas monstruosas de Xerxes:—e a cultura latina defende-se, a canhão e bayoneta, da alluvião dos novos barbaros mandados por um novo Cambyses, um novo Attila, um novo Gengis Khan?

Inda ha pouco tempo Nietzsche affirmava que o hellenismo e a sciencia hellenica classica eram como sombras chinezas: desilludiam. A Allemanha não poderia negar mais do que isso!

Para as lendas, peior que morrer é transformar-se. Umas se modificam de modo honroso. Outras, decahindo, rebaixando-se. No seu empolgante livro «A Grecia Eterna», Gomez Carrillo nos dá dois excellentes periodos, mostrando essas duas feições da transformação das velhas lendas. Está aqui o que diz:

"Os marinheiros chamam ao vento, Boreas. A analogia dos deuses fez de S. Dionysio patrono das vinhas dantes protegidas por Dionysos. Os meninos medrosos temem as lamias. Caronte, o Hades e as Parcas ainda formam partes das lendas populares da Grecia. Os pastores da Arcadia nunca passam junto do Estygio que não façam o signal da cruz. A coruja, que em toda parte é ave agoureira, na Grecia é sagrada, porque foi o passaro preferido de Pallas."

Lendas assim não morrem, dizem alguns; mas, pergunto eu, transformar-se desta maneira é ou não morrer? Quem, por exemplo, reconhecerá nas caveiras de bichos ou chifres de bois, fincados em varas nos rocados sertanejos, as antigas crenças nos deuses que protegiam a fecundidade da terra: Terminus, Hortanes e Hermes Casmillus?

As lendas que decahem são as que hoje se contam aos meninos com as formas de historias de Trancoso ou da Carochinha. Fala Gomez Carrillo:

"Antes que Gil de Retz (o Barba Azul) espantasse os camponios bretões com suas crueldades sensuaes, muitos senhores bellenos mancharam as mãos com o sangue de suas esposas. O Trimathos, devorador de mulheres, é um monstro do Paganismo. Quanto ao sapatinho da Borralheira, como não reconhecer nelle a sandalia que fez um rei do Egypto encontrar a cortezã Rodopisa?"

O Gato de Botas, a Rainha que as irmãs intrigam com o rei, a Bella adormecida no bosque, Branca de Neve e muitas outras historias de creanças foram lendas formosas que embalaram gerações e mais gerações na Asia e, depois das migrações, na Europa.

Destino de tudo no mundo: apagar-se. Nada escapa nem escapará. Ha de tudo dissolver-se. Os proprios deuses perecem, porque são creações dos homens. Zéus Pan-hellenico, grandioso e solemne, da barba florida, rodeado de raios e aguias, morreu. E quantos outros menos nobres do que elle vão passando!

5. nov. 1914

O que ainda não morreu de todo foi o amor. Num seu livro, descrevendo o que será o mundo nos seculos futuros, Anatole France, o grande sceptico, tudo de hoje destruira nessa concepção de amanhã—menos o amor. Por elle termina o livro. E' a lenda que mais trabalho tem dado a apear do seu pedestal millenario, embora cause mais soffrer que alegrias e delle a muitos mil annos o poeta Meleagro houvesse dito:

"Amargo é o amor e o sopro dos seus zelos tira o somno. Quando navegamos em sua companhia, a razão perde o rumo."

Mas ha de chegar tambem a sua vez. Então, a vida será insupportavel, porque morreram todas as illusões, desappareceram todas as lendas.

A quem o major Brigido ainda não insultou neste paiz? Dos vivos ninguem ainda se gabou de ter escapado ao bote dessa caduca cascavel de vereda. Sobre todos os tumulos o cynocephalo senil já tem escarrado. Ainda hontem Coelho Netto, que o não conhece, nem sabe si elle existe, escriptor fecundo e delicado, vibrante e imaginoso, gloria de toda uma geração, elogiado pelo que Brasil e Portugal têm de mais cuto e elevado, cujas obras estão traduzidas em hespanhol e francez, que inda a pouco vio o seu livro *Sertão* trasladado para allemão puro, Coelho Netto foi attingindo pelo villipendio do decrepito major somente porque escreveu uma carta amavel e espirituosa a um nosso companheiro!

E' o cumulo!

Felizmente o grande escriptor paira em esphera tão alta, vive em meio tão limpo, onde o major nunca teve entrada, nem possúe ou possuio parente que a tivesse!

João Brigido, attenta bem para ti! Estas á bordo do tumulo. Deus tirou-te a luz dos olhos. Si te visses em um espelho, constatarias que estás transformado do mestiço que eras em um velhusco catharrino. E' tempo, João Brigido, de te reconciliares com Deus. Manda chamar um sacerdote christão, confessa-te, communga e espera a morte descansado. Até para ti ha perdão na misericordia do Christo. Até para ti!

Lembra-te que és pó de carvão e em pó de carvão te tornaraes!

Dr. Gustavo Barroso

O paquete *Ceará*, esperado amanhã do norte, conduzirá ao Rio de Janeiro o dr. Gustavo Dodt Barroso, até poucos dias secretario de Estado dos negocios do interior e que se demittira desse cargo afim de desincompatibilisar-se para a deputação federal.

A sahida do prezadissimo companheiro nos deixa fundas saudades, todos o comprehendem bem; mas, a certeza que temos do seu valioso auxilio ao DIARIO, mesmo de longe, allivia em parte o pezar intenso que nos domina nesta hora.

E razão nos sobeja para sentir a ausencia do querido collega, pois foi Gustavo Barroso o mais esforçado reformador desta folha, tornando-a, de inexpressiva que era, o brilhante jornal de hoje, merecidamente apontado como sendo o primeiro orgão de publicidade na terra cearense.

Gosando no Ceará de larguissimo circulo de relações, bafejado evidentemente pelas sympathias populares, envolto numa justa admiração pelo seu formoso talento e pela sua comprovada cultura, o dr. Gustavo Barroso é um moço fadado a vencer na vida publica, honrando o nome da grande terra que lhe foi berço.

Por tudo isso, é de crêr que o seu embarque, amanhã, terá o brilho de uma consagração aos invejaveis meritos do fulgurante jornalista e apreciado litterato.

Com o nosso apertado abraço de despedida, acceite o querido collega e lealdoso amigo o testemunho eloquente da amisade e da consideração que lhe tributam quantos trabalham no DIARIO DO ESTADO.

—O dr. Gustavo Barroso deverá ir para bordo do *Ceará* ás 10 h ras do dia, tomando na ponte de embarque a baleeira que esta folha pôz á sua disposição.

Neste momento tocarão as bandas de musica do 48º. batalhão de caçadores e do 2º. corpo de policia, gentilmente cedidas ao DIARIO pelos srs. coronel Adacto de Mello e tenente-coronel Ernesto de Medeiros, dignos inspector da região militar e commandante da policia cearense.

—Hontem, o sr. Oscar Barnett, honrado consul dos Estados Unidos nesta capital, offereceu ao dr. Gustavo Barroso lauto jantar, trocando-se ao pospasto affectuosas saudações.

Tambem hontem, o nosso collega João Demetrio deu um almoço ao seu presado amigo e companheiro de jornalismo, que segue para o Rio.

Hoje, na *Pensão Bitú*, o sr. Jonas de Miranda, digno official de gabinete do Presidente do Estado, offerecerá a Gustavo Barroso um opiparo jantar.

6. nov.º 1914

Este povo do Ceará tem coisas duma ironia atroz. Um destes dias um dos mais graúaos directores de gatunistica que dndam a palitar as dentes, depois do grande estellionato commettido contra a economia do pobre, da viuva e do orphão, vestido de branco, refastelado numa cadeira commoda, tomava o seu café matutino, alli no *Riche*. Era um saboroso e perfumado café com leite, acompanhado de cuscús, manteiga, fatias torradas, pão de ló, um café de gente rica, ostensivamente rico, de fazer inveja a quem o visse.

Entram dois rapazes do commercio, mangas arrepanhadas, olham-n'o com cara de qnem perdeu na gatunistica armada por elle, com inveja da abundancia em que estava nadando, odio de quem foi roubado na sua difficultosa poupança. Um chama o criado e diz, em voz alta, fazendo-se alvo da attenção dos frequentadores da casa:

—«Olhe, traga aqui, para nós, dois cafezinhos de tostão, dois cafezinhos de pobre!»

Todo o mundo rio. O gatunistico azulou . . .

"Diario do Estado" - 10 - nov.º - 914

Dr. Gustavo Barroso

Previramos que fosse uma consagração o embarque, para o Rio, do nosso querido companheiro dr. Gustavo Barroso, e assim aconteceu, excedendo á nossa melhor espectativa.

Felizmente, para elle, a quem a gente ...im do Ceará não tem poupado insultos; felizmente, para nós, que sempre desejamos vêl-o glorificado pelos bons, reconhecidos e proclamados os meritos do presadissimo collega e lealdoso amigo.

A despeito da intensa saudade que nos deixou, estamos a bemdizer a retirada, agora, de Gustavo Barroso para outras terras, onde elle não nasceu, mas que sabem apreciar devidamente o seu valor, alheiando nessa apreciação o sentimento politico, o aspecto partidario.

E estamos a bemdizer essa retirada, porque ella serviu para demonstrar, com eloquencia, as sympathias que a fina flôr da sociedade cearense tributa ao brilhante intellectual e refinado *gentleman*.

Mas, passemos ao bota-fóra do joven litterato e distincto jornalista patricio.

Desde 9 e meia da manhã de sabbado começaram a chegar em palacio os amigos do illustre moço, que pretendiam dar-lhe o abraço de despedida.

A essa mesma hora, seguiam outros para a ponte de embarque, afim de aguardar a chegada do nosso companheiro.

Cêrca de 10 e meia o apreciado belletrista deixava o palacio do governo, organisando-se um prestito de 10 automoveis e 2 bondes especiaes, replectos de amigos do viajante.

Ao chegarem todos na ponte metalica, fizeram-se ouvir as bandas de musica do 48.º batalhão de caçadores e do 2.º corpo de policia.

Começaram, então, as despedidas dos que ficavam, tomando Gustavo Barroso, a seguir, a baleeira do DIARIO DO ESTADO, em companhia de diversos amigos.

A bordo do paquete *Ceará*, que o conduz ao Rio, estavam muitas pessoas de sua amisade, servindo-se então, no *bar* do vapor, uma taça de *champagne* e trocando-se affectuosos brindes.

Por volta de 1 hora da tarde demandaram a terra os amigos do talentoso cearense, acenando ainda os lenços para o querido moço que seguia viagem.

Dentre as muitas pessoas que estiveram no embarque do illustre itinerante, conseguimos tomar nota das seguintes, aliás nota incompleta:

Coronel dr. Benjamin Barroso, presidente do Estado, tenente Cabral, representando o coronel Adacto de Mello, drs. Hermino Barroso, José de Borba e Edgard Borges, respectivamente, secretarios do interior, da justiça e da fazenda, dr. Jonas de Miranda, official de gabinete da presidencia, deputado Aurelio de Lavor, dr. Rodolpho Theophilo, coronel Felino Barroso, capitão Toscano de Britto e tenentes Pedro Cavalcante e Flaviano de Britto, commandante e officiaes da 3.ª companhia de caçadores, dr. José Lino da Justa, major Sá Roriz, commandante do 2.º corpo de policia, monsenhor Vicente Salazar, desembargadores Moreira da Rocha e Domingues Carneiro, coronel Lindolpho Gondim, coronel José Liberato Barroso, inspector da Alfandega, Luiz Garcia, secretario da Alfandega, deputados João Guilherme Studart, Alfredo Dutra e Emilio Gomes Parente, tenente-coronel Ernesto Medeiros e tenente Arnaldo de Medeiros, commandante e secretario do 1.º corpo de policia, coronel Joaquim Magalhães, dr. Alipio Baltar, delegado de policia, dr. José Sombra, lente da Escola Normal, major Ulysses Bezerra, director de secção da secretaria do interior, coronel Casimiro Montenegro, prefeito municipal, Alberto Goes Machelles, funccionario da prefeitura, Coronel Costa Freire, presidente da Junta Commercial, coronel Benjamin Brazil, administrador da Recebedoria do Estado, pharmaceuticos João Soares de Amorim e Osvaldo Studart, coronel Gabriel Fiuza, mister J. Meyer, drs. Maximo Linhares, Cesar Rossas, Daniel de Queiroz e Manoel Gaspar de Oliveira, tenente Remigio Alboim, academicos Manoel Santanna, Emilio Falcão, Ildefonso Pinto, Oscar Peixoto e Milton Bezerra Studart (este por si e pelo grupo dramatico "João Caetano", coroneis Licinio Nunes e Paulino Barroso, José do Rêgo Lemos, (representado o major Francisco do Rêgo Lemos, director geral da secretaria do interior), coronel Vicente de Castro, dr. Luiz Costa, pharmaceutico Carlos Miranda, coronel Constantino Cruz, dr. Humberto Monte, director das obras publicas, coronel José de Arimathéa Siqueira Cavalcanti, commandante da guarda civil, coronel José Marçal Filho, capitão Alvaro Medeiros, Deusdedit Gondim, Raymundo Bezerra, João Sá, Raymundo Torcapio Ferreira, Antonio Cavalcanti, Peixoto Lins, João

Amaro, Floriano Silveira, fiel de armazem da Alfandega, Braulio Lima, thesoureiro da fazenda, Arthur Napoleão da Motta, Octavio Ferreira e Montenegro Filho, academico Jacyntho Botelho, Jayme Correia, dr. Antonio Gomes Parente. bibliothecario da Faculdade, coronel José Pedro de Mello Cesar, José Licinio Nunes de Mello, Manoel de Sá Roriz, Vicente Memoria, Raul Theophilo, dr. José Gomes Parente, director das obras do porto, Raymundo Simões, Saint-Clair da Silva Branco, João da Costa Montenegro, Claudio da Rocha. Abilio Januario da Silva, Francisco Gomes, Alfredo Heitor e Clovis Gondim, Floriano Serra e Carlos Mamede, funccionarios federaes, Clovis Napoleão, Gilberto Sepulveda, José Teixeira Pinto, funccionario estadoal, José Soares Fernandes, Nilo Liberato Cruz Barroso, Argeu de Siqueira Torres, dr. Carlos Rodrigues, capitão Francisco Xavier Pinto, Laert Ibiapina, João Mattos, José Candido de Araujo e srs. dr. João Demetrio, A. C. Mendes, Deodato Pinto, Epiphanio Leite, João Vicente e Paulo Menezes, director, proprietario e auxiliares do DIARIO, alem de muitos nomes que nos escaparam.

—Conforme annunciaramos, o illustre moço sr. Jonas Miranda, digno official de gabinete do presidente do Estado, offereceu na sexta-feira ultima um jantar ao dr. Gustavo Barroso, realisando-se o ágape na *Pensão Bitú*.

A mesa destinada aos convidados para essa festa apresentava um brilhante aspecto, notando-se a habilidade de quem a preparou.

Cêrca de 7 1/2 da noute, os convivas tomaram assento na ordem seguinte: drs. Gustavo Barroso, Edgard Borges, secretario da fazenda, José Lino da Justa, José de Borba, secretario da justiça, Jonas Miranda, Hermino Barroso, secretario do interior, João Demetrio, Alipio Baltar, delegado de policia, Constantino Cruz e Clovis Napoleão.

Foi servido o seguinte *menu*: Potage aux petits pois—Cervisses d'Amsterdam — Croquettes Paillard — Cottelette de mouton—Poulet maxim's—Mouton á l' Irlandaise — Doux — fruits—café—Vins: St. Emilion 1870—Chateau margaud 1812 —Pomard blanc—Champagne.

O serviço foi irreprehensivelmente feito, correndo tudo na maior ordem e na mais franca intimidade.

Au dessert, ergueu-se o sr. Jonas de Miranda, que offereceu o jantar ao dr. Gustavo Barroso, dizendo em formosas phrases do talento, da cultura e dos nobres sentimentos moraes do homenageado.

Respondendo a essa vibrante saudação, o dr. Barroso agradeceu, muito penhorado, a captivante gentileza de seu amigo e, com fazer-lhe elogiosas referencias, levantou a taça em honra do sr. coronel dr. Benjamin Barroso, honrado presidente do Ceará.

Após o jantar, fez-se animada palestra, sahindo os convivas da *Pensão Bitú* ás 9 horas da noute.

"Diario do Estado" - 10 - novembro - 1914

GUSTAVO BARROSO seguiu para o Rio a bordo do paquete do Lloyd que passou sabbado para o sul.

O Ceará intellectual e politico e grande numero da bôa gente da cidade lhe foram levar á ponte de embarque o abraço das despedidas.

A' primeira vez que se apartou de nossas plagas—e faz apenas cinco annos—não era mais que um adolescente, porem já se previa nelle o homem que veiu a ser.

No breve espaço decorrido entre a partida e a volta, que foi em dias de junho findo, Gustavo Barroso passou de estudante a belletrista, de pequeno reporter a co-redactor do «Jornal do Commercio», de esperançoso estreante a litterato consumado, pelo estylo elegantemente original e aprimorado e por seu fino talento de observação.

Com taes predicados de espirito quem fez *Terra de Sol* aos vinte e dous annos, pode ainda construir muito mais, antes dos trinta, no terreno do romance e da sociologia.

Si o não empolgar completamente a politica, que tem sido fatal a tanta gente bôa, si outras contingencias da vida o não desviarem do caminho que em tão verdes annos tem perlustrado na imprensa, Gustavo Barroso, que já inscreveu seu nome entre os mais laureados, virá a conquistar o mais alto posto entre escriptores brasileiros.

Ao vel-o de novo partir da terra que lhe foi berço, após tantas provas de capacidade exhibidas na tribuna das conferencias, na imprensa diaria e na administração publica, fica-nos a sensação de um vacuo imprehenchivel em nosso meio intellectual.

As atoardas grosseiras de que se sabe servir a politicagem, lhe deram ensejo de revelar-se tambem um polemista de tempera na luta dos partidos. E que o digam os lanhos que ferrou á lombada do orgão acciolyno, que se tem posto ao serviço da ambicionada liberdade de escravisar de novo o Ceará.

Bons ventos o levem aonde seu peregrino talento não desperte o furor dos despeitos nem haja imprensa antipathica ao decoro alheio, á verdade e á moral politica.

68 "Diario do Estado" - 11 - nov.º 1914

O dr. Gustavo Barroso

Recife, 10

Conforme já telegraphei, o dr. Gustavo Barroso teve carinhosa recepção, nesta capital, por parte de seus amigos e admiradores.

O dr. Mario Mello, no almoço que lhe offereceu e ao qual compareceram varios jornalistas, brindou ao joven escriptor cearense como uma das mais brilhantes esperanças da Patria e uma das affirmações mais robustas da litteratura nacional. O dr. Gustavo, agradecendo, saudou a imprensa pernambucana.

Depois, sahiu em passeio pela cidade, juntamente com o talentoso redactor do «Diario de Pernambuco», dr. Mario Mello, em companhia de quem assistiu a sessão magna do instituto archeologico.

A's 17 horas voltou para bordo, sempre acompanhado de amigos, tendo antes visitado o exmo. sr. general Dantas Barreto.

O «Diario de Pernambuco», o «Pernambuco» e o «Estado de Pernambuco» noticiaram com as melhores referencias a passagem do dr. Gustavo Barroso, dizendo que o fino impressionista do «Terra de Sol» desempenhou nesse Estado, com a mais notoria competencia e destaque, o cargo de secretario do interior, do qual se exonerou afim de se desincompatibilisar á eleição de deputados federaes, a 30 de janeiro proximo.

"Diario do Estado" - 13 - nov.º 1914

UMA CARTA

Ao nosso querido collega dr. Gustavo Barroso, dirigiu o illustrado medico e jornalista dr. J. A. de Magalhães a seguinte carta:

«Pará, 27 de outubro de 1914.— Agradecido ao telegramma em que v. exc. se digna dar-me noticias do nosso commum amigo Demetrio, cumpro as ordens de v. exc. incluindo o quarto artigo da serie «Educação Physica», que em tempo enviei e certamente se extraviou.

Aproveito-me da opportunidade, para dirigir-me a v. exc., a quem, desde ha muito, admiro e prezo (pois duas cousas eguaes a uma terceira, Demetrio, são eguaes entre si), afim de chamar a patriotica attenção de v. exc. para a proposta da «Sociedade medico-cirurgica» desta capital, no tocante ao assumpto do memorial, que, na integra, publicou o «Jornal do Commercio» em seu editorial de 2 do corrente, certo de que, por taes medidas, que importam na prosperidade da Amazonia, á qual está inteiramente ligada a sorte desse Estado, hoje sob intelligente e patriotica administração, v. exc. fará tudo que estiver ao seu elevado alcance.

A bordo do vapor «Bahia», que sahirá daqui a 2 de dezembro, terei o prazer de passar por esse porto, em viagem para o sul, e nessa occasião, si v. exc. permittir, terei a hnora de apresentar-lhe pessoalmente os meus respeitos e sobre aquelle assumpto mais desenvolvidamente tratar.

Acabo de me entender con a «Folha do Norte» para restabelecer regular permuta com o «Diario do Estado», cumprindo ao Demetrio mandar fazer regularmente a remessa do alludido vespertino.

Pedindo a v. exc. desculpa da importunação, tenho a honra de subscrever-me de v. exc. admirador e criado amigo attento obrigado.—*J. A. de Magalhães*».

01. novembro - 1914

DR. JOÃO DEMETRIO

Está em festas o DIARIO DO ESTADO, hoje, dia em que transcorre o anniversario natalicio do nosso distincto e presadissimo director dr. João Demetrio de Menezes, o moço que, a golpes do talento e de trabalho, vencendo pela força de querer, tem sabido conquistar um lugar de honra na elite social do Ceará, onde o trouxeram as qualidades polymorphas de seu espirito, excepcionalmente reveladas em meios adeantados como o Rio, Pernambuco e Pará.

Para constatar evidentemente o valor e o merecimento de João Demetrio, tornando-o um exemplo digno de ser imitado, basta dizer que, muito cêdo iniciando-se na lucta pela vida, da simples posição de caixeiro chegou a obter com justo desvanecimento, o titulo de bacharel em direito na Academia de Pernambuco, a terra que o viu nascer e se orgulha de chamal-o filho querido.

E' admiravel, pois, vêl-o hoje collocado num plano superior, exercendo lugares de relevo, sempre com destaque inexcedivel, reconhecido pelos testimunhos mais irrecusaveis e mais expressivos.

Na labuta diaria da vida de imprensa, amargurada e gloriosa ao mesmo tempo, é que sua personalidade se tem mais accentuado, firmando-se como jornalista em todas as suas modalidades, pois desde 16 annos de edade vem trabalhando nessa ardua missão com brilho, altivez e dignidade raras.

Alem desses nobres predicados, salientam-se ainda outros, quaes sejam rigidez de caracter, a sinceridade de affeição e a lhaneza no trato, o que lhe tem valido um circulo de amisades bôas e seguras, onde quer que permaneça, mesmo de passagem.

Por tudo isso, quantos trabalham nesta casa, apreciadores do brilhante espirito jornalistico de João Demetrio, que é tambem uma imaginação ardente na tribuna, sentem hoje a mais intima alegria, abraçando-o com effusão e enviando-lhe os votos mais cordiaes pela sua felicidade.

—

Estavam escriptas e promptas estas linhas, já a entrar para o prélo, quando nos chegou a infausta e dolorosa noticia de haver João Demetrio sido cobarde e traiçoeiramente assassinado, quasi á mesa da pensão em que residia, na rua Barão do Rio Branco.

Os conceitos acima expendidos julgámos de nosso dever fazer publicos, pois que a mesma nota de sinceridade e apreço com que os tecemos, ainda nos domina ao traçarmos estas tristes palavras.

Sirvam, pois, de testemunho da nossa estima e amisade ao saudoso camarada, que hoje esperavamos para abraçar e que mão homicida roubou tão prematuramente no dia mesmo em que completa suas 27 primaveras.

Nossos pezames á bôa velhinha de quem com tanto affecto filial falava João Demetrio, e ao partido que nelle encontrou auxiliar tão dedicado e tão intelligente.

—

Na proxima edição, occupar-nos-emos detidamente do lugubre acontecimento.

Enterro

Effectuar-se-á amanhã, ás 8 horas da manhã, saindo o corpo da Santa Casa de Misericordia.

Politica do Ceará

Rio, 20

«O Imparcial», orgam conhecidamente opposicionista, entrevistou o dr. Gustavo Barroso sobre a politica do Ceará.

Antes de entrar no assumpto a que se propunha, o jornal carioca pôz em franco destaque as qualidades de espirito e de caracter do illustre cearense, lembrando que elle fôra, durante annos, brilhante figura da imprensa do Rio, estimado e sympathisado pelos seus confrades.

O dr. Gustavo declarou que deixára o Ceará em paz e perfeita calma e, explicando os casos de Milagres, affirmou que não passavam de questões locaes, nas quaes o padre Cicero Romão não intervinha, pois estava ao lado do governo, contra o qual acreditava s. exc. não iria, apezar de muitos politicos sem escrupulos serem capazes de tentar induzil-o, o que, porem, terá repulsa do illustre sacerdote.

Accrescentou o dr. Gustavo Barroso que nenhum movimento será effectuado contra o dr. Benjamin Barroso, pois deixara tanto os rabellistas como os acciolystas em espectativa, que devia estar reduzida a nada, em face dos desenganos politicos.

Adiantando algumas considerações sobre a administração cearense, salientou a honestidade e o criterio do governo, analysando as causas da má situação financeira, que é obra do tempo e não dos administradores.

Por fim, desfazendo o mau effeito sobre o caso da responsabilidade imposta pelo Supremo Tribunal ao dr. Benjamin Liberato Barroso, o dr. Gustavo explicou tudo referente ao mesmo caso, fazendo a defeza do presidente do Ceará.

Essa entrevista causou optima impressão.

Esponsaes

Telegramma que nos foi obsequiosamente mostrado, vindo do Rio de Janeiro, trouxe a grata noticia do contracto de casamento do dr. Gustavo Barroso, um dos directores do DIARIO, com a formosa e prendada senhorita Antonietta Labouriau, filha querida do honrado capitalista francez sr. Paulo Labouriau, residente naquella capital.

De uma educação esmerada, servida por um espirito scintillante, a noiva do nosso prezadissimo collega é uma das mais distinctas figuras femininas da terra carioca, onde gosa de geral estima pelas suas nobres qualidades.

Abraçando ao querido amigo, tomamos a liberdade de enviar á sua graciosa prometida a expressão melhor do nosso respeitoso saudar.

"Diario de Estado" - 12 - nov. 1914

Herma José de Alencar

O grupo dramatico «João Caetano» projectava dar um espectaculo em honra á memoria de José de Alencar e em beneficio da herma do maior escriptor patricio. Até uma commissão composta dos srs. João Montenegro, José de Farias Lemos, Annibal Calmon Costa e do saudoso José de Mendonça Nogueira tinha ido ao dr. Gustavo Barroso, secretario do interior então, pedir-lhe o theatro José de Alencar para realizarem a festa de arte.

A morte, porém, arrebatou José Nogueira e, certamente, tão cedo o o grupo dramatico não poderá cuidar do beneficio projectado. Logo que o possa fazer, fará e sempre a esse espectaculo estará ligado o nome do bom e querido companheiro que não existe mais.

—

O drama que seria levado á scena nesse beneficio intitulava-se *Amor Prohibido* e o *placard* que o devia annunciar era da lavra do habil e sympathico artista Manoel Guilherme, o já conhecido *Emme*, da caricatura e *charges* admiraveis.

—

Do sr. Erico Motta, de Baturité, recebeu o dr. Gustavo Barroso a seguinte carta, o que prova o interesse que a idéa do monumento a Alencar vai dispertando pelo interior do Estado:

«Saudações

Em nome do «Gremio Literario José de Alencar», do qual immerecidamente sou director, venho á vossa honrosa presença, cumprimentar-vos em nome do mesmo, pelo grande gesto de patriotismo, que acabaes de mostrar em pretenderdes, de accordo com os cearenses illustres, erigir no Passeio Publico de Fortaleza o busto do grande cearense—José de Alencar.

Freneticamente satisfeito venho por intermedio destas linhas, rogar-vos o especial obsequio de me remeterdes com a maxima urgencia, uma «lista», para que eu angarie entre os gremistas e o povo baturiteense alguns donativos em prol de tão patriotica obra.

Sem mais sou de v. s. admr. e crdo. obro.—*Erico Motta*».

—

Becebemos mais para a herma de José de Alencar os seguintes donativos:

Dr. Hermino Barroso	20$
Desemb. Moreira da Rocha	20$
Dr. Eduardo Borges Mamede	10$
Major Sá Roriz	10$
José Pedro de Mello Cezar	5$
Ellusa	5$
Nanoel Ricardo de Mello	5$
Clovis Napoleão	2$
João Montezuma de Carvalho	5$
Migdonio Padilha	2$
F. Hygino B. Lima	2$
Alcides Mendes	2$
Braulio Lima	10$
Somma	98$
Quantia já publicada	295$
Total	393$

"Gazeta de Noticias" - 24-5-917

Gustavo Barroso diz hoje, ás 8 horas da noite, no salão do Club Militar, uma conferencia de actualidade flagrante. O brilhante escriptor falará sobre "Os dragões da Independencia". O elegante "diseur" descreverá todos os modelos de fardas adoptados no Brasil, desde os tempos coloniaes até hoje. Como é um estheta e um homem de gosto, Gustavo Barroso mostrará os que forem mais lindos e mais imponentes. Pelo assumpto e pelo nome do conferencista, a assistencia no Club Militar vai ser, na sua maioria, composta do que ha mais fino no nosso "grand-monde".

—

"Binoculo"

"Gazeta de Noticias" - 25 - maio - 1917

Teremos o Corpo dos "Dragões da Independencia"?

A conferencia do Sr. deputado Gustavo Barroso

No Club Militar

O deputado federal Sr. Dr. Gustavo Barroso (João do Norte) realisou hontem, á noite, no salão nobre do Club Militar, a sua annunciada conferencia sobre o projecto que vai apresentar á Camara, instituindo o regimento de dragões, com o typo do uniforme usado pelo corpo de guardas de honra, creado por D. Pedro I em 1822.

A conferencia foi lida perante uma numerosa e selecta assistencia, constituida principalmente por officiaes do Exercito.

Cerca das 9 horas da noite, o Sr. coronel José Maria Sisson, presidente em exercicio do Club, assumiu a presidencia, tomando logar na mesa, além do conferente, o Sr. tenente Isauro Ribeiro e os representantes dos Srs. presidente da Republica e ministro da Guerra.

O Sr. coronel Sisson, fez, em ligeiras palavras a apresentação do conferencista, que, ao subir á tribuna, foi saudado pela assistencia com uma prolongada salva de palmas.

O Sr. Dr. Gustavo Barroso iniciou, então, a leitura do seu interessante estudo sobre os typos de fardamento usados pelo Exercito brasileiro, podendo ser classificado como o trabalho mais completo feito até agora sobre o assumpto.

O conferencista começa por mostrar como em todos os paizes ha mais ou menos a preoccupação de se conservar a tradição historica nos fardamentos.

Refere-se depois demoradamente aos corpos existentes no Uruguay e na Argentina, com os fardamentos usados pelas tropas que se salientaram nas lutas heroicas pela Independencia.

Passa depois em revista demorada todos os typos de uniformes do Exercito nacional, desde os primeiros tempos da colonisação portugueza até aos nossos dias, demorando-se principalmente na descripção dos fardamentos dos primeiros annos do Imperio.

Diz que Pedro Americo, em homenagem á esthetica, no quadro sobre o grito historico do Ypiranga, vestiu os soldados que cercam Pedro I, com os uniformes do corpo de guarda de honra, só instituido mais tarde.

Acha que é esse uniforme o que representa maior somma de tradições historicas, pois Pedro I instituiu-o em homenagem á rapidez com que as milicias de S. Paulo e Minas Geraes correram para o Rio de Janeiro, para effectuar a Independencia Nacional.

Mais tarde, quando chegou ao Brasil a princeza bavara Amelia Deutchtemberg, noiva de Pedro I, este, como galanteria, determinou que o corpo das guardas usasse o typo de capacetes da cavallaria bavara. Acha que deve ser esse o capacete usado, tambem, pelos dragões, pois a sua tradição historica é flagrante.

Depois de outras considerações sobre a historia do corpo das guardas, declara que o novo corpo dos Dragões da Independencia, deve ser constituido pelo 1° regimento de cavallaria.

Entende, porém, que deve haver uma certa selecção na escolha dos soldados, determinando, por exemplo, que tenham no minimo, 1 metro e 70 centimetros dealtura.

Aos Dragões da Independencia, será confiada a tarefa de escoltar o presidente da Republica, nas cerimonias officiaes, os ministros plenipotenciarios, nos casos determinados pelo protocollo e a carga final das paradas de 7 de setembro, bem como outras guardas de honra.

Nos exercicios de campanha, porém, ou em serviços domesticos usará o uniforme agora empregado commumente.

E por entre uma prolongada salva de palmas, o Sr. deputado Gustavo Barroso, concluiu a sua brilhante conferencia, exclamando que se um dia lhe fosse dado vêr desfilar, pelas nossas avenidas, os dragões, só lhe restaria dizer: Regimento, o teu uniforme sempre vistas com alegria, uses com orgulho e sómente o dispas com pezar."

E' curioso que quando o Sr. Gustavo Barroso começou a sua conferencia, passava pela avenida o 13° regimeno de cavallaria, escoltando a carruagem do nuncio apostolico, que ia ao Cattete entregar as suas credenciaes e quando terminou, regressava o 3° regimento de infantaria, que tinha feito a guarda de honra á porta do palacio presidencial.

"Rua" - 25 - maio - 1917

...Os de hontem

A nota elegante, a nota finamente espiritual de hontem foi a brilhante conferencia realizada no Club Naval pelo Deputado Gustavo Barroso. Esse moço, que pelo seu talento formoso, tem galgado os altos postos da politica e do jornalismo, não se salienta apenas pela sua visão intellectual, ampla e bella, senão tambem pela linha impeccavel de "gentleman". No "set" carioca Gustavo Barroso é um elemento de vivo destaque, pelo encanto da sua "causerie" sempre nervosa e fulgurante sempre.

A conferencia de hontem, ouvida pelo que a nossa primeira sociedade possue de mais fidalgo, confirmou tudo isso. Gustavo Barroso ("João do Norte") foi o mesmo creador de bellezas, o mesmo estylista victorioso, fazendo o elogio dos "Dragões da Independencia", por cuja restauração elle, no Parlamento, se vem batendo. No correr da palestra, virgulada de phrases magnificas, mostrou a concepção verdadeira do patriotismo, que derivava do culto sagrado da tradição. Citou os exemplos da Argentina e do Uruguay. A's ultimas palavras, o conferencista recebeu do auditorio selectissimo, militares e representantes do mundo official e social, prolongados applausos.

"A Epoca"
25. maio - 1917

"Dragões da Independencia"

A conferencia que, sobre este thema, realisou hontem no Club Militar o deputado Gustavo Barroso

Conforme foi antecipadamente annunciado, o deputado Gustavo Barroso realisou, hontem, ás 20 1|2 horas, no salão do Club Militar, uma conferencia sobre o suggestivo thema: "Dragões da Independencia". Assumpto palpitante, como se vê, era de esperar grande concorrencia a essa conferencia do deputado Barroso. E essa concorrencia, com effeito, se registrou.

A's 20 1|2 horas, quando o sr. Gustavo Barroso subiu á tribuna, a ampla sala do Club Militar achava-se completamente cheia. A' mesa, sentaram-se o presidente do club, o tenente Pedro Cavalcanti, representante do presidente da Republica, e um outro membro da directoria do club.

O orador começa dizendo que o patriotismo é uma continuação de feitos historicos. Sem tradição não póde, absolutamente, haver nacionalidade, no bom sentido do vocabulo. Entretanto, no Brazil, a coisa que menos se cuida é da perpetuação da tradição. Emquanto todos os paizes do Universo fazem as suas novas gerações militares á custa da influencia dos veteranos e inflammando a mocidade com os feitos heroicos que coroam a sua nacionalidade, no Brazil deixa-se morrer criminosamente o culto das tradições. Isso, é facil de vêr-se, muito longe está de ser-lhe benefico. E' facto, que a nossa tradição guerreira não é millionaria de feitos extraordinarios. Mas tambem não é pobre, e relativamente ás estrangeiras é rica.

Em seguida, o sr. Gustavo Barroso espraia-se em minuciosas considerações, passando, depois, a historiar, em todos os povos e em todos os tempos, o culto das tradições, maximé, nos exercitos, onde sempre os uniformes se tem modificado, segundo os precedentes e symbolisando feitos heroicos. Esse facto se registra principalmente nos soldados montados. Embora, hoje, seja uma arma em completa decadencia, pois a astucia e as grossas metralhadoras preenchem, "in totum", as suas funcções, a cavallaria tem sido, em todos os tempos, a arma preferida pelos grandes cabos de guerra. Nesse caso, cita opiniões de varios generaes, entre os quaes, um russo, que disséra, certa vez: — "Quando estou montado, só Deus é maior do que eu!"

Depois de pôr em evidencia o culto da tradição, que têm presidido á formação dos regimentos de todos os corpos de exercito do mundo e á confecção dos seus respectivo uniformes, o orador estuda a historia do nosso exercito, e, por conseguinte, os seus fardamentos. Todos os uniformes brazileiros têm sido cópia fiel, ora do francez, ora do portuguez ou do inglez.

Só ao tempo de Pedro I é que foi fórmado um corpo com um uniforme genuinamente nacional — a Guarda do Imperador, que era constituido por tres corpos: um de S. Paulo, outro do Rio e outro de Minas. Foi um esquadrão do corpo instituido por soldados paulistas, que acompanhava o imperador, por occasião do seu grito: — "Independencia ou morte!"

Nada mais justo, portanto — diz o conferencista — que restaurar, agora, esse uniforme historico, dando-o ao 1° regimento de cavallaria. Sigamos o exemplo de todos os paizes do mundo e tratemos tambem da perpetuação das nossas grandes datas na farda dos nossos soldados mais garbosos. A Argentina acaba de adoptar, para um dos seus batalhões, um uniforme que symbolisa a sua independencia; o Uruguay tem um corpo de exercito, cujos fardamentos relembram os factos mais gloriosos da sua historia. Porque não havemos de symbolisar a nossa independencia nos "Dragões da Independencia"?

E o corpo do Exercito que a deve vestir é o 1° regimento de cavallaria, porque é o mais historico dos corpos que compõem o Exercito Nacional.

71 "Jornal do Commercio" Ed. Tarde - Topics 31-5-917

João do Norte, ou seja o Deputado federal Dr. Gustavo Barroso, tem o bom gosto de não se deixar absorver pela politica. Ninguem o toma no Monroe por homem de partido. Mas sabe-se que é um Cearense de verdade, com um grande amor pelas cousas de sua terra e sempre interessado em aprofundar os nossos themas e as nossas origens. Para descansar de sua generosa e linda campanha pela formação dos Dragões da Independencia, idéa de estheta, já approvada pelos Srs. Presidente da Republica e Ministro da Guerra, João do Norte poz no prélo um livro que se chama "Heróes e Bandidos". Estuda nese trabalho o cangaceiro do nordéste.

A primeira parte é uma analyse das causas do phenomeno ethnico e social e na segunda vêm descriptos os typos, episodios da vida de Jesuino Brilhante, Antonio Silvino, Adolpho Meia Noite, João do Bomfim e outros bandidos celebres, bem como a historia das rebeldias sertanejas e das lutas entre familias. E', pois, um livro brasileiro e de palpitante actualidade.

"Revista Feminina" - S. Paulo - Nov.º/915 - n.º 18

NAS nossas cantigas populares o cachorro, que é o companheiro inseparavel do homem do campo, tem largo quinhão.

No sul do Brasil onde o clima é suave e a terra prodiga, o cachorro gosa da mesma vida farta que a terra proporciona ao homem. No norte porém, nas regiões flagelladas annualmente pelas seccas, a vida é excessivamente difficil para o homem e não lhe deixa sobras, para dar ao seu fiel companheiro uma vida regalada. Tomamos por emprestimo a João do Norte, alguns traços geraes da sua excellente descripção sobre os cães do sertão do Norte e terminaremos com o apologo do cão e do urubú, que é delicioso de ironia.

(Aqui se interrompeu a transcripção do capitulo do "Terra de Sol" - O cachorro.)

— Assim pois na vida dos cães, como na vida dos homens, iguaes são os fados, crueis ou suaves os destinos! — dirão as nossas leitoras pensando nos lindos S. Bernardo que vão aos "banhos de mar" ou nos seus carissimos loulous da Pomerania, de 3.000 francos, creados á mamadeira, vestidos pelas modistas de fama, frisados pelo "coiffeur" da moda, sahindo á rua de automovel, acompanhados pelas nurses, com assignatura na Opera e na Comedia, tratados quando doentes pelos professores da Universidade e com direito depois da morte a um tumulo e a um epitaphio...

"Dom Quixote" - Rio - 29 maio - 1917

Os dragões da Independencia

"O deputado Gustavo do Norte, tambem conhecido por João Barroso, apresentou um projecto que dá ao 1º Regimento de Cavallaria o nome de Dragões da Iudependencia.."

(Dos jornaes)

Oh! que grande amollação!
Vamos perder a paciencia!
Não haverá cavação
Nos *Dragões da Independencia?*

Consultar o Espiridião
E' dar prova de demencia;
Mas... que diz o Serapião
Dos *Dragões da Independencia?*

Gustavo, meu coração,
Olha que a maledicencia
Já tenta cravar o harpão
Nos *Dragões da Independencia...*

Diz o Gustavo Barroso,
Querendo deitar Sabencia,
Que o Brasil será famoso
Co'os *Dragões da Independencia.*

Dando ao Bressane um abraço,
Diz com certa negligencia:
«Minha independencia faço
Co'os *Dragões da Independencia...*»

Pires Ferreira, a gritar,
Diz com terrivel violencia:
«Sou o primeiro a abraçar
Os *Dragões da Independencia!*»

Bilac ageita as lunetas
E diz com grande imponencia:
«Tóco todas as cornetas
Dos *Dragões da Independencia.*»

Ruy lê sermões de Vieira,
Desenferruja a eloquencia,
Para deitar discurseira
Nos *Dragões da Independencia.*

O' Tigre e Emilio! Soccorro!
Valei-me nesta emergencia!
Que falta de graça! Eu morro
Co'os *Dragões da Independencia!...*

João do Sul.

"Fon-Fon" 26 de maio de 1917

Gavélas

Visitámos um pequeno estaleiro de construcção de navios, na praia do Cajú, eu e Claudio França, admirados de quanto a guerra, nesse ponto, tem feito o Brasil progredir. Nada como a lei imperiosa da necessidade para forçar um povo ás tentativas de progresso em todos os sentidos. Ao sahirmos da carreira, paramos num pequeno cáes, onde se empilhavam ferramentas. O meu amigo, suspendendo um malho nas suas mãos nervosas, disse:

— «Vibrado por punhos vigorosos de obreiros, isto deve ser uma arma terrivel, peior que as bordas dos barões medievos e os manguaes da peonagem. Como arma de derribar ou esmagar, tem a sua tradição maravilhosa: a clava de Hercules, a massa curta dos germanos de Arminio, o martello de guerra de Carlos Martel. Em 1381, o povo de Paris revoltou-se, armando-se com os malhos reunidos no Hotel de Ville para a defesa contra os inglezes, commettendo os maiores desatinos».

Claudio atirou ao chão o malho e terminou:

— «Que o nosso Rio nunca soffra de rebeldias como essa, a dos «Maillotins!»

Garabulhas...

Ha tempos, vi, numa revista extrangeira, interessante reportagem photographica, mostrando como, no interior dos Estados-Unidos, se aproveitam os antigos vagões de estrada de ferro, transformando-os em optimas moradias.

Num dos Estados menos populosos da União americana havia até pequenas povoações compostas sómente de casas, que tinham sido carros Pullmann ou *fourgons* de bagagens.

Entretanto, nunca pensei que um dia visse identico aproveitamento nesta terra de desperdicios que é o meu Brasil.

Passando pela capital do Espirito Santo, tomei um electrico e fui até á praia Comprida. Um lindo passeio! A' beira mar, sobre a areia muito branca, elevavam-se pequenas vivendas para banhos ou ligeira estadia. E muitas não eram mais do que antigos bondes transformados em casas como os vagões yankees.

"Fon-Fon" 26 de maio de 1917

Rio de Janeiro, 26 de Maio de 1917.

No tempo do Nilo...

Sabbado. — Atravesso a Avenida ruidosa e toda cheia dos vestidos berrantes que a Central traz dos suburbios nesse dia indesejavel. Empurro o meu velho amigo André de Paula, matutão de cincoenta annos, fugido á praga dos ratos da sua fazenda Jaramataia, no Ceará, para dentro dum cinema.

Na terceira parte da fita, apparece um marquez elegantissimo numa elegantissima sala. O fidalgo dirige-se a uma pequena mesa Mapple, toca numa mola e o lindo movel se abre, surgindo do seu interior um licoreiro de crystal. Emquanto o aristocrata despejava kummel no calice, disse ao André de Paula:

— Que belleza de movel! Aquillo é invenção ultra moderna.

O matuto deu dois muchôchos e respondeu-me:

— Que nada, moço! Aquillo é muito velho. E' invenção de sovina, de unha de fome, para não dar aos outros. A visita chega, o cabra, que estava bebendo licôr, zás! calca o botãosinho e as garrafinhas se escondem... Escute. Eu conheci na cidade do Crato, quando você ainda não era nascido, um capitão de policia, o capitão Carmo, sovinão de marca, que só almoçava ou jantava dentro duma gaveta. Era a visita chegar e o bicho — zás! fechava a gaveta com o prato de feijão...

Disparei a rir. Vozes, no escuro da sala, fizeram:

— Psio! Psio!

Domingo. — Não tenho animo de sair neste dia de ruas desertas e uma gente desconhecida de automovel. Não gosto de *foot-ball* e no Rio só tem para onde ir aos domingos quem gosta de *foot-ball.*

Abro a estante, tiro um livro e leio. E' de Ataulpho de Paiva e trata de coisas sérias em elegante e escorreita linguagem. Jámais me occupei com problemas de justiça ou de assistencia publica. Mas coisa interessante esse livro, que tem por titulo *Justiça e Assistencia*, faz-me tomar interesse por elles.

Nunca li estudo mais bem feito, mais methodico ou mais pormenorisado do que o alli contido sobre mutualismo. Nem melhor poderia um mestre do direito explanar a these dos nossos horisontes juridicos do que o illustre desembargador.

A parte mais rica do livro é a sobre assistencia. Sabe-se que o Dr. Ataulpho de Paiva tem dedicado sua vida ao estudo dessa questão. Na sua obra, elle a aborda sob todos os aspectos: social e infantil, publica e privada, senil e feminina, operaria e hospitalar, domiciliaria e medica, aos loucos e aos alcoolicos.

Seus estudos, idéas e opiniões sobre a historia, a missão social da assistencia e sua applicação no nosso paiz, são dignos de meditação e de apoio.

Chamaram-me para jantar. Fechei o bello livro, murmurando:

— Felizmente não gosto de *foot-ball.* Ganhei um bello dia, desses que se marcam com uma pedra branca.

Segunda-feira. — Dizem que é dia aziago e nelle não gosto de emprehender nada, nem negocios, nem *flirts*, nem passeios e nem leituras. Se tenho coragem de sahir, ando pela rua á tôa, *bestando* como diz um amigo meu. E' o dia de preguiça.

Vou vagarosamente pela calçada do *Jornal do Commercio* quando Claudio França me detem e apresenta um rapaz de roupas cintadas, sapatos lustrosos e cabellos lustrosos, polvilhado e risonho.

— Bastos Medeiros, poeta.

— Jotaenne, vagabundo.

Deu uma risada e continuou:

— Meu caro amigo, é mais um poeta que procura e merece a consagração. Mais um! Diziam os antigos que, na Beocia, a fonte de Aonia dava o dom de poetar aos que bebiam sua agua pura. Aqui temos fontes de Aonia por todos os cantos, sendo a maior a da porta do Garnier. E é uma alluvião que della bebe. Tambem o Brasil é uma Beocia em ponto grande...

Terça-feira. Chove. O asphalto polido como um espelho reflecte as fachadas das casas. Passam pessoas encapotadas. E' horrivel! E eu que pensava alegrar os meus olhos cançados das paginas dos livros nos seus olhos côr de cinza e côr de malva, á tarde, no chá das cinco do Alvear...

Quarta-feira. — Continúa a chover. Folheio revistas e fumo charutos. Detenho a vista sobre um estudo com illustrações a respeito da ingenuidade na arte dos preraphaelistas e dos primitivos. Examino um instante a Lenda da Cruz pintada por Agnolo Gaddi e Paolo della Francesca. Atiro a revista a um canto e deito-me no canapé!

Meia hora mais tarde vem-me uma saudade immensa do sertão cearense. Quizera sentir a ardencia do sol nas estradas tortuosas e ouvir o gemer dos carnahubaes nas varzeas ermas. As minhas mãos encontram sobre a mesa de trabalho um livro regional, cuja leitura eu já iniciara, livro cheirando ao barro nativo das arrieiras e ao folhiço sêcco dos vallados, resoante de desafios e tropeis, da cadencia dos sinceros e do grito dos campeiros, todo doirado de sol e prateado de luar.

A litteratura regional é a unica verdadeiramente nossa e a mais digna de encorajamentos e attenções. Eu prefiro todos os livros sinceros que a ella se prendam, por mais fracos que possam ser, aos que contam de elegancias importadas e de ninharias sociaes.

Nesta disposição de espirito e desejando abraçar seu autor, acabei de ler os contos de H. de Carvalho Ramos, do *Tropas e Boiadas*, repetindo e commentando uma phrase do *Nostalgias:*

« — Vê se ainda se encontra legivelmente o meu nome num tronco novo de genipapeiro. » Quantas vezes tambem não gravei eu o meu na casca rugosa dos mulungús e no liso tronco das catandubas!

Quinta-feira. — E' o dia das elegancias discretas na Avenida, do desfile de mulheres formosas, brunas ou loiras, cada qual uma fórma nova das tentações do maldito... E, a proposito, é nas noites de quinta para sexta-feira que o nosso sertanejo crê na apparição do diabo e não na de sexta-feira para sabbado, quando se realisa o *sabbat* europeu.

O nosso camponio tem medo do *cão*, mas não tanto quanto tinham os da Europa medieval, que viviam, como diz Emilio Gebhart, sob o eterno terror do demonio, tentador a revestir-se de mil fórmas: lobo a tocar sinos puxando a corda com os dentes, abbade prevaricador das bacchanaes do mosteiro de Farfa, menestrel, cavalleiro, pagem, tocador de guzla moirisca...

Sexta-feira. — Encontro Claudio França no café S. Paulo. Elle me noticia a temporada de Brulé, affirmando ter tomado uma assignatura sómente para vêr, na estréa, *Les Romanesques* de Rostand.

Nem podia querer outra coisa o leitor assiduo das arlequinadas de Florian, neste tempo do Wenceslau, disse eu.

Elle tornou:

— Tempo do Wenceslau... Esta expressão lembra-me o ultimo e brilhante livro de João do Rio. Lêste-o? Nelle ha chronicas de um sentimento profundo como *Mendigos*, de verve como *O Jogo do Cambodge*, de critica fina, alfinetante, como *As opiniões do ministro da Ethiopia*. Apezar da leveza do seu estylo, da dispersão de seu enorme talento em chronicas e artigos de jornal, João do Rio, senhor de vasta cultura litteraria e dono de peregrino espirito moderno e ironico é um remexedor de idéas novas e o unico escriptor brasileiro que se lê sorrindo, nos dias que correm.

Jotaenne

Jornal do Commercio 24.5.917

* *

Por uma destas noites frias succedeu a um dos redactores desta folha viajar no bond em que, dous bancos na sua frente, se foi sentar um moço enfiado em elegante sobretudo "béige" de cintura bem marcada e ampla roda em baixo. Os leves frisos vermelhos que, discretamente, avivavam algumas, poucas, costuras do abrigo amarellado, e sobretudo o "bonet", cujo emblema, cá de traz, não se podia distinguir denunciavam um uniforme.

Mas que uniforme seria aquelle? Nosso collega apresentava a si mesmo varias hypotheses, quando a entrada de um amigo no carro o esclareceu, afinal: o que elle estava a ver era nada menos que o novo capote dos officiaes do Exercito do Brasil!

O jornalista, que se gaba de acompanhar com interesse as cousas militares do paiz, ficou, a principio, um tanto "passado" com aquella flagrante ignorancia. Em seguida, porém, consolou-se um pouco, ao considerar que as reformas da nossa indumentaria militar são de uma frequencia desnorteante — tão frequentes que talvez seja menos difficil encontrar um "paisano" vestido segundo o ultimo figurino do que um official conforme o ultimo decreto. Noutras palavras: é mais facil acompanhar as variações do modelo de Londres que as dos nossos Ministerios militares, especialmente o da Guerra!

—

Nesta materia, portanto, tradição é vã palavra. Hoje, ao receber a continencia do Exercito, Osorio não poderá reconhecer, em qualquer das tres armas que o saudam — ao menos, por um só detalhe! — a tropa heroica por elle conduzida á victoria de 24 de Maio.

Certo, as proprias necessidades da guerra, modificando toda a arte militar, determinaram alterações nas fardas e equipamentos. Mas, por mais radicaes que tenham sido essas transformações, não desappareceram dos exercitos europeus alguns uniformes tradicionaes, evocadores das glorias dos campos de batalha. Os proprios Estados Unidos, com todo o seu pragmatismo, conservam corpos uniformizados como no tempo de Washington.

Que sympathica iniciativa é, pois, esta do Deputado Gustavo Barroso para que resuscitemos os "Dragões da Independencia", aquelles cavallerianos que dando a guarda de honra a D. Pedro I, assistiram ao grito do Ypiranga.

Foram esses exactamente os antepassados do actual 1º Regimento de cavallaria, que bem poderia apresentar-se em 1922 como era um seculo antes, do mesmo modo que a bandeira argentina pôde no Centenario receber a continencia dos "Granaderos de San Martin", legendarias figuras da epopéa dos Andes.

Edição da Tarde (Topicos)

"Fan-Fan" - 26 de maio de 1917

Gatafunhos...

A historia que vou contar é veridica. Passou-se nos Estados-Unidos da America do Norte entre dois representantes dum Estado da Amazonia naquelle grande paiz dos dollars e dos *arranha-céos*.

O governo estadoal encarregára talentoso advogado de realisar na terra dos *yankees* um grande emprestimo e dera-lhe como secretario, assessor ou não sei que, um senhor empregado na secretaria de finanças do Estado, homem entendido em questões de dinheiro, que poderemos, para melhor clareza appellidar de Munhoz como tambem poderemos, com o mesmo fito, chamar o advogado doutor Nogueira.

O dr. Nogueira, alvo, corado e sympathico, pilherico e affavel, elegante mesmo, falava correntemente o inglez, emquanto o nosso Munhoz, typo forte de mestiço, bronzeado, ataracado, cabellos duros, espetantes, não sabia patavina da lingua em que D'Israeli escrevia. Aproveitando esta circumstancia, o Dr. Nogueira resolveu pilheriar com o Munhoz e começou a apresental-o nos clubs e rodas financeiras de Nova-York como um indio manso que lhe servia de secretario, índio, dizia elle, duma das tribus anthropophagas mais ferozes do Amazonas, que fôra aprisionado em pequeno e amansado depois de sérias difficuldades. E havia na roda um instincitvo recúo diante da figura cobreada do Munhoz.

Este já andava desconfiado da historia. Contractou um optimo professor de inglez pratico e começou a tomar lições ás occultas. No fim de dois mezes já entendia a lingua. Numa visita á bolsa, o Dr. Nogueira renova a apresentação. O Munhoz comprehendeu e, furioso, avançou para o outro de punhos cerrados, escumando e blaterando.

Ao verem aquillo, os Americanos, cuidando que o «anthropophago» queria devorar o «domador», evacuaram assombrados a bolsa, gritando por soccorro.

Dentro em pouco chegavam automoveis com patrulhas de armas embaladas. Os dois foram parar na policia, onde se averiguou por felicidade que tudo não passava de pilheria...

Gatafunhos...

Os francezes muito se orgulham do seu fino espirito e da sua *verve* admiravel. Muitos julgam até que essas duas caracteristicas qualidades de seus litteratos são inimitaveis. Entretanto, muitos escriptores estrangeiros têm conseguido usar do espirito gaulez de tal maneira que se confundem com os proprios homens de lettras da formosa terra de França.

Verdadeiros escriptores francezes, sabendo a lingua e applicando as suas particularidades fôram Horacio Walpole, inglez de nascença, o padre italiano Galiani, os tudescos barão de Besenval e o principe de Ligne. Maior, porém, nesse ponto, encarnação viva da alma franceza, foi o autor das «Memorias do conde de Grammont», Antonio Halmiton, escocez, mais ou menos contemporaneo de La Bruyére e de Fenelon, de quem o sr. Sayons num curioso estudo litterarios diz que era cuspido e escarrado o proprio espirito francez.

Galimatias...

Hoje em dia sómente as creanças se divertem com a feitura de castellos de cartas, mas houve tempo já que muita gente grande os fazia com grande alegria e galanice.

O conde de Grammont conta nas «Memorias» que Antonio Hamilton colligio e publicou que a senhora Stewart, por quem andava apaixonado o rei Carlos II de Inglaterra gostava dos brinquedos infantis: o esconde-esconde, a cabra-céga e a construcção de castellos de carta.

Para agradar ao rei, os mais nobres cortezãos ajudavam-n'a pacientemente nessas distracções. Jorge Villiers, duque de Buckingham, que Horacio Walpole diz tinha o genio e a belleza de Alcibiades, mas os empregava indignamente, era um dos *habitués* da formosa e frivola creatura, sempre com a esperança de dominal-a um dia e por seu intermedio dominar o rei. Assim, o mais bello, elegante e perigoso fidalgo da côrte ingleza passava as noites a construir castellos de cartas.

"Selecta" 2 de junho de 1917

OS GRANADEIROS A CAVALLO

UM REGIMENTO HISTORICO

Juramento da bandeira pelos granadeiros argentinos.

O nosso presado companheiro de trabalho, deputado Gustavo Barroso (João do Norte), que se bate actualmente pelo restabelecimento das nossas tradicções gloriosas nos uniformes militares, e que em breve apresentará na Camara um projecto de lei sobre a creação de um regimento de *Dragões da Independencia*, escreveu especialmente para *Selecta* o que em seguida se vae ler sobre os granadeiros de San Martin da Argentina, que illustramos com algumas photographias gentilmente offerecidas pelo Coronel Dom Carlos Martinez, commandante dos granadeiros, ao nosso companheiro. E, em complemento, no proximo numero de *Selecta* daremos aos nossos leitores, além do uniforme a cores dos *Dragões da Independencia* a serem creados, a conferencia que o nosso prezado companheiro leu ha dias no Club Militar, sobre as tradições desse corpo brasileiro, a ser restaurado.

Ciosa de suas tradições militares, a opinião publica argentina fez o governo restaurar o uniforme dos soldados heroicos do general San Martin, por decreto de Maio de 1903. E, então, o primeiro regimento de cavallaria, aquartelado em Buenos Aires, começou a usar o fardamento historico: morrião azul negro com o escudo nacional de bronze doirado, na frente, encimado pela cocarda e levando ao pé a legenda — *Libertad y Gloria,* pompom e cordões de lã vermelha para a tropa, cordões de oiro e sêda vermelha para officiaes subalternos, de oiro para officiaes superiores; casaca de panno azul escuro com gola e vivos vermelhos; na gola e abas, granadas amarellas a tropa, de oiro os officiaes; charlateiras de lã encarnada a tropa, de oiro

A banda de cornetas dos granadeiros.

os officiaes; calça azul com lista vermelha; botas granadeiras; bandoleira, talim e fiador de lã para a tropa; bandoleira, talim, banda e fiador de prata para officiaes; esporas de bronze.

A significação historica desse corpo é immensa para os argentinos e, por isso, delle fazem parte os nomes mais em evidencia de Buenos Aires. Corporação de escol, guarda a pessoa do chefe da nação e escolta os embaixadores e enviados estrangeiros. Quando os seus altos soldados se perfilam nas escadarias da Casa Rosada, se reconhecem sob as palas dos shakos os mais illustres filhos das mais illustres familias portenhas: Anchorenas, Puerreydons e Alveares.

Os granadeiros desfilando na praça San Martin, em Buenos-Ayres.

Façamos um resumo da sua historia maravilhosa. Quando se fez a independencia argentina, José de San Martin, major do exercito hespanhol, mas natural da provincia de Corrientes e patriota enthusiasta, recem chegado da Europa, organisou um corpo de cavallaria com o nome de Granadeiros a Cavallo, sujeito a ferrea disciplina e composto da mais digna rapaziada da nova capital argentina. De 1812, quando foi formado, até 1813, o regimento não teve occasião de praticar façanhas. Em Fevereiro desse ultimo anno, os marinheiros da guarnição de Montevidéo pirateavam nas margens do rio Paraná. Com 150 homens, San Martin atacou-os e derrotou-os. Foi o baptismo de sangue e polvora dos granadeiros.

Depois, uma parte do regimento foi para o cerco de Montevidéo, sob as ordens de Zapiola, e a outra ala incorporou-se ao exercito do norte, que San Martin, promovido a general, ia commandar. Os esquadrões de Zapiola entraram victoriosos em Montevidéo e os outros, dirigidos por Necochea, cobriam-se de gloria na batalha de Sipe-Sipe, no alto Perú, quando salvaram da chacina o exercito patriota derrotado.

Em 1815, San Martin, organisando o exercito que devia atravessar os Andes e restaurar a liberdade do Chile, pedio ao governo o seu regimento. No mez de Janeiro de 1817, o exercito libertador partio de Mendoza. A' sua frente, os granadeiros fizeram a heroica travessia dos desfiladeiros immensos, onde se accumulavam neves eternas. Logo nos primeiros embates, a infantaria hespanhola foi destroçada. O regimento lendario carregou, estuante de enthusiasmo e ebrio de coragem, nas batalhas de Achupallas e Las Coimas, de Chacabuco e Gavilan, de Parral e Carampangue.

Na triste noite de Cancha Rayada, foi-lhe impossivel deter o avanço do inimigo, mas desforrou-se brilhantemente em Maipú. Depois de assim participar da luta libertadora chilena, reatravessou

Os uniformes de parada e de campanha dos granadeiros argentinos.

O 1.º Sargento porta-bandeira dos granadeiros em uniforme de parada.

"Selecta" 2-Junho-917

os Andes e novamente buscou os campos de batalha, indo auxiliar a emancipação do Perú. Foi e bateu-se em Nasca e em Pazco, chegando a Lima após um percurso victorioso de duzentas leguas!

Em 1821, um meio esquadrão de granadeiros conquistava louros na planicie de Chancay. Em 1822, um esquadrão batia-se em Rio Bamba, era incorporado ao exercito colombiano, na divisão de Sucre, e concorria á batalha de Pichincha. Como em Sipe-Sipe, deteve as perseguições inimigas em Torata e Moquehua.

Passa-se algum tempo. Os granadeiros desse esquadrão dispersam-se. Uns oitenta, com a denominação de granadeiros dos Andes seguem a estrella de Bolivar, vêm a tarde melancolica da derrota de Junin e a hora decisiva da victoria de Ayacucho.

Finda a guerra, o corpo se dissolve. Regressam á terra natal somente sete homens, em 1826, ultimo resto dos heroes que nove annos pelejaram sem cessar.

A sua restauração impoz-se e é o seu proprio commandante actual, o illustre coronel dom Carlos Martinez, que assim a historia:

«Em 1903, sendo presidente da nação o tenente general dom Julio A. Roca e sendo ministro da Guerra o coronel dom Paulo Ricchieri, teve este, consciente da força que dá a tradição, a inspiração de reorganisar o regimento de granadeiros a cavallo, para conservar viva a gloriosa tradição do regimento lendario e confiar outra vez a soldados argentinos o legado glorioso que deixára o corpo da independencia, certo de que os filhos são dignos de conservar e augmentar, em occasião opportuna, a herança de seus paes.»

Julio Roca, contam em Buenos Aires, ao assignar o decreto que creava os granadeiros, exclamára: «Este regimento deve viver emquanto a patria viver.»

Um escriptor argentino, Adolfo Carranza, termina um seu estudo sobre os granadeiros com estas palavras: «O espirito daquelles heróes perdura no nosso exercito atravez o tempo e se a patria argentina, o que Deus não permitta, necessitar hoje do sacrificio de seus filhos, não duvideis um instante, cada cidadão será um «granadeiro de San Martin.»

Por que não imitamos no nosso querido Brasil os nossos visinhos do Prata, quando temos tão gloriosas tradições quanto as suas?

Jotaenne

"Fon-Fon" - 26 de maio de 1917

Galimatias...

O Aracaty, cidade cearense recentemente inundada, goza de grande reputação como terra onde as alcunhas pullulam e os apellidos são os mais proprios possiveis. Ninguem como o povo do Aracaty sabe alcunhar outros.

A proposito contam no Ceará estas duas historias:

Primeira. Um desembargador de Fortaleza, que tinha as mãos encarangueijadas pelo rheumatismo, foi ao Aracaty. Desembarcou e dirigio-se para o hotel. Cinco passos adiante, caminhava um caboclo aracatyense com as suas malas na cabeça. Duas moças debruçadas numa janella perguntaram, com a curiosidade das pequenas cidades, ao carregador:

— De quem são essas malas, *seu* José?

— Dum *mão de gengibre* que vem ahi atraz, meninas.

E até morrer o pobre magistrado guardou a autonomasia terrivel: *desembargador mão de gengibre*.

Segunda. E' costume nortista guardar os maracujás numa gaveta, afim de, abafados, amadurecerem. Commumente, porém, esquecem-n os alli e quando os vão buscar estão imprestaveis, escuros, engilhados, todos cheios de rugas profundas.

Havia um pobre homem de cara feia e enrugada, pelle morena e estriada de cicatrizes, que foi obrigado a passar um mez no Aracaty, para resolver um negocio de herança. Temendo um apellido de truz, o infeliz quasi não sahia de casa, onde passava os dias fechado.

Pois bem, numa tarde de domingo, batem-lhe á porta. Vae abrir e depara com um garoto, que lhe pergunta, fingindo ingenuidade:

— E' aqui que mora o senhor Maracujá de Gaveta?

Dizem que o homem desmaiou, mas o que é certo é que morreu conhecido por essa alcunha.

Gente terrivel a do Aracaty!

1

Gavélas

O meu amigo Claudio França, naquella erudita roda que se formára na esquina do Orlando Rangel, falava da historia dos papas e do soffrimento da igreja nos primeiros seculos da idade-media.

— «Houve naquellas luctas entre o papado, os barões romanos, brutaes e orgulhosos, os bispos simoniacos, as confrarias rebeldes e o imperador germanico, dizia elle, factos mais do que horriveis. Papas estrangulados, apunhalados, envenenados, torturados e exilados; outros que se deixavam corromper a peso de oiro; alguns que fugiram levando a fortuna de São Pedro; muitos que sómente governavam dias. Um tempo, a christandade teve cinco pontifices numa disputa terrivel: Silvestre III bradava anathemas, acastellado numa fortaleza que dominava as serras da Sabinia. Gregorio VI, que contractára a abdicação de Benedicto IX por dinheiro e os soldados imperiaes trancafiaram num calaboiço, procurava acertar o seu caminho guiado pelo monge Hildebrando, que mais tarde seria o immenso Gregorio VII. O imperador Henrique III impunha pelas armas o bispo de Bamberg, Clemente II, sagrado na noite de Natal de 1047. Bonifacio de Toscana trazia com o seu exercito um novo papa, de origem tudesca, Damaso II. E Benedicto IX reconquistava por oito mezes á frente dum grupo de bandidos, o throno que por dinheiro entregára a Gregorio VI.»

Alguem perguntou quem era esse Benedicto IX.

— «Um sobrinho de dois papas, de Benedicto VIII e de João XIX, um menino de 12 annos ao ser coroado pela mão dos condes de Tusculum. Victor III escreveu que elle só fizera pilhar e matar. O chronista monacal Glaber affirma que os fidalgos de Roma tentaram matal-o aos 16 annos, tal o escandalo de sua vida. E Emilio Gebhart diz que, quando foi sagrado aos doze annos, «a Europa christã julgou começassem os tempos preditos pelo visionario de Pathmos e acabasse o Antechristo de se cobrir com a tiára».

2

"Fon-Fon" 9 de junho de 1917

Tauxias

A simplicidade da elegancia e da distincção modernas abolio o uso das joias pelos homens. Sómente os rastaqueras e os parvenus, os Trinalciões e os seringueiros andam com os dedos encoraçados de brilhantes. Só se toleram nas pessoas de bom gosto e bom tom as perolas nas gravatas escuras, os camafeus e os anneis artisticos ou sinetes com brasões, divisas e emblemas. Estes se usam no dedo minimo ou no dedo maior. Um de nossos mais jovens pintores, porém, leva a sua fantasia ao ponto de trazer o annel no pollegar. Notando este facto taxei-o de originalidade. E o meu amigo Claudio França tornou-me:

— E' uma velha moda que passou como todas as modas. Do seculo quinze ao desesseis não se andavam com anneis senão no pollegar. Era o chic da epoca. Aquelle rapaz é pintor e vio um annel assim no pollegar do banqueiro George Gisze, pintado por Holbein. Qual originalidade! Tudo no mundo é copia e servil.

78 "Fon-Fon". 26 de maio de 1917

"Fon-Fon" 2 de junho de 1917

FON-FON NO CEARÁ

O coronel Ferreira, da Guarda Nacional do Tanhá, com 75 annos de idade, em grande gala, indo de sua fazenda para a missa, acompanhado por suas ordenanças, dois soldados do destacamento de policia da localidade. Como o coronel Ferreira pertence a arma de cavallaria e é eximio vaqueiro, não dispensa o luxo duma cavalgada vistosa todos os domingos, fazendo os matutos admirarem a sua pompa de official da Grande Duchesse de Gerolstein.

Garatujas...

Dizia-me outro dia um amigo :

« — Nas minhas viagens por essa costa desoladora do norte do Brasil jámais deixo, chova ou faça sol, esteja o mar furioso ou calmo, de saltar em Maceió, terra do Sr. Fernandes Lima e capital do Estado que durante muito tempo os Maltas governaram.

Não desembarco para comer o sururú classico nem para vêr as estatuas dos marechaes que naquelle Estado nasceram, muito menos para subir ao pittoresco morro do pharol ou visitar o Sr. Baptista Accioly no seu bello palacio do governo. »

« — Então, para que ? »

« — Ah ! meu curioso amigo, para ir ao edificio dos correios e admirar a erudição do seu administrador. Imagine você que, numa terra onde quasi não ha extrangeiros, o referido senhor pôz em cada *guichet* da repartição as indicações administrativas em tres linguas : *cartas*, *lettres*, *letters*. E, na fachada do predio, em lettras garrafaes : "*Administração Geral dos Correios — Administration Generale des Postes — General Post Office*". Ora, aquelle Maceió tem coisas !

"Fon-Fon" 2 de junho de 1917

Garabulhas...

Falavamos de Portugal e commentavamos a pronuncia de algumas de suas provincias. Alguem disse preferir o modo de falar do Minho ; mas outras opiniões defenderam a pronuncia lisboeta.

Nesse ponto da palestra, um, que se mantivera calado, rompeu o silencio e contou dum ilhéo que dizia ter tomado banho da seguinte fórma : « — Peguei-me em mim e metti-me na agua ».

Imitou a pronuncia exquisita da gente dos açores e todos extranharam aquella maneira de falar tão differente da portugueza, fechando os *us* e até afrancezando alguns sons.

Claudio França explicou :

« — Com effeito, a pronuncia dos ilhéos açorianos tem muito da pronuncia franceza. E isto tem a sua razão historica de ser. Como todos vocês sabem, navegantes e aventureiros francezes se fixaram algum tempo naquelle archipelago e datam dahi esses vestigios phoneticos. Devido á longa occupação franceza, tambem se encontram em Hamburgo modos identicos de pronuncias na especie de dialecto allemão que alli se fala. »

A memoravel sessão da Camara dos Deputados, no dia 28 do mez passado, em que foi aprovado o decreto de revogação da neutralidade do Brazil perante os Estados Unidos.

Gatimanhos...

« A guerra ! A guerra ! O Brasil contra a Allemanha ! Segunda edição ! Quinto cliché ! » E os garotos passavam na carreira, apregoando os jornaes e vendendo-os aos milheiros.

Era uma tarde deliciosa. O céu côr de malva escurecia para os lados do Castello e tornava-se mais claro, quasi doirado, da banda do poente, por sobre o casario da rua da Uruguayana. Sob a copa verde e agitada pela briza das arvores do largo da Carioca toquei Claudio França com o cotovello.

— «Que dizes da guerra ?»

O meu amigo estremeceu e respondeu ;

— «A Allemanha lembra-me a Assyria, o oriente antigo, a Persia furiosa avançando contra a Grecia ridente. O Kaiser afigura-se-me um novo Xerxes açoitando o mar. A Allemanha sempre foi e é a força. Nella até hoje sómente houve dois lampejos de razão e esses mesmos envoltos na propria força : Bismarck e Luthero. Eu deixo de lado com horror as opiniões do «Assim falou Zarathrustra ». Vejo neste ticulo a Persia antiga. Deixo de parte o super-homem agindo além do bem e além do mal. Isso repugna ao atticismo do meu espirito. Repito : a Allemanha é a Persia e é a Assyria, desde o Bismarck-Deukmal, que lembra, pelo tamanho colossal e pela frieza pétrea da expressão, os touros de Assurbanipal até o Hindemburg de madeira, que recorda as estatuas de páu dos cheiks da Mesopotamia. A Allemanha não vencerá a França do mesmo modo que a Persia não venceu a Grecia. O paiz que produzio a giganta Germania coiraçada e loira como um trigal, calcando aos pés os soldados inimigos desde as legiões de Varro até os *pious-pious* não poderá derrotar o paiz onde se creou a Pucella, tão delicada e tão lendaria, figura de ballada antiga, levando a oriflamma e a cruz á frente das hostes, para libertar a patria, da mesma forma que a terra dos cavallos com cabeça de touro recuou diante da terra em que nascêra o Pegaso.

Eu estou com o visconde Melchior de Voguë : « Nas luctas da razão contra a força, sempre aquella vencerá. Talvez seja visionario ! »

"Fon Fon" - 2-6-917

"Jornal do Commercio" Ed. da tarde
6 de junho de 1917

Garranchos...

Passou-se o seguinte caso, segundo rezam as chronicas, na villa do Acary, no Estado do Rio Grande do Norte, terra afamada dos melhores gerimuns e das melhores mangabas do mundo.

Um velho fazendeiro criava com rigorosa educação um sobrinho orphão. Não lhe dava muito bôlo, mas pela menor travessura, fechava-o numa cafúa escura, feita de proposito, quartinho mais negro que uma camara de photographia e mais apertado que um socavão de guardar o registro do Gaz neste nosso Rio de Janeiro. O menino passava alli horas bem más e cresceu tendo horror a tal prisão.

Quando ficou taludo, o tio mandou-o para o seminario. O menino ordenou-se, cantou missa nova e voltou á fazenda, onde foi recebido com foguetorio e comezaina.

Dias depois de installado na casa do fazendeiro, este pedio-lhe que o ouvisse em confissão, pois o seu maior prazer era ser confessado pelo sacerdote que formára com seus esforços. O padre ouvio-o pacientemente e marcou-lhe como penitencia...

Imaginem o que! [illegible] ... passar quatro horas trancafiado na cafúa, afim de vêr se era bom prender lá os outros...

Galimatias

Eu criticava varias coisas eminentemente nacionaes, comparando-as com as suas similares estrangeiras e mostrando a differença colossal destas, para melhor sempre, quando Claudio França me interrompeu:

— « Máu veso o dos Brasileiros falarem mal do que o seu paiz tem ou produz. Unico povo no mundo que até hoje contrahio tão impatriotico costume. Impatriotico, deprimente e tão feio quanto seria em bôa sociedade metter os dedos no nariz ou andar de palito á bocca. Sómente nós, dizem todos, somos desorganisados, imprevidentes e sem preparo. Pois não é tanto quanto se apregoa.

Vou contar-lhe um caso interessante que se se passasse com brasileiros daria logar ao peiores remoques.

Uma companhia ingleza montava uma serraria no Paraná, perto de Curityba, e mandou para dirigir os trabalhos um engenheiro inglez, que os brasileiros todos da região qualificaram logo de muito notavel.

O nosso technico planejou e começou a construir canaes que receberiam agua do rio e, correndo com certa velocidade, levariam a madeira em troncos até ás serras. Um dos operarios, cabôclo paranaense, advertio-o de que o pinho do Paraná, differente por completo do europeu, não boiava e, portanto, eram dinheiro e trabalho perdidos aquelles conductos de agua. O inglez, orgulhoso e teimoso, mirou-o com desdem e nem ao menos fez uma experiencia.

Effectivamente, promptos os machinismos, as serras rodavam, chiando, em sêcco. As tóras de páu iam ao fundo e a correnteza não podia arrastal-as. A empreza demittio o especialista inglez e nomeou um engenheiro nacional, que substituio a conducção hydraulica por conducção mechanica.

EM TORNO DE UM NOME

Em Sylvestre Bonnard, senão me falha a memoria, o subtil Anatole disse: *on apprend sans doute quelque chose dans les livres, mais on apprend beaucoup plus en voyant du pays*. Nunca a sabedoria humana foi mais sabia, como nunca o subtil Anatole foi mais subtil. O conceito que elle conseguio formular, com uma immensa felicidade, é, sem duvida alguma, o resultado de uma longa observação, de uma dolorosa experiencia...

Para o conhecimento de um povo é preciso que se tenha convivido intimamente com elle, que se tenham conhecido os seus habitos, as suas alegrias e tristezas, e, sobretudo, que se tenha immensamente amado a sua essencia.

Nós, como um paiz enorme que somos, mal podemos saber de nosso povo, mal conhecemos a alma sertaneja que soffre, sonha e vive por esses sertões fóra, indomavel e livre, cheia de bondade cavalheiresca, cheia de melancolica poesia, como uma retardada alma medieval.

Todos os grandes typos são, em geral, os que amaram e disseram de sua gente, os que evocaram através do prestigio da saudade as épocas mortas, a grandeza extincta ou cantaram simplesmente a força de seu tempo.

João do Norte teve, pois, a grande iniciação, amou a sua gente, disse de seu povo auscultando-lhe a alma, vivendo e soffrendo com elle.

Em "Terra de Sol", a maior affirmação desses ultimos tempos, elle põe em relevo toda a vida do sertanejo nortista, que está acorrentado á sua terra, lutando com a ingratidão dos elementos — a secca e o sol, mas preso, enraizado por vinculos de alma, que são mais fortes que as profundas raizes dos jequitibás gigantescos! Assim, depois da secca brutal, da emigração aos magotes, da penuria, da fome, basta uma unica chuva para que brote de novo, mais verde e mais pujante, a vegetação estorricada, para que, de novo, pelos leitos poeirentos dos corregos — a agua cante crystallina, para que o sertanejo volte e a luta recomece... E continúa a mourejar, á espera de nova secca, de nova fome, de nova emigração e de nova volta!

Mas, no intervallo desses grandes desastres, a alma sertaneja ainda acha tempo para cantar, para dar expansão á poesia latente que vive comsigo, como uma flor eternamente aberta, a lhe perfumar e a lhe adoçar a injustiça da natureza.

Pelas noites de luar as violas gemem, as bocas contraidas se abrem e as canções plangentes fogem pelo espaço, povoando de sembras a solidão immensa...

Mas ouçamos o que elle mesmo nos diz: "Quando o cantador canta, acanhadas e confusas, as moças singelas do

80

"Fon-Fon". 9 de junho de 1917

sertão baixam as pestanas sedosas, escondendo os negros olhos sensuaes, pensando nos namorados que as contemplam ardentemente, sem coragem de os fitarem de face... E as violas gemem, e lá fóra, no luar, os carnahubaes sussurram ao vento da noite. De quando a quando, cortando o silencio, um cão ladra; outro responde perto; outro, mais longe; ainda outro, mais distante, e outro ainda, remotamente..."

E, assim, consoladora como um beijo de luz no meio da treva de em torno, ella, a poesia, viceja e perfuma o adusto sertão....

"A gente sertaneja (diz João do Norte) ficou na alma, no sentir o que ella era quando os Portuguezes fundaram as primeiras villas do sertão, no tempo das bandeiras aventureiras."

E' pois, sem duvida, esse o mysterioso fio que o levou a reviver, num livro ainda inedito, uma parte da alma medieval. Chamar-se-ha "Pergaminhos" esse maravilhoso livro, cuja leitura já me foi dada. Illustrado por Corrêa Dias, melhor talvez que "Clio" e "Fournebroche" com illustrações de mucha e hebéque, será, se algum dia for editado no Brasil, um esplendido successo litterario a par de um ruidoso successo typographico.

Mas, passemos adiante. Não é sómente da terra que João do Norte nos falla: o mar tambem tomou-lhe um pouco da alma.

Assim, conseguio reunir as grandes qualidades humanas — o amor á terra e o amor ao mar. No primeiro foi a contemplação da vida rude, cheia de canceiras, mas em que cada bago de suor faz estrellejar um fructo; e no segundo, a mesma ancia indefinida do perigo, o mesmo desejo de illimitado... o sonho talvez!

Praias e varzeas nos mostra a vida aventureira dos homens do oceano. — Um que o destino cegou, e que vem, todos os dias, invariavelmente, passear os olhos vazios pelas aguas coalhadas de velas, e evocar, cheio de resignada tristeza, a vida antiga, ouvindo, perto, os gritos dos que chegam; e longe, as palavras dos que partem... E' triste! triste!

Nesse conto tão cheio de humana tristeza, Gusavo Barroso poderia começar como Fialho. "Entretanto, os senhores ficam avizados de que esta historia é um pouco triste..." Mas, não, foi melhor assim: nós estamos cançados de saber que todas as historias são bem tristes!... Agora direi eu: — os senhores, que como o velho Gœthe, costumam dar audiencia ás idéas, sabem bem, dolorosamente bem — como a tristeza é boa. Ella é a grande porta de ouro aberta para a sensibilidade, o grande thesouro dos silenciosos" dos De Vinci, dos Miguel Angelo.

Foi em vão que o monstruoso Zarathustra canonizou o riso e teceu a grande corôa, porque eu estou com aquelle que disse ter sido Molière o mais tragico dos tragicos francezes...

A força das cousas está, para nós, na somma de recordações que ellas evocam.

E' talvez essa a razão do meu grande amor pela obra de João do Norte, que soube accordar em mim uma immensa saudade de minha terra, de minha gente, lá longe...

CAIO DE MELLO FRANCO.

"Imparcial" (Voto ás mulheres) 13-Junho-1917.

O sr. Gustavo Barroso é contra, porque o Brasil ainda não chegou ao gráo de cultura politica e social que attingiram os paizes onde já foi dado voto ás mulheres. Acha interessante que as mulheres critiquem a politica, mas muito anti-poetico que nella intervenham.

Traços

«Pan, o grande Pan morreu!»

Esta phrase lugubre, desolada, que o lettrado Epitherses e outros passageiros da myoparone egypcia do piloto Thamuz, habil em navegar, ouviram ao pé duma falesia grega; fala sahida da propria pedra como a revelar um mysterio.

«Pan, o grande Pan morreu!»

E esse grito numa época da qual Tacito nos conta tantos prodigios, vozes humanas fugindo da estatua de Memnon quando o sol lhe batia, terremotos fazendo das planicies montanhas e das montanhas planicies, a terceira Phenix nascendo para os lados de Heliopolis, esse grito era como a prophecia duma nova éra religiosa, social e politica. Parece que foi a derradeira voz do paganismo moribundo, annunciando o advento do Christo, que vinha matar Apollo, o deus do arco de prata e das settas de oiro, Delphico loiro e elegante, Telemnito que Suetonio diz Tiberio, o immundo, adorava nos seus ultimos dias de torpeza, quando a embriaguez do poder e a corrupção dos costumes tornaram o antigo soldado da Germania, o inimigo da bajulação, na figura odiosa que o populacho do Trastevere, em allusão a Capréa e ás suas devassidões atalanticas, alcunhára de *Caprileus*.

Essa época de transição e de medos Leopoldo Teixeira Leite Filho traça em alguns formosos quadros litterarios, na sua delicada *plaquette* – "Apollo". Nella vemos a voz prophetica que annuncia o christianismo com a morte de Pan nos arredores da Via Appia, no castro das legiões, nos festins alegres da casa de Macron e nas praças de Athenas, a sabia, quando o vulto de Paulo Tarso alli fôra pregar a derrocada do Olympo e a resurreição do Filho de Deus.

Teixeira Leite mantem-se litterariamente fiel ao seu amor pela antiguidade classica. O seu primeiro trabalho "Nero Artista» mereceu altos louvores e esse «mysterio pagão», que agora publica, é mais uma corôa a juntar aos seus triumphos pelo estylo elegante e pelo fraseado sobrio e athenience. Pena é que não existam mais as acclamações e as corôações das olympiadas para sagrar o joven artista da palavra escripta.

«Pan, o grande Pan morreu!»

A voz dolorosa da costa hellenica mentiu aos passageiros do navio canopico. A propria religião christã não se atreveu a matar o symbolo mais querido da alma pagã. E, na sua difficil e politica adaptação aos costumes de Roma eterna, ella escreveu no calendario dois santos symbolicos, nos quaes se vé a sombra do divino capripede: São Sylvestre e São Satyro...

Tramas

Parece que teremos a guerra e talvez seja possivel que soldados brasileiros sigam para as terras européas. O momento é mais do que opportuno para se pregar por todos os meios a necessidade de augmentar a nossa população, afim de que, no futuro, não tenhamos falta de gente.

Na Europa, já se cogita estabelecer a polygamia e aqui, como não estamos nesse ponto, seria conveniente que o governo mandasse affixar pelas esquinas um cartaz, com aquellas sabias palavras do censor Metellus Numidicus ao povo romano:

« Se pudessemos viver sem mulher, evitariamos tal aborrecimento; mas desde que não pudemos viver tranquillamente com uma mulher nem viver sem ella, occupemo-nos de perpetuar a nossa nação e a nossa raça, e não nos importemos com a felicidade de nossa curta vida. »

Cidadãos, casai-vos!

"Rua" - 23 - junho - 1917

Os «Dragões» da Independencia

Um requerimento do sr. Maciel Junior

O sr. Antunes Maciel Junior apresentou hoje á Camara o seguinte requerimento:

Requeiro que, sobre o projecto n. 71 de 1917, sejja ouvida a commissão de Finanças, cujo parecer informará a Camara, ácerca das despezas que acarretará a creação do regimento "Dragões da Independencia" — sem prejuizo da discussão (A.) Antunes Maciel Junior.

"Fon-Fon!" - 9 - junho - 1917

Trabusanas

— O Rio é, positivamente, uma grande aldeia. Ainda tem nos seus habitos muito do sentir e do pensar dos tempos coloniaes. Imagine que andar vestido com decencia e ter bôas maneiras é ganhar logo a alcunha de «elegante». E ser elegante no Rio é um crime. Nem que isto aqui fôsse Mangaratiba ou Piancó!

— E's injusto. Em toda a parte acontece a mesma coisa, desde a mais remota antiguidade até hoje.

— Não é possivel. Duvido!

— E' certo e não deves duvidar. Athenas culta e luminosa, na sua epoca de apogeu e de gloria, embora já presentindo as ameaças do Macedonio, preoccupava-se com as bôas maneiras e o trajar distincto de Demosthenes. Da Acropole ao Pireu, todo o mundo commentava a brancura de sua chlamyde e as dobras do seu pallio.

Foi gente culta dessa maravilhosa cidade da harmonia, da rhetorica, do bom gosto e da eloquencia que injuriou por tão futil motivo, quasi diariamente, o grande orador.

A Roma farta, voluptuosa e magnifica dos Cesares nunca perdoou a Petronio a sua elegancia de vestir e de dizer, e sempre insultou Hortiensus, porque vestia bem a toga e melhor traçava o forense,

E o Rio, meu caro, está tão longe de Athenas philosopha e de Roma vencedora como Paris de Mogy das Cruzes...

Garatujas...

O barbeiro acabava de respar-me o rosto, levando os cabellos da barba e metade da pelle. Reclamei furioso. Mas o mal já estava feito. Vesti o paletó e sahi, jurando nunca mais pôr os pés naquella casa, embora tivesse de passar no Recife cem annos a fio. E até evitaria atravessar aquelle trecho da rua Nova, onde ficava o Figaro desageitado ou perverso.

Ao chegar no passeio, corri os olhos pela fachada do predio, onde se escancaravam tres portas e luziam duas montras envidraçadas cheias de perfumarias. Um lettreiro enorme, doirado, corria de cunhal a cunhal:

« *Salon pour couper les cheveux et faire la barbe.* »

Por que não lêra eu aquelle distico salvador? Se o tivera lido, não teria entrado. Agora, eu poderia explicar, em tão bom francez como o da taboleta, a razão de estar esfolado:

« *— Il ne m'avait pas rasé. Il avait fait ma barbe! Voilà la difference...* »

Gatafunhos...

Eu tomára na Bahia o bonde da Barra. O electrico corria em frente do mar acinzentado, da mesma côr do céo, que ameaçava chuva. Sobre os barreiros vermelhos viçavam arvoredos muito verdes. O perfil da costa se elevava em morros e penedias. Havia gente que passava apressada, envolta em capas escuras. Beiravam a avenida com seus passeios de mosaico altos sobradões de cantos de pedra.

Ia pensando que já estava na parte do Brasil que, geographicamente, se chama norte, mais ainda não sentira a doçura poetica deste e somente via por todos os lados a arrogancia da natureza sulina. Nada ainda vira que me fizesse propriamente sentir o norte. Nisto, um passarinho leve, alvi-negro, voou da biqueira duma casa e poisou no gramado dum jardim, pennas arrifadas, todo contente. E eu murmurei:

— Bemdita arveloã classica, alveloã portugueza, lavadeira cearense, passarinho familiar e alegre, que só no norte existes e por isso primeiro me deste a sensação de pisar terra nortista! Bemdita Lavadeirasinha de Nossa Senhora, que desde a infancia venero!

"Noite" - 8 - junho - 1917

As commissões da Camara

Para a vaga do Sr. Ildefonso Pinto na commissão de marinha e guerra da Camara dos Deputados o Sr. Astolpho Dutra nomeou hoje o Sr. Gustavo Barroso.

Troças

Naquella manhã de muito sol, eu estava a cavallo diante da porteira do sitio Tusculanum, onde ia visitar um amigo. O animal impaciente batia com as patas na terra empapada pelas chuvadas recentes. Ninguem vinha abrir o cancello. A passarada gorgeiava nos taboleiros verdejantes. Ao longe, por traz dos cajueiros a lagôa de Mecejana rebrilhava a luz, calma e quieta como um espelho, na frescura invernal da manhã.

Passa pela estrada um curiboca alto e membrudo, nariz de repolêgo, chapéo de palha, roupa de algodãosinho. Mal tocou no chapéo e mal resmoneou um bom dia. Eu respondi:

— Bom dia, patricio. Abra-me aqui esta cancella, por obsequio.

O cearense medio-me das perneiras vermelhas ao chapéo desabado, com uma empafia offendida e respondeu-me como um dos nossos galans da Avenida costumeiros ao «sabe com quem está falando»:

— Eu não sou abridor de porteiras, moço. Ora, ainda mais essa! Eu sou o João Caetetú, feitor de *seu* Guilherme Alencar. Sou um homem conceituado: devo cem mil reis ao *seu* Pedro Gato, cincoenta ao *seu* Assumpção, duzentos a *seu* Zeferino Faria e quarenta e cinco ao meu patrão.

E seguio. Apeei-me, abri a porteira e fui andando a puxar o cavallo e a rir de tanto orgulho por dever aos outros...

Dragões da Independencia foi o assumpto sobre o qual o nosso prezado companheiro Gustavo Barroso (João do Norte) bordou a sua brilhante conferencia realizada no Club Militar a 24 do mez passado. Essa conferencia, na qual o nosso companheiro, esclareceu a sua idéa de aprezentar um projecto de lei, creando um regimento de dragões, *Selecta* publica na integra, no seu numero de hoje, illustrada com desenhos do auctor. *Selecta*, além disso, offerece aos seus leitores, na sua capa a cores, um dragão, trazendo o uniforme a ser adoptado.

"Fon-Fon" 4-agto-1917

Tretas

A mendicidade campeia desbragada e desvergonhadamente nesta famosa cidade. A' porta de todas as casas, á hora de almoço ou jantar, ha gente pedindo comida. Em todas as esquinas ha mendigos. Em todas as entradas de igreja os pobres fervilham.

Entre os pedidores de esmolas, muitos ha completamente validos, capazes de trabalho, mas viciados pela facilidade de viver dormindo ao relento devido á brandura do clima, de comer pelas portas das casas e arranjar uns nickeis para o café, o cigarro e a cachaça.

A maioria desses individuos, se quizesse trabalhar, acharia serviço na lavoura; mas debalde o ministerio da Agricultura annuncia collocação no campo e dadiva de passagem. Nenhum delles apparece lá.

Faz pena maior a policia consentir na mendicancia das creanças. A Avenida está cheia de meninos e meninas pedindo esmolas, por vicio proprio ou a mandado dos que as exploram. Outro dia eu vi, envergonhado, na esquina das Fazendas Pretas, cinco ou seis creanças maltrapilhas e sujas cercando um official americano da divisão do almirante Caperton, que já se impacientava.

Que idéa irá esse official fazendo da nossa rua mais civilisada!

82 "Fon-Fon" 9 - 6 - 917 "A Rua" - 10 - junho - 1917

Teclas

Foi um rio grandense do norte que me contou a seguinte e veridica historia. Digo veridica, porque elle me jurou pela alma de sua terceira mulher que o facto tinha acontecido.

O primeiro senador que o Rio Grande do Norte teve no tempo da monarchia foi o padre Britto Guerra, matuto desabusado e rico. Nessa epoca de communicações difficeis, o nosso avô da patria veio tomar posse de sua cadeira no velho casarão do conde dos Arcos por terra, viajando de sua fazenda a esta capital no lombo do seu cavallo estradeiro.

Chegou aqui, visitou don Pedro I e talvez a marqueza de Santos, assistio a algumas sessões do congresso e voltou á sua provincia por um vapor de rodas, levando varias novidades para mostrar aos seus patricios, inclusive um relogio cuco, duas latas de manteiga franceza e um candieiro de kerozene.

Saltando na Bahia, comprou tambem uma caixa de charutos.

Dias depois de chegar á sua villa natal, offereceu um jantar aos chefes politicos locaes. A' hora do café, porém, levantou-se para receber uma visita. Foi quando a creada pôz defronte de cada conviva um pratinho com um charuto bahiano no meio. Os matutos entreolharam-se. Nunca tinham visto charutos. Um aventou :

— Isto é um sobremeza allemôa.

Outro accrescentou :

— E é para comer com farinha.

Pediram farinha e trincharam os charutos.

Quando o senador Britto Guerra chegou, deu uma sonora gargalhada. A matutada engulhava e cuspia que era um horror...

Tarouquices

Não só os animaes de quatro pés têm merecido registro na historia da humanidade. As aves tambem têm sido contempladas. Ao cavallo de Seius, que dava urucubaca, ao de Caligula, que foi consul, e ao de Alexandre, que teve por tumulo a cidade de Bucephalia, contrapõe-se a coruja de Athena, o pavão de Juno e a aguia de Zeus. Com o carneiro de São João, o boi Apis e o lobo de Gubbio rivalisam o falcão branco de Ricardo Coração de Leão, as varias pombas da Escriptura e o papagaio de Eleonora da Fonseca Pimentel.

Esta senhora era uma ardente partidaria dos republicanos de Napoles, no tempo da Revolução Franceza. Vencidos aquelles, a populaça invadiu-lhe a casa e já se retirava furiosa por não ter encontrado ninguem, quando uma voz esganiçada partiu do alto duma arvore, no jardim :

— Viva a republica !

Os *lazzaroni* despejaram os trabucos e pistolas na ramaria. Cahiu-lhes aos pés um pobre papagaio ensanguentado.

Como a historia se repete para os bipedes humanos, tambem se repete para os bipedes plumosos. No Ceará, quando foi das agitações rabellistas, uma sucia de desordeiros invadiu a residencia dum politico adverso, não encontrando ninguem. Mas um papagaio toleirão cahiu na asneira de berrar entre as ramas dum sapotiseiro :

— Vivam os marretas !

Mataram-n'o a pedra e a tiro.

No Recife, nas ultimas arruaças politicas, foi tambem fuzilado um infeliz papagaio que aprendera a gritar :

— Viva o general Dantas Barreto !

Só á custa do seu sangue os pobres palradores alados conseguem um lugar na historia.

"Fon-Fon!" - 16 - junho - 1917

Traços

Orris Soares é um dos raros escriptores nacionaes que têm uma directriz certa e deseja chegar a uma determinada meta. Na sua carreira das lettras não ha vacillações, nem desanimos, nem incertezas. Elle sabe o que quer e para onde se deve encaminhar.

Sempre se dedicou ao theatro, genero litterario quasi abandonado no Brasil, e, por isso mesmo, sua estréa foi bem ruidosa e bem approvada.

Sente-se que, no seu trabalho elle se emprega com verdadeiro e grande prazer. No prefacio do seu ultimo livro elle confessa isso, incidentemente : «o trabalho é, mais das vezes, o pae do prazer.» Tal prazer, para si, é o melhor do mundo em que a tristeza domina e o tumulo galardôa todos os esforços.

As ultimas duas peças de Orris Soares, a *Barreira* e *Dentro da Fé*, reunidas num volume unico, são duas verdadeiras exposições de almas, dentro de profundo sentimento da natureza, sentida e amada como regra fundamental ao proprio theatro, como a pintura precisa do ambiente onde se desenrola a acção.

O theatro de Orris Soares é, assim, feito com postulados sinceros e obedecendo a dictames scientificos e de acurada observação, verdadeiro desvendar de caracteres nas suas impressões fugitivas. A sua originalidade e a sua feitura merecem, por certo, que se diga ao autor : *Bene et belle.*

João do Norte vae publicar um novo livro

Gustavo Barroso é, sem duvida, um dos mais brilhantes escriptores desta geração litteraria que ahi está a trabalhar, a produzir cousas formosas. Elle, como poucos, tem um estylo seu, um modo particular de vasar as suas paginas, onde palpitam admiraveis qualidades do escriptor.

Os seus livros publicados e tão gabados pela critica, bem o comprovam.

Gustavo Barroso não quiz dormir sob os classicos louros dos seus primeiros triumphos litterarios. As *Terras de Sol* e *Praias e Vargeas*, livros que reflectem o alto valor do moço escriptor, pela sua grande feição regionalista, segurança de observação e ampla copia de detalhes, juntar-se-á agora o *Heroes e Bandidos*, que sahirá por todo este mez.

E' um trabalho fortee e de maior raio de acção, em que Gustavo Barroso, magnificamente fixa os typos caracteristicos do sertão do Brasil, traçando-lhes a aspera psychologia original, os seus heroismos e os seus banditismos, entre selvagens e generosos.

A simples enunciação dos capitulos dirá melhor da superioridade da nova obra do prosador da *Terra de Sol*.

Primeira parte — *As causas*; segunda — *Os typos. — Cunhas e Palacas; Cacundos; Mourões e Muquécas; Liberatos e Guabirabas; Brilhantes, limões e Suassuranas; Cabelleira e Cundurú; Viriatos; Os Dois José Antonio; Antonio Silvino; Atahyde e José do Bomfim.*

Esperemos os *Heroes e Bandidos*.

"Jornal do Commercio" (Ed. da manhã) 13 - junho - 917

FALLECIMENTOS

Falleceu em Fortaleza, capital do Ceará, a Sra. D. Isabel Alexandrina da Cunha Barroso.

A finada, que era filha do Capitão-Mór João da Cunha Pereira e de D. Rosa [illegible] da Cunha Lage, nascera no dia 7 de Novembro de 1819, no municipio de Mecejana, na então Provincia do Ceará. A sua morte teve lugar no dia 8 do corrente mez. A Sra. D. Isabel Alexandrina da Cunha Barroso tinha, portanto, quasi noventa e oito annos de idade, tendo conservado até ás ultimas horas da vida intacta a sua mentalidade.

Fôra casada com o Sr. Capitão José Maximiano Barroso, tabellião em Fortaleza, e homem politico muito conhecido alli.

A Sra. D. Isabel Alexandrina da Cunha Barroso deixa vivos os seguintes filhos: Coronel Antonio Felino Barroso, tabellião em Fortaleza; D. Anna Isabel da Cunha Barroso, D. Maria Isabel da Cunha Barroso e D. Isabel Alexandrina Barroso dos Reis, viuva do antigo commerciante desta praça Sr. Francisco Pereira dos Reis. São seus netos a Sra. D. Rosa Barroso Fabrizzi, esposa do Capitão do Exercito Fabio Fabrizzi, residente nesta Capital; Dona Isa dos Reis Liebmann, esposa do Sr. Ricardo Liebmann, commerciante em Parnahyba, Estado do Piauhy; D. Alice Barroso dos Reis Dantas, esposa do Capitão do Exercito Pedro Ribeiro Dantas; D. Anna Dodt Barroso, religiosa professa no convento de Benedictinas de Bois-le-Duc, na Hollanda, e Dr. Gustavo Dodt Barroso, Deputado Federal, residente nesta cidade.

A fallecida senhora deixa tambem dezesete bisnetos.

+ Lopes

"Fon-Fon" - 4 - agosto - 1917

João do Norte (Gustavo Barroso), o nosso presado companheiro de trabalho reunio em volume, sob o titulo de *Idéas e Palavras* algumas das suas brilhantes chronicas publicadas em jornaes e revistas. São paginas que se leem com prazer pelo que ellas contém de interessante e curioso ora um aspecto de natureza brasileira, ora um detalhe historico, um phantasia, tudo narrado numa linguagem rica, mas simples, atravez da qual temos a sensação encantadora de estar lendo algum velho auctor portuguez. Seria um exaggero e uma inutilidade querer destacar dessa collectanea de chronicas as mais brilhantes, as que mais nos agradam, porque o prazer de as lêr é sempre o mesmo, da primeira á ultima pagina. Aqui uma mancha, mais adiante um typo sertanejo, um aspecto historico, *Idéas e Palavras*, editado pelos Srs. Leite Ribeiro & Maurillo, é o livro de um escriptor que sabe o que diz e que o sabe fazer de modo agradavel para quem lê pelo prazer de lêr, o grande prazer.

SELECTA

Anno III ——— N. 23

Rio, 9 de Junho de 1917

Commissão

RIO

DRAGÃO • DA • INDEPENDENCIA

(VIDE • ARTIGO • NO • TEXTO)

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

Completando a nossa capa de hoje, aqui damos, na integra, e illustrada com dezenhos do auctor, a brilhante conferencia do nosso prezado companheiro de trabalho, o deputado Gustavo Barroso (João do Norte), lida ha dias, no Club Militar perante um auditorio escolhido, dentre o qual se destacavam os mais distinctos dos nossos officiaes de Terra e Mar.

O Regimento dos Dragões da Independencia, cuja creação depende do projecto a ser apresentado pelo nosso companheiro, tem merecido os mais francos apoios do exercito e da imprensa.

Capacete da Guarda de Honra (1832)

Nunca tivemos o culto das tradições, especialmente das tradições militares. Até parece sermos o unico povo que procura esquecer sua vida militar como se não gostasse de têl-a vivido. Entretanto, nunca fomos vencidos e nenhuma historia militar é mais bella do que a nossa, porque se não conhecemos glorias excepcionaes, não conhecemos revezes dolorosos. Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade. Não se ama sua patria sem amar sua historia. A alma nacional só se pode affirmar com a continuidade historica.

Ensinemos o nosso povo a bem querer as nossas coisas. Incutamos-lhe a religião do passado, a que nenhuma nação jamais faltou, porque ella é a sua propria alma. Restauremos, com esse alevantado fim, no nosso exercito, o prestigio da tradição.

Quasi sem excepção, as nações do mundo inteiro conservam, carinhosamente, nas revistas, nas paradas, nas guarnições, as linhas geraes e as côres dos fardamentos de antanho, bem como as velhas designações das tropas, de maneira a se não quebrarem nos seus exercitos os elos tradicionaes que ligam o passado ao presente e ligarão este ao futuro, fortificando o espirito de corpo nos regimentos e o amor da historia patria na população.

Estudemos a infantaria e a cavallaria dos exercitos do mundo sob este aspecto. Deixemos de parte a artilharia e a engenharia, porque estas sómente vieram ter grande valor de certo tempo para cá. A phalange macedonica não possuia engenheiros nem gente que tratasse de arremeços de guerra. Na legião romana, appareceram os metatores para a construcção dos castros e os homens que cuidavam das catapultas ; mas tanto uns como outros não passavam de méros auxiliares em numero diminuto. Na phalange e na legião, até a cavallaria, cataphractes ou archeiros a cavallo, eram simples auxiliares, quasi sempre mercenarios. A idade-media trouxe o triumpho completo do cavalleiro, o desprezo do peão e o quasi abandono das obras de engenharia e de artilharia. Tudo se decidia ao choque das massas de homens cobertos de aço sobre cavallos cobertos de aço. Raras as balistas, os escorpiões, os onagros, os arietes. Mal armada e dispersa, a peonagem.

A idade moderna veio com o terço castelhano, que Gonçalo de Cordova, o grande capitão, organisou. Um mestre de campo, um sargento mór, dez capitães e dez companhias. Ahi, a infantaria começou a deixar os piques, as lanças curtas, a ascúma, que sómente ficaram nas ultimas companhias, recebendo as primeiras escopetas, arcabuzes e mosquetes. E essa tradição durou muito. Ainda muitos regimentos de Frederico o Grande eram de piqueiros e no tempo de Napoleão, os officiaes inferiores de varios corpos, em remembrança dos piques e da armadura, traziam o *hausse-col*, collar doirado de metal abaixo da gola, ultima recordação da coiraça, e a alabarda, ultima reminiscencia da lança. Quando Bessières, em Burgos, e Napoleão em Bayona, passaram em revista a legião portugueza, os sargentos da sua infantaria, que havia de repellir os cossacos de Sacken e cobrir-se de gloria em Valutina, traziam aos hombros partazanas de prata e ao pescoço gorjaes de oiro. Nessa epoca, ainda não morrêra a tradição do pique e da coiraça. O terço castelhano cedeu o passo ao regimento moderno, e neste é vasta e admiravel a seára das tradições.

Uniforme a ser adoptado.

E nada das coisas militares deixa de ter uma significação gloriosa e historica. Os marujos inglezes dos recrutamentos contra o bloqueio continental, os milicianos uruguayos, que iniciaram a revolução da independencia com a atitude guerreira da Carrera de las Huerfanas; os carabineiros belgas, organisados para se baterem pela independencia flamenga ; os primeiros regimentos de infantaria do nosso primeiro Imperador ; todos usavam a cartola de coiro envernisado ou de feltro, porque lembravam o paisano armado dum momento para outro, afim de defender a terra mãe.

Nelson, tinha um braço cortado. Por isso, dava uma pequena volta no ultimo galão do punho e prendia-o no botão da farda, suspendendo a manga vasia até a altura do peito. Dahi, a volta que em todas as marinhas do universo, menos na franceza, que, tradicionalmente detestava o almirante inglez, os officiaes teem no galão de cima.

Uma vez, um soldado de cavallaria regressava ao acampamento, depois de ter dado forragem aos animaes. Como levara o feixe de feno amarrado com um cordão grosso, que fôra de prender cortinados, trouxe-o passado sobre o peito, presas as borlas das pontas nas passadeiras. Um official superior vio aquelle enfeite involuntariamente improvisado e achou que poderia servir para

distinguir os homens e as unidades de escól. Creou-se a forrageira. Agora, o exercito francez a reviveu para galardoar os heróes de Verdun.

No seculo dezesete, o exercito francez tinha mercenarios croatas, que usavam uma larga tira de panno escuro em volta do pescoço com as pontas esvoaçantes. Foi ahi que nasceu a gravata, porque já os francezes tinham adulterado o nome e os chamavam *gravates*, como diz o conde de Grammont nas suas « Memorias ».

O espirito militar tradicionalista da Europa só se preoccupa com a cavallaria e a infantaria. A artilharia, arma mecanica, moderna, scientifica, é querida, estudada, augmentada, melhorada, dotada de todos os recursos, assim como a engenharia nas suas multiplas subdivisões ; porém a tradição da linha, da elegancia e das côres, vivem nas outras duas.

A infantaria, apezar das necessidades militares modernas não exigirem, guarda quasi na integra a sua velha nomenclatura.

Se desappareceram os mosqueteiros e arcabuzeiros, ainda existem carabineiros, caçadores, fusileiros e os granadeiros atiram, de trincheira para trincheira, granadas de mão como os seus irmãos de Fontenoy.

O *troupier* francez tem a mesma silhueta dos das lithographias de Raffet. E a granadeira, que era o antigo fusil pesado das muralhas, transformou-se em metralhadora.

Acabaram-se os antigos volteadores, que Napoleão e Bolivar tiveram, homens de pequena estatura, mas de escól, que podiam ser transportados á garupa dos cavalleiros, exercitados, portanto, nos manejos e nos picadeiros em volteios de arriscada gymnastica. Napoleão III, emulado pelo grande exemplo do ascendente, restabeleceu-os. Ainda as sua manobras são executadas pelos atiradores a cavallo do Tyrol e sua marcha veloz é repetida pelos *bersaglieri*, soldados que atiram ao alvo, ao *bersaglio*.

Mesmo em muitos regimentos europeus continuam a vir na frente os machadeiros e o tambor mór, a se chamarem a primeira companhia de granadeiros e as outras de fusileiros, tal qual no tempo do marechal de Saxe.

A cavallaria é a arma por excellencia da historia, das jornadas gloriosas e das tradições.

O seu nome magico recorda as maiores e mais velhas façanhas guerreiras. A cavallaria de Cyro bate as tropas de Creso. Em Leuctres, Epaminondas atira contra as phalanges adversas cinco mil cataphractes. O exercito de Porus detem-se assombrado diante dos seis mil cavalleiros de Alexandre. Em Cannes, a cavallaria numida de Annibal derrota as legiões e, em Zama, a cavallaria de Scipião esmaga os mercenarios carthaginezes. E na memoria acordam outras lembranças. Os seiscentos mil cavallos de Attila. A carga dos tartaros, em Liegnitz, e as de Carlos Martel, em Tours e Poitiers. A cavalgada mystica e heroica das cruzadas. Outras evocações se succedem : os dragões de Kellermann em Marengo e Austerlitz; Murat em Iena, em Eylau e em Friedland; trinta mil homens que carregam, em La Moskowa, e quinze mil que galopam para a morte, em Waterloo !

Yusuf toma a cavallo o acampamento de Abd-el-Kader. Os caçadores da Africa salvam da carnagem os cavalleiros inglezes de Balaklava. Os couraceiros de Reischsoffen, cobrindo a retirada e os de Rezonville ceifados pela metralha, e a divisão Margueritte na louca e macabra carga de Sedan. E Andrade Neves despejando do alto das collinas os esquadrões brasileiros contra os quadrados paraguayos eriçados de baionetas, á margem do Avahy !

Dragões de escolta dos Vice-Reis 1786.

Uns a condemnam. Outros a elevam. Roger de Beauvoir diz que a cavallaria é, por excellencia, a arma da opportunidade e da offensiva. Seu elemento é a rapidez ; seu caracteristico, a audacia. Affirmava Napoleão que ella exigia audacia, habilidade e sobretudo não ser organisada com avareza e espirito de conservação. Os generaes russos são mais categoricos sobre o valor da cavallaria. O general Kulgotchew exclama : — « Quando estou a cavallo, só Deus é maior do que eu ! » Diz o general Strukow: « Exige-se do cavalleiro, juntas, a maior audacia e a maior prudencia. » E o coronel francez Cherfils ainda preconisa a força das cargas : « A cavallaria é um martello de batalha- » Marmont, que dizia somente ter conhecido tres generaes de cavallaria na sua vida militar — Lasalle, Montbrun e Kellermann, achava essa arma bôa para as perseguições : « Quando o inimigo está cheio de terror, é necessario aproveitar o momento. » Por esse motivo, Napoleão elogiava Murat e dizia a Lannes, a proposito do general Walter: « Um general de cavallaria deve seguir sempre o inimigo com a espada nos rins, especialmente nas retiradas. » E Frederico escrevia a Zieten, cujos hussares se cobriram de gloria em Czaslau, Friedberg, Sorr e Kasseldorf : « Sempre sobre a sella ! Sempre no calcanhar do inimigo ! »

Apezar dos serviços que ainda prestou na guerra de 1870, mascarando com impenetravel cortina de uhlanos os movimentos do exercito prussiano e esclarecendo-o com vinte leguas de dianteira, a cavallaria tem visto declinar o seu prestigio diante da acção cada vez mais mortifera dos engenhos da artilharia e da infantaria. Já ha seculos, Montluc se enfurecia por fazerem as armas de fogo ficar o mais valente cavalleiro á mercê da pontaria do mais refinado poltrão a pé. Isto o que fez Frederico Masson lamentar que, para sempre, se tivessem acabado as grandes cavalgadas atravéz da Europa e as grandes cargas. Não se acabaram, porque ainda em Charleroi, nesta immensa guerra a que assistimos, foi o sacrificio quasi total da cavallaria franceza em cargas desesperadas que salvou o exercito inglez, repetição dos feitos do sangrento dia de Balaklava.

A cavallaria européa é mais dividida em variedades, ramos e especies do que a infantaria. Napoleão com seu espirito de methodo e organisação clarividente computou-a em cavallaria ligeira, para serviço de batedores, de linha ou intermediaria, para os postos avançados e as pequenas cargas, e pesada, para os grandes choques. Entretanto, não supprimio nenhuma das suas designações tradicionaes. Guardou todas as suas denominações historicas. O mesmo fizeram os mais modernos reformadores dos exercitos que ora se batem.

O nome de homem de armas, que significava o cavalleiro pesado da idade-média, continua na designação *gendarme*, que hoje sómente se applica á policia militar franceza, mas que no tempo do primeiro imperador ainda rotulava um corpo de cavallaria pesada — *gendarmes d'élite*. O substantivo allemão *reiter*, cavalleiro, corrompeu-se na França em *reitre*, soldado pesadão, mercenario e indisciplinado. Pois ainda hoje a guarda real da Saxonia chama a sua cavallaria pesada — *schwere reiter*.

Em lembrança da armadura, os corpos de grossa cavallaria continuam a

SUPPLEMENTO

usar o casco de aço e a coiraça, peças que no exercito francez ainda se chamam *armure*. Na Russia, os cavalleiros guardas, regimento historico, que usou no seculo passado capacetes altos e heroicos, semelhantes aos de Heitor e de Achilles, puro modelo grego, andam com um collete de coiro armoriado, substituto moderno da coiraça, que a tradição não permitte abolir. Os couraceiros austriacos tem um peitoral bronzeado, imitando a coiraça inutil.

Uma feita, alguns soldados de cavallaria de Gustavo Adolfo, rei da Suecia, apanhados de surpreza pelo inimigo, pilhando uma granja, defenderam-se a tiro e depois fugiram a cavallo. O facto deu ao vencedor posthumo de Lutzen a idea da infantaria montada. No tempo de Henrique IV, o marechal de Brissac organisava a mesma, reduzindo as tropas de argoletes, cavalleiros ligeiros assim chamados porque os primeiros tinham vindo da Argolida, a companhias e esquadrões de arcabuzeiros a cavallo, dos quaes nasceram os dragões, promptos ao combate a pé e a cavallo. Na França nunca desappareceram. Na Prussia não existiam, porque Frederico era contra o tiro da cavallaria. Napoleão foi a favor. Elle deu aos dragões a baioneta que as *troops* de dragões inglezes tambem carregavam e fel-os combater a pé no Egypto, na Syria e na Lombardia. Foram dragões a pé, do quinto regimento de marcha, que prenderam, violando as fronteiras, o duque de Enghien.

Em França, o capacete que ainda usam vem de tempos immemoriaes, copia do casco greco-romano. Num projecto de uniforme submettido por Murat ao imperador lê-se *casque antique* e Victor Hugo diz num verso de epopéa: « Dragons qui Rome voudrait prendre par des legionnaires. »

Ao invadirem a Hungria, os turcos atiravam como guardas avançadas uns cavalleiros terriveis, que se chamavam *oghlans*, isto é, companheiros de guerra. Sobre seus turbantes erguia-se uma chapa de aço defensora da cabeça. E' a mesma que se eleva do *czapska* dos lanceiros modernos e do turbante de pelles dos uhlanos da *landvehr* hungara. E os uhlanos estão perpetuados na Austria, na Russia e na Allemanha. Outrora o czapska era mais alto e mais cheio de recamos. A cavallaria polaca não o dispensava. Napoleão o fez adoptar no seu exercito pelos lanceiros vermelhos e negros, pelos cavallos-ligeiros de peitoraes amarellos, azúes, pretos e brancos.

Tambem essa denominação de cavallos-ligeiros não morreu. A Baviera ainda tem regimentos delles, historicos, creados em 1812.

Nas actuaes condicões de combater, a propria lança é, talvez, mais um objecto historico do que uma arma. Os velhos generaes a apregoavam como a primeira entre as primeiras. Montecuculli chamava-a a rainha das armas. O marechal Mauricio de Saxe a divinisava. Napoleão abolio-a; mas um dia, vendo os cavallos-ligeiros polacos apoderaram-se das lanças dum esquadão de uhlanos allemães, manejaram-n'as com habilidade, tomando uma bateria austriaca e aprisionando o general principe de Auersperg, disse ao Duque da Istria, coronel general da cavallaria da guarda: « Dêm-lhes lanças, já que tão bem sabem servir-se dellas. »

Mathias Corvino, rei da Hungria e da Transylvania, no primeiro recenseamento de camponezes para o serviço militar de suas hostes, mandou dividil-os por vintenas, das quaes desenove homens eram arrolados na infantaria e o vigesimo, *usarz* em hungaro, entrava na cavallaria. Os regimentos de hussares, originados dahi, foram levados para a França, quando esta pagava mercenarios, pelos principes de Estherhazy e Bercheny, domiciliando-se logo nos outros exercitos, usando sempre a vestimenta do camponio hungaro, adaptada ao gosto militar, com o habito respeitado de cada corpo ter suas côres, que elle ama como a sua propria historia.

Os hussares hungaros de Sobieski atravessaram de lado a lado, sem perder um homem ou um cavallo, o exercito turco que sitiava Vienna. Os seus representantes actuaes batem-se contra os moscovitas, montando os cavallos excellentes do haras de Mezohegyes, descendentes dos antigos garanhões romanos.

A revolução franceza teve hussares caçadores e hussares da morte, de Jemmapes e da Liberdade. Napoleão teve-os azues celestes canutilhados de branco; azues e escarlates com pelliças variadas; escarlates e verdes com canutões de prata; azúes com alamares côr de junquilho; azúes escuros enfeitados de vermelho; todos com altos shakos de coiro polido ou pesados colbacks enfestonados de borlas, os altos plumachos tremendo no ar; luxo que custava rios de dinheiro, mas dava orgulho, amor proprio, coragem e a victoria! Ademais, Napoleão não queria a cavallaria dominada pela avareza...

Na Allemanha, os hussares da guarda são rubros. Os outros regimentos tem os dolmans castanhos, carmezins, verde-escuros, azues e cinzentos. O primeiro e o segundo regimentos são negros trançados de brandeburgos brancos, que dão a impressão de sêrem esqueletos, com uma caveira fatidica na barretina, irmãos dos dragões de Röder e dos cavallos-ligeiros hannoverianos, perseguidores dos vencidos de Waterloo, que um notavel escriptor francez chama: « Lugubre enxame de cavalleiros negros, assassinos de mortos e matadores de moribundos. »

Essa caveira não é apanagio sómente dos hussares prussianos de Zieten e do Kronprinz. Ella coroou os mirlitões dos hussares da revolução franceza e os *light-dragoons* inglezes a traziam em lembrança do general Wolf, que caio morto, quando os commandava, na batalha de Quebec, durante a guerra da America.

Na Austria, cada regimento de hussares tem uma côr e os generaes que commandaram, quando coroneis, um desses regimentos, têm a regalia de continuar a usar a sua farda. Os hussares de Grodno e do imperador, na Russia, são vermelhos como os da Dinamarca. Os da Hollanda são negros com uma forraguia doirada. Variados, mas quasi sempre escuros os da Inglaterra. Encarnados e azúes, os da Romenia e da Hespanha. Azúes celestes com as calças garance, os da França.

Ha tempos, um escriptor inglez dizia: « O nosso exercito permanente é diminuto, mas facilimo de ser desenvolvido. Numa palavra, a força da Inglaterra sobre o papel não faz medo a ninguem; mas a força de sua riqueza, de seus arsenaes, de sua esquadra, de sua tenacidade e resolução indomaveis é tal que nenhum de seus amigos a deve ignorar e seus inimigos errarão desdenhando. » A guerra actual encarregou-se de mostrar quão judiciosas eram essas palavras. Pois bem, esse exercito pequeno, mas facilmente desdobravel é o mais tradicionalista do mundo inteiro. A sua farda vermelha data de Cromwell, que Chateaubriand diz que commandava um regimento todo fardado de vermelho, apellidado os *costellas de ferro*. O «Regicid's Trial», que narra a execução de Carlos I, noticia que o cadafalso estava cercado por tropas de casacos vermelhos. Diz Lucien Vallet que, para alegria dos olhos, na vasta Londres sempre ennevoada, aparecem essas fardas vistosas.

Uma revista de gala no campo de Aldershot é uma parada de cem annos atraz: trombetas dos *Life-guards* semelhantes a arautos do seculo desesseis; *highlanders* da Rainha, de Gordon, de Cameron e do principe de Galles; *coldstream guards* com barretinas de pello de oitenta centimetros de altura; dragões-guardas, dragões Iniskillings: *scots-greys* montados em cavallos cinzentos como na tarde de Waterloo; fusileiros de Welsh, debruados de preto, e caçadores de Sherwood, debruado de branco; a *royal horse artillery*, lembrando hussares do seculo dezoito; lanceiros de plastrões claros, verdes, negros, encarnados; tambores agaloados como os das antigas companhias de mosqueteiros; granadeiros que parecem pintados por Detaille; pifanos pequenos como os das gravuras de Moreau.

A Dinamarca, no parque de Jaegersbong e na planura de Hald, apresenta os seus granadeiros da guarda, tradicionaes, com altas barretinas e tunicas rubras. Os dragões da Escania, na Suecia, usam uma farda antiga, verde negra com um shako lustroso de onde pendem cordões e borlas pretas e onde esvoaça um pennacho côr de treva, recordando os do exercito de Bernadotte.

O visconde de Vogué diz que muitos

paizes podem orgulhar-se de sua força militar; porém nenhum a apresenta como a Russia. Os cossacos conservam o sabre tradicional russo, o *chachka*, o punhal atravessado na frente do cinturão e as cartucheiras ao peito. Cada sotnia guarda, religiosamente, uma lança celebre; a de Platoff, que cortou o exercito napoleonico ao meio; a de Paluline com a haste toda entalhada pelos alfanges turcos. O regimento Paulowsky só desfilava a passo de carga para lembrar que, com uma carga de baioneta, livrára Suvarow de ser envolvido pelos turcos e era composto sómente de homens de nariz arrebitado e bigodes ruivos, porque na guerra com a Turquia já era composto de gente assim. Os couraceiros da imperatriz lembravam os de Alexandre I. Os granadeiros a cavallo recordavam os de Catharina II. O regimento Preobadjensky conservava a mitra de cobre dos granadeiros de Pedro o Grande.

Na Allemanha, a tradição palpita nas marchas proprias de cada corpo e nos monogrammas reaes e imperiaes, que se entrelaçam nas *sabretaches* e nas passadeiras, e vive na mitra de cobre do primeiro da guarda, granadeiros da Pomerania, regimento Alexander, que mantem o uniforme dos de Frederico II.

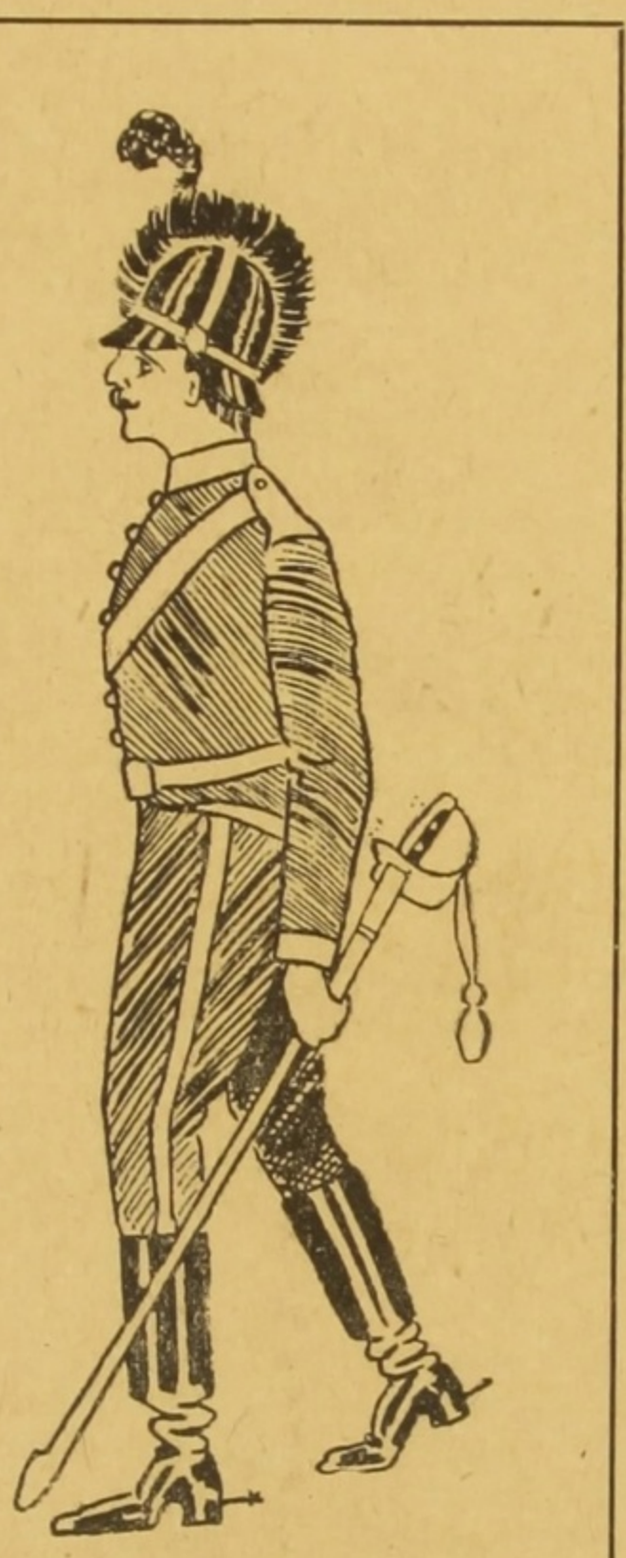
Em Vienna, os archeiros cobertos de oiro e os guardas nobres hungaros com uma pelle de panthera ao hombro, relembram os guardas de José I e Francisco II. O governo austriaco acabou com os famosos dragões azues e brancos, continuadores da faustosa elegancia dos soldados do archiduque Carlos; mas conservou a tunica branca, côr tradicional no exercito da monarchia dual, no primeiro uniforme dos generaes, e as folhas de carvalho á guisa de tope no boné dos infantes, identicas ás dos voluntarios tyrolezes das guerras de Maria Thereza e dos hussares de 1770.

Na guerra de Italia, para o seu serviço pessoal, Napoleão creou os guias, que foram augmentados no Egypto, onde se necessitava duma bôa cavallaria ligeira esclarecedora. Napoleão III reproduziu-os. Hoje em dia, na Belgica, são elles os depositarios da tradição do exercito, elegantes na sua kurtka verde e nas suas pantalonas collantes, garances, laivadas de oiro, a cabeça coifada pela alta barretina de pello. Antes da guerra o seu quadro se compunha dos nomes mais illustres do paiz.

Os carabineiros italianos andam com a casaca e o bicornio atravessado das velhas milicias piemontezas. A cruz branca que abre os braços no capello dos seus cavalleiros é a mesma da pasta dos sumptuosos guias napolitanos de Murat. O capacete da cavallaria vem do dos guardas nobres do Vaticano e do dos *guardie d'onore* do principe Eugenio, vice-rei da Italia.

Até hoje os Hespanhoes não abandonaram o *ros*, kepi de coiro com que combateram na guerra carlista, em Cuba e em Marrocos, nem os dolmans faulhantes dos hussares de Pavia, batalha ganha no seculo dezeseis, e da Princeza, nem as coiraças da Escolta Real e nem o titulo de dom dos officiaes. Além disso, os seus regimentos têm nomes historicos: lanceiros do rei, lanceiros de Farnese e de Bourbon; dragões de Montesa e de Numancia; caçadores de Almanza e de Talavera.

A Grecia continúa com os evzones a tradição dos palikaros e dos klephtas. A Servia chama o seu general voivode, titulo medievo, e o gorro dos seus soldados tem o molde do gorro dos seus camponios. A Romenia é ciosa dos seus hussares vermelhos e a propria Turquia tem os seus zuavos com um turbante verde, côr sagrada do propheta, que só certos sacerdotes podem usar.



Dragões de milicias 1820.

Por causa das calças abadanadas, caindo em dobras sobre o sapato, Julio Richard dizia que a cavallaria franceza andava com roupas de doente. O exercito veste mal e tem lutado para conservar suas tradições. Apezar disso, o couraceiro francez de hoje é o mesmo de 1803 com a differença do capacete ser mais baixo e a calça ser encarnada em vez de branca. A guarda republicana a pé tem um skako igual ao do tempo de Luiz Filippe e a guarda a cavallo tenta reatar o elegante prestigio dos cem-guardas da imperatriz Eugenia.

Mau grado serem a expressão da democracia e do delirio industrial e commercial moderno, os Estados Unidos vestem os alumnos da escola militar de West Point com o uniforme dos soldados de Washington, na guerra da independencia.

O nosso pequeno e glorioso visinho, o Uruguay, tem um lindo regimento tradicional — os blandengues de Artigas. Este general, ao se iniciarem as lutas que libertaram a sua patria, era official dum corpo hespanhol de cavallaria, blandengues, soldados ligeiros, de *blandir*, brandir a lança e o sabre. Elle contribuiu para a liberdade uruguaya á frente desses homens como San Martin á frente dos granadeiros. Verdadeiros centauros, heróes de Las Piedras e de Sarandy, e, embora vencidos pela gaúchada brasileira, não menos heróes na pugna de India Muerta. Escoltaram o povo oriental no seu exodo glorioso. Sobre as suas flammulas azues e brancas traçaram uma diagonal vermelha em memoria do sangue que derramaram sem avareza. Usam hoje o mesmo uniforme daquella epoca de glorias: calça de alçapão e curto jaleco azues escuros, canhões pontudos e gola vermelhos, botas de borlas na frente, guritão de sola com o escudo de oiro, tope rubro, barbicacho de escamas. Diz o sr. Firmino Carlos de Yeregui, introductor diplomatico do Uruguay: « Quando, em desempenho de minhas funcções, conduzo em carruagem descoberta, com uma escolta de blandengues, algum diplomata, que vae apresentar credenciaes, tenho occasião de verificar o melhor dos effeitos causado pelo nosso uniforme historico sobre o espirito dos estrangeiros. »

A independencia da republica argentina é lembrada constantemente ao povo pelo fardamento vistoso dos granadeiros a cavallo de San Martin, de casacas azues, paramentos encarnados, alto morrião de coiro com escamas doiradas, trancelins e borlas côr de sangue.

Não se precisa contar das batalhas que esse glorioso corpo travou nem do seu eminente papel na libertação da America hespanhola. Basta, para mostrar o que elle representa para a alma argentina, repetir as palavras de fogo de Julian de Charras: « Os Andes envoltos no sudario das neves eternas inclinaram os pincaros, para vêl-os passar. Iam alli pelo fundo das ravinas sombrias, silenciosos e com agressiva taciturnidade. Seu olhar, sob a pala dos morriões, despedia phosphorecencias extranhas e terriveis. As mãos crispavam-se, insolitamente, no punho do sabre debaixo das pregas do capote azul negro. De dia, marginavam os mais perigosos abysmos, submergiam-se nos desfiladeiros, subiam as encostas asperas e resvaladias. A' noite, dormiam no seio tenebroso dos valles ou á borda dos precipicios cheios pelo espantoso escachoar das torrentes.

SUPPLEMENTO

Quem eram? De onde vinham? Que lhes reservava o destino? perguntavam os condores, sentinellas vigilantes da cordilheira, nas suas insomnias. O vento, collaborador incognito, remoinhava o pó á frente de seus passos, como para occultar seus designios. As montanhas pareciam admiradas ante aquella audacia inaudita. Dir-se-iam descendentes duma estirpe titanica, que intentavam renovar a epopeia olympica de seus avós. Levavam por guia uma signia azul celeste e branca, que guardavam com orgulho como se fôra um farrapo do céo arrebatado em lendaria conquista. Tinham todos o mesmo talhe moral e physico. Eram de elevada estatura, austeros, sobrios, imponentes. Ao lume vermelho do acampamento, recordavam aquelles guerreiros gigantes da Auvernia, que faziam tremer os legionarios veteranos de Cesar. Em breve, souberam as violadas solidões andinas do anhelo que os movia á cruzada. Foi em Achupayas com Lavalle e em Las Comas com Necochea, quando se revelaram ao relampago heroico dos sabres desnudos, na rubrica immortal da victoria. Eram os granadeiros a cavallo! os mais intrepidos soldados do exercito libertador! Marchavam na vanguarda, rastreando o perigo e farejando a aventura. Flanqueavam em alta e difficil passagem os massiços de pedra, para illuminar com o verbo da revolução a alma dos povos aferrolhados. Seus chefes e officiaes eram leões fardados. Chamavam-se Necochea, Lavalle, Escalada, Suarez, Guido, Cajaraville, Melian, Zapiola, Diaz, Velez. Elles, os granadeiros, tinham nomes de guerra. Vinham da ribeira do Prata. Tinham afiado os largos e temperados aços nas horas de quartel e experimentado o seu gume nas hostes inimigas, perto das barrancas do Paraná, numa alvorada cheia de acção epica e de notas de clarim. Ah! quão formoso é forjar logo, no sonho ardente da emoção patriotica, a visão de suas cargas lendarias! Vêl-os passar, fazendo nas pedras chisparem os cascos dos potros, sob o olhar de aguia do seu grande capitão, como a cavallaria de Murat em Marengo, arrebatados pela violencia do furacão, com scentelhas de sol nas charlateiras de oiro e nas dragonas de prata, as escamas das jugulares e nos escudos dos morriões typicos. Ao alto, os sabres como linguas luminosas duma voragem sublime. Assim, os viu San Martin, seu genio tutelar, em Chacabuco e Maipú! Assim, os viu Bolivar, na tarde triste de Junin! Assim, os viu Sucre, na hora decisiva de Ayacucho!»

Não é mais com crinas, pennachos, canutilhos e escarchas de oiro que se vae á guerra de hoje, mas com vestes côr de barro, côr de terra, côr de musgo e côr de pedra, porquanto a prudencia é a maior virtude militar. Os formosos uniformes, porém, nos transportam pelo pensamento ás idades mortas, em que a guerra não era tão sómente uma questão de numero de homens e quantidade de munições. Os bellos fardamentos, nas guarnições e paradas, contribuem de modo insophismavel para o prestigio das coisas bellicas e o enthusiasmo guerreiro. Napoleão escolhia e esboçava o costume dos seus guerreiros, conhecia e determinava todas as minucias das roupas e dos arreios. Lêm-se, no «Monitor», as ordenanças a respeito, escriptas por elle proprio. Depois que viu em Ratisbonna os seus carabineiros feridos na cabeça em grande quantidade, resolveu tirar-lhes as barretinas e dar-lhes capacetes e coiraças. Levou mezes estudando esse plano. Por fim, dotou-os com um casco de *chenille* encarnada, vestiu-os de branco e poz-lhes nas coiraças o sol dos couraceiros de Luiz XIV. No projecto de creação das guardas de honra, escreveu á margem: «Dar-se-lhes-á um bello fardamento.» Vallet exprime-se desta sorte: «Os bellos uniformes superexcitam as paixões guerreiras da mocidade. Esta verdade admittida por todos os homens de guerra, Frederico e Napoleão inclusive, é tão evidente que os engajamentos são sempre proporcionaes á fama e á farda brilhante dos regimentos.» Esse mesmo autor elogia a elegancia dos officiaes allemães, o seu garbo, o seu gosto pelo uniforme, apezar de francez, citando esta observação do general de Brack: «A injustiça contra o inimigo é má e falsa politica. Não se criam recursos para combater, insultando, sim observando.»

1.º de cavallaria (lanceiros) 1840.

Das minhas longas explanações sobre estes assumptos militares, absolve-me de todo Henry Houssaye, quando diz que, se é possivel escrever muitas paginas sobre a servidão militar do mundo, mais ainda se podem escrever sobre a grandeza e a gloria militares. Agora, cheguemos ao exercito brasileiro. Nelle não encontramos, guardada, conservada, custodiada, uma só recordação do passado, que o teve tão bello. Façamos um resumo da historia do seu costume militar. Na «Guarnição do Rio de Janeiro», por José Corrêa Rangel, ajudante de infantaria com exercicio de engenheiro, em 1786, que se acha na Bibliotheca Nacional, vemos os soldados coloniaes como se vestiam. A cavallaria da guarda dos vice-reis e do regimento de Vianna imitava os dragões de Luiz XV. A infantaria de Moura, de niza azul, chapéo de dois bicos, enfeites de prata, collete e calção amarello e sapatos afivellados, a de Estremoz, azul com o collete branco, a de Bragança, com o collete vermelho, a do Rio de Janeiro, azul e prata e azul e oiro, lembravam os guardas francezes de Luiz XVI. Nesse tempo, o sabre-briquet da infantaria de linha, era chamado chilfarote como os terçados da idade média; havia officiaes de ordenança de calção vermelho e meias de sêda, tambores todos brancos e todos encarnados; as milicias de infantaria ainda se organizavam em terços. Existiam o terço da Candelaria, de casaca azul com ramagens de prata; o de Santa Rita, com o colletão côr de coiro; o de S. José, com carcellas doiradas; o dos pardos, de niza azul clara e calção gemma de ovo; o dos pretos forros, de casacas verdes como perequitos; o de Irajá, debruado de azul celeste; o de Marapiá, escarchado de oiro; os da Ilha Grande, de Paraty, de Tapacurá, de Inhomerim, de Magé, de Macacú e de Campos, de colletes sanguineos, com doiraduras; o de Cabo Frio, com officiaes de branco, o laço negro do chapéo armado preso por uma fibula de oiro. A artilharia tinha canhões e pescoços negros.

Faz-se a independencia e constitue-se o Imperio. Apparecem os laços de «independencia ou morte» nas mangas das tropas, que usam calças brancas, tendo a cavallaria colbacks e a infantaria chapéo alto, segundo desenhos do Archivo Nacional. Em 1829, C. Schlichthorft, official do imperial exercito brasileiro, allemão de nascença, publica no Hannover um livro com o titulo «Rio de Janeiro wie es ist», o Rio como é, e o subtitulo «Huma vez e nunca mais!» Nelle descreve o fato dos granadeiros em 1825, mais ou menos: fraque azul, golas, canhões, dragonas de enchi-

mento e peitos vermelhos, forros brancos. Tambem o dos caçadores a pé: fraque curto, azul, peitos, passadeiras, golas e canhões verde-claros. As polainas de exercicio eram azues escuras, as de parada brancas, chegando até os joelhos. Tinham correames brancos trançados e em ambas essas tropas eram estrangeiros os officiaes.

João Baptista Debret, na sua obra sobre o Brasil do começo do seculo passado, diz que, desde o reinado de dom João VI até o primeiro Imperio, devido á influencia da Inglaterra sobre Portugal, as fardas brasileiras eram ao gosto inglez. Os guardas-marinhas usavam um pequeno capacete com elevada placa de metal bordada de crinas como os inglezes. Um regimento de pretos forros tinha vestes brancas paramentadas de encarnado. Na niza azul dos artilheiros, os debruns eram vermelhos. Somente uns regimentos de alsacianos e suissos da guarda imperial, aos quaes allude o allemão que citamos, traziam o costume francez. Debret descreve mais os caçadores com polainas curtas, escuras, niza azul, calças brancas, enfeites amarellos, dragonas de travesseiro, guritão de coiro rodeado de torçáes com uma borla caindo sobre o hombro. Os da guarda nacional eram identicos e só se differençavam por terem o escudo imperial. O fardamento dos granadeiros era quasi igual, somente tinha forros e ornatos encarnados, pennacho alto no guritão de sóla.

Conforme documentos do Archivo Nacional, em 1833, a cavallaria tem pantalonas de presilhas, brancas, kurtka azul, pelliça verde e barretina de pello, imitando os hussares. Os bonés de serviço de todas as armas, altos e laivados de encarnado, lembram os do exercito napoleonico. A infantaria adopta a côr de pinhão. Em 1840, alguns corpos mostram casacas encarnadas.

A Bibliotheca Nacional tem um padrão de uniformes por C. R. P., datado de 1846. Desappareceram os granadeiros. A infantaria de linha é composta de fusileiros, que tem correames brancos, baioneta e sabre-briquet, e sómente tocam tambores. A sua casaca é azul, o guritão de coiro alto tem pendentes doirados. Os batalhões se distinguem pelo numero de carcellas nas golas e as côres destas. Os caçadores a pé têm a trompa, emblema tradicional da arma, estampada no guritão, tocam sómente cornetas e são pretas as suas correias. A niza é azul, os punhos e collarinhos verdes e os batalhões distinguem-se pelas carcellas, as calças cinzento-escuras ou brancas. Surgem os dragões ligeiros, de calça cinzenta e casaca azul, enfeites rubros, shako emplumado de vermelho e acorrentado de oiro. Os lanceiros são azues e vermelhos com o czapska semelhante aos do tempo de Napoleão. Os caçadores a cavallo têm no shako a mesma cruz de Malta verde dos dragões ligeiros inglezes nas colonias da America. Os artilheiros a pé trazem barretinas com pompons negros, fraques azues goleados de preto. Os a cavallo são de pantalonas cinzentas, golas carmezins na farda azul, pennachos fluctuantes vermelhos e pretos. Os barretões de pello dos sapadores enfeitam-se com topes bipartidos, alvi-negros.

Um plano de uniformes da guarda nacional, pelo tenente do imperial exercito J. Maria da Costa Araujo, registra entre outros fatos um que é notavel, o dos *usarz* (sic) do Rio de Janeiro, mais doirados do que os de Napoleão. As calças são azues, as kurtkas vermelhas e a pelliça azul de rei debruada de felpo negro. As tropas imperiaes tinham predilecção pelo czapska dos lanceiros polacos; elles cobriam a cabeça dos tambores de toda a infantaria, em 1850, e enterravam-se na dos hussares. Verdadeiros soldados da « Grande Duchesse de Gerolstein », os seus clarins eram encarnados da cabeça aos pés, com barretinas pelludas, de onde tombava uma boina enxadrezada de oiro e sangue. Possuiam um segundo uniforme, inteiramente diverso: jalécos azues, dragonas de cacho e shako cintado com a forrageira de oiro. O segundo uniforme dos clarins era tambem de epopéa: branco, peito azul, canhões encarnados, czapska polaco com chorões rubros.

Percorramos a « Collecção de desenhos » de Luiz Pedro Lecor. Volta aos poucos o gosto francez ao exercito. Os estado-maiores têm chapéos armados. O kepi-cavaignac apparece pela primeira vez, 1858, debruado de carmin, nos alferes alumnos. Os corpos de artilharia variam segundo as provincias. Dominam todas as tropas o shako preto e lustroso, a casaca curta, a calça de presilha. Os corpos de cavallaria, fixos ou auxiliares, têm cadarços, xaireis e punhos differentes para cada região. O seu uniforme é severo e elegante, dominado pela côr azul ferrete, adoptada já em quasi todas as armas. O primeiro de cavallaria tem já os debruns brancos que ainda hoje conserva. A artilharia a pé tem shakos mais estreitos em cima, o contrario do das outras tropas; a artilharia a cavallo, chorões negros, esvoaçantes, xananas de coiro de lustro. O numero dos corpos de infantaria se conhece pelas côres das golas e dos punhos. O mesmo se dá na artilharia e na cavallaria. Os kepis cavaignacs de coiro começam a ser adoptados nos segundos uniformes. Sente-se que o guritão vae morrer. Vêm-se as dragonas de argolas que até bem pouco tempo a nossa cavallaria usou. Os caçadores são ornados de verde e têm forrageiras côr de azeviche. Os engenheiros são orlados de azul celeste com charlateiras pennugentas e topes brancos. Desfilam os caçadores das provincias: os de Matto-Grosso com frisos vermelhos, os do Ceará com a gola amarella, os da Parahyba com o collarinho verde, os do Paraná com enfeites côr do céo, os do Amazonas com fios brancos; os pedestres de jaquetas e gorro preto.

Em 1865, triumpha de todo a linha franceza: tunicas compridas, calças apertadas na bocca, kepis de panno. Os batalhões trazem os numeros nas mochilas. Com essa farda faz-se a guerra do Paraguay. Dão-se, posteriormente, pequenas modificações. A Republica inaugura novo gosto nos uniformes, segundo o album que Mucha, o illustrador de Clio, desenhou para o ministerio da guerra, em 1894. Nasceu a calça garance, tomada da França, vieram os horriveis dolmans, ao gosto de Portugal monarchico, para todas as armas, com alamares de cadarço, imitando os das fardas inglezas de passeio. O boné francez foi ligeiramente modificado e a artilharia teve pennachos como os portuguezes, cotós e grimpados no capacete alto. As modificações ulteriores melhoraram esse fardamento e, afinal, o gorro russo, as botas Chantilly, as tunicas e as *culottes* deram aos nossos militares mais elegancia e mais desembaraço.

Comtudo, no decorrer de cincoenta annos de monarchia e quasi trinta de republica, nunca procurámos guardar uma tradicção guerreira. Todos os povos têm modificado seus uniformes, porém todos têm conservado algumas de suas coisas tradiccionaes. O unico exemplo em contrario no mundo é o nosso. Aquelles mesmos que durante algum tempo abandonam as suas recordações militares, nos momentos de lucidez logo as reatam. Os granadeiros argentinos desappareceram no decorrer de muitos annos até que um decreto de 1903 os restabeleceu e lá estão elles, symbolisando a independencia nacional, emblemas vivos das lutas antigas, compostos hoje em dia pelos nomes mais illustres da plutocracia, da intellectualidade e da politica portenhas. E' grande honra ser dos granadeiros a cavallo e, por isso, nesse corpo, vão servir os filhos mais illustres de Buenos Aires, quando chamados ao dever militar.

Temos a obrigação moral de fazer o mesmo aqui. Procuremos, portanto, uma farda que recorde a nossa independencia, revivamol-a, amemol-a, respeitemol-a. Creemos um corpo que a use na paz e que a honre na guerra.

Buscando um uniforme, assim, lembrei-me da antiga guarda pessoal de Pedro I, que figura por um anachronismo necessario á esthetica da obra de arte, no quadro de Pedro Americo — o « Grito do Ypiranga »; da antiga Guarda de Honra, instituida no dia da coroação do nosso primeiro chefe como nação livre, a 1 de Dezembro de 1822 e extincta por decreto de 25 de Outubro de 1832, após dez annos de vida. Constava de tres esquadrões, um de São Paulo, outro de Minas e outro do Rio de Janeiro. Guarda de pessôa, como os *leib cuirassieren*

SUPPLEMENTO

prussianos, os *leibe garde ritter*, de Vienna, os *life guards* inglezes e todos os guardas de corpo, tinha precedencia sobre os outros corpos e seus officiaes possuiam regalias especiaes.

O seu uniforme é verdadeiramente bello. Descrevamol-o de accordo com a estampa de Debret, o seu mais fiel documento. Calção branco com vivo vermelho, sumindo-se em altas botas lustrosas, á granadeira ou á coiraceira. Casaca muito curta, branca, com forros, gola alta, debruns da abotoadura, reversos das abas encarnados. Banda verde e amarella com o cinturão de coiro branco, abotoando por cima numa carranca de leão. Pasta negra, tombando á ponta de tres correias sobre o sabre ligeiramente recurvo da cavallaria de linha. Dragonas de escamas de oiro, forradas de rubro, bifurcando-se sobre os hombros. Talabarte branco com uma pequena cartucheira, xanana, nas costas e, na frente, um escudo com as iniciaes da provincia de onde se originára o esquadrão. Capacete alto, de coiro negro, tendo jugular de escamas de bronze doirado, debruns das palas, tiras de sustentamento, carrancas, escudo e timbre do mesmo metal. O timbre é um dragão encimado por um pennacho vermelho, de entre cujas azas escorre uma crina negra. Ao alto da manga do braço esquerdo, uma fita amarella com o distico «independencia ou morte», debaixo duma pequena cocarda verde. Luvas de canhão brancas. Botões doirados e com os monogrammas imperiaes.

Resurjamos do olvido esse admiravel cavalheiro com o titulo de Dragões da Independencia, que nenhuma mudança de regimem, de instituição, de politica ou de ministerios terá coragem de trocar por outro, e justifiquemos, historicamente, essa creação e esse nome.

Quando dom Pedro I proclamou a independencia, á beira do arroio celebre, a sua escolta era um esquadrão das milicias a cavallo da heroica provincia de São Paulo. Esses soldados ainda usavam o uniforme portuguez—vestes azues e um capacete, que figura na conhecida estampa de Debret, a « caça da onça », capacete de modelo quasi igual aos dos caçadores da revolução franceza, de coiro com laminas de cobre, tendo duas palas e uma crina aspera que ia duma pala á outra. Arrancaram os topes lusitanos e, ao entrarem na capital paulista, as mulheres, cheias de enthusiasmo patriotico, lhes amarraram nos braços fitas verdes e amarellas.

O valente esquadrão das milicias paulistas, com um ardor e devotamento unico, galopava logo para o Rio, onde chegou a 3 de junho e se poz a disposição das novas autoridades, afim de combater os portuguezes. Dias depois, com o mesmo fim, chegavam dois novos esquadrões de milicias, o de Minas Geraes e o da provincia do Rio de Janeiro.

Para premiar a lendaria e valente galopada dos milicianos paulistas, o imperador creou o corpo de guardas de honra, do qual elles constituiram logo o primeiro esquadrão, sendo o segundo e o terceiro, respectivamente, compostos pelas tropas de Minas e Rio. Dahi, a placa dos talabartes, marcando os esquadrões com a iniciaes : S. P.—M. G.—R. J., que se podem substituir por D. I. Dragões da Independencia.

Dom Pedro conservou nas suas mangas as divisas verdes e amarellas,

Dragões ligeiros 1845.

que lembravam os laços das mulheres paulistas. Deu-lhes a farda branca, porque esta è tradicional nas guardas de corpo de todos os soberanos e manteve os capacetes das milicias. Porem, á chegada da princeza bavara Amelia de Leuchtemberg, sua noiva, para agradal-a, dotou-os com um novo capacete, de modelo bavaro, igual ao dos cavallos ligeiros da Baviera, em 1880, desenhado por Vallet.

Que mal haverá em ser perpetuada, na nossa patria, tambem essa lembrança galante? A ordem da Jarreteira, a mais notavel da Inglaterra, lembra a galanteria de Eduardo para com a condessa de Salisbury ; a da Annunciada conta o amor de Amadeu de Saboia ; a da Rosa foi um preito galante, e o tosão de oiro creou-o Philippe o Bom, duque de Flandres, no dia de seu casamento.

Na cimiera dos capacetes de todas as guardas de corpo, tradicionalmente, rebrilham os timbres das armas nacionaes. Os do principe Eugenio, vice-rei da Italia, tinham a aguia napoleonica. Os da Russia têm uma aguia bicephala ; os da Prussia uma aguia ; os da Baviera um leão. Os guardas de honra brasileiros tiveram o timbre do escudo brasileiro : o dragão, que precedeu aos ramos de fumo e de café, reminiscencia ainda do dragão da casa de Bragança e do brazão de Portugal. No monumento do primeiro imperador, no largo do Rocio, lá estão os dragões sustentando o escudo imperial. Nas cadeiras em que o imperador se sentava, para assistir ás sessões do supremo tribunal militar e do senado, guardadas no Archivo Nacional, são dragões que sustentam as armas do imperio. Um dragão rematava o sceptro imperial. Nas dragonas e charlateiras de todas as tropas, até 1833, segundo desenhos existentes nesse mesmo Archivo, é ainda um dragão que timbra a corôa imperial.

Nenhum uniforme brasileiro representará mais recordações historicas do que esse. Tudo nelle tem o seu symbolismo nacional. Vejamos agora porque dei ao regimento, cuja creação proponho e defendo, o titulo de dragões e não o de carabineiros ou lanceiros. Porque dragões formavam a maioria da cavallaria portugueza na Europa e se cobriram de gloria em Torres Vedras e no Bussaco, dragões da Vimieira e dragões de Elvas. Porque a guarda dos nossos vice-reis era feita por um esquadrão de dragões, de calções e colletes amarellos, casaca azul agaloada de rectangulos de prata, rabicho e bofes de rendas. Porque a cavallaria colonial nesta formosa cidade era composta pelos dragões de Vianna ; a cavallaria de milicias, toda de dragões ; os garimpos diamantiferos e auriferos policiados pelos celebres dragões das minas.

A tradição do capacete é grande no nosso exercito e o modelo do das guardas de honra, com as modificações necessarias quanto aos materiaes, procurando-se mais leves ou mais adequados, mas guardando-se a linha antiga, não o assustará. A cavallaria colonial usava capacetes iguaes ao dos dragões de Louis XV, com crinas e pelles em baixo, á roda da cabeça. Os milicianos cobriam-se com capacetes. E, ainda no começo da Republica, a cavallaria o teve, vermelho, com crinas brancas e cimeira de metal, no grande uniforme. Pedro Americo, para o «Grito do Ypiranga» copiou o capacete dos guardas de honra, que existe no Archivo Nacional, todo de bronze, escamento, com um immenso dragão em cima, enroscando-se em arreganhos ferozes. Esse formato foi usado pouco tempo e nos ultimos annos de vida da guarda

de honra. O nosso clima não permitte a sua restauração, sendo preferivel o modelo bavaro com a galantaria de sua origem.

O laço com o distico «Independencia ou Morte» tambem deve ser mantido na resurreição da farda. Os granadeiros de San Martin tem escripto no shako como seus antepassados: «Libertad y Gloria».

Para usarem com verdadeiro garbo o fardamento vistoso da velha guarda de honra, não seria desprezivel cuidar na determinação duma altura regular para os que têm de vestil-o. Certo, não queremos fazer o regimento dos Dragões da Independencia ser como aquelles da Prussia, de que nos fala o grande Frederico, «colossos sobre elephantes»; mas uma certa altura, 1m 70, é necessaria. Sobre esse assumpto, Henri Martin expande-se desta sorte: «Diminuiram o tamanho dos cavalleiros. Esqueceram que têm de por a sêlla, o embornal e o capote sobre as costas do cavallo, elevar o pé esquerdo até o estribo e passar, ligeiramente, a perna direita por cima da garupa e da sella sem arranhar as ancas do animal com a espora. Esqueceram que o soldado de cavallaria não tem, como o jockey, o privilegio de ser içado por um ajudante».

A exemplo do que se fez na Argentina, o primeiro regimento de cavallaria do exercito deveria passar a ser denominado regimento de Dragões da Independencia e usar em grande gala, a farda dos guardas de honra. Com ella daria guarnição na capital do paiz, guarda no Cattete e no Itamaraty, nos dias de recepção, guarnecendo as escadarias ao envez dos fusileiros navaes, escolta ao presidente da Republica e diplomatas, e a carga final da revista de sete setembro. Em manobras ou campanha, tal qual os granadeiros de San Martin, seria o primeiro de cavallaria com o seu uniforme commum. Para o serviço ordinario, tambem poderia usar a farda regulamentar da cavallaria.

Nenhum corpo de cavallaria do exercito melhor apparelhado, para desempenhar esse papel, do que o primeiro de cavallaria, originado dos esquadrões dos vices-reis e estatuido em 1808, por dom João VI, em primeiro regimento, portanto com mais dum seculo de existencia. A sua historia dá-lhe incontestados direitos a vestir a tradicional farda branca. Foi sempre guarda de pessôa, do conde de Rezende e de dom João VI, do proprio Pedro I e sempre de dom Pedro II, motivo por que não participou da campanha do Paraguay. Em troca, foi bellissimo seu papel na expulsão das tropas portuguezas; teve um esquadrão nas pugnas da revolução do Equador; fez a campanha da Cisplatina com brilho; tomou activa parte na guerra dos Farrapos, nas operações de Santa Catharina, ao tempo da Revolta e nas de Canudos, sempre com os mais notaveis nomes do exercito a commandal-o, tendo estado presente á acclamação de dom Pedro I, delle recebendo a primeira bandeira nacional que o exercito possuio, e á proclamação da Republica, quando Deodoro montava um dos seus cavallos.

Os Dragões da Independencia deverão ser pelo seu symbolismo patriotico queridos por todos os Brasileiros; o seu uniforme historico será, tenho esperança, acclamado pelo nosso povo, que nelle verá o inicio da nossa nacionalidade, das nossas instituições e a pagina mais bella da nossa vida, talvez por ser a primeira.

A seu respeito, eu só poderei dizer, se tiver a dita de os vêr desfilar, paraphraseando um escriptor militar francez:—Regimento, que o teu uniforme sempre vistas com alegria, uses com orgulho e somente o dispas com pezar!

"Fon-Fon!" — 16 de junho de 1917

Trocos

Saltei do trolley e segui a pé por entre o alto matapasto borrifado de orvalho. Mais uns passos e os meus olhos descobriam toda a povoação, a villa tradicional de Soure, a antiga Caucaia onde os jesuitas e os capitães móres aldeiavam os indios do Ceará.

Desci por uma rua larga e pouco construida até a praça pobre e triste, onde se erguia a igrega parochial, com a sua alta torre branca entre coqueiros.

Dum lado da rua, uma casa grande, de fachada nobre, pintada de verde, ostentava cruzes, caveiras e outros signaes lugubres, pintados a pixe sobre letreiros, que eram ameaças de morte. Era a residencia do antigo chefe politico, o coronel Correia, assassinado ha tempos, e tinham sido feitas pelos inimigos politicos, os rabellistas, quando a haviam assaltado armados, em bandos. O coronel e a familia receberam-n'os tambem a bala. As paredes estavam esfuracadas pelos projectis.

Mas, num recanto, descobri uma casinhola singela, meio occulta pelos cajueiros. Na platibanda caiada lia-se em lettras vermelhas: «Lunch Room South American». Dei um pulo. Alli devia ter chopes e sandwiches. Havia um vestigio de civilisação na antiga villa cearense. O meu companheiro segurou-me e disse:

— Não vá que não encontra nada. Aquillo foi um botequim dos inglezes quando quizeram construir a estrada de ferro que passa aqui. Sandwiches em Soure só nesse tempo.

Tócos

Desembarquei uma vez na Bahia e fui jantar e dormir com um amigo no hotel Sul Americano.

Comemos vatapá e peixe com pimenta, dôce de côco e queijo do sertão; depois, fomos assistir algumas scenas de transformismo no velho theatro de São João, outr'ora tão illustre e hoje tão decadente como todas as tradições nacionaes.

Regressámos ao quarto do hotel depois de meia noite, conversámos um pouco e ferrámos no somno. Quando acordei e olhei o relogio, eram nove da manhã. O vapor sahia ás dez. Lavei o rosto e vesti-me ás carreiras. O meu amigo roncava como um bemaventurado. Já de gravata e collete, procurei pelo quarto todo um pente para endireitar o cabello.

Remechi gavetas, abri armarios, cascavilhei bolsos e nada de encontrar um pente. Só havia um geito — acordar o meu amigo. Despertei-o e pedi-lhe o objecto. Elle virou-se para o outro lado, na cama, resmungando:

— Ora, essa! Acordar-me para pedir um pente. Embarque assim mesmo. Sujeito idiota, não viu que eu não possuo pente e não preciso de pente! Não sabe que eu sou careca!

Triglyphos

A falcoaria, a grande arte venatoria da idade média, muito custou a morrer.

Ainda, na epopéa napoleonica, ella deu que fallar de si. Luiz Bonaparte, quando rei da Hollanda, possuia uma equipagem completa de caça com falcões. Uma feita, Napoleão mandou pedil-a emprestado. Veio para a França. O imperador usou-a tres vezes, em Rambouillet. Da terceira aconteceu um desastre. Sua Magestade abateu com um tiro, por descuido, o melhor gerifalte da equipagem real hollandeza, um falcão tordilho das Asturias, que valia milhares de francos, quando este perseguia um faisão. Desde esse dia, Napoleão não quiz mais saber de caçar com aves de preza.

Interessante é que é ainda na Hollanda que se caça hoje em dia com falcões, havendo um estabelecimento especial para isso em Falkenward.

"Jornal do Commercio" - Es. Parte (Tonicos) 21-6-917

* *

Escusa fazer felizes vaticinios ao livro que a casa Leite Ribeiro porá á venda nestes dias. Pois se é uma nova obra de João do Norte (na Camara, o Deputao Gustavo Barroso) um escriptor já entrado nas sympathias do publico e bem classificado pela critica.

"Idéas e Palavras" chama-se o esperado livro, reunião de chronicas e estudos sobre arte, politica, historia e litteratura. Varios angustiantes problemas da actualidade estão ahi tratados com elegantes palavras e muitas idéas — associação que nem sempre se póde assignalar quando apparece um livro novo.

92 "Diario Official" 20 Junho 917

"Jornal do Commercio" Ed. manhã. 20-6-917

Commissão de Marinha e Guerra

Sob a presidencia do Sr. Alberto de Abreu, presentes os Srs. João Penido, Gustavo Barroso, Simeão Leal, Esperidião Monteiro, Lebon Regis e Osorio de Paiva, reuniu-se hontem esta Commissão.

O Sr. Gustavo Barroso apresentou á Commissão, que a assignou unanimemente, o seguinte projecto:

«Considerando a necessidade de reviver as tradições do Exercito Nacional e a força que as mesmas representam como despertadoras de enthusiasmo e de patriotismo, o Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º O 1º regimento de cavallaria do Exercito tomará o nome de regimento de Dragões da Independencia e usará, como primeiro uniforme, o fardamento tradicional da antiga Guarda de Honra de D. Pedro I.

Art. 2.º Nas formaturas do Exercito, o regimento assim uniformizado tomará a direita.

Art. 3.º O regimento terá por attribuições especiaes dar a carga final das revistas, a guarda do palacio da presidencia, nos dias de festa nacional, a escolta do Chefe do Estado e dos diplomatas estrangeiros, quando forem apresentar credenciaes.

Art. 4.º Em campanha, o regimento retomará o seu numero e usará o uniforme commum da arma.

Art. 5.º Na data da promulgação desta lei o Ministro da Guerra nomeará uma commissão de quatro membros, que no prazo de um mez apresentará o plano completo do uniforme tradicional.

Art. 6.º O Governo fornecerá aos officiaes do regimento um adeantamento para acquisição do uniforme.

Art. 7.º Revogam-se as disposições em contrario.»

Varias vezes temos alludido com sympathia á iniciativa do Sr. Deputado Gustavo Barroso, para que se restaure o fardamento tradicional da Guarda de Honra de D. Pedro I, o qual seria trazido pelo 1º regimento de cavallaria, passando este corpo a chamar-se Dragões da Independencia.

Hoje o representante cearense justificará na Camara o seu projecto, em favor do qual se apresentam similes numerosos, buscados na Europa e na America, onde, entre outros, sobrevivem os tradicionaes regimentos dos cadetes de West Point, da "Blawdengues" de Artigas e dos granadeiros de San Martin.

A' sua já anteriormente conhecida idéa junta agora o Deputado Gustavo Barroso a proposta de se darem aos corpos commandados pelos legendarios chefes as denominações de Regimentos General Osorio e General Andrade Neves.

Tambem esta parte do projecto é sympathica, embora, se adoptada, possa occasionar abusos. A mania indigena dos "homenageamentos" é capaz de, autorizada por esse precedente, dar para chrismar regimentos com alguns nomes de segunda ordem e, perigo maior, com os de personagens ainda vivas.

O que se está fazendo com as escolas publicas e as ruas da cidade autoriza fartamente esses receios.

Por sua vez, os navios allemães ahi estão a tentar os chrismadores. Que sahirá desse segundo baptismo?

A gente treme ao pensar no que de ridiculo nos poderá vir dahi...

Agora, que tão vivamente nos approximamos dos Estados Unidos, por que não imitarmos o exemplo americano de baptizar os seus navios só com denominações geographicas?

"Jornal do Commercio" Ed. tarde (Topicos)

20 Junho 1917

3

REGIMENTO DE DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

O Sr. Deputado Gustavo Barroso justificará hoje na Camara o seguinte projecto de lei:

«Considerando a necessidade de reviver as tradições do Exercito nacional e a força que as mesmas representam como despertadoras de enthusiasmo e de patriotismo:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º O primeiro regimento de cavallaria do Exercito tomará o nome de regimento de Dragões da Independencia e usará, como primeiro uniforme, o fardamento tradicional da Guarda de Honra de D. Pedro I.

Art. 2.º Nas formaturas do Exercito o regimento, assim uniformizado, tomará a direita dos outros corpos da arma.

Art. 3.º O regimento terá por attribuições especiaes dar a carga final da revista de Sete de Setembro, a guarda do Palacio da presidencia nos dias de festa nacional, a escolta do Chefe do Estado e dos diplomatas extrangeiros, quando forem apresentar credenciaes.

Art. 4.º Em campanha, o regimento retomará o seu numero e usará o uniforme commum da arma.

Art. 5.º Na data da promulgação desta lei o Ministro da Guerra nomeará uma commissão composta de quatro membros, a qual, no prazo de um mez, apresentará o plano completo do uniforme tradicional.

Art. 6.º O decimo segundo regimento de cavallaria, que foi commandado pelo Marquez do Herval, sem modificação de seu numero de ordem e de seu fardamento, tomará o titulo de Regimento General Osorio. Nas mesmas condições, o decimo terceiro regimento da mesma arma se denominará Regimento General Andrade Neves.

Art. 7.º O Governo fornecerá aos officiaes do Regimento de Dragões da Independencia uma gratificação, a titulo de auxilio para acquisição do uniforme.

Art. 8.º O Governo fica autorizado a abrir creditos necessarios á execução da presente lei.

Art. 9.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 19 de Junho de 1917.— *Gustavo Barroso.*»

E' a seguinte a justificação do projecto do Sr. Gustavo Barroso:

Todas as nações, com excepção quasi, mantêm, num ou mais regimentos de seu Exercito, as linhas geraes, as côres e os emblemas de um uniforme tradicional e historico, que recorda antigos feitos de guerra ou épocas de gloria militar. A Inglaterra possue varios corpos nessas condições, dentro os quaes se destacam os Coldstream Guards, os Life Guards e os Royal Scots Greys. A Dinamarca tem os Granadeiros da Guarda Real; a Suecia, os dragões da Scania; a Russia os cavalleiros guardas, e a Rumenia, os Hussares Vermelhos, a Allemanha apresenta os granadeiros do antigo regimento Alexander e a Austria, os archeiros e guardas nobres. Vêmos na Belgica os guias, na Hollanda os Hussares Negros, na França, a Guarda Republicana e, na Italia, os carabineiros. A Hespanha nos mostra a Escolta Real e os Hussares de Pavia, a Grecia os Evzones e a Turquia, os Zuavos.

Na America, tambem são mantidas as mesmas tradições. O uniforme da Escola Militar de West Point, nos Estados Unidos, é tradicional e historico. O mesmo acontece com os Blandengues de Artigas, no Uruguay, e os granadeiros a cavallo, de San-Martin, na Argentina.

Procurando restaurar o prestigio da tradição do nosso Exercito, parece que nenhum uniforme melhor attinge seus fins do que o referido neste projecto de lei. A Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I foi instituida no dia de sua coroação como soberano da nação que libertara, a primeiro de Dezembro de 1822, e extincta por decreto de 25 de Outubro de 1832. Constava de tres esquadrões, um de S. Paulo, outro de Minas e o terceiro do Rio de Janeiro. Guarda de Pessoa, Guarda de Corpo, tinha, por isso, precedencia sobre os outros corpos do Exercito, e seus officiaes possuiam regalias especiaes.

Quando D. Pedro I proclamou a Independencia á beira do Ypiranga, a sua escolta era um esquadrão das milicias paulistas. Os seus soldados arrancaram os topes portuguezes, e, ao entrarem na Capital da Provincia, as mulheres enthusiasmadas lhes amarraram nos braços fitas verdes e amarellas, com o distico: Independencia ou morte! O valente esquadrão das milicias de S. Paulo galopou para o Rio, onde chegou a tres de Junho, logo se promptificando a combater as tropas lusitanas. Dias depois, com o mesmo fim, chegavam os esquadrões de Minas e Rio.

Afim de premiar esse devotamento, o Imperador creou a Imperial Guarda de Honra, composta por esses tres esquadrões, conservando nas mangas das fardas os laços com as côres nacionaes, que recordavam o enthusiasmo patriotico da mulheres de São Paulo, e dando-lhes a farda branca, tradicional em todas as Guardas de Corpo.

O titulo de Dragões justificava-se nos seguintes factos: A maioria da cavallaria portugueza era composta de regimentos de Dragões. A guarda dos nossos Vice-Reis era feita por Dragões. A cavallaria Colonial de guarnição no Rio, compunha-se de Dragões, os Dragões de Vianna; a de milicias era organizada em dragões, e os garimpos diamantiferos e auriferos policiados pelos celebres Dragões das minas.

Nenhum corpo de cavallaria do nosso Exercito melhor apparelhado, para desempenhar esse papel, do que o 1º regimento, originado nos esquadrões dos Vice-Reis e organizado em 1808, por D. João VI, portanto com mais de um seculo de existencia. Sua historia dá-lhe direitos incontestaveis a vestir uma farda tradicional. Foi sempre guarda de Pessoa, do Conde de Rezende e de D. João VI, de D. Pedro I e de D. Pedro II. Participou da expulsão das tropas portuguezas, na Independencia, da luta contra a Republica do Equador, da guerra dos Farrapos, da campanha da Cisplatina, das operações em Santa Catharina, ao tempo da Revolta da Armada, e em Canudos. Esteve presente á acclamação de D. Pedro I, delle recebendo a primeira bandeira nacional que o Exercito possuio. Esteve presente á proclamação da Republica, quando Deodoro montava em um de seus cavallos.»

"O Nacional"-Rio-20-junho 917

Regimento de dragões da Independencia

O Sr. deputado Gustavo Barroso justificou na sessão de hoje da Camara e nos seguintes termos, o seu projecto de lei creando o Regimento de Dragões da Independencia:

"Todas as nações, sem excepção

Deputado GUSTAVO BARROSO

quasi, mantêm, num ou mais regimentos de seu exercito, as linhas geraes, as cores e os emblemas de um uniforme tradicional e historico, que recorda antigos feitos de guerra ou épocas de gloria militar. A Inglaterra possue varios corpos nessas condições, entre os quaes se destacam os Coldstream Guards, os Life Guards e os Royal Scots Greys. A Dinamarca tem os Granadeiros da Guarda Real; a Suecia, os dragões da Scania; a Russia os cavalleiros guardas, e a Rumenia, os Hussares Vermelhos, a Allemanha apresenta os granadeiros do antigo regimento Alexander e a Austria, os archeiros e guardas nobres. Vêmos na Belgica os guias, na Hollanda os Hussares Negros, na França, a Guarda Republicana e, na Italia, os carabineiros. A Hespanha nos mostra a Escolta Real e os Hussares de Pavia, a Grecia os Evzones a Turquia, os Zuavos.

Na America, tambem são mantidas as mesmas tradições. O uniforme da Escola Militar de West-Point, nos Estados Unidos, é tradicional e historico. O mesmo acontece com os Blandengues de Artigas, no Uruguay, e os granadeiros a cavallo de San-Martin, na Argentina.

Procurando restaurar o prestigio da tradição do nosso exercito, parece que nenhum uniforme melhor attinge seus fins do que o referido neste projecto de lei. A Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I foi instituida no dia de sua coroação como soberano da nação que libertara, a primeiro de dezembro de 1822, e extincta por decreto de 25 de outubro de 1832. Constava de tres esquadrões, um de S. Paulo, outro de Minas e o terceiro do Rio de Janeiro. Guarda de Pessoa, Guarda de Corpo, tinha por isso, precedencia sobre os outros corpos do exercito, e seus officiaes possuiam regalias especiaes.

Quando D. Pedro I proclamou a Independencia á beira do Ypiranga, a sua escolta era um esquadrão das milicias paulistas. Os seus soldados arrancaram os topes portuguezes, e, ao entrarem na capital da provincia, as mulheres enthusiasmadas lhes amarraram nos braços fitas verdes e amarelas, com o distico: Independencia ou morte! O valente esquadrão das milicias de S. Paulo galopou para o Rio, onde chegou a tres de junho, logo se promptificando a combater as tropas lusitanas. Dias depois, com o mesmo fim, chegavam os esquadrões de Minas e Rio.

Afim de premiar esse devotamento, o Imperador creou a imperial guarda de honra, composta por esses tres esquadrões, conservando nas mangas das fardas os laços com as cores nacionaes, que recordavam o enthusiasmo patriotico das mulheres de São Paulo, e dando-lhes a farda branca, tradicional em todas as guardas de corpo.

O titulo de dragões justificava-se nos seguintes factos: A maioria da cavallaria portugueza era composta de regimentos de dragões. A guarda dos nossos vice-reis era feita por dragões. A cavallaria colonial de guarnição no Rio, compunha-se de dragões, os dragões de Vianna; a de milicias era organizada em dragões, e os garimpos diamantiferos e auriferos policiados pelos celebres dragões das minas.

Nenhum corpo de cavallaria do nosso exercito melhor apparelhado, para desempenhar esse papel, do que o 1º regimento, originado nos esquadrões dos vice-reis e organizado em 1808, por D. João VI, portanto, com mais de um seculo de existencia. Sua historia dá-lhe direitos incontestaveis a vestir uma farda tradicional. Foi sempre guarda de pessoa, do conde de Rezende e de D. João VI, de don Pedro I e de D. Pedro II. Participou da expulsão das tropas portuguezas, na Independencia, da lucta contra a Republica do Equador, da guerra dos Farrapos, da campanha da Cisplatina, das operações em Santa Catharina, ao tempo da revolta da armada, e em Canudos. Esteve presente á acclamação de D. Pedro I, delle recebendo a primeira bandeira nacional, que o exercito possuiu. Esteve presente á proclamação da Republica, quando Deodoro montava em um de seus cavallos."

Considerando a necessidade de reviver as tradições do exercito nacional e a força que as mesmas representam como despertadoras de enthusiasmo e de patriotismo;

O Congresso Nacional decreta:

"Art. 1º. O primeiro regimento de cavallaria do exercito tomará o nome de regimento de dragões da independencia e usará, como primeiro uniforme, o fardamento tradicional da guarda de honra de D. Pedro I.

Art. 2º. Nas formaturas do exercito o regimento, assim uniformizado, tomará a direita dos outros corpos da arma.

Art. 3º. O regimento terá por attribuições especiaes dar a carga final da revista de Sete de Setembro, a guarda do palacio da presidencia nos dias de festa nacional, a escolta do chefe do Estado e dos diplomatas estrangeiros, quando forem apresentar credenciaes.

Art. 4º. Em campanha, o regimento retomará o seu numero e usará o uniforme commum da arma.

Art. 5º. Na data da promulgação desta lei o ministro da guerra nomeará uma commissão, composta de quatro membros, a qual, no prazo de um mez, apresentará o plano completo do uniforme tradiciona'

Art. 6º. O 12º regimento de cavallaria, que foi commandado pelo marquez do Herval, sem modificação de seu numero de ordem e de seu fardamento, tomará o titulo de regimento general Ozorio. Nas mesmas condições, o 13º regimento da mesma arma se denominará regimento General Andrade Neves.

Art. 7º. O governo fornecerá aos officiaes do regimento de dragões da Independencia uma gratificação, a titulo de auxilio, para acquisição do uniforme.

Art. 8º. O governo fica autorizado a abrir creditos necessarios á execução da presente lei.

Art. 9º. Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 19 de junho de 1917 — Gustavo Barroso."

"Fon-Fon"
23-6-917

Trebelhos...

E' interessante o facto dos grandes homens terem a presciencia quasi dos seus grandes destinos. Parece que o proprio conhecimento das forças interiores lhes dá a segurança de que serão um dia governadores de povos ou conductores de opiniões.

Dos grandes homens, talvez fosse Napoleão o que maior certeza sempre teve de ser um dia arbitro dos destinos da humanidade. O seu tio, o cardeal Fesh, dizia às vezes:

« — José é o mais velho, porém o chefe de familia é Napoleão. »

Quando o futuro Imperador dos Francezes e fabricante de oito reis ainda era simples official de artilharia, disse uma tarde, sorrindo, a Desirée Clary, que devia ser mulher de Bernardotte e rainha da Suecia:

« — Talvez eu passe como um meteoro, mas fique certa que a lembrança da minha passagem perdurará! »

94

"A Nota" - Fortaleza - 3 de junho de 917

PERSPECTIVAS

"Para João do Norte"

Duas horas, no alto do "Magestic"
Um nublamento paira no ar denso e immovel.
Vago susurro: a cidade em baixo...

Uma tarde acariciadora de velludo, humida e cheia de clarões, saindo de fendas do céo em resteas obliquas – eis o que vimos, presos por uma subita e profunda emoção.

Que explendida e completa beleza a da Natureza!

Depois que galgamos os ultimos degráos em espiras, ali estava toda a formosissima Fortaleza aos nossos pés, traçando retas – que são arterias admiraveis, cujo centro — o coração – é a Praça do Ferreira.

O conjuncto enorme nos empolgou instantaneamente. Dir-se-ia uma vertigem, uma "ausencia" das que nos falam os phisiologistas...

Depois, a consciencia ligeiramente obnubilada brilhou de novo, explendidamente, no nosso cerebro e começámos a descobrir minuncias, detalhes, no vasto panorama.

Ao longe, azulavam numa immobilidade de gigante as serranias que são: Maranguape, em cujos flancos uma doce cidadita se ergue por entre os cannaviaes múrmuros, apparecendo de subito ao viajante, quando dobra o comboio a curva terminavel – e vae trepando, serra acima, num branquejar delicioso de casinholos; Aratanha, onde, extranha coisa! – os erguidos serros fumam para o alto baforadas brancas que são immoveis nymbus; Baturité, repleta de jardins e de pomares, o logar, nas terras iracemicas, onde as mulheres são formusuras e onde as lendas são contadas, nas lareiras, ás suaves creancinhas das corvovas frias..

Outras, muito mais outras se esfumam como apotheoses magnificas.

Branquejam no azul do céo o campanario elegante e esguio da capella de Soure – a lendaria Caucaia – e o minarete alvissimo de Mecejana.

Aquella semelha uma vela perdida em rumuroso mar; este evoca vagamente um "toque" violento e contrastado applicado numa téla monotona.

E são duas atalias da Fé que divisamos distantes a cujas sombras as populações dormem tranquillas.

Mas a cidade ulula em baixo: olhamo-la, detidamente e um mundo de ideas sobe...

Os templos, na pureza do ar, estão extraordinariamente proximos de nós. O monumento do Coração de Jesus vence as alturas alargando-se para a terra como num receio de cair, o Carmo, bordado num estylo barôco, flameja de brancura.

Pesada e triste a Cathedral nos olha de tão perto envolta no seu burel de monja que, instinctivamente recordamos um passado destruido a ferro e a fogo por Pombal.

A perder de vista se estende o casario por entre copas verdejantes, interminavelmente.

E lá muito abaixo, sem uma ruga, sem uma vaga, o Oceano, inmmensa toalha rôxo e prata, jáz adormecido, de modo que se o diria um Mar Morto, acaso o aljofrar branquissimo do Mucuripe não scintilasse na ponta avançada do pharol... Lançamos um olhar em volta e o nosso invicto Forte, vem até nós, como a nos dizer: aqui estou: – Sou eu a cidade dos telhados vermelhos, dos prados verdes e dos morros brancos! Volvemos ainda uma vez os olhos doridos e vem mais, como num *film* explendido, a Phenix, Patrocinio, Bemfica – o doce bairro burguez – Fernandes Vieira, que resurge risonho e moderno de uma derrubada revolucionaria...

Por fim Outeiro, escondendo-se na brancura das dunas.

Perspectiua de sonho. E sonhamos vendo a nossa aldeia, o nosso Lar, tão longe, na idéa do espaço, e tão perto do nosso coração naquella tarde acariciadora de velludo...

VIRGILIO GOMES

2

Art. 5.o — Na data da promulgação desta lei o ministro da Guerra nomeará uma commissão composta de quatro membros, a qual, no prazo de um mez, apresentará o plano completo do uniforme tradicional.

Art. 6.0 — O decimo segundo regimento de cavallaria, que foi commandado pelo Marquez do Herval, sem modificação de seu numero de ordem e de seu fardamento, tomará o titulo de Regimento General Osorio. Nas mesmas condições, o decimo terceiro regimento da mesma arma se denominará Regimento General Andrade Neves.

Art. 7.o — O governo fornecerá aos officiaes do Regimento de Dragões da Independencia uma gratificação, a titulo de auxilio para acquisição do uniforme.

Art. 8.o — O governo fica autorisado a abrir creditos necessarios á execução da presente lei.

Art. 9.o — Revogam-se as disposições em contrario."

Tão opportuno, tão bem inspirado é esse projecto, que nos dispensamos de reproduzir aqui a justificação, aliás brilhantissima, de que o sr. Gustavo Barroso o fez acompanhar.

"Estado de S. Paulo"
Ed. da Tarde - 20-6-917

TOPICOS

Este paiz que, para satisfazer muitas vezes meros caprichos de seus governantes, tem gasto rios de dinheiro, sommas incalculaveis, nunca poude consignar, em seus orçamentos, a verba necessaria á manutenção de um exercito á altura do seu poder e da sua grandeza. E' que, em geral, os dinheiros publicos, quando não são mal empregados são pura e simplesmente esbanjados. Assim, hoje, em vez de termos, como deviamos, um exercito perfeitamente organisado e equipado, que garantisse plenamente a nossa segurança, temos um exercito colossal, não de soldados, mas de... funccionarios, para cuja manutenção não bastam todos os rigores do fisco impiedoso. E' por isso que vemos, no Rio, funccionarios de toda a sorte e categoria, bem installados, em repartições luxuosas, e vemos, por outro lado, pobres soldados, nos confins do Brasil, onde velam pela nossa defesa, passarem mezes e mezes sem receber um nickel de seus miseros vencimentos. Mas, o funccionario é sempre o funccionario — intangivel; o soldado, não: o soldado é o soldado!

Apesar de tudo, porém, um sopro de vida nova vae pelas casernas e o Exercito, aos poucos, renasce. O sorteio militar já se fez, satisfactoriamente, em 1916, e tudo se apresta para que este anno se faça, com resultados ainda mais satisfactorios. Além disso, o voluntariado augmenta. A nossa gente moça de hoje sente-se bem nos quarteis.

Por outro lado, trata-se de reviver as tradições do nosso Exercito, pois só ellas serão capazes de despertar o enthusiasmo da nossa mocidade.

Nesse sentido, o deputado Gustavo Barroso apresentou, ha dias, um projecto, á Camara dos Deputados, merecedor dos mais francos elogios.

E' o seguinte o projecto do operoso deputado cearense:

O Congresso Nacional decreta:

"Art. 1.o — O primeiro regimento de cavallaria do Exercito tomará o nome de regimento de Dragões da Independencia e usará, como primeiro uniforme, o fardamento tradicional da Guarda de Honra de d. Pedro I.

Art. 2.o — Nas formaturas do Exercito o regimento, assim uniformisado, tomará a direita dos outros corpos da arma.

Art. 3.o — O regimento terá por attribuições especiaes dar a carga final da revista de Sete de Setembro, a guarda do palacio da presidencia nos dias de festa nacional, a escolta do chefe do Estado e dos diplomatas estrangeiros, quando forem apresentar credenciaes.

Art. 4.o — Em campanha, o regimento retomará o seu numero e usará o uniforme commum da arma.

1

"Jornal do Commercio" - 21-6-917

Topicos

Grande numero de deputados subscreveu o projecto do Sr. Gustavo Barroso creando o regimento dos *Dragões da Independencia*. O 1º regimento de 1ª cavallaria passará a ter essa denominação, terá a farda verde, as dragonas douradas e os diversos outros caracteristicos da indumentaria militar dos tempos da fundação do imperio. E' uma excellente idéa.

O projecto passará; as assignaturas que recebeu garantem a sua approvação na Camara; o Senado homologará e já se noticiou que as autoridades militares applaudem com calor a iniciativa do deputado cearense.

De facto, a idéa foi feliz. Toda a gente sabe que as fardas esplendorosas não servem mais para a guerra e que, portanto, nos reconhecimentos e nas perseguições, os futuros dragões teriam de mudar de uniforme. Mas nas paradas, nos serviços ordinarios, nas formaturas de todo o dia, o fulgor e a significação historica das fardas exercem grande influencia sobre a imaginação de todos.

Assim os Dragões da Independencia terão o valor de um symbolo; darão a todos os militares maior prestigio, porque impressionarão a todos quando passarem nas marchas festivas.

Os povos guiam-se tambem pelas emoções esthetica's. A belleza dos uniformes, a tradição que suas côres e alamares representam não deixam de dar aos soldados outro aspecto diante da multidão. Os *Dragões da Independencia* serão assim, nos dias de formatura, um elemento esthetico e um appello continuo á memoria dos Brasileiros. Um appello para que ninguem se esqueça do patriotismo consciente da geração que fez a Independencia.

Nos festejos do centenario, em 1922, os *Dragões* não circularão em meio da indifferença; serão o symbolo vivo dos heróes que confiados na força da nossa raça fizeram o Brasil unido e independente.

A idéa magnifica do Sr. Gustavo Barroso tem assim varios aspectos sympathicos e uteis.

Assim tudo indica que o projecto vencerá rapidamente todos os turnos e em breve será lei.

"Fon-Fon" 23-6-917

Teirós

Muitos pintores antigos, por ignorancia de indumentaria ou pouco caso de tal conhecimento, pintaram quadros em que o anachronismo dos vestuarios é flagrante. Contam-se ás centenas Crucificações em que os soldados romanos apparecem bordados de ferro como os cavalleiros medievaes e Nupcias de Caná onde os judeus trajam á maneira turca. Horace Vernet, ha menos de um seculo talvez, pintou um Eliezer e uma Rebecca vestidos com os trages argelinos que elle estudára para a « Prise de la Smalah ».

Entretanto, taes obras de arte são valiosas e celebres, embora esse erro, porque nellas só se apreciam o talento da execução, a belleza das formas, a harmonia do conjuncto e a riqueza do colorido.

O instituto historico de Pernambuco encommendou a um pintor qualquer, para ornamentar o seu museu, os retratos de Fernandes Vieira, Henrique Dias e Philippe Camarão. Pois bem, o tal artista, não obstante ser um pobre colorista e um apagado retratista, entendeu de imitar os anachronismos dos grandes mestres. Zás! pintou os tres heróes da guerra hollandeza, não de morrião e gola de rendas do seculo dezesete, mas de casacas vermelhas e chapéo de dois bicos!

Entendeu de imitar os anachronismos — é uma desculpa que se lhe póde dar por misericordia, pois que logo se comprehende que assim fez obedecendo aos preceitos da mais *sancta simplicitas*.

Teias

Dizem que a Bahia tem trezentas e sessenta e cinco igrejas e que, nos annos bissextos, alli se constróe ás pressas mais uma, afim de corresponderem os dias do anno sempre ao seu numero.

Isto é, certamente, uma falsidade e não padece duvida que foi inventada pelos que invejam a Bahia e as suas glorias immensas, farta mésse de louros que ella recolhe, desde a pugna de dois de Julho ás conferencias de Ruy Barbosa.

Certo, porém, é que a Bahia tem mais igrejas do que vinte cidades do Brasil reunidas, e eu já verifiquei que todas têm um relogio de amplo mostrador numa das torres e nenhum desses relogios regula. Estão muitos parados e alguns doidos varridos, marcando duas horas da tarde ás dez da manhã. Quem quizer perder o bonde, o trem ou vapor do Lloyd regule-se pelos relogios da Bahia.

Trunfos

As correntes das ancoras rasparam, rangendo, o ferro dos escoreus. O *Ceará* fundeava no porto de Natal. Além dum casario de folhas de coqueiro, alteavam-se dunas resplandecendo ao sol e a fortaleza dos Reis Magos perfilava-se escura e triste. As casas da cidade arrumavam-se em fileiras á beira do rio tremulo e claro, palhetado de oiro, galgavam a encosta dos outeiros e iam se espalhando, desapparecendo entre os arvoredos, os capineiraes e coqueiraes até o alto do Tyrol, com os seus moinhos de vento gyrando no céo azul.

Passei a vista pelos armazens do cáes e li esta taboleta: « Ship-Chandler ». Disse a um companheiro de viagem:

E' muito grande a influencia maritima ingleza. Não ha porto nenhum do mundo, perdido nos mais distantes reconcavos das costas, que não mostre o valor do inglez no mar. «Ship-Chandler», fornecedor de navios, é um lettreiro que existe tanto em Liverpool, como nos mais infimos portos da Africa ou da America.

Tricas...

Eu sahi da cidade Mauricia, cidade das pontes e das perspectivas encantadoras, para ir até á velha, tristonha e tradicional Olinda. O bonde electrico atravessou ruas mal calçadas, cheias de lama, passou á frente dum cemiterio pequeno e triste; depois, percorreu pantanaes extensos, cobertos de mangues rasteiros, com as ruinas da fortaleza do Buraco a dominal-os do teso em que se alcandora, á beira da praia. Aqui, alli, numa volta de escuro ribeiro, descançavam canôas vasias, cavadas em troncos rudes, ao pé das quaes corriam guaimuns e grauçás.

Mais perto de Olinda, começaram a apparecer algumas casas, a maioria de taipa e palha de coqueiro, algumas de tijolo e telha. Numa dessas ultimas, caiada de fresco, um letreiro vermelho annunciava caxaça, arroz, farinha e feijão por preços modicos. Olhei a fachada daquella venda perdida num socavão dos mangues. Sorri. O seu constructor, um cabloco talvez com pretenções a esculptor, fizera de barro uma boneca horrorosa e espetara-a ao alto da parede. Era um calunga medonho, de seios enormes, bocca escancarada, olhos tortos, pernas envergadas e grosseiras, os braços abertos, offerecendo um ramo aos passageiros.

Sorri, porque aquella especie de Venus hotentote mal formada num barro réles me recordou, sem má intenção, outra estatua de beri-berica, que domina a frontaria de certo edificio da Avenida...

Trêtas

Contou-me um sertanejo a seguinte fabula, numa suave noite de luar, balançando-nos os dois nas vastas rêdes da alpendrada do José Pinheiro e ouvindo o sussurro da Pirapora por entre os bananeiraes.

— Era no inverno. Não morriam bichos de sede, nem de fome, nem de molestias. Tudo no sertão andava alegre, menos os urubús.

Um dia, um urubú camiranga, mais feio que o velho Curinga, estava sentado macambusio num galho, quando por alli passou um gavião vermelho, dos grandes. Cumprimentaram-se e travaram palestra. O urubú queixou-se da fome, da falta de carniça na ribeira, da crise que elle atravessava. O gavião incriminou-o. Disse-lhe que era o unico culpado da sua má sorte. Não caçava, não tinha coragem para a luta, não fazia um esforço. Sujeitava-se a viver da podridão e da desgraça alheia. Mudasse de vida e de sentimentos. Fosse valente e limpo.

O camiranga explicou que era de genio pacifico e não gostava de causar mal. Beneficiava as varzeas, limpando-as da podridão. Alimentava-se bem, sem matar os outros.

Nisto, passa uma pomba jurity. O gavião frecha-lhe em cima. A pomba faz sinuosidades no ar e enfia num carrascal. O gavião furioso enfia atrás, mas, tão cegamente, que se espeta da titella á mitra numa afiada ponta de pau secco. Debate-se, estertorando.

O urubú vôa, pesadamente, e pesadamente pousa ao lado delle.

O gavião supplicou-lhe que o ajudasse a sair daquella apertura e o urubú tornou:

— Compadre, eu tenho o destino de me aproveitar da desgraça alheia. Não lhe posso ajudar.

96.

"Selecta"

25-6-917

A ESCOLA AGRICOLA DE QUIXADÁ

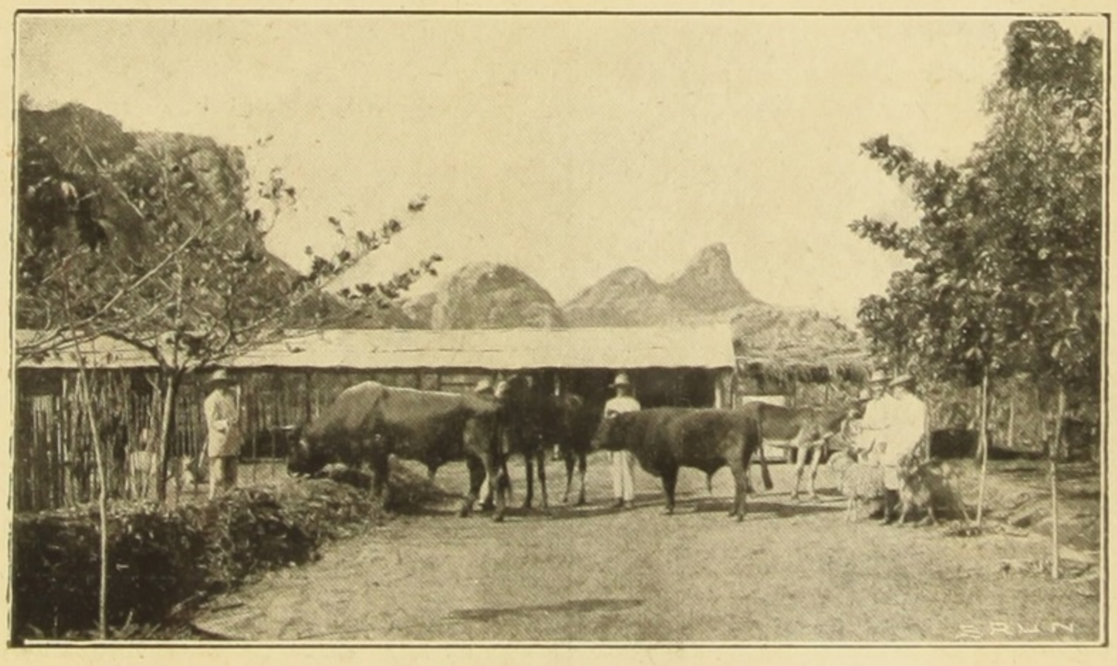
Nos arredores da cidade de Quixadá, pleno sertão cearense, onde as rechãs se estendem banhadas de sol entre os altos pedregaes e as penedias rudes de granito micachistoso, ficam situados o Horto Florestal e a Escola Agricola, cujas photographias damos nestas paginas.

Relativamente áquella zona de seccas periodicas e de ainda primitiva lavoura, esse estabelecimento é um verdadeiro modelo e uma verdadeira providencia. Não tem poupado esforços pelo adiantamento da agricultura sertaneja e delles já vae tirando excellentes resultados. A's suas aulas, essencialmente praticas, concorrem os rapazes da redondeza e até homens de bastante idade, ainda esperançosos de aprender novos processos, para sahir da rotina em que desde o berço se vêm murados.

Naquella região secca e infeliz, quando, devido á falta de chuvas, a fome tortura o gado resistente, um dos principaes recursos de que lança mão o criador é o cardeiro. Atira ao fogo feixes, braçadas de cardos de varias especies: xique-xique, facheiro, corôa de frade, mandacarú. Tosta, assim, os espinhos, que caem, e dá o miolo salobro e fôfo ao gado, como alimento. Por este motivo, uma das mais notaveis culturas da Escola Agricola de Quixadá, é a dos *cactus sem espinhos*, ainda melhor apropriados do que os outros á alimentação do gado, recurso admiravel nas epochas de penuria, vegetal que a aridez dos pedrouços cria e que nenhuma crise climaterica póde matar.

A Escola possúe tambem plantações de eucalyptus, nogueiras, ficus Benjamin, ficus elastica, acacias, disalanas, agaves e palmeiras. Nos terrenos em torno do util estabelecimento, os alumnos da Escola, guiados pelos seus professores, cultivam plantas forrageiras como feijão rôla, capim jaraguá e alfafa. Ha campos de carrapateiras (mamona), de milho, de mandioca, de canna, de legumes e de algodão das seguintes especies: *riqueza*, *durango*, *upland* e *bill ball*.

Entrada da Avenida do Horto.



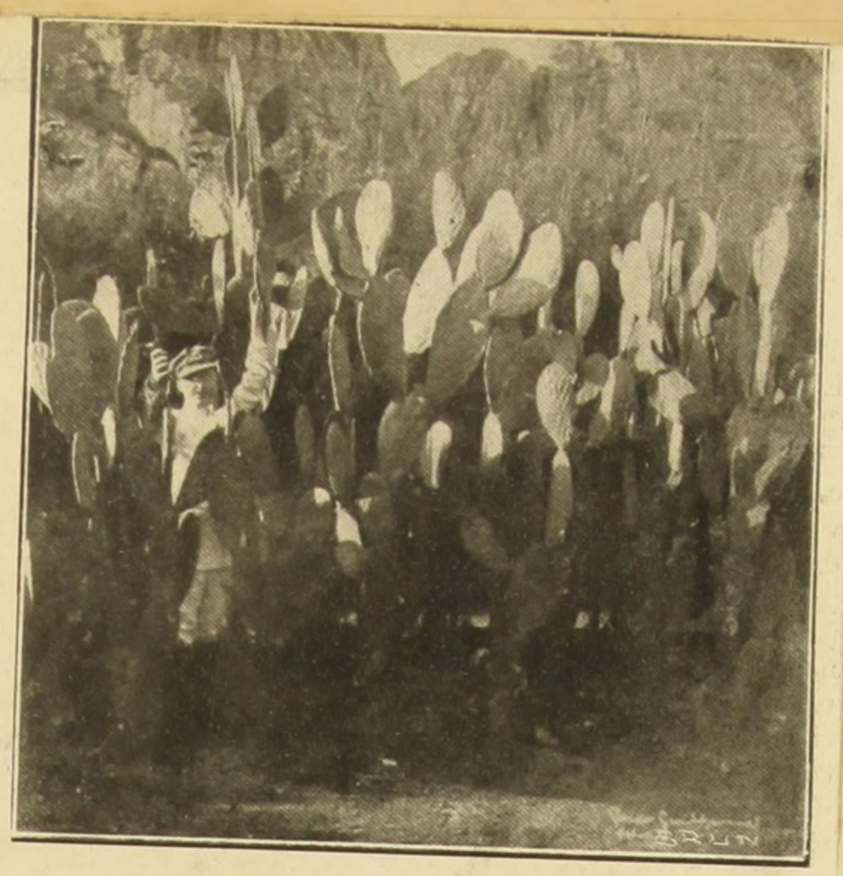
Animaes do Posto Zootechnico.

A Escola Agricola de Quixadá, tem conseguido resultados admiraveis nas suas plantações, quer adubando-as racionalmente, quer estrumando-as com productos da propria zona, quer empregando adubos chimicos como a potassa e sal do Chile para os milharaes. As palmas dos seus cactus sem espinho têm attingido pesos que nem nas grandes plantações do mesmo vegetal, no Egypto, os Inglezes conseguiram obter. O seu capim jaraguá cresce até tres metros de altura e os seus pés de milho chegam a quatro metros e vinte centimetros de alto, produzindo muitos delles seis espigas.

A séde da escola funcciona num predio singelo, porem pratico e adequado, porquanto é uma adaptação do proprio estylo rustico do sertão em as suas alpendradas, os seus oitões caiados, a sua physionomia hospitaleira e sympathica. Seus alumnos são internos

Interior da matta de Eucalyptus «Citriodora» de 30 meses.

Séde da Escola Agricola.



Ao lado: Plantação de «Opuntia Ficus Indica».

e estudam theoricamente e praticamente as questões agricolas, tendo livros, instrumentos e campos para demonstrações concretas. Os professores Thomaz Pompeu Sobrinho, A. Benna, Eurico D. Martins, Sigifredo Pinheiro, Paulo Kaihling, Milton Barreira e João Serle dão suas aulas gratuitamente e com a maior dedicação possivel.

Os alumnos desse internato são sustentados pelos productos da propria Escola, a qual, para sua alimentação, somente compra a carne.

O ensino è muito mais pratico do que theorico, porquanto o fim da Escola é o mais pratico possivel. Ella não pretende formar professores de zootechnica ou Agricultura, mas sim bons criadores e bons plantadores. Este é o pensamento que norteia a acção benefica do seu director, o zeloso e intelligente sr. A. Benna.

A cargo da Escola Agricola de Quixadá está um posto zootechnico, subvencionado pelo Estado do Ceará, que possúe reproductores Polled-Angus, Schmitz, Hereford e Devon, os quaes, embora acostumados á alimentação de alfafa, alli se acclimaram de tal modo que somente se sustentam com gramineas e leguminosas.

As photographias que junto publicamos mostram perfeitamente quanto vale como esforço, trabalho e fins praticos esse util e, pode dizer-se, benemerito estabelecimento.

"Fon-Fon" 23-6-917

Turras

Procurei em todas as livrarias de Victoria, capital do Sr. Bernardino Monteiro, um postal que representasse o mais interessante, tradicional e bello monumento daquella cidade, o unico talvez que alli existe. Não encontrei.

Entretanto, havia a fartar collecções e collecções com a fachada amarella do paço governamental, o frontispicio banal da Prefeitura, as arvores enfesadas duma nova avenida e os canaletes e ilhotas dum jardim sem arte. Havia até vistas da força policial em exercicio, e de um paquete do Lloyd surto no porto.

Mas o velho mosteiro dos colonisadores, semelhante a um castello medieval, alcandorado na sua penha abrupta e selvagem, dominando a bahia e a costa, onde, quando das rebeldias capichabas ou invasões aymorés, se abrigava a população da Villa-Velha; o velho mosteiro fortificado, que resistira ao passar lento dos seculos, esse ficára esquecido e nem um postal com o seu curioso aspecto se encontrava para comprar na cidade de Nossa Senhora da Victoria!

Tramas

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o voador, agora está dando lugar a pesquizas historicas e a formosos estudos sobre a sua pessôa. Sobre esse inventor, erradamente chamado de Gusmão, conforme está provado, escreveu uma bella monographia o sr. Alberto Rebello, do qual, como historiador, disse o jornalista bahiano Affonso Costa, que tinha, segundo uma quadra doutrinaria:

« Segura persistencia no inquirir,
Penetrante agudez no criticar,
Graça e donaire na arte de dizer
E lumiada fundura no pensar. »

Alberto Rebello estudou profundamente o assumpto, especialmente visitando o seminario de Belem da Cachoeira, onde esteve o padre Voador. Da sua passagem pela Bahia, o autor cita um documento que ficou na poesia popular:

« Os seus vôos na Bahia
Algum principio tiveram,
Que por isso o não quizeram
Os padres da Companhia. »

Que farta a seara historica brasileira e quanto merece ter quem a estude tão bem como o sr. Rabello.

Tolices

Ha um brinquedo, no norte, em que uma náo moura é atacada por uma nave christã e no qual se cantam versos, que relembram a xacra da náo Catharineta. Chama-se Fandangos e é representado sobre um tablado com mastros, fingindo de navio. Entre outros episodios, ha este: Os marinheiros fazem prisioneiro um mouro riquissimo. Este morre e elles o atiram pela borda fóra, cantando:

« *O mouro morreu,*
Botemos no mar.
O dinheiro delle
E' p'ra nós gastar! »

Uma feita, fui assistir á representação dos Fandangos em companhia de um dos homens mais ricos e mais sovinas do Ceará. Quando a peça chegou nesse episodio e os cabôclos começaram a cantar o estribilho:

« *O dinheiro delle*
E' p'ra nós gastar! »

O sovina não se poude conter, levantou-se e disse-me:

Vamos embora. Estou me sentindo mal.

Turnos

Quiz experimentar os sentimentos e as crenças religiosas d'aquelle cabôclo sadio e bem apessoado, que me apparecêra na fazenda, pedindo trabalho.

Levei a conversa com alguma habilidade para o lado da morte e das coisas de além tumulo e, bruscamente, perguntei se queria morrer, tendo a certeza de ir para o céo directamente.

O roceiro olhou-me, sorrindo, e, sorrindo, respondeu com a mais pratica philosophia deste mundo:

— Eu não, moço. Sabe d'uma coisa? Tendo uma casa, feijão, farinha, carne de vez em quando e a minha Chiquinha, bem gordinha *mode* a séde não esfriar, prefiro ir ficando por este mundo mesmo que eu já sei como é.

98

"Fon-Fon" 23-junho-1917.

Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1917.

O sonho de Napoleão

Não escapa ao observador intelligente desta grande guerra, que enfraquece a Europa, a estreiteza, a intimidade, a força dos laços que unem França e Inglaterra contra o inimigo commum. As duas velhas rivaes, compenetradas do valor de sua alliança leal, cheias com o sentimento de sua potencialidade na luta, tão irmanadas se apresentam, que até parece formarem uma unica nação.

A França, tendo um grande exercito permanente e vasta tradição de potencia militar, lançou logo no inicio da luta, contra os allemães, as tropas admiraveis que venceram no Marne e no Aisne. A Inglaterra, quasi sempre desprevenida para a guerra terrestre, tem, no emtanto, a faculdade maravilhosa de aprender e se preparar depressa. No começo do seculo passado, a guerra peninsular deu-lhe ensanchas de aguerrir, disciplinar, moldar o exercito, que, mais tarde, deveria vencer no Monte São João os *Marias Luizas* do Grande Exercito e anniquilar os *resmungões* da Velha Guarda. Nesta espantosa conflagração, Charleroi e os Dardanellos, o Marne e o Aisne foram as escolas sublimes em que os seus *tommies* aprenderam a arte da guerra, para logo cantarem victoria no Yser e no Somme.

A Inglaterra, irmanada á França numa guerra que decide da hegemonia do mundo, quasi realisa um velho sonho politico, concretisando talvez o que ideava a maior cabeça politica e militar, que os seculos já produziram.

No « Memorial de Santa Helena », o fiel conde de Las Cases conta que, um dia, no retiro triste de Briars, explanou a Napoleão estas idéas sobre as duas nações rivaes :

« Porque não seria possivel uma alliança politica dos dois paizes, trazendo um em dote a sua esquadra e o outro o seu exercito?...

Vossa Magestade, não daria amanhã, se estivesse em suas mãos, todos os navios francezes, para resgatar a França, a Belgica e a margem esquerda do Rheno? Não daria cento e cincoenta milhões, para receber dezenas de biliões? E, ademais, que tratado glorioso faria aquelle que desse, ao mesmo tempo, aos dois povos, os objectos pelos quaes, ha tantos annos, se arruinam e ensanguentam sem cessar! Tratado que reduziria as duas nações a realmente precisarem uma da outra, em vez de conservar perpetua inimizade? Não seria isto, para a França, recebida em todas as colonias inglezas como a propria metropole, gozar, sem dar um tiro, do commercio mundial? Não seria optimo, para a Inglaterra, garantir-se a soberania dos mares, a universalidade do commercio, por cuja obtenção e conservação de quando em quando corre perigos, ligando-se á França, tornada regulador e arbitro do continente? »

Napoleão escutou com benevolencia o seu companheiro de exilio, mas não deu uma palavra. Sorrio sómente. Mais tarde, porém, numa palestra politica com o governador Wilks, no pequeno e pobre salão de Longwood, servindo Las Cases de interprete, mostrou quanto este lhe adivinhára os enormes pensamentos sobre os destinos da Europa. Disse o Imperador :

« A Inglaterra e a França tiveram nas mãos a sorte da terra, a sorte da civilisação européa, sobretudo. Quanto mal fizemos e quanto bem poderiamos ter feito! Por causa de Pitt, desolámos o mundo, e para chegar a que resultado?... Com o dominio de Fox ter-nos-iamos entendido... Teriamos completado e mantido a emancipação dos povos, o reino dos principios. Não haveria na Europa, senão um unico exercito, uma unica armada. Teriamos governado o mundo, fixado por toda a parte o repouso e a prosperidade, ou pela força ou pela persuasão... Sim, ainda uma vez, quanto mal fizemos e quanto bem poderiamos ter feito! »

Actualmente, França e Inglaterra, batendo-se unidas no mar e em terra contra o inimigo commum, apregôam os ideaes sagrados da emancipação dos povos escravizados, da resurreição das patrias opprimidas, da reconstrucção dos paizes saqueados, da conservação das nações pequenas, da defesa do principio das nacionalidades, da liberdade politica, da independencia dos povos... E a gente se interroga, lembrando das frases do « Memorial », se já se estará realisando o sonho de Napoleão.

Jotaenne

"O Perfil" - Fortaleza 10-junho-1917

JOÃO DO NORTE

(Gustavo Barroso), o presado collega de imprensa e representante do nosso povo no parlamento do paiz, promette-nos, por estes dias, na capital da federação, mais um novo livro sobre a vida dos nossos sertanejos. *Conteur* inimitavel, psychologo fino e subtil, traça, como ninguem, todos os quadros dos costumes matutos, tal qual um perfeito e abalisado *maitre*. A maneira original com que o contista patricio descreve os habitos silvestres, a crueza realista que emprega estudando os nossos caipiras, dão bem uma idéa nitida dos livros de D'Annunzio, onde os personagens correm na nossa retina como se roçassem tunicas douradas, entre bustos de faunos e bosques de myrthos.

Nos *Heroes e Bandidos*, publicação apta a fazer furor no alto mundo intellectual carioca, João do Norte mostra-se um escriptor de portentosa revelação, um estylista delicadissimo e um espirito moderno prenhe de aptidões artisticas oriundas da prodigiosa variedade que dá aos seus personagens. No vigor das suas descripções, na sóbria elegancia da sua fórma, escrevendo sobre o cearense audaz, o auctor da *Terra do Sol* nos apresenta sempre assumptos seductores e imprevistos.

A inveja e o despeito dos zoilos que sempre vêm com desagrado os que como Gustavo Barroso sentem o ruido das justas acclamações, não lhe poderão attingir nem ao longe e têm de ser, forçosamente, esmagados ante a futura obra que terá pela sua modelar feição, um successo retumbante, em as nossas livrarias.

Fallando do jornalista que de longe recordamos com saudade, lembramos-nos do que Frederico Nietzsche disse de Ricardo Wagner, ao tempo em que as *Origens da tragedia* foram escriptas :—de um tal homem, não se póde fallar com justiça, sem um pouco de enthusiasmo.

99 "Diario do Estado" Fortaleza 10.6.1917

O deoutado Gustavo Barroso substitue o deputado Ildefonso Pinto na Commissão de Marinha e Guerra

Rio, 8

Hontem á noite, quando se realisava no Senado a convenção nacional, o deputado Antonio Carlos perguntou ao dr. Gustavo Barroso si acceitaria um lugar na Commissão de Marinha e Guerra da Camara, vago com a opção do deputado Ildefonso Pinto pela Commissão de Finanças, embora a bancada cearense tivesse recusado lugares nas Commissões para facilitar sua organisação. O deputado Antonio Carlos disse mais que o lugar vago pertencia ao Rio Grande do Sul, porem o leader da dita bancada abrira mão a pedido delle Antonio Carlor, que desejava que o deputado Gustavo Barroso entrasse na referida Commissão em virtude de seus ultimos trabalhos sobre questões militares.

O deputado Gustavo Barroso consultou então os deputados Frederico Borges e Eduardo Studart, que foram de opinião que acceitasse.

Na sessão de hoje o presidente da Camara nomeou o deputado Gustavo Barroso para substituir o deputado Ildefonso Pinto.

"Diario do Estado" 1917-Junho-9-Fortaleza

D. Izabel Alexandrina da Gunhá Barroso

Com pesar registamos hoje o fallacimento da veneranda senhora d. Izabel Alexandrina da Cunha Barroso, occorrido hontem, ás 2 horas da tarde.

A extincta, que contava 98 annos de edade, era a estremecido genitora do nosso illustrado amigo cel. Felino Barroso.

O passamento da virtuosa senhora deixa inconsolavel seus dignos parentes que a queriam muito.

O seu enterramento se realisará hoje, ás 8 horas, saindo o feretro da rua Major Facundo n. 70.

Aos nossos bons amigos cel. Felino Barroso e deputado Gustavo Barroso, assim como aos membros da distincta familia Barroso, enviamos a nota de nosso profundo pesar.

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 71 — 1917

Determina que o primeiro regimento de cavallaria do Exercito tome o nome de Regimento de Dragões da Independencia e dá outras providencias

JUSTIFICAÇÃO

Todas as nações, sem excepção quasi, manteem, em um ou mais regimentos de seu Exercito, as linhas geraes, as côres e os emblemas de um uniforme tradicional e historico, que recorda antigos feitos de guerra ou épocas de gloria militar. A Inglaterra possue varios corpos nessas condições, dentre os quaes se destacam os Coldstream-Guards, os Life Guards e os Royal-Scots-Greys. A Dinamarca tem os Granadeiros da Guarda Real; a Suecia, os Dragões da Scania; a Russia os Cavalleiros Guardas, e a Rumenia, os Hussares Vermelhos. A Allemanha apresenta os Granadeiros do antigo regimento Alexander e a Austria os Archeiros e Guardas Nobres. Vemos na Belgica os Guias, na Hollanda, os Hussares Negros; na França, a Guarda Republicana e, na Italia, os Carabineiros. A Hespanha nos mostra a Escolta Real e os Hussares de Pavia, a Grecia, os Evzones, e a Turquia, os Zuavos.

Na America, tambem são mantidas as mesmas tradições. O uniforme da Escola Militar de West Point, nos Estados Unidos é tradicional e historico. O mesmo acontece com os Blandengues de Artiga, no Uruguay, e os Granadeiros a Cavallo, de San-Martin, na Argentina.

Procurando restaurar o prestigio da tradição no nosso Exercito, parece que nenhum uniforme melhor attinge seus fins do que o referido neste projecto de lei. A Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I foi instituida no dia de sua coroação como soberano da nação que libertara, a primeiro de dezembro de 1822, e extincta por decreto de 25 de outubro de 1832. Constava de tres esquadrões, um de S. Paulo, outro de Minas e o terceiro do Rio de Janeiro. Guarda de pessoa, Guarda de corpo, tinha, por isso, precedencia sobre os outros corpos do Exercito, e seus officiaes possuiam regalias especiaes.

Quando D. Pedro I proclamou a Independencia á beira do Ypiranga, á sua escolta era um esquadrão das milicias paulistas. Os seus soldados arrancaram os topes portuguezes, e, ao entrarem na capital da provincia, as mulheres enthusiasmadas lhes amarraram nos braços fitas verdes e amarellas, com o distico: Independencia ou morte! O valente esquadrão das milicias de S. Paulo galopou para o Rio, onde chegou a tres de junho, logo se promptificando a combater as tropas lusitanas. Dias depois, com o mesmo fim, chegavam os esquadrões de Minas e Rio.

Afim de premiar esse devotamento, o Imperador creou a Imperial Guarda de Honra, composta por esses tres esquadrões, conservando nas mangas das fardas os laços com as cores nacionaes, que recordavam o enthusiasmo patriotico das mulheres de S. Paulo, e dando-lhes a farda branca, tradicional em todas as Guardas de Corpo.

O titulo de Dragões justifica-se nos seguintes factos. A maioria da cavallaria portugueza era composta de regimentos de Dragões, a guarda dos nossos vice-reis, era feita por Dragões. A cavallaria colonial de Guarnição no Rio, compunha-se de Dragões, os Dragões de Vianna; a de milicias era organizada em Dragões e os garimpos diamantiferos e auriferos, policiados pelos celebres Dragões das minas.

Nenhum corpo de cavallaria do nosso Exercito melhor apparelhado, para desempenhar esse papel, do que o 1º regimento, originado nos esquadrões dos vice-reis e organizado, em 1808, por D. João VI, portanto, com mais de um seculo de existencia. Sua historia dá-lhe direitos incontestaveis a vestir uma farda tradicional. Foi sempre guarda de pessoa, do conde de Rezende e de D. João VI, de D. Pedro I e de D. Pedro II. Participam da expulsão das tropas portuguezas, na Indpendencia, da luta contra a Republica do Equador, da guerra dos Farrapos, da campanha da Cisplatina, das operações em Santa Catharina, ao tempo da revolta da Armada, e em Canudos. Esteve presente á acclamação de D. Pedro I, delle recebendo a primeira bandeira nacional que o Exercito possuiu. Esteve presente á proclamação da Republica, quando Deodoro montava em um de seus cavallos.

Considerando a necessidade de reviver as tradições do Exercito Nacional e a força que as mesmas representam como despertadoras de enthusiasmo e de patriotismo:

100

"Revista da Semana"
23-junho-1917

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.° O primeiro regimento de cavallaria do Exercito tomará o nome de Regimento de Dragões da Independencia e usará, como primeiro uniforme, o fardamento tradicional da antiga guarda de honra de D. Pedro 1.

Art. 2.° Nas formaturas do Exercito, o regimento, assim uniformizado, tomará a direita.

Art. 3.° O regimento terá por attribuições especiaes dar a carga final das revistas, a gurada do Palacio da Presidencia nos dias de festa nacional, a escolta do Chefe do Estado e dos diplomatas estrangeiros, quando forem apresentar credenciaes.

Art. 4.° Em campanha, o regimento retomará o seu numero e usará o uniforme commum da arma.

Art. 5.° Na data da promulgação desta lei, o Ministro da Guerra nomeará uma commissão de quatro membros, que, no prazo de um mez, apresentará o plano completo do uniforme tradicional.

Art. 6.° O Governo fornecerá aos officiaes do regimento um adeantamento para acquisição do uniforme.

Art. 7.° Revogam-se as disposições em contrario. — Alberto Abreu. — Gustavo Barroso, Relator. — João Penido. — Osorio de Paiva. — Lebon Regis. — Espiridião Monteiro. — Simeão Leal.

"Paiz" 24-junho-1917

"Os dragões da Independencia".

O projecto do Sr. Gustavo Barroso, creando o regimento dos "Dragões da Independencia" parece destinado a soffrer uma viva impugnação na Camara. Por que? Porque... é uma idéa e no Brasil ha opposição systematica a todas as idéas.

Bastava a circumstancia de ser o trabalho do joven deputado cearense uma homenagem á tradição para merecer as sympathias de toda gente; mas entre nós o essencial, sobretudo em politica, é que a pessoa não tenha idéa alguma para não se expor á opposição de todos.

Certo o projecto do joven representante do Ceará ha de ter senões, lacunas ou excessos; porém, as contingencias da vida são mesmo assim. Ninguem deve ter a destruição por programma. Uma idéa é sempre susceptivel de retoques e aperfeiçoamentos.

Se o projecto do Sr. Gustavo Barroso crear despezas, paciencia. Destinado a contribuir para o maior brilho da commemoração do centenario da nossa Independencia, claro está que o projecto ha de custar alguma coisa.

Em toda parte do mundo o amor ás tradições não se faz com brisas, mas com dinheiros. Nunca alguem jámais se lembrou de querer manter tradições por amor á arte. E numa época em que se deve estimular, na medida de todos os esforços, a estima publica e patriotica pelas coisas militares, não é demais que se crêe um batalhão modelar, um regimento de *elite* que só por si constitua um premio e uma aspiração para os que abraçam a vida militar.

Os "Dragões da Independencia" terão a vantagem de nos evocar o mais bello feito do nosso patriotismo e ao mesmo tempo o de ser um estimulo para os soldados, que verão nesse regimento uma especie de corpo de *elite*, de premio e recompensa para quantos revelaram qualidades moraes e aptidões especiaes para a carreira das armas.

Não se tem, pois, o direito de metter á bulha uma idéa nascida de um sentimento superior: o patriotismo inspirado no maior feito militar da nossa historia politica.

Diante desse sentimento, parece-nos muito mesquinho impugnar um projecto só por elle importar talvez uma despeza de alguns poucos pares de contos.

Estamos inclinados a crer que a Camara dará a sua approvação á bella idéa perfilhada pelo distincto deputado cearense.

João do Norte ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

Gustavo Barroso é, actualmente, um dos nossos escriptores que melhor sabem analysar e descrever os costumes

DEPUTADO GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

e as tradições nacionaes. Sem escravizar o seu talento a um estreito exclusivismo nacionalista, João do Norte traz ao estudo desses assumptos um apurado gosto artistico, a par de uma culta e meticulosa probidade.

Chronista, contista, folklorista e historiador, sempre João do Norte mantem á sua arte a proporção esthetica da elegancia. Como poucos, sabe interessar e agradar. Os seus novos livros, annunciados para breve, "Heróes e bandidos" (estudo sobre o phenomeno do banditismo e os cangaceiros do Nordeste) e "Idéas e Palavras" (chronicas, estudos e artigos sobre historia, politica, critica, folklore, etc). editados respectivamente pelas casas Alves e Leite Ribeiro, virão confirmar as suas notaveis qualidades litterarias e a cultura de seu requintado espirito.

"Rua" - 26-junho-1917

NOVAS & ECOS

A politica tem tambem os seus logares communs como a litteratura. E um dos logares communs actualmente na nossa politica é este: — o momento não comporta isto ou aquillo.

E uma das victimas desse logar agora mais usado, na politica é o projecto do Deputado Gustavo Barroso, sobre os *Dragões da Independencia*.

O Sr. Gustavo Barroso que é uma das figuras de maior talento e maior brilho e de maior originalidade da nova geração litteraria, é um moço que tem vontade de trabalhar e de fazer alguma cousa. Em pleno viço da mocidade, com todos os enthusiasmos de uma joventude intelligente era natural que impressionasse o seu espirito os fulgores de nossas tradições. E d'ahi ter o joven deputado voltado as suas vistas para os *Dragões da Independencia*. O projecto que é um hymno á pagina da nossa historia de 1822, é um projecto sympathico, feliz, de um civismo sadio e emocionador. E o autor não mostrou sómente que era um enthusiasta pelas cousas do nosso passado. Mostrou tambem que era um erudito no assumpto, que conhecia as mais pequeninas minucias do alcance do seu trabalho.

Como era de esperar o projecto do Sr. Gustavo Barroso foi recebido festivamente por toda a imprensa e por todo o Exercito. Mas eis que agora na Camara começam os *Dragões da Independencia* a soffrer opposição. O momento não comporta o projecto, dizem.

Parece até pilheria, que se queira applicar o detestavel logar commum ao magnifico trabalho do joven representante cearense.

Porque diabo o momento não comporta?

O projecto do Sr. Gastão Barroso é bom? E', ninguem nega. Pois se é bom, ha logar para elle. Para o que é bom ha sempre logar, o que é bom póde ser feito em todos os momentos.

101

"A Rua"
24 - junho - 1917

Os Dragões da Independencia

Como elles serão

O projecto do sr. Gustavo Barroso creando os "Dragões da Independencia" está suscitando na Camara mais interesse do que era licito esperar.

Era de crer que os srs. deputados o approvasse sem maior debate. Mas não! e já o sr. Maciel Junior metteu requerimento de informações sobre o caso.

O dragão

Parece até que a Camara debate-se com falta de assumpto e que, como nós outros dos jornaes, nos apegamos a pequeninos casos!

Acamaradememos, pois, Topsius amigos! Acamaradememos para dar alimento á curiosidade publica!

Acompanhando a Camara revivemos hoje a figura de um "dragão", em grande uniforme, apeado do cavallo, depois da carga final de Sete de Setembro, no nosso Longschamps minusculo.

O publico deve ter interesse em saber como é essa farda sobre a qual a commissão de Finanças terá de fallar, porque augmenta o orçamento da guerra e como é o capacete historico que custa mais caro que o "bonnete" de pala ou o capacete branco de "touriste" inglez.

Eil-o acima, elegante e marcial, orgulhoso de pertencer a um corpo de "élite" e agradecido ao deputado cearense.

"Diario Official" 25 de junho de 1917

O Sr. Presidente — Vou submetter a votos o seguinte

REQUERIMENTO AO PROJECTO N. 71, DE 1917

Requeiro que, sobre o projecto n. 71, de 1917, seja ouvida a Commissão de Finanças, cujo parecer informará a Camara acerca das despezas que acarretará a creação do regimento «Dragões da Independencia», sem prejuizo da discussão. — Antunes Maciel Junior.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Sr. Presidente, houve quem pensasse, que, tendo eu apresentado, ante-hontem, á deliberação da Casa, um requerimento pedindo a remessa á Commissão de Finanças do projecto referente á creação do corpo que se chamará «Dragões da Independencia», houve quem pensasse que eu tinha intuitos protelatorios, assim agindo.

Não tive, Sr. Presidente, absolutamente, tal intenção de protelar o voto da Camara sobre o caso, até porque nenhuma animosidade poderia suggerir-me no momento esse modo de pensar.

Julguei, apenas, Sr. Presidente, que tendo o projecto sido á Commissão de Marinha e Guerra e não havendo sido nella convenientemente estudado, visto como o parecer sobre o mesmo projecto foi dado pelo seu proprio autor, conforme...

O Sr. Alberto de Abreu — O projecto não foi á Commissão; sahiu da Commissão.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Mas o Relator foi o autor, diz o avulso.

O Sr. Alberto de Abreu — Isso é uma incorrecção. O projecto é da Commissão toda; foi adoptado pela Commissão.

O Sr. Antunes Maciel Junior — V. Ex. diz isso agora, mas o projecto é do Deputado Gustavo Barroso, que fez até no Club Militar uma conferencia sobre elle.

O projecto, dizia eu, é do Sr. Gustavo Barroso; S. Ex. mesmo apparece como seu Reator, e eu estranhando que a Commissão, por deferencia a S. Ex., houvesse feito tal heresia...

O Sr. Alberto de Abreu — Já disse a V. Ex. que é uma incorrecção do avulso, tanto que V. Ex. não encontra tambem o meu nome como Presidente.

O Sr. Antunes Maciel Junior — ...pensei que o Deputado Gustavo Barroso o tivesse, como se diz vulgarmente, feito e baptisado.

O Sr. Alberto de Abreu — O Sr. Gustavo Barroso apresentou o projecto á Commissão, e, estando já o assumpto estudado e demonstrado em conferencia feita por S. Ex. no Club Militar, a Commissão não teve difficuldades de acceital-o como seu.

O Sr. Antunes Maciel Junior — O avulso não explica o que agora allega o Sr. Presidente da Commissão de Marinha e Guerra; traz apenas, seu parecer, uma justificação do projecto, assignada — Gustavo Barroso, Relator, entre outros nomes da Commissão, inclusive o do Sr. Deputado Abreu.

O Sr. Pedro Moacyr — Logo não está regimentalmente apurada a opinião da Commissão.

O Sr. Antunes Maciel Junior — O avulso é como disse, apenas uma justificação do projecto com varias assignaturas, inclusive a do Sr. Gustavo Barroso, como Relator.

Ora, eu que havia lido na revista «Selecta» a conferencia do Sr. Deputado Barroso, a respeito do projecto, e li agora o avulso, julguei — repito — que a Commissão, por uma deferencia para com o autor do projecto, tivesse incumbido a elle proprio de o relatar.

O Sr. Alberto de Abreu — Si V. Ex. confrontar os dous projectos ha de encontrar entre ambos differenças bem grandes.

O Sr. Gustavo Barroso — A Commissão suggeriu varias modificações a que accedi; mas não assignei o projecto como relator. O «relator» do avulso foi erro de impressão.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Vá á conta de erro de impressão. Muito cabe nessa excusa!

O Sr. Pedro Moacyr — Quer dizer que a Commissão desfigurou o projecto na sua esthetica.

O Sr. Gustavo Barroso — A Commissão melhorou o projecto.

O Sr. Alberto de Abreu — Retocou.

O Sr. Bueno de Andrada — A Commissão enfeitou a creança para o baptisado.

O Sr. Pedro Moacyr — Poz o penacho aos dragões. (*Riso.*)

O Sr. Antunes Maciel Junior — Constava tambem, Sr. Presidente, que o projecto acarretaria para o Thesouro Nacional uma despeza de cerca de cem contos de réis.

A Commissão nada disse a respeito; dahi tambem a minha intenção de o fazer presente á Commissão de Finanças. Uma vez, porém, que se me attribuiram méros intuitos protelatorios, apresentando o meu requerimento, não tenho duvidas em retiral-o, deixando á Mesa o encargo de encaminhar ou não o projecto áquella Commissão.

O Sr. Pedro Moacyr — V. Ex. acha então que ha augmento de despeza?

O Sr. Antunes Maciel Junior — Sei do augmento, porque o proprio autor confessa que a despeza será de 100 contos de réis.

101

O Sr. Alberto de Abreu — A despeza é apenas de adeantamento para acquisição de uniforme.

O Sr. Bueno de Andrada — Si houver augmento de despeza não é preciso requerer que o projecto vá á Commissão de Finanças. A propria Mesa tem obrigação de envial-o para lá.

O Sr. Pedro Moacyr — «Ex-propria autoritate», a Mesa mandará á Commissão de Finanças.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Retirarei, assim, Sr. Presidente, o meu requerimento. Antes, porém, de o fazer, quero dizer á Camara que votarei contra o projecto. Fal-o-hei na qualidade de representante rio-grandense e cultor das tradições da minha terra e por entender que tal projecto está longe de consultar as tradições do Exercito nacional, que o nobre Deputado do Ceará diz querer reviver.

O Sr. Gustavo Barroso — V. Ex. esquece os regimento de cavallaria da guarnição do Rio Grande do Sul, o 4º e o 5º que, por decreto de 1845, eram chamados regimentos de dragões ligeiros.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Em uma Republica de tubarões só faltavam os dragões. (*Riso.*)

O Sr. Gustavo Barroso — Já temos as sereias votante de V. Ex. (*Riso.*)

O Sr. Antunes Maciel Junior — Tomo nota do aparte do nobre Deputado Barroso, mas nem por isso deixarei de dizer que reputo o seu projecto antes uma facecia do brilhante espirito do litterato «João do Norte» do que um projecto do Deputado pelo Ceará.

O Sr. Gustavo Barroso — Agradeço a V. Ex. e o aconselho a ler a historia militar do seu paiz, para chegar á conclusão diversa.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Estamos em vesperas guerreiras, quebradas as nossas relações com a Allemanha e acompanhando a esteira dos Estados Unidos na attitude na conflagração mundial, temos uma Commissão Mixta composta de Deputados e Senadores para estudar a Defesa Nacional; temos uma Commissão de illustres brasileiros, formando a Liga da Defesa Nacional, preoccupada tambem com o importantissimo assumpto; esse problema de nossa defesa é calorosamente tratado na imprensa, dia a dia, pois é em uma occasião dessas, precisamente, que o nobre Deputado pelo Ceará vem propôr um projecto com fins puramente decorativos.

Ora, faço justiça ao Exercito nacional, para acreditar que; no intuito de reviver as suas tradições, não é necessario...

O Sr. Mauricio de Lacerda — V. Ex. tem razão: como figura ornamental já é demais o que existe. (*Ha outros apartes.*)

O Sr. Antunes Maciel Junior — ... que o estimulemos com a contemplação de meia duzia de ginetes, montados mais ou menos garbosamente por soldados transformados em heroes carnavalescos.

O typo representativo da cavallaria brasileira, ao que sei da nossa historia, é o typo do cavalleiro rio-grandense. Não sou eu quem o diz: disse-o Garibaldi quando tomou parte na revolução rio-grandense. Como verdadeiros typos de cavalleiros rio-grandenses, posso citar, entre outros, Osorio e Andrade Neves. Exactamente esses dous bravos generaes costumavam entrar no combate á paisana, agitando os seus «palas», como a guiar com elles a sua carga heroica aos inimigos. Portanto, ainda nesse particular, os Dragões da Independencia virão a ser com as suas armaduras de arabescos e guirlandas negação absoluta da simplicidade dos véros veteranos da nossa cavallaria.

O Sr. Gustavo Barroso — Dragões com armaduras e guirlandas, só em caixão de defunto.

O Sr. Antunes Maciel Junior — São os que V. Ex. projecta... Nestas condições, eu, como Deputado pelo Rio Grande do Sul, não podia approvar o projecto do nobre Deputado pelo Ceará.

O Sr. Mauricio de Lacerda — V. Ex. disse que o projecto é uma pilheria; entretanto, está levando o caso a sério de mais.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Peço ao nobre Deputado Barroso que não leve a mal a minha opposição; antes, traduza-a como fructo do muito amor que professo pelas tradições da nossa terra. (*Muito bem; muito bem.*)

"Gazeta" - 30. junho - 1917

João do Norte (Gustavo Barroso) o nosso presado companheiro de trabalho, talvez quando esta nota fôr lida já tenha á venda nas livrarias do Rio, o seu novo livro *Idéas e Palavras*, reunião de chronicas, estudos e artigos sobre varios assumptos, agrupados em capitulos, dos quaes destacamos os seguintes: «As lendas», «Modernismos», «O romantismo», «Indios e Negros», «Da historia», «Da minha terra», «A guerra balkanica», «Italia contra Turquia», «A Grande Guerra», «Religião e Arte».

Editado pela livraria Leite Ribeiro & Maurillo, *Idéas e Palavras* está destinado ao mesmo successo que tiveram os outros livros do fino e sempre interessante escriptor que é João do Norte.

"A Rua" - 26 - junho - 1917

Os Dragões da Independencia

INTERESSANTE DEBATE NA CAMARA

Posto a votos o projecto do Sr. Gustavo Baroso creando os Dragões da Independencia" fallou o Sr. Mauricio de Lacerda combatendo-o, achando-o nesnecessario, inicuo,, inopportuno. O brilhante representante fluminense fez tambem humorismo em torno do projecto, que o Sr. Gustavo Barroso, em aparte, declarou ter sido bem acceito por varios Generaes. Deixando o Sr. Mauricio a tribuna, depois de salientar que outros projectos utilissimos dormem o somno do esquecimento nas pastas das commissões, emquanto o do Sr. Gustavo vae tendo andamento rapido, fallou o representante cearense justificando brilhantemente o seu projecto. Disse S. Ex. que o projecto em votação não é uma futilidade como pode parecer. Elle contribue sobremaneira para a questão da defesa nacional.

Não queria dar a este respeito opiniões suas, por pouco valerem. Citarei autoridades militares de grande peso em seu favor.

Cesar, na época em que se viu assoberbado por maiores difficuldades na campanha das Gallias, a par de medidas militares technicas de grande peso, creou a celebre legião da Cotovia ("legion de l'Alonette"), composta dos melhores elementos do paiz, que lhe serviu de guarda de pessoa e onde entraram os veteranos que mais se distinguiram nas batalhas. Foram excellentes os resultados dessa tropa da elite como estimulo e incutidora de enthusiasmo.

Vendo-se em verdadeira apertura, na luta contra os legitimistas dos Studarts, Oliveiro Cromwell organizou com ferrea disciplina o seu exercito de puritanos e não se esqueceu de fazer um corpo especial, de "elite", estimulo aos outros batalhões e no exercito inteiro. Foi o celebre regimento dos "Costellas de Ferro", de que nos falla o "Regicid's Trial", que usava a farda vermelha ainda hoje conservada na Grã Bretanha.

A Russia, invadida pelos francezes, com as fronteiras diminuidas, teve com o mesmo fim os seus "Husares da Morte", cujo commandante foi a propria Rainha Luiza.

Quando a França se viu invadida pelas potencias européas colligadas, Napoleão creou o regimento da Guarda de Honra, composto pela mocidade franceza, para dar exemplos de patriotismo e coragem.

Ao creal-o, observou ao Marechal Berthier, chefe do Estado-Maior:

"On leur donnera un bel habillement, car les beaux uniformes superexcitent les passions guerriéres des jeunes gens. Cette vetilé admiré per Frederic le Grand est aussi mon opinion."

Respondendo a um aparte do Sr. Maciel Junior, disse o Sr. Gustavo Barroso:

— No combate de Sarandy, ao tempo da revolta do sul, a cavallaria federalista, do vosso partido, quiz tomar a artilheria legalista a laço. V. Ex. certamente queria que eu fizesse um projecto creando o regimento de "laçadores a cavallo", para perpetuar esse feito.

Afinal não houve numero para votação. A maioria presente votou a favor tendo á frente o seu "leader".

103

"O Nacional" - Rio 26 - junho - 1917

Ceará de hontem

e Ceará de hoje

Através das impressões do

Sr. Gustavo Barroso

O Sr. Gustavo Barroso encara o Ceará, seu Estado natal, como um verdadeiro convalescente em quadra em que procura refazer suas forças.

Depois da quéda da situação acioliyna, em 1912, historia S. Ex. o Ceará não teve mais repouso. Viveu

DR. GUSTAVO BARROSO

em constante lucta, desfrutando apenas agora um descanso completo.

E' assim que fala o Sr. Gustavo Barroso:

"O governo popular que succedeu á antiga oligarchia, pela inepcia de seu chefe, deixou-se arrastar até a mais baixa anarchia. Foi a época das vaias, dos saques e dos incendios. Os elementos politicos perseguidos por essa situação governamental, que não receiava diante das maiores violencias, congregaram-se, confederaram-se e repelliram na altura as vexações que lhes eram impostas, desencadeando a revolução de 1914.

Então, escolheram, para dirigir o Estado, um homem fóra da politica, o qual, daquelle chãos fez sair a ordem social, brotar a ordem politica e renascer a ordem constitucional. Mas o flagello terrivel da secca vergastou a infeliz terra cearense, já tão abalada na sua vida social e completamente exhausta de recursos financeiros, devido ás perturbações politicas e ao doidejar da administração que as provocou. Veiu sobre a mais terrivel das crises financeiras, a peior das crises economicas. E, se não fôra a tempera de aço dos meus patricios, o Ceará teria naufragado. Mas a desgraça é o cadinho em que se revigora physica e moralmentee.

Deste ligeiro resumo bem se vê quanto tem soffrido aquella terra infeliz e de como lhe será propicio um periodo de repouso."

Depois de um longo silencio em que S. Ex. esteve naturalmente recordando com maiores minucias o que foi aquelle periodo nefasto para sua terra, disse num desafogo:

"Actualmente o Ceará desfruta paz nos arraiaes politicos, vagaroso reconstruir nas suas lides economicas e um governo calmo, ponderado, que se esforça por evitar as questões politicas e encaminhar bem o Estado.

Entretanto, tudo isto vai adquirindo com difficuldades. Ainda bem se não curára das feridas que a secca lhe deixou, já um inverno enorme, despropositado, verdadeira "secca d'agua", no expressivo dizer do sertanejo, vinha causar-lhe grandes males, prejudicando as suas roças, especialmente as plantações de algodão, inundando as suas principaes cidades, o que lhe causou vastos prejuizos, difficilmente sanaveis.

Além das chuvadas, mais outra praga o affligiu. Appareceram, em quasi todo o interior, quantidades incontaveis de ratos, de punarés, de guabirús, de pixunas, que devoraram as plantações e amaninharam as terras de cultura como uma nova praga do Egypto.

Até hoje só se ouvira falar na invasão da Bulgaria por cardumes, bandos, alcateias, exercitos de ratazanas enormes, em meiados do seculo passado. Agora, foi a vez da minha boa terra natal. Se a Africa tinha gafanhotos, a Argentina, "langostas", a Australia, coelhos e a Nova Zalandia macacos, já o Ceará possuia praga identica, as "avoantes", as "rabaças", as ponbas de bando, as pombas de arribação, que, em certas épocas, enxameavam pelos sertões, devorando os milheiraes, os mandiocaes, os batataes e os feijoaes. Porém esta só não bastava para affligir aquella região. E a natureza, tão previdente para os desgraçados, fez com que o exemplo unico dos ratos da Bulgaria se repetisse no meu querido Ceará.

O Ceará conta agora, para sua salvação, com duas novas fontes de renda: o vegetal chamado baco-baco, que dá uma fibra excellente e a immensa safra de algodão.

Felizmente, parece que se acabou o tempo das luctas estereis, entre os partidos cearenses. E, assim, tenho esperanças que ás outras calamidades não se juntará mais essa. Ademais, ha, hoje em dia, o convencimento da grande força politica, que é, no Estado, o partido conservador.

Mesmo não creio em forte agitação para a organização da chapa federal. Tinhamos tres senadores e seis deputados.

O partido adverso fizera quatro deputados, porque realizára comnosco uma combinação politica, visando esse resultado.

Na questão da successão presidencial cearense, dois dos nossos deputados, sem publicar um manifesto, sem uma explicação publica ou particular, ao menos, de sua conducta, alinharam-se nas fileiras inimigas, dando, desta maneira, a ellas, na Camara, uma maioria, toda occasional.

Tratando-se de confeccionar outra chapa, é logico que o partido conservador não se queira encarregar de eleger esses dois desertores. Que delles se encarreguem, se puderem, os novos amigos.

Estes, por sua vez, não poderão fazer mais de quatro, isto é, se puderem ainda fazer quatro, devem se dar por muito felizes.

A elles compete o terço numerico da chapa. E o terço numerico de dez são tres.

Dahi girar a sua acção em torno da reeleição de toda a chapa. Eu até já fui sondado a respeito. Respondi que estaria, caso o meu partido não fosse contrario a essa idéa, pela reeleição dos nossos quatro fieis e dos quatro adversarios, devendo o P. R. C. eleger dois novos nomes para as suas duas vagas, suas de facto e de direito. Os meus principios de moral politica e mesmo particular fazem-me preferir a victoria do meu partido, embora em detrimento pessoal meu, á prolongação de um "statu-quo", no qual eu, talvez, ganhasse e o meu partido perdesse.

Queiram os numes, no entanto, que nenhuma dessas questões produza a menor agitação na minha terra, cuja convalescença ainda durará por muito tempo

"Razão" - 27 - junho - 1917

Os Dragões e o sr. Maciel

O deputado Maciel Junior insurgiu-se contra o projecto do sr. Gustavo Barroso que manda crear no nosso Exercito os Dragões da Independencia. Não foi feliz o representante da opposição riograndense querendo destruir a idéa patriotica do deputado cearense.

Existem em toda a parte do mundo regimentos de élite que com os seus vistosos fardamentos estimulam no povo o amor á farda e á patria.

E depois para que havemos nós de debochar um sentimento patriotico, que transformado em realidade, virá dar mais brilho ao nosso Exercito?

Quando Berthier, marechal de França, duque de Valengin, principe de Neufchatel e de Wagram, apresentou a Napoleão o projecto da creação das Guardas de Honra, que deviam ser compostas pela melhor parte da mocidade franceza, o imperador escreveu á margem: "On leur donnera un bel habillement."

E commentou: "Les beaux uniformes surexcitent les passions guerriéres des jeunes gens. Cette opinion de Frederic le Grand est aussi la mienne."

Mas que valem, em materia militar as opiniões de Frederico e Napoleão deante das do sr. Maciel?...

"Jornal do Commercio"
Varias - 27 - junho - 1917

O Sr. Deputado Gustavo Barroso recebeu hontem do Sr. Dr. Manoel Bernardez, Ministro do Uruguay nesta Capital, o seguinte telegramma:

«Rio, 26 — Tenho a satisfação de transmittir a V. Ex. o texto de um telegramma que acabo de receber do Sr. Dr. Balthazar Brum, Ministro das Relações Exteriores do Uruguay:

«Por vapor «Liger» expide-se cajon dirigido esa Legacion con uniforme del regimiento Blandengues de Artigas, conpuesto de casaca, pantalon, morrion, correaje blanco, nananas y botas. Accediendo a gestion realisada ante Ministro de la Guerra, Sanchez, por Introductor Diplomatico Firmino Yeregui. El Ministerio de la Guerra oferece contenido dicho cajon al Deputado federal Gustavo Barroso, a quien interesa-le para cooperar nel restabelecimiento del cuerpo de Dragones de la Independencia, presentando antecedentes historicos otros paizes. Sirva-se V. Ex. prevenir el Deputado Barroso. — *Balthazar Brum*, Ministro de Relaciones Exteriores.» V. Ex. fica, assim, inteirado do assumpto e queira aceitar meus melhores sentimentos. — *Manoel Bernardez*, Ministro do Uruguay.»

"Gazeta de Noticias"
27-junho-1917

Os Dragões da Independencia

O primeiro combate!

O campo de batalha foi a Camara

Os Dragões da Independencia, do regimento esthetico creado pela imaginação do Sr. Gustavo Barroso, entraram hontem em fogo, pela primeira vez. Acantonado num projecto pomposo o lusido corpo fôra, ha dias ameaçado, por um requerimento do Sr. Maciel Junior, que conseguiu repellir com galhardia.

Hontem, porém, um corpo de infantaria, com o Sr. Mauricio de Lacerda, á frente, pretendeu tomar de assalto a posição, desalojando dali a guarnição.

A defesa foi difficil. Os inexperientes soldados não souberam carregar de accordo com a tactica moderna, tendo as perdas sido enormes. Os brilhantes fardamentos ficaram maltratados, o que, nestes tempos biculos de crise, é motivo para grande tristeza. Houve cargas de baioneta e fuzilaria. Os atacados responderam a lança.

Damos abaixo uma "impressão colhida no local" da grande batalha... oratoria.

A CARGA DE BAIONETA DO SR. MAURICIO

Acha jocosa a iniciativa do Sr. Gustavo Barroso, creando os Dragões da Independencia. O deputado cearense quer fantasiar os soldados do 1° regimento de fenianos ou de democraticos; e nisso mostra tanto interesse que o seu projecto, ao contrario do que succede commummente, vai tendo uma carreira vertiginosa. O Sr. Mauricio de Lacerda é de opinião de que antes se deveria crear um corpo de amazonas montadas, idéa que defende como feminista que é.

O projecto do Sr. João do Norte não póde ter sido recebido pelo Exercito.

— Tive o seu apoio incondicional, adverte o autor do projecto.

O Sr. Mauricio continua a fazer ironias contra a briosa unidade. O Sr. Barroso magôa-se e diz que vai responder ás observações do seu collega.

"LA GARDE MEURT, MAIS NE SE REND PAS..."

O autor do projecto vem com a historia na mão, citou factos, cousas e homens para justificar a sua idéa.

O Sr. Mauricio quer tambem mostrar conhecimentos historicos e o Sr. Barroso o interrompe:

— V. Ex. está a historia em falso.

Zanga-se o Sr. Mauricio com a pilheria

— Conheço a historia!

— Não conhece!

O Sr. Gustavo continuou a fazer citações historicas, aparteado pelos Srs. Mauricio, Moacyr, Maciel Junior. Disse saber dé cór uma nota de Napoleão á margem de certo documento.

— V. Ex. tem boa memoria, aparteia o Sr. Moacyr.

— O nobre deputado é damnado na historia! accrescenta o Sr. Mauricio.

O Sr. Gustavo Barroso propõe-se a fazer a citação em francez. Felizmente sei historia e francez.

E o Sr. Gustavo Barroso pronuncia algumas palavras na chamada lingua de Victor Hugo.

O duello foi sangrento e sobre o campo da luta ficaram destroços e feridos, carinhosamente tratados pela Cruz Vermelha, nesse caso representada pelo encarregado do serviço tachygraphico, Dr. Jacy, que remendou, em seguida, os periodos e poz compressas de sal nas orações...

"Paiz" - 27 de junho de 1917

Os dragões da Independencia.

Para responder á critica alegre que o Sr. Mauricio de Lacerda fez do seu projecto, o Sr. Gustavo Barroso pronunciou hontem algumas palavras, o *quantum satis* para pôr a sua idéa a coberto de censuras, cuja fragilidade se presume do simples tom adoptado pelos censores.

Ninguem póde negar que, para um exercito de profissionaes como é o nosso, onde a soldadesca possue poucos estimulos, um corpo de élite, feito de homens escolhidos, sob todos os pontos, com regalias e uma situação especial, constitue um meio evidentemente feliz para proporcionar a todos os demais batalhões e regimentos um modelo de garbo, de conducta e de virtudes militares.

Bastava essa consideração unica para recommendar o projecto á boa vontade de toda gente, como teve a de todos os officiaes do exercito que tiveram ensejo de se manifestar a respeito.

Mas o projecto tem uma outra virtude e é a de relembrar permanentemente á memoria dos brasileiros o mais glorioso de nossos feitos — a Independencia e a fundação da nossa nacionalidade.

Em todos os paizes do mundo existem regimentos especiaes, como bem lembrou o Sr. Gustavo Barroso, mas em nenhum paiz se justificou tão patrioticamente a fundação de um regimento dessa natureza como no Brasil, associando á sua creação um sentimento elevado como o da gratidão nacional por aquelles que pela libertação da Patria offereceram e abnegadamente derramaram o proprio sangue.

Quanto ao vistoso uniforme, que particularmente mereceu as censuras dos adversarios gratuitos do projecto, o Sr. Gustavo Barroso lembrou palavras escriptas pelo proprio punho do maior guerreiro. Napoleão, em momento de grande inspiração militar escreveu que as fardas vistosas excitam os sentimentos guerreiros dos soldados e assim exigia para os soldados da sua "guarda de honra" os mais bellos fardamentos. E foi a opinião do grande Corso que o Sr. Gustavo Barroso teve a feliz idéa de oppor á do deputado Mauricio de Lacerda.

"Diario Official" 27 de junho de 1917

O Sr. Presidente — Vou submetter a votos o seguinte

REQUERIMENTO AO PROJECTO N. 71, DE 1917

Requeiro que, sobre o projecto n. 71, de 1917, seja ouvida a Commissão de Finanças, cujo parecer informará a Camara acerca das despezas que acarretará a creação do regimento «Dragões da Independencia», sem prejuizo da discussão. — Antunes Maciel Junior.

O Sr. Antunes Maciel Junior (*pela ordem*) — Venho renovar hoje, o pedido que hontem tive occasião de formular. Solicito a V. Ex. consulte á Casa sobre se consente na retirada do meu requerimento.

Consultada, a Camara concede a retirada do requerimento do Sr. Antunes Maciel Junior.

O Sr. Presidente — Vou submetter a votos o art. 1° do projecto n. 71, de 1917.

O Sr. Mauricio de Lacerda (*pela ordem*) — Sr. Presidente, peço licença ao honrado Deputado autor do projecto para achar a sua iniciativa muito jocosa, pelo facto de restaurar tradições, fardando de guarda de honra, de feniano ou democratico o 1° regimento de cavallaria do Exercito. Feminista que sou, tive até uma impressão favoravel na qual permaneço; a de apresentar um additivo que tambem restaure outras tradições muito mais vetustas, por exemplo a das amazonas. Imaginem como bem pareceria um regimento de amazonas garbosamente montadas.

S. Ex., entretanto, permaneceu no regimento de dragões e o seu projecto de ordem ornamental teve uma consagração, que ella só bem define o estado de espirito do paiz. De facto, de projectos que, em vista do Exercito ser já demasiado ornamental em nossa organização defensiva, tinham sido propostos ao estudo desta, como da outra Casa do Congresso consignando medidas rapidas, immediatas, que lhe garantissem a efficiencia seria, desses projectos ninguem sabe, afundaram no perpetuo silencio e no impenetravel segredo das Commissões de uma como de outra Casa.

O projecto do nobre Deputado, entretanto, que, a ser approvado, é um projecto inocuo, porque apenas muda a casca ao páo, sobre-doira e a doirado de banana, as dragonas dos dragões do 1° regimento, esse projecto, que eu não quero classificar de futil, porque não desejo offender ao certo bellissimas intenções do legislador, vae tendo um curso mais do que rapido, vertiginoso no Congresso.

E emquanto isto, as nossas companhias de infanteria do Exercito, a se dividirem pelo numero de officiaes, dariam quatro soldados para um capitão. A nossa artilharia, ao passo que a Argentina dispõe de innumeras boccas de fogo de tiro rapido, tem apenas 164 canhões, inclusive os de tiro longo. A nossa cavallaria, que o honrado Deputado quer fantasiar de dragões, não tem cavalhada e os animaes que actualmente são por ella utilizados não teem o trato necessario.

Um projecto de autoria do Sr. Nabuco de Goveia, nesta Casa, mandando instituir os «haras» para que pudessemos apurar uma raça de guerra, dorme o somno infinito e beatifico que só as Commissões sabem propinar. As inicativas do Sr. Mario Hermes se tornam inviaveis pela multiplicidade dos assumptos encarados, atordoando a propria Camara, mas cada um de per si é dos mais interessantes.

Pois bem, o Sr. Mario Hermes, mediante mensagem do Poder Executivo, que pedia a instituição do serviço militar, por outro systema, que não o actual, visto que o voluntariado não deu resultado e o sorteio falhou, de modo que era preciso appellar para um novo methodo de formação do Exercito nacional, apresentou o seu projecto, que soffreu um desses...

O Sr. Pedro Moacyr — Eclipses.

O Sr. Mauricio de Lacerda — ...eclipses, como muito bem observa o nobre Deputado, e delle não ha noticia nos *Annaes* desta Casa.

O Sr. Barbosa Lima — Mas não ha uma commissão mixta incumbida dos assumptos relativos á defesa nacional?

O Sr. Mauricio de Lacerda — Exponho; não tenho dons de pesquiza tão apurados que possa agora estar descobrindo onde se acham escondidos os projectos nesta Casa.

Estou encarando a marcha deste projecto em face da marcha dos demais.

O Exercito, Sr. Presidente, do qual não sou um cortejador, mas até um critico severo e muitas vezes acerbo, o Exercito, permitta o nobre Deputado, não podia receber esta idéa, elle que está visivelmente mutilado, enfraquecido, incapaz de corresponder aos seus destinos, sinão como uma pilheria desagradavel, neste momento, em que tão graves cogitações arremessaram esses soldados para uma linha bem tenue que os separa da mobilização.

O Sr. Alberto de Abreu — V. Ex. dá licença para um aparte? O autor do projecto fez uma conferencia sobre o assumpto no Club Militar.

O Sr. Gustavo Barroso — E tive o apoio, póde-se dizer, incondicional, do Exercito, da maior parte dos generaes, do Sr. Ministro da Guerra, do director da Escola Militar e de quasi toda a officialidade que me convidou para fazer a conferencia. Não é este, entretanto o ponto a que quero chegar; mas, examinando o assumpto mesmo pelo lado faceto...

O Sr. Mauricio de Lacerda — Pelo lado «Fon-fon».

O Sr. Gustavo Barroso — Onde V. Ex. publicou o seu retrato com poucos annos de idade.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Publicaram V. V. Exs.

O Sr. Gustavo Barroso—Porque V. Ex. mandou (*Riso.*)

O Sr. Mauricio de Lacerda — Pela simples razão de que V.V. Exs. m'o pediram. (*Riso.*)

O Sr. Gustavo Barroso — Mas examinando por esse lado, dizia eu....

O Sr. Mauricio de Lacerda — Nunca pedi o logar de redactor do «Fon-Fon».

O Sr. Gustavo Barroso — Nem eu. Fui convidado e ganho lá honradamente a minha vida como jornalista, o que V. Ex. não é, não foi e nunca será.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Que mal ha nisto? V. Ex. acha que alguem fica deprimido só porque nunca foi jornalista?

O Sr. Gustavo Barroso — V. Ex. está levando o projecto para o lado faceto; quero simplesmente dar uma opinião a respeito.

O Sr. Pedro Moacyr — O debate está errado. Em se tratando de materia militar, V.V. Exs. devem consultar a opinião do Sr. Ministro da Fazenda que, neste momento, é o da Guerra, porque está fazendo munições na Casa da Moeda.

O Sr. Gustavo Barroso — O orador encara o assumpto pelo lado dos uniformes, por esse lado engraçado e interessante para S. Ex.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Eu me vou sentar para que V. Ex. possa fazer o seu discurso.

O Sr. Gustavo Barroso — Desejo simplesmente dar a minha opinião e posso fazel-o em aparte.

O Sr. Mauricio de Lacerda — V. Ex. é mais jornalista do que Deputado se não pediria a palavra pela ordem e me responderia.

Sr. Presidente, desculpo esta irritação do nobre Deputado pelo Ceará. Isto de ser pae de um projecto dá mesmo um prurido de amor paterno. O sentimento paternal é exaggerado por natureza. Não ha pae que não extremeça o seu filho. E' regra que nem sempre os paes enxergam os defeitos dos filhos, só podendo os estranhos divisar esses defeitos. Como, pois, podia o nobre Deputado achar defeito em seu projecto? S. Ex. tem sentimentos paternaes que suffocam todas as defeituosidades da creança.

O Sr. Gustavo Barroso — Os mesmos que V. Ex. quanto ao voto feminino.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Justamente porque dei o voto ás mulheres, desde que esse projecto passe, proporei a creação de um batalhão de amazonas.

E' mais historico e, sobretudo, muito mais elegante e «chic». E por que não? Poderá S. Ex. dizer que é uma idéa estapafurdia, mas a guerra restaura da antiguidade, entre tantas outras cousas, esse costume de lançar as mulheres tambem ás lutas. Não vemos, na Russia, um regimento commandado pela Sra. Kukutsova, mulher de um dos ministros cahidos em virtude da revolução, batendo-se na linha de frente? Por que não hão de ter as brasileiras o seu regimento? A idéa nada teria de censuravel. Imagine V. Ex. um regimento de Dragões, dando a ultima carga atrás das amazonas. (*Riso.*)

Vê V. Ex., Sr. Presidente, que, longe de ter eu um ponto de vista faceto, quanto ao projecto, tenho-o organico. Quero até completal-o.

Quanto ao facto — e agora respondo ao aparte do nobre Deputado — a que precedera uma noticia do honrado representante do Paraná, de ter S. Ex. feito uma consulta oral ao Exercito, a respeito do seu projecto, para o qual diz que obteve o apoio de todos os generaes, só tenho a dizer o seguinte: Realmente! Que Exercito!...

Eu ia tomar sua defesa; mas os nobres Deputados compromelteram as palavras de sympathia que eu lhe pretendia dirigir. Imaginem SS. EEx. que esses generaes, neste momento, estão tratando de fantasiar de dragões um regimento de cavallaria! Quando a nação inteira, como os proprios elementos de suas fileiras, reclamam um exame grave, sério e rapido das circumstancias que fizeram definhar a nossa efficiencia militar, esse exame sério, rapido e grave não vem; e o Exercito se conforma com essa situação e examina graciosamente materia de «toilettes» militares, como qualquer modista ou alfaiate.

O que me parece, Sr. Presidente, é que o honrado Deputado recebeu uma gentileza da parte dos generaes, que não quizeram contrariar a sua iniciativa. Não posso, porém, acreditar que esse Exercito esteja tão contente com a sua sorte, que já se preoccupe com esses «pufs» e outros adornos que a futilaria dos fardamentos, mais ou menos deve entregar á cogitação de costureiros; que o nosso Exercito, que ha dias reclamava, ameaçando quasi (e os jornaes traduziam e ninguem o contestou de modo cabal e satisfatorio) contra o descaso em que o Congresso — sempre o Congresso! — e o Governo tinham deixado a sua organização, determinando que elle falhasse inteiramente ao seu destino, não posso acreditar que esse Exercito esteja contente com a sua sorte, que esteja a se divertir em se fantasiar de dragões e a dar a ultima carga nas revistas!

O nobre Deputado me perdôe. Não tenho contra a iniciativa de S. Ex. o menor «parti pris». Não vim á tribuna com o pensamento predeterminado de ataque ao seu projecto. Traduzo, singelamente, uma impressão.

O projecto de S. Ex. é innocuo, não vae produzir cousa alguma. Neste momento, é até, Sr. Presidente, de máo gosto que, entre tantas preoccupações que a organização militar do paiz incipiente, incongruente e incapaz, nos impõe, estejamos a nos divertir em mascarar Regimento de Dragões e mesmo a crear o meu regimento de amazonas. Entendo assim. Posso estar profundamente errado. Podem os valorosos generaes que acceitaram essa fantasia, occorrida ao espirito do nobre Deputado — nem posso classificar de outro modo— podem concordar, mas os que não podem concordar são aquelles que ainda não crestaram o seu enthusiasmo na senectude da vida militar, e que ainda não estão na desesperança de ver o Exercito á altura dos seus destinos e dos seus deveres. Esses, não; esses, naturalmente, hão de rebater a affirmação de que o Exercito se preoccupa com semelhantes ninharias.

E é por isso que eu ainda neste momento, salientando o dissidio que ha entre o espirito novo e o espirito velho das forças militares, prefiro ficar com o espirito novo, achando que este na sua severidade, no austero cumprimento que entende dar aos altos deveres que competem á tropa é ainda o verdadeiro exercito. O resto é apenas uma burocracia fardada. (*Muito bem: muito bem.*)

O Sr. Gustavo Barroso (*para encaminhar a votação*) — Sr. Presidente, vou responder ao nobre Deputado pelo Estado do Rio, simplesmente quanto á parte do seu discurso sobre a inopportunidade e desvalor dos uniformes militares mais ou menos brilhantes.

Não darei opinião minha, darei opiniões que estão consignadas na historia.

Quando Cezar conquistava a Gallia, na época de maiores aperturas, de maiores difficuldades, se viu obrigado a crear uma tropa especial A Legião da Cotovia (Legion de L'alouette); na qual se dava praça aos soldados que mais se distinguiam nas outras; era um corpo de estimulo com uniforme especial, que lhe servia de guarda de pessoa.

Eis um exemplo; agora outro. Na campanha da Prussia, em 1813, quando Napoleão queria diminuir as fronteiras daquelle paiz, depois das batalhas de Hanan, Dresde, Wurstchen e outras, o governo prussiano se viu obrigado a crear os Hussares da Morte, com uniforme especial, para a guarda do corpo da pessoa do soberano, com o fim de estimular o enthusiasmo da mocidade e esse corpo foi até commandado pela rainha Luiza.

O Sr. Mauricio de Lacerda — E a Turquia tinha os janizaros.

O Sr. Gustavo Barroso — Isso era mais antigo e tinha outra significação. V. Ex. cita a historia em falso.

O Sr. Mauricio de Lacerda — V. Ex. quer que eu limite aos de V. Ex. os meus conhecimentos de historia?

O Sr. Gustavo Barroso — Ultimo exemplo e muitos poderia lembrar.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Corpos, como os de janizaros, teem sido tropas pretorianas, servindo para a oppressão.

O Sr. Gustavo Barroso — Os hussares da morte se batiam pela liberdade de seu paiz, contra as tropas invasoras de Napoleão.

O Sr. Mauricio de Lacerda — Conheço a historia.

O Sr. Gustavo Barroso — Não conhece.

106

"Noticia" - 27. junho. 1917

O SR. MAURICIO DE LACERDA — V. Ex. está creando um corpo, não para se bater, mas para ser permanente na paz; tanto que na guerra V. Ex. o dissolve. V. Ex. diz que elle retomará o uniforme de campanha com o numero que tinha antes.

O SR. GUSTAVO BARROSO — Naturalmente. Não é com uniformes brancos e vermelhos e com penachos que se faz a guerra. O exercito inglez, o que melhor mantem as suas tradições e tem os uniformes mais complicados em tempo de paz, é o que tem os uniformes mais praticos em campanha.

O SR. MAURICIO DE LACERDA — Sómente estava respondendo ao argumento de V. Ex.

O SR. GUSTAVO BARROSO — V. Ex. na revista de Aldershot, por exemplo, os Coldstream Guards, os Dragoon Guards; os Highlanders, os Life Guards e outros corpos com capacetes, uniformes, barretinas de 80 centimetros de altura...

O SR. MAURICIO DE LACERDA — E' uma belleza! No 15 de novembro, com o nosso clima, derretia tudo. (*Riso.*)

O SR. GUSTAVO BARROSO —... como nos seculos XV e XVI Para a guerra, porém, todos vão vestidos de kaki, que é uniforme mais pratico do mundo.

O SR. ANTUNES MACIEL JUNIOR — V. Ex. declara que os dragões vão exactamente despir a farda nos dias do combate.

O SR. GUSTAVO BARROSO — Exactamente.

O SR. MAURICIO DE LACERDA — São dragões que não põem fogo pela guela.

O SR. GUSTAVO BARROSO — O nobre Deputado pelo Rio Grande do Sul está de accôrdo com o meu argumento. O que S. Ex. queria — vou explicar á Camara — era lembrar o combate de Sarandy, na revolta do sul, em que os regimentos federalistas de cavallaria, do partido do nobre Deputado, atacaram a artilharia a laço. Queriam laçar os canhões Krupp. Eu não quiz crear um regimento de laçadores a cavallo. (*Riso.*)

O SR. ANTUNES MACIEL JUNIOR — Não queria que V. Ex. apresentasse um projecto lembrando os feitos federalistas ou quaesquer outros; neste momento queria que se comprasse material de guerra. O mais é inopportuno.

O SR. PEDRO MOACYR — O que se quer são soldados de valor, mesmo a laço; não dragões de paradas, ridiculo e carnavalesco. O soldado rio-grandense de um ou outro partido nunca foi carnavalesco!

O SR. GUSTAVO BARROSO — Quando houve a campanha de 1814, em que a França se viu apertada pela ultima coligação que derribou Napoleão, quando lutava com as maiores difficuldades, o Imperador, que era talvez menos bellicoso do que o nobre Deputado pelo Rio de Janeiro...

O SR. MAURICIO DE LACERDA — Pelo menos a respeito das proezas dos tenentes em sua casa, era menos.

O SR. GUSTAVO BARROSO — ... creou o regimento da guarda de honra, no qual se incluia, como estimulo, a nocidade que quizesse servir á Patria.

Encarregou o marechal Berthien, principe de Vagram, chefe do estado maior, de formular o projecto para a organização deste regimento, e escreveu á margem a seguinte nota que sei de cór...

O SR. PEDRO MOACYR — V. Ex. tem boa memoria.

O SR. MAURICIO DE LACERDA — O nobre Deputado é damnado na historia!

O SR. GUSTAVO BARROSO — Posso citar até em francez... Felizmente, sei historia e francez:

«On leur donnera un bel habillement, car les beaux uniformes surexcitent les passions guerrières des jeunes gens. Cette verité, admise par Frederic de Prusse, est aussi mon opinion — Napoleon Bonaparte».

A' opinião de S. Ex. eu retruco com a opinião de Napoleão. A Camara que escolha, em materia militar, entre a opinião guerreira de S. Ex. e a opinião pacifica de Bonaparte. (*Muito bem; muito bem.*)

Approvado em 2ª discussão o seguinte artido do

"Jornal do Commercio"
2ª. tarde - 28. junho - 1917

Idéas e Palavras — Sahio hoje um livro do Deputado Gustavo Barroso, João do Norte: — *Idéas e Palavras.*

Apenas acabámos de recebel-o, e com a curiosidade que merecem todos os trabalhos do escriptor nostista, folheamos logo o volume.

Deste rapido manusear não podemos emittir critica, que exige uma leitura bem saboreada.

Mas o renome litterario de João do Norte é uma garantia sufficiente para o exito do novo livro.

Os Dragões da Independencia

Apezar de estar ahi uma esquadra de norte-americanos, ainda é assumpto de actualidade o projecto do deputado Gustavo Barroso, creando o regimento de "Dragões da Independencia", ou por outra, dando este nome ao 1º regimento de cavallaria do nosso Exercito.

Como era de esperar, esse projecto despertou logo a antipathia de certos deputados a cuja sensibilidade escapa por completo a belleza de coisas como essa. O Sr. Maciel Junior, entre outros, declarou doutoralmente que isso não passava de rematada tolice e mandou ex-abrupto á mesa da Camara um requerimento para que se ouvisse a commissão de finanças daquella casa. O Sr. Sebastião Mascarenhas, como bom mineiro, horrorisou-se logo com a perspectiva das despesas que poderá acarretar o preço apavorante dos uniformes dos dragões! Como o projecto autorisa o governo a conceder aos officiaes de dragões certa quantia, sob fórma de gratificação, para as despesas de compra do novo uniforme, o Sr. Mascarenhas sentiu arrepios tão formidaveis como os que sentiria, se acaso fosse elle que tivesse de pagar as custas...

Na verdade todos os argumentos que se têm adduzido contra o projecto do deputado Gustavo Barroso revelam apenas estreiteza de espirito e mesquinharia. O augmento de despesas que traz esse projecto é irrisorio; e com essa bagatella de dinheiro que se gasta é possivel restaurar uma das nossas mais bellas e mais decorativas tradições militares. Os exercitos, como todas tradições, mantém-se muito mais pelo prestigio exterior do que por outras circumstancias. Em todas as nações ha certo numero de tropas de eleição cujos uniformes, por motivos historicos, se distinguem dos uniformes dos demais corpos. O Sr. Gustavo Barroso, na justificação do seu projecto, citou varies exemplos [illegible] se póde comprehender que idéa tão formosa não tenha desde logo o apoio de todos os homens intelligentes. Ha mais tempo se devia já ter cuidado de restaurar essa e varias outras tradições.

O projecto tem naturalmente defeitos que é preciso corrigir, como por exemplo aquella parte que trata de minucias pertinentes mais á vida interna dos regimentos do que á consideração do corpo legislativo. Mas, sanadas que sejam essas lacunas e cortados os excessos de regulamentação que elle por ventura contenha, tudo indica que a Camara deve approval-o.

O nosso 1º regimento de cavallaria sempre foi destinado a dar guarda de honra aos nossos chefes de Estado. Foi creado exactamente para isso. Nada impede, pois, que elle continue a cumprir a sua missão historica, servindo especificadamente para guardar a pessoa do presidente da Republica, á qual esse corpo ficará vinculado como por uma sorte de compromisso novo, especial, destacado dos compromissos geraes que elle tem como todas as nossas forças armadas. Pela sua antiguidade, pelas suas glorias, pelos seus serviços passados e pela sua missão particular, esse regimento ficará sendo uma especie de modelo para todas as demais unidades do nosso Exercito. Pertencer a elle será honra notavel — o que trará certa emulação entre a officialidade, emulação que, si por acaso arrastar comsigo certos inconvenientes, estes serão compensados por muitos bens.

O projecto do Sr. Gustavo Barroso é bellissimo; é até uma das mais bellas idéas que têm apparecido ultimamente na Camara dos Augustos e Dignissimos Srs. Representantes da Nação... ANTONIO TORRES.

"Rua" - 28 - junho - 1917

Os "Dragões da Independencia"

Como o projecto foi acolhido no seio do exercito

O projecto do deputado Gustavo Barroso que ora na Camara está levantando discussão e (por que não dizel-o ?) opposição de alguns collegas do joven deputado pelo Ceará, projecto esse referente á creação no Exercito de uma unidade de "elite", com caracter historico, o que deve ser conseguido com a transformação do 1° regimento de cavallaria, no Regimento dos Dragões da Independencia, teve no Exercito a mais agradavel repercussão.

Realmente a idéa de dotar o Exercito de um corpo dessa ordem a exemplo do que já existe em quasi todos os Exercitos do mundo é das mais dignas de applausos e foi deante dessa atmosphera de sympathia que o projecto citado teve a sua entrada na Camara.

Agora com a discussão suscitada, occorreu-nos fazer um ligeiro inquerito no meio da classe militar e com grande prazer registramos ter essa mesma discussão cada vez mais accentuada a sympathia do Exercito pelo projecto.

No Quartel General desde o 2° Tenente até o General todos acham excellente a idéa.

—E' forçoso crear uma unidade de "elite" para o Exercito, dizem, para que o estimulo exista. Além disso não se trata apenas disso, mas de um meio de incorporar ao Exercito, como uma lembrança viva, uma ou antes a mais brilhante pagina da historia nacional — A Independencia.

Uns, é verdade, não realmente enchusiastas "dessas cousas que acham muito bonitas e viaveis", mas nem por isso lhes são contrarios, achando que não se deve perder essa opportunidade.

No meio da officialidade, porém, em summa, a opinião geral é a mais favoravel, tendo sobretudo impressionado agradavelmente o modo brilhante com que na Camara hontem o deputado cearence justificou o seu projecto.

E ficou satisfeita, desse modo, a nosso curiosidade.

"Diario Popular" S. Paulo — 27 - junho - 1917

REGIMENTO DE DRAGÕES

~~Escrevem-nos~~:

"O deputado cearense dr. Gustavo Barroso que não é só politico illustrado como tambem distincto literato e que firma as suas producções com o pseudonymo de "João do Norte", apresentou, a 19 do corrente, um projecto de lei autorizando no exercito nacional a creação do regimento de dragões da Independencia.

Interessado pelo estado das cousas historicas, militares e nacionaes, o autor deste projecto de lei fundamentou-o logicamente.

Desde alguns mezes, da sessão passada, que, o deputado Gustavo Barroso cogitava de recolher informações e apontamentos que o habilitassem á propor a adopção desta unidade no nosso exercito.

Nas suas investigações, em archivos, tradição oral, livros, estampas e outras informações, elle, conseguio verificar que : desde os tempos do vice-reinado portuguez no Brasil existiram os dragões d'El-Rey, força militar destacada em Minas e da qual faz referencias o erudito escriptor Affonso Arinos, nas suas chronicas literarias e no drama "O contractador de Diamantes". Os dragões tomaram parte nas guerras coloniaes do Sul e quando houve o 7 de Setembro, d. Pedro I contava-os, em esquadrão, na sua escolta ; como se póde ver no quadro historico do pintor Pedro Americo e que embelleza o salão principal do Museu do Ypiranga.

A historia dos povos tem direito ao culto dos intellectuaes e dos episodios della os educadores do civismo nacional tiram constantes exemplos e lições.

Justo é que neste periodo de restabelecimento da nossa organização militar, sob um ponto de vista pratico, util, bello e essencialmente nacional, institua-se no exercito o regimento que brilheu no acontecimento magno da patria.

Foi o regimento de dragões convertido em Guarda de Honra ou batalhão do imperador e commandado pelo coronel Manuel de Lima, tio do glorioso marechal duque de Caxias quem recebeu das mãos do soberano a bandeira brasideira.

Este episodio merece ser perpetuado.

Assim comprehendendo o deputado dr. G. Barroso, expoz as suas ideias de forma bastante clara e pratica, pois no que concerne a despeza, elle, propõe que ao governo seja facultado o credito necessario para os officiaes do alludido regimento comprarem os respectivos fardamentos e as armas eguaes ás daquella época historica.

O 1.° regimento de cavallaria do exercito, pelas suas tradições, é que ha-de receber a denominação de regimento de Dragões e só formará com os uniformes antigos nos dias de gala ou em outras commemorações.

Exemplos destes corpos militares que relembram gloriosos factos do passado nos apresentam muitas nações da Europa e algumas da America, como a Argentina, o Chile e os Estados Unidos, onde os alumnos da Escola Militar de West-Point vestem os uniformes do tempo do general Washington, commandante do exercito libertador.

Quanto a outros detalhes do projecto do dr. Barroso — a commissão de Marinha e Guerra do Congresso Legislativo é competente para modifical-os.

Além da creação do regimento de dragões, o mesmo legislador brasileiro, propoz que em homenagem aos immorradouros serviços dos generaes Osorio e Andrade Neves — sejam denominadas outras unidades de cavallaria, do nosso exercito, e que tiveram por commandantes aquelles inclytos guerreiros.

O pensamento do talentoso escriptor e politico deve de ser attendido pelos seus companheiros do Congresso Legislativo.

A occasião é de toda opportunidade para que recebam incentivos as corporações militares do Brasil moderno.

"Rua" 29 - junho 1917

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

O que pensa a respeito o Exercito

Ainda a proposito do projecto do Deputado Gustavo Barroso, referente a, com o aproveitamento do 1° regimento de cavallaria do Exercito, crear-se, entre nós, um corpo militar historico que ao mesmo tempo represente a "elite" da tropa no seio do Exercito, ouvimos novos conceitos que, por opportunos vamos relatar.

Pondo de parte a respectiva esthetica do fardamento da nova unidade, que, de passagem, deve-se dizer, não irá com o seu custeio fazer despenhar o paiz no "abysmo a cuja beira se acha" desde o seculo passado, e tratando da parte pratica tal como a da reunião nesse corpo da "elite" dos nossos cavalleiros, toda gente no Exercito, salvo pequenas excepções, pois a unanimidade é impossivel, a considera opportunissima. Dizem os officiaes de todos os postos com quem fallamos não ser o movimento improprio, não só porque o exemplo das demais nações autoriza a assim pensar, como ainda porque faz-se preciso o estimulo á tropa e para realizal-o nenhum momento é improprio.

Além disso informam-nos esses militares não verem nos Dragões velleidade alguma de impropria nobreza ou privilegio, pois que o seu fim é reunir os bons elementos da cavallaria, servindo de escola para a instrucção e disciplina.

Apenas, accrescentam, póde-se vêr privilegio e só se tem a lamentar, que os Dragões não abranjam os ramos de infanteria, a artilheria e a engenharia, afim de que a "elite" tivesse o seu premio não só na cavallaria, mas nas demais armas.

Estão, porém, todos convencidos de que jámais se poderia conseguir tal dilatação, o que se conseguiria, creando em vez de um regimento, uma brigada das quatro armas, porque, se o Regimento está lutando contra a opposição, quanto mais a Brigada.

Se vingasse a idéa da brigada, disse-nos um, ficaria realizada uma aspiração do actual Ministro da Guerra que, ao reorganizar o Exercito teve em mira considerar as primeiras unidades de cada arma, *em unidades-modelos, constituidas da "elite" de cada uma*, e isso com os fins excellentes, já de premiar os esforçados, já de unificar a instrucção, pois dessas unidades sahiriam os instructores para as outras.

Diante desses e outros argumentos, no seio do Exercito, não se póde duvidar de que o projecto conte com a sympathia, embora o que alli se deseja, seja mais amplo.

"Fon-Fon" - 30 de junho de 1917

Gavélas

A Liga Pernambucana pelos Alliados editou em volume, com o titulo de *Ao clarão dos obuzes*, todos os pequenos contos de Mario Sette sobre a guerra actual.

Querendo rotular em seu livro sobre milagres e contos, na maioria religiosos, Emilio Febhart encontrou este distico *Au son des cloches*, o mais proprio e condizente com os assumptos tratados. Esta mesma propriedade tem o titulo do livro de Mario Sette. Episodios e narrações desta grande guerra não poderiam ter outro cabeçalho que não *Ao clarão dos obuzes*.

Todas as bellas scenas de guerra que alli estão descriptas, foram reunidas pelo auctor em volume por um espirito de caridade superior. Mario Sette fez dom de seus contos em beneficio das victimas da guerra. E' necessario frizar este traço do seu coração, porquanto de suas qualidades moraes é que vieram a nobreza de sentimentos de suas phrases e a elegancia discreta e sincera de seus periodos.

Dos seus contos fazemos especial menção de *Olhos do Coração* e *Agonia do Christo*.

Demais, basta dizer que Mario Sette é um *conteur* conhecidissimo através destas mesmas paginas.

Tassalhos

— Por que razão no seu Ceará a maior parte dos nomes indigenas termina em ó?

— Não sei bem explicar-lhe a causa disso, mas posso contar-lhe a respeito dessa terminação muito commum uma historieta, mais ou menos divertida.

— Conta lá.

— Um sujeito do Pará, diz o povo, estava uma tarde passeiando na praia, nos arredores de Fortaleza, quando veio a passar por sua frente um pescador velho, trazendo ao hombro uma vara de cujas pontas se dependuravam, dum lado uma garrafa amarrada por uma embira, do outro uma penca de peixinhos prateados.

O paraense perguntou:

— Que peixe é esse?

— Coró, meu senhor.

— E que páo é esse?

— Mororó.

— Que leva na garrafa?

— Mocororó.

— De onde o senhor vem?

— Do Cocó.

— Como o senhor se chama?

— Pedro Jojó.

O paraense benzeu-se e exclamou:

— Oh! terra para ter ó!

E o pescador resmungou:

— Era só para isso. Oh! Oh!

Trincas...

Conversava com o meu amigo Claudio França, num banco da praia do Flamengo. Era uma tarde deliciosa de inverno. A gaze do crepusculo azulava o contorno dos morros fronteiros, desde o cerro da Bôa-Viagem até o pico de Santa Cruz. Começavam a pestanejar as luzes de Villegaignon.

Passou por nós um homem de meia altura, de physionomia antipathica, traços irregulares, bocca sensual, qualquer coisa no seu todo de perversidade fria e materialidade completa. Nada de franco, de leve, de espiritual. A besta humana á primeira vista. Eu disse, intercalando as palavras com fumaçadas do charuto:

— Talvez me engane, mas deve ser um typo absolutamente sem moral, um bandido.

E Claudio tornou, paradoxal:

— O liquido toma a forma do vaso que o contem. E' uma verdade elementar. A agua que está dentro duma moringa tem a forma de uma moringa. O vinho que está numa garrafa tem a forma duma garrafa. Isto é mais do que accaciano, porém é necessario dizer para chegar onde quero.

Com o homem, dá-se o contrario. E' o objecto envolvente que toma a forma do envolvido. O corpo humano se modela pela alma que está dentro. Com aquellas feições, meu amigo, nunca houve homem honesto.

Começou a soprar um vento frio, regelante. Levantamos-nos e partimos.

Garranchos

Nada mais confortador do que verificar o impulso que vae tomando, no Brasil, a litteratura regional. Muitos escriptores de nome e, mais especialmente, muitos estreiantes promettedores, não cuidam de versos e francezismos, porém sim de se apresentarem com livros verdadeiramente brasileiros.

Cornelio Pires, um amador do sertão paulista e do sertão mineiro, obedecendo a essa forte corrente de idéas, acaba de publicar um livro interessante e bem feito, de aspectos regionaes. Quem conta um conto accrescenta um ponto, diz o nosso matuto d'aquelle que floreia e enfeita as historias que transmitte. Cornelio Pires, porque deu forma litteraria e agradavel a episodios roceiros, poz no seu volume este titulo: *Quem conta um conto...*

E' mais um livro de manchas, episodios e aspectos, do que propriamente de contos, apezar da formosa *Historia dum Campeiro*. O escriptor mantem em todas as paginas o falar corrompido, singelo e verdadeiro dos caipiras, obedecendo nisso, com lealdade e não menos brilho, ao mesmo processo de Maupassant, quando narra factos do campo francez.

Cornelio Pires mostra-se um escriptor humorista e alegre, a fazer rir quem o lê, nos periodos engraçados do *Deus Perdôa*, do *Passe os vinte*, do *E' a defferença que hai*, e um tragico, um escriptor fiel das horas dolorosas e das desgraças, nas phrases sentidas da tragedia do *Atira, Juca*.

Bem pagas as horas gastas em ler esse bello livro.

Tiques

A nossa experiencia do sorteio militar não nos deu nenhuma grande prova de falta de patriotismo e de ignorancia da população. Dois ou tres foram os unicos casos de filhos de Allemães das colonias não sabendo a lingua portugueza. Que vale isso comparado com as vergonhas que se verificam em França pela conscripção?

Um artigo de redacção dum jornal francez nos conta que, em 1908, dez por cento dos conscriptos francezes eram analphabetos, trinta e dois por cento jamais haviam ouvido fallar da Revolução Franceza, trinta e sete por cento não conheciam o nome duma colonia da França na America, na Asia, na Africa e na Oceania, quarenta por cento ignoravam as causas da guerra prussiana de 1870.

Se isto acontecesse aqui, todo o mundo gritaria apavorado:

— Este paiz está perdido!

*?

side uma população miseravel em casas de zinco, de pedaços de madeira, de caixas, de papelão, de trapos, de estopa, e até em tocas e buracos, tudo isso espalhado em profusão, sem policiamento, sem agua, sem esgoto e sem luz, no meio dos velhos muros, das casamatas arruinadas, dos fossos atupidos, dos terra plenos em ruinas. A Favella é mil vezes superior aos *fortifs*.

Tulhas

Falavamos do moinho de Sans-Souci e do lendario respeito que Frederico da Prussia tinha pelas leis, especialmente pelo direito de propriedade.

Alguem affirmou que, ter o monarcha prussiano recuado do proposito de derrubar o moinho que lhe tirava a vista do palacio, quando o moleiro dissera ainda existirem juizes em Berlim, era ter feito mais do que vencer em Rosbach, em Kasseldorf e em Clausewitz.

Claudio França atalhou essa expansão de enthusiasmo:

—A historia do moinho de Sans Souci nunca se passou na Prussia. E' uma fabula arabe que elles adaptaram ao reinado de Frederico.

Não ha livro sobre o oriente que não conte a historia do palacio de Almansor. Este poderoso califa mandára construir um lindo palacio com seus atrios e repuxos, seus harens e salões, um alcazar sumptuoso, verdadeira moradia das «Mil e Uma Noites». Porém lhe afeiava o jardim a cabana dum camponez. O califa quiz derrubal-a e o proprietario reclamou o seu direito de propriedade com tal calor e com tanta justiça que o despota cedeu, ganhando assim por ter cumprido o seu dever um titulo de gloria.

Quando Claudio terminou, eu disse:

— A Allemanha anda de má sorte. Até a lenda de Sans-Souci é um plagio.

Truques...

De passagem pelo Recife, esperava um amigo, na sala de entrada da pensão Landy, no bairro fidalgo da Magdalena.

Como o meu vagaroso companheiro custasse a apparecer, comecei a examinar o mobiliario vetusto e os *bibelots* antigos da sala. Sobre um bufete de jacarandá, com pés em garras de leão, brilhava um relogio de bronze doirado entre dois jarrões de louça chineza. Um canapé imperio defrontava uma mesa de xarão falso, sobre a qual se perfilavam altas mangas de vidro, daquellas que, no bom tempo dos escravos e senhores de engenho, resguardavam os castiçaes e as velas grossas de estearina ou carnahuba. Todos os moveis eram pesados e feios, tão velhos quanto o retrato dum homem de meia idade, pendurado na parede que entestava com a porta da rua, cujo passa-piolho grisalho emmoldurava um rosto franco e rude de fazendeiro ha dois seculos passados.

E naquella contemplação de alfaias cheias de saudade dos tempos idos, comecei a evocar lentamente a era sadia moralmente e physicamente forte dos nossos antepassados.

Mas uma porta se abriu de repente e surgiu uma ingleza magra e alta, feia e descorada, pintada de sardas, com um chapéo de fitinhas côr de rosa e o vestido branco tufado de gomma, creatura quasi sem sexo.

Então, me lembrei dos contos deliciosos de Maupassant e murmurei sem me poder conter:

— Miss Harriett.

"Fon Fon" - 30.6.917

Tóros...

Alguem que viajava num desses poeirentos bondes, que passam pela rua General Pedra, commentava com aborrecimento o descaso da Prefeitura, consentindo em deixar os morros de em torno habitados por uma população miseravel e cheios de cabanas immundas. O commentador gritava:

— E' um desaforo! Não ha cidade nenhuma do mundo que tenha hoje em dia bairros de miseraveis assim!

Não intervim na palestra desse visinho palrador, mas não me pude impedir de pensar que elle mentia por má vontade ou por ignorancia talvez.

O Rio é das cidades grandes aquella em que menos existem em bairros afeadores, quarteirões immundos, refugios indecentes dos maltrapilhos, dos mendigos e dos criminosos.

Não se precisa citar os bairros ignobeis de Londres, de Nova-York e de Vienna. Basta lembrar o que são os *fortifs* de Paris, para justificar o morro do Castello, o de Santo Antonio, o da Favella, o do Pinto, o da Conceição, o do Salgueiro e o de Santos Rodrigues.

A zona das antigas fortificações parisienses são correntemente conhecidas pela abreviação — *fortifs*, de *fortifications*. Alli re- ?

"Rua" - 10 - julho - 1917

João do Norte vae publicar um novo livro

Gustavo Barroso é, sem duvida, um dos mais brilhantes escriptores desta geração litteraria que ahi está a trabalhar, a produzir cousas formosas. Elle, como poucos, tem um estylo seu, um modo particular de vasar as suas paginas, onde palpitam admiraveis qualidades do escriptor.

Os seus livros publicados e tão gabados pela critica, bem o comprovam.

Gustavo Barroso não quiz dormir sob os classicos louros dos seus primeiros triumphos litterarios. As *Terras de Sol e Praias e Varzeas*, livros que reflectem o alto valor do moço escriptor, pela sua grande feição regionalista, segurança de observação e ampla copia de detalhes, juntar-se-á agora o *Heroes e Bandidos*, que sahirá por todo este mez.

E' um trabalho fortee e de maior raio de acção, em que Gustavo Barroso, magnificamente fixa os typos caracteristicos do sertão do Brasil, traçando-lhes a aspera psychologia original, os seus heroismos e os seus banditismos, entre selvagens e generosos.

A simples enunciação dos capitulos dirá melhor da superioridade da nova obra do prosador da *Terra de Sol*.

Primeira parte — *As causas*; segunda — *Os typos*. — *Cunhas e Palacas; Cacundos; Mourões e Muquécas; Liberatos e Guabirabas; Brilhantes, limões e Suassuranas; Cabelleira e Cundurú; Viriatos; Os Dois José Antonio; Antonio Silvino; Athayde e José do Bomfim.*

Esperemos os *Heroes e Bandidos*.

"Gazeta de Noticias" - julho - 1917 - 5 -

Um novo livro de Gustavo Barroso

"Idéas e Palavras"

Este pseudonymo de João do Nort impoz-se depressa no nosso meio literario. As chronicas e contos firmados pelo escriptor nortista, publicados nas revistas e nos jornaes desta capital, adquiriram para logo um numero consideravel de leitores, attrahidos pela simplicidade e maneira pessoal de fixar as emoções, que é o caracteristico esthetico de Gustavo Barroso.

O seu livro de estréa — "Terra de Sol" — obteve um largo exito, merecendo vivos elogios da critica indigena.

Eram paginas cheias de movimento e claridades, focalisando os aspectos mais imprevistos do Ceará, contando-nos a vida rude e aspera do sertanejo, os traços predominantes da sua psychologia difficil e contradictoria.

Antes, Euclydes da Cunha já havia magistralmente estudado as mesmas questões, illuminando-se á luz dos seus conceitos e da sua analyse penetrantes.

Gustavo Barroso, vindo depois, conseguiu, ainda assim, escrever um livro attrahente, curioso e tanto quanto possivel original.

Desde então o seu nome vem merecendo a sympathia do publico ledor, que já o extremou com a sua preferencia da aviltante anonymia dos escrevinhadores corriqueiros.

Ha pouco publicou Gustavo Barroso "Praias e Varzeas", contos, impressões e chronicas amaveis, paginas de um impressionismo fino e subtil.

Vem demonstrando, portanto, que é um trabalhador infantigavel, capaz de dar á sua arte as horas melhores e mais sadias da sua actividade.

Estas paginas das "Idéas e Palavras", que acabam de sahir a lume, traem a mesma habil e agil mão, que tem traçado trechos lindos suggestivos.

São ainda chronicas. Mas chronicas que denunciam uma alma aberta ás solicitações bizarras do mundo ambiente, e um temperamento cheio de alegria e de sensibilidade risonha.

Lêem-se com enthusiasmo e interesse continuado.

As qualidades primordiaes do estylo de Gustavo Barroso são a clareza, a sobriedade e uma maneira graciosa de dizer as suas idéas e sensações. Uma simplicidade que é modalidade de elegancia mental.

Como os seus livros anteriores, "Idéas e Palavras" alcançarão, de certo, os applausos da critica e um cito brilhante de livraria.

"Fon Fon" 4-julho-917

Tiras

O pequeno mendigo, rasgado e enlameado, os cabellos alourados esvoaçando em torno da cara laivada de sujo, estendeu-me a mão, alli sob a empannada do Pathé, lamurientamente pedindo uma esmola. Cahia uma chuva miuda e impertinente. Fazia um frio humido. Os pés da creança estavam brancos como cêra de andarem assim nús pelo asphalto molhado.

"Noticia" - 5 - julho - 1917

Idéas e Palavras

O Sr. Gustavo Barroso acaba de publicar novo livro—Idéas e Palavras—*que, sem ser um primor saido da penna de um genio, é entretanto muito digno de leitura.*

Nestes tempos já não é pouco o ser um livro simplesmente digno de leitura. Publica-se ahi diariamente tanta imbecilidade em prosa e verso, que o recebimento de um volume novo e desconhecido nos produz sempre algum desgosto... Não é este o caso do Sr. Gustavo Barroso, cujas aptidões intellectuaes já não carecem de reclamo. E' um escriptor simples, claro e elegante, posto que algumas vezes se distraia em materia de vernaculo...

O seu livro póde ser lido sem esforço e até com aprazimento, como dizia o defuncto José Verissimo e como ainda diz hoje o Sr. João Ribeiro. São chronicas leves, artigos despretenciosos, commentarios ligeiros a acontecimentos do dia. Sem querer passar por genio, nem pelo primeiro escriptor da sua geração, nem pelo primeiro humorista do seu tempo, o Sr. Gustavo Barroso revela graça, espontaneidade e uma qualidade sem a qual não ha escriptor: o espirito communicativo.

Longe de pretender assumir attitude nem tomar posição singular para agradar ás galerias, quem escreve estas linhas raramente consegue ir até o fim de um artigo literario, de uma chronica ou de um conto desses que se publicam diariamente na imprensa do Rio. E' que o que predomina entre os novos que actualmente escrevem é o palavriado vasio, sem grammatica, sem idéas e muitissimas vezes até sem sentido. Salva-se muito pouca gente capaz de escrever que se entenda. Ha uma certa classe de rapazes ahi, que nunca estudaram methodicamente coisa alguma, que nunca se deram ao trabalho de abrir um classico, e entretanto estiram-se por columnas e columnas de jornaes, esparramando semsaborias, baboseiras e asneiras a granel, pois suppõem que, com algumas tiraduras de Eça de Queiroz, de Fialho de Almeida e romances de D'Annunzio lidos em traducções, é possivel a alguem ser escriptor! Espero vel-os algum dia na nossa agora opulenta Academia de Letras...

Quanto ao Sr. Gustavo Barroso, faz parte do grupo dos raros que conhecem a arte de escrever com clareza coisas simples que nos obrigam a ir até o fim. Sejamos-lhe gratos por isso e façamos votos por que se multipliquem os escriptores assim despretenciosos e limpidos. — ANTONIO TORRES.

Dei-lhe um nickel. Claudio França atirou-lhe outro. E ambos commentámos a miseria physica ou moral de certos entes, que atiram á rua os filhos para estenderem a mão e a infamia de outros que exploram as creanças em tão triste mister.

Por fim, ataquei a nossa policia que consente na mais desavergonhada mendicidade publica, o que faz o Rio assemelhar-se a uma cidade da roça.

— Não conheço terra que tenha possuido ou possua maior numero de mordedores, de mendigos verdadeiros e de mendigos profissionaes, affirmei:

— Pois conheço eu, respondeu-me o companheiro. Você lê pouco e não guarda o que lê. Se assim não fizesse, deveria lembrar-se de que na Belgica, de 1806 a 1813, a policia franceza trabalhava dia e noite contra a mendicidade, que cada vez mais se alastrava. Um horror! Os mendigos gabavam-se de sua profissão e de exercel-a hereditariamente. Nós ainda não chegamos a esse ponto.

110 "Correio da Manhã" — 5 julho 1915

PALESTRAS MILITARES

A proposito dos "Dragões da Independencia"

Aproveitemos a idéa do deputado Barroso, em seu principio.— Podessemos, com a dedicação e bello espirito desse deputado, organizar a nossa cavallaria e formar nella varios regimentos de elite. — O fundo essencial do projecto Barroso. — A idéa é rigorosamente de sabios preceitos technicos.

III

Como momento principal de nossas coisas militares de hoje, occupa a actualidade um assumpto que, por insignificante que seja o seu valor para a nossa *preparação*, não póde deixar de merecer alguns commentarios nesta chronica.

E' a questão dos futuros denominados *Dragões da Independencia*.

Como instituição — dado o nosso estado de absoluta impreparação militar, sem organizações e sem quadros, sem pessoal e sem material — o caso não tem consequencias. Não tem alcance nem tem valor.

Não é, porém, como parece á generalidade dos profanos, um absurdo, nem merece o ridiculo em que o querem lançar os leigos e doutos do nosso eterno espirito de opposição. Ao contrario, é uma idéa que, parece-me, poderá muito bem vir tornar-se aproveitavel.

O erro relativo, que supponho poder ver-se na patriotica intenção do projecto Gustavo Barroso, está fóra do espirito admiravel desse nobre cidadão, que tão galhardamente se mostra um soldado de indole. O erro do projecto Gustavo Barroso reverte todo sobre o erro geral do nosso Exercito. Fluctuará sobre este como um elemento estranho; mas a sua essencia, a pureza da sua verdade technica, é inatacavel.

S. ex. suppoz as coisas como estas devem ser e, nesta hypothese, teve um intuito, que só poderia honrar o espirito militar de qualquer provecto profissional de *elite*. S. ex. visa o que em todos os melhores exercitos do mundo se teve sempre em vista: a cultura do apego e do orgulho militar ao seu regimento.

O nosso Exercito, até hoje — comquanto o espirito militar da nossa tropa seja muito brioso — jámais conheceu esse culto pelo principio systematico que agora lhe suggere o sr. Gustavo Barroso. Por velho que isso fosse na França, na Austria, na Russia e na Allemanha, a cultura do regimento é simplesmente espontanea no nosso Exercito. Cada official, cada soldado, cada chefe de unidade ama o quartel e interessa-se pelo seu agrupamento sem outro motivo mais que o seu bello espirito de classe e de officio. E' a virtude militar mais pura e inata. Mas é tambem a mais inculta. O soldado *nasce feito*, naturalmente, como o poeta, como o medico, como todos os sacerdotes da Arte e da Devoção. Mas, como todos os artistas e como todos os heróes, o soldado tem de viver de um culto e para um culto. Tem de aprender a suppor-se inexcedivel e tem de palpar sempre um motivo material que o ponha em contacto com a prova continua de que elle é um homem differente dos outros. Eis os regimentos. Eis os uniformes.

No começo das organizações dos Exercitos Permanentes, UM UNIFOME foi sufficiente para preencher o espirito e o moral do soldado. Depois, porém, sob o regimen dos modernos exercitos, os *uniformes* tiveram de se tornar *relativos* ou varios, para, justamente, se fazer geral o espirito uno das tropas. Era o estimulo pela emulação.

Do mesmo modo, nas sociedades primitivas, a Religião por si só, foi um freio bastante para os instinctos e para os sentimentos. Na organização, porém, das Patrias e dos Imperios, a Fé teve de se tornar demonstrada e a Sciencia e a Moral é que passaram a infundir os varios matizes da Ordem e da Força, do Amor e da Religião.

A emulação não tendo sido bastante, estabelecida sómente entre as armas — (e sendo até mesmo inconveniente posta simplesmente nesse terreno) — teve de ser procurado o estimulo nos proprios *regimentos* entre si.

Surgiram, assim, as systematizações dessa cultura militar que Frederico II e Napoleão I fizeram com os seus regimentos de *élite*.

A idéa da particularização dos uniformes, por divisões e regimentos, foi assim estabelecida como garantia do apuro das responsabilidades e do orgulho de cada militar.

A *"Arma"* para o espirito militar, ficou sendo, assim, incentivada pela virtude do principio. O objectivo, porém, do *Regimento* ou da *Divisão*, tornou-se particularizado e especificado por *funcções* e por *preceitos* diversos. O conjunto fez a disciplina geral.

—

Isto é que é a verdade e isto é o que incontestavelmente visa o patriotismo do sr. deputado Gustavo Barroso.

Creando o Regimento dos *Dragões da Independencia*, com o actual 1º regimento de cavallaria de nosso Exercito, o ardoroso patriota sonha um bello objectivo, no *simile* de outras denominações que pompêam na cavallaria franceza, na allemã, na russa, na austriaca, etc.

Nada mais justificavel, nada mais natural e nada mais technico, como espirito de intenção.

Mas, s. ex., que tão galhardamente se tem mostrado um intelligentissimo cultor e fedor de coisas militares, deveria de ter, antes de tudo, considerado esta questão:

— E' o nosso primeiro regimento de cavallaria um *regimento de dragões?*

— Temos nós *dragões*, em nosso Exercito?

— Póde arvorar-se, do *"pé para a mão"*, um regimento qualquer, em *dragões*, só pela simples denominação?

— Tem a nossa cavallaria organização propria da arma, por classificação das funcções?

Conforme muito bem sabe s. ex., o typo estatico do nosso *dragão* desappareceu com os velhos typos hieraticos da cavallaria de Pinto Bandeira, Bento Ribeiro, Andrade Neves e Osorio.

O inimitavel Caxias foi o typo do *Cavalleiro de Linha*: seria o Ulhano do nosso Exercito, apparecido mas não desenvolvido. Com elle enfrentou Chico Pedro a alcunha terrivel do cavalleiro *Farrapo* de Pedro Bruce, glorioso emulo de Bento Ribeiro e dos *dragões* que com este fizeram a epopéa do decénio riograndense.

Porto Alegre (o conde), e Pelotas (o visconde), teriam sido os *Dragões-Hussards* que se bateram em Curupaity e no Aquidaban.

Nossa cavallaria, porém, depois de 1870, veiu a extinguir-se na inópia do empirismo o mais absoluto e na nossa falta de preparação. Nunca mais se prestou attenção especial, entre nós ao papel dynamico de cada uma das armas e, muito principalmente, ao da cavallaria em particular.

A principio, quando ainda havia algum prurido pretencioso de se justificar o *statu-quo* da nossa antiga *organização*, alguns mestres diziam:

— *"A cavallaria é arma falhida. A critica militar européa está a condemnal-a pelo apparecimento e rapido desenvolvimento dos modernos fuzis."*

E, realmente, os ensinanentos varios das campanhas de 66 e de 70, fizeram desenvolver na Europa, com os rapidos progressos do *Mauser* e do *Lebel*, uma theoria superficial da *tactica dos fogos* e dos *assaltas a artilharia*, cujas deducções não fizeram senão preponderar cada vez mais, principalmente pela irrupção conjunta do que fóra a revolução militar da época: — o surto da *Artilharia Raiada*, cada vez mais aperfeiçoada e mais real. O parallelo desenvolvimento da chimica da guerra — já na metalludgia, já na fabricação dos explosivos e polvoras chamadas *chimicas*, não fez senão augmentar tambem aquellas convicções. A cavallaria estava a abrir fallencia.

Entretanto, não só em 1866 — época em que já o pavor do *Krupp-raiado* era uma revelação muito superior á artilharia franceza *raiada* de 1859 — como em 1870 (onde os francezes tambem apresentáram a sua excellente artilharia Reffy tambem *raiada*), a cavallaria de ambos os partidos teve brilhantissimos e heroicos feitos. Saint Privat, Gravellot e Mars-la-Tours para a cavallaria prussiana, e as coxilhas de Sedan para a cavallaria do invicto general de Margueritte, foram paginas que não escrevem a fallencia senão a immortalidade do principio da cavallaria.

Do mesmo modo, muito antes da Europa ter a infanteria do *Mauser* e do *Manulicher*, do *Lebel*, do *Daudeteau*, do *Lee-Medford* (inglez) e de outros, já a America do Norte tivéra os seus *Spencer*, *Henry* e *Henry-Spencer*, e, apezar disso—apezar mesmo da superioridade dos fogos destes — a cavallaria do general Grant fazia o *record* dos *raids* mundiaes — fazia um novo *rocroi* de Frederico II e dava o ganho de causa aos exercitos de Lincoln.

Do mesmo modo em 1877. A cavallaria russa do general Gurko fazia prodigios de africa sobre os Balkans, atravessava a Bulgaria ia aos abruptos dos desfiladeiros de Schipka, formava a garantia das operações do archi-duque Nicoláo (o grosso do exercito) e era a causa unica dos successos, depois da victoria contra Plewna.

Por fim e como remate, poderiamos ainda citar as epopéas das duas cavallarias russa e japoneza, em 1904-1905 — aquella, sob Kondratscheuko, Rennenkampf e Mistschenko, e esta sob Kuroki e Oyama. Ambas foram, em varias crises da campanha, como em Jantay e Hai-tsceng, e em outras phases do Sande-pu e Hou-Keou-Tai, os apoios e, quiçá, a alma de certos movimentos, sem os quaes, de parte a parte, a economia de ambos os belligerantes teria sido precaria.

—

A cavallaria, estaria, pois, rehabilitada para nós e, principalmente, para as nossas possiveis hypotheses de organizações militares para o Rio Grande e Matto Grosso.

Infelizmente, porem, assim não foi, jamais.

A principio por erro de doutrina, depois por optimismo e por empirismo, a nossa cavallaria jámais foi organizada com systema e sob principios technicos da sua indole. Não temos, ha muto tempo, cavallaria, como não temos artilharia.

Ora, quem estudar mediocremente as coisas militares, sabe que a cavallaria póde ser succintamente dividida em *Cavallaria Pesada* e *Cavallaria Ligeira*, como a dividiu o exercito allemão. No exercito francez, faz-se uma differenciação mais ampla e divide-se em: *Cavallaria pesada, cavallaria de linha* e *cavallaria ligeira*.

Nesta ultima cavallaria é que, em todos os exercitos, se collocam os *dragões* e os *Hussards*.

Ora, eu não pretenderia chegar á exigencia de que organizassemos aqui a nossa cavallaria por esse modo.

Bastar-nos-ia, talvez, uma divisão mais simples. Poderiamos ter, simplesmente, uma *cavallaria de linha* (que é o intermedio da *pesada* e da *ligeira*) e a *cavallaria ligeira*.

A primeira, poderia ser limitada em pequeno numero de unidades e a segunda, mais ampla, com maior numero do typo *Hussard*, que é o *explorador* e o *carregante*, por excellencia.

A cavallaria de linha, tem o seu typo nos *Uhlanos*. O nosso *uhlano* é o paulista, o mineiro, o paranaense, como o *dragão* é o rio-grandense do sul. (1)

Entretanto, como a arma caracteristica do *dragão* é a lança e como esta tem hoje a sua acção limitada ás perseguições, eu seria capaz de suppôr que o nosso *dragão* poderia ter o typo do *dragão* austriaco, o qual, não tendo tido a principio, lança, durante muito tempo, passou, mais tarde, a ser armado de lança e clavina.

Nestas condições, o nosso actual 1º regimento, quando effectivamente denominado *Dragões da Independencia* (simultaneamente com a existencia de outros regimentos de *dragões*) poderia, nas suas funcções de parada, usar unicamente a *arma que o caracteriza através dos seculos e da tradição*: A LANÇA. A espada ficaria ao gancho, na sella.

—

Mas, agora, eu proporia ainda ao sr. deputado Gustavo Barroso, considerar este aspecto essencial do caso.

Um regimento unico de *dragões*, collocado no quadro de uma cavallaria sem organização e sem classificação tactica de funcções, tornar-se-ia um máo serviço prestado ao nosso exercito.

As vantagens que essa boa intenção do legislador poderia trazer á nossa cavallaria, se esta estivesse organizada em *cavallaria de linha* e *cavallaria ligeira* (isto é, em *Uhlanos*, *Dragões* e *Hussards*) transformar-se-iam em desvantagens.

Se s. ex. conseguir apenas crear aquelle corpo estranho e egoistico no nosso exercito, terá simplesmente contribuido para a ruptura de uma parte da camaradagem que até hoje sempre existiu modelar em nosso exercito.

Eu me explico:

A erecção do *Regimento de Dragões da Independencia* (titulo muito justo e muito dignamente cabivel ao actual 1º regimento de cavallaria) de accordo com a letra do decreto que assim o arvóra, crearia para esta unidade uma posição distinctissima no seio da nossa tropa. Ninguem poderia discutir ou contestar a justiça historica desse titulo. Ninguem poderia ver com máos olhos a dignidade e orgulho com que aquelle regimento se iria investir daquelle privilegio.

Mas, nem sempre a justiça de um acto basta para sanccional-o. No dominio das coisas militares, principalmente, a *justiça* precisa de visar tambem a *utilidade* ou as consequencias segundas do direito.

Assim, permitta-nos que indaguemos:

— De quantos homens é constituido o quadro do nosso 1º regimento de cavallaria?

— De uns trezentos homens, no maximo. Não é verdade?

Infelizmente, assim é. Os nossos *regimentos de cavallaria* têm o effectivo de pouco mais de um *esquadrão*.

Ora, é preciso reconhecel-o: é muito pouco, como elemento de cultura de *élite*. Trezentos homens *escolhidos* ou preparados para cultivarem systematicamente um preconceito especial de escól, em pouco ou em nada influirão no resultado visado para a guerra, em um exercito: *"estimulo, emulação* e *abnegação* para os momentos e as crises de sacrificio."

Trezentos homens morrem em uma *"carga"* como trezentos mil cartuchos se queimam em um *reconhecimento*.

Esse quadro, portanto, é reduzidissimo e o seu cultivo em uma situação de privilegio, só poderá ser contraproducente.

Porque?

Porque reduzidos aos *Dragões da Independencia* as prerogativas e estimulos de funcções especiaes e privativas, assim como de uniformes distinctos e brilhantes na paz, os outros nossos regimentos de cavallaria, — privados de incentivos parallelos e de uma cultura correlacta de quaesquer outras responsabilidades especiaes, deixar-

se-ão estiolar á mingua, sem ardor e sem amor á sua sorte que os põe nas mesmas fileiras ao abandono apparente dos seus chefes e do governo e até sem destino no proprio destino do Exercito.

E' claro que, realmente, as coisas podem não ser assim. Os nossos generaes nunca perderam aquella bella fibra, que sempre fez delles os melhores amigos dos nossos soldados e que sempre os ligou pelos soldados e pelos officiaes ao melhor dos seus deveres. Mas eu direi: o privilegio do futuro *Regimento de Dragões*, como o intenta o patriotico deputado sr. G. Barroso, poderá fazer que as coisas assim pareçam.

E, nesta hypothese, a catastrophe futura será inevitavel.

E as deducções são simples. Dado o privilegio dos "Dragões da Independencia", o seu reduzido quadro e as prerogativas da sua *elite*, desenvolveria logo a simples vaidade, que perderia as justas vantagens do puro orgulho. Ora, não ha duvida em que ambos — a *vaidade* e o *orgulho* — são virtudes militares. Mas a primeira não tem a nobreza do segundo.

A vaidade nasce do presupposto ou da convicção de que não se teme a rivalidade. E' improductiva, não é constructora e é egoistica. O orgulho, ao contrario: origina-se da hypothese do triumpho ou das obras que commettemos. E' em geral altruistico e abnegado.

A vaidade deve existir no espirito militar como accidente. O orgulho deve ser cultivado nas virtudes militares como um caracter.

Para haver o orgulho, é preciso o concurso. E para que o concurso, ou parallelismo das funcções exista em um exercito, desenvolvendo-lhe as qualidades de caracter e de espirito, é indispensavel que o maior numero possivel dos seus officiaes e soldados, sejam, desde a paz, educados em um systema amplo de emulações e de criterio.

Esse systema, está no principio que move a alma generosa do sr. deputado Barroso. Tal principio, porém, não deve ser exclusivista. Não deve de attingir simplesmente a um regimento. Deve extender-se a varios outros. Impõe, em synthese, um projecto de organização da nossa cavallaria como acima o digo, em:

"Cavallaria de linha" (*Uhlanos* / *Couraceiros*)

"Cavallaria ligeira" (*Dragões* / *Hussards*)

Feito isto, dois ou tres regimentos de seis esquadrões dos Uhlanos, dos Couraceiros, dos Dragões, etc., tomariam nomes de chefes ou de datas nossas, gloriosas para a nossa patria. Teriamos, assim, os "Uhlanos de Caxias"; os "Uhlanos de Thomaz Gonçalves"; os "Couraceiros de Curupaity"; "Couraceiros de Tuyuty", etc.; os "Dragões de Andrade Neves"; os "Dragões de Bento Manoel"; os "Dragões de 35"; os "Hussards de Itoróró" (onde o barão do Triumpho se immortalizou com a sua simples phrase: "*Mais uma vez á carga, camaradas!*") "Hussards de Osorio", etc., etc., e, para todos estes quadros, uma elite de jovens e distinctos filhos da nossa burguezia... que se fardassem á sua custa e que fossem obrigados (como os antigos cadetes) a provarem a posse de uma justa mesada garantida por alguem ou por suas proprias rendas.

Essa é que, parece-me, deve ser a technica da organização de taes regimentos de *elite*. Constituil-os, porém, de uma boçal recruta de gente analphabeta e proletaria a quem seja preciso pagar tudo e até os uniformes — é commetter dous erros: gastar dinheiro inutilmente porque analphabetos não podem constituir *elite* e perder o tempo candidamente porque *regimentos de elite* só podem ser feitos por homens de *elite*.

— Não poderemos, por acaso, pensar nisso, porque ninguem, no Brasil, quererá ser official ou soldado nobre, á sua custa?

— Abandonemos então a idéa de formar um unico regimento de *elite*... composto como todos os outros.

Capitão Augusto Sá.

Todo o norte do Brasil offerece excellente recruta de *dragões*, no typo dos *vaqueiros* do Ceará, etc.

"Jornal do Commercio" 7-julho-917

GUSTAVO BARROSO (João do Norte) — *Idéas e Palavras* — Rio de Janeiro — Leite Ribeiro & Maurillo — 1917.

O Sr. Gustavo Barroso firmou a sua reputação ocmo *conteur*, chronista, publicista, escrevendo sob o pseudonymo de João do Norte artigos e livros cheios de encanto litterario e de documentação inedita e valiosa. O seu volume sobre a *Terra de Sol* não é sómente uma descripção viva e colorida do sertão do Ceará e de sua gente; é um estudo que destaca aspectos sociologicos e faz reflectir. Nas *Praias e Varzeas*, o Sr. João do Norte photographou em cartas ligeiras a alma do sertanejo vaqueano e do praiano pescador, como na *Terra de Sol* havia caracterizado sua psychologia, mostrado seu valor, deixando transparecer as necessidades de ordem politica e social da região. Agora, nas *Idéas e Palavras*, o Sr. Gustavo Barroso reune artigos e chronicas sobre varios assumptos, formando unidade pelo estylo, pela mesma esthesia delicada, pelo pensamento commum. Ha assim no livro artigos sobre assumptos diversos. Ha fantasias sobre as lendas, chronicas sobre modernismos, estudos acerca da necessidade do culto das tradições, de um museu militar e do resurgimento dos dragões da independencia. Tem analyses interessantes de livros, estudos incisivos sobre graves assumptos, como os intitulados: *Roma "versus" Byzancio, De quem será Constantinopla? O Imperio slavo do Sul, O monopolio dos estreitos, As tres Cidades santas, A reconquista de Byzancio, Os Balkans na intimidade*; paginas leves de emoção e de arte como *As azas, A tortura da Esperança, Pobres marcos;* analyses de vulgarização como *A litteratura na Oceania, Os poetas de Constantinopla;* medalhões decorativos como *Banzai!, O Navio Fantasma;* visões suggestivas como *A vingança do Occidente;* ensaios de historia como *O Baptismo da America, O Maracatú, O Ministerio de Icó, Manuelsinho ao Bispo*; syntheses de critica como *Religião e arte.* São paginas interessantes que prendem pela variedade dos assumptos, elegancia, cadencia, brilho de estylo, erudição que illumina as criticas e amplia as descripções.

O capitulo sobre a tradição é magnifico de evocações patrioticas. O Sr. Gustavo Barroso pede a formação de um grande museu militar, mesmo porque muitos dos nossos tropheos estão desapparecendo. "Onde estão os terçados dos bandeirantes ousados que desbravaram os adustos sertões? As armas heroicas das companhias de assalto, que venceram nos Guararapes? Os mosquetes dos que avançaram contra o Fidie nos campos do Piauhy ou morreram pelo ideal da Republica do Equador? Que fim levaram as espadas dos que batalharam na Argentina, no Uruguay, no Paraguay e na Guyana?"

O artigo dos *Dragões da Independencia*, que é um capitulo do livro, obteve, como se sabe, grande exito. O autor lembrou nelle a restauração dos Dragões da Independencia, e pedio que na festa do centenario elles já formassem nas grandes paradas. A linda iniciativa mereceu applauso de todos, da opinião publica e das autoridades militares. O Sr. Gustavo Barroso, que é deputado pelo Ceará, converteu a sua suggestão de publicista num projecto de lei, que pelas assignaturas que obteve já está garantido na votação. Assim, a formosa idéa vai-se concretizar e o pedido que o autor faz no final de seu artigo foi satisfeito, em virtude de sua propaganda, de sua acção parlamentar e do applauso da opinião e da Camara: "A farda tradicional já foi colorida pelo nosso maior pintor no quadro que perpetua o grito da Independencia ou Morte. Que no primeiro centenario da nossa liberdade politica formem os Dragões da Independencia, como no centenario da emancipação argentina formaram os granadeiros de San Martin."

O Sr. Gustavo Barroso mostra como todos os paizes perpetuaram no symbolismo da denominação e do fardamento de alguns de seus batalhões a tradição e os feitos passados e como essa commemoração viva e significativa exalta os sentimentos patrioticos e conserva as virtudes militares. E' um formoso e nobre estudo que creou um movimento de opinião que se póde considerar vencedor.

"Tra-Tra" 7 julho 1917

Tricas...

O padre Pires da Motta, notavel professor da faculdade de direito de São Paulo, era um homem ás direitas, embora ás vezes duro e disciplinador.

Quando foi governador do Ceará, em meiados do seculo que findou, praticou varios actos de justiça, honestidade e energia, que lhe deram grande renome.

Um sujeito que se lhe queixou dum rapaz que seduzira sua unica filha e negara-se a casar. O padre mandou chamar o moço. Recebeu-o no gabinete de trabalho, ao pé da mesa do secretario, que escrevia o expediente. Fez um longo discurso, provando a necessidade de reparar o mal que se causa por amor, a obrigação do homem para com a mulher illudida, etc. O don Juan não se demoveu do proposito em que se achava de não casar. Vendo seus esforços baldados, Pires da Motta volta-se para o secretario e ordena-lhe:

— Escreva, doutor, um officio ao coronel do batalhão de infantaria, dizendo-lhe que eu, como commandante das armas da provincia, lhe remetto este moço, para assentar-lhe praça, immediatamente.

Parou e fungou uma pitada de rapé. O rapaz resmoneou:

— E' o mais que o Sr. presidente me póde fazer.

O padre sorrio e continuou:

— Não é não! Senhor secretario, accrescente, no officio ao coronel, que eu lhe ordeno de mandar dar duzentas chibatadas no recruta, por ter desrespeitado á minha pessoa.

O rapaz, pallido como defunto, cahiu de joelhos:

— Perdão, Sr. presidente, eu caso!

— Ah! fez Pires da Motta, Casa, pois então eu serei o padrinho e dotarei a noiva.

"Noticia" - 15 - julho - 1917

"IDÉAS E PALAVRAS" — GUSTAVO BARROSO

Edição de Leite Ribeiro. Gustavo Barroso, escriptor de cunho pronunciadamente nacionalista, dispondo de grande actividade, acaba de reunir em volume um interessante acervo de chronicas. E' uma collectanea que se lê com prazer, estylo simples e vivaz, themas actuaes. O volume está excellentemente impresso e póde ser recommendado a quantos estimam os bons livros.

Emenda ao projecto de Defesa Nacional

"Diario Official" - 9-8-917

Onde convier:

Fica suspensa por tres annos, a contar da promulgação desta lei, a compulsoria no Exercito.

Sala das sessões, 27 de julho de 1917. — Gustavo Barroso.

7 Julho 1917

Careta

Num. 472 Anno X

MAURICIO EM MÁOS LENÇÓES

Os Dragões da Independencia encontram o primeiro inimigo

113

"Fon-Fon" - 7 - julho - 1917.

Triglyphos

O assumpto da palestra era a guerra mundial e a quantidade de gente que nella morre. Alguem calculou que morressem duzentos mil homens por mez, em todas as frentes e affirmou que tal mortandade era diminuta, relativamente ás guerras antigas, pois, em 1812, só na batalha de Bovodino foram postos fora de combate 120 mil homens e na de Leipzig, em 1813, que durou tres dias, cahiram no campo outros tantos mil homens.

Desse ponto, o illustrado *causeur* passou para os serviços de hygiene actuaes, que impedem as epidemias. Louvou-os. E terminou por falar em regimentos, em brigadas, em divisões, em corpos de exercito inteiros que são dizimados pelos diluvios de obuzes nas celebres *preparações* de ataques.

— Ha regimentos que desapparecem do exercito, por terem perecido totalmente.

Então, eu me levantei e disse:

— Perdôe a interrupção; mas, á vista de suas ultimas palavras, preciso citar uma phrase de Napoleão: «Um regimento não perece diante do inimigo. Elle se immortalisa!»

Trophéos

— A nossa bandeira não corresponde verdadeiramente ás nossas tradições nacionaes. As côres verde e amarella são, com effeito, filhas da Independencia e devem ser guardadas, mas o emblema central do losango não tem razão de ser.

Quando acabei de fallar, Claudio França, em meu apoio, disse:

— Tens toda a razão. Em vez do globo estrellado, alli deviam estar as armas tradicionaes da terra de Santa Cruz, a esphera armillar manuelina e a cruz de Christo, que sangrava nas velas das náos dos descobrimentos.

Uma feita, vi no museu do Instituto Historico da Bahia dois modelos das antigas bandeiras do Brasil colonial. A que foi officialmente reconhecida de 1500 a 1649 era toda branca e tinha, no centro, a cruz de Christo vermelha. A que vigorou de 1649 a 1808 era tambem toda branca com a esphera armillar de oiro, no meio. Ora, para manter a tradição, nada seria mais facil nem mais logico do que no losango amarello da nossa bandeira collocar a esphera sobre a cruz, retirando esse globo, que nada representa na nossa vida nacional.

Trocos

Todos nós condemnavamos as theorias dos philosophos allemães, que põem os super-homens acima do bem e acima do mal, com maior liberdade de acção, para alcançar seus fins, do que os semideuses da antiguidade classica.

Em certo ponto da palestra, eu disse:

— Os conquistadores, os tyrannos, os grandes homens, emfim, muito antes de estarem em voga taes theorias, já se attribuiam poderes excepcionaes e uma moralidade que se não podia medir pela craveira commum. Então, em materia de guerra e crueldades, eram verdadeiros deuses...

Mas, Claudio França, pousando na borda do cinzeiro de onix o seu charuto de Monterey, interrompeu-me:

— Houve um conquistador de quem se não relatam actos de crueldade e que se elevou acima das torpezas: Napoleão. Ainda em Santa Helena, elle dizia: «Para ser conquistador, é necessario ser feroz. Se eu tivesse sido, teria conquistado o mundo.» Com effeito, elle não fôra feroz.

"Revista Militar" junho 1917 - fasciculo IV - volume II

Dragões da Independencia.

Outro projecto que vale registrar pelo seu caracter util, embora o que possam dizer os seus desaffectos, é o do talentoso deputado Dr. Gustavo Barroso, denominando de «Dragões da Independencia» o 1º Regimento de Cavallaria, e lhe dando uniforme especial em dias de gala e em determinadas solemnidades.

Nós não iremos aqui justifical-o desnecessario como é repisar a argumentação brilhante do deputado cearense.

Não nos furtaremos, entretanto, á transcrever o que sobre a materia em debate escreveu no «Echo de Paris» de 21 de Abril de 1911, uma autoridade indiscutivel, consignando seu pezar pelo desapparecimento dos uniformes impressionantes, *que se procurava então supprimir no exercito francez. Trata-se do illustre general* Cheifils *que assim se expressava: quanto ao* apparelho militar—*textual*—: *do uniforme flammante, «cependant l'assaut demeurera de main comme hier* l'ultima ratio *de la lutte, le* quos ego *obligatoire, qui seul rompra son equilibre et fera d'un coup des fuyards et des vainqueurs. Pour cet acte suprême, les hommes couleur de terre, couleur de bois ou couleur de gazon fané, qui se léveront des sillons, coiffés de pots renversés, auront une esthetique peu impressionante, inhabile á jeter l'epouvante dans le cœur de l'ennemi.»*

Este é o conceito do consagrado general franccz.

ERNESTO CLAUDINO.

"Diario Official" - 7 - julho - 1917

O Sr. Presidente — Passa-se á votação das materias constantes da ordem do dia.

Votação do projecto n. 71, de 1917, determinando que o 1º regimento de cavallaria do Exercito tome o nome de Regimento de Dragões da Independencia, e dando outras providencias (2ª discussão).

Approvados successivamente em 2ª discussão os seguintes artigos do

PROJECTO

N. 71 — 1917

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º O primeiro regimento de cavallaria do Exercito tomará o nome de Regimento de Dragões da Independencia e usará, como primeiro uniforme, o fardamento tradicional da antiga guarda de honra de D. Pedro I.

Art. 2.º Nas formaturas do Exercito, o regimento, assim uniformizado, tomará a direita.

Art. 3.º O regimento terá por attribuições especiaes dar a carga final das revistas, a guarda do Palacio da Pesidencia nos dias de festa nacional, a escolta do Chefe do Estado e dos diplomatas estrangeiros, quando forem apresentar credenciaes.

O Sr. Mauricio de Lacerda (*pela ordem*) requer a verificação da votação.

Procedendo-se á verificação da votação, reconhece-se terem votado a favor, 76 Srs. Deputados e contra 31; total 107.

O Sr. Presidente — O art. 3º foi approvado.

Approvados successivamente em 2º discussão os seguintes artigos do projecto n. 71, de 1917:

«Art. 4.º Em campanha, o regimento retomará o seu numero e usará o uniforme commum da arma.

Art. 5.º Na data da promulgação desta lei, o Ministro da Guerra nomeará uma commissão de quatro membros, que, no prazo de um mez, apresentará o plano completo do uniforme tradicional.

Art. 6.º O Governo fornecerá aos officiaes do regimento um adeantamento para acquisição do uniforme.

Art. 7.º Revogam-se as disposições em contrario.

O Sr. Presidente — O projecto passa á 3ª discussão.

114

"Correio Paulistano" - 4 de julho de 1917

Os Dragões da Independencia e S. Paulo

Desejaria que me explicassem a investida de alguns srs. deputados contra o projecto do sr. Gustavo Barroso, denominando o 1.o regimento de cavallaria de **Regimento de Dragões da Independencia,** e dando-lhe o bello e esthetico uniforme com que foi consagrado na data da nossa liberdade. Parece que o dissidio de alguns dos nossos legisladores, que se abrigam com a sua sabedoria nas paredes brancas do Palacio Monroe, se baseia no receio de que o vistoso e branco uniforme dos futuros dragões possa aberrar da nossa querida democracia. Não seriamos nós os primeiros a perpetuar no uniforme dos corpos do Exercito as tradições, os feitos e as glorias do passado. E nem por isso as democracias que assim procedem deixam de ser democracias de bom quilate, sem o azinhavre das oligarchias e a ferrugem da fraude do voto popular.

Comecemos pela França, onde seculos de regimen real e decadas da gloriosa epopéa imperial não riscaram das bandeiras do seu Exercito, em plena Republica leiga e reaccionaria, os nomes evocadores de Austerlitz, Iena, Friedland, Wagram, nem tiraram as couraças dos seus couraceiros, nem a tunica azul-turqueza, com passadores negros, dos seus hussards, nem o uniforme turco dos seus zuavos.

Mais perto de nós, em pleno continente, os exemplos se multiplicam. E' o pequeno Uruguay ostentando em suas paradas o formoso regimento dos Blandengues de Artigas, em cujos uniformes revivem, symbolicamente, as doidas cavalgadas do genial caudilho, em combates, arremettidas e lanceadas, em pról da liberdade do nosso livre e democratico vizinho. Mais longe, do outro lado do Prata, extasiei-me, muitas vezes, com os ricos e vistosos uniformes da cavallaria argentina. Passa sempre á frente, no desfile, como logar de honra, o regimento n. 1 — os celebres **Granadeiros de S. Martin.** São todos homens de 1,m80, quasi gigantes, que montam alimarias de 1,m60. Em seguida, vêm os couraceiros General Lavalle, e, por fim, os caçadores General Necochea.

São aquelles ricos uniformes tradicionaes no Exercito argentino? Dizem que não, pois a busca em todos os archivos, nos mais velhos alfarrabios, não lhes deu o córte exacto, as côres verdadeiras e os symbolos de que se cobriam os esforçados guerreiros da independencia, da travessia dos Andes e das cargas majestosas de Chacabuco e Maipu'. Mas os argentinos pensam talvez como este luminoso espirito do Eça: — **as reliquias não valem pela authenticidade e sim pela fé que inspiram.** E assim é que a sua cavallaria, nos seus brilhantes uniformes, relembra os feitos gloriosos dos avoengos e os nomes daquelles que, com o seu sangue, a sua ousadia e a sua bravura, illustraram paginas da historia nacional.

A nossa reliquia, porém, tem a sua authenticidade. Numa téla immortal lá estão os dragões de braço alçado, vestidos de branco, botas á couraceira, capacete alto, jurando, perante o imperador, a divisa immortal — **independencia ou morte.**

O primeiro regimento de cavallaria merece a distincção que se lhe quer dar. Um seculo de existencia, mais alguns annos do que o tempo em que somos livres, conta em sua chronica. Organizou-se em 1808, á chegada aqui de d. João VI — outro marco luminoso da nossa historia. Em 1822, acompanhando d. Pedro na sua marcha triumphal para o Rio, ahi completou a sua obra, combatendo as tropas portuguezas que impediam o advento da independencia. Ao sul, poucos annos depois de sermos nação, o extrangeiro pisou terra do Cruzeiro, e lá, ás margens do ribeiro de Ituzaingo, os sabres dos dragões, por quatro vezes, levaram para trás a cavallaria inimiga, e seu sangue manchou de vermelho a relva da coxilha, em holocausto á Patria e á bandeira que ajudaram a formar. Muitos annos correram depois. No 7 de abril lá esteve ao lado do povo, contra o cesarismo. E, em torno do throno imperial, foi sempre um elemento de ordem e de fidelidade. Mas chegaram dias em que o throno imperial não satisfazia ás aspirações nacionaes. Os dragões da Independencia, de Ituzaingo e do 7 de abril desembainharam seus sabres, e levados por Deodoro abriram uma nova phase de nossa historia. Justo é que se lhe fixem, nos seus uniformes, por ser o mais velho dos nossos regimentos, a data e a lembrança da nossa ephemeride culminante — a independencia.

Distincção tão grande, apesar de merito do velho regimento, iria despertar em todo o Exercito uma formidavel ciumada. Que diria o 1.o regimento de artilharia, apenas mais joven de alguns annos? Esqueceram, por acaso, (falaria elle) que estive em Ituzaingo, onde vomitei metralha sobre esquadrões, baterias e quadrados inimigos; não se lembram que abri brecha nas muralhas de Paysandu' e Salto e Montevidéo; que destrui o celebre pombal do dictador Rosas, onde se apoiava toda a linha do tyranno, na memoravel jornada de Caseros; que, através dos pantanaes de Entre-Rios e Corrientes, atravessei o Passo-da-Patria, e esbandalhei os esquadrões heroicos dos paraguayos em Tuyuty, e concorri para a victoria de Humaitá, Itororó e Lomas-Valentinas, entrando triumphalmente em Assumpção?

Bem, que o Congresso tome uma medida de caracter mais geral. Permitta que as bandeiras dos nossos batalhões e regimentos tragam pendentes de suas hastes os nomes das batalhas em que combateram pela Patria, contra inimigo extrangeiro. E mais: consinta que os nossos batalhões e regimentos accrescentem ao seu numero o nome de uma batalha em que se illustraram, ou o nome de um general fallecido, que tenha commandado, com brilho e bravura, contra inimigo externo.

Ora, o primeiro regimento de artilharia, a mais gloriosa e a mais antiga unidade desta arma destruidora ficaria muito aquinhoado e satisfeito e orgulhoso, si, para o futuro, tivesse o titulo — **1.o regimento de artilharia Tuyuty.**

De sua bandeira, tremulando ao vento, nos dias de parada e de batalha (porque estas virão), dendeariam as fitas com os nomes de Ituzaingo, Paysandu', Tuyuty, Itororó, Avahy, Lomas-Valentinas, relembrando aos soldados de hoje que os seus avôs se deixaram matar nos seus postos, lançaram todas as suas munições contra o inimigo e nunca perderam os seus canhões.

Demorei mais do que devia na glorificação do 1.o de artilharia.

Desculpem-me, sou artilheiro.

Eguaes direitos, para que não pensem que me deixo absorver pelo espirito da arma a que pertenço, têm muitos outros corpos do nosso exercito: — O 1.o de infantaria e o 2.o de cavallaria, para não citar muitos outros. Este, por exemplo, esteve muitos annos sob o commando de Osorio. Em Caceros, em 3 de fevereiro de 1852, tendo á sua frente a primeira lança do exercito, suas cargas destroçaram os esquadrões inimigos, repellindo-os, fugitivos, no caminho de Buenos Aires, precedidos pela sombria e sanguisedenta figura de Rosas, o tigre do Prata.

Não supponham os senhores deputados, contrarios aos dragões da Independencia, que a idéa do sr. Gustavo Barroso pecca por pueril. Os exercitos, como as nações, vivem de symbolos e tradições. Um exercito precisa de idéas de gloria, de honra e de bravura, como um alimento para sua armadura moral e para o seu espirito de abnegação e sacrificio. Ao joven recruta que entra hoje em nossos quarteis, nós lhe falamos uma linguagem ardorosa, em que os nomes de batalhas e de generaes e soldados valentes lhe mostram que temos um passado de

"A Noite" - 8 - julho - 1917

heroismo a zelar. Mas é preciso que, em cada corpo, a tradição seja materializada, seja visivel, Dahi a necessidade dos uniformes historicos, dahi a idéa das fitas com os nomes das batalhas rudes que pelejámos. E ao nosso povo, cuja tradição militar e heroica deixou de ser cultivada, os uniformes dos dragões irão relembrar o grito do Ypiranga, o feito da nossa independencia. Abeira-se o nosso centenario. S. Paulo irá festejal-o, por direito, com pompa e brilho. A' vista da nossa cidade ergue-se sobre a collina historica, o monumento que recorda o 7 de Setembro de 1822. Reproduzamos, por conseguinte, quanto possivel, na linda esplanada, a cavalgata dos dragões. Por isso é que penso, sem desejar ser amavel ao sr. Gustavo Barroso, que o 1.o regimento de cavallaria, então dragões da independencia, deverá desfilar com os seus historicos uniformes sob as vistas da população desta brilhante capital, com os mesmos uniformes brancos da independencia. E dos braços de cada dragão, bem largas e longas, devem pender fitas verdes e amarellas, recordando o gesto das senhoras paulistas que assim decretaram as côres da nossa bandeira. Ao menos, como homenagem ás damas de S. Pulo, deve a nobre bancada paulista apadrinhar o projecto em discussão. E teremos os nossos dragões com as suas fitas verdes e amarellas, seus uniformes brancos, suas botas á couraceira, seus grandes capacetes, enchendo-nos de orgulho e recordando-nos que cem annos de existencia nos exigem mais juizo e mais amor á nossa formosa e grande terra.

Genserico de VASCONCELLOS

"Rua" - 4 - julho - 1917

Ideias e Palavras

O novo livro de Gustavo Barroso

Gustavo Barroso é um dos mais brilhantes escriptores desta geração litteraria que ahi está a trabalhar, a produzir cousas formosas. Elle, como poucos, tem um estylo seu, um modo particular de vasar as suas paginas, onde palpitam admiraveis qualidades do escriptor.

Os seus livros publicados e tão gabados pela critica, bem o comprovam.

Gustavo Barroso não quiz dormir sob os classicos louros dos seus primeiros triumphos litterarios. *As Terras de Sol e Praias e Varzeas*, livros que reflectem o alto valor do moço escriptor, pela sua grande feição regionalista, segurança de observação e ampla copia de detalhes, juntar-se agora, *Idéas e Palavras*, que recebemos e acaba de ser posto á venda, editado pelos Srs. Leite Ribeiro & Maurilio.

E Gustavo Barroso (João do Norte) já tem prompto outro livro — *Heróes e Bandidos* descrevendo typos caracteristicos do sertão brasileiro, traçando-lhes a psychologia original, os seus heroismos e banditismos.

O que eram os nossos

Dragões da Independencia

A Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I

Agora que se fala em Dragões da Independencia, sobre o projecto de um deputado creando um uniforme especial para certo regimento de cavallaria do Exercito, vem a proposito recordar a Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I, que outra cousa não era sinão o que o deputado cearense pensa resurgir.

Mas as creações dessa natureza foram sem duvida proprias á época, ao systema de governo e ás instituições, que o tempo de hoje já não comporta.

A Imperial Guarda foi um corpo luzido, brilhante, não só pelo aspecto marcial do seu uniforme, como pela escolha que presidiu á sua composição. Ainda hoje ha quem tenha como reliquias de seus antepassados o capacete de metal dourado e a espada tambem de guarnições douradas, dos Dragões da Independencia, que pertenceram, que foram de uso de um coronel da Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I.

Dessas reliquias são as photographias que illustram estas notas, juntamente com o retrato do coronel João Hilario de Menezes Drummond, de quem foram ellas.

O coronel João Hilario de Menezes Drummond, da Imperial Guarda de Honra de Dom Pedro I, foi um dos intimos e confidentes do

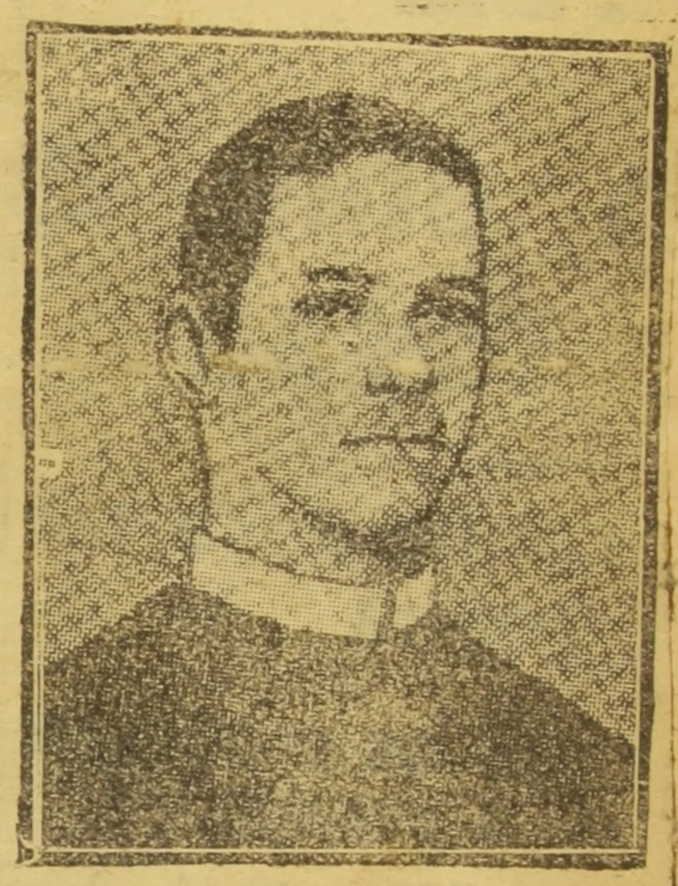
primeiro imperador. Descendente de John Drummond, da ilha da Madeira, dos Drummond de Hawthorden, da Escocossia nasceu em 16 de março de 1798. Casou-se em 21 de janeiro de 1819 com D. Maria Joaquina Moreira. A 13 de dezembro de 1821 nasceu sua filha Amalia de Menezes Drummond, que se casou a 8 de setembro de 1840 com o commendador Salvador Furtado de Mendonça, pae dos Drs. Lucio e Salvador de Mendonça. Eis como taes reliquias, que nos foram mostradas, se encontram hoje, com as filhas de Salvador de Mendonça.

O capacete, que é todo de metal dourado, tem em letras de prata a inscripção — "Imperial Guarda de Honra P. I.". Falta ao capacete a caude de "aigrette" vermelha, ou preta, que o distinguia. Na lamina da espada ainda se vê, embora apagada, a inscripção — "Viva o imperador" — em letras douradas.

"Epoca" - 11 - julho - 1917

O elogio funebre de d. Joaquim José Vieira na Camara

Falaram os srs. Gustavo Barroso e José Lobo



D. Joaquim José Vieira

No expediente, hontem, na Camara, houve apenas dois oradores — os srs. Gustavo Barroso e José Lobo. Ambos foram breves e fallaram sobre a personalidade modelar de d. Joaquim José Vieira, bispo resignatario de Fortaleza e, que, ha quatro dias, falleceu em Campinas.

O deputado pelo Ceará evocou a figura do velho prelado, em phrases cheias de verdade, pondo em relevo o seu grande coração e a sua piedade immensa. Salientou a sua acção religiosa, para provar o quanto ella fôra efficaz. Concluiu requerendo a inserção, em acta, de um voto de pezar.

Succedeu-o na tribuna o sr. José Lobo. O representante paulista reforçou as expressões do sr. Gustavo Barroso e, em palavras vigorosas, traçou o elogio de d. Joaquim José Vieira, enumerando-lhe as virtudes e os dons de evangelista. Não foi só — terminou o sr. José Lobo — um prelado superior, mas um notavel brazileiro.

A Camara, por unanimidade, approvou o requerimento do sr. Gustavo Barroso.

AUTHENTICA

Ao deputado amigo Gustavo Barroso

Num bonde. Um par entrou de namorados
Ou de noivos talvez, pois, boje em dia
Por toda a parte, a sós, e sem vigia,
Longe dos paes, são noivos encontrados!

No banco meu depois de aboletados
Com trasbordante e gárrula alegria,
Largas á lingua deram.., Parecia
Do mundo estarem ambos afastados.

Ditosa e meiga, a moça enternecida
Ao seu Romeu fallava, commovida,
Feliz, sorrindo cheia de... innocencia.

E elle ufano; dizia-lhe, nervoso:
« Um tigre sou no amor; — tremendo, iroso,
Mais que feroz dragão da... Independencia! »

Telles de Meirelles

"Fon-Fon" 21 julho 1917

"Diario Official" - 11-julho - 1917

O Sr. Gustavo Barroso — Sr. Presidente, os jornaes de hontem noticiaram o fallecimento, em Campinas, do eminente D Joaquim José Vieira, arcebispo resignatario do Ceará e arcebispo titular de Cyrro.

D. Joaquim José Vieira foi um dos mais illustres prelados brasileiros nestes ultimos tempos. (*Apoiados.*) Um vespertino de hontem publicou a respeito delle a seguinte nota biographica:

«Prelado illustre, possuidor de um coração generosissimo, alma religiosa que sempre viveu para a religião do Salvador, D. Joaquim Vieira sempre dispoz da admiração geral, pela sua cultura, pela sua bondade, motivo por que a sua morte só póde provocar consternação.

Natural do Estado de S. Paulo, em cujo seminario estudou, recebendo as tonsuras das ordens menores e maiores, teve D. Joaquim, por um largo tempo, de dirigir a então parochia de Campinas, desfructando dessa época da mais sincera affeição por parte de seus parochianos.

Eleito bispo de Fortaleza, o coração generoso de D. Joaquim se desdobrou em caridade pelos sertões cearenses, levando o conforto da religião a todos os infelizes — que a secca martyrisava, em um doloroso transe de soffrimentos horriveis.

Nesse afan, nesse estado de multiplos trabalhos, materiaes e espirituaes, passou o illustre morto de hoje, quasi trinta annos, mais de um quarto de seculo, sem que as visitas pastoraes para a propagação da caridade o forçassem a um retrahimento, pelo cansaço natural.

A diffusão da fé, os ensinamentos de Christo, tiveram em D. Joaquim um devotado batalhador, que soube legar á Fortaleza um seminario e um collegio diocesano, de onde sahe um clero illustre, que muito honra ao Ceará.

Voltando ao descanso, já na velhice, depois de lutas incessantes, D. Joaquim voltou ao seu Estado natal, recolhendo-se á sua antiga parochia — Campinas amada — onde vem de fallecer, occupando uma modesta sala da Santa Casa de Misericordia.

Os seus meritos, a sua bondade, os seus serviços prestados á Igreja, valeram-lhe o titulo de Arcebispo de Cyrro, com que o Santo Padre tão bem soube premiar os seus muitos esforços despendidos».

A acção de D. Joaquim José Vieira, no Ceará — social, religiosa, caritativa — foi immensa. Basta, Sr. Presidente, relembrar que elle, atravessando periodos difficeis, superando todos os obstaculos, conseguiu fundar o patrimonio do bispado, que nada possuia, conseguiu fundar uma escola, conseguiu manter o seminario, dirigindo, sempre de modo benevolo, digno, todos os negocios da igreja cearense.

Era estimado, amado, venerado, póde-se dizer mesmo — adorado, no Ceará. (*Apoiados.*) Sua caridade nunca se esgotou; seu palacio sem alfaias, sem mobiliario, sem tapetes, sem riqueza de especie alguma, era aberto a todos os necessitados, e tudo quanto elle recebia dos seus emolumentos religiosos dava aos pobres.

O Sr. Frederico Borges — E morreu pauperrimo.

O Sr. Gustavo Barroso — Dahi, a grande manifestação que lhe fez o povo do Ceará, quando delle se despediu para voltar a Campinas, sua terra natal.

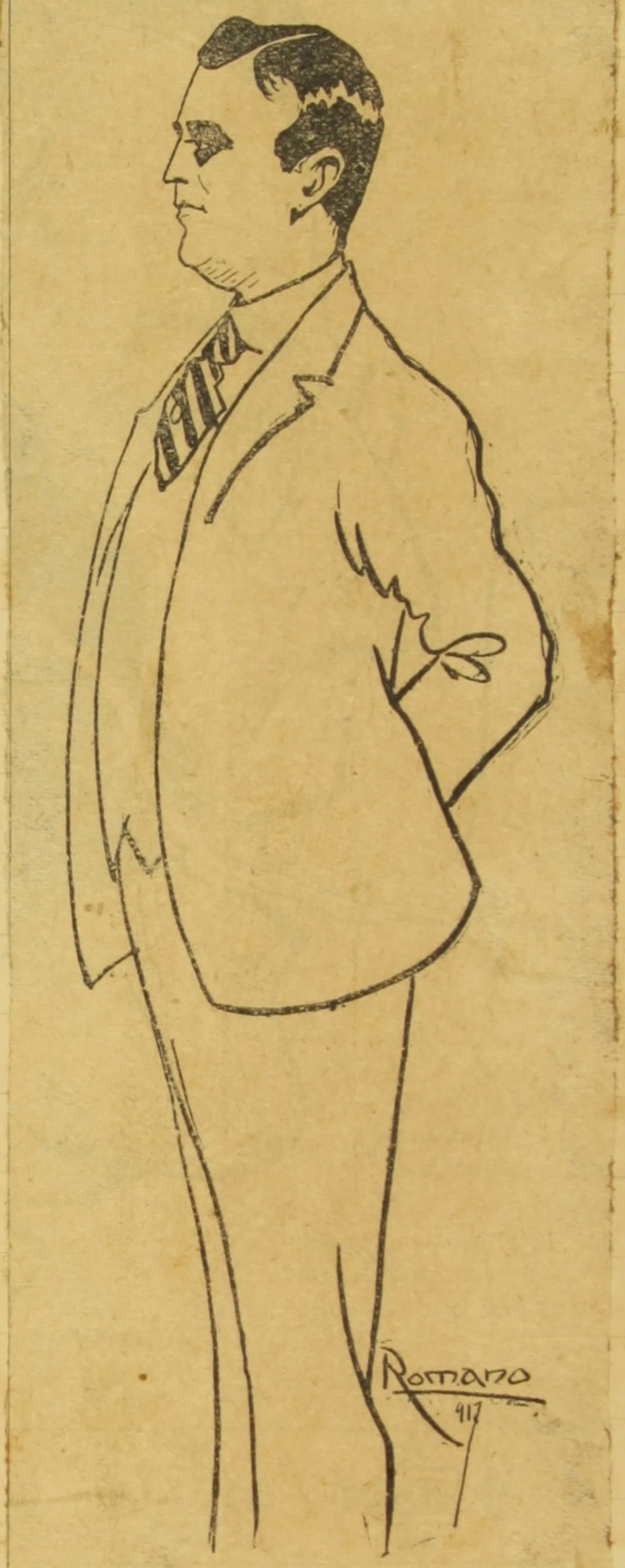
D. Joaquim morreu na maior pobresa; as unicas cousas que deixou no seu testamento foram as insignias de bispo — o baculo, o annel e o vestuario. Nada mais possuia, porque tudo quanto lhe pertencia déra aos pobres.

Na época actual, D. Joaquim resuscitou o typo dos antigos bispos christãos, verdadeiro pastor das suas ovelhas, daquelles bispos venerandos, biographados por Jacques Voragine na sua obra «Legende Dorée».

Venho, pois, em nome da bancada cearense, em nome do Estado do Ceará, pedir a V. Ex., Sr. Presidente, consulte a Camara si consente seja inserido na acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento de tão illustre prelado, de quem disse hontem, no Senado, o Sr. Adolpho Gordo, com muita propriedade, que foi, realmente, um brasileiro notavel. (*Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado.*)

"D Quixote" - Rio - 11 - julho - 917

Gustavo do Norte, João Barroso



Armou os Dragões da Independencia que o Mauricio de Lacerda desbaratou com uma carga de bayoneta fallada.

"Fon-Fon" 14 julho 1917

Tassalhos

Quando entrei no seu gabinete severo e elegante, com estantes a Luiz XVI, reluzentes de bronzes, cheio de estatuetas claras, de porcellanas inglezas, de faianças da Hollanda e de aquarellas maravilhosas, Claudio França, enterrado na poltrona, resonava, emquanto aos seus pes manchava o tapete vermelho uma brochura amarella.

Bati-lhe no hombro e o meu amigo acordou meio assustado. Esfregou os olhos, accendeu um Partagas e falou:

— Dormia narcotisado pela leitura desta obra, eminentemente nacional, versos não sei de quem. Ao findar o primeiro soneto, ferrei no somno e sonhei mais ou menos com uma scena que li no «Memorial de Santa Helena». Napoleão costumava ler sempre algumas paginas, á noite, em Longwood, para distrahir-se e aos seus companheiros de exilio. Uma vez, entendeu de ler, se me não engano, «Atreu e Thyeste» de Crebillon, tragedia tão mal feita, que o conde de Las Cases, Gourgaud, Montholon e Bertrand pediram, supplicaram ao Imperador que suspendesse a leitura.

Veja você o resultado de querer ler versos insupportaveis: dormi e tive este pesadelo — Napoleão a ler-me estes versos, que ahi estão no tapete, e eu, amordaçado, sem poder rogar-lhe que parasse a leitura. Felizmente acordei!

"Fon-Fon" 14 - julho - 1917

Trelas

— Porque usas um brazão na pedra do annel? Porque não procuras outro sinete?

— Uso estas armas, porque tenho este direito. Minha mãe era neta de hollandezes e fidalga.

— Historias! Neta do principe de Nassau, o grande Mauricio, ou de outros fidalgos da guerra hollandeza no norte?

— Não. Estou fallando a verdade. Minha mãe era neta dum general hollandez, fidalgo de muito bom sangue.

— Não ha actualmente no Rio quem não descenda de fidalgos. Por isso você permittirá que eu não acredite que o meu velho camarada seja principe...

— Não sou principe, porém tenho o direito de usar este brazão. Você sabe que me chamo Luiz Hogendorf Sampaio. Minha mãe era Antonietta Hogendorf, neta do general hollandez Hogendorf, que veio para o Brasil no começo do seculo passado, fugindo ás perseguições que na Europa lhe faziam por ter sido da intimidade de Napoleão.

— Isto é sério?

— Tão sério que você póde ler no testamento do Imperador, feito em Santa Helena, no segundo codicillo, o seguinte: « Au general Hogendorf, hollandais, mon aide de camp, refugié au Brésil, cent mille francs.»

"D. Quixote" - 11 de julho de 1917

A CARGA FINAL

— *Dos verdadeiros* dragões *da nossa* dependencia *economica*...

"Noite" - 15 - julho - 1917

O monturo das nações

No correr do ano passado, falou-se na necessidade de regulamentar o direito de entrada de estranjeiros em nosso paiz. Houve a esse respeito um excelente projeto do deputado Gustavo Barrozo. Sobrevieram, porém, outras necessidades politicas e o projeto ficou esquecido.

Pela marcha que as couzas estão seguindo, ha agora o lejitimo receio de que, terminada a guerra, nós nos achemos exatamente como estavamos antes dela. E assistiremos á irrupção em nosso paiz de hordas de mendigos e estropiados, todos os destroços dos paizes em guerra.

Essas hordas virão principalmente das nações vencidas, porque estas, diminuidas de territorio e tendo de lançar impostos pezadissimos sobre os seus habitantes, procurarão descartar-se dos que lhes forem uma simples sobrecarga. E para onde despeja-las, sinão para o unico paiz, que disputa a honra de ser o monturo dos outros?

Ninguem sabe quando será o fim da guerra. Os governos europeus, por prudencia, continuam a dizer que ele não pode vir sinão d'aqui a muito tempo. A verdade, porém, é que tanto essa hipoteze como a do acabamento rapido são igualmente possiveis. Nada justifica, portanto, que continuemos como até aqui, inertes.

Os acontecimentos de S. Paulo vêm mostrar que, ao lado de reivindicações operarias justissimas, ha explorações perigozas. Por cumulo, os incitadores dessas explorações são, em geral, estranjeiros, que, não gozando em suas patrias da liberdade de que gozam aqui, vão até o abuzo e o incitamento á rebelião e ao crime.

Isso prova que se preciza revêr ao mesmo tempo o direito de entrada e o de permanencia no nosso paiz, com a sua consequencia lojica: o alargamento do direito de expulsão.

O momento atual é o mais proprio para isso, porque o Supremo Tribunal verá emfim que a sua jurisprudencia preciza reconhecer ao Brazil o direito de soberania de que gozam todas as nações do mundo, direito de soberania que envolve forçozamente o de excluir do territorio nacional todos os que não nos convier conservar nele.

Si isso não se fizer, a colonização alemã, que já é um perigo, maior perigo se tornará para o futuro. E emquanto todas as nações defenderão severamente o ingresso do seu territorio, nós ficaremos o despejadouro dos reziduos de todas elas.

Medeiros e Albuquerque

"Fon-Fon" - 14 - julho - 1917

Telas

Ao findarem os commentarios daquella roda illustre de illustres lettrados sobre a conflagração européa ou melhor — mundial, eu afundei-me mais na vasta poltrona Mapple e vagarosamente, preguicentamente fallei:

— A guerra actual, por infelicidade dos homens, não será a ultima. Será antes a causa de muitas outras guerras. Talvez nunca a humanidade contemple a derradeira batalha, porque, emquanto houver interesses, o homem se ha de bater.

Muitas vozes se elevaram contra mim. Houve até um certo tumulto. A maioria achava que o espirito militar e guerreiro do mundo não subsistirá depois da grande guerra actual.

Claudio França, que estava a uma janella, atravessou calmamente o salão e, remexendo o assucar na sua chicara de chá, de porcellana japoneza, interpoz-se entre os contendores com estas palavras:

— Elle tem, por certo, razão. Apoia-o um dos mais profundos pensamentos do profundo Leonardo da Vinci: «Sempre sobre a terra os animaes combaterão entre si com os maiores sacrificios e ás vezes a morte para ambos os lutadores.»

Todos calaram-se e continuaram a tomar chá.

Trincas

Mario Guedes é um jornalista modesto, embora seu reconhecido valor, tanto a sua modestia o faz esconder-se e occultar-se dos applausos e dos louvores. E' tambem optimo e bem formado coração.

Ama os proximos e a terra onde viveu longos annos, o Amazonas magestoso resoante de lendas e de mysterios. Dahi o seu primeiro livro, um depoimento sincero de cearense que remigrou um tanto saudoso da região do rio-mar. «Pelos Seringaes» é uma rememoração fiel da vida amazonense, tão original, tão primitiva e tão pouco descripta.

Mario Guedes ama a arte e por isso traçou no *Jornal do Commercio* um artigo critico sobre a grande obra realisada pelo Dr. Laudelino Freire — «Um seculo de pintura», obra com effeito digna de todos os encomios.

Numa plaquette elegante, o criticado, sensivel ás expressões do critico, editou o artigo. Assim, o moço jornalista nos dá o ensejo de apreciar o seu talento atravez duma nova feição, em que a sua sinceridade e o seu bom gosto lhe dão grande vantagem.

lhes faz pensar que a terra descansa dentro do repôlho colossal de que nasceu.

O Gayoso olhou a minha cara seria e commovida, e disparou na gargalhada...

Truanices...

Iamos no bonde do Bebedouro, arrabalde de Maceió, quando o Gayoso, meu alegre e intelligente companheiro de viagem, despertou minha attenção para um facto interessante. Em toda a parte do mundo, nos pilares dos portões de jardim collocam-se figuras de pedra ou louça, representando cães e leões, ou jarras com plantas e flôres. Mas alli não havia portão de chacara que não tivesse no alto das pilastras o globo terrestre a surgir de dentro dum colossal repôlho pintado de verde, como se a terra fôra uma dessas creancinhas dos postaes de communicação dos nascimentos.

Achei graça na observação do Gayoso e disse-lhe a sorrir:

— Talvez esses orbes terrestres nascendo de repôlhos sejam alli collocados em signal de crença religiosa ou philosophica. Sabemos nós, porventura, em que acredita, a que religião pertence o povo de Maceió? E' talvez ainda

118

"Diario Official" - 17 - julho - 1917

um problema. Os hindús faziam repousar a terra sobre o dorso dum elephante, os pelles vermelhas cuidavam-na transportada nas costas duma tartaruga, os egypcios acreditavam que estava alicerçada no lombo dum crocodilo e a fabula grega fazia carregada pela força brutal de Atlas. Quem sabe se as crenças philosophicas ou religiosas da gente de Maceió não

17

Trabusanas

— Os ultimos telegrammas contam peripecias assombrosas e heroismos excepcionaes dos soldados italianos na sua offensiva contra a Austria. São actos de tanta bravura e de tanta coragem que devem encher do mais justo orgulho toda a nação. Tinha desejos de ser italiano.

— Ora, meu caro, deixe-se disso. Apezar das noticias que os jornaes têm publicado sobre as façanhas dos alpinos e dos bersaglieri, tenho cá as minhas duvidas... Eu não creio na bravura italiana.

— Faz mal. Lembre-se das legiões.

— O romano antigo tinha outra tempera. O italiano moderno não se lhe assemelha. E Napoleão dizia que o soldado italiano...

— Alto lá, meu amigo! Esse conceito que attribuem a Napoleão é falso. Não passa duma réles fabula. Napoleão sempre fez bom juizo dos soldados italianos. Leia o que elle, em Santa Helena, dictou aos seus companheiros sobre a Italia e encontrará este pedaço: «A bravura das tropas italianas não pode ser posta em duvida em tempo algum. Basta lembrar Roma e os *condottieri* da idade-media e, na nossa epoca, as tropas da republica Cisalpina e do reino da Italia.»

Tiques

O despotismo de Luiz XIV não impressionou os soberanos europeus que o visitaram nos explendores de Versailles, mas fez uma grande móssa na alma vibratil de Christina da Suecia, cujo espirito nunca poude supportar o orgulho do soberano francez e da sua côrte. A filha de Gustavo Adolpho causou em França pesssima impressão e sahio de França, levando peior impressão do que a que deixou.

Ella deixou transparecer esse seu aborrecimento nas pequenas, vibrantes, argutas e fortes notas á margem das paginas do «Principe». E nada mais interessante do que ler Machiavel commentado pela princeza que fez matar Monaldeschi.

Quando o politico florentino estabelece differenças entre os governos da Turquia e da França, ella escreve: «Essa differença não existe mais. O governo da França é uma miniatura do da Turquia.» Quando elle fala das difficuldades em conquistar a França e de conserval a submissa, a rainha da Suecia gatafunha com zanga: «Apezar da opinião do grande politico, acho a França facil de ser conquistada e de ser conservada.»

Como se enganava a filha do heróe de Leutzen!

O Sr. Presidente — Acha-se sobre a mesa uma emenda, que vae ser lida.

E' lida, apoiada e enviada á Commissão de Finanças a seguinte

EMENDA AO PROJECTO N. 71, DE 1917

(3ª discussão)

Accrescente-se onde convier:

O commandante do regimento dos Dragões da Independencia perceberá a gratificação mensal de 300$; o respectivo major, a de 180$; os capitães, a de 150$; os demais officiaes, a de 100$000.

Justificação — Justifico a presente emenda no dever de protestar ainda uma vez contra o devaneio alacre que significa o projecto do nobre Deputado pelo Ceará. Approvado em 2ª discussão, a visivel contragosto da Camara, por méra condescendencia e, sobretudo, por attencioso deferimento ás solicitações que de bancada em bancada andou a fazer o seu illustre autor, parece-me conveniente que a Commissão de Finanças o examine, antes da consagração definitiva, em terceiro turno, já que a de Marinha e Guerra não entrou em detalhes de apreciação, não emittiu parecer sobre elle e sómente o encampou, para o trazer a plenario com os mesmos parcos fundamentos do proprio autor, originalmente apparecendo tambem como Relator, nos avulsos distribuidos com a «ordem do dia»!! Além disso, ha talvez cem contos de despeza nova no custo dos «Dragões» (fardamentos, paramentos, etc.), segundo calculo do mesmo illustre Deputado Barroso, sendo curial, portanto, que se indague si póde essa verba caber no orçamento de 1918, exactamente quando, para o custeio da defesa nacional, se estão a reclamar do paiz novos e pesados sacrificios, inclusive o de uma emissão vultuosa, com todos os seus naturaes effeitos.

Por ultimo, a Commissão de Finanças dirá á Camara si, de facto, precisamos de regimentos que dêem a ultima carga nas paradas», como reza o projecto, ou si, antes, precisamos dos que dêem a primeira carga nos combates... Até lá, e emquanto o velho Portugal amigo não tiver a fantasia de tolher a nossa independencia, os «Dragões» poderão ficar montando guarda ao historico casarão do Ypiranga ou ao Museu Nacional...

Sala das sessões, 16 julho de 1917. — Antunes Maciel Junior.

Encerrado em 3ª discussão o projecto n. 71, de 1917, e adiada a votação até que a referida Commissão dê parecer sobre a emenda offerecida.

"A Rua" - 15 - julho - 1917

NOVAS & ECOS

Os acontecimentos de S. Paulo fizeram com que a nossa imprensa voltasse as suas vistas para as correntes emigratorias que existem no Brasil. Está sendo lembrada a necessidade de uma revisão na lei que regula a entrada e sahida de estrangeiros neste paiz.

Já hontem Medeiros e Albuquerque, lembrando a necessidade de ser posto em execução o projecto de lei do deputado Gustavo Barroso, sobre os indesejaveis, chamava-nos acertadamente o monturo das nações.

Realmente, o receio que nos preoccupa de ter, depois da guerra, uma grande invasão de mutilados estrangeiros é um receio justo, que deve merecer das nossas autoridades as medidas mais intelligentes e mais sensatas. Mas não deve ser sómente pelos mutilados que devemos rever a lei que regula a entrada e sahida de estrangeiros. Mais indesejaveis que os "indesejaveis" do sr. Gustavo Barroso (nem por isso o seu projecto deixa de ser excellente) são os emigrantes que, não tendo nenhuma mutilação physica, podem representar para este paiz o elemento da desordem e da subversão. São os elementos anarchistas, que, dia a dia, mais numerosamente invadem o nosso paiz. Até agora não houve da parte dos nossos legisladores uma medida no sentido de regular a entrada desses elementos que ninguem póde negar que sejam perigosos. E esses elementos aqui vivem em franca desenvoltura, em franca effervescencia, absolutamente á vontade dentro da liberalidade excepcional das nossas leis.

Se fossemos um paiz de real cultura, em que o elemento popular já estivesse á altura de dar ás idéas anarchistas o valor que ellas merecem, vá. Mas nós sabemos quem é o nosso povo, a sua ingenuidade, a sua simplicidade, a boa fé desmedida. E sabemos tambem quanto é inteiramente perturbador em espiritos incultos e ingenuos a floração de idéas subversivas.

O exemplo foi-nos dado magistralmente, luminosamente, por Blasco Ibanez, na "Cathedral".

O nosso povo não está ainda em condições de soffrer uma invasão de anarchistas, como, de facto, essa invasão está sendo feita.

O nosso operario é ainda um operario sem luzes, e um jorro subito de idéas, por melhores que ellas sejam, só lhe póde é estontear e desvirtual-o.

E, se medidas sérias não forem tomadas pelas nossas autoridades, teremos em pouco tempo o Brasil um ninho perigoso de gente perigosa e temivel, uma caldeira formidavel de idéas absolutamente diabolicas e de effeitos absolutamente eguaes ás idéas.

Em futuro seremos um ninho de anarchistas.

E não se diga que sejam anarchistas que tenham a serena e ás vezes redemptora convicção de suas idéas. Não. Os nossos futuros anarchistas serão anarchistas confusos, atordoados, que confundirão alhos com bugalhos, anarchistas da ordem daquelles que Ibanez descreve no final da "Cathedral".

"Don Quixote" — 19 - julho - 1917 | "Fon-Fon" - 24 - agosto - 917

DRAGÕES E DRAGONAS

Projecto de um «panneau» decorativo para o Quartel do 1º Regimento de Dragões da Independencia... do sr. Gustavo Barrozo.

As duas figuras do 1º plano representam o Publico pagante que marcha para os fardamentos.

Zanguizarras

Madame Mendes queixou-se ao marido das roubalheiras do açougueiro, um ladrão de marca no peso da carne já tão cara por causa da carestia. Disse-lhe que todo o dia tornava a pesar em casa a xã de dentro que vinha do açougue e, ao envés de achar um kilo justo, verificava sómente 850 ou 900 grammas.

O sr. Mendes ficou furioso. Poz o chapéo á cabeça, agarrou a bengala de junco e sahiu, disposto a quebrar os ossos do ladrão. Entrou pelo açougue como uma bala e desandou terrivel catilinaria contra o proprietario, um portuguez obeso e vermelho.

Quando acabou, o homem, calmo e sorridente, perguntou-lhe:

Mas que aconteceu, que foi, senhor doutor?

— Que foi, maroto? E' o seu kilo de carne que só tem, quando chega lá em casa, 900 grammas.

— Ora, por tão pouco, senhor doutor, não vale a pena este barulho. Vamos fazer um ajuste. Quando o kilo tiver menos de 700 grammas, vossa senhoria vem cá reclamar que eu attendo logo a sua reclamação.

"A Rua" 21 julho 1917

LIVROS E ESCRIPTORES

"Idéas e palavras", de Gustavo Barroso. Leite Ribeiro & Maurillo, editores.

O novo livro de G... Barroso (João do Norte) é bem um livro do autor emotivo e scintillante de "Terra de Sol". Ha nelle a mesma vibração, o mesmo enthusiasmo pelas idéas generosas, que nos vieram atravez da historia e que ainda hoje enchem de justo orgulho e de incontida admiração os espiritos da sua "élite".

Dentre os escriptores da moderna geração, o deputado cearense é, incontestavelmente, um dos mais fortes, um dos mais sadios, um dos mais impetuosos. A sua phrase, sem atavios, mas fugindo sempre aos termos communs, prende, seduz, empolga, e, não raro, arebata. Os seus periodos são lindos, assim, sob a mais agradavel das impressões. Passam uns após outros; as paginas correm vertiginosamente — e, em pouco tempo, o leitor chega ao fim do livro.

Foi, ainda agora, o que nos succedeu com "Idéas e Palavras", que os editores brasileiros Leite Ribeiro & Maurillo acabam de dar á publicidade. Encerra o livro 41 chronicas deliciosas, em que Gustavo Barroso, num estylo todo seu, analysa e commenta com requintada propriedade certos factos que lograram prender a sua attenção, forçando, por assim dizer, a sua imaginação creadora, desafiando a sua palavra ardorosa, reduzindo as suas pesquizas e as suas investigações.

Fazendo de velhos assumptos novos assumptos, o autor applaudido de "Terra de Sol" imprime feição inedita a todos os seus capitulos; e, dess'arte, quer revivendo conhecidas lendas, como as da Mancenilha e a de Phrynéa, quer abordando os acontecimentos dos nossos dias, é elle o mesmo analysta seguro e irreverente, o mesmo observador aguçado e justo.

Acima de tudo, porém, Gustavo Barroso é um profundo conhecedor da Historia Antiga. Não erraremos, pois, dizendo que as melhores paginas do seu livro são precisamente, as em que elle nos falla das tres cidades santas, Constantinopla. Cairo e Meca, da reconquista de Byzancio, da posse de Constantinopla, "doirada e branca entre o azul do céo e o azul do mar", da intimidade dos Balkans e dos captivos.

Outras chronicas dignas ainda de especial menção são as que se intitulam A mania do horrivel, Os dragões da independencia, Manezinho do bispo, A tortura da esperança, Pelas arvores e A vingança do Occidente, nas quaes está nitidamente revelada a mão firme de quem as traçou.

"Idéas e palavras" é, em summa, um livro magnifico que deve ser lido pelos que amam as boas leituras.

"Diario da Tarde" - S. Gabriel
R. G. do Sul - 30 de novembro de 1912

Terra de Sól

LIVRO DE GUSTAVO BARROSO

Nos vagares do ultimo domingo deste lindo mez de Novembro, que hoje desapparece por entre a apotheose de noites de luar, a esbater no verde forte da folhagem, lemos, d'um folego, todo o livro *Terra de Sol* que Gustavo Barroso acaba de publicar na Luzitana Terra.

Terra de Sol é um trabalho excencialmente regional, onde é estudado, parcelladamente, a natureza e os costumes dos sertões do longinquo Estado do Ceará.

Logo, á primeira pagina, o auctor entra a descrever o sertão, por occasião das grandes seccas e das pequenas chuvas, e o faz com tal belleza de linguagem que a gente, insensivelmente, se deixa ficar horas inteiras, esquecido, na agradavel leitura, sempre recebendo inpressões novas e bizarras.

E assim, num rico vacabulario, cheio de enthusiasmos moços, o escriptor nos conduz atravéz de todas aquellas tristezas que ficam do cortejo infinitamente impressionante, das grandes miserias que por essa época assolam os sertões do norte.

Nas menores descripções Gustavo Barroso se revela, desde logo, um paysagista subtil e admiravel, descrevendo, de quando em quando, quadros de bellezas empolgantes, onde, por vezes, a sua penna tem, para a insignificancia de folhas seccas que rolam, ao accaso, periodos como este: «E a folhagem do arvoredo vae amarellecendo aos poucos. As folhas dos marmelleiros agrestes do carrascal para logo perdem, avermelham e caem, juncando dias e dias o solo nú, como descoradas manchas de sangue, até que um dia a briza da tarde ás leva a espalhar em turbilhão, pelo ar, como grandes azas palpitantes de borboletas mortas».

E as descripções succedem-se, assim, sempre n'um crescendo de belleza, viva e palpitante, conduzindo-nos para novas surprezas, onde muitas vezes demoramos mais o olhar só pelo gostoso prazer de reler periodos lido.

De Junho a Dezembro é a triste época em que se desenrolam os quadros mais emocionantes que se pode imaginar na vida do sertão, porque é quando o sertanejo entra na «ducta da vida e da morte, lucta do homem contra a rocha, das energias dum coração contra as energias da natureza inteira»! Por esse tempo tudo succumbe, tudo desapparece, tudo morre a não ser duas arvores — *Oititicia* e o *Jazoeiro* que, por sobre a immensa floresta morta, estendem, num longo gesto de caricia, os seus braços eternamente verdes e ficam, no silencio da sua grande mudez, contemplando todo aquelle quadro dolorosamente triste.

Em meiados de Dezembro, diz o auctor, o sertanejo começa a olhar o céu, a namorar as nuvens, porque é quando vem as primeiras chuvas, deixando «escorrer lagrima na rudeza cinzenta do granito». Então, como resurgindo das proprias mizerias, o sertão vae aos poucos readiquirindo a vida e a energia desapparecida. «O gado magro, deitado na calma das malhas, somnolento, tristonho, faminto, ergue-se com esforço e corre aos tropeços, troubecando, com urros de alegria.

Relincham os cavallos esgalgados de sêde pelo campo, a galope, caudas empinadas a tremular como estandartes de cabellos das tribus marroquinas».

E' essa, a nosso vêr, a parte mais attraente e mais encantadora do magnifico *Terra de Sól*, porque é nella, justamente, onde o escriptor cearense faz palpitar todo o seu fulgurante e formoso talento.

Passa-se depois á vida agricula do sertão, e ahi vamos, a cada passo, encontrar scenas da nossa vida do Sul, como seja a do plantio das roças no meio da floresta, onde perdida o milho e rasteja o feijão.

A maneira de Gauthier e Zola que dedicaram lindas paginas ás sedosas gatas da sua estima, Gustavo Barroso tambem, em soberbas paginas, descreve a vida do cachorro, do cavallo e das avoantes sertanejos. Para o cachorro, principalmente, que no sertão é a imagem viva da fome, o auctor tem phrases de muito carinho, que bem revelam o lado affectivo do seu bello espirito.

Typos desapparecidos, typos anormaes, typos normaes constituem a terceira parte do livro, onde temos a descripção perfeita do cangaceiro desapparecido das estradas do sertão e do seu habitante actual.

A arte é outra parte interessante do livro, em que, num rumor de cousas alegres, nos vem as trovas, as encantadoras trovas sertanejas, com toda a sua melodiosa musica na cadencia e com todos os seus disparates no verso.

O proprio auctor confessa que no lyrismo repentista do sertão, nas quadras, nas glosas e nas decimas que os cantadores improvisam, declamando paixões ardentes, exaltando o amor e a coragem, cheias de dôces poesias e rustica sinzelleza, ha muita coisa por demais interessante e inspirada que refulge viva no meio do verso tôsco como um fio de sol por entre uma espessa fronde».

Finalmente, *Lendas* é a parte ultima do *Terra de Sól*. Temos nesse feche brilhante e forte a phase atrazada e ridicula do sertanejo, cheio de crenças e de superstições irrisorias, á acreditar em lobishomens e boi-talás, os quaes, naturalmente, serão os mesmos que, por cá, pelas plagas do Sul, ainda hoje fazem arrepiar o cabello á muita gente.

Com o maior dos pezares sentimo-nos chegados á ultima pagina do *Terra de Sól* e fechamol-o debaixo de um suave e doce prazer e de um vivo enthusiasmo pelo talentoso escriptor cearense, de quem o brilhante Vol-Taire, da Careta, fazendo-lhe o perfil diz estas lindas verdades: «nos ultimos tempos, as callidas regiões do norte não produziram outro prozador comparavel ao joven rapsodo do Ceará, cujo estylo vibrante e impetuoso, cuja phrase burilada e precisa, cuja raras virtudes de observador justificam o seu rutilo destaque e legitimam o seu esplendido successo».

Gustavo Barroso no Norte é bem o nosso grande Alcides Maya do Sul, dizer isso parece termos feito todo o elogio que elle bem merece pelo successo do seu grande livro.

Ramiro Gonçalves

Idéas e Palavras

João do Norte (pseudonymo litterario do deputado Gustavo Barroso) dá-nos um novo livro em que collecionou artigos e chronicas esparsas em revistas e jornaes. E' raro que os escriptos avulsos, redigidos sob a inspiração caprichosa do momento, produzam, quando reunidos, uma obra harmoniosa e justifiquem a transladação do jornal para o livro. Mas João do Norte tem a habilidade artistica de imprimir á sua obra avulsa um interesse que sobrevive á leitura do jornal, e tem o bom gosto de estylisar o menor dos seus escriptos e em todos elles espalhar na justa medida os vestigios de uma cultura que se revela atrahida pelos mais seductores assumptos. Entre os artigos collegidos em "Idéas e Palavras" conta-se o que João do Norte publicou no numero de Natal desta revista e em que lançou o projecto da creação do regimento dos Dragões da Independencia, actualmente submettido á deliberação parlamentar.

"Revista da Semana" 4 agosto 1917

"Cidade" - Bahia - 6 - julho - 1917

Os "Dragões da Independencia" na Camara

Foi approvado em 2ª discussão o projecto do sr. Barroso

O deputado Gustavo Barroso, auctor do projecto

Rio, 6 ("A Cidade")—A Camara approvou em 2ª discussão o projecto do sr. Gustavo Barroso, deputado pelo Ceará, creando os *Dragões da Independencia*.

"Fon-Fon" - 21 - julho - 917

Trophéus

São verdadeiramente homericas as façanhas militares na grande guerra actual, desde as que praticam os aviadores audazes até ás dos simples soldados conquistadores das trincheiras inimigas. Ha vultos de homens que penetram de bayoneta em riste, por entre a fumarada da polvora e dos gazes asphyxiantes, no meio de pelotões prussianos e os aterrorisam sosinhos, lembrando aquelle Ajax da «Illiada» que, quando batia com o couto da lança na terra, a terra toda tremia.

Porém, por maiores que sejam os feitos desta epoca assombrosa, ou de outras que possam vir, jamais se repetirá a mais famosa acção que a cavallaria tem praticado, desde os cataphractes de Epaminondas aos lanceiros de Poniatowsky.

Nunca mais se repetirá o feito dos hussares de Pichegru, guardas avançadas do exercito francez que invadio a Hollanda, no tempo da Revolução, os quaes caminharam sobre o Zuyder-see gelado, apearam-se junto aos navios da esquadra ingleza immobilisada naquelle *ice-field* e delles se apoderaram. Foi a primeira e unica vez na historia que a cavallaria tomou uma frota de guerra.

"Fon-Fon" - 14 - julho - 1917

Trunfos

A pressa de escrever do jornalista não se casa com o vagar do rimador, a habilidade pratica do reporter não se coaduna com o bom gosto daquelles que escolhem palavras e burilam versos. Dahi ser raro um jornalista poeta. Entretanto, ha excepções. Oséas Motta, nosso confrade de imprensa é uma dessas excepções. Jornalista consumado, reporter arguto, noticiarista excellente, é tambem um poeta cheio de sentimento, de emoção e de gosto. Seus versos modernos e cadenciados, leves e sinceros encantam.

Eis o que elle diz duma simples rosa :

Rosa, foste bella!
Estás, porém, tão feia, assim emmurchecida...
Como mudaste tanto a tua côr!
Nem pareces aquella
Que sabiu de sobre o seu arfante peito
Cheia de tanta vida,
E acolhi satisfeito
Em minhas mãos, ó murcha flor!

Pouco viveste... mas tiveste o seu amor!
Ardente
Do seu bom coração sentiste o palpitar,
E tiveste o contacto dos seus labios...

. . . . . .

Como tú, finalmente,
O' murcha flor!
Ainda podes guardar,
Muito bem,
Dos meigos beijos seus alguns resabios,
Beijo-te tambem...

Porque razão Oséas Motta não nos dá um livro de versos?

Tarouquices

A Roma augusta, devassa e victoriosa dos Cesares, fez dos *menus* dos banquetes uma verdadeira sciencia. E a cosinha franceza, tão afamada pela elegancia de suas combinações e pela finura dos seus molhos, nunca lhe chegará aos pés.

Ha dias, escolhendo um prato, ao almoço, na lista do restaurante, commentei a pobreza de nossas refeições modernas diante do esplendor dos repastos nos triclinios romanos. E disse a Claudio França:

— Veja você a hediondez deste peixe á bahiana, a banalidade deste tournedos com champignons e a ignominia desta compota de goiabas, mistura ignobil de pratos francezes, semi-africanos e nacionaes!

O meu amigo sorrio e respondeu :

— Tens graça! Querias encontrar num restaurante da rua Sete de Setembro aquelles pratos afamados da cidade eterna : o pavão de Samos e a perdiz da Phrygia, o grou de Melos e o cabrito perfumado de Ambracia, os atuns da Calcedonia, fritos na gordura, as moreias de Tartessus, engordadas com a carne dos escravos, o bacalhau celebre de Pessinonte, as ostras maravilhosas de Tarento, o esturjão de Rhodes e suas aves admiraveis, as nozes de Thasos e os bolos de mel do Hymeto. Tudo isto na rua Sete! Tens muita graça!

Teirós

— Creio, meu caro Claudio, que a minha cabeça está crescendo dia a dia.

— Que me dizes? Será possivel!

— Estou quasi certo que sim.

— Porque?

— Porque ha dois mezes comprei um chapéo, fil-o conformar á minha cabeça e deixei na casa a medida desta, registrada e numerada. Hontem, vou comprar novo chapéo. Era necessario conformal-o. Dei o numero da medida. O homem trouxe-a, collocou-a na machina, aparafusou-a e endireitou o chapéo. Pul-o á cabeça. Não entrava. Examinámos a medida. Era a mesma. O caixeiro, então, resolveu tomar a medida novamente e verificou que a minha cabeça augmentára mais de meio centimetro!

— Extraordinario! Conheço um facto identico, entretanto. Gall, o celebre scientista, conta que soube um facto curioso, relatado pelo proprio chapeleiro de Napoleão, Poupart, se me não engano. Depois da virilidade, a cabeça de Bonaparte crescera e se modificára de modo maravilhoso, de maneira a ser o chapeleiro obrigado a mudar de fôrma para seus chapeós. Acaso estará para ser um novo Napoleão?

— Não creio, mas, se o fôr, far-te-ei, Claudio França, marechal do imperio e duque de Maxambomba!...

"Fon-Fon" - 21 - julho - 917

Tóros...

Deram-me na Associação Christã de Moços uma bebida americana, destinada ao fim humanitario de substituir as bebidas alcoolicas.

Chama-se *hires* e seu ligeiro fermento predispõe o estomago á disgestão e facilita as funcções intestinaes. Foi pelo menos o que me disse um dos propagadores de sua virtude, mostrando-me numa sala, em volta de grande mesa, dez ou doze marinheiros americanos que a sorviam com delicia. E accrescentou :

— Creio que, com mais algum tempo de propaganda, teremos vencido o alcool e o homem deixará de envenenar-se para gozar os beneficios deste refrigerante. Qual é a sua opinião?

Sorri e respondi :

— A contraria. A antiguidade conheceu o hypocras e os succos de fructas acidas. Em Roma, procurou-se substituir o vinho pelo licor inoffensivo de uvas cosidas. Nada se conseguiu. A vossa tentativa é velha e já tem sido varias vezes renovada. Infelizmente o *hires* não conseguirá matar o alcool. Infelizmente!

122 "Fon-Fon" - 21 - julho - 1917

"Jornal do Commercio" - Ed. vespertino 23 - julho - 917

Tolices

Encontrei outro dia na rua um papel dobrado. Apanhei-o, abri-o e li em lettra vermelha esta carta:

«Rio, 18 de fevereiro. Querida filhinha. Nós recebemos os teus dois cartões. Heloisa ficou muito contente com os beijos que mandaste para ella. Heloisa ficou tão contente que começou a rir como uma doida. Outro dia, Heloisa foi á Gavea, á casa de Vovó, com a mamãe. Ella vio uma porção de coisas. Queres saber o que ella vio? Vio a tua cabritinha. A tua cabritinha, quando vio Heloisa, começou a pular de alegria. Os patos tambem ficaram muito contentes e foram todos nadar no tanque do chafariz. Eram tres e foram andando um atraz do outro. Papae ja está com muitas saudades de sua filhinha. Mamãe tambem está muito triste. Todos dois estão chorando, coitadinhos! Mas não faz mal. Depois, papae e mamãe vão ficar muito alegres, porque a Lilitinha vae voltar gorda como uma bola, não é?

Os coelhinhos aqui de casa estão muito grandes. São tres como os patos da Gavea. Um é preto, o outro é cinzento e o terceiro é branco. O branco é aquelle coelho grande que matou a tua coelhinha, sabes? Heloisa manda-te muitos beijos. Mamãe e Papae mandam tambem muitos beijos.»

Acabei de ler e atirei fóra o papel:

— Eu que pensava fôsse uma carta de amor!

Truanices

Avalio o espanto e o medo das nossas populações sertanejas diante das noticias da guerra publicadas pelos jornaes das pequenas localidades do interior, tão alarmantes e mentirosas ellas são. Os correspondentes dos pequenos jornaes do sertão enviam-lhes, por troça, por brincadeira de máu gosto, noticias de arripiar. A gente matuta deve viver em sobresalto, pois a sua ignorancia não lhe permitte verificar a mendacia dos telegrammas. Correspondentes *espirituosos* ou redactores *engraçados* que forjam taes novidades commettem verdadeiro crime. Ainda ha poucos dias encontrei num jornalsinho da cidade de Jardim, que fica na extremidade sul do Ceará, a centenas de legua do littoral, estes despachos:

«Fortaleza, 29 — Os allemães residentes em Blumenau atacaram Valparaiso e deceparam cerca de 500 cabeças. A America poz a pique 6 navios allemães e capturou 80 submarinos».

«Fortaleza, 30 — Foram postos a pique os vapores nacionaes S. Salvador e Olinda».

Quem telegraphou estas coisas praticou verdadeira perversidade!

Turnos

A janella larga de vidros *biseautés* dava para o parque banhado de sol, onde, sobre os gramados lustrosos, passeiavam garças a sua brancura de neve e entre as hortensias floridas de rosa e cinza, cantava um repucho numa bacia de marmore.

Debruçando-me ao balcão e terminando a conversa iniciada na sala de jantar, declarei que esta guerra actual será certamente a ultima ou, melhor, a derradeira, depois da qual o mundo mergulhará na paz a mais completa.

Claudio França tirou tres ou quatro fumaçadas do seu finissimo Castanêda. Mostrou-me varias bellezas do seu jardim: — um canteiro rôxo de violetas, um rosal que perfumava o ar, trepadeiras que cobriam uma *tonelle*, sob a qual se espreguiçava um gesto branco de estatua, e uma cabeça alegre e mordaz de fauno grego, surgindo entre arbustos de folhas vermelhas como sangue. Fallou do seu encanto em morar naquella casa retirada e discreta, rodeada pelo murmurio das arvores e o canto das fontes. Contou das suas leituras e dos seus trabalhos, de novos livros chegados da Europa e da encadernação das suas obras sobre Napoleão, de coiro vermelho, com a aguia imperial de oiro, na lombada.

Poz a mão sobre o meu hombro e disse:

«Fallaste que esta guerra era a derradeira. Não será. Mais do que nas tuas palavras creio na prophecia de Leonardo da Vinci: «Ver-se-ão sempre sobre a terra, animaes combaterem entre si com os maiores sacrificios e ás vezes a morte para ambos os lados.»

Troças

A velha Maria do Rosario, apezar de muito rica, era de uma sovinagem exemplar. Não dava uma esmola. Não fazia um beneficio. Nunca foi attendido quem a ella recorresse. Somente uma coisa respeitava e venerava a somitica ricaça: a memoria de seu mano defunto, o barão.

Um soldado de policia roubou-lhe um dia um porco do quintal e foi vendel-o a ella mesma, por dez mil reis, pretextando estar sua familia a morrer de fome. A velha não reconheceu o seu porco e recusou compral-o. O soldado cahio no pranto.

— Que é isso, homem de Deus?

— E' que eu estou me lembrando do defunto barão, um homem tão bom, tão santo, que me remediava nas necessidades. Elle morreu! Não tenho mais ninguem que me ajude!

Ouvindo fallar no irmão, a velha não resistiu e deu os dez mil reis ao soldado.

— Está bem, em lembrança do barão, eu compro o porco.

O soldado encontrára o ponto fraco da fortaleza. Nunca mais lhe faltou dinheiro. Precizando corria á sovina e chorava, relembrando o barão. Os cobres vinham, na certa. E o soldado sómente contou o seu *meio*, depois que D. Maria do Rosario foi levada para Deus...

A SEMANA LITTERARIA

"Idéas e Palavras", de João do Norte

João do Norte fez sua estéa litteraria com um livro que toda a critica recebeu com applausos: "*Terra de Sol*". Era, de facto, um livro excellente, em que o joven escriptor patricio nos contava, com emoção verdadeira, lendas, episodios, habitos e costumes dos sertões cearenses. "*Terra de Sol*" teve sua primeira edição rapidamente exgotada, o mesmo succedendo com a segunda, o que, entre nós, infelizmente, não é commum, sobretudo com as obras desse genero. A reputação litteraria de João do Norte não está, pois, por fazer. Começou por um triumpho e continuou a affirmar-se, na imprensa e no livro, com segurança e com brilho. Seu primeiro livro parecia indicar uma tendencia para a chamada litteratura regionalista. Era escripto num estylo adequado aos assumptos versados, cheio de termos que circulam no interior do Norte e ainda, relativamente, pouco vulgarizados no resto do paiz. As descripções tomavam, assim, um colorido peculiar ás cousas sertanejas, o que, aliás, as tornavam ainda mais suggestivas.

Ha, em "Terra de Sol", paginas bellissimas que figurarão, mais tarde em relevo, nas anthologias, fallando das payzagens cearenses, das superstições que enredam o espirito dos caboclos, da valentia da nossa raça, do nosso "folk-lore", das scenas dantescas de que é theatro o sertão, quando o flagello da secca alli espalha a fome e a morte. João do Norte soube explorar com muita felicidade esses motivos regionaes e, querendo, poderia especializar-se nelles com grande brilho. Mas seu espirito de artista não se isulou, não se deixou empolgar por aquelles assumptos a ponto de perder a curiosidade pelos demais. Depois de "Terra de Sol", que é o drama do *hinterland*, deu-nos num outro livro, "Praias e Varzeas", quadros do littoral, contos de pescadores e jangadeiros. Agora, neste lindo volume das "Idéas e Palavras", João do Norte, ora em formosas chronicas, ora em breves ensaios historicos, trata de uma grande variedade de themas, offerecendo-nos, em conjunto, um livro que prende a attenção e nos revela, sem ostentação, uma brilhante cultura. Desfilam nessas paginas evocações do Oriente, télas da grande guerra européa, lendas e tradições, ligeiras criticas, sonhos e fantasias de poeta, commentarios cheios de fino bom humor sobre assumptos nossos e cousas extrangeiras. Tudo isso tratado com uma erudição que não pesa, porque a phrase é sempre leve, encantadora, fluente, sem fórmas arrevesadas, sem esse ar emphatico e pedante que estraga, entre nós, tantos escriptores, com mais vaidade que talento.

E' uma leitura que não fatiga, que se mantém sempre agradavel, suggestiva, do começo ao fim do livro, deixando-nos, de todo elle, uma impressão magnifica, de arte, de bom gosto. A edição de "Idéas e Palavras" é dos Srs. Leite Ribeiro & Maurillo e se apresenta muito bem cuidada. O novo livro de João do Norte (Gustavo Barrozo) merece um triumpho igual ao da "Terra de Sol" e dentro em breve, naturalmente, sahirá em segunda edição, tal o interesse que vai, com razão, despertando, aqui como nos Estados.

CASTRO MENEZES.

"Fon-Fon". 21-julho-1917

Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1917.

Arbitragem Ampla

Pela voz do seu chanceller, a Allemanha declarou ao mundo que os tratados não passavam de farrapos de papel. Foi esta a unica explicação que deu da violação da neutralidade da Belgica. Apezar de tal declaração e das novas theorias politicas internacionaes, suscitadas por ella, os desejos da humanidade continuam a buscar meios mais suaves, para dirimir as questões entre os povos, do que as represalias e a guerra. E todos os homens de bôa vontade e de sentimentos nobres combatem por esse ideal.

Dizem os scepticos que é uma utopia. Talvez não seja.

No remoto inicio das civilisações, antes da tribu, antes da cidade, os individuos se batiam pelo menor motivo. No agrupamento da familia, o pae começou as funcções do juiz e impedio os duellos da prole, dirimindo as questões. Então, as lutas se travaram entre as familias. Veio a tribu, e o patriarcha, o chefe distribuio a justiça entre as familias rixosas, fazendo cessar as guerrilhas. Ahi, a guerra passou a ser feita por uma tribu a outra. Mas surgio o gregario e construio-se a cidade, cujo mandão fez justiça aos pleiteantes. Terminou a batalha entre as tribus e começou entre as cidades. Assim, chegámos ás nações e o mesmo exemplo se repetio.

Se a civilisação não parou, não se deteve como a da gente chineza, certamente caminhamos para um futuro melhor, em que as nações serão julgadas por um tribunal superior e obedecerão aos julgamentos com a submissão do individuo, da familia, da tribu, do gregario, da cidade. Antes, talvez se estabeleçam as grandes confederações de nações. Então, estas não mais batalharão, mas sim batalhará o grupo inteiro. Não será isto o que estamos vendo actualmente?

Não são, com effeito, duas ou mais nações que ora combatem, porém duas grandes confederações de nações. Dum lado, os que proclamam o direito da força, o regimem de todos os meios serem bons para alcançar um fim, agrupados numa larga faixa de territorio, ao centro da Europa. Do outro, espalhados pelo mundo inteiro, mas unidos pelo coração, os que affirmam a força inconteste do direito e a condemnação dos principios machiavelicos dos antigos cavalleiros teutonicos, da Prussia jesuitica.

Dia virá que até para as confederações de povos a arbitragem será o unico regulador. Em virtude de sua propria evolução, ella não poderá nunca ser restricta e terá de ser ampla e tão ampla quanto possivel, afim de abranger toda a humanidade.

Ao lado de Stafford, de Bulmerincq, de Kamarowsky, de Sá Vianna, de Gonzalo Ramirez, de Agustin Vedia e de outros, forma hoje em dia um novo paladino da arbitragem ampla, um novo defensor dessa theoria humanitaria e pura, o illustre e eminente senhor Don Balthazar Brum, ministro das relações exteriores do Uruguay e futuro presidente da republica visinha, formoso, rico e nobre paiz, coberto de glorias, progressista e leal, que é appellidado com justiça — a Belgica da America do Sul.

O Sr. Balthazar Brum acaba de publicar um livro muito interessante e muito util para os que se occupam de questões de direito internacional. Sob o titulo «La doctrina del arbitraje amplio», o chanceller uruguayo reunio diversos trabalhos sobre o assumpto, todos de caracter official.

Abre o volume a mensagem do governo uruguayo ao poder legislativo, remettendo um projecto de lei approvando a Convenção de Arbitragem Geral, firmada com o governo italiano. Passa-se á leitura dessa optima e bem feita convenção, na integra. Depois, vêm o projecto de lei e seu parecer, dado pela commissão de diplomacia, inteiramente favoravel.

Chega-se, por fim, á discussão do tratado na Camara dos Representantes. Ahi está o verdadeiro miôlo do livro, ou melhor o seu coração, pela forma, pela bem cuidada linguagem, pelas observações notaveis que encerra, pela demonstração de inteiro conhecimento da questão, pela erudição em materia de direito internacional, tanto publico quanto privado. E' o discurso do senhor Balthazar Brum, que recorda os argumentos dos que se oppõem ao projecto e os bate um por um, mostrando a obra de seus antecessores no ministerio, que o obriga a cuidar seriamente da felicidade particular da patria sem esquecer o dever de pugnar, pela felicidade geral da humanidade.

Commenta os tratados semelhantes com S. Salvador e Paraguay, as opiniões dos mestres e dos jornalistas eminentes, analysando o criterio moderno dos especialistas no assumpto, que pedem a maxima extensão na formula da arbitragem. Recorda ainda os tratados italo-argentino, anglo-argentino, a opinião de Taft e a attitude sempre recta e digna do Uruguay, compenetrado de que a defeza dos paizes debeis e pequenos é a justiça, niveladora de forças entre os cidadãos e entre os povos.

Depois de longamente discutir, apoiado na opinião dos maiores tratadistas, a necessidade da arbitragem ser ampla e não limitada, restricta a casos especiaes, o ministro uruguayo chega a provar á saciedade, de modo geral, a efficacia da arbitragem até nas proprias questões constitucionaes.

A discussão do tratado levou tres sessões consecutivas e sómente na ultima o illustre defensor da arbitragem ampla conseguiu terminar as suas considerações eruditas sobre o caso, encerrando-as com este fecho:

«Não achamos nenhuma causa, nenhum direito, nenhum interesse, por maiores e mais nobres que sejam, que não devam cahir, se não houver outro recurso sob a decisão de um juiz livre e lealmente designado pelas partes interessadas. Entre este meio humanitario e razoavel, e o da guerra, incerto, terrivel, não vacillamos em confiar ao primeiro o que mais precioso fôr para o nosso paiz».

E a proposito da mesma questão dissera o deputado uruguayo Piñeiro:

«Não espero, nem para mim, nem para meus successores, nem neste seculo, nem no vindouro, a grandeza da Republica pela guerra, mas sim pela arbitragem».

Estes dois periodos pintam o estado de espirito dos homens publicos do querido paiz vizinho. Pela sua voz, a America mostra á Europa que, emquanto a sua mais forte nação militar rasga os tratados e esmaga as pequenas nações, a mais pequena nação da sua parte meridional crê firmemente nos mais altos ideaes humanos e por elles se bate, não com o fusil e o canhão, mas com a palavra e com a penna.

João do Norte

"Correio Paulistano" - S. Paulo - 25-julho-1917

Vamos ao chronista. O chronista Gustavo Barroso — João do Norte — cuja ultima brochura —

IDE'AS E PALAVRAS revigora em força e brilho o invejavel conceito em que já era tido esse bello prosador, communicativo e nervoso.

Nesse livro, ha realmente idéas e palavras. Quero dizer, — ha chronicas leves, de phraseação faiscante, festões e folhagens, em que ha mais a preoccupação de enramilhar flores do que mesmo de profundar raizes.

E' a parte, talvez, das **palavras**. Mas a maior parte é das **idéas**. Gustavo Barroso é uma legitima vocação de historiador: uma curiosidade elevada, uma illustração segura de infiltração lenta, mas poderosa e, junto a isso tudo, uma encantadora facilidade de dissertar, mercê da qual os espiritos frivolos, como o meu, se deixam prender aos assumptos mais graves, como ethnographia, colonização, fundamentos historicos da nacionalidade...

O deputado Gustavo Barroso está agora em fóco com os seus **Dragões da Independencia**, que constituem um dos capitulos mais bem lançados das suas **Idéas e palavras**. O seu livro é a moldura viva de toda essa focalidade, porque fixa o valor de um dos espiritos mais ardentes e fecundos da geração joven.

Uma das partes da sua nova collectanea encerra o excellente trabalho — **Roma versus Bysancio**, por mim citado destas columnas, ha mais de dois annos, quando, em chronica insulsa, tratei da possivel "republicanização de Athenas", ou seja a volta cyclica aos tempos gloriosos de Pericles.

E' superfluo assignalar que a grande guerra forneceu assumpto a muitas paginas magnificas em que a graça de João do Norte e a curiosidade cultural de Gustavo Barroso conseguiram xyphopagar-se com o maior successo.

Idéas e palavras — forma uma das edições mais preciosas da livraria Leite Ribeiro e Maurillo, novel firma que, pela sua actividade, honradez e bom-gosto, vai firmando o melhor conceito nos circulos commerciaes e intellectuaes do paiz.

(HERMES FONTES)

"Diario Estado" - Ceará - 10-dez.º 1917
(Remessa Hermino Barroso)

Rio,

Agradeço sua communicação fazendo votos pela mais brilhante victoria para qual estarei prompto contribuir com minhas pequenas forças. Queira crer na sinceridade com o abraço

Gustavo Barroso

114

"Diario Official" 26. julho. 1917. (parecer da commissão de finanças sob por Felix Pacheco)

N. 71 A — 1917

Determina que o primeiro regimento de cavallaria do Exercito tome o nome de Regimento de Dragões da Independencia, e dá outras providencias; com parecer contrario da Commissão de Finanças, á emenda em 3ª discussão

A' Commissão de Finanças foi presente, com a respectiva fundamentação escripta, a emenda apresentada pelo illustre Deputado Sr. Maciel Junior ao projecto n. 71, de 1917.

O alludido projecto, como se sabe, determina que o primeiro regimento de cavallaria do Exercito tome o nome de Regimento dos Dragões da Independencia, e dá outras providencias. A emenda do districto representante rio-grandense, forçando a vinda do projecto á Commissão de Finanças, concretiza apenas, de fórma ainda mais categorica, a sua opposição irreductivel á bella idéa.

Aliás, essa opposição já o Sr. Maciel Junior a deixou bem clara e bem explicita no que teve ensejo de dizer em plenario. Os termos em que está redigida a justificação de sua emenda visam mais o combate ao projecto em si mesmo do que propriamente a demonstração da procedencia do accrescimo proposto. Assim, pois, não caberia á Commissão de Finanças entrar no merito dessas allegações, contrarias ao pensamento contido nos dispositivos que a Camara approvou em 2ª discussão. Seria isso invadir de alguma sorte esphera de attribuição alheia, embora o methodo regimental de divisão do nosso serviço e distribuição dos papeis pelas Commissões permanentes não impeça que os relatores manifestem a amplitude de sua opinião no que concerne aos assumptos sujeitos ao seu exame e parecer.

O projecto n. 71 surgiu em mesa prestigiado por toda a Commissão de Marinha e Guerra, que o subscreveu sem discrepancia de um só voto e assim homologou a patriotica iniciativa do Relator, do qual, entretanto, seria livre de discordar, si lhe parecesse extravagante ou inopportuno o plano alvitrado.

O art. 6º, determinando que o Governo fornecerá aos officiaes do Regimento um adeantamento para a acquisição do uniforme, fixa a providencia justa, cabivel no caso; torna-se, pois, desnecessaria a emenda apresentada marcando uma gratificação mensal para o commandante e demais officiaes.

A Commissão de Finanças sente assim ter de opinar pela rejeição do accrescimo proposto pelo illustre Deputado rio-grandense.

A despeza nova e não pequena de que cogita a emenda, aliás suggerida apenas para effeito negativo, não seria argumento apreciavel. Mais que se gastasse em um tão nobre objectivo e não haveria de ser em pura perda.

As nações não vivem só dos cuidados utilitarios do momento, nem dos prosaismos sem alma, que ás vezes, por singular anomalia, contaminam até os mais bellos temperamentos de luta. E' pelo apego á tradição, pela fidelidade ao ideal e pelo respeito á sua propria gloria do passado, que os povos adquirem a consciencia de seu destino.

Completaremos dentro de cinco annos um seculo de vida independente, e as amarguras da hora actual não podem obstar a que o nosso orgulho patriotico vá desde já cogitando da grande commemoração a fazer-se em 1922. A esses festejos cumprirá imprimirmos um cunho á altura do magno acontecimento e no programma, que já tarda, podemos bem inscrever desde logo a creação do Regimento dos Dragões da Independencia.

A democracia não deve repellir as boas fórmulas de expressão esthetica alevantada ou de justa representação decorativa, quando ellas não contravenham ao sentimento republicano e visem apenas estabelecer, num symbolismo adequado, o indispensavel nexo historico, isto é, a continuidade da tradição, compondo a figura moral da Patria, como nação e como povo.

Vamos hoje cada vez mais nos distanciando do predominio daquillo a que se poderia com razão chamar noutro tempo a casta militar. A guerra actual supprimiu em parte o conceito antigo do Exercito, ou pelo menos modificou a natureza da instituição militar, que não é mais aquelle velho apparelho sumptuario, duro e rigido, com o seu formulismo disciplinar insolito, que cancela e suprime os estos de humanidade no coração dos combatentes, mas uma organização civilizada e consciente, em cuja composição entram indistinctamente todos os elementos sociaes, numa preoccupação igualitaria superior, que só póde servir para a defesa dos grandes direitos legitimos contra os despotismos obsoletos e recalcitrantes.

Mas essa mesma concepção actual do poder militar, creada pelo conflicto europeu, em que vemos de um lado os contingentes da oppressão funccionando maravilhosamente, mas como simples machinas, e, de outro, soldados não automatos defendendo como podem e como devem os patrimonios reaes da civilização, parece advertir a todos os povos que o esquecimento das virtudes guerreiras acarreta sempre as peiores consequencias e conduz ás mais lastimaveis desillusões.

Misturemos, pois, a essa necessaria preparação e cultivo das sãs qualidades militares, aquelle sentimento de profundo amor pelo nosso passado de bravura, de altaneria e de independencia, que fez a gloria das gerações de 22 a 31 e nos cobriu de louros nos banhados do Paraguay. As fórmas exteriores que achamos para traduzir esse alto pensamento educativo devem merecer o applauso de todos os bons brasileiros, sobretudo quando se avizinha a commemoração do centenario de nossa emancipação politica e quando precizamos fazer brotar e florir no coração dos moços um novo civismo, que honre a esta grande Patria e dignifique a este povo, unindo-nos num só ideal debaixo da bandeira sagrada.

O projecto da Commissão de Marinha e Guerra, approvado em 2ª discussão pela Camara, está visivelmente nesta sadia corrente de ideas e merece seguir sem alteração o seu curso regimental.

A emenda apresentada parece desnecessaria; e, assim sendo, a Commissão de Finanças não aconselha a sua approvação pela Camara.

Sala das Commissões, 24 de junho de 1917. — Antonio Carlos, Presidente. — Felix Pacheco, Relator. — Moniz Sodré. — Octavio Mangabeira. — Alberto Maranhão. — Augusto Pestana. — Ildefonso Pinto. — Raul Fernandes.

EMENDA A QUE SE REFERE O PARECER

(3ª discussão)

Accrescente-se onde convier:

O commandante do regimento dos Dragões da Independencia perceberá a gratificação mensal de 300$; o respectivo major, a de 180$; os capitães, a de 150$; os demais officiaes, a de 100$000.

Justificação — Justifico a presente emenda no dever de protestar ainda uma vez contra o devaneio alacre que significa o projecto do nobre Deputado pelo Ceará. Approvado em 2ª discussão, a visivel contragosto da Camara, por méra condescendencia e, sobretudo, por attencioso deferimento ás solicitações que de bancada em bancada andou a fazer o seu illustre autor, parece-me conveniente que a Commissão de Finanças o examine, antes da consagração definitiva, em terceiro turno, já que a de Marinha e Guerra não entrou em detalhes de apreciação, não emittiu parecer sobre elle e sómente o encampou, para o trazer a plenario com os mesmos pareos fundamentos do proprio autor, originalmente apparecendo tambem como Relator, nos avulsos distribuidos com a «ordem do dia»! Além disso, ha talvez cem contos de despeza nova no custo dos «Dragões» (fardamentos, paramentos, etc.), segundo calculo do mesmo illustre Deputado Barroso, sendo curial, portanto, que se indague si póde essa verba caber no orçamento de 1918, exactamente quando, para o custeio da defesa nacional, si estão a reclamar do paiz novos e pesados sacrificios, inclusive o de uma emissão vultuosa, com todos os seus naturaes effeitos.

Por ultimo, a Commissão de Finanças dirá á Camara si, de facto, precisamos de regimentos que deem «a ultima carga nas paradas», como reza o projecto, ou si, antes, precisamos dos que dêem a primeira carga nos combates... Até lá, e emquanto o velho Portugal amigo não tiver a fantasia de tolher a nossa independencia, os «Dragões» poderão ficar montando guarda ao historico casarão do Ypiranga ou ao Museu Nacional...

Sala das sessões, 16 de julho de 1917. — Antunes Maciel Junior.

"Fon-fon!"

28. julho. 1917

Tricas...

Fallam da organisação dum ministerio da saúde publica, o que é urgentemente necessario no nosso paiz, cujas populações do interior são victimadas por toda a casta de molestia. Tão raras e banaes são as providencias que se tomam, que até parece não estarmos num seculo de luz, em que os progressos da hygiene salvam das epidemias os immensos exercitos europeus, e sim nas trevas medievaes, quando desta sorte descrevia as pestes um documento vetusto da collegiada de Coimbra:

« Veo a pestelencia, e a morteidade de dor de levadigas per todo o mundo tam grande que nom ficou hi viva a dizima parte dos homens, e molheres, que entom hi avia. »

Abandonadas ao seu triste destino, as populações sertanejas são ceifadas e enfraquecidas pela lechmaniose, a lepra, a tuberculose, a opilação, o trachoma, a molestia de Chagas e mil outros flagellos. Ha logares onde os unicos meios de que o povo dispõe, para combater esses males, são unicamente as orações, lembrando o que diz o chronista medieval Raul Glaber, descrevendo o que succedia em certas regiões abaladas pelo terror do demonio, do fim do mundo e das pestes:

« Tudo era em vão, porque não ha outro refugio para a vingança de Deus, senão Deus mesmo. »

125

"Fon-Fon" - 28 - julho - 1917

Tisnas

Foi Lloyd George quem disse num discurso celebre sobre a guerra actual que o mundo já subia os degraos de uma era nova. Effectivamente, ninguem póde deixar de reconhecer que a horrivel época, que atravessamos, corresponde a esses grandes e eternos marcos da historia dos povos: a invasão dos barbaros, a queda de Bysancio, a revolução franceza. O genio immenso de Ruy Barbosa, ao accumular logicos recursos para conseguir o norteamento verdadeiro de nossa conducta internacional, affirmou: «Deus não desencadeou a conflagração para consumir o genero humano, mas para o salvar da grande calamidade de que vae emergir a grande renovação.»

A gente nova do Brasil encheu-se de enthusiasmo ao lêr os periodos formosos do grande mestre e os tem glorificado em prosa e verso. Mario Linhares, um joven poeta cearense, acaba de editar na Bahia uma plaquette sob o suggestivo titulo de «Culto Civico», a qual é uma verdadeira óde á obra de Ruy Barbosa, levando o Brasil ás manifestações internacionaes positivas de hoje. O trabalho de Mario recommenda-se pelo seu enthusiasmo sincero e pelo seu verso correcto.

Truques

Citavam-se traços de lealdade e generosidade entre inimigos, na guerra, mostrando-se que, se existem crueldade e mesquinharias, ha muito coração digno e muita alma limpa. Houve até quem dissesse, com o applauso de toda a roda de palestradores, que os allemães hoje em dia tinham desvirtuado o cavalheirismo militar e abolido todas as nobrezas de proceder.

Eu, então, accrescentei:

— E chegaram a tal ponto que seu exemplo pegou nos exercitos da Austria-Hungria, outrora ciosos de suas prerogativas e de suas tradições nobres.

Para mostrar como antigamente os austriacos procediam na guerra, basta este facto, que vou citar. Uma noite, Napoleão visitava os postos avançados do seu exercito e approximou-se demasiadamente duma trincheira inimiga. De subito, appareceu sobre o parapeito a farda branca dum official austriaco, o qual lhe gritou:

— «Retire-se! Retire-se, Sire! Seu lugar não é ahi!»

Napoleão retirou-se e, quando narrava o caso, dizia ter sido aquelle o maior traço de lealdade militar que lhe fôra dado presenciar.

Trebelhos...

Os historiadores e os philosophos negam em grande maioria o valor, a acção dos super-homens sobre os destinos duma nação, dum povo, duma raça, e dão toda a força do seu modo de agir e a causa dos resultados á propria massa que elles dominavam. Assim, dizem que foi o exercito francez quem venceu por Napoleão e as tropas mercenarias que venceram por Annibal.

Napoleão nunca se sujeitou a esse modo de pensar. Para elle, a collectividade era nulla e somente valia a cabeça dirigente. Nas suas «Memorias» combate as asserções dos philosophos, dizendo:

«Não foi o exercito romano que submetteu a Gallia, mas sim Cesar. Não foi o exercito carthaginez que fez tremerem as legiões republicanas ás portas de Roma, mas sim Annibal. Não foi o exercito macedonio que chegou ao Indus, mas sim Alexandre. Não foi o exercito francez que levou a guerra ao Weser e ao Inn, mas Turenne. Não foi o exercito prussiano que defendeu a Prussia, durante sete annos, contra as tres maiores potencias da Europa, mas sim o grande Frederico.»

Tocos

Olhando os altos edificios da Avenida e o nevoeiro que já esbatia as luzes das montras naquelle crepusculo arroxeado de inverno carioca, eu louvei as transformações maravilhosas desta cidade. Depois, commentando o movimento estonteante de automoveis, cheguei a falar de todos os progressos realisados pelo homem á face da terra, superando as maiores difficuldades, até chegar ao fastigio scientifico e moral de hoje.

Claudio França contrariou-me:

— Estes ultimos tempos a humanidade tem caminhado mais um pouco e a guerra apressará ainda mais o seu progresso. Mas o homem podia estar mais adiantado, se durante seculos, ou melhor, millenios não ficasse quasi estacionario nas idades de pedra, idade-media recuada entre o troglodytismo e as ultimas transformações do pithecanthropos. O homem é chato e mesquinho. Com os dotes que a mãe natureza lhe deu poderia estar mais longe, muito mais longe mesmo...

— Não tens a menor razão e falas somente por falar, meu amigo. Em defesa do homem ter custado tanto a se desvencilhar das idades primitivas, basta-me unicamente citar-te as palavras em que Volney, nas «Ruinas», o descreve apparecendo á superficie do mundo:

«Dans l'origine, l'homme, formé nu de corps et d'ésprit, se trouva jeté au hasard sur la terre confuse et sauvage.»

Sobre a terra confusa e selvagem, inimiga, inhospita, cruel, elle surgio nú de corpo e de espirito, mas dentro de algumas gerações vestia já o corpo e depois de mais algumas começava a vestir o espirito, o que talvez jamais acabe de fazer, porque no dia em que terminar essa tarefa saberá o segredo de sua origem e o segredo de sua finalidade.

Tisnas...

Entrei, para descançar, naquella pequena venda que fazia esquina com o corredor da lagôa da Precabura, cuja agua, ao sol de meio-dia, reluzia numa tremulina de diamantes, de safira e de esmeralda. Dos taboleiros, vinham cantos altos e alegres de gallos de campina.

Sentei-me num tamborete, ao pé do balcão, accendi um charuto e comecei a conversar com o vendeiro, o João Guabiraba, homem alto e forte, de barbuna rala e pelle picada de bexigas.

Fallavamos dos prejuizos que o inverno já ia causando naquella região paradoxal das seccas, quando os meus olhos pararam sobre um antigo machado de indio que servia de peso á tulha de papeis de embrulho.

Era um silex escuro, azeitonado, feito á maneira das achas da edade da pedra polida, com os seus cornos para os atilhos de embira do cabo grosseiro, o gume já mordido aqui e alli, manchas pretas do fogo das coivaras mosqueando-lhe as faces lisas. Sopeseio-o na palma da mão e disse, dirigindo-me a mim mesmo, mas em voz alta:

— Machado dos ferozes Paiacús, que vagueavam por estes taboleiraes, desde Cascavel até immediações de Fortaleza, velho machado dos indios para as lides domesticas, para as lides do campo, para as lides da guerra, irmão do thomawak dos siús, dos dakotas e dos huroês!

O vendeiro sorriu e fallou:

— Vosmecê está enganado. Isto não é machado de indio. Isto é uma pedra de corisco que cada anno se enterra um metro no chão. Achei esta aqui no quintal, cavando a cacimba. Estava a cinco metros de fundura. Tinha cahido das nuvens ha cinco annos!

"Jornal do Commercio" - Edição de S. Paulo
20. julho - 1917

Ideas e Palavras — Gustavo Barroso. Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, 1917.

O Sr. Gustavo Barroso estreou-se ha cinco ou seis annos com um formoso livro de paysagem e observação, *Terra do Sol*. Era a sua terra, o seu Ceará, com todos os deslumbramentos da estupenda natureza e todos os martyrios da secca, desse flagello horrivel que o tem assolado quasi periodicamente. Das paginas de *Terra do Sol* resaltava o amor do filho pelo torrão natal, pelos seus campos, pelas suas fazendas, pelo seu povo. E até pelos seus animaes. Nunca vimos, por exemplo, estudo mais emocionante sobre o cão no Brasil, o cão do pobre, o cão do roceiro, do que naquelle livro de João do Norte. E não só o cão; o gado, as vaccas, os cavallos. Um bello livro, bem brasileiro, bem humano, aquelle!

Agora, o Sr. Gustavo Barroso reune em outro formoso volume numerosos trabalhos dispersos, collaboração de mezes e mezes na imprensa carioca. Já nos estendemos aqui, a proposito, ha dous ou tres mezes, do livro do Sr. Souza Bandeira, desse edificante resultado que se observa no jornalismo brasileiro quanto á collaboração. O livro do Sr. Gustavo Barroso é mais um exemplo do que diziamos. Artigos traçados para o ephemero periodismo apresentam qualidades permanentes, e ficam.

São assim todos os capitulos deste volume, chronicas esparsas que se extratificaram agora, solidamente, com um fio logico de interesse intellectual, pesquizador e curioso, e outro fio de vivacidade pelo nosso destino de povo, pelas nossas tradições, pela nossa raça que se deve ir consolidando e definindo com exaltação e coragem.

Gustavo Barroso merece applausos sinceros, revelando as paginas das suas *Idéas e Palavras* o dedicado observador da *Terra do Sol*, forrado agora de uma perspicacia ampla de sociologo e politico.

Veiga Miranda.

116

"Diario Official" - 1º Agosto - 1917

Commissão de Marinha e Guerra

Sob a presidencia do Sr. Alberto de Abreu e com a presença dos Srs. Simeão Leal, Mario Hermes, Gustavo Barroso, Osorio de Paiva, Lebon Regis, Espiridião Monteiro e João Penido reuniu-se hontem esta Commissão.

Foram lidos e discutidos os seguintes parecceres:

Do Sr. Gustavo Barroso, favoravel ao projecto n. 106, de 1917, do Sr. Alfredo Ruy, que autoriza a mandar submetter a exame os ex-alumnos dos differentes cursos da Escola Naval, que, reprovados em 1915, em uma ou mais disciplinas do 1º e 3º anno, foram delles excluidos. Deste parecer pediu vista o Sr. João Penido;

Do mesmo, favoravel ao projecto n. 181, de 1915, mandando contar pelo dobro o tempo de serviço dos funccionarios civis e militares, que serviram e servem nas commissões de linhas telegraphicas, chefiadas pela Commissão Rondon;

Do mesmo, favoravel ao requerimento de D. Maria Luiza Pimentel Brandão, filha do marechal Carlos José da Costa Pimentel, solicitando melhoria de montepio, tendo os Srs. Lebon Regis e João Penido assignado «vencido».

Do Sr. Osorio de Paiva, favoravel ao projecto do Senado que considera no posto de 2º tenente para os effeitos da lei n. 2.290 de 13 de dezembro de 1910, a reforma do 2º sargento Arsenio Delcarpio Velloso da Silveira, sem direito a restituição;

Do Sr. Alberto de Abreu, contrario ao substitutivo apresentado pelo Sr. Joaquim Osorio, em 3ª discussão, ao projecto que fixa as forças de terra para o exercicio de 1918. Deste parecer pediu vista o Sr. Espiridião Monteiro.

A Commissão reune-se amanhã, extraordinariamente, ás 14 horas.

"A Noticia" - 1º Agosto - 1917

Um pugilato no recinto da Camara

Entre um deputado e um jornalista

O Sr. Gustavo Barroso

Deu-se hoje, na Camara, um pugilato entre um jornalista e um deputado.

O Sr. João Lima, representante do "Jornal doBrasil" junto áquella casa do Congresso; procurou, hoje, o Sr. deputado Gustavo Barroso, que é correspondente de um jornal no Ceará, para com elle entender-se sobre um telegramma publicado por essa folha.

Discutindo e acalorando-se os disputantes, o Sr. Gustavo Barroso aggrediu a soccos o Sr. João Lima, produzindo-lhe ligeiros ferimentos pelo rosto.

O representante cearense — com estranheza geral — conservou-se, após a commentar ainda no recinto da Camara, o lamentavel incidente.

O Sr. João Lima viu-se cercado, immediatamente após ao pugilato, por todos os seus collegas, que lhe foram testemunhar a sua solidariedade.

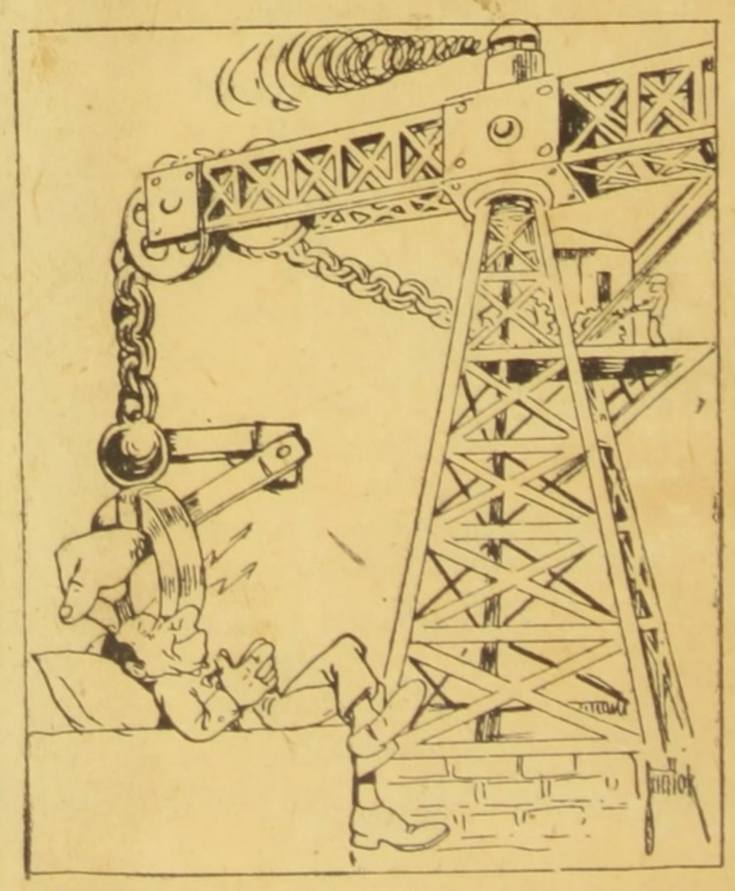
"D. Quixote" - 31-julho-1917

FIGURINO DE 100$ POR DIA

As dragonas... da independencia.

"D. Quixote" - 31-julho-1917

Machinas modernas



Guindaste movido a substancia para puxar as idéas.

Foi com este precioso instrumento que o Gustavo do Norte cavou a idéa dos Dragões.

127

"Epoca" - 30-julho-1917

IDÉAS E PALAVRAS. GUSTAVO BARROSO (JOÃO DO NORTE). 1917.

O novo livro do já conhecido escriptor e politico nada lhe acrescenta aos louros colhidos com a publicação de obras anteriores.

O livro presente é uma collectanea, na maior parte dos capitulos, de artigos publicados, por isso não tem certa ordem chronologica ou de pensamento, não seguindo na successão dos assumptos uma orientação literaria ou de estudo de problemas sociaes e moraes. Poderia ter sido elle dividido em secções de lendas, de considerações actuaes sobre diversos aspectos da vida nacional, sobre coisas e homens estrangeiros, etc.

Sempre brilhante na fórma, empolgante nas descripções, perfeito no dizer e no traduzir as impressões que nos dão nossas paizagens e nossos costumes; lido em tudo o que se refere aos habitos antigos, tradicionalista que procura fazer alicerce do futuro a argamassa preparada pelos ancestres, Gustavo Barroso, o elegante deputado pelo Ceará, tem todas as qualidades e facilidades para ser um dos nossos grandes escriptores, se a politica e um certo deslumbramento produzido pela sua obra já realisada e pelas suas victorias mundanas e do "high-life" o não impedirem de progredir.

"Idéas e palavras", materialmente, é um livro pouco attrahente, com uma deselegante capa amarella e impresso com typos muito gastos e falhos.

Não sei se Gustavo Barroso adoptou a graphia simplistica da Academia de Letras.

Seu livro, na mesma pagina, está escripto com as letras germinadas superfluas e com as simplificações arbitrarias. No mesmo capitulo ha: "insuportavel, aparencias, reacções, colligados, captivos, soffreu, difficeis, indiferente, orilla, demitam, exhorbitantes, rythmos", etc.

No capitulo a respeito da "parede dos mineiros", applaudindo intimamente a tendencia, constante para um futuro melhor, como bom burguez, receia "a arremetida vandalica que o poeta Roberto Veyssié prevê na sua rica indignação", mas termina com este lindo periodo:

"Magnifica visão !

A humanidade soffredora vê as prespectivas risonhas de um futuro melhor, sob o vasto céo de blan. cheio de vozes, de sons, de rythmos, de harmonias, com o vento da manhã soprando nos clarins de oiro!"

Nesse momento de crise do operariado, que reivindica seus direitos, seria um grande prazer tornar populares os versos de Roberto Veyssié; peço permissão a Gustavo Barroso para extrahil-os do seu livro.

On entend des pas qui montent !
. . . . . .
Montent parmi les cités, les campagnes,
Montent, infatigables, obstinés,
Montent toujours plus prés du grand ciel étonné,
Parmi d'autres cités, parmi d'autres campagnes,
Montent encor !...
Mais le vent du matin souffle en ses clairons d'or,
Les pas s'arrêtent — un á un sur la montagne...
Le cou tendu vers un magique et doux appel,
La foule humaine n'est dressé au bord du ciel,
Elle écout et se tait.
L'azur, tout l'azur chante;
Tout l'azur chante éperduement des chants d'amour !

Rio, 26 de julho de 1917.

FABIO LUZ.

"Correio da Manhã" - 7 agosto - 1917

O MOMENTO AMERICANO

Um artigo do sr. Gustavo Barroso transcripto por "La zon" de Montevidéo

Montevidéo, 6 — (A. A.) — "La Razon" transcreve um interessante artigo da lavra do deputado brasileiro Gustavo Barroso em favor da arbitragem, occupando-se tambem do tratado de convenção entre o Brasil e o Chile.

"Fon-Fon" - 4 - agosto - 1917

Os Dragões da Independencia

O deputado Gustavo Barroso, nosso presado companheiro de trabalho e mais conhecido pelo seu pseudonymo litterario de João do Norte, fez no dia 24 de Maio ultimo, no Club Militar, perante selecto auditorio, uma longa, bem documentada conferencia, historiando as tradições militares de todo o mundo e especialmente do Brasil, Nessa conferencia, alvitrou a idéa da creação de um corpo que vestisse, em grande gala, um uniforme tradiccional, historico e esthetico, a exemplo do que se pratica em todos os paizes da Europa e da America. Assim propunha o uniforme da antiga guarda de honra de D. Pedro I, que esteve no Ypiranga, e o nome de Dragões da Independencia para o 1º regimento de cavallaria, justificando amplamente tal proposta. A maioria da imprensa desta capital, destacando-se della o *Jornal do Commercio* e o *Paiz*, o Presidente da Republica, o Ministro da Guerra e altas patentes militares deram seu apoio moral á idéa mater dessa conferencia, que *Selecta* estampou, na integra, com illustrações, no seu numero de 9 de Junho deste anno.

A 20 de Junho, o deputado Gustavo Barroso apresentou á commissão de marinha e guerra da Camara o seu projecto da creação do referido regimento, tendo a mesma commissão adoptado a idéa, unanimemente, e assignado o projecto, tornando-o seu. Mas no plenario surgiram as opposições, todas buscando *jeu de mots, quolibets* e graçolas, nenhuma baseada em argumentos serios. Falaram ardorosamente contra os dragões, no recinto do Monroe, os Srs. Maciel Junior e Mauricio de Lacerda. O deputado Gustavo teve de responder-lhes e argumentou então, com os dados seguros que possue sobre o assumpto. E o projecto passou em 2ª discussão.

Não lhe convindo mais a luta no plenario, diante de tal derrota, o Sr. Maciel Junior apresentou na terceira discussão do projecto uma emenda, abonando gratificações aos officiaes, afim de fazel-o descer á commissão de finanças, intuitomeramente protelatorio. Foi relator da emenda o illustre parlamentar e jornalista Felix Pacheco, que deu um brilhante parecer, fulminando a medida suggerida pelo Sr. Maciel Junior e elevando muito alto o projecto. Esse parecer foi subscripto pela commissão toda e affirma que, houvesse o augmento de despeza que houvesse, o projecto encerra tão bella e util idéa que devia ser approvado.

Agora, o projecto e a emenda acham-se na ordem do dia da Camara, uma para ser regeitada, o outro para ser approvado em terceira e ultima discussão com a immensa maioria com que já o foi em segunda.

Este ligeiro historico do projecto dos Dragões da Independencia serve para mostrar que a idéa do nosso companheiro de redacção ainda está em fóco e conquistando cada dia maiores apoios.

Por isso, estampamos na nossa capa de hoje algumas figuras de dragões da Independencia. Foram desenhados e pintados pelo conhecido pintor paulista Washt Rodrigues, que de muito tempo a esta parte se dedica com o maior carinho ao estudo dos nossos uniformes desde o tempo da colonia, possuindo um album de aquarellas originaes mas sobre fardas de soldados brasileiros desde os vice-reis até a Republica, collecção magnifica, digna de um museu e que elle ama como a um filho.

Os dragões que ornam a nossa capa foram copiados pelo eximio aquarellista de S. Paulo do quadro de Pedro Americo — «Independencia ou Morte» — que está no museu do Ypiranga. Como se sabe e já o Sr. Washt Rodrigues notou, no quadro de Pedro Americo os capacetes dos dragões, ou melhor das Guardas de honra, variam. Alli apparecem 24 desses cavalleiros. Desses 24 cavalleiros, 21 capacetes são de bronze, com o dragão em cima, que a Guarda somente usou depois de 1827, sendo que um não tem pennacho, quatro têm pennacho vermelho e azul, 16 só pennacho vermelho; os tres restantes usam um o bicornio, outro o antigo capacete de *chenille* dos dragões de milicias e o terceiro um capacete semelhante ao dos dragões francezes e ao dos nossos antigos dragões dos vice-reis.

Mas o uniforme dos Dragões da Independencia será nas suas linhas geraes o que estampamos, menos o capacete que não será de bronze e sim de coiro preto com o dragão de bronze por cimeira, conforme a Guarda de Honra usou após sua creação e até a adopção do casco de bronze.

E' quasi certo que o projecto do nosso companheiro seja em breve realidade. O grande rumor que se fez em torno delle, os artigos e sueltos de jornal, as caricaturas, as capas dos magazines, as entrevistas, as conferencias, as opiniões, tudo isto fará com que o povo se apinhe nas ruas para ver passar os dragões, lembradores de nossa emancipação politica e de nossas glorias no passado.

Tauxias

Deitado no seu fôfo divan coberto por um lindo e rico panno japonez, a cabeça perdida entre almofadas, cabeçaes e faceirós de seda, Claudio França lia e fumava o seu perfumado Castañeda. A ampla janella do balcão estava aberta de par em par. Entrava a luz suave da tarde, tocando de tons fulvos os metaes preciosos do gabinete. Nos balaustres do balcão largo enrolavam-se galhos de roseiras brancas e vermelhas de flores. O seu perfume boiava no ambiente illuminado, tão subtil e tão fino que parecia vir da propria luz esparsa docemente por tudo.

— Claudio amigo !

Elle pousou o livro, deitou o resto do charuto ao cinzeiro de Royal-Doulton, *sangue de boi* legitimo e estendeu-me a mão.

— Que lias ?

— A «Medéa» de Seneca. Quando entraste, percorria a pagina mais interessante, na qual nunca tinha reparado no thesouro que somente hoje descobri, periodo em que o mestre de Nero presente, prevê ou advinha o descobrimento da America.

Escuta. Vou ler o trecho:

«... venient annis
Sæcula series quibus oceanus
Vincula rerum laxet, et ingens
Pateat tellus, Typho que novos
Detegat orbes, nec sit terris ultima Thule.»

E eu traduzi maravilhado:

«Um novo Tiphon, filho da propria terra, nos seculos vindouros irá descobrir, para o occidente das regiões afastadas novas terras e, então, Thule não será mais a extremidade do mundo.»

A noite cahia. Claudio accendeu outro charuto. Fiz o mesmo. Sentamo-nos no divan e, calados, emquanto o gabinete ia escurecendo aos poucos, misturámos a fumaca branca dos Castañedas.

128

"Fon-Fon" - 4 de agosto de 1917

ANNO III —— NUM. 31
Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1917

FON-FON

OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

(ARTIGO NO TEXTO)

A Gustavo Barroso
H. José Rodrigues

129

"A Rua" - 3 - agosto - 1917

A vaga de Souza Bandeira

Novo prurido de candidaturas para a Academia de Lettras — João do Norte vae concorrer

A morte inesperada de Souza Bandeira, ante-hontem, veiu abrir na Academia Brasileira de Lettras mais uma vaga. Todas as vezes que uma cadeira se esvasia na Academia ha pelo paiz inteiro um prurido de candidaturas.

João do Norte

Quem irá a Academia eleger agora, na vaga de Souza Bandeira? No presente momento é difficil uma previsão. João do Rio, nas suas horas de "blague", querendo mostrar espirituosamente a necessidade do criterio dos expoentes, affirma que tem varios candidatos. Um delles é o sr. cardeal Arcoverde. e o brilhante academico explica a sua predilecção pela eminencia do habitante do palacio de S. Joaquim.

— E' pomposo. Aquelle manto vermelho, de seda, aquelle crucifixo de ouro ao peito darão um grande fausto á Academia. O cardeal Arcoverde é a Egreja, esta coisa pomposa e solemne que se chama a Egreja.

Outro candidato de João do Rio é o sr. Paulo Frontin.

— Uma notabilidade, explica, um expoente de cultura scientifica.

As candidaturas são muitas agora para a vaga de Souza Bandeira? Devem ser. S. Paulo tem quatro ou cinco candidatos e, entre elles, o mais em voga, o poeta Amadeu Amaral. A Bahia tem dous ou tres, sendo a mais cotado o sr. Xavier Marques. Pernambuco, outro tanto. Sergipe, o mesmo numero, destacando-se o nome de Hermes Fontes. O Ceará tem o sr. Oscar Lopes, que já o anno passado trabalhava pela sua candidatura.

Ha, porém, um nome que, ao que parece, será victorioso ou, pelo menos, irá dar grande trabalho aos outros concurrentes. E' o de João do Norte, pseudonymo litterario do deputado federal Gustavo Barroso. E' realmnete uma candidatura sympathica. João do Norte é uma das figuras mais brilhantes, mais originaes da moderna geração das nossas lettras. Em pleno viço de mocidade, já é nma figura inconfundivel. A sua estréa na litteratura fez-se com esse magnifico livro de enthusiasmo e profunda observação que se chama "Terra de Sol", livro que é um repositorio admiravel dos costumes sertanejos, feito com uma agudeza de detalhes de observação rara num moço de sua edade.

Mas não será com a "Terra de Sol", nem com as "Praias e Varzeas" que João do Norte vae concorrer á vaga de Souza Bandeira. Será com o seu novo livro "Heróes e Bandidos", ha tres dias posto á luz. E' realmente um livro superior a todos os livros do joven escriptor nortista. Nos "Heróes e Bandidos" João do Norte não só mostra ser o observador minudente que se revelou na "Terra de Sol", como um erudito. E' um livro de um valor excepcional pelo que elle encerra de verdade, desses livros que a gente os lê de um folego e hão de ficar na nossa litteratura como um museu riquissimo de usos e costumes sertanejos, tão desprezados pelos nossos escriptores. João do Norte conta já com a sympathia de varios academicos. Será victorioso? Ninguem poderá dizer. As eleições da Academia têm surprezas, como todas as eleições.

"Jornal do Commercio" - Rios
Ed. tarde - 4 - agosto - 1917

* *

Veio a calhar, neste momento em que renasce o banditismo do Contestado, o novo livro do Sr. Gustavo Barroso.

"Heróes e Bandidos" é a chronica pittoresca dos cangaceiros de nordéste, precedida de um estudo sociologico em que o autor aprofunda as causas do jaguncismo que flagella, póde-se dizer, todo o sertão brasileiro.

Nem poderia ser de outro modo. A vastidão da terra, a bravura indigena, a alliança com os politiqueiros locaes e sobretudo o analphabetismo supersticioso haviam, por força, de crear o banditismo collectivo.

Gustavo Barroso desenvolve persuasivamente esse thema, que, fartamente demonstrado como fica, mostra por si mesmo os remedios da praga. O tempo fatalmente a matará. Mas aos estadistas cumpre não esperar pela acção lenta deste saneador natural. E' precizo que, muito mais que a policia, penetre no sertão o ensino primario. Quando um pouco de cultura espiritual ahi se diffundir, estarão pacificados definitivamente o Contestado, o nordéste e outros fócos semelhantes que talvez ainda appareçam...

O talento descriptivo de João do Norte, excitado pelo seu amor ás cousas sertanejas e esclarecido pela observação directa ganha em longas viagens pelo interior, dá ás paginas de "Heróes e Bandidos" um colorido vivissimo, tirado daquella natureza bravia e da alma terrivel e ao mesmo tempo boa dos Silvinos, Macieis e quejandos facinoras-cavalheiros.

"A Rua"
6 - Agosto - 1917

O embarque para a immortalidade

O trabalho dos paranymphos

A agitação para a conquista da cadeira da immortalidade fardada que Souza Bandeira deixou na Academia vae num crescendo animador. Não só os candidatos, mas os seus padrinhos começam a trabalhar na cavação do voto.

Por emquanto apenas dous candidatos estão na berra: o sr. Helio Lobo e João do Norte. O sr. João do Norte está deixando a tarefa á habilidade diplomatica do padrinho da sua candidatura, que é o sr. Afranio Peixoto, acolytado por Alberto de Oliveira. O sr. Helio Lobo, como o seu paranympho, o sr. Lauro Muller, não é homem dessas cousas, de pedir votos e interessar-se vivamente; todo o trabalho está sendo feito pelo proprio sr. Helio. As telephonadas partem em direcções diversas e até o Ministerio tem sido solicitado a intervir. O secretario da presidencia esteve no sabbado no Senado cavando os votos dos srs. Dantas de Alcindo. Qualquer dia apparecerá na Camara atraz dos srs. Augusto de Lima, Coelho Netto e Felix Pacheco.

O sr. Helio teve decididamente azar na escolha do paranympho...

O sr. cardeal é que por emquanto, não arranjou nenhum padrinho. O que se apresentou na liça — "O Paiz" — depois do que lhe aconteceu, é bem possivel nem toque mais no assumpto

"Fon-Fon"
11 - agosto - 1917

Fon-Fon na Camara

O Sr. Antunes Maciel, deputado pelo Rio Grande do Sul, fallando ha dias da tribuna da Camara sobre o projecto dos Dragões da Independencia, cujo auctor é o deputado pelo Ceará Gustavo Barroso, por vezes alludio a Fon-Fon, *de um modo que outros que não nós poderiam tomar como um proposito de nos melindrar, o que, estamos certos, não foi a intenção do nobre deputado gaúcho.*

No que respeita ao nosso presado companheiro de trabalho, a cuja revelia bordamos esta nota, nada precisamos dizer. Gustavo Barroso (litterariamente João do Norte) é um dos escriptores brasileiros mais cultos, mais brilhantes e mais trabalhadores, cujos livros se vendem rapidamente nas livrarias...

Quanto a Fon-Fon *propriamente dito, pedimos licença ao nobre deputado pelo Rio Grande do Sul, para fazer alguns reparos.* Fon-Fon, *jornalisticamente, não é, em verdade, uma revista caricata, como lá disse S. Ex. Iniciando a sua vida com uma feição de bom humor, que nunca o deixou e, esperamos, nunca o deixará, aos poucos, pois que tudo evolue,* Fon-Fon *foi-se transformando, até chegar a ser o que hoje é: um* magazine *como os ha nos Estados Unidos, em cujas paginas são registrados todos os factos da vida nacional, atravez de breves commentarios e photographicamente. No que* Fon-Fon *differe dos seus collegas americanos, facto que talvez haja contribuido para levar S. Ex. á confusão, é apenas nisto de, pelas epochas de campanha eleitoral, não seguir o exemplo dos seus collegas* yankees *que desempenham, em taes circumstancias, um papel dos mais importantes, ao passo que* Fon-Fon, *que ainda não conseguio entender bem de processos eleitoraes, prefere ficar alheio ás contendas, num medo supersticioso de errar, levando os seus leitores a acreditar em realidades phantasticas...*

Por outro lado, lá como aqui, a importancia de um jornal, diario, semanal, ou mensal, se baseia exclusivamente na sua circulação e na sua independencia financeira — dous elementos que, no que respeita a Fon-Fon, *estamos certos, S. Ex. não suspeita que lhe faltem. Empreza, cujo custeio* mensal *attinge a sessenta contos de réis,* Fon-Fon, *sem a preoccupação de ser melhor ou peior do que as outras revistas cá da terra, tem a sua vida commercial legalizada em livros officiaes, registrados no departamento competente e, ainda de recente, teve a honra de, sujeitando a sua escripturação ao exame de altos funccionarios aduaneiros, ver a mesma ser tomada como base para os processos relativos á importação de papel.*

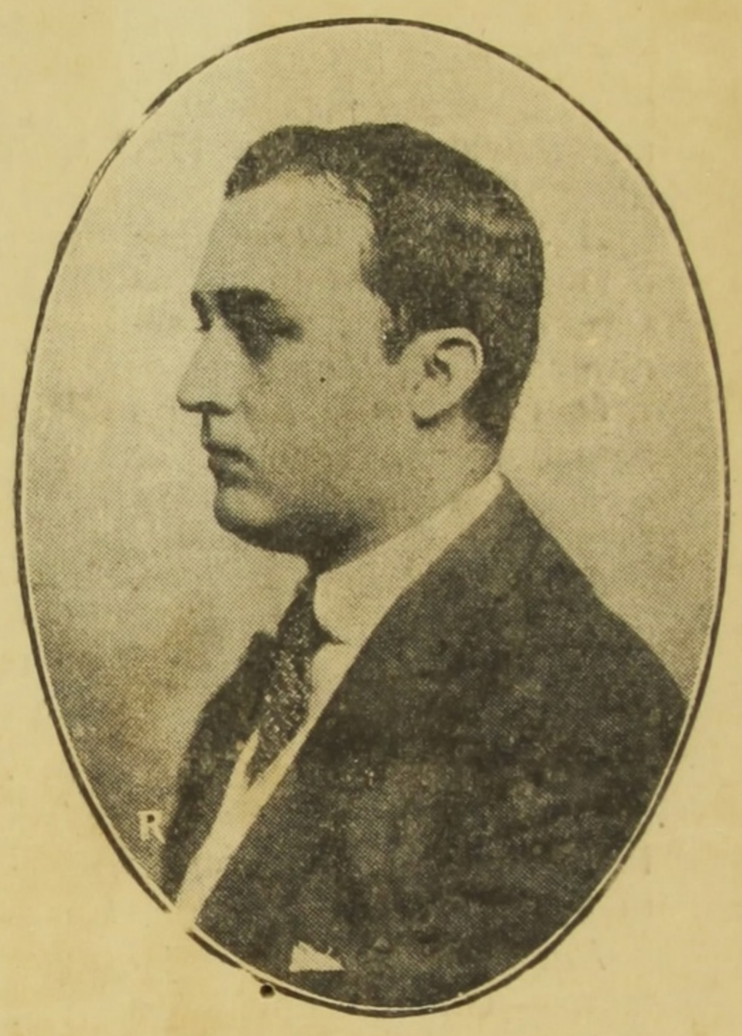
Esses livros, que constituem o melhor testemunho da vida desta empreza, nós os temos sempre á disposição de qualquer curioso que queira verificar pessoalmente o que affirmamos.

E só.

130

"A Nota" - Fortaleza - 15 julho - 1917

A NOTA



OS DRAGÕES
da
INDEPENDENCIA

Corpo de élite que acaba de ser creado por iniciativa do operoso cearense Gustavo Barroso (João do Norte) um dos mais abnegados criticos da historia militar de nosso paiz.

Fortaleza, 15 Julho de 1917 | ANNO 2 | NUM. 67

"Norte" - 4 agosto - 1917

A cavação da "immortalidade..."

Scenas pittorescas nos corredores do Senado

A gloria de ser immortal... Quem a não desejava antes da morte do Sr. Francisco Alves? Quem a não aspirará agora?...

Com a morte do Sr. Souza Bandeira, duas vagas, cada qual mais tentadora, se verificaram: a de juiz dos Feitos da Fazenda Publica e de uma cadeira da Academia de Letras. Para a primeira, antes duas horas do enterramento do ex-juiz, foi nomeado o substituto. O preenchimento da outra é por eleição e tem tempo marcado, motivo por que ainda continúa a Academia com a sua cadeira desoccupada... Os candidatos, porém, choveram desde logo. Hontem, andou pelo Senado o Sr. Paulo Barreto, fazendo propaganda do Sr. João do Norte ou antes, do deputado Gustavo Barroso. O Sr. João do Rio poz nas nuvens "A terra do Sol", o livro do Sr. Barroso, e disse maravilhas de outras producções suas. E contou que o Sr. Gustavo já tinha dez votos garantidinhos, ali no duro..

Hoje, appareceu no velho palacio da rua do Areal o Sr. Helio Lobo, autor de mil e muitas monographias, diplomata e, sobre tudo, secretario do Sr. presidente da Republica. Foi uma agitação na Camara Alta.

—O Helio está ahi. Alguma incumbencia presidencial... O projecto Frontin?... A carestia da vida?...

E a curiosidade crescia. Um momento de verdadeira sensação e que quasi abalou o velho edificio malsinado pelo Sr. Alfredo Ellis, foi aquelle em que o Sr. Bernardo Monteiro, entrando na sala do café, dirigiu-se ao Sr. Dantas Barreto e disse-lhe, baixo:

—O Helio Lobo está ahi e veiu procural-o. Faça o obsequio de recebel-o já.

O Sr. Dantas tirou o lenço do bolso, passou-o pela testa, poz-se em pé e marchou firme ao encontro do Sr. Helio.

—Graves cousas, murmurou o Sr. Raymundo de Miranda.

—De certo o governo vae convidar o Dantas para organisar a nossa defesa militar, aventurou o Sr. José Murtinho.

—A guerra! a terrivel guerra! eu sempre disse que isto ainda terminava mal... Deus que vele por nós e que na sua immensa bondade, oriente os nossos homens, balbuciou, como em prece, monsenhor Walfredo Leal.

Emquanto isso, o Sr. Helio, aos ouvidos do Sr. Dantas, falava.

—Recebi, sim, disse a um momento o general, recebi todos os seus volumes...

O Sr. Helio continuava, segredando.

—Eu já me compromettí com o Paulo Barreto, disse, de outra vez, o general. Compromettí, não é bem o termo, porque nunca me comprometto. Prometti ao Paulo votar no Gustavo Barroso; mas, si este desistir póde contar com o meu voto...

Monsenhor Walfredo respirou fartamente e ergueu os olhos para o alto, olhos humidos, como quem agradece, commovido...

"Gazeta de Noticias" 6 - agosto - 1917

"Heróes e Bandidos"

Quando, ha cerca de dez annos, alguem me apresentou a Gustavo Barroso, a minha primeira impressão foi de que eu estava diante de um "dandy". "Dandy" na elegancia das roupas e na "pose"; possivelmente "dandy" nos seus escriptos, que até então evitára lêr com este visceral horror que tenho pela "joven literatura" de todas as terras, principalmente da minha... E assim como não li Gustavo Barroso, tambem evitei com elle qualquer intimidade, porque o meu provincialismo não admitte intimidades com "gente da moda". Lembro-me bem de uma conversa com Joaquim Eulalio — que andava então a desancar o Guanabarino e a troçar o Sr. Alcindo Guanabara por causa da arte de Eleonora Duse, que a nós ambos assombrava — a proposito de Gustavo. Eulalio, com aquella aristocracia d'alma que me encantava, queria demonstrar-me as qualidades de Barroso e eu, arripiado, clamava:

— "Seu" Eulalio! E' lá possivel que esse mancebo formoso, com aquelles paletots tremendamente curtos e aquelle ar de Apollo desterrado no Brasil, possa escrever duas linhas com arte e com idéas? Não! Esse moço (era no tempo em que Figueiredo Pimentel, o meu Pimentel do "Terror dos maridos", dominava o Rio com o "up-to-date" e com o "smart" do "Binoculo") decentemente só póde ter uma ambição na vida:— fazer "flirts" nas casas de chá e escrever as "Sociaes" de qualquer jornal!

Eu era assim rebelde, pelas alturas de 1907...

E fugi de Gustavo Barroso!

Os annos passaram. Juro que não li nem a "Terra do Sol", nem "Praias e Varzeas", como tambem não vi mais Gustavo, que eu vagamente sabia mettido na politica do Ceará.

Um dia, depois que como filho prodigo voltei ao jornalismo, Miguel Mello me apresentou novamente a João do Norte. E pela primeira vez nós conversámos longamente, numa intimidade que para sempre me seduziu.

Ainda era o mesmo elegante de 1907. Mas senti sob aquellas roupas de "dandy", um espirito cheio de cultura, conhecendo bem a sua lingua, manobrando-a com simplicidade fascinadora, tendo o cerebro povoado de idéas nobres e altas. E mais me attrahiu a bondade da sua alma, uma alma quasi infantil, que diz tudo quanto pensa e que não pensa senão o que é digno.

Comecei a lêr Gustavo Barroso...

*

* *

"Heróes e Bandidos" é um estudo magnifico de typos e costumes brasileiros, feito por um artista com raras acuidades de psychologo e com uma erudição não commum. Tal livro occupa um logar á parte na nossa literatura e depois dos "Sertões", de Euclydes da Cunha, não me lembro de obra nenhuma que o possa exceder em probidade de analyse, nem esplendor de estylo, nem em qualidades praticas das quaes resultam sempre os trabalhos efficientes de um periodo literario capaz de afrontar todo esse ephemerismo lyrico ou essa exagerada iconoclastia que caracterisam a nossa geração.

Gustavo Barroso viu em Pascal que "il est dangereux de trop faire voir á l'homme combien il est égal aux bêtes, sans lui montrer sa grandeur. .Il est encore plus dangereux de lui laisser ignorer l'un et l'autre. Mais il est très avantageux de lui représenter l'un et l'autre".

Em "Heróes e Bandidos" nós encontramos os brasileiros que devem ser o orgulho da nossa raça. E depois de lêr esse livro onde se estudam as "causas" pelas quaes o nordeste brasileiro é fecundo em typos como Antonio Silvino, como Athayde, como Adolpho Meia Noite, como João do Bomfim, cujos feitos G... Barroso descreve com um espirito critico que lembra as analyses de Paul Saint-Victor, em "Hommes et Dieux", eu fico a pensar na grandeza desses heróes, todos elles muito mais heroicos que bandidos, perdidos por esses adustos sertões e ensinando a nós outros — flôres anemicas da civilisação do litoral, productos das influencias deprimentes das cidades "rastaqueras"—a grande lição de energia, de poder da vontade, de vontade de querer, todo esse individualismo sem o qual é impossivel existirem os grandes homens.

A obra de um bandeirante, entrando pelo sertão com um troço d'homens a conquistar a terra, buscando os thesouros escondidos no sólo, escravisando os indios, vencendo a natureza hostil, dominando as racas inferiores, parece-me cousa muito mais notavel, muito mais heroica que toda a campanha do Paraguay, com Osorio e Tuyuty, Caxias e Humaytá, Barroso e Riachuelo...

Esse Antonio Silvino de quem Francisco das Chagas Baptista disse:

Cae uma banda do céo,
Seca uma parte do mar,
O purgatorio resfria,
Vê-se o inferno abalar,
As almas deixam o degredo,
Corre o diabo com mêdo,
O céo Deus manda trancar.
. . . . . .
Admira todo o mundo
Quando eu passo em um logar!

não é menor que um Benvenuto Cellini ou um Cesar Borgia em energia individualista. E' possivel que Silvino não tenha gosado da protecção de um Julio II, nem seja sobrinho de um papa da ordem de Alexandre. Não fez uma jarra de prata cinzelada e, ao invés daquellas roupas primorosas com as quaes Cesar entrava em Florença, no esplendor do Renascimento, o bandido brasileiro envergava uma farda da Guarda Nacional! Mas, o potencial de acção de um e de outros não é essencialmente differente. E as nacionalidades não vivem só de obras de arte — vivem principalmente de capacidades de energia da sua raça.

Tivemos no passado os bandeirantes, temos no presente os heróes e bandidos do nordeste.

E como Gustavo Barroso estuda essa gente com erudição magnifica, eu penso que seu livro é uma obra de alto patriotismo (á parte suas qualidades estheticas) no momento em que a Liga da Defesa Nacional procura despertar os mais puros sentimentos da nossa raça...

*

Escrevi estas linhas para falar principalmente de Gustavo Barroso, que é agora, ao que dizem, candidato á Academia...

E' facto que o fardão e o espadim ficariam immensamente bem naquelle Apollo no exilio...

Mas é realmente pena que a vaidade leve Barroso a disputar um logar naquelle antro cheio de humidade e de preguiça, onde vicejam esses musgos que têm por certo apparencias encantadoras, mas que são sempre musgos e como musgos, são seccos e mirrados. Para um espirito brilhante, para um moço da terra do sol é lamentavel!

CARLOS EDUARDO.

O Sr. Antunes Maciel Junior (*para encaminhar a votação*) — Sr. Presidente, quando pertinazmente procurei oppôr entrave á marcha do projecto que institue os «Dragões da Independencia», foi apenas movido pelo interesse de evitar que mais uma vez pudesse a Camara incorrer na critica ironica que lhe é feita, sobretudo, por certa parte da imprensa, imprensa á qual pertence exactamente o autor do projecto, como um dos redactores que é do «Fon-Fon».

Não tinha, Sr. Presidente, nenhum motivo de ordem pessoal para obstar a passagem da medida, e até provando tal asserto, retirei o requerimento que fizera, mandando o projecto á Commissão de Finanças, antes de approvado em 2ª discussão retirada esta que fiz a pedido do nobre Deputado pelo Ceará, autor do mesmo projecto.

Depois disso, porém, Sr. Presidente, não sei si com a acquiescencia do nobre «leader» ou não, deu-se á medida o caracter governamental, e fez-se constar, de bancada em bancada, que o Governo fazia questão — naturalmente questão fechada — da instituição dos «Dragões».

Conversando com o Sr. Ministro da Guerra a este respeito, S. Ex. me disse, quasi textualmente: «os «Dragões» me foram offerecidos por um civil, e eu os acceitarei, comtanto que não tragam para o orçamento do ministerio nenhum embaraço novo, porque não estou absolutamente disposto a desviar essa ou aquella quantia de qualquer das verbas do meu orçamento, para montar os «Dragões».

Dahi, Sr. Presidente, inferi desde lógo não ser verdadeira a versão que ouvira aqui, de que os «Dragões» fossem um projecto governamental.

Indo, em virtude de emenda minha, para a Commissão de Finanças, Commissão esta que, como V. Ex. sabe, desde longos annos, é um sorvedouro de projectos, porque alguns ha, o de real importancia, que alli ficam por mais de uma geração, este projecto, comtudo, teve a sorte de, em galões triumphaes, passar por ella e conseguir um parecer favoravel do nosso illustre collega Sr. Felix Pacheco. Outros problemas ha, Sr. Presidente, de indiscutivel interesse para o paiz: o economico, o financeiro, o do ensino, o do operariado, que ahi estão a pedir do Congresso o seu voto; todos estão parados. Os «Dragões» marcham e marcham victoriosamente, porque por elle se andou a solicitar votos de bancada em bancada...

O Sr. Gustavo Barroso — V. Ex. não póde fazer essa asserção a meu respeito. Não o autorizei a tanto. Posso ter pedido a dous ou tres amigos, ou antes, procurado convencel-os. Não andei pedindo de bancada em bancada. A Camara está presente e não ha quem atteste isso que V. Ex. diz.

V. Ex. não tem, repito, o direito de fazer esta asserção.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Tenho o direito de fallar como quizer, e, quando fallo, não peço autorizações a V. Ex.

O Sr. Gustavo Barroso — Não ha duvida; pede-a ao Presidente da Camara. Si isto fosse dependente da minha autorização, não lh'a daria.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Si V. Ex. quer que eu cite os nomes de Deputados aos quaes pediu voto, estou prompto a fazel-o.

O Sr. Gustavo Barroso — Falei — digo-o mais uma vez — a dous ou tres amigos, inclusive o illustre Dr. Seabra, cujo nome peço licença para declinar.

O Sr. Seabra — Não estou com a palavra sobre este assumpto. (*Riso.*)

O Sr. Antunes Maciel Junior — Si alludo aos pedidos feitos pelo nobre Deputado é simplesmente como compensação ás asserções que tem estampado no seu jornal, como se deu ainda ante-hontem.

O Sr. Gustavo Barroso — Não tenho jornal.

Um Sr. Deputado — Qual é o jornal?

O Sr. Antunes Maciel Junior — O «Fon-Fon». (*Riso.*)

O Sr. Gustavo Barroso — Não é jornal: é revista.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Jornal ou revista dá no mesmo; o facto é que, ainda no sabbado, alli se declarava, num artigo, que eu e o Sr. Deputado Mauricio de Lacerda, que combatemos o projecto, tinhamos sido derrotados...

O Sr. Mauricio de Lacerda — O «D. Quixote» fazia declaração ainda mais grave: que o projecto tinha recebido uma carga de bayoneta fallada de nossa parte. (*Riso.*)

O Sr. Antunes Maciel Junior — Eu poderia, dizendo que o elogio do «Fon-Fon» ao projecto do nobre Deputado é um elogio em bocca propria, fazel-o como represalia á allegação de nossa derrota, allegação essa produzida por S. Ex.; accrescento que com tal derrota estamos muito satisfeitos, porque, derrotados, ficamos com o bom senso, num caso perfeitamente ridiculo e frivolo.

O Sr. Gustavo Barroso — Sou obrigado a repetir: porque não crio o Regimento dos laçadores...

O Sr. Antunes Maciel Junior — O que V. Ex. não devia fazer era procurar, diminuindo os seus collegas, aproveitar as columnas de um jornal caricato, para elevar-se a si.

Sr. Presidente, já que V. Ex. me vae chamar a attenção, quero attender, eu que sou dos mais obedientes na Camara, como V. Ex. terá occasião de vêr, nas causas regimentaes. Repito: minha opposição foi unicamente motivada pelo referido interesse de evitar que a Camara cahisse no ridiculo de votar um projecto jocoso, de afogadilho, quando tantas outras materias importantes temos a tratar.

Assim, feita esta declaração, que significa um protesto, sento-me satisfeito com a minha consciencia, e a Camara votará como entender. (*Muito bem; muito bem.*)

Rejeitada a referida emenda do Sr. Antunes Maciel Junior.

O Sr. Presidente — Passa-se ás votações constantes da ordem do dia.

Continuação da votação do projecto n. 71, de 1917, determinando que o primeiro regimento de cavallaria do Exercito tome o nome de Regimento de Dragões da Independencia e dando outras providencias (3ª discussão).

O Sr. Gustavo Barrôso (*) (*para encaminhar a votação*) — Sr. Presidente, no seu discurso de hontem contra o projecto n. 71, da Commissão de Marinha e Guerra da Camara, de que fui Relator, o eminente Deputado Sr. Antunes Maciel Junior, cujo nome peço permissão para declinar, disse que o Sr. Ministro da Guerra, em conversa com S. Ex. lhe declarara o seguinte: que um civil lhe offerecia os dragões e elle os acceitaria, si não houvesse augmento de despeza.

Esse augmento de despeza tem sido a pedra de escandalo aqui na Camara, contra o referido projecto.

Vou demonstrar, em poucas palavras, com pequenos dados, que não ha absolutamente augmento de despeza, segundo notas que me foram fornecidas pela Directoria da Administração da Guerra.

O Governo tem de fornecer aos soldados um uniforme de grande gala, em janeiro do anno vindouro, e em vez de lhes fornecer o actual uniforme, fornece ao regimento o de que cogita o projecto.

O actual custa 93$688, assim especificado:

Praça:

Luvas brancas	$630
Calça garance	22$020
Kepi	7$499
Pompon	1$800
Tunica	25$239
Charlateira	6$500
Botas	30$000
	93$688

Pelo projecto custará 101$, conforme a discriminação seguinte:

Luvas de canhão	2$000
Calça	22$000
Capacete	15$000
Pennacho	2$000
Nisa	25$000
Charlateiras	8$000
Botas	30$000
	101$000

Ha uma differença para mais, pelo projecto de 11$, em praça. O regimento tem 300 soldados; 300 vezes 11 são 3:300$000. E' o augmento apparente que ha. Succede, porém, que o fardamento dos sargentos do Exercito e dos musicos no uniforme actual custa mais do que o dos soldados; em um total de 30 musicos e 15 sargentos, o excesso é de 3:825$000. Com o uniforme previsto no projecto, não ha essa differença, porque os distinctivos dos musicos são simplesmente nas côres e não teem as dragonas de fio de prata ou ouro, que existe no uniforme actual.

Postos em confronto o augmento de 3:300$ e a reducção de 3:825$, ha um saldo a favor do Governo, em materia de despeza, por anno, de 500$000.

O Sr. Mauricio de Lacerda — E' o caso de se uniformizar tudo em dragões. E' mais barato.

O Sr. Antunes Maciel Junior — A opinião do Sr. Ministro da Guerra não é a do nobre orador; o Ministro diz que o fardamento custa mais de 100:000$000.

O Sr. Gustavo Barroso — Estou argumentando com dados fornecidos pela Administração da Guerra, peça por peça.

Quanto ás outras considerações que S. Ex. fez em torno do projecto, eu me dispenso de responder. A Camara sabe que o projecto teve o apoio incondicional da Commissão de Marinha e Guerra e que tendo S. Ex. apresentado uma emenda que augmentava a despeza, foi o projecto á Commissão de Finanças.

Foi Relator dessa emenda o illustre Deputado Sr. Felix Pacheco, o qual não se limitou, no seu brilhante parecer, sómente a emittir opinião sobre a emenda; estendeu ainda ás suas observações ao proprio projecto.

O Sr. Antunes Maciel Junior — Mas não estudou propriamente a parte financeira do projecto.

O Sr. Gustavo Barroso — Estudou todas as partes do projecto, e a Commissão de Finanças assignou unanimemente o parecer, que terminou com as seguintes palavras:

«O projecto da Commissão de Marinha e Guerra approvado em 2ª discussão, pela Camara, está visivelmente nesta sadia corrente de idéas e merece seguir sem alteração o seu curso regimental.»

Era só o que eu tinha a dizer. (*Muito bem; muito bem.*)

(*) Não foi revisto pelo orador.

"Diario Popular" S. Paulo 6-agosto-1917+

Idéas e Palavras — é nome do novissimo livro do talentoso prosador Gustavo Barroso, tão conhecido em nossa literatura por João do Norte.

A edição desta original e bella obra é tambem de uma nova livraria editora, pertencente a firma Leite Ribeiro e Maurillo, do Rio de Janeiro.

João do Norte que na Terra do Sol e n'outros livros de contos, novellas e romances de costumes e da vida do Ceará, distingue-se como escriptor que possue estylo proprio ainda agora nas Idéas e Palavras accentua perfeitamente esta qualidade.

O seu livro é forte e bem feito.

Em duzentas e cincoenta e seis paginas o autor escreve quarenta e uma narrativas sobre variados assumptos: lendas, historia, arte, romantismo, sonhos politicos, tradicções, etc.

Nos assumptos historicos, João do Norte, cultiva o nacionalismo, os seus sentimentos são devotados ao culto do nosso passado militar e civico, eis porque nas paginas sobre a fundacção do Museu Militar, nas da Saudade, nas Tradicções esta concepção é bastante nitida.

Alludindo a criação do regimento historico dos dragões da Independencia, o escriptor assegura que "somos o povo que menos guarda e, portanto menos estima as coisas do passado..."

N'outra esposição de suas idéas declara que: Azado é o momento para se procurar reliquias e guardal-as com carinho, legando á nossa descendencia uma herança que, infelizmente, não achamos...

"Quando nos lembrarmos da guerra hollandeza, das campanhas do Prata, da ganchada da Cisplatina, de Paysandu', da assombrosa retirada da Laguna, de Monte Caseros, da marcha no Chaco, da defeza heroica do forte Coimbra e da conquista do Acre — não temos um objecto que taes feitos represente para nelle demorarmos os olhos."

Insistindo no erro com que — ignoramos o culto do passado e desprezamos as velharias da Historia, accrescenta:

"Onde estão os terçados dos bandeirantes ousados que desbravaram os adustos sertões.

As armas heroicas das companhias de assalto, que venceram nos Guararapes? Os mosquetes que avançaram contra Fidié nos campos do Piauhy ou morreram pelo ideal da Republica do Equador?..."

Exactamente são estas faltas que fazem os intellectuaes desanimarem no esforço pelo desenvolvimento do culto de amar á Patria e de apreço aos meritos dos servidores della.

Livro de variedade de assumptos e de observação sobre cousas e acontecimentos contemporaneos o das "Idéas e Palavras" instrue e agrada ao leitor.

João do Norte confeccionando-o pode-se dizer que dia a dia, como se fossem chronicas para o jornal reuniu um conjuncto de paginas de literatura dignas do conhecimento do público.

Agradecemos-lhe as expressões de amizade com que nos distinguiu no exemplar que recebemos.

L. F.

"Correio da Manhã" 6 agto 1917 "Palestras Militares" de Capt. Augusto Sá

Na nossa Camara dos Communs, no palacete Monroe, entre outros vividos espiritos do nosso patriotismo, temos quatro *paisanos* que se notabilizam sempre pelo seu alto sentimento da technica e até ás vezes da pratica militar. São os srs. Gustavo Barroso, Luiz Osorio, Nabuco de Gouveia e Prudente de Moraes.

O sr. Nabuco foi cadete de tropa e alumno da Escola Militar de 1890 a 1893. Era um soldado de alma — soldado inveterado — collocando acima de tudo a sua solidariedade de subordinação e apêgo. Para a sua indole de *troupier*, ainda alguns annos após a sua retirada das fileiras — em plena gloria de cirurgião notabilissimo que se fez — um official do exercito em sua presença... era o seu ex-"*superior*"...

— "*O' meu capitão!...* — (ou meu tenente) — *Não me conhece mais?*"

Era o seu jacto d'alma, quando, ás vezes, em pleno circulo politico, o deputado, o cirurgião notabilisado, o dr. Nabuco de Gouveia, encontrava um seu antigo camarada do exercito.

O sr. Prudente de Moraes, além de outros propositos em que tem revelado sua cultura em coisas militares, fez sobresair-se extraordinariamente por occasião dos debates de nosso novo codigo penal militar e seus processos. Esse cidadão revelou um raro senso juridico militar, não só do nosso meio em particular, como do Direito Penal Militar Applicado.

Gustavo Barroso é mais "*menageur*". E' o typo de um bom tenente da Guarda Imperial de Potsdam ou da Versailles de Luiz XIV.

E' o autor do projecto que creará os nossos futuros regimentos de *élite* e conhece mais o assumpto do que muitos profissionaes que militam de veteranos.

E' soldado por indole e ama a farda, as durindanas, os capacetes e sobretudo a profissão que elle não poude seguir.

"Fon-Fon"-11-agosto-1917

Cornelio Pires, o conhecido escriptor regionalista de S. Paulo, dirigio ao nosso companheiro João do Norte a seguinte carta:

« Meu caro. Ao chegar de uma excursão pela zona serrana da fronteira de Minas, tive a melhor das surprezas: recebi teu «Idéas e Palayras». Alegrias dessas num dia de chegada são rarissimos. Muito e muito obrigado!

O teu bello livro encheu-me de encanto e de admiração! Eu que tanto apreciava o escriptor regionalista da « Terra de Sol », fiquei extasiado ante o chronista-historiador e o prosador leve das «Moscas» e «Borboletas», de prodigiosa e magica penna em tantos outros periodos. As tuas paginas de historia lembram a clareza de Oliveira Martins e os arroubos de Castellar.

Como sabes applicar tua grande erudição e teu grande talento!

Desculpa, meu caro João do Norte, este amontoado de palavras, mas que foram ditadas pela admiração sincera do teu *Cornelio Pires.* »

"Revista da Semana"-22-Set.-1917

Heróes e Bandidos por *João do Norte.*

Chegamos tarde para registar o apparecimento da nova obra do distincto escriptor, que tão grande exito obteve, a ponto de se haver esgotado a sua primeira edição.

Já por mais de uma vez, referindo-nos ao sr. João do Norte, nos pronunciámos sobre as suas notaveis qualidades narrativas.

Utilisando se de uma prosa clara, elegante, correntia, sem asperesas, dispondo de um copioso vocabulario regionalista, sabendo pintar figuras, animal-as e movel-as em acções intensas, e juntando a isso o talento — que vae sendo tão raro — da sobriedade, o sr. João do Norte é um esplendido narrador do banditismo sertanejo.

O seu livro lê-se como um romance e sem que, para isso, elle tivesse de desistir de ser um elevado historiador e commentador de costumes e um sagaz analysta dessas almas anachronicas dos salteadores e dos campeadores do sertão.

11-agosto-1917 "Fon-Fon"

Tulhas

Passando pela estreita, incommoda e enlameada rua do Rosario naquelle dia de chuvas continuas e tão finas que mal se viam, reparei na quantidade de tabelliães que alli situaram seus cartorios. Contei uns dezoito. Se ainda estivessemos nos tempos da colonia, aquella via publica tomaria logo o nome do officio que lhe atravancasse as casas. Como a rua Gonçalves Dias era dos Latoeiros e havia a dos Ourives e o becco das Violas, á rua do Rosario seria chamado — rua dos Tabelliães.

Fazendo intimamente estas considerações, ia eu, quando deparei com esta taboleta num portal — Notario. A' primeira vista chamei aquillo de gallicismo, aportuguezamento de *Notaire*. Depois, pensei e vi que era bom portuguez. Notario, guardador de notas. Entretanto, na sua origem a palavra tinha outra acepção. Em Roma, notario era aquelle que escrevia o que outrem dictava, copista. Tiron, liberto de Cicero e seu secretario, inventou, para guardar os discursos do amo, a tachygraphia. Notario, era, então, o tachygrapho. Hoje é o tabellião. Como tudo muda!

Turras

Não foi só o grande Jomini que adivinhou alguns dos planos estrategicos de Napoleão. Esse coronel, suisso de nascimento, addido ao estado maior do imperador no começo da campanha de 1805, disse-lhe um dia por antecipação os movimentos que elle devia ordenar nas terras bavaras para apoderar-se de Ulm. Napoleão medio-o da cabeça aos pés e nada lhe respondeu, mas effectivamente elle ordenára os movimentos simultaneos a que Jomini se referira.

Um official francez tambem demonstra nas suas obras, documentadamente, quantos movimentos de Napoleão previra e quanto comprehendera os seus fins em muitas e muitas acções, quando aquelles que gozavam da intimidade do soberano nada sabiam. Esse official de genio, homem superior perdido na profundeza das fileiras, que as circumstancias não ajudaram muito a subir, era o general barão Pelet, o qual na sua obra sobre as campanhas napoleonicas diz: « Não foram aquelles que delle estavam mais perto os que adivinharam os seus golpes de genio.»

"Imparcial"-16-agosto-1917

Este não é, com certeza, um logar que se preste para pregações patrioticas. Os olhos que descem por esta columna são provavelmente aquelles que se affeiçoaram á luz electrica das capitaes, e seria, sem duvida, uma indelicadeza mostra-lhes subitamente as brenhas brasileiras, onde as onças accendem, á noite, as pequeninas lanternas das pupillas prescrutadoras.

E' preciso, entretanto, que a gente elegante se vá habituando suavemente ás coisas brasileiras, conhecendo de mais perto, e paulatinamente, a terra e a vida que nos rodeiam. E para isso ha um meio: é a companhia de João do Norte, nos seus livros brasileiros, tão cheios de pittoresco e de verdade, e que são um caminho florido para um mundo exotico e admiravel que se agita perto de nós, e que é, entretanto, para muita gente, completamente desconhecido.

João do Norte acaba de publicar dois novos volumes desse genero: "Idéas e palavras" e Heróes e bandidos". Pelos titulos, parece que se trata de coisas fatigantes e graves, de interesse, apenas, para os estudiosos profissionaes. E, no emtanto, são constituidos por duas séries de chronicas curiosas e attrahentes, que se lêm com subido agrado e evidente proveito, e que são como esses fructos saborosos em que o gosto corresponde ás altas virtudes alimentares.

E é porque se acham alliados nesses volumes, um alimento e um gôso para o espirito, que se lançam, aqui, do alto desta columna, as roucas palavras deste discurso. — D.

"Polyanthéa" - homenagem á memoria de Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, em 8 de agosto de 1917 Publicada em Campinas - S. Paulo

O BISPO DO CEARA

ERA uma tarde de velludo e oiro, tão macio estava o ar e tão cheio de luz o céu. Sexta feira da Paixão. No vasto pateo da velha matriz de Fortaleza, organizava-se a procissão do Enterro. Eu era creança e parolava num grupo de companheiros de collegio. De repente, ouvi um sussurro na multidão. Algumas vozes, mais perto, murmuravam:

— O bispo! O bispo!

Voltei-me. Foi a primeira vez que vi Dom Joaquim José Vieira e a primeira vez que vi um bispo. Faz vinte annos. Lembro-me, porém, como se tivesse sido hontem. Elle passou, rente a mim, rodeado de padres e de irmãos das confrarias com opas vermelhas, brancas e azues. A sua cabeça grisalha e nobre erguia-se dentre os arminhos da gola, e o roxo e o oiro dos seus paramentos episcopaes destacavam-se no meio das sotainas negras, dos roquetes alvos e das opas variegadas.

Alguem disse num grupo:—O bispo é um principe da Igreja. No tempo do imperio, o nosso bispo teria honras de principe.

Assim, da primeira vez que vi Dom Joaquim, meus olhos infantis sómente guardaram a impressão da pompa ecclesiastica. Ouvira chamal-o principe e muito tempo fiquei crente de que o era na accepção restricta da palavra.

Passaram muitos annos. Um domingo, em companhia de meu pae, visitava minha irmã no Collegio da Immaculada Conceição. Lá estava o bispo do Ceará. Foi a segunda vez que o vi. Sentado numa vasta poltrona de jacarandá, a um canto do parlatorio, dava a mão a beijar a mulheres e creanças. Uma irmã de caridade falava-lhe baixinho. Vestia uma batina quasi igual á dos outros padres e tinha nos labios um sorriso constante, illuminado e bom.

A lembrança dos arminhos, e do oiro dos paramentos de principe da Igreja fugiu de minha retentiva ante a sua affabilidade singela e attrahente. Comprehendi, então, que elle era principe, mas da mansidão e da bondade.

Meu pae chamou-me:

— Venha cá. Dom Joaquim quer conhecel-o.

Beijei-lhe a amethysta facetada. Uma de suas mãos anediou-me os cabellos e a sua doce voz perguntou-me se era estudioso e obediente. Mal pude responder. E ouvi meu pae dizer:

—Deves querer bem a Dom Joaquim. E' meu compadre e meu amigo, padrinho de tua irmã. E' um santo. Deves querer-lhe bem.

Sumiu-se a primeira impressão de pompa episcopal. Na minha alma se cavou um vinco de sympathia. Desde esse dia, fiquei querendo bem a Dom Joaquim.

Novamente passaram annos. Em festa do seminario, do collegio das irmãs, da escola Maria-José, da Santa Casa, nas procissões e no seu paço, casarão singelo, tosco e d'uma pobreza ascetica, tive a felicidade de vel-o, ouvil-o e admiral-o muitas e muitas vezes. Diziam-me de suas virtudes e de suas obras meritorias a cada passo. E cada dia maior se tornava a impressão de sua bondade no meu espirito.

Fui despedir-me delle, quando deixei o Ceará, em 1910. Abraçou-me e falou desta sorte:

—« Seja feliz, meu filho. Seu pae nunca foi religioso e, como é muito paradoxal, até se diz atheu. Felizmente, isto é só da bocca para fóra. Mas é um homem de bem na extensão da palavra. A sua descrença nunca impediu de sermos amigos. Não sei se voce é religioso, porém sei que procede bem. Continue. Desejo-lhe, e é o mais que lhe poderia desejar, que seja tão de bem como seu pae. O amor de Deus virá com a experiencia do mundo, com a velhice...»

Mais tarde, os jornaes annunciaram que resignára o bispado, pois o cansaço não lhe permittia mais dedicar-se á sua diocese como dantes, e que se recolhia á terra paulista, afim de nella terminar os seus dias. Era, na phrase do bispo Menjaud: « le repos de l'ouvrier après sa journée terminée.»

Estive a bordo do paquete que o trouxe ao sul. Felicitou-me pela minha carreira. Deu-me noticias interessantes do Ceará. O seu olhar era cada vez mais cheio de bondade, os seus traços cada vez mais impregnados de humildade christã, e a sua voz mais lhana, mais doce, mais amiga, espalhava sobre a alma o balsamo de uma illimitada tolerancia.

Contou-me que creára para si duas patrias, tendo em ambas tudo feito para diminuir o soffrimento alheio: Campinas e o Ceará. Nesta gastára grande parte de sua vida. Naquella iniciára sua carreira e realisára algumas obras. Acháva que pouco fizera.

Dom Joaquim tinha a insatisfação natural das almas caridosas e sem orgulho. Achava que fizera pouco, quando tinha feito muito e muito, quando tinha dado á sua parochia e á sua diocese — bens, estudos, vigilias, energias, o melhor de sua vida laboriosa e pura, devotamento sem reservas, perseverança paciente, doçura inalteravel, finura diplomatica, amôr do heroismo obscuro, sendo o mediador das sizanias, o pacificador das lutas, o constructor das escolas e hospitaes, ponderado e justo, clemente e tolerante, recto e delicado.

Que as bençãos de sua nobre terra e da minha terra infeliz cubram o seu nome *ad multos annos*.

A bordo, a derradeira vez que o vi. A primeira contemplei-o na sua pompa, tão pequena que sempre fôra! de principe da Igreja, que achei immensa com os meus olhos de oito annos.

A' segunda senti-o bondoso e paternal, duma affabilidade evangelica que me faz saudade.

Após a ultima, fiquei intimamente convencido de que sua caridade e sua bondade ainda eram maiores do que eu pensava. E foi por causa desta ultima impressão que eu disse, na Camara, pedindo um voto de pezar, na acta, pela morte do grande cidadão, — que elle resuscitava um daquelles santos typos de bispos, verdadeiros pastores de suas ovelhas espirituaes, dos quaes nos fala Jacques de Voragine, na sua «Legende Dorée.» Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, merecia ser biographado pelo padre Martin, o historiador da vida dos missionarios japonezes e dos monges de Constantinopla, que nos deixou num de seus livros o vulto maravilhoso, a figura de lenda e de vitral de Dom Midon, bispo de Osaka. Falando da lembrança dos actos de caridade e religião dos grandes servidores do catholicismo, Emilio Gebhart escreve: «No humilde jardim dos presbyterios e na sombra calida das sacristias impregnadas de um vago perfume de incenso, passa, de quando a quando, um sôpro de alemtumulo, a voz dos grandes bispos de outróra.» Assim, na velha Sé cearense, nos desnudos salões do paço episcopal de Fortaleza, á sombra dos arvoredos do seu jardim na terra das seccas, nos corredores da Santa Casa de Campinas, sempre ha de errar a recordação e a saudade do santo varão que a morte levou.

GUSTAVO BARROSO.

"O Paiz" - 15 - Agosto - 1917

"Heroes e bandidos"

O recente livre que, sob este titulo acaba de publicar o nosso brihante confrade João do Norte, tem despertado uma justa e profunda impressão nos centros intellectuaes do Brasil.

Não se trata de uma collectanea vulgar, com exclusivo fito literario, de contos ou observações sobre os bandidos do norte brasileiro com exageros ou com fantasias de descripção. Não, o livro do talentoso homem de letras é um estudo de que se poderá deduzir o vigor e a bravura da nossa raça, quando as condições de campo e de meio favoreceren as suas manifestações robustas em actividades e emprezas de fundo elevado e dignificante.

Sobre isso, e partindo daquella affirmação de Alfieri de que aos bandidos italianos para se tornarem heroes faltou apenas a acção benefica do meio, o autor discorre nas noventa paginas primeiras, desenvolvendo em uma prosa elevada e correcta a these que é a razão de ser do seu livro e da qual procedem os estudos destacados sobre as figuras mais celebres do banditismo brasileiro.

O livro de João do Norte tem um significado serio e profundo e foi desenvolvido com uma precisão de phrases e de conceitos que collocam o seu autor no numero dos bons e correctos escriptores da nossa terra.

"Gazeta de Noticias" - 16 - julho - 1917

LITERATURA DE JOÃO DO NORTE

As declarações do Sr. coronel FRANCO RABELLO

O Sr. Gustavo Barroso faz asserções falsas em um livro de reportagem

Os "heróes" politicos do barrosismo só o foram pelo concurso dos "bandidos" cangaceiros—diz o governador deposto do Ceará

O Sr. Gustavo Barroso acaba de publicar mais um livro, a que deu o titulo de "Heroes e Bandidos".

Nesta obra, o escriptor nortista estuda o phenomeno do cangaceirismo, descrevendo a vida dos bandidos mais celebrisados que infestaram ou infestaram aquella região do paiz.

O Sr. coronel Franco Rabello

Ha um introito, em que o autor procura apresentar as causas que determinaram o surto do banditismo no sertão, citando, para isso, varios autores, entre os quaes J. Brigido, Franz, Stendhal, Taine, E. Ferri, Letourneau, Afranio Peixoto, professor Manoel Ximenes de Aragão, Sarmiento, Houzeau, V. Pereira da Costa, Liberato Bittencourt, Waitz, G. Barroso, Gonzaga Duque, Augustin Thierry, R. de Starta, E. G. Eichoff, Villemain, Antonio Bezerra, Coriolano de Medeiros, João Brigido, J. Porto Carrero, Tavares de Lyra, Felix José Machado de Mendonça, general José Antonio Paez, Henry Koster, Roland e muito pouco Euclydes da Cunha, que resolveu aliás a questão de que trata o Sr. Gustavo Barroso de uma maneira definitiva.

Isto no seu primeiro capitulo. Nos outros, com auxilio de asserções e juizos de autores de nomeada, João do Norte faz a biographia pittoresca dos "typos" que, pelas suas façanhas e crimes, se tornaram celebres no nordéste brasileiro.

Vai o leitor desprevenido pelas paginas em fóra, e eis senão quando, no estudo do bandido Antonio Silvino, depara com este trecho, que mais parece um solto de opposição. O leitor estaca, surprehendido, lendo, á pagina 255, este topico apaixonado contra o Sr. coronel Franco Rabello, que foi presidente do Ceará e é adversario politico do Sr. Benjamin Barroso:

"O governo Franco Rabello, um dos que mais apregoaram a excellencia do convenio, emquanto prendia nos burgos sertanejos uma, via ser realisada antes de qualquer outra.

Se não a consegui, a culpa não é exclusivamente minha, nem do partido que me prestigiava, é tambem, e principalmente dos adversarios que, acoroçoados pela força que lhes emprestava a politica federal, nem um só dia deixaram de conspirar contra meu governo e minha autoridade.

Os lamentaveis successos que determinaram a critica do Sr. Gustavo Barroso são uma consequencia do estado de espirito dos cearenses, nessa época agitada e revolucionaria.

Por essa occásião os adversarios investiam mais uma vez contra o meu governo. A Assembléa do Estado, ultimo remanescente das senzalas do ex-presidente Accioly, facciosa e anarchica, tentava reunir-se, com o fim de voltar atraz, de uma decisão, negando-me a investidura constitucional e depondo-me do poder. Foi contra essa investida audaciosa e imprudente que explodiu a colera popular de maneira subita e irreprimivel.

Todos os que conhecem um pouco de "psychologia collectiva" sabem que esses movimentos populares são inconscientes, indomaveis e se precipitam como avalanches; nenhuma força humana póde detel-os em sua marcha devassaladora.

Creio que não ha paiz, nem época da historia que não registre essas explosões da colera popular, muitas vezes commentadas sob o suggestivo titulo de "crimes das multidões". São phenomenos de psychologia social, que ninguem applaude, nem justifica, mas que têm explicação natural nesses momentos de odios e paixões incoerciveis.

Haja vista o que ha pouco se passou em Porto Alegre, onde o governo dispõe de numerosa força policial e um corpo do Exercito federal e não poude evitar igual explosão da colera popular.

Comprehendidos assim os acontecimentos de 9 de novembro de 1912, a quem attribuir-lhes as resposabilidades? A todos e a ninguem directamente. Sei que o governo é o primeiro visado nessas apurações de responsabilidades, mas tenho o direito de esperar tambem que o caso não seja examinado perfunctoria e superficialmente. De um exame profundo e insuspeito dos acontecimentos, estou certo, meu governo não ficará com o peso desse grande peccado. Que eu conhecesse, incentivasse ou ordenasse actos tão reprovaveis, concito meus adversarios a que o provem.

Aliás, meu caracter e as tradições de minha vida publica e particular repellem a autoria ou cumplicidade em taes successos.

Se de imprevidencia me accusam, eu tambem aos adversarios poderia accusar de imprudencia.

E' assim, com essas e outras razões de defesa e appellando do conceito apaixonado dos contemporaneos, que meu governo comparecerá perante o juizo da historia.

Em poucos mezes tornaram-se notaveis os resultados obtidos. Ascendeu a mais de quatrocentos, o numero de criminosos recolhidos ás prisões, e a justiça conseguiu retomar um curso normal, instaurando os processos competentes contra os que haviam cahido sob a sancção da lei penal. A segurança e a tranquillidade voltaram a todos os lares, as estradas dos mais remotos sertões se tornaram perfeitamente transitaveis, sem o menor receio de assaltos. Esta asserção deve ser particularmente assignalada, e o commercio do Ceará, para quem appello, neste momento, póde dizer, pelo orgão de sua Associação Commercial, se é ou não verdade que meu governo acabou com os assaltos dos bandidos nas estradas, permittindo que o transito se fizesse com toda segurança, a salvo das incursões dos salteadores.

— Quer o meu amigo uma prova de que a repressão do banditismo, em meu governo, foi uma realidade evidente? Ouça: Depois que seus effeitos beneficos se fizeram sentir, durante um anno, de novembro de 1912 a novembro de 1913, nos sertões do Cariry, os mais assolados pelos bandidos, a estatistica não registrou um só crime de homicidio!

Ahi estão factos eloquentes, que desafiam contestação e que não podem ser contradictados pelas criticas tendenciosas de escriptores mais ou menos apressados. E se quizesse retaliar, quanta cousa teria a dizer!

— Vale a pena que diga tudo...

— Diante de sua insistencia, direi que não creio na sinceridade do Sr. Gustavo Barroso, quando investe contra os cangaceiros do nordéste. O joven escriptor não me parece sincero e agradecido, muito menos. Por que é S. Ex., hoje, deputado federal? Qual o partido que o elegeu? Como chegou esse partido ao poder?

Não ha quem ignore que foi sobre os hombros do cangaceiro e do jagunço que o partido conservador do Ceará assaltou o poder, destruindo a ordem constitucional do Estado que eu representava.

Os factos são de hontem. Não desejando fazer minha deposição ostensiva, o Sr. Pinheiro Machado alliou-se ao padre Cicero e entregou o Ceará a uma horda selvagem de bandidos, recrutados nos sertões da Parahyba, Alagôas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e confins do Ceará, os quaes se despejaram dos alcantis da serra do Araripe e vieram pelas estradas em fóra, a matar, a incendiar, a saquear e a roubar, em uma furia satanica e maldita. A esses feitos, provavelmente, o Sr. Gustavo Barroso qualificará de heroicos, porque permittiram e deram logar ao governo de seu parente, o Sr. Benjamin Barroso e consequentemente á eleição de S. Ex. para passear sua elegancia por entre as columnas do Monroe.

Devo dizer-lhe, com justo desvanecimento, que o braço forte do movimento revolucionario, em que se portou com bravura e coherencia, já se penitenciou publicamente do grande mal que fez ao Ceará, concorrendo, enganado, em sua boa fé, para minha deposição.

O autor de "Heroes e Bandidos" critica minha acção contra o banditismo, mas não se lembra que foi secretario do Interior, do Ceará, em uma época em que Fortaleza, a capital do Estado, vivia sob um verdadeiro regimen de terror, ali implantado pelo jagunço, vindo de longinquos sertões, typo repellente que deshonra a especie humana. A bella cidade ainda se recorda com horror dessa época sinistra. Os jagunços victoriosos, transformados em soldados do 2° batalhão de policia, typos nauseabundos, mal cheirosos, de faces patibulares, emittindo sons gutturaes e selvagens, carregados de medalhas com as effigies do padre Cicero e da beata Maria de Araujo, andavam em magotes pelas ruas da capital e exhibiam sem recato, ás vistas de todos, as "parnahybas", longas facas afiadas, capazes de atravessar um homem de lado a lado.

Então ninguem se sentia em segurança, nem mesmo no recesso

O Sr. Gustavo Barroso (João do Norte)

de seu proprio lar; á noite poucas pessoas se atreviam a sahir á rua.

Foi este o regimen que o Sr. Barroso encontrou no Ceará, quando lá chegou para assumir o cargo de secretario do Interior.

E que providencias tomou para reprimil-o?

Nenhuma que me conste. O batalhão de jagunços só foi dissolvido e seus soldados afastados de Fortaleza, quando vieram a constituir uma ameaça contra o proprio governo que elles haviam estabelecido!

Não ha quem desconheça esses factos no Ceará. Só na imminencia de ver o batalhão dos jagunços revoltado contra seu governo o Sr. Benjamin Barroso resolveu agir e o fez remettendo seus ex-auxiliares para o interior do Estado, isto, depois de consentir que muitos delles partissem, "sponte sua", para seus antros armados com as mesmas armas que haviam servido para a escalada ao poder, e que iriam servir, sem duvida, dahi em diante, para novos attentados, novos assaltos, novos crimes.

O Sr. Gustavo Barroso esqueceu propositalmente no seu livro, essa phase da historia do banditismo em nossa terra, e vem a publico criticar o que fiz contra essa chaga social dos sertões nortistas. Eu perguntarei, porém, aos espiritos insuspeitos: — Quem merece critica mais severa? Eu pelo que fiz ou o Sr. Barroso pelo que não fez?

Para diminuir o valor do serviço que prestou meu governo ao Ceará, prendendo e fazendo processar centenas de criminosos e bandidos da peor especie, meu injusto censor affirma que meu governo "assoprava os fogachos da desordem na capital do Estado e consentia que hordas de vagabundos e desordeiros saqueassem e incendiassem fabricas e palacetes nas ruas de uma capital maritima".

Essa historia não está bem contada. Não sinto pesar sobre meus hombros a responsabilidade desses deploraveis acontecimentos.

Preste-me, meu amigo, alguns momentos de attenção, e estou certo de que acabará me dando razão.

Ascendi ao governo do Ceará: depois de uma revolução triumphante que, de armas nas mãos, conseguiu destruir uma situação muito combatida.

Meu governo participava assim, por uma fatalidade historica, da sorte de todos os governos nascidos das revoluções, e não é uma fantasia dizer que a agitação revolucionaria abalára a sociedade cearense até seus ultimos fundamentos. Assumindo o poder, comprehendi que muito havia a fazer para a obra de confraternisação e apaziguamento das paixões que de-

2

zena de bandidos, assoprava os fogachos da desordem na capital do Estado; mettia nas cadeias do interior alguns saqueadores e incendiarios de fazendas e pôvoas nos confins do sertão, mas consentia que hordas de vagabundos e desordeiros saqueassem e incendiassem fabricas e palacetes nas ruas duma capital maritima!"

Era forte. Não pudemos deixar de sorrir.

Hontem, procurámos o Sr. coronel Franco Rabello. E a curiosidade jornalistica é abelhuda. E' abelhuda e indiscreta.

Perguntámos então ao Sr. Franco Rabello se havia lido o livro do Sr. Gustavo Barroso.

— Ainda não li.

— Pois deve lel-o, coronel. Ha lá, a paginas tantas, uma vesgasinha na sua administração.

Estava, assim, começada uma entrevista. Demos-lhe a intelligencia do trecho.

E logo S. S. nos fez as seguintes declarações:

— Não me surprehende o que o senhor me refere do livro do Sr. Gustavo Barroso, que aliás ainda não li e que, agora mais que nunca, não tenho desejo de lêr. Sei quanto a paixão politica céga os homens e quanto é difficil encontrar julgadores serenos e imparciaes.

Minha acção no governo de minha terra já pertence ao passado e espera o julgamento dos posteros, que provavelmente não se deixarão influenciar pelas suspeições de seus maiores.

Eu estou tranquillo com a minha consciencia e confortado me sinto pela certeza de que, em minha terra, o pensamento quasi unanime é o de que — meu governo foi o de um homem de bem.

— Mas todo ataque deve ter resposta.

— Como, porém, meu illustre amigo insiste e deseja obter de mim, o que penso sobre as asserções do Sr. Gustavo Barroso, eu lhe direi:

Meu governo fez contra o banditismo dos sertões de minha terra a mais severa e inexoravel repressão. Não a fiz para exhibir uma fita, como se diz actualmente, mas pelo desejo sincero de prestar aos homens bons dessas regiões, ainda incultas, um serviço que não fosse esquecido e restabelecesse, sem vacillações, o regimen da paz, da ordem, da justiça e da segurança de vida e propriedade.

Para tal fim mobilisei a força policial, encarregando-a de dar, aos bandidos uma caça sem tréguas e como medida complementar tratei de dar aos juizes o maximo de prestigio e autoridade, afim de que se sentissem fortes para o julgamento dos criminosos, por ventura, a soldo, ou sob a protecção dos "mandões de aldeia". Nessa empresa não encontrei obstaculos, nem tive hesitações.

"O Paiz" - 17 agosto 917 (Jornal do Rio)

HONTEM, HOJE, AMANHÃ...

HEROES E BANDIDOS — Quantos lêm no Brasil e quantos fóra do Brasil desejam conhecer as suas expressões typicas quer na cidade quer no sertão — devem estar muito justamente a dizer mal do Sr. Gustavo Barroso, com o livro *Heroes e Bandidos* do Sr. Gustavo Barroso na mão. Porque o Sr. Gustavo Barroso fez uma coisa que positivamente não se faz: depois de nos dar com os seus ares indolentes de principe indiano em Oxford um pequeno livro curioso, *Terra de Sól*, passa vario tempo e communica, como se dissesse que vem da Avenida:

— Não sei se vocês conhecem a vida do nordeste, a alma dos bandoleiros, as historias dos homens do sertão, anteriores ao Antonio Silvino...

E, sem reparar na nossa anciada curiosidade, após uma linda prelecção sobre as "causas" em que ha, a par da fixação do scenario, a preoccupação erudita e comparativa para citar Letourneau, Ferri, Taine, Afranio Peixoto e outras celebridades, conta curtamente algumas exiguas historias e vai embora, isto é, acaba o livro.

Nada mais desesperador. E' deixar-nos com agua na boca, é mostrar um banquete e dar-nos só o ante-pasto...

Dos escriptores contemporaneos talvez só o Sr. Gustavo Barroso seja conhecedor daquella extraordinaria vida dos bandoleiros do nordeste, verdadeiras hymnastias de bandidos terriveis, floração magnifica, mixto de crueldade e gestos generosos.

Dos escriptores que procuram dizer alguma coisa do Brasil, em vez de fazer sonetos parnasianos ou symbolistas—só o Sr. Gustavo Barroso conhece esse mundo com a sua literatura, os seus milagres, as suas aventuras, as suas furias de crendice, amor, roubo, assassinato. Só elle tem a ventura de saber tudo isso. E só elle, por consequencia, póde desse mundo ser o revelador.

Entretanto, o Sr. Gustavo Barroso passou uma porção de annos a ser ou o commentador de assumptos estrangeiros no jornalismo, o elegante palestrador dos chás encantadores, quando não é o deputado federal para que lhe façam opposição aos projectos na Camara e nos jornaes. E, no momento em que se resolve a dizer que tem um mundo novo na penna, fal-o exiguamente e pede desculpas aos leitores, não de dar tão pouco, mas de dar de mais!

Brincadeira? Humorismo" Paradoxo?

Devo repetir que não se faz o que o Sr. Gustavo Barroso faz. Quem tem um thesouro de emoção como tem o Sr. Barroso é um criminoso se o não revela completamente, fartamente. Em qualquer paiz do mundo, se um escriptor fosse escolhido pelo Destino para ser o monopolizador — revelador de um aspecto desconhecido da vida de um povo — esse escriptor teria gloria e fortuna. Aqui, o mundo do nordeste bandido do Sr. Barroso apresenta não só o seu aspecto d'arte, mas interessa á psychologia, á historia social, ao estudo das racas, á sociologia, ao "folk-lore". E é dramaticamente empolgante.

Emquanto percorria (com raiva por ser tão pouco) essas noticias dos *Heroes e Bandidos*, pensava nos dramas que o Sr. Barroso poderia compôr, nos romances, nas obras de historia de costumes, na reconstituição do grande poema, nas trovas que coroam as figuras dos bandidos, e até na composição de "films" cinematographicos com os factos reaes — que deixariam na sombra pelo pittoresco, pela violencia, pelo frenesi vital, os *films* que reproduzem a vida do *far-west* americano. A historia de *Adolpho Meiu Noite* contada fria, algidamente pelo Sr. Gustavo Barroso, daria um romance de fatalidade e crime extraordinario, daria um *film* de excepcional belleza.

Eu comprehendo que o Sr. Gustavo Barroso hesitou tanto tempo em nos revelar o nordeste bandido e é tão exiguo no seu annuncio do mundo empolgante — por achar repetições, semelhanças, apparencias — entre os actos dos bandidos e mesmo entre esses bandidos do nosso sertão e os verdadeiros bandidos de todos os seculos. Mas peço permissão para dizer-lhe que não haveria arte, se todos pensassem assim. Será motivo para não colligir os poemas sertanejos, terem alguns até as mesmas imagens das *gestas*? Eu penso de modo contrario. E tenho a certeza de que o crime é sempre a materia-ratium das obras de arte. Já alguem disse que "os artistas fazem arte por não poder executar o banditismo que é a intervenção violenta na natureza". Alguns mais felizes como Cellini, conseguiram as duas coisas. Mas na obra dos grandes artistas, de Homero a d'Annunzio, é irresistivel a adoração pelo heroe e pelo bandido, como reflexo-synthese do amor das multidões por essas expressões agudas da existencia.

O Sr. Gustavo Barroso deve a todos nós e ao Brasil uma obra vasta sobre o mundo dramatico de que *Heroes e Bandidos* é breve annuncio. Elle tem o talento para fazel-a e tem a materia prima. Precisa trabalhar. E' o publico leitor que o exige.

José Antonio José.

"FonFon" 18 Agosto 1917

Ziguezagues

Falava-se da triste attitude actual da Grecia, rebaixada pelo seu governo até á sujeição ao estrangeiro e á perda quasi completa da sua soberania. Alguem lembrou as criticas severas de Edmond Abbou e de outros escriptores da sua escola.

E Claudio França disse:

— Terra degenerada de heroes, Grecia maravilhosa, que ha vinte seculos soffre o castigo de se ter elevado até aos deuses pela grandeza da sua civilisação! Nem mais os teus soldados brilham em altos feitos nos campos de batalha. A guerra balkanica e a actual não acordaram almas semelhantes a Ypsilanti, a Colocotroni e a Canaris no meio do seu povo submisso e para sempre se perdeu a memoria daquelles heroes de capacetes altos de que nos fala o velho cantor de Kymé: Odyssens, igual a Zeus pela intelligencia, Arkesilau, o beocio, Pelops, o domador de cavallos, Askalapho, filho de Arés, Skhedios, o phocio, Elphenor, principe dos Abantes, Akilleus, o invulneravel, Menelau, bravo no combate, Peirithoos, o vencedor dos centauros, Menestheu de Athenas, Agamemnon, Ajax Oileide e Ajax Telamonio.

Creio que a velha Grecia morreu...

Zenidos

As arduas fadigas do jornalismo e as aridas lutas da politica não conseguem ter força para matar a inspiração de um dos nossos maiores poetas na geração actual. E Felix Pacheco de momento a momento nos offerece um novo e delicioso livro de versos. Primeiramente, o poeta de «Mors Amor», cuja alma se voltou para a felicidade do lar e os prazeres da vida espiritual interior, publicou «Ignezita», um verdadeiro poema á sua primeira e encantadora filhinha. Depois do nascimento da interessante Martha, outro poema nos mostrou o seu encanto de pae e a sua riqueza de poeta. Agora, o sonho familiar de Verlaine lhe empolgou o espirito e Felix Pacheco nos dá «Tu, só tu», em luxuosa edição, contendo quinze sonetos de marmore e oiro, de pedraria e coral, perfeitos pela emoção, perfeitos pela inspiração. A sua alma se agarra a um segredo poetico e nas dobras desse mysterio esconde um amor ideal, sem forma precisa, vivendo da imaginação e por imaginação, figura de ballada, de lenda, de sonho, apparição das noites de insonia, companheira de meditações, amiga na solidão, nas horas de abandono, mulher que sempre se amou e sempre se amará, porque nunca existio... Bem razão tem o poeta quando diz:

«Mulheres... Ah! qualquer póde escolhel-as...
Mas quem não plasmou uma, eterna e á parte,
Não amou, não viveu, não teve historia!»

Rica seára de versos nobres e de rimas encantadoras todo esse pequeno livro de Felix Pacheco, que termina com este formoso soneto:

«Nesse segredo, sim; no que ninguem,
Mas ninguem, vio nascer e continúa.
Talvez um dia, quando tudo rua,
Fiquemos nós de pé no nosso bem.

Toda essa força, que de ti me vem,
Em tudo quanto faço se insinúa,
A minha gloria não é minha, é tua,
E' tua só, dôce visão do além!

E em todo te pertenço, todo inteiro,
Alma e corpo fremindo em beijos castos.
Junto a ti de Janeiro até Janeiro.

Tudo és tu só no meu destino crú,
Tu só na minha vida e nos meus fastos,
Tudo tu só, divina, tu, só tu!»

Gloria ao poeta!

138

"Fon-Fon" 18 Agosto 1917

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1917.

As canções de Alkinoé

Todo o mundo leu e todo o mundo louva a *Aphrodite* de Pierre Louys. Mas poucos têm lido e por isso poucos louvam as suas maravilhosas canções de Bilitis, a formosa amiga de Mnasidika, mulher de vida esplendida e ardente, que nasceu num valle silencioso, entre as tristes montanhas da Pamphylia. Essas canções gregas resuscitadas pelo talento do escriptor francez são como figuras de Tanagra e de Myrina da litteratura. Ha nellas o perfume sensual dos amores capitosos da Hellenia e toda a elegancia de dizer e de sentir que o grego mostrou no tempo de Phrynéa e de Sapho, que Edmundo Abbout foi obrigado a confessar que achára entre os phananotas de 1840 e ainda hoje se podem apreciar nos cafés ruidosos de Athenas, ao meio dos hellenos apoucados pela politica ignobil do seu ex-rei. Como o enthusiasmo de Praxitele pela sua Aphrodite de Cnide e o amor de Apelles pela sua Venus Anadyomena, essas canções provam que os arguos não conheciam o falso pudor das sociedades modernas e que os amores de toda a sorte e a belleza, onde quer que estivesse, sómente despertavam admiração.

Leiamos uma canção de Bilitis:

« Despi-me e subi numa arvore. Minhas côxas núas abraçavam a casca lisa e humida. Minhas sandalias pisavam os galhos.

Lá em cima, porém ainda sob a folhagem e protegida do calor, cavalguei um galho e fiquei com as pernas balançando no ar.

Chuvêra. Gôttas de agua, cahindo, corriam sobre a minha pelle. Minhas mãos estavam manchadas pelos musgos e meus artelhos rubros das flôres machucadas.

Eu sentia a bella arvore viver, quando o vento a atravessava. Então, apertava mais as minhas pernas e esmagava os meus labios sobre a nuca pelluda dum ramo. »

Pierre Louys traduzio todas as canções de Bilitis em prosa, porque esta melhor daria a impressão do verso grego do que o rebuscamento das rimas, desvirtuando o sentido. E todos esses cantos, mesmo os mais lubricos e os mais sensuaes, eram divinos, porque mostravam os ardores dados pela natureza e a formosura em contacto amoroso com a terra. Os satyros como Lamprosathes ligavam-se pelas pernas aos animaes e pelo tronco hirsuto ás arvores, para que as Hamadryades cuidassem ter ao seu contacto o abraço immenso da natureza.

Não sou eu o unico a amar as canções de fogo de Bilitis. Claudio França, meu intimo amigo, adora-as mais do que eu. Elle as sabe de cór uma por uma, desde a pequena Astarté de terra-cotta até a Chuva da Manhã. Ainda outro dia, fallando de Bilitis, elle dizia:

— « Vê como o instincto do amôr e sensualidade é o mesmo entre todos os povos.

Numa das canções de Bilitis ha este trecho: « Deixarei o leito tal qual ella o deixar, desfeito, revolvido, os lençóes misturados, para que a forma do seu corpo fique marcada ao lado do meu. »

Quizera possuir a inspiração de Pierre Louys para fazer algumas canções no mesmo estylo a uma creatura deliciosa, que tu não conheces e talvez nem eu mesmo conheça, imagem de sonho que acalento no espirito á maneira de Verlaine no « Rêve Familier » e de Felix Pacheco no « Tu, só tu ». E' uma figura linda, de ballada e de meditação, de lenda e de amôr, clara e de carnes duras, perfumada de bakkaris como uma grega de Mytilena, empoada de oiro a cabelleira castanha, nympha das florestas, hamadryade dos bosques, labios de cereja, resfolegar de corça, que seria uma extranha e celestial delicia ter junto a mim sobre o musgo duma pedra, ao som duma cascata, sob o ondular das franças do arvoredo e entre o luzir dos pyrilampos, no encanto maravilhoso duma noite tropical...

Tantos serão meus esforços que hei de crear essas canções aos seus labios, ás suas formas, á sua harmonia, á sua belleza, sem a perfeição dos de Bilitis, mas tão ardentes assim; e serão as minhas Canções de Alkinoé... »

E Claudio terminou:

— « Creio que já amei, porém a dona desse amôr se foi e deixou-me uma longa, interminavel saudade. E eu faço o que dizem os versos gregos: fecho as janellas e as portas do meu quarto, á noite, para que essa saudade se não vá embora e durma commigo. »

Jotaenne

Zoadas

Tenho um amigo natural de Goyaz e um bairrista terrivel que não admitte a menor referencia malevola á sua bem fadada terra.

Uma feita, conversando com elle, affirmei categoricamente não acreditar na existencia de Goyaz e rematei minha argumentação assim:

— Tenho visto photographias da Senegambia, do Thibet, da Cochinchina, do Acre, de Matto-Grosso, mas nunca vi de Goyaz. E' uma lenda, não existe tal Estado. O Bulhões inventou-o de parceria com o Caiado, para cavarem as cadeiras do Senado e da Camara. Mas não existe, estou certo.

O meu amigo ficou furioso e comprometteu-se a provar-me a existencia de Goyaz. Hontem o correio me trouxe registrado um album pequeno de photographias de Goyaz. Percorri-o e fiz este bilhete ao meu amigo:

« Antes me não tivesses enviado o album de photographias que me fez conhecer tua terra ou melhor acreditar na sua existencia. Era preferivel que eu a ignorasse do que fizesse a idéa que estou fazendo. Que tristeza! Felizmente não moro lá ».

Zumbaias

Poeta da immensidão do céo nas suas *Apotheoses*, Hermes Fontes é agora o poeta das grandezas da terra na *Epopéa da Vida*, onde as suas rimas e o seu rythmo glorioso cantam o grande cyclo das lutas do homem, das quaes

«...todo o esforço tragico redunda,
Coleras, uivos, impetos atheus
Em obediencia timida e profunda
— Homem - oceano, ao firmamento-Deus. »

N'este livro, como em todos que o precederam, Hermes Fontes mostra-se o mesmo senhor de sua arte, o mesmo joalheiro das rimas ricas e, sobretudo, o poeta das grandes concepções, das grandes idéas, aquelle que é, entre nós, o unico a cantar o choque dos astros e o perpassar dos planetas, a luz das estrellas e os movimentos da humanidade, o fundo philosophico de todo o Kosmos, nas manifestações terrenas e nas manifestações sideraes.

Em *Epopéa da Vida*, Hermes Fontes volta a ser o poeta da sua verdadeira obra, da qual se afastou um instante para mostrar na *Miragem do Deserto* a sua alma romantica, sentimental e o seu poder de ser um grande poeta no ramo da poesia que quizer escolher.

Elle que vira ha tempos no amôr o « protoplasma espiritual da vida », agora vê na consciencia humana « uma miseria de organismo perdida no infinito da existencia. »

Canta todas as grandes glorias do homem-vencedor de percalços, abençoando a mão que atirou sobre a face do mar o primeiro batel e ao léo das correntes aereas as azas de Icaro, levando o primeiro desafio do homem á mudez infinita do espaço.

No seu verso viril e cheio de musica, elle enquadra o desbastamento das florestas e a elevação das cidades, os esforços dos homens para a escalada dos céos, ou erguendo as Babeis, ou pondo montanhas sobre montanhas, tudo na insurreição eterna d'aquelles que querem tudo saber... E tudo da luta humana, da vida humana merece a sua attenção: a escola, o lar, a forja, o museu, o cemiterio, os desdens, as invejas, os desejos, os crimes, os flagellos e as guerras.

O fim da *Epopéa da Vida* é uma suave e formosa evocação ao sonho humano da felicidade completa — que nunca se realisará.

E em todo o livro prende a alma que o lê a inspiração maravilhosa de Hermes Fontes, que é pela sua significação social, pela força dos seus versos, pela grandeza de suas concepções, o Robert de Vupsié do Brasil, porém bem maior ainda.

139

"Diario Official" - 11 agosto de 1917

N. 11

Onde convier:

Fica suspensa por tres annos, a contar da promulgação desta lei, a compulsoria no Exercito.

Sala das sessões, 27 de julho de 1917. — Gustavo Barroso.

Justificação

A justificação desta medida não é só de ordem militar, é tambem de ordem financeira. A situação do Brasil ante a guerra européa é de molde se fazer pensar que sejamos forçados pelas circumstancias a cooperar militarmente ao lado dos paizes da «Entente». Assim, não é prudente afastar do serviço militar officiaes que estejam em optimas condições para prestarem os melhores serviços, embora sua idade os leve á compulsoria. Por outro lado, a suspensão da mesma redundará em economia para o Thesouro, que terá a seu cargo, com a sua continuação, maiores despezas pela verba de reformas e aposentadorias.

O illustre autor da emenda na sua justificação assevera que ella redundará em uma economia para o Thesouro e assim, ao lado da sua significação militar, tem alto alcance financeiro. Podendo ainda o Brasil cooperar militarmente ao lado dos paizes da «Entente», accrescenta o autor da emenda não é prudente afastar da actividade militar officiaes, que estejam em optimas condições de prestarem os melhores serviços.

A emenda não póde ser acceita. A administração militar, representada nas altas autoridades, que dirigem o Exercito nacional, pensam de modo inteiramente differente. Em logar da suspensão da reforma compulsoria, precisa ser ella modificada de modo a serem estabelecidas outras idades para a sua pratica, á semelhança do disposto nas leis de reforma compulsoria em execução em muitos paizes civilizados, notadamente na America do Sul.

"Correio da Serra" - Santa Maria - R. G. do Sul - 10 agosto 917

Os dragões da independencia e o projecto do deputado Gustavo Barroso

Rio, 26-7-917

O deputado cearense Gustavo Barroso, autor do projecto que crêa o regimento de Dragões da Independencia, teve a bondade de conceder-me uma palestra sobre o seu projecto, palestra essa especialmente pedida para o «Correio da Serra».

Vou dar a palavra ao illustre deputado cearense:

Até agora aquelles que tem atacado o meu projecto creando o regimento de Dragões da Independencia, fogem a discutir seriamente o assumpto. Encerram-se num circulo de pilherias de maneira a darem ao publico a impressão de ser ridicula a minha idéa.

Nada mais injusto. Não ha um unico paiz do mundo que não possua um regimento tradicional para guarda de seu chefe e para concentrar aos olhos do publico as mais sagradas tradições da patria. Quiz simplesmente applicar esse principio geral ao Brasil.

Entre os muitos regimentos historicos da Inglaterra, posso citar o de «Royal Scots Greys», que ve tem hoje como na tarde da batalha de Waterloo, em que tomaram parte, brilhante. A Noruega possue a Guarda Real a pé; a Suecia os Lif-Dragons e os Dragões da Scania, os primeiros creados por Gustavo Adolfo, os ultimos por Bencardoth. A Russia tem muitos corpos nestas condições, inclusive o regimento Panlonsky, que somente desfila a passo de carga, porque com uma carga livrou o exercito moscovita de ser derrotado pelos turcos na campanha de 1877.

Na Dinamarca encontramos os Granadeiros a Pé; na França, a Guarda Republicana a pé e a cavallo; na Belgica, os Guias; na Hollanda, os Caçadores Reaes; na Allemanha, os Granadeiros da Pomerania e os Hussares da Morte; na Austria, os Hussares; na Suissa, os Guias, e em Portugal, a Guarda Republicana.

Ainda posso citar os Hussares de Pavia, na Hespanha, os couraceiros e carabineiros, na Italia os Evzones, na Grecia, os Zuavos, na Turquia e os Rochiori, na Rumania.

A America fornece varios exemplos. A Escola Militar de West Point, nos Estados Unidos, usa um uniforme tradicional como o dos Hussares de Sant'-Anna no Mexico, dos Granadeiros de San-Martin, na Argentina, dos couraceiros de O' Higgins, no Chile, e dos Blandengues de Artigas, no Urugnay.

Eu quiz crear para o Brasil um corpo militar guardador de suas tradições. Não sei porque tal idéa merece opposição. Diz o deputado Maciel Junior que a ella se oppõe porque não perpetua tradições do Rio Grande do Sul, cuja cavallaria se cobriu de glorias nas nossas guerras.

Eu não tive em mente perpetuar tradições paulistas nem cearenses, pernambucanas nem gauchas. Pretendo guardar tradições nacionaes e especialmente aquella de que todos participam — a independencia, data muito nossa e que tem acima de tudo até a vantagem de não melindrar visinhos com a remembrança diaria dum nome que fôsse a expressão duma de suas derrotas. Aos nossos lanceiros de Monte-Caseros ou fusileiros de Tuyuty ou clavinoteiros do Aquidaban, poderiam responder com os couraceiros de Ituzaingo, e isto não nos seria agradavel.

Escolhi o uniforme da antiga guarda de Honra pelo conjunto de tradição que representa: farda tirada das velhas milicias, capacete creado numa occasião solenne, laços verdes e amarellos, que, amarrados por mãos femininas, substituiram os antigos topes lusitanos, a galopada de São Paulo até ao Rio para expulsar as tropas portuguesas, a presença á acclamação, a honra de ter sido sempre guarda de pessôa, guarda de corpo, a esthetica impressionante do uniforme, a primeira cocarda e a primeira bandeira nacional do exercito.

Não podendo conservar o titulo antigo, procurei um adequado e achei o de dragões. Os grandes paizes sempre tiveram tres especies de cavallaria: pesada, de linha e ligeira. Os pequenos paizes não podendo ter toda essa tropa sempre possuiram o typo de cavallaria intermediaria, a cavallaria de linha. Ora, o dragão é o cavalleiro de linha por excellencia, que maneja o fusil e a lança, a pistola e o sabre, que carrega e esclarece, que reune e liga, que bate as estradas e persegue os fugitivos.

Dahi a cavallaria de Portugal ser quasi toda de dragões, os regimentos da guarnição carioca de dragões e os regimentos de cavallaria gaúcha, como o 4º e o 5º, até á guerra do Paraguay, de dragões ligeiros.

Desejaria que os meus adversarios nesta idéa a combatessem de bôa fé e com argumentos, mas não fizessem em torno do projecto um alarido de caçoadas

que impede ao publico de co-
nhecer do seu valor. Creio, po-
rém, que o Congresso o appro-
vará.

RAMIRO GONÇALVES

140

"Correio do Ceará" - Telegramma passado pelo proprio José Lima !! depois 3-agosto-1917 dellas bofetadas presenciadas pela Camara toda !!!!!

Pugilato entre um deputado cearense e um jornalista carioca

RIO, 2.—Hontem, á tarde, num corredor da Camara, o sr. João Lima, redactor da secção «Coisas da Politica», do «Jornal do Brasil», interpellou o deputado cearense dr. Gustavo Barroso, a proposito de um telegramma transmittido ao «Diario do Estado», de Fortaleza, telegramma que o sr. João Lima considerava injurioso para o seu jornal. O dr. Gustavo Barroso negou a responsabilidade da publicação do referido despacho, accrescentando que ignorava quem fosse o correspondente do «Diario». O sr. João Lima retrucou energicamente que ia procurar descobrir o nome do mentiroso transmissor de noticias para o «Diario do Estado». Então, o deputado Gustavo Barroso, muito irritado, declarou que assumia a responsalilidade do telegramma em questão, e aggrediu o jornalista João Lima, o qual em represalia lhe vibrou uma bofetada.

Com a intervenção dos deputados e jornalistas circunstantes, os animos se acalmaram. O facto tem sido largamente commentado. O sr. Gustavo Barroso foi arredado do lugar do pugilato por alguns collegas e jornalistas.

O jornalista João Lima, que não soffreu nenhuma contusão, foi logo alvo da solidariedade dos seus collegas de imprensa. Convidado a seguir para a redacção do seu jornal, para lá se dirigiu em companhia dos deputados Luiz Domingues e Arlindo Leone.

Mas tarde, outros deputados procuraram o jornalista João Lima, hypothecando-lhe solidariedade.

«A Lanterna», commentando o lamentavel incidente, aggride ferozmente o deputado Gustavo Barroso.

Ainda o triste incidente

RIO, 2.—Referindo-se ao incidente Gustavo Barroso—João Lima, os jornaes «A Lanterna» e «O Nacional» ridicularizam o deputado cearense, accentuando que a aggressão do sr. Gustavo tem o solenne protesto da maioria da imprensa carioca.

O «Jornal do Brasil» lamentou o facto declarando que a covardia do attentado dispensava quaesquer commentarios. «A Epoca» disse que o pugilato revelava a má educação do aggressor. «O Nacional» assignala que a nobre repulsa da imprensa equivale a uma lição para certos politicos enfatuados.

O jornalista João Lima continua a receber protestos de solidariedade de politicos e de jornalistas. Hoje pela manhã, recebeu a visita da maioria da bancada alagoana.

"Diario do Estado" - 5-agosto-1917

O «Correio do Ceará», em linguagem de portão de feira, que dá um pessimo attestado da educação de quem escreveu o *suelto* da edição de hontem vem estranhando que o DIARIO o tenha censurado por haver dado guarida a um telegramma sobre o incidente Gustavo Barroso—João Lima.

A nossa estranheza foi muito justificada. E' conhecida de todo o publico do Ceará a maneira por que o sr. A. C. Mendes, então proprietario de um jornal, recebeu o dr. Gustavo Barroso, escolhido para secretario do cel. Benjamim Barroso. No dia do desembarque daquelle nosso amigo, o porto de Fortaleza ostentava em toda parte a flammula do jornal do sr. A. C. Mendes. E os banquetes, e os arcos de triumpho, e os artigos laudatorios !

Gustavo Barroso saiu do Ceará e o primeiro acto de hostilidade do sr. A. C. Mendes foi não effectuar o pagamento dos salarios do dr. João Demetrio, que havia sido convidado para o Ceará pelo dr. Gustavo Barroso. E é preciso que se note que as contas andaram pela policia e o facto escandaloso foi discutido na imprensa pelo dr. Alipio Baltar, obedecendo a instantes pedidos da pobre mãe de João Demetrio. Gustavo Barroso não poude conseguir, apesar dos seus esforços, que o sr. A. C. Mendes pagasse á mãe de João Demetrio os ordenados que esse jornalista ganhara com o seu trabalho honesto.

Quanto ao facto de viver o DIARIO, em difficuldades, como diz o «Correio», temos a dizer simplesmente o seguinte: as nossas difficuldades não são tão grandes como as do sr. A. C. Mendes que, ha muitos annos, deve vinte e cinco mil marcos a uma casa de Coblenz e ainda não pagou, chegando mesmo a querer negar a divida.

Outra intriga que revela muito jesuitismo por parte do jornal da Rua de Baixo, é a de haver descoberto no DIARIO manifestações de regosijo por haver o nosso eminente amigo dr. Marinho de Andrade renunciado para ser eleito em logar do deputado Gustavo Barroso. Nunca se fez nesse jornal a menor referencia a esse facto, mesmo porque não ha a menor ligação entre a renuncia do dr. Marinho e a exclusão do deputado Gustavo Barroso.

Si a gente do «Correio» é tão sincera nas suas crenças religiosas como o é nas intrigas politicas, podem lavar as mãos á parede.

"Correio do Ceará" - 4 - agosto - 1917

Lastimamos que hoje, nesta data de intimos regosijos para todos os cearenses de bôa vontade, tenhamos de, numa attitude de legitima defesa, rebater cavilosas insinuações do jornal conservador.

O «Diario do Estado» é o unico jornal de Fortaleza que quebra a harmonia da imprensa em nossa terra. Está constantemente a arremetter, de baba na bocca, contra esta folha que timbra em afastar de seu programma a discussão esteril em torno de assumptinhos de campanario...

O «Diario» mostrou-se, hoje, tolamente irritado pela razão de que publicámos um telegramma a respeito do lamentavel incidente Gustavo Barroso—João Lima, conforme nol-o transmittiu o nosso correspondente no Rio.

Entende o «Diario» que a publicação do nosso despacho de hontem, sem o mais leve commentario desta redacção, está em desaccordo com a linguagem que teriamos usado ao tempo em que o dr. Gustavo Barroso era secretario da Justiça. Esqueceu-se, porém, o «Diario», de que a esse tempo, não existia esta folha!..

E' preciso notar-se que o sr. Gustavo Barroso nos merece a consideração a que faz jus, sendo como é um cearense que tem elevado o nome de sua terra e muito moço ainda, conquistado uma posição de destaque nas letras nacionaes.

Cremos mesmo que o dr. Gustavo Barroso, jornalista intelligente, comprehenderá perfeitamente que não merecemos ir á forca pelo facto de termos publicado um telegramma absolutamente tal qual nos foi o mesmo transmittido.

Esta comprehensão não teve guarida na cachola dos redactores do «Diario» e disso não nos admiramos nós.

O orgam positivoide leva uma semana a reformar a sciencia e a moral, e outra a escangalhar o «jornal das almas». E' uma zanga que não nos surprehende e que nenhum mal nos faz, graças a Deus Nosso Senhor.

Da redacção do «Correio» não partiu meia palavra com que se possa sentir maguado o illustre deputado Gustavo Barroso.

O «Diario» é que talvez propositadamente já lhe adultera o nome, chamando-o de *deputapo Gustavo Borroso.*

Não admira, si o «Diario» já está achando muito bom que o dr. Marinho se tenha desincompatibilizado para substituir na Camara o illustre parente do coronel Benjamin...

Ora, faça-nos o «Diario» o especial favor de ir ás favas, deixando-nos tranquillos á margem do Pajehu, e vá se aguentando, sabe Deus como, lá pelos sotãos mysteriosos da praça de Tiburcio...

"O Norte" - 24 - agosto - 1917

GUSTAVO BARROSO

João do Norte, pseudomio do festejado chronista Gustavo Barroso, acaba de publicar, "Heroes e Bandidos", chronicas de palpitante actualidade.

Gustavo Barroso que é um dos mais novos e illustres representantes do Ceará, no Monroe, é tambem um dos mais fidalgos prosadores hodiernos.

Em breve teremos opportunidade de manifestar a nossa modesta opinião, sobre o novo livro do consagrado escriptor da "Terra do Sol".

"A Razão" - 14 - agosto - 1917

"Heróes e bandidos"

João do Norte

A penna de Gustavo Barroso, occulta sob o nome de João do Norte, acaba de enriquecer a literatura nacional com este primoroso estudo geographo-etnographico, que é — "Heróes e Bandidos".

Atravez as paginas do escriptor patricio, o leitor conduzido aos invios sertões do Norte vê claramente o producto do descaso dos governos naquella região do nosso territorio.

E é assim que, desde o mais remoto passado a ignorancia daquellas populações, que se abrigam num sólo propicio, produzem estes typos que, estudados nos Brilhantes, em toda a sua ferocidade, aos poucos se amainam para, em manifestações differentes, se revelarem sob a forma de heróes.

O homem e o sólo, nas diferentes relações, são ahi apreciados e nessa apreciação continua, chega a estudar a vida nomade desse cangaceiro, que, com seu nome aterrorizava populações, para ter-se mais tarde, o espectaculo das homenagens de chefes politicos eminentes do interior, ao aventureiro maior que tem apparecido no nordeste brazileiro, o famoso Antonio Silvino.

E somos gratos á casa editora pela offerenda do livro de João do Norte, que vale bem o titulo com que apparece.

"Heróes e Bandidos" está fadado á grande successo.

"Diario Official" - 2 de agosto - 1917

N. 64

A Société Anonyme du Gaz e a Light and Power, com... que exploram a illuminação publica e particular do Rio de J... pagarão aos depositantes de fianças, para o referido serviço, o juro annual do 3 % sobre os depositos realizados.

Sala das sessões, 27 de julho de 1917.—Gustavo Baroso.

PARECER

O pagamento a que se refere essa emenda não está previ... contractos da Companhia do Gaz e da Light and Power; a Com... do Finanças é de parecer que essa emenda seja rejeitada.

142 "Rua" - 24 - agosto - 1917

A BAGAGEM DE UM CANDIDATO

A' IMMORTALIDADE

A REVISTA DA ALFANDEGA

O Dr. Helio Lobo collocou-se em evidencia com a apresentação da sua candidatura á Academia de Lettras. Antes não o fizesse! Chamou a attenção geral sobre a sua obra e foi o diabo!...

Recebemos hoje uma série de tres artigos, em que são analysados os papeis que lhe dão direito á curul da immortalidade. E' trabalho de um "frère d'armes", litterato e diplomata, que, nesta ultima situação, não pretende lutar com o Sr. Helio, escondendo-se, por isso, sob a capa do anonymato.

O primeiro artigo de irreverente critica é o seguinte:

"Brasil, terra chara..." (ninguem caia na asneira de ler "xara"!) Um folheto diminuto, de 87 paginas. O autor, no frontespicio, chama-o livrinho. Não é. E' folheto. O primeiro capitulo, "A lição americana", é um artigo já anteriormente publicado no "Jornal do Commercio". São 12 paginas em que o autor, felizmente, não faz uso das queridas aspas, mas simplesmente alinha as datas dos varios congressos e conferencias realizados na America. Segundo capitulo: "O imperio e a America". Parece uma vastissima these, um pampa de idéas. Não é. Em tres paginas, o sr. Helio estuda esse problema, citando Alberdi em meia pagina, o que reduz o capitulo a duas. Mostra nelle simplesmente que o imperio sempre se afastou dos bulhentos comicios internaciionaes americanos. Terceiro capitulo: "A contribuição do Brasil". Doze paginas. Começa com cinco linhas dizendo que o governo brasileiro nomeou o sr. Biancardi, seu representante ao congresso americano de 1826. Entram as aspas com uma longa nota brasileira, que toma meia pagina. Fechadas as aspas, o illustre "homem de lettras" escreve com seu proprio punho 14 linhas, dizendo ter fracasssado — e como — o plano do referido congresso. Novas aspas. Começa um trecho do relatorio dos negocios estrangeiros de 1847. Gasta assim meia pagina. Escreve novamente 15 linhas, enumerando as razões apontadas para o comparecimento do Brasil a taes congressos por Duarte Ponte Ribeiro. Novas aspas! Outra meia pagina do citado autor. Fecham-se as aspas. Ha cinco linhas do sr. Helio. Aspas de novo!! Meia pagina do que disse o sr. Tocornal. Dezesete linhas do autor, dizendo já se ouvir o rumor da guerra paraguaya. Aspas novamente!!! O trecho do relatorio dos negocios estrangeiros desta vez toma pagina e meia. Duas linhas do sr. Helio Lobo. Citamol-as, pois são geniaes: "A 16 de agosto de 1867 dizia, na Camara, o deputado Macedo." Temos aspas ainda!! O trecho do discurso de Macedo, com os seus sr. presidente e meus senhores, occupa mais de uma pagina. Fechadas as aspas, falla o grande historiador do Itamaraty em tres linhas, dizendo que vae citar a resposta do Itamaraty ao referido deputado. Ainda e sempre aspas!! Meia pagina de citação.

Para dar folego ao pobre leitor de tão arida materia, pois que nem todo o mundo tem quéda para archivista ou cartulario, o futuro immortal escreve 4 ½ linhas lembrando a voz do marquez de S. Vicente no Senado. Aspas para a voz do marquez! Duas paginas gasta a voz!

Helio Lobo escreve, então, inspirado por Clio e por Egeria, 9 ½ linhas sobre a chegada do diplomata Lima ao Rio. E sempre e ainda as aspas fataes!! E' novamente o relatorio dos negocios estrangeiros. Meia pagina só! Que felicidade! O escriptor conclue o capitulo com 28 linhas de sua lavra. Authenticas!

Continuemos nossa peregrinação. O segundo capitulo chama-se "A tarefa da codificação". Não é inedito. Foi em outras éras artigo estampado no "Jornal do Commercio" de 26 de janeiro de 1913. Eureka! Ha duas paginas do autor, dizendo que a America é um continente novo, senhor de uma feição caracteristica e dando lições de direito á velha Europa, hoje caduca.

Vem a "Espectativa de Fracasso". Lêm-se 13 linhas do autor. As aspas lá estão, encerrando um despacho official de meia pagina. Novas 13 linhas do dono do livro. As aspas fataes muram 7 linhas de Bartholomeu Mitre. Em 15 linhas suas o sr. Helio gasta 4 na enumeração de titulos de obras e sua traducção. Depois, sacode aspas no papel e cita a immensa autoridade em materia de direito internacional da "Noite", enchendo uma pagina. Encerra tudo com uma citação de Ataulfo de Paiva, esta sem aspas, porque nesse dia o "stock" se esgotára.

Leiamos a "Palavra official". Oito linhas do mestre aspeador, noticiando que o palacio Monroe se engalanara e illuminára para acolher a Commissão de Jurisconsultos Americanos. As aspas agora guardam palavras saudosas de Rio Branco, em poucas linhas. Dezeseis linhas helianas e as aspas fatalissimas enthesouram restos dum discurso do grande chanceller. São pagina e meia. Helio Lobo escreve 13 linhas sobre a alma de Joaquim Nabuco, para poder cital-o. "Guet apens"! Vêm aspas que só se fecham após outras pagina e meia.

Em 11 linhas, o secretario da actual presidencia da Republica diz o que escreveu o "Digest" sobre John Basselt Moore e vae citar tambem este. E' a fatalidade das aspas! São seis paginas!! Safa! E o sr. Helio calmamente enfeixa o discurso do outro com 6 linhas do seu vigoroso punho...

Leiamos, ó leitor deste jornal, perdôa! leiamos "A Assembléa deliberando". As duas paginas iniciaes contêm os nomes dos delegados ao Congresso e dos secretarios deste. Depois de vinte linhas do autor, onde não luz uma déa e elle chama a enumeração dos delegados "rosario de entendidos", entra em scena o relatorio official do congresso. Temos aspas, já se vê, que só se fecham uma pagina adiante. S. Ex. digna-se escrever meia pagina! E cita a convenção de 23 de agosto re 1906. Entre as aspas necessarias lá se vae pagina e meia. Algumas linhas do sr. Helio, citando o que queria o sr. Reyes Guerra e temos, depois, do discurso desse senhor, entre as aspas maravilhosas e bemditas, uma pagina boa. O grande diplomata brasileiro e pensador do Cattete termina isso enumerando as designações dos sitios para reunião das varias subcommissões derivadas do Congressso.

O "Epilogo" do congresso gasta 5 ½ paginas, nas quaes as aspas mostram de maneira insophismavel que 1 ½ são do sr. Epitacio Pessoa, que fez o discurso de adeus aos jurisconsultos e 3 ½ do sr. Zorilla de San Martin, que lhe respondeu. Resta meia pagina ás conclusões do sr. Helio.

O terceiro capitulo intitula-se "O Brasil no convivio das nações". Foi uma conferencia na Bibliotheca Nacional e justifica o titulo da "plaquette", pois é ahi que se diz ser o Brasil terra chara (ninguem vá ler xara!).

Começa com aspas!! E' a citação duma carta de Vespucio, não o João, mas o Americo! Ha pagina e meia de deliciosa descripção litteraria feita pelo autor sobre o nascimento do Brasil, onde se vêm penhascos negros ao meio de aguas azues e um céo de anil sobre recortes de enseadas, tudo lembrando Chanaan. O estudo do conferencista sobre a época colonial toma duas paginas, das quaes uma está entre as aspas infalliveis. A época de D. João VI, o Brasil-reino, enche 1 ½ pagina, sendo que meia está entre aspas! O Imperio occupa meia paginas sem aspas. A Lição da Europa gasta 5 paginas, das quaes 1 ½ estão entre aspas! A situação na America se estende em 4 paginas. Uma está entre as bemaventuradas aspinhas...

A Guerra do Paraguay se estira em 2 ½ paginas, tendo uma entre aspinhas. A Republica se enfeixa em 4 ½ paginas. As citações tomam-lhe 2 paginas sómente. E no entrecho desse pequeno folheto não se encontra uma idéa, um conceito, uma conclusão. Desafiamos quem quer que seja a provar que mentimos. A analyse que estamos fazendo da obra do sr. Helio Lobo dispensa commentarios. Ella só por si mostra que o talento, a erudição, o preparo e as obras do joven secretario-pensador não passam do mais formidavel "bluff".

Em resumo. O tal folheto "Brasil, terra chara"... tem 87 paginas, das quaes 11 em branco ou com titulos, restando, portanto, 76 paginas de texto, das quas ha 39 de citações e 37 do autor! Assim, é ou não facil fazer livros?

Analyse egual pretendemos fazer, conforme formos podendo, de toda a obra do sr. Helio Lobo, candidato do sr. Lauro á Academia de Lettras, que anda jogando com o prestigio dos ministros e do proprio presidente para obter votos que o seu merito litterario nunca lhe daria.

E até outro dia.

Guarda-Mór.

"O Tempo" - Rio Grande - R.S. do Sul - 11 - agosto - 1917

LIVROS

O escriptor cearense João do Norte falla ao correspondente d'O TEMPO, no Rio, sobre o seu ultimo livro — IDE'AS E PALAVRAS.

O meu novo livro, editado pela casa Leite Ribeiro, tem o titulo de «Idéas e Palavras» e nada mais é do que uma reunião de chronicas, artigos.

Um jornalista, certamente meu desaffecto, disse com espirito no seu jornal que as *palavras* eram minhas e as *idéas* dos outros. Pensando ferir-me, esse interessante trocadilhista veio ao encontro do meu pensamento. Creio que o meu livro nada vale e da critica, para elle, espero sómente benevolencia.

Reuni essa série de chronicas e artigos, estudos e impressões, em livro, porque o mesmo fazem todos os nossos escriptores e muitos dos extrangeiros. Foi assim que Julio Dantas organizou «Mulheres» e «Outros Tempos» e Emilio Gebhart fez «Moines et Papes» e «La Vieille Eglise». Creio que bastam estes dois exemplos para me absolverem da tentativa.

"Fon-Fon" - 24 - agosto - 1917

Grupei os trabalhos com que compuz este novo livro em pequenos capitulos, afim de dividir melhor os assumptos e tornar menos fastidiosa a leitura daquelles que tiverem coragem sufficiente de fazel-a.

Assim, nas «Lendas» approximei um estudo sobre a veracidade da lenda da Mancenilha adormecedora de outro sobre a morte de muitas lendas. Nos «Modernismos» casei a mania do horrivel, aventada por Jacques Normand, ao pilherico seguro das creanças millionarias na America do Norte. Nas «Tradições» reuni a idéa dum museu militar e dum regimento tradicional á do culto pela saudade. Nos «Indios e Negros» juxtapuz uma excavação de velhos preceitos juridicos sobre os indios á rememoração dum de seus ritos sagrados e á influencia do negro no novo mundo, segundo o livro curioso do Sr. Johnston.

Com a fantasia historica de Roma «versus» Byzancio e a fantasia interrogativa sobre o destino de Constantinopla confeccionei o capitulo — «Italia contra Turquia». As azas pedidas por Michelet e Rückert, para a humanidade, e ligeiros commentarios a bronzeos versos de Veyssié forneceram-me o capitulo «Visões». E a remembrança da velha vida bohemia dos artistas com a citação dos poetas que cantaram Constantinopla deram-me o capitulo — «Romantismo».

Com tres chronicas regionaes compuz o «Da minha terra», com duas mundiaes o «Sonhos Politicos» e com duas cabalisticas o «Occultismo».

Agrupei na «Guerra Balkanica» varios estudos sobre as cidades santas do Islam, o sonho de reconquista bysantina, o folk-lore balkanico e os prisioneiros de guerra. Nos «Insectos» pintei as moscas de Ridder Hagaard e Luciano de Samosata ás borboletas de Madame Catulle Mendés.

Os piratas malaios, as litteraturas japoneza e australiana, a republica chineza, forneceram-me a parte intitulada «O oriente», como a parte «Carnaval» me foi dada pela comparação do *maracatú* nortista com o *cordão* sulista e pelo historico da educação carnavalesca.

O culto das arvores e a origem do nome da America deram-me o capitulo «Da Historia»; a transformação das armas de guerra, a Panther, as lutas do oriente, o «A Grande Guerra»; e a «Ultima Pagina» foi constituida por um estudo sobre a influencia da arte sobre a religião.

Eis-ahi o summario desse livro que aborda quantidade immensa de assumptos, verdadeiro *pot pourri*, *olla podrida*, sarapatel, sarrabulho ou feijoada litteraria, por certo mal temperada.

Garcia Redondo, que acaba de ser substituido na Academia Brazileira por Luiz Guimarães, num livro de pequenas coisas dissemelhantes pôz o titulo de «Salada de Fructas». Eu devia ter posto neste titulo, talvez melhor que «Idéas e Palavras», — «Salada de Batatas».

Zoadas

A municipalidade devia tomar medidas energicas e rapidas de maneira a civilizar os chauffeurs desta nossa tão falada e tão querida capital. E' uma casta que precisa ser levada para o bom caminho, embora seja necessario chamar o coronel Rondon afim de catechisal-a.

Em primeiro logar, é urgente obrigar os seus membros a usarem uma farda decente. Depois, processal-os como verdadeiros criminosos quando matarem os transeuntes. Afinal, obrigal-os a saberem as ruas e os caminhos mais curtos que para ellas levam.

Sómente depois de taes medidas, poderemos viver e tratar com elles e gozar dos reaes beneficios que o serviço de automoveis nos pode prestar a hora ou a taxi.

Emquanto taes providencias não forem tomadas, a nossa cidade, que é a unica no mundo na infinita diversidade de polychromia, formato e força de autos publicos, será a que possuir os mais ignorantes, trapalhões, desastrados e mal vestidos *cinesiphoros*... Ufa!...

"A Rua" - 27 - agosto - 1917

A BAGAGEM LITTERARIA DE UM CANDIDATO

A' IMMORTALIDADE

A revista da Alfandega encontra, em dois livros, 43 paginas do autor e 445 de citações!

Continuamos a escalpellar a obra litteraria ou melhor aspearia do sr. Helio Lobo, candidato do sr. Lauro Muller á Academia de Letras, e que, para tanto, já se julga expoente. Aconselhamos os leitores que tiverem dôr de cabeça com a enumeração de aspas, que estamos fazendo, tomar algumas grammas de aspirina ou aspirar agua da Colonia...

Neste artigo, dispensaremos quaesquer commentarios. Está com a palavra a arithmetica, que se encarregará de provar com verdades numericas, com os simples algarismos a fôfice de algodão da obra do joven homem de lettras ou antes — homem das aspas.

Vejamos em primeiro logar o seu livro "Antes da Guerra".

Não trata das causas da guerra actual nem das da guerra das Duas Rosas. Porém resume, segundo o sub-titulo do autor, a missão Saraiva ou os preliminares do conflicto com o Paraguay. O caso é serio!

Esse livro fez o secretario do Cattete membro do Instituto Historico, tem a capa vermelha, foi impresso na Imprensa Ingleza e contem 260 paginas.

No primeiro capitulo, depois de cinco linhas castiças do escriptor, as aspas infalliveis surgem sobre a alvura do papel e dahi em diante não abandonam mais os olhos do leitor. São duma fidelidade exemplar e é esta quem guia os homens de grande coragem que emprehendem a leitura da obra. Mas resumamos a estatistica das aspas. Esse primeiro capitulo contem tres paginas do autor sete de citações, afóra as notas extensas com trechos de documentos diplomaticos, jornaes e livros, que se repetem pelo livro todo, formando a sua terça parte ou melhor — quasi a sua metade!

O segundo capitulo consta de duas paginas do punho do sr. Helio Lobo e seis de citações.

«O fecho do capitulo é extraordinario de synthese das idéas expendidas pelos autores citados.

Não resistimos ao desejo de trascrever essa chave de ouro:

"O anno de 1864 surgia, assim, cheio de máos augurios, para os lados do sul". Bravo!!

No terceiro capitulo, encontramos tres paginas do autor e.. e... e... e — Santo Deus! — dezesete de citações.

Nesse livro, porém, o Sr. Helio inicia uma nova maneira de citar, com a qual gasta menos aspas. E' o processo das chamadas com numeros, indicando nos baixos, no andar terreo da pagina, o nome do autor e o da obra. Dizem que assim fez, attendendo á reclamação dos typographos, cujas caixas de composição não possuiam mais aspas. Entretanto, estas ainda apparecem de quando a quando. E ás citações abundantes não valem o disfarce, pois são gatos escondidos com o rabo de fóra...

O quarto capitulo tem tres paginas hellianas e doze dos "outros"! O quinto, duas do "escriptor" e onze alheias!

O sexto, duas delle e nove "delles"!! E o setimo, uma unica do seu punho e dezeseis de punhos diversos!!!

Paciencia, leitor, e entremos no oitavo capitulo. Uma do sr. Helio contra 17 de citações!

No nono, veremos duas paginas originaes e 18 citadas! No decimo, duas contra 10! No decimo primeiro, duas contra 7!! No decimo segundo, uma só contra 14! No decimo terceiro, todas as 16 paginas são de outros donos!! "Horresco referens"! No decimo quarto, tres contra 10! No decimo

144

"A Rua" - 28 - agsto - 1917

A BAGAGEM DUM CANDIDATO

A' IMMORTALIDADE

A REVISTA DA ALFANDEGA

O PRINCIPE DAS ASPAS

Prosigamos na analyse das obras do Sr. Helio Lobo e ressumamol-a, para não cançar o leitor, pois que os seus livros dão a impressão daquelles que, em tulhas, distribue o Ministerio da Agricultura.

Abramos "De Monroe a Rio Branco". Não ha a menor correlação de idéas, successão de conclusões ou finalidade de these entre os seis capitulos do livrinho. Cada um é um artigo de jornal, e, como o primeiro trata de Monroe e o ultimo falla do Rio Branco, o Sr. Helio "cavou" bem "cavado" o titulo solemne — "De Monroe a Rio Branco".

"Entre George Canning e James Monroe", 1° capitulo: 36 paginas; 26 do autor (*avis rar[a]!*) e 10 de outros, entre as maravilhosas e bemditas aspas.

"A Assembléa do Isthmo, 2° capitulo: 20 paginas; 16 do autor (avis rarissima!) e 4 de citações com aspas.

"A primeira conferencia da Lima", 3° capitulo: 8 paginas; 4 do autor e 4 de diversos, no meio de aspas.

"A Assembléa de Buenos Aires", 4° capitulo: 30 paginas; 8 paginas de Helio Lobo e 19 aspeadas. Faltam 3. São neutras. As 79 e 80 estão cheias com os nomes dos delegados e secretarios do Congresso de Buenos Aires; a 87ª está recheiada com a enumeração dos themas do mesmo Congresso.

"Tentativas duma codificação", 5° capitulo: 34 paginas; 23 do secretario da presidencia e 11 de diversos, cercadas pelas aspas infalliveis.

"A America latina e a diplomacia do Imperio", 6° capitulo: 11 paginas; 7 do *archivista* e 4 alheias, aspeadas, já se vê. O livro não tem uma phrase que o conclua. Termina com aspas. Quem duvidar abra-o. Verá que é verdade o que dizemos, olhando o fim da pagina 155.

Concluindo: esse livro tem 139 paginas de texto, das quaes 3 occupadas com enumerações, que a ninguem pertencem, sobrando 84 para o Sr. Helio e 52 para as aspas. Dizem portanto estes numeros, que esse é o melhor livro do futuro immortal...

Outro livro do Sr. Helio impresso na Imprensa Nacional, seu unico editor. Pudera! "O Brasil e seus principios de neutralidade".

O exordio, intitulado "Duas Palavras", começa com aspas, citando o grande Clovis Bevilacqua! Que mania!

Primeiro capitulo: 4 paginas; 3 de notas diplomaticas e uma delle. Segundo: 9 paginas; 8 ½ de citações e meia delle. Terceiro: 4 paginas; 2 ½ de citações e 1 ½ heliana. Quarto: 14 paginas; 10 citadas e 4 do autor. Quinto: 20 paginas; 14 officiaes e 6 escriptas com o seu reluzento estylo. Sexto: 4 paginas; 3 officiaes e uma do mestre eminente, que as tres empana, tão brilhante é! Setimo: 16 paginas; 12 de notas e documentos; 4 suas. Oitavo: 24 paginas; 23 de varios e de diversos, uma unica de S. Ex. Nono: 3 paginas; 2 ½ de um documento official, meia de datas e nomes. Decimo: 6 paginas; todas as seis são de papeis officiaes! Ufa! Onzeno: 14 paginas; 12 de citações e 2 da sua cachola, menos recommendaveis que as outras. *Et pour cause...*

Em 115 paginas de texto existem, afinal, 96 1|2 citadas e 18 1|2 do Sr. Helio. Além disto, ha ainda 14 laudas de "Annuncios", queremos dizer de "Annexos", que não computamos, porque são documentos officiaes sem commentario algum do autor e muito sobrecarregariam a bagagem das paginas alheias. Somos, bem vê o leitor, benevolentes. Do exposto, se a arithmetica não mente, parece que esse é o peior livro do Sr. Helio.

Nota interessante: no mesmo não se empregam aspas! Milagre!

As citações são feitas em lettra mais miuda. Discreção ou o illustre futurissimo academico encabulou com as aspas? Tambem póde se ter dado o caso da Imprensa Nacional haver officiado ao Ministerio do Exterior, declarando que, com a impressão seguida das obras belianas, se acabara o deposito de aspas.

Mais outro livro do Sr. Helio Lobo, para dar uma folga ao leitor, de vez: "O Tribunal Militar Brasileiro Boliviano", Imprensa Nacional, 1910.

O livro aconselha, para esclarecimentos mais completos, numa nota do frontespicio, consultar a collecção de actas, razões e sentenças do mesmo tribunal. Que vocação para archivista! A Academia de Lettras deve estar precisando de um!

Primeiro capitulo: 5 1|2 paginas; 2 com aspas e 3 do autor. Segundo: 10 paginas; 5 entre aspas e 5 delle. Terceiro: 19 paginas; 6 do meio de aspas e 13 helianas. Quarto: 20 laudas; 6 aspeadas e 14 sem aspas. Quinto: 26 paginas; 13 aspeadissimas e 13 não aspeadas. Sexto: 54 meias folhas; 23 de citações e 31 do autor. Setimo: 4 paginas; 3 com aspas e uma sem aspas. O total dá 93 paginas, sendo 39 para as aspinhas e 54 para a sua gloriosa caneta.

O livro tem mais umas trinta laudas de "Annuncias", isto é, de "Annexos", documentos diplomaticos, entre os quaes se encontra o tratado de Petropolis.

Nesse livro o grande archivista colleccionou os documentos e opiniões de outros não só com aspas, mas, além dessas, com typo 7, emquanto o que é seu está composto com typo 10, valendo, assim, cada pagina da citação por duas das suas.

Continuamos a jurar que esses informes são verdadeiros e a desafiar quem quer que seja a nos desmentir.

E' favor quem duvidar abrir um livro do Sr. Helio Lobo e verificar, com elle na mão, a exactidão de nossa estatistica.

Depois de termos feito esta critica ás aspas do Sr. Helio, embora exhaustos (sabe o leitor o que é abrir, folhear um livro do Sr. Lobo?!) pensamos talvez "sua" obra jornalistica fôsse sua mesmo e se differençasse dos livros. Trigo no meio de joio quem poderia saber? Procurámos artigos seus. Encontramos este: "A Malquerença platina". "Jornal do Commercio" 25 de Março de 1916. Tem uma columna: 205 linhas, corpo sete.

Lemos e, como somos burros, não entendemos. Achamos sem cabeça e sem pés. Leia o leitor. E' o começo.

"Espirito de conquista é a tecla que toca permanentemente contra nós a voz do Rio da Prata. Azado parece o momento. Aguça temores contra a realeza a tentativa do Maximiliano no Mexico. Não menos alarmante para a integridade sul-americana é o procedimento do Almirante Pinzon, em nome da Hespanha, no Pacifico. Seria defesa cabal para o Brasil dizer que tambem elle teve, com o incidente Cristil e áquella mesma época, o pé europeu na sua garganta."

Confessamos que entendemos cada uma dessas phrases de per si, mas nada "capiscamos" do seu conjuncto ou melhor da sua juxtaposição, especialmente por causa daquelle — o azado parece o momento." Por que azado e para que? Que momento?

Nesse luminoso estylo, S. Ex. discorre mais 15 linhas e entra com vontade nas aspas. Não as deixa mais até o fim. Façamos as contas. "Azado parece o momento" para fazel-as. E' quinto, 13 paginas de citações, tão sómente, tão sómente! E, emfim, no decimo sexto e derradeiro, 23 paginas todas de citações com 11 linhas do sr. Lobo!!!

Resumindo, temos que o tal "Antes da Guerra" contem 27 paginas escriptas pelo illustre sr. Helio Lobo e 204 escriptas por diversos internacionalistas e jurisconsultos, diplomatas e homens de imprensa, por Saraiva e Biancardi, Capefigue e até o "Correio Mercantil". Vê, desta sorte, o publico e a Academia quanto contrabando ia querendo passar na sua bagagem o imponente candidato!...

Em 1916, a Imprensa Nacional publicou uma outra obra do futuro immortal: "A's Portas da Guerra". A Imprensa Nacional publicou de graça, já se vê. S. Ex. não precisa, tendo essa mina, andar atraz de editores cúpidos e rabugentos.

Demos a palavra á arithmetica, para descobrir o contrabando historico-litterario do grande Helio. S. Ex., resuscitando Pacheco, Acacio, La Palisse e o finado saudosissimo Bocorio, abre o livro com esta phrase: "Notorios são hoje os successos que precederam a guerra do Paraguay". Sim? Como não!

O primeiro capitulo, "Plano Inclinado", não é o de Paula Mattos nem o da Bahia, mas um conjuncto de 20 paginas, das quaes uma é devida á penna do sr. Lobo e 19 a documentos, livros e jornaes. Convem notar que o texto escripto pelo sr. Helio é impresso em typo 9 e o texto das citações em typo 6.

O segundo capitulo intitula-se "Sós na America" e começa por aspas! Toquem o hymno! São treze paginas. 4 1|2 sómente do dono do livro...

Terceiro capitulo: 24 paginas; tres de Helio Lobo; 21 de varias pessoas, inclusive o "Jornal do Commercio". Quarto: 22 laudas; uma do aspeador; 21 de varios homens e varias publicações. Quinto: 18 paginas; começa por aspas; rarissimas linhas do proprio punho entre as citações. Sexto: 27 paginas; pouquissimas linhas do nosso homem. Setimo: 28 paginas; alguns periodos helianos, nunca excedendo de oito linhas! Oitavo: 36 paginas; mais ou menos uma pagina do autor. Nono: 26 laudas, sendo unicamente meia do grande litterato-diplomata.

Emfim, o ultimo capitulo epiloga o livro com 40 paginas, entre as quaes tres pertencem pelo estylo, garbo, correcção e castiça syntaxe ao sr. Helio Lobo!!

E conclue o livro esta tirada philosophica, referindo-se á demissão do almirante Tamandaré: "Dizem que de dom Pedro II o cuidado unico foi, depois, desfazer em gabos e attenções ao demittido o insulto da demissão. Prova de que, tambem para as cabeças coroadas, andam felizmente de companhia o erro e o arrependimento..."

E' verdade! E tambem é verdade que o sr. Helio merece a Academia e mais o que desejar... emquanto fôr secretario da Presidencia da Republica...

Encerremos este artigo com a estatistica comprimida, resumida e synthetica do "A's portas da Guerra". São 270 paginas: tres em branco (as melhores talvez), 16 do illustre dr. Helio Lobo, membro do Instituto Historico e de "plusieurs societés savantes", professor nos Estados Unidos, etc.; e, valham-nos as onze mil virgens!—241 de citações!!!!

Quem duvidar dos calculos aqui consignados, abra os livros que criticamos e verifique. Pomos a mão no fogo. No proximo dia, criticaremos "estatisticamente" as seguintes obras: "O Brasil e seus principios de neutralidade", "De Monroe a Rio Branco" e "O Tribunal arbitral brasileiro-boliviano", pois tudo obedece ao mesmo estylo, concordando uns livros com os outros em genero, numero e caso.

Com taes obras, o sr. Helio merece ou não entrar para a Academia de Lettras?

GUARDA-MOR.

o seguinte o resultado: 31 linhas de uma nota entre aspas; 80 linhas do "jornalista"; 94 aspeadas! Guerra global: 125 linhas com aspas e 80 sem: 205!!!

Recusamos lêr quaesquer outros artigos do Sr. Helio. O publico deve estar admirado da nossa paciencia em abrir os seus livros...

Falta sómente analysar o nosso homem sob o aspecto do conferencista ou semi-professor na America do Norte. Que figurão!! Fal-o-emos com vagar, mais adiante, quando tiver passado nos leitores o effeito desta indigestão de aspas.

Senhores, quem lêr estas notas está ou não de accordo que esse moço de attitudes pensativas no "landaulet" do Cattete mereça a alcunha de "Principe das Aspas"?

GUARDA-MO'R.

"Diario do Estado" Ceará 4 de agosto de 1917

O jornal da Rua de Baixo publicou hontem um telegramma de seu correspondente no Rio contando, sem o respeito á verdade, (que é uma das maiores virtudes christãs) o incidente Gustavo Barroso—João Lima.

Como é differente a maneira desairosa de referir-se hoje o *Correio* ao deputado Gustavo Borroso e as lisonjas baixas e ridiculas feitas ao secretario do governo Benjamin Barroso!

A razão o publico conhece—o deputado Gustavo Barroso não está actualmente á testa de repartição alguma em que possa concorrer para alimentar o ventre insaciavel do orgão das margens do Pajehú.

"O Imparcial" Pará - 7 agosto - 1917
1ª vol. 1ª pag.

Livros Novos

Idéas e Palavras—Gustavo Barrozo (João do Norte)—Rio-1917

«Idéas e Palavras» é o expressivo titulo a que o sr. Gustavo Barrozo subordinou o seu recente livro, edictado no Rio.

O analysta meticuloso e suspicaz da «Terra do Sol» e o «conteur» rigoroso e delicado das «Praias e Varzeas» já não é para nós um estranho.

Conhecemol o e admiramol-o ha dilatado tempo, já como escriptor e estheta primoroso, já como parlamentar arroubado e bem intencionado.

O seu nome é hoje, sem favor, um dos mais lidimos e fulgurantes padrões de gloria da clara e formosa terra cearense.

Organisação acabada e perfeita de publicista, senhor de um talento privilegiado, dono cioso de um temperamento vibratil e ardente, o sr. Gustavo Barrozo é hoje um chronista excellente, rico de «verve» e idéas, é um fino e requintado contista, cheio de imaginação e arte, e é, antes de nada mais, um jornalista de pulso firme, animado de grandes e salutares ideaes, que vibra como um poeta adolescente e devaneiante...

E assim, dispondo de solida e bem equilibrada cultura ao serviço de uma intelligencia nova e scintillante, o sr. Gustavo Barroso ha sempre sabido curar carinhosamente de coisas uteis á Patria e ao povo que o elegeu seu representante, não esquecendo, todavia, o trato desvellado das lettras, o que lhe tem valido os altos e justos titulos que conta e que bem explicariam a sua entrada á hospitalidade immortalisadora do Syllogeu, o que, afinal, não significaria nada mais senão o merecido galardão ao seu esforço e ao seu trabalho proficuo

O seu livro de estrêa— «Terra de Sol»,—por si só seria sobejo cabedal para leval-o á Academia, sem favor e sem haver mister para appellar para a já hoje famigerada «theoria dos expoentes», em usança nos dias correntes...

Veem, porem, depois, «Praias e Varzeas» e, agora, «Ideas e Palavras», que são a affirmação flagrante e irrecusavel de um fecundo e apreciavel labor mental.

O sr. Gustavo Barrozo, agora em franco florescimento intellectual, revela a evolução ascendente do seu espirito na feição seria e elevada do sua obra, no alinde lapidar da frase, na erudição opulenta do estylo e, sobretudo, na escolha feliz dos assumptos de alta relevancia, de que trata.

Desse feitio, com um poder de synthese e um encanto de expressão invulgares, o sr. Gustavo Barrozo occupa se sempre dos mais inextricaveis e graves problemas sociaes e [illegible] do mundo contemporaneo, tendo a curiosa e constante preoccupação de cotejar o momento que corre com as eras refulgentes que ficaram atraz, empanadas pelo transcorrer dos annos, dos seculos [illegible] dos millenios,

No seu temperamento, porem, descobrimos uma feição aliás bem sympathica e admiravel e tambem muito peculiar aos filhos da terra ardente e gloriosa de Alencar. Elle é um visionario, um sonhador arrojado e sincero, que, entre gente analfabeta, prosaica e frivola, tem a ousadia de fallar em ideas, em culto da saudade, da tradicção, do passado, das glorias, de tudo isso tão bonito e tão enternecedor, que o brasileiro, quiçá por ignorancia, é ainda incapaz de comprehender e de venerar.

E d'ess'arte é que elle, com um ardor apostolico de poeta, que tem os olhos acariciados por visões sublimes e o cerebro embalado por pensamentos grandiosos, nos falla dos relusentes o garbosos Dragões da Independencia e do pomposo e opulento Museu Militar...

De mim, confesso, sem falsa fé, que estou com elle e que entendo que é um dever de povo culto ou civilisado votar amor, ou pelos menos, respeito aos feitos e aos nomes dos nossos maiores

Esse culto devoto do Passado e da Tradicção, todavia, de nada receosos confessamos, ainda o não possue desgraçadamente o brasileiro, e, irrecusavelmente, o «descaso pelas nossas tradicções vae se tornando crime impardoavel».

«O culto da saudade ainda não é para nós»:

O nosso povo ainda não comprehende que «sem o amôr do passado e a licção dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade.»

Idéas semelhantes, se me não atraiçôa a memoria, já os externava esse moço de grande, de muito grande e brilhante talento, que é Georgino Avelino, na «A Necessidade da Patria».

Desalenta-nos, porem, essa verdade e é preferivel calar discretamente sobre ella.

O livro do sr, Gustavo Barroso, que está dividido em varias series é palpitante de actualidade e cheio de interesse.

«Da minha terra» é a parte do volume em que elle, mais uma vez, evidencia o entranhado amôr que consagra ao Ceará, tracejando chronicas magistraes do estôfo da «Tortura da Esperança».

Outro trabalho interessante é a pagina em que elle falla da collecção de coisas indigenas do dr. H Jamarillo, que expôz tudo que a gente india da Amazonia possue e fabrica com sua caracteristica paciencia e leveza de mão», concluindo por uma interessante dissertação acerca do famoso Jurupary, que é o mal e a morte das mulheres curiosas...

Escreve ainda, no mesmo tom agradavel e suave, sobre as «Arvores», disendo do abandono injusto que a ellas votamos e mostrando o amôr que os bomens de epocas mais recuadas lhes votaram.

Trata ainda do baptismo da America, discutindo e esplicando os motivos porque o Novo Continente, ao envez do nome do seu descobridor, recebeu a variante feminina do nome do piloto Americo Vespucio, e, em pagina primorosa diz-nos do delicioso encanto do tradiccional «Maracatú», tão conhecido da gente barva e forte do Nordeste.

146

Voltando suas vistas para o Oriente, Gustavo Barroso estuda, com pulso firme, alem de outros assumptos de actualidade, os modernos movimentos litterarios que têm agitado as terras magicas dos nippões, do chrysanthemo, do lotus . . . Nessa mesma serie de artigos, o brilhante escriptor dá-nos uma bella noticia da vida litteraria da remota e desconhecida Oceania.

Escreve ainda fulgurantemente sobre a guerra balkanica, a grande guerra, mostrando-nos no artigo «Velhas armas, novas armas» o que tem sido a guerra através de todas as edades, sob todas as suas faces, e comparando as pelejas sangrentas de tempos recuados com as luctas formidaveis dos nossos dias. E conclue dizendo que «no seu fundo social tambem não ha, nem nunca houve, mudança nas causas das guerras. Os homens batem-se hoje, como no tempo de Xenofonte—pelo interesse.»

E, assim, por todo o livro, sustenta as suas bellas e elevadas idéas, vestindo as com lapidares e bellas palavras.

Não nos enfileiramos, por uma questão de temperamento e de indole, ao lado dos thuriferarios habituaes, que, tendo nascido talhados para o mister bastardo da louvaminha, nada sabem senão usar e abusar das expressões encomiasticas, depreciando-as, muita vez, por isso que as empregam inescrupulosa e injustamente.

Isso, no entanto, não quer dizer que não louvemos aquillo que se nos figure digno do nosso applauso.

E' o caso.

O novo livro do sr. Gustavo Barroso tem direito ao nosso elogio justo e sincero e pode leval-o á Academia Brasileira de Letras.

Belém, 5 de agosto de 917.

Peregrino Junior.

"Jornal do Commercio" - Ed. da tarde
5-setembro-1917

Não foi muito feliz no Senado o projecto do Deputado Gustavo Barrozo creando no Exercito um corpo especial de "Dragões da Independencia".

O relator do projecto da Commissão de Marinha e Guerra daquella casa deu-lhe parecer contrario. Parece-lhe que a creação de um corpo de escól nas fileiras traz onus para o Thesouro e arrepia os melindres da igualdade democratica. De resto, a resurreição de costumes historicos deve prender-se a lances mais activos da nossa historia militar como os feitos da guerra do Paraguay.

Não ha duvida que o onus sobre o Thesouro é uma razão respeitavel e digna; mas convem não applical-a a todo proposito nem exaggeral-a, para não paralysarmos despezas uteis e forçadas, numa estagnação apparentemeste economica.

O culto das tradições do paiz é um meio de educação, facil e impressionante, tão necessario como as escolas.

O apparato das commemorações, as festas civicas, são despezas necessarias que dão ao povo o sentimento vivo da nacionalidade.

Esse excesso de zelo pelas mais imperceptiveis susceptibilidades da igualdade democratica seria explicavel num povo eminentemente culto num paiz exclusivo de eruditos, que ainda não existe; e, ao contrario, nos povos em formação, seria dissolvente.

A escolha da pagina da historia patria em que se deve inspirar o uniforme do novo regimento é antes uma questão de doutrina ou de bom gosto que não deve tolher a iniciativa feliz.

O Sr. Gustavo Barrozo, autor do projecto, numa chronica publicada ha tempos num semanario, mostrou claramente como, a exemplo de paizes mais adiantados, todo paiz deve cuidar de prestigiar-se a seus proprios olhos. Ahi, depois de mostrar o culto externo das glorias militares nos paizes mais tradicionalistas como a Inglaterra, a Dinamarca, a Allemanha, a Russia, a Austria, escreve o Deputado cearense:

"A França, apezar dos pruridos demagogicos e da luta por matar tradições, apezar do seu exercito chegar a tal ponto de vestir mal que Julio Richard dizia andar com roupas de doente, por causa das calças babanadas, cahidas sobre as botas; a França nunca tirou o imponente capacete dos couraceiros e dragões, nem o shako emplumado a Guarda Republicana a pé, procurando na Guarda Republicana a vacallo retatar o prestigio elegante dos Cem Guardas da Imperatriz Eugenia.

Os Estados Unidos, cheios do delirio commercial e industrial, vestem os cadetes da Escola de West-Point com a casaca azul e as calças brancas dos soldados de Washington, os guerreiros da Independencia. Reminiscencia tambem de sua independencia, a Argentina tem os lindos Granadeiros a Cavallo, de casacas azues e paramentos encarnados, o alto guritão de couro cheio de tranças, escamas e borlas."

"Jornal do Commercio" - 4-setembro-1917

LIVROS NOVOS

—

GUSTAVO BARROSO João do Norte) — *Heroes e Bandidos* — (Os Cangaceiros do Nordeste.) — Rio de Janeiro — Livraria Francisco Alves — 1917.

O Sr. Gustavo Barroso (*João do Norte*) firmou a sua reputação de escriptor e publicista num claro livro de observação, de sentimento e de estylo (*Terra do Sol*). Depois publicou um volume de contos (*Prados e Varzeas*) e ha pouco resumio em livro chronica, artigos e medalhões (*Idéas e Palavras*).

Terra do Sol é um hymno ao sertão, hymno que mostra grandezas e não encobre miserias; *Praias e Varzeas* são contos nos quaes entra a alma do sertanejo e do praiano. Nas *Idéas e Palavras*, o Sr. Gustavo Barroso fêz uma collectanea de artigos sobre assumptos diversos, politica nacional e extrangeira, litteratura européa, etc. Nos *Heróes e Bandidos* volta a vista ao seu assumpto predilecto.

O livro é de um valioso interesse. Constitue um precioso documento. Nós daqui, da Capital, pouco sabemos do que se passa no interior. Ha poucas informações; os jornaes encontram difficuldade para darem ao seu publico noticiario verdadeiro e completo. Faltam livros, estudos, monographias sobre questões geraes e theses particulares. Regiões africanas e asiaticas, que as rivalidades européas cobiçam, mas são afinal sem grande importancia, mereceram trabalhos de critica social mais sérios do que muitas zonas brazileiras. Só de duas, especialmente, temos na litteratura européa e norte-americana e na litteratura brasileira, ensaios e monographias salvadoras e informativas: sobre o café de S. Paulo e sobre a borracha da Amazonia. Do mais, pouco ou nada sabemos.

Assim, é mais facil discorrer sobre o regimen de trabalho e o estado social do São, por exemplo, do que do interior do Nordeste brasileiro. Por isso são benemeritos da nossa cultura os que procuram definir, interpretar, indicar a situação social das diversas zonas do paiz. Ha necessidade desses estudos para discussão e resolução de problemas sociaes e politicos e para a propria elaboração das leis.

O Sr. Gustavo Barrozo estudou na *Terra do Sol* diversos aspectos dos costumes do sertão; nas *Praias e Varzeas* annotou instantes de emoção e de belleza rustica e agora nos *Heroes e Bandidos* traça elementos para a critica social e a psychologia dos cangaceiros do nordeste. O livro é assim de um alto interesse para os que se preoccupam com os problemas sociaes do Brasil. Na primeira parte do livro, o Sr. Gustavo Barrozo analysa e destaca as *causas* e os factores que crearam o typo social do cangaceiro; na segunda parte, narra a vida de diversos bandidos que foram heroes e de diversos heroes que foram bandidos, acompanhando a evolução dos costumes e modos desde os Cunhos e Patacos na epoca da Independencia até o Antonio Silvino dos nossos tempos.

O habitat do banditismo do nordeste é a «grande região comprehendida entre o rio São Francisco e o valle do Cariry, estendendo-se da serra do Jucuncá á do Martins, dahi ás falcas da Borborema, aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dous Irmãos». A natureza protege a formação dos nucleos de bandidos. «Alli se encontram, diz o autor; alli se encontram e se approximam as fronteiras de sete Estados, tendo nesgas de territorios que se enfiam umas nas outras, como cunhas. O meio, a cumplicidade do habitante e a facilidade de fugir de um Estado para outro offerecem guarida a todos os criminosos.

O Sr. João do Norte aponta as diversas causas do phenomeno social, causas que reconhece com razão complexa e mostra sempre com exemplos do extrangeiro que o cangaço é uma resultante das condições sociaes como o banditismo de certas zonas do mundo, na Europa, na America, na Asia e na Africa. Assim, o jagunço não é criminoso «por méro accidente do seu caracter»; «termina uma série de antecedentes os mais variados e é um elo na seriação de causas as mais diversas.» Estudando á luz das modernas doutrinas sociologicas e criminologicas, o autor nota os diversos factores. Em primeiro lugar, pensa elle, o clima: «o clima sertanejo tem a maxima culpa na producção da cangaceiragem.» Onde não ha abundancia, ha sempre banditismo. Foi assim na Calabria, na Corsega, na Serra Morena, nos desertos da Syria e da Mauritania. Depois, no sertão a população é mais pastoril do que agricola e assim adquire «habitos de insulamento.» A falta de hygiene é grande. Os nucleos de população são distantes e não ha communicações faceis. As estradas de ferro «ficam ainda a caminho dos verdadeiros fócos do crime». Os methodos de trabalho são rudimentares e o ensino insufficiente. Sem «exagero, é possivel calcular em 97 °/° a proporção de analphabetos.

«Depois que o jesuita foi expulso, escreve o Sr. Gustavo Barroso, ninguem ensinou mais cousa alguma no sertão. Ao tempo da Monarchia eram pouco numerosas as escolas publicas. As da Republica não são tambem em grande numero e a politicagem impede que produzam beneficios reaes, removendo professores, afim de servir antipathias de potentados e pagando-os mal e com atrazo, quasi não provendo os estabe-

147

lecimentos de material escolar e não fiscalizando o ensino. Os Estados, chamando a si as rendas dos municipios, obrigaram-n-os a fechar as escolas municipaes. Algumas de menos. A frequencia das classes é difficil; as distancias grandes e exiguas as conducções. Os meninos do povoado aproveitam alguma cousa. Os dos arredores, pobres, precizando ajudar os pais na labuta diaria ou madraçando, porque não os obrigam a aprender, impedidos de frequentar a aula todo o dia, pela extensão da caminhada, pouco ou quasi nada adiantam.»

O Sr. João do Norte chama a attenção para esse caso que demonstra a indifferença dos nossos estadistas pelos problemas sérios de uma verdadeira politica: «Na linguagem e nas pauperrimas manifestações de arte, se nota o reflexo do dominio da companhia, que fanatisou, mas ensinou muito. Junto de cada igreja, havia uma escola. As ruinas desses edificios, das *casas dos padres*, ainda se vêem nos adros dos povoados. «Daquelles casarões brancos, quadrados, severos, derramaram-se grandes beneficios, tanto para a lavoura e a pecuaria como para os espiritos com as luzes dos livros classicos. Raro era o sertanejo de melhor cathegoria que não soubesse, regularmente, rudimentos de latim e rhetorica, philosophia e historia.»

O estado intellectual do sertanejo é primitivo: «Sem o menor defeito visual, não distingue as cores», como os selvagens e os povos antigos do Oriente.

Assim a «opinião sertaneja não póde ter noção do aperfeiçoamento, porque lhe faltam instrucção e incentivo. Sua unica base é a rotina. Dahi a grande obediencia aos costumes locaes. Não cuida em melhorar nada».

O bandido surge nesse meio, e por assim dizer, naturalmente. Ha fome. Ha secca. Ha despotismos de proprietarios e chefes locaes, chefes politicos que são como senhores feudaes. O culto exaggerado pela bravura gera o crime. Ha familias poderosas e ricas que se guerream e combatem e organizam cangaceiros para a lucta. Assim, os protegidos dos chefes, os perseguidos da justica, os que se querem vingar, andam em bandos e formam deste modo o banditismo do sertão. Elles têm a sua honra. Matar para roubar, é, por exemplo, raro.

O Sr. Gustavo Barroso procura assim definir os factores do cangaco. Todos os factores que aponta são verdadeiros. Mas é preciso não esquecer que os principaes, os que geram os outros, são os que produzem o isolamento intellectual, moral e economico das populações, conservando assim entre elles estados de espirito incompativeis com a civilização moderna.

O augmento da populacão sertaneja póde crear difficuldades ao proprio Brasil do litoral. E' preciso fundir as suas populações, abrindo estradas e escolas e aproveitando as excellentes aptidões naturaes da gente rude do sertão. E' o que se deduz do livro do Sr. Gustavo Barroso, que, aliás, apenas expõe, caracteriza e narra.

A primeira parte do livro, que trata das *causas do cangaco*, é interessante como observação e factura; o autor acompanha os factos sertanejos com exemplos extrangeiros, cita, demonstra affinidades com erudição e clareza. A segunda parte é interessante porque resume a propria vida dos cangaceiros celebres e nos dá em estylo scintillante quadros impressionantes da vacillação historica

O Sr Gustavo Barroso fez assim um livro que não vale somente por seus meritos literarios, sua critica social, suas observações perspicazes, seus conhecimentos sugestivos, vale tambem pela reunião de uma vasta documentação sobre typos celebres de bandoleiros do sertão, os quaes, como diz o autor, muita vez são mais bandidos que heroes, porém quasi sempre mais heroes que bandidos.»

"Diario do Estado" - Ceará

19 - agosto - 1917

Do ultimo livro de João do Norte, pseudonymo do nosso eminente amigo deputado Gustavo Barroso, transcrevemos o capitulo sobre Antonio Silvino, que é um estudo profundo sobre a vida do celebre bandido:

"Diario Official" 1º Setembro - 1917

PARECER

N. 176 — 1917

A' Commissão de Marinha e Guerra foi presente a proposição da Camara dos Deputados determinando que o 1º regimento de cavallaria do Exercito passará a denominar-se «regimento dos dragões da Independencia», ao mesmo tempo que estabelece attribuições para aquella unidade, decorrentes da tradição imperialista, segundo a qual a dita corporação irá reviver o seu antigo papel de guarda da pessoa do Chefe da Nação.

O simples exame dessa proposição evidencia que ella tem por fim crear uma situação privilegiada para o citado regimento, investindo-o de prerogativas dispensaveis, como são de facto as que se confeem nos artigos segundo e terceiro, que além de invadirem as attribuições de competencia profissional, não teem o valor comprobativo de providencias exigidas para o reerguimento do nosso poder militar.

Basta citar, por exemplo, o dispositivo que declara, entre outras cousas, competir aos dragões «a carga final das revistas» — para se ter desde logo a comprehensão de que o projecto em nada influiria para melhorar as condições de defesa do Brasil.

Pelo contrario, o que a proposição justifica em todos os seus itens é a persistencia em legislar para uma situação normal, que não é positivamente a deste momento, em que a guerra européa, despertando a attenção mundial, faz convergir o patriotismo brasileiro para o preparo de nossas forças militares, sobre as quaes vem repousando a tranquillidade do paiz.

Convém ainda assignalar que é a propria proposição da Camara que reconhece a inutilidade das medidas alvitradas, deante da hypothese de uma mobilisação do Exercito, porquanto determina no seu art. 4º que—em caso de campanha o regimento retomaria o seu antigo numero e usaria o uniforme commum da arma de cavallaria, reassumindo assim a sua funcção regular, como força combatente.

De sorte que as providencias de que trata o projecto são todas ellas destinadas ao tempo de paz e para os effeitos de simples formaturas nesta Capital, que é o logar justificado para o aquartelamento do regimento dos dragões, ficando assim os officiaes que servirem neste corpo em condições favoraveis para pleitearem a sua permanencia nelle em vista das exigencias feitas para os novos uniformes, adquiridos na fórma do art. 6º, o que exclue a possibilidade de possuirem elles o fardamento proprio de sua arma, em um caso de transferencia ou mesmo de promoção.

Quer isto dizer que, para dirimir as difficuldades resultantes da adopção do uniforme tradicional, serão os dragões organisados com os mesmos typos de officiaes, que nunca se exercitarão nos serviços de campanha, porque permanecendo o regimento nesta Capital, que é a séde do Governo Federal, só aqui poderão ser desempenhados os novos encargos estabelecidos no contexto do projecto.

Uma outra questão interessante, igualmente levantada pelo projecto, é a constante do art. 5º, que determina que o Ministro da Guerra deverá nomear uma commissão, composta de quatro membros, para o fim de apresentar, no prazo fixo de um mez, a partir da data da nova lei, o plano completo do uniforme tradicional.

E' interessante, porque, si o uniforme é tradicional, o figurino a que elle obedeceu deve ser conhecido, não havendo portanto necessidade dessa complicada imposição legislativa, para que o Governo o fizesse adoptar

Resumindo as considerações acima feitas, a Commissão de Marinha e Guerra é de parecer que a proposição não deve ser adoptada pelo Senado:

1º, porque estabelece um privilegio para uma determinada unidade do Exercito, com esquecimento de outras, o que poderia dar logar a resentimentos com o afrouxamento dos laços de disciplina militar;

2º, porque as modificações propostas não affectam o problema da defesa nacional, mas abrangem um conjunto de medidas secundarias, de nenhum alcance para a organisação do nosso Exercito, de accôrdo com a sua funcção constitucional;

3º, porque o prjecto crea despezas, que recahem sobre os officiaes do regimento, sem que desse onus resultem outras vantagens além do aspecto agradavel que apresentaria o pelo corpo, por occasião das formaturas nas revistas e paradas commemorativas das grandes datas nacionaes;

4º, finalmente, porque o nome preferido de — «dragões da Independencia» — não traduz o facto de maior realce na folha dos serviços prestados pelo 1º regimento de cavallaria, que tem os seus feitos de guerra, além do papel saliente que representou no trabalho de transformação do nosso regimen politico, pois que dahi sahiram victoriosos os primeiros inspiradores da jornada gloriosa de 15 de novembro de 1889.

Si algum titulo de benemerencia possue o 1º regimento de cavallaria que justifique a distincção que o projecto lhe quiz conferir, esse, de facto, se encontra na phase inicial da Republica e seria bem comprovado pela organisação da «guarda republicana», de preferencia a uma synonymia historica com os «dragões», que montaram a guarda de honra do 1º imperador do Brasil.

Sala das Commissões, 30 de agosto de 1917. — Pires Ferreira, Presidente. — Soares dos Santos, Relator. — A. Indio do Brasil. — F. Mendes de Almeida. — A' Commissão de Finanças.

148

"Jornal do Commercio". Ed. mat.ª 7. setembro - 1917 - 2ª varia

"O Norte" - Rio - 8. Setembro - 1917

Faltam apenas cinco annos para o centenario da Independencia e não é sem algum pezar que vemos a demora na organização de um programma para essa proxima commemoração. O que tem apparecido até agora é uma ou outra idéa isolada. Ainda ninguem alvitrou por emquanto um grande plano de conjunto, para ser estudado, corrigido e aceito, preparando-se com vagar a sua execução. Devemos, porém, esperar muito do enthusisamo nacional renascente, posto brilhantemente em prova na grande parada militar de hoje. Precizamos fazer do 7 de Setembro a mais festiva de nossas grandes datas historicas. E em 1922 cumprirá que o Brasil celébre de modo condigno o Centenario da Independencia.

A ausencia de um projecto official determinando em que consistirá essa commemoração é uma lacuna a ser quanto antes preenchida. Conviria, além do mais, não se hostilizar, por simples espirito de contradicção, qualquer boa idéa que appareça, visando tão louvavel objectivo. Ainda ha dias soubemos com lastima que a Commissão de Marinha e Guerra do Senado, para transigir com a opinião pessoal do Relator Sr. Soares dos Santos e naturalmente só por isso, resolvera aconselhar a rejeição do projecto da Camara relativo aos Dragões da Independencia.

O jacobinismo renitente, com o seu ponto de vista sempre estreito e vesgo, foi assim ao encontro das irreverencias da chacota, acabando de fulminar uma sympathica iniciativa que tivera na Camara o apoio caloroso do «leader» da maioria.

Esse máo espirito, que nega a tradição e supprime a historia, não vingará. O Brasil Inteiro saberá, confiamos, em 1922, festejar com a maior pompa o grande acontecimento. Os proprios Governos estadoaes começam já a cogitar do assumpto e isso é um bom signal, que deve alegrar a todos os patriotas.

Hoje publicamos em outro lugar o edital da concurrencia que o Governo de São Paulo resolveu abrir para um monumento nacional a ser levantado na collina do Ypiranga.

Chamamos a attenção dos artistas para esse projecto. O edital estabelece dous premios, um de 30 contos para o 1º lugar e outro de 15 contos para o 2.º

Nas nove clausulas do edital vêm minuciosamente especificadas as condições do concurso, sendo o prazo de apresentação dos projectos até 7 de Setembro de 1918, e podendo essa apresentação ser feita na Secretaria dos Negocios do Interior em S. Paulo, bem como no Consulado do Brasil em Buenos Aires, Nova York, Lisboa, Roma e Pariz.

Aos concurrentes o edital indica, como fonte de informações, o 7º volume da Historia do Brasil do Sr. Rocha Pombo. Registramos com muito prazer esta primeira homenagem official rendida em nosso paiz ao grande trabalho do notavel escriptor paranaense, verdadeiro typo de benedictino, que consumio mais de quinze annos de sua vida para escrever aquelle moumento, e, apenas acabada a herculea tarefa, reenceta outra, a peregrinar pelos Estados para dizer da vida de cada um delles de 1889 para cá.

"NUESTRA GUERRA"

Tem chamado a attenção do publico e da imprensa, de modo extraordinario, estes ultimos dias, uma brochura procedente de Buenos Aires e assignada com um pseudonymo incolôr. Algumas opiniões lhe dão grande importancia e affirmam ter sido escripta por um official de estado-maior do exercito da republica visinha, achando ser tempo já do nosso governo pensar de verdade na defesa nacional, pois os argentinos nos farão a guerra quando acharem conveniente e propicio. Outras julgam que o folheto somente desprezo merece e asseguram ser obra d'um allemão venal, não representando o sentir das correntes militares e politicas do povo platino.

Tenham razão uns ou outros, o que se não pode negar é que nesse pequeno livro nos dizem verdades amarissimas: que somos grandes e fracos, que devemos os cabellos da cabeça, que não temos exercito nem marinha efficientes, que não possuimos homens de governo, que continuamos no mesmo marasmo e preguiça e desconnexão de medidas e descúido do imperio, quando foi da luta com o Paraguay; que, finalmente, o nosso *hinterland* é doentio e mal povoado, sem communicações, sem escolas e sem estimulos, vasto territorio colonial ainda, que pesa, morto quasi, sobre a organisação ainda paça do Brasil metropolitano. Não se podem negar essas verdades e diante dellas não devemos perder a calma e dizer que são insultos, porque desta sorte daremos razão ao anonymo autor do livreco — official argentino ou espião germanico — quando diz: «desgraçados dos povos a quem a verdade injuria.»

Esse libreto anti-brasileiro devia ser, para nós brasileiros, não «le conp d'epingle qui créve, mais le conp de fonet qui eingle.» Porque, se elle tives e o dom de acordar o nosso povo da sua indifferença e os nossos dirigentes da sua lethargia, seria o caso de bemdizer o escrevinhador da "Nuestra Guerra", pois ao seu esporear, ao seu acicatear acordára uma nação, que é só querer e será a mais forte e poderosa da America do Sul.

A nossa resposta ás verdades durissimas do folheto inimigo devia ser um esforço cyclopico para o endireitamento do que está torto e o revigoramento do que está chlorotico; devia ser concertar os nossos erros, para que amanhã nossos filhos podessem dizer aos seus coevos da nação visinha: «Da geração de teus paes sahio contra o nosso paiz uma verrina fustigante e a resposta é esta que te trazemos aqui — um Brasil forte, potente, contra o qual ninguem mais se atreve a atirar apôdos e que não pode mais corar das verdades que se lhe digam.»

Não tomar, porem, o pião na unha, não fazer um esforço sincero para mudar de rumo e replicar com palavreados duros á descortezia da *plaquette* portenha, é triste se não ridiculo. Ella nos abre os olhos de modo muito cruel. Que fazer? Vêr, examinar e agir!

Infelizmente nos tolhem a acção as cinzas dos dogmas philosophicos que inspiraram as nossas leis estincturaes, na formação da Republica.

Foi a philosophia do seculo 18, diz o severo historiador duque de Broglie que perdeu a França nas consequencias da guerra dos sete annos. As suas velleidades de medidas humanitarias, a bôa fé idiota dos seus estadistas, os seus principios colhidos nos formosos inicios da Encyclopedia, fizeram-na marchar ao lado da Prussia contra a Austria, quando a verdadeira politica seria marchar ao lado da Austria contra a Prussia.

Tiram certos principios dogmaticos d'um systema philosophico completamente em desaccordo com a vida moderna essencialmente pratica, que causaram todos os males de que soffre a Republica, peiando-lhe a acção, estragando-lhe a jurisprudencia e enchendo de tres ou quatro idéas a cabeça desorganisada de muito homem publico, quando seriam de grande alcance a posse completa e a applicação de principios praticos, simples e accordes com os tempos actuaes.

Não nos empenhamos em guerras, não podemos ter velleidades imperialistas, não devemos desenvolver a instrucção e os meios militares, mas deixamos ás outras nações o direito de fazer o que em nós condemnamos. Ellas fazem, nós ficamos ajoelhados no oratorio dos nossos altos ideáes humanos e quando a força que adquiriram transborda em folhetos provocadores, gritamos que nos insultam. Só temos uma resposta: mudar de rumo e brandir armas. Então, teremos diante de um milhão de baionetas que possuirmos um respeito que os nossos principios philosophicos positivoides jamais conseguiriam.

João do Norte.

"O Norte" - Rio. 8. Setembro - 1917

Um novo livro

de Gustavo Barroso

Entre os escriptores da nova geração *João do Norte* occupa um logar de destaque conquistado de golpe com o livro de estréa: «*Terra de Sol*».

E' interessante notar que emquanto a maioria dos escriptores vive a produzir muitos livros, quasi sempre inuteis, em torno dos mesmos assumptos Gustavo Barroso vae dando á publicidade trabalhos cada vez mais perfeitos quer no fundo, quer na forma.

Não é outra a impressão que sintimos deante de seus livros que se succedem com intervallos tão pequenos que não podemos calar a nossa intensa admiração em face da sua extraordinaria capacidade de trabalho.

Assim depois de «*Terra do Sol*» publicou *João do Norte* um livro de contos — «*Praias e Varzeas*» que brilham pelo colorido forte e emocionam pelo rigor da concepção. Logo após surgiu um volume de scintillantes chronicas sob o titulo «*Idéas e Palavras*» e a critica ainda não tinha terminado a analyse desta collectanea de paginas de imprensa e Gustavo Barroso já nos dava este livro dos «*Heróes e Bandidos*» livro em que elle revela as suas amplas qualidades de

GUSTAVO BARROSO (João do Norte)

sociologo e de artista perfeito da palavra escripta.

Neste estudo sobre «os cangaceiros do nordeste» ha conceitos admiraveis e informes a proposito da vida do interior do Brazil que á muita gente deve causar surpreza.

E' commum affirmar-se que a vida mistica das aldeias e das villas é docemente impregnada por uma ingenuidade encantadora e de uma tranquillidade imperturbavel. Entretanto Gustavo Barroso escrevendo com exactidão nos diz que «o habitante do povoado é mais propenso ao banditismo que o vaqueiro ou o seareiro, mais quebrados pelo trabalho.

Nas villas, reinam a madraçaria, a falta de limpeza, a inveja e a intriga».

Basta este trecho para demonstrar que *João do Norte* não é um alinhador de banalidades sentimentalistas que já não podem ser tomadas a sério pela critica.

A falsa ingenuidade aldeã fica pintada vivamente naquellas palavras do futuro autor dos «*Pergaminhos*».

Ha muita gente que julga lendario o numero de mortes que um criminoso do sertão assignala na coronha da sua arma. O novo livro de Gustavo Barroso cita os autores destes assassinatos continuos e narra-nos as façanhas com uma exactidão tal que o ledor facilmente se compenetra daquellas dolorosas verdades.

Um destes matadores insaciaveis foi João do Bomfim a quem Gustavo Barroso estuda num dos capitulos do livro de que ora nos occupamos.

«O tenente Vicente Ayres, Pedro Rufino Baptista de Almeida, alcunhado o «*Baptistão*», pae de Antonio Silvino, Silvino Ayres, filho do coronel assassinado, Antonio e Francisco Gadelha, pae e tio do celebre matador Antonio Godê, comparsa de Antonio Silvino, cercaram João do Bomfim,

depois de o perseguirem dez annos, no logar Ipueiras, entre as villas de Patos e Teixeira.

O bandido resistiu uma noite inteira, em companhia dum filho, respondendo furiosamente ao tiroteio dos inimigos emboscados, como elle, na sombra, e mudando constantemente de logar, afim do clarão dos tiros não denunciar pela repetição no mesmo ponto o poiso do atirador. De madrugada, João do Bomfim cessou de atirar. Logo após, o menino escapolia na carreira, debaixo duma chuva de balas, deixando um rastilho de sangue. Amanheceu. Os outros esperaram ainda algum tempo. Do esconderijo do cangaceiro não saía o menor ruido. Escutaram atentamente. Farejaram até. Nada. Fôram-se approximando com muita cautela. Encostado a uma trincheira, João do Bomfim estava morto, de pé, pregueado de balas, as mãos crispadas no bacamarte, em cuja coronha sessenta cruzes feitas na camada de verniz preto á ponta de faca diziam que matára sessenta pessoas ! »

E citando o final deste capitulo terminamos esta ligeira apreciação dando um exemplo bem nitido do quanto é interessante e bem escripto o ultimo livro do homem de letras que a Academia Brazileira deve receber, em substituição a Souza Bandeira, não para honrar Gustavo Barroso mas para gloriar-se por contal-o em seu seio como um dos mais legitimo representantes das nossas letras que é, ao mesmo tempo, um dos mais valorosos membros do Congresso Nacional.

"A Noticia" - 11 - Setembro - 1917

As Sociedades de Tiro e os parlamentares

Tres deputados atiradores

Os Srs. Costa Rego e Gustavo Barroso

Tres deputados acabam de alistar-se em uma Sociedade de Tiro, -a de numero 5, mais popularisada sob a denominação de Tiro do Leme. São elles os Srs. Mendonça Martins, o nosso illustre collega Sr. Costa Rego e o brilhante homem de lettras Sr. Gustavo Barroso, os dois primeiros alagoanos e o ultimo cearense. Tratando-se de tres brilhantes parlamentares, de geração mais joven do nosso Congresso, esse gesto não póde ficar sem registro, como um salutar ensinamento e um brilhante exemplo a ser seguido

1. de Setembro de 1917

" Fon-Fon ! "

Zumbaias

Conversava com Baptista Pereira, um dos mais brilhantes espiritos que conheço, no seu elegante e severo gabinete cheio de estantes escuras ao gosto do Renascimento e com portadas de jacarandá. Fallavamos do nosso passado e relembravamos coisas soffriveis que nos tinham acontecido e pareciam optimas através o nevoeiro do tempo percorrido. Então, recordei artigos de jornal que fizera aos 18 annos, contos amorosos escriptos aos 16 e uns timidos versos dos meus saudosos 14 annos.

Baptista sorriu e fallou :

« — Paraste de poetar aos 14. Eu continuei até muito mais tarde. E fiz muito verso ! »

Abriu um lindo contador rebrilhante de bronzes ornamentaes, tirou um infolio macisso e deu-m'o para ler. Abri-o. Tinha farrapos de jornal pregados nas paginas brancas. Eram poesias de toda a sorte publicadas ha doze annos mais ou menos nos jornaes paulistas, todas bem trabalhadas e de formosa inspiração, que dariam magnifico livro. Na maioria dos versos errava a forte emoção inspiradora colhida nas obras de Shakespeare. Li um poemeto maravilhoso sobre Othello, com descripções esplendidas de Veneza :

« Mysteriosas gondolas aquellas !
Vozes, beijos, soluços dos amantes
E, em pleno azul, sem mastros e sem vélas,
Outras gondolas de oiro — os minguantes. »

E fiquei a pensar em quantos poetas pessimos andam ahi com o prurido da publicidade e em quantos, como o meu amigo, discretamente guardam o seu valor.

Zenidos

Um dos melhores paes que conheço é o nosso mais fertil e brilhante escriptor nacional. Seus filhos tratam-n'o com a maior familiaridade e delle fazem o que querem. Felizmente são muito bons meninos, bem educados, applicados ao estudo e, mais felizmente ainda, dedicados ao sport.

Como gostam muito de «football» e são eximios jogadores, o pae tomou-se de encantos pelo jogo inglez e vive a fallar, por dá cá aquella palha, em «back, forwards, goals, teams e scratches».

Um dia, á mesa do almoço entremeiava sua escorreita e imaginosa linguagem de tão exdruxulas palavras, discutindo com a petizada o «match» do dia anterior e dando opiniões sentenciosas a respeito. Um dos filhos, o Paulo, divergia delle e a certo ponto da discussão encolheu hombros :

« Ora, Papai ! Você pensa que jogar «foot-ball» é tão facil como fazer livros !...

O pae embatucou...

Zumbidos

Fallava-se de Rasputin. Claudio França disse :

— « Na idade-média empregavam-se como espiões, mensageiros e agentes politicos de confiança os benignos, os religiosos de ordens menores, os frades leigos ou quasi leigos. Esse mesmo costume subsistia em Bysancio, onde os hegumenes eram creaturas politicas. A Russia herdou a usança medieval e bysantina. Os seus *popes* e os freires sempre se dedicaram mais á politica do que á religião. Dahi os monges de Catharina II. Dahi a influencia e acção de Rasputin. Quando a Russia agia directamente nos negocios bulgaros, servios e valachos, os seus agentes confidenciaes eram *papas*, *popes* e frades. Na Grecia, ao tempo de Capo d'Istria e da republica, o agente moscovita era um monge bandido e politiqueiro, Christophoros. Rasputin não foi uma excepção mysteriosa. Foi um resultado fatal. Não lhe posso dar outra explicação ».

"Rua" - 29 de agosto de 1917

LIVROS E ESCRIPTORES

"HEROES E BANDIDOS", EDIÇÃO DA LIVRARIA ALVES, POR GUSTAVO BARROSO.

O novo livro de Gustavo Barroso é, sem duvida alguma, um dos mais completos estudos sobre o nordeste do sertão brasileiro —essa extensa e ensoalhada região comprehendida entre o rio S. Francisco e o valle do Cariry, e na qual "se encontram e se aproximam as fronteiras de sete Estados, tendo nesgas de territorios que se enfiam umas nas outras, como cunhas".

E' que o brilhante escriptor de "Terra de Sol", não se contentou em narrar as façanhas heroicas e os actos barbaros da gente que povôa essa faixa de terra, até aqui inteiramente abandonada pelos poderes publicos. Elle tratou dos seus typos principaes, das familias que mais se celebrizaram na historia do cangaceirismo, como os Cacundos, os Cunhas, os Patacas, os Brilhantes, mas só o fez, depois de estudar detalhadamente as origens e as causas mais remotas dos episodios quasi dantescos de que tem sido theatro a referida região.

Conhecendo o assumpto profundamente, Gustavo Barroso entendeu prestar um serviço aos seus contemporaneos, apontando, uma por uma, as razões multiplas que levam o homem ao banditismo, até chegar á conclusão de que "os bandidos não são productos exclusivos das terras brasileiras do nordeste".

A tarefa era ardua mas foi cumprida á risca nas primeiras cem paginas de "Heroes e Bandidos". Estudando as modalidades da vida matuta, as de agora, como as do passado, o deputado cearense "esgaravatou a existencia vagabunda do selvagem, rastreou os filhos pelos paes, até o outro lado do oceano", e assim satisfez amplamente os desejos que tinha em vista ao escrever o livro que acaba de dar á publicidade.

Era mistér, para isso, comparar os factos através da historia dos mais differentes povos. E o autor comparou, invocando em seu auxilio a opinião dos mestres, o que muito contribuiu para valorizar o seu trabalh e realçar as suas observações:

"Carlos Letourneau diz que o prazer mental de torturar o inimigo é mesmo uma condição da vida. Audubon narra a voluptuosidade, que presenciou, de uma aguia branca devorando um cysne e compara essse facto com outros identicos, praticados por homens. Hozeau cita, em apoio da mesma affirmativa, o caso dos macacos anthropomorphos maltratarem os quadrupedes inferiores. A bondade é rara entre os camponezes, affirma Stendhal. Para Spencer, nas sociedades primitivas, rapinantes e guerreiras, a piedade quasi não existe. Num meio assim, toda creatura boa e, portanto, fraca, será destruida. E' necessarioo ser máo para viver. Alix affirma que o homem creado á lei da natureza demonstra o poder das inclinações primitivas, porque não sabe disfarçar as paixões e entrega-se á sua violencia."

E que é o nosso cangaceiro, sinão o homem creado á lei da Natureza? Gustavo Barroso explica essa asserção — fazendo ver que, "tanto mais inculto é o homem, mais actos violentos pratica, cedendo ás paixões do momento, ás impressões da occasião". E é por essa razão, por certo, que "é muito do sertanejo o prazer de arrostar a opinião, o gozo de sentir-se differente do commum dos mortaes."

As causas que mais concorrem para a formação dos bandidos são então esmerilhadas methodicamente, desde o clima, a fome, o analphabetismo, a tradição" que mantem o culto pela bravura e mesmo pelo crime" até á "susceptibilidade pundonorosa, alliada ao preconceito da raça".

Assim, o sertanejo, como observa Euclydes da Cunha, á feição dos individuos que habitavam a Calabria, fórma já uma subraça. "O prurido eterno da aventura, veiu para elle de tres gentes, do luso, do cigano e do indigena". E, assim, conclue Gustavo Barroso, "o sertanejo vae conquistando, vagaroso, o sertão á secca", para, mais adiante, assegurar que o "indio contribuiu muito para a cangaceiragem, com a sua ferocidade nativa."

São duas observações absolutamente positivas e que demonstram a necessidade imperiosa em que estão os poderes publicos de fazerem alguma coisa pelo nordeste brasileiro. Sob esse ponto de vista, "Heroes e Bandidos" encerra uma lição e um aviso. Deve, por isso mesmo, ser lido e—mais que lido — meditado pelos nossos governantes, que são os unicos responsaveis por tal estado de coisas.

"As questões sangrentas entre familias, escreve Gustavo Barroso, surgem e proliferam nas sociedades abaladas, retardadas ou decadentes. A Italia fragmentada da Renascença legou-nos centenas de exemplos, como os Colonna, Orsini e Medicis, os Montecchi e Capuletti, os Cenci, os Branciforte e Campireale. A Argentina das dissenções riojanas teve dezenas de casos identicos aos Ocampos e Davilas. Não é de estranhar que o sertão tenha Montes e Feitosas, Cunhas e Patacas, Mourões e Moquecas, Viriatos e Calangros, Ricartes e Contendas."

Evoluiram, porém, essas regiões da Italia e da Argentina, ao passo que o nordeste brasileiro ficou tal qual era. E tudo isso porque? E' o que explica João do Norte nesta pagina de ouro:

"Porque os erros da colonização não deram ao sertanejo meios de progredir. A Monarchia deixou-o em abandono, porque a organização do trabalho, no seu tempo, unicamente se baseava no alicerce falso da escravidão. A Republica até hoje, quasi nada fez para instruil-o ou melhorar-lhe a sorte. Antes tem explorado o banditismo para fins politicos. O jagunço é, ás vezes, a "ultima ratio" do governo federal, afim de dominar num estado rebelde. Para a nação, são perniciosas as consequencias desse abusivo modo de agir, como o descuido em impedir a formação de nucleos de bandidos, consequencias que difficilmente se apagam. Durante annos, um agrupamento de fanaticos rapina e mata. Pedem-se providecias. Os governos fazem-se surdos ou enviam soldados ás duzias. Os bandoleiros chacinam os pequenos destacamentos e ficam com as armas e munições. Essas victorias prestigiam o bando perante as populações locaes. Seu poder material augmenta com o armamentos conquistado. O fanatismo os encoiraça. Fazem-se entrincheiramentos. As coisas chegam ao ponto de serem precisos um exercito, artilheria, o sitio, a fome e a degola!"

Ainda não ha muito, foi isso, mais ou menos, o que se deu no Contestado. E isso foi o que se deu ao tempo da campanha de Canudos, o que se repetiu quando foi da ultima revolução do Ceará, com o famoso padre Cicero á frente. Gustavo Barroso relembra todos esses factos e de comparação em comparação, de episodio em episodio, chega á conclusão de que os cangaceiros são muitas vezes mais bandidos que heróes, porem, quasi sempre mais heróes que bandidos!

Essa é, realmente, a impressão que se tem, acompanhando-se o autor na descripção dos typos de alguns sertanejos, entre os quaes devo destacar o Rio Preto, "o negro de queixo ponteagudo, que tinha pacto com o diabo"; Adolpho Meia Noite, "cuja historia é quasi a repetição da de Julio Branciforte", e sobretudo, o nunca esquecido e perigoso Antonio Silvino.

Para narrar as barbaridades e os heroismos desses homens, João do Norte poderia, com vantagem, dados os seus grandes recursos, recorrer ao artificio, bordando em torno delles phrases feitas a dedo, commentarios fortes e impressionistas. Elle preferiu, porém, o caminho opposto, no que eu penso que fez bem. Vê-se, através das suas paginas, que a sua preoccupação principal foi, antes de tudo e acima de tudo, a fidelidade.

Era necessario que a narrativa desses factos quasi inacreditaveis fosse justa, sincera e imparcial, para que, facilmente, pudessem ser comprehendidos os heroes e julgados os bandidos. Uma palavra a mais, em certos casos, poderia parecer exagero. E como, ás vezes, a mais simples sombra de exagero deturpa e falseia a verdade, João do Norte conta a historia do cangaceirismo como ella deve ser contada: em toda a sua simplicidade.

Não vejo, pois em que por isso possa ser censurado o livro de Gustavo Barroso. Acho, ao contrario, que, justamente por essa qualidade, deve ser elle elogiado. Narrar com simplicidade é coisa que nem todos fazem. E a historia do sertão do Nordeste, mais por certo que qualquer outra, deve ser narrada sem fantasias, sem artificios, tal qual fez o autor de "Heroes e Bandidos", para que nella se acredite.

O livro é, portanto, magnifico.

Osorio Dutra.

"Fon-Fon": 1º Set.º 1917

Zanguizarras

Pousando o talher, depois de descrever traquinadas dos filhos, o illustre escriptor contou-me esta anecdota:

« Filho terrivel era o do barão de Cotegipe, o Joãosinho. Uma vez um chefe politico do interior foi visitar o grande ministro e com elle conversar sobre varios assumptos, demorando-se até a hora do jantar. Cotegipe convidou-o para a refeição. Como a casa era de simplicidade e os donos affabilissimos, o matuto acceitou. Sentaram-se todos á mesa e foi servida a sôpa. Quando o nosso homem sorveu a ultima colherada, o Joãosinho, apontando-lhe uma fructeira, disse:

« — Coma aquella banana, homem! »

O barão conversava com a mulher, fingindo distracção. O chefe politico respondeu ao petiz:

« — Não, filho, depois da sôpa vêm outros pratos e no fim a sobremesa. Ahi faço seu gosto: como a banana. »

O menino não esteve pelos autos. Teimou:

« — Eu quero que você coma a banana! »

O matuto não cedeu e mansamente recusou. Então, o pirralho abriu a bocca no mundo! Foi um berreiro terrivel:

« — Ai! ai! ai! Papai, o homem não quer comer a banana! Eu quero que elle coma! Ai! ai! ai! »

E chorava como bezerro desmamado.

Cotegipe voltou-se calmamente para o hospede e pedio:

« — Faça favor, coronel, para elle calar a bocca: coma a banana! Sou eu que lhe peço! »

O matuto limpou no guardanapo os labios humidos da sôpa e comeu a banana.

O Joãosinho ria-se a bandeiras despregadas com a sua cara gorda de seis annos... »

"Fon-Fon": 22-Set.º-1917

Gatafunhos

A opinião militar européa sempre criticou acremente o general austriaco Mack, porque esse nos seus planos de campanha cuidava mais das providencias para a retirada do que dos movimentos que trouxessem a victoria. E o barão de Mack terminava a sua carreira, entregando-se em Ulm com a retirada cortada pelos soldados de Napoleão.

Entretanto, saber retirar é uma sciencia difficil e o general austriaco, quando pensava nas retiradas mostrava quanto sentia ser difficil e espinhoso esse movimento salvador, que muita vez equivale por meia victoria. A gloria de Xenophonte nasceu com a retirada dos Dez Mil. A retirada gloriosa de Praga perpetuou o nome do marechal de Belle-Isle. O heroismo de Ney se desdobrou na retirada da Russia. E tão grande quanto essas retiradas historicas foi a nossa retirada da Laguna.

Na guerra actual é que os movimentos de retirar não glorificam mais nenhum exercito, porque é necessario aguentar as vagas tudescas, para que não sossobre a civilização. Dahi a vergonha das retiradas russas. Dahi a grande significação moral, politica, militar e social da phrase de Joffre. — *Il faut tenir.*

"O Tempo" - Manáos - 31 agosto - 1917

Idéas e Palavras

do dr. Gustavo Barroso (João do Norte)

Quando, ha mezes, nestas columnas, tive o prazer de referir-me ao brilhantissimo talento de Gustavo Barroso, a proposito do seu livro *Praias e Varzeas*, manifestei o receio de que a politica, absorvente e egoista, tomando conta, por completo, desse talento privilegiado, privasse o sumptuoso edificio das Letras Brazileiras, do concurso de tão habil decorador.

Tendo a honra de conhecel-o pessoalmente, e tendo estudado de perto a energica altivez do seu caracter, em que a sinceridade é eguãl á força, e esta egual á aptidão para a lucta, seria, na verdade, para lastimar que se estiolassem, á sombra da politica, tantas condições necessarias e indispensaveis a um triumphador.

Assentava o meu receio na triste experiencia da vida, no que tenho visto acontecer a muitos, e no que ha de succeder a muitos mais ainda.

Quando, ha dias, Joaquim Coceillo, activo proprietario da Livraria Academica me deu a agradavel noticia de que tinha um novo livro de João do Norte, de quem elle sabe que sou o mais obscuro, mas um dos mais sinceros admiradores, eu fiquei a viver para o novo livro, de que tomei conta, immediatamente, com o enthusiasmo egoista de quem, não tendo muitas horas felizes, trata de aproveitar, sofregamente, essas poucas que se lhe deparam.

Assentado á minha pobre banca de trabalho, vivi serenamente para esse volume encantador, obra de estylo e erudição, em cuja leitura os minutos passam como segundos ligeiros e suaves, numa admiração sempre variada e crescente, em que, ás vezes, um lyrismo adoravel dá logar a rajadas impetuosas de sobranceira independencia e altivez, com o traço firme de quem tem a consciencia do que vale, e de quem não teme a critica balofa ou alvar dos insignificantes.

Livro de um verdadeiro patriota *Idéas e Palavras* é uma obra destinada a occupar um logar de subida honra, pelo seu estylo brilhante, pelos vastos conhecimentos que revela, pela verdade das asserções, pelos cambiantes de enthusiasmo e amargura, pela clareza de exposição sem ardis nem ficções, e, sobretudo, por um cunho proprio que João do Norte sabe imprimir aos seus livros.

Tratando das ambições que cercam a grande e bella Constantinopla diz o escriptor:

"Emquanto todas as cubiças disputarem a posse da grande capital do Bosphoro, fantasticamente bela, onde todas as civilisações deixaram a sua pegada, grega, latina, slava, turca, com zimborios de mesquitas que foram cupolas de cathedraes, minaretes que foram atalaias christãs, tekkés que foram mosteiros, ella viverá e salvará a decadente nação turca."—

Tratando primorosamente das *Azas* diz que

"A longa tradição humana, que se fixa nas azas, dando-as aos genios persas, aos touros assyrios, aos kerubs hebraicos, ao icaro hellenico, aos deuses egypcios, chega ao seu ultimo estagio: o aeroplano. A humanidade já pode voar, realisando uma aspiração que se perde na bruma dos povos antigos e na penumbra dos tempos. A *faculdade sublime* do passaro deixou de ser um privilegio... O troar das artilharias é precedido pelas nuvens de aviões, como os furacões no mar são pelos alcyons e albatrozes...."

No capitulo *Da Minha Terra*, é admiravel de graça e simplicidade na descripção do *Ministerio do Icó* e nas maximas do Manezinho do Bispo, que acha que *a tolice innocente é preferivel á sabedoria emprestada para illudir o proximo.*

No capitulo Sonhos Politicos, ha a revelação de vastissimos conhecimentos de Historia da Inglaterra, do trabalho aturado do grande paiz para ter a chave de todos os estreitos, e poder, assim, dispor da navegação do mundo, terminando esse capitulo magistral da seguinte forma:

"Se um almirante batavo hasteou no mastro grande da capitanea uma vassoura, em signal de ter varrido os inglezes dos mares, um almirante inglez içou no da sua não o chicote de bordo, o gato de nove rabos, *the cat of nine tails*, para mostrar que surrára as armadas flamengas onde as encontrára."—

E da Guerra Balkanica, estudo primoroso e trabalho de analyse imparcial e profunda, passa João do Norte, com uma facilidade admiravel, ao capitulo dos Insectos em prosa ligeira e suave, para, em seguida, estudar o *Oriente*, a que se refere, já descrevendo com dados positivos a pirataria, nos mares, de todos os povos maritimos, já estudando o grande desenvolvimento e progresso da litteratura no Japão, verberando a pressão exercida pelo governo contra as obras que não lhe agradam, e fazendo o elogio do seu valor mecanico e militar; já, ainda, tratando da China que *pensa que o Filho do Ceu é intangivel* e em que a felicidade é representada por um desenho de *dadivosa mão que atira para uma bocca aberta punhados de arroz.*

Se o admiravel estylo de João do Norte é encantador tratando das *Arvores*, d'uma grande energia na parte que se refere ás *Velhas Armas*, *Novas Armas*, e *Navio Fantasma*, e sempre erudito, consciencioso e brilhante, não pode o seu livro deixar de causar-nos a melhor das impressões, dando-nos a convicção de que progride, como poucas, a litteratura Brazileira.

E João do Norte que cedo, como poucos, manifestou o seu grande talento, conseguindo ser, aos vinte annos, redactor de um dos primeiros jornaes do Brasil, é hoje, sem favor, um dos primeiros escriptores deste paiz.

Uma saudação muito sincera ao deputado federal pelo Ceará, que sabe, no meio das lides politicas, concorrer para o grande brilho das letras Brazileiras.

Agosto de 1917.

Heitor de Figueiredo.

"Diario Popular" - S. Paulo - Artigo de Leopoldo Freitas - 21 Set.º - 917

— Gustavo Barroso é o mesmo João do Norte, intellectual cearence e prosador da "Terra do Sol" que agora deu publicidade á collecção de novellas sertanejas "Heroes e Bandidos".

Este é um livro de apreciação psycologica da individualidade de celebres bandidos que nos sertões do Norte adquiriram tradiçcões de heroismo, pois tantas e crueis tem sido suas façanhas.

O autor tem conhecimento das narrativas do banditismo dos salteadores gauchos que na Argentina o publicista Domingos Sarmiento personificou em "Facundo" novella na qual se descrevem as atrocidades committidas por este caudilho que percorria os Pampas ou as savanas do seu paiz e era um vingador terrivel.

Estudando este phenomeno com relação ao interior do Brasil do Norte o dr. Gustavo Barroso escreve este pensamento, nas "Cousas", cap. primeiro do seu livro:

"No sertão, a população dedica-se mais á vida pastoril do que á agricola. A primeira é mais intensa e melhor organisada que a segunda.

Todos os costumes e tradições se baseiam na vida do Pastoreio.

O povo tem em si o nomadismo natural das raças pastoras. Nos raros logares onde a vida agricola apparece mais desenvolvida esse progresso é tão diminuto, as relações que produz tão sem valor, que a agricultura não se destaca da posição inferior de auxiliar da pecuaria.

Como povo pastoril não tem vida em sociedade.

Constróe habitos de insulamento. falta a confiança nas garantias que emanam da associação, o que gera a coragem pessoal, desenvolve os odios e augmenta os instinctos de defesa propria..."

Argumentando com os factos sociologicos o autor expõe as causas que influem para o banditismo ou a vida criminosa dos cangaceiros do Norte.

Na segunda parte dos "Heroes e Bandidas" estão vivamente descriptos os "Typos", isto é, as figuras destes hediondos individuos: O Cabelleira, os Simões, Viriatos, Athayde, Adolpho Meia-noite, João Bomfim, Liberatos e Guabirobas; distinguindo o famigerado Antonio Silvino que durante annos e annos assolou alguns Estados e zombava das autoridades do interior e das capitaes.

"Heroes e Bandidos" é um livro de observações psycologicas e de agradavel leitura pelo pittoresco da sua confecção.

L. F.

Jornal Pequeno - Recife - 27 Set.º 1917

A Glosa

«O deputado sr. Gustavo Barroso declarou que na legislatura de 1917 apresentaria um projecto creando um corpo militar de elite, intitulado Dragões da independencia, á semelhança do que existe em diversos paizes europeus.»

(De um teleg. do Rio.)

Para esse corpo militar de «élite»
— Os dragões do projecto do Gustavo —
Trago a certeza de que um posto cavo,
Pois o que tenho em mim vale um convite...

Sou candidato de melhor palpite —
Alto, hombros largos, elegante e bravo,
Da disciplina e do dever escravo —
Tanto quanto a um soldado se permitte.

De tudo entendo no mister brilhante
De defender a Patria estremecida:
Manobro a artilharia mais possante,

Preparo com presteza uma sortida,
Piloto um aeroplano... e, num instante,
Levo todo o inimigo de vencida!

FELIX

153

"Fon-Fon" - 22 Setembro - 1917

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1917.

Carta

Meu amigo. Não te dou razão. Falas em deixar a vida, ou fugindo pela porta larga do suicidio, ou retirando-te da sociedade e indo acabar teus dias na bucolica paz duma fazenda insulada, onde jamais alguem te possa visitar.

Além das causas que apontas para tua tristeza e teus desgostos serem mais apparentes do que reaes, existirem mais na tua imaginação do que na dura realidade das coisas, teu suicidio seria um *fait divers* banalissimo para os jornaes e para todo o mundo, o teu exilio nada teria de interessante. E nesta vida devemos fazer sempre coisas interessantes. Juvenal chicoteava os que, para viver, perdiam as razões moraes de viver. Eu condemno os que, vivendo, deixaram de fazer actos merecedores de interesse.

Nada mais curioso do que o exilio voluntario daquelles que abandonaram o poder, a gloria, a fortuna. Digna da maior attenção a atitude semi-fingida dum Deocleciano cultivando couves em Salone, dum Carlos V no convento de San Justo, dum Bolesláu traçando sulcos de charrúa. Deixaram todos um episodio commentavel e capaz de chamar a attenção, embora no fundo da alma nós saibamos de fonte limpa que o seu desinteresse pelas grandezas era o resultado da convicção de que não podiam voltar a tomal-as. Pudessem fazel-o e Deocleciano abandonaria os canteiros Carlos V os cantos religiosos, Bolesláu o arado rude.

Mas o teu exilio seria ridiculo e mesquinho, se não passasse despercebido. Então, para que realisal-o? Não se devem realisar na vida coisas que devam ficar ignoradas, de que nunca se fale.

Ademais, teus aborrecimentos não são de molde a te aconselharem idéas tragicas. Cessarão quando quizeres que cessem, porque a sua residencia effectiva é na tua propria alma. Com um simples mandado de despejo, terás liberdade ampla e vida prazenteira. Manda-os embora!

Tens o costume de andar só e viver só. Falta na tua vida a conversa e sobra a concentração. O dialogo mata as tendencias especulativas. O peripotetecismo de Aristoteles juntando-se ás palestras da escola de São João dão este resultado: — a Escolastica. Mas o pensar calculado e solitario de Kant traz uma especulação maior.

Cultiva companheiros. Dissimula o teu enfartamento do homem e suas contingencias miseraveis. Ri e faz rir. Finge como todos fingem. E deixa de martyrisar o teu espirito com a tortura constante de imaginar bellezas moraes e sociaes que somente existem nas tuas divagações. Desde que não pódes ter o scepticismo dôce, benevolente e saboroso que me ajuda a viver, procura ser como os outros e não uma excepção tristonha e pretenciosa, o que te acarreta uma guerra surda, que ora explode aqui, alli, em solfetaras.

Para esta, pedes-me uma receita. Vai lel-a em Lamartine:

« Un jour, de nobles pleurs laveront ce delire
Et ta main etouffant le son qu'elle a tiré,
Plus juste, arrachera des cordes de ta lyre
La corde injurieuse où la haine a vibré.
Mais moi j'aurai vidé la coupe d'amertume
Sans que ma lêvre même en garde souvenir:
Car mon âme est un feu qui brule et qui parfume
Ce qu'on jette pour la ternir. »

Assim, varre de tua alma colera e odio, nella semeando um desdem altivo e uma immensa piedade pelos homens, tão grande como o perdão do Evangelho porque elles até hoje ainda não sabem o que fazem...

Um aperto de mão do teu

Claudio França

Fon-Fon - 29 - Setembro - 1917

Gatafunhos

Falei contra os poetas que andam cheios com a vasta pretenção de que só o parnasianismo exagerado é capaz de traduzir em rimas, cadencias e metricas os mais altos pensamentos. E dois versejadores que se achavam presentes á palestra, combateram os meus principios. Eu somente notava na poesia sentimento e elevação. Elles nella somente queriam vêr a forma, embora a ausencia de emoção.

Continuavamos a discutir, quando Claudio França interveio. Levantou-se do vasto sofá Mapple, onde se afundára fumando. Uma perola rosea luzio no negror da sua gravata de plastrão. As suas mãos nervosas sumiram-se nos bolsos das calças listradas. E elle disse:

«A poesia não é nem pode ser exercicio ou entretenimento de lettrados, mas sim o meio de prender, emocionar, encantar os espiritos. Dahi *carmen*, verso, em latim, ter dado *charme*, encanto, na mais encantadora das linguas modernas.»

Garatujas

Todos falavam mal do Brasil, segundo o conceituado e louvavel costume brasileiro de assim proceder. Lembravam os *deficits* eternos, o culto crescente da incompetencia e o mais crescente horror das responsabilidades, a falta de estadistas, o deperecimento das fontes de vida, o adormecimento das sensibilidades e o symptoma horrivel da perda de esperança. Alguem, então, disse que o Brasil nem ao menos possuia vida nacional.

Foi quando Claudio França se manifestou com seriedade:

— « *Distingo,* disse elle. O nosso paiz anda muito por baixo; mas a tanto ainda não chegou. Dizem os sociologos que é a litteratura a maior expressão da vida nacional dum povo. Onde não houver litteratura nacional não ha vida nacional. Ora, no Brasil, ha litteratos por toda a parte. E' um paiz de litteratos e de litteratura. Dahi ser immensa a sua vida nacional... »

Os companheiros todos cahiram na gargalhada...

Gatafunhos

A morte de Carlos Peixoto veio mostrar a nós brasileiros que, apezar da decadencia nacional, do brilho das mediocridades e da avalanche dos *parvenus*, ainda se rendem neste paiz homenagens ao merito pessoal e, o que é mais raro, á intelligencia. Mesmo aquelles profissionaes da politica que o acoimavam de *litterato*, o que é neste torrão de analphabetos um crime, acabaram reconhecendo o seu valor intellectual e formaram nas ultimas honras que lhe foram tributadas ao lado dos que sempre o ouviram com respeito, o estimaram e amaram.

Voltando do cemiterio e de ver as lagrimas do seu inconsolavel pae, encontrei Claudio França, que me disse:

— «Para o elogio funebre de Carlos Peixoto, basta repetir em sua intenção as palavras simples e significativas dum chronista medieval sobre a morte do grande trovador Conon de Bethune: — *« Nesse anno a terra ficou valendo mais, porque nella o velho Conon fôra sepultado! »*

154

Jornal - Fr - 29 - Setº - 917

Gatafunhos

Uma carta do Ceará conta-me da reproducção dum milagre commum no sertão: o apparecimento em certos lugares duma imagem de santo ou santa, que, retirada dalli, para alli volta, até que se construa uma capella ou igreja para abrigal-a. Foi assim que se construiram muitas igrejas pelo interior daquelle Estado, inclusive a de Nossa Senhora das Dôres, no Joazeiro do Padre Cicero.

Essa é uma das feições lendarias de milagres mais espalhados entre as populações christãs. E vem duma velha superstição da idolatria romana, segundo o prova num estudo maravilhoso a phrase elegante de Gaston Paris.

Foi no espirito de tal lenda — e por isso bemdita seja ella — que se inspirou a imaginação de Anatole France para escrever com a simplicidade de oiro do seu estylo aquelle amavel conto do *Christo do Oceano*.

Garatujas

Rezam as chronicas elegantes da elegante sociedade franceza do decimo oitavo seculo que o magistrado Bouhier, sem ser um litterato na verdadeira acepção entrou pelo seu prestigio social para a Academia Franceza, facto este que está acontecendo por aqui amiudadamente. Esse senhor de Bouhier gostava muito de *trepar* na vida alheia. Era um *pince-sans-rire* terrivel. As suas cartas são uma collecção de anecdotas sociaes interessantissimas.

E' o presidente Bouhier quem conta que o bispo de Blois recebendo na Academia o bispo de Noyon, o enfatuado senhor Clermont Tonerre, fez-lhe tão exagerados louvores que a sala explodio em gargalhadas. Elle acrescenta que o autor do discurso communicára, como é da praxe, de antemão o mesmo ao recipiendario, mas este fazia de si proprio tão alta idéa que não sentio a ironia que o havia de matar com a gargalhada da sala.

No nosso Syllogeu já se teria dado algum caso semelhante?

Garatujas

Enganam-se aquelles que negam ter havido na Idade Média o espirito de scepticismo. Esse existiu, escondido ás vezes e ás vezes ostentado, muito mais do que se pensa. Ao lado daquelles que em nada acreditavam, mas se calavam, temendo as unhas da Igreja e do proprio poder temporal, havia os que, como Sigerio de Brabante, eternisado por Dante, ensinavam o scepticismo e combatiam as imposturas sociaes e religiosas até por isso morrerem.

A derrota final das Cruzadas encheu a Europa de descrença nas ajudas de Deus e mostrou-lhe que povos de outra religião como os Musulmanos, eram sob varios aspectos mais civilisados do que ella.

Esse espirito sceptico se encarnou em Frederico II, imperador da Allemanha, inimigo dos Papas, caracter extranho e complexo, meio allemão, meio italiano e meio oriental, cheio de desdenhosa tolerancia, que o povo cuidava ser o precursor do Antichristo, senão o proprio Antichristo, a quem o pontifice Gregorio IX accusava desta sorte:

— « Rei de pestilencia, que declarou ter sido o mundo enganado por tres grandes impostores — Moysés, Jesus e Mahomet. »

E Frederico II, o rispido senhor de Pedro das Vinhas, o amigo dos sarracenos, louro e tenaz, desdenhoso e cruel, nunca lêra Anatole France... Como é velho, na propria sociedade christã o espirito de descrença e de ironia para com os que tudo crêm e tudo acceitam!

"Gazeta de Noticias" 30 Setº 1917

Livros novos

Heroes e Bandidos — (Os cangaceiros de nordeste) por Gustavo Barroso (João do Norte) — Edição de Francisco Alves & C.

O Sr. Gustavo Barroso (João do Norte), politico, homem de letras e "gentleman", é, como prosador, um pouco de tudo isso.

A sua literatura trae os vagares elegantes de quem se julga bem installado na vida, as habilidades profissionaes de um politico dilettante e, devemos dizel-o, um real, se bem que dispersivo, amor pelas lettras.

O seu primeiro livro — "Terra de Sol" produziu um prolongado ruido no noticiario dos jornaes, pondo-lhe o nome, até então desconhecido, em plena viabilidade literaria. O reclame foi excessivo e legitimou-se, não tanto pelos meritos do livro, mas sim pela seducção das suas qualidades pessoaes e da invejavel posição social de que dispunha, graças aos favores generosos da fortuna, que facilita aos privilegiados o accesso de cargos e honrarias cubiçaveis.

Tanto abusamos nós das citações da vida grega, e dos seus esplendores e da sua comprehensão da belleza, que "la tenue", o porte, o garbo, um corpo vigoroso augmentam as proprias qualidades do estylo, entre nós.

Com a sua casaca amarrotada, Bergeret constituiria um fracasso no Brasil.

Uma cara má encontra fechada a sympathia alheia e a porta das livrarias. E este é um dos motivos por que homens como o Sr. João Ribeiro, o primeiro poeta brasileiro na opinião sociologica do Sr. Gama Rosa, nunca tiveram leitores numerosos para os seus versos.

O illustre professor escreve com apurada correcção grammatical, mas, positivamente, seria um desastre, um "gaffista" se se mettesse a dizer versos nalguma festa elegante nos palacetes de Botafogo.

O typo creado por Affonso Daudet, no "Immortal", é exemplificativo. A vida lhe correu sempre avessa e madrasta.

Empresa que tentasse, coordenadas todas as cousas e já propicios todos os acontecimentos que prenunciassem uma imprevista realisação auspiciosa, no ultimo instante, inexplicavelmente, fracassaria... E' que elle possuia o nariz torto. A phrase de Pascal sobre o nariz de Cleopatra tem, pois, um alcance incalculavel e uma significação muito mais profunda do que se possa calcular. De uma interpretação interminavel.

A figura do Sr. Gustavo Barroso, varonil, elastica e sadia, commove.

E o homem do mundo nelle sobrepuja outra qualquer virtude que possa demonstrar.

Quando se nomeia, por entre a indifferença de dialogos sem interesse, a Euclydes da Cunha, a Ruy, a Sylvio Roméro, logo a conversação represa o seu curso molle e monotono: — Euclydes, que formidavel escriptor! Que cabeça, a do Ruy! Que pulso vigoroso, o de Sylvio Roméro.

A força e a condensação do estylo do primeiro, a memoria e o saber do segundo, o feitio combativo do terceiro justificam perfeitamente os adjectivos especificos do julgamento anonymo.

Temos visto, com relativa injustiça, o juizo vago das turbas a respeito de João do Norte.

Quando o seu nome sobe á baila, resurte dos commentarios a exclamação:

— Gustavo Barroso, que bello typo de homem! Sahiu agora mais um livro seu... Escreve bem.

Escreve. A sua ultima obra, "Heróes e Bandidos", sae um pouco dos nórmas seguidas pelo autor nas anteriores.

"Praias e vargeas" são chronicas ligeiras, faceis e que se lêm sem nenhuma alta commoção. "Idéas e Palavras" são paginas tambem apressadas.

"Heróes e Bandidos", sem ser um livro definitivo e sem possuir os meritos que lhe vêm sendo emprestados, é, como documento da vida do sertanejo do nordéste brasileiro, bastante curioso. O estylo do Sr. Gustavo Barroso não tem nem originalidade nem relevo. A linguagem corre-lhe sem esforços e com serena correcção. A monotonia deste systema é, porém, depois de certo numero de paginas, enervante. Falta-lhe a sensibilidade particular que pessoalisa o estylo de um escriptor. Dahi a ausencia de "nuances" e de delicadezas, quando o Sr. João do Norte descreve uma paizagem ou traduz as suas emoções. Dahi tambem, na construcção dos periodos, os parallelismos que se succedem de principio a fim. As phrases se encadeiam automaticamente e chocam-se sem nenhum ovimento.

Em "Heróes e Bandidos", livro de informações e de narração de habitos do sertanejo, estas falhas não sobresaem tanto quanto nas outras obras do escriptor.

Isto quer dizer que o Sr. Gustavo Barroso deve, de preferencia, dedicar-se a livros deste genero, que são de indiscutivel utilidade.

Não é que os seus estudos sejam profundos, mas é que concorrem para a vulgarisação dos nossos habitos regionaes, no que elles têm de pittoresco e interessante.

A primeira parte de "Heróes e Bandidos", em que o autor pretendeu perscrutar as causas do banditismo do sertanejo do nordéste, é, assim, menos curiosa do que a segunda. O Sr. Gustavo Barroso, ahi, abusa das citações, que enxameiam nestes trechos do livro.

As chronicas da segunda parte tem maior interesse, porque nellas são dadas impressões sobre typos de bandidos, pouco conhecidos do Brasil que lê.

Numa rapida noticia, escripta após a leitura de "Heróes e Bandidos", e na exiguidade de espaço que nos é permittido, não nos podemos alongar em mais detalhada analyse sobre a obra que o Sr. Gustavo Barroso acaba de publicar e que tem merecido da critica indigena grandes elogios.

Por isso, a ligeireza das nossas impressões pouca attenção merecerá do autor, que é um victorioso na literatura nacional, já com a possibilidade, annunciada pelos amigos, de penetrar no seio pacifico da immortalidade do Syllogeu...

M. M.

155 "Fon-Fon" - 8-Set.º 1917

Zumbidos

Creio não ter havido ninguem no Brasil, de boa intenção, de boa vontade e regular intelligencia, que não tenha batido palmas á prodigiosa campanha de Olavo Bilac em pról do reerguimento do espirito nacional. E o seu enthusiasmo despertou muitos enthusiasmos latentes.

Um daquelles que mais vibraram com o appello electrisante do poeta foi o illustre homem de lettras alagoano Carlos Pontes, que sobre a acção de Bilac fez uma erudita e bella conferencia no theatro Deodoro, em Maceió, na data do anniversario da morte de Floriano Peixoto. O conferencista mostra, na primeira parte do seu trabalho, o exemplo de patriotismo e civismo que foi a vida do Marechal de Ferro. Na segunda falla do grande poeta, que resuscitou nas prosaicas eras que correm, pelo poder de fascinação do seu genio, o papel dos rapshodos hellenos, dos vates indús, dos escaldes normandos, dos bardos celtas, dos troveiros medievaes, dos piagas indigenas, dos pifanos gascões, dos cantores klephtas, de todos aquelles que levam pelo encanto da arte os agrupamentos de homens aos feitos heroicos.

"Fon-Fon"
29-Set.º 1917

Zumbidos

Na montra duma rica e importante casa de fructas da nossa Avenida, vi um destes dias algumas garrafas escuras e grandes com um distico em lettras vermelhas — Malvasia. Indaguei do caixeiro e sube ser uma especie de vinho do Porto, fabricado nas ilhas portuguezas.

Então, insensivelmente, fui levado a pensar na decadencia dos nomes, das palavras, da sua significação, decadencia tão grande como a dos homens, dos imperios e das civilisações...

O vinho de Malvasia, assim chamado porque o fabricavam na villa encantadora de Monemvasia, na Grecia. Fez as delicias dos repastos gregos e durante a idade-media alegrou a apartada vida dos senhores feudaes nos seus solares. Era o condimento obrigatorio das festas em que se dansava a *pól granada* e se ouviam os tocadores de guzla moirisca e os troveiros de bom e máu trovar. Em Bysancio concorria na mesa dos basileus com o afamado Rino Santo, o vinho delicioso da ilha de Santorino. E os seculos passaram. E o seu titulo glorioso e magnifico enrubece-se hoje em dia no peito das garrafas portuguezas...

"Fon-Fon" - 6-Out.º 1917

Garatujas

Pela janella de vidros *biseautés* meudos entrava a luz forte do sol coada através das trepadeiras floridas. Faúlhas de oiro tremiam nas molduras dos quadros de Guignard, onde carneiros rompiam a nevoaça da manhã, e fogachos se accendiam nos tons madreporicos dos vasos de Fünfenkirchen. Cheguei ao balcão, relanceei os olhos pelo arvoredo do parque; depois, voltei-me para dentro e continuando a conversação iniciada na sala de jantar, onde almoçáramos, disse:

— «Não sei onde os governantes da Prussia fôram buscar esse caracter complicado e infame que o mundo inteiro condemna, essas apparencias de brutalidade escondendo a mais profunda dissimulação.»

E Claudio França, após um momento que levou a sorrir, respondeu-me:

— «Li num livro admiravel sobre a politica exterior da França no seculo XVIII, escripto pelo duque de Broglie, a origem do pessimo caracter daquelles que reinam na Allemanha. Elle é proprio da casa de Hohenzollern. Nasceu com o grande eleitor. Creou-se com o rei-sargento. E culminou com Frederico o Grande. Esse tinha gestos de franqueza brutal e ninguem era mais insincero. Ora insinuante e altivo, ora acariciador e agresivo, ninguem passava mais depressa dum estado de espirito a outro; ninguem usava de maior duplicidade; ninguem foi nunca mais tortuoso. Alliado da França, pede seu soccorro contra a Austria, lisongeando-a; porém abandona-a, quando fica de posse da Silesia. Considerava a bôa fé, o cumprimento das promessas, a execução dos tratados, coisas para uso de tolos e faltava a todas essas regras com uma desenvoltura philosophica que era immenso cynismo. Assim, forjou a grandeza da Prussia e é delle que descende o Kaiser actual.»

Garatujas

A' minha frente, na esquina da rua dos Arcos, passou um velho, vestido de preto, apoiado a uma bengala grossa de junco da India com castão de pratra lavrada. Olhei-o e senti que aquelle homem ia por alli, vagarosamente, envolto numa grande tristeza. Tinha os olhos enxutos; por isso não era provavel que ha pouco lhe tivesse acontecido uma desgraça. As suas roupas, as suas joias, discretas e proprias, mostravam que vivia com abastança. O seu aspecto não demonstrava falta de saúde. E porque ia elle assim tão triste, tão triste que a sua tristeza pegava?

Dei algumas passadas e logo á memoria veio a phrase verdadeira de Washington: «Descer a collina cuja altura durante cincoenta annos vi diminuir á minha vista.» Aquelle homem descia a collina e era triste porque se não conformava em descel-a, vendo tanta gente ainda a subir a outra rampa.

Zoadas

Com immensa facilidade de emigrar e se adaptar a novos meios, com inegualavel tenacidade na luta, os cearenses conquistaram o Acre aos indios, aos caucheiros, aos bolivianos, ás feras, e agora estão conquistando o commercio desta nossa querida cidade S. Sebastião.

Homens que explora selvas e igarapés amazonicos, nascidos e creados na soalheira do sertão, montam actualmente grandes casas commerciaes nas melhores vias publicas desta capital, fazendo concurrencia ao tradicional, influente e abastado commercio portuguez. São os japonezes do Brasil. Já o Rio de Janeiro sente a influencia do commercio cearense e dentro de meio seculo elle é muito capaz de ter batido os concurrentes.

A rua do Ouvidor, no trecho comprehendido entre Gonçalves Dias e Quitanda abriga sete firmas cearenses, numero avultado em tão pequeno espaço occupado por grandes casas e de difficil penetração; Casa Colombo, Torre Eiffel, Camisaria Especial, Casa da Estrella, Casa Yankee, A la capitale e uma de artigos para creanças. A' rua Gonçalves Dias existem: Soares Maia, Carneiro e uma perfumaria nova. O largo de S. Francisco, as ruas dos Ourives, do Hospicio, do Rosario, da Quitanda e outras têm casas cearenses. Nos mais remotos bairros cariocas se encontram vendas e armazens com taboletas neste estylo: «Ceará Store». E até nas ruas escuras que circumdam o theatro de S. Pedro ha casas de penhor de cearenses, fazendo concurrencia aos «pregos» extrangeiros.

Dentro de cincoenta annos o commercio carioca será quasi cearense, pois é terrivel em qualquer actividade social o povo tenaz que possue este lemma: «Desgraça pouca é bobagem!»

Parlamentares e diplomatas atiradores

Noticiou a imprensa diaria o facto auspiciosissimo da incorporação, no Tiro 5 (do Leme), de alguns senadores, deputados e diplomatas dos mais distinctos. Verdade é que o proprio ministro Pedro Lessa, egregio magistrado da Suprema Côrte e presidente da Liga da Defesa Nacional, já se inscrevera naquella brilhante sociedade militar; mas, nem por isso, deixou de merecer intensa sympathia e louvor o acto dos illustres representantes do povo e da diplomacia nacional. E não é, portanto, de mais que enviemos a todos os cantos do Brasil, em que a *Revista* é lida, os nomes desses dignos patriotas, cujo nobre exemplo merece imitação e respeito.

Esses nomes são os do senador Rivadavia Corrêa, deputados Gustavo Barroso, Costa Rego, Mendonça Martins e Joaquim Osorio e dos drs. Adolfo Konder, director da secção da Guerra do Ministerio do Exterior, secretario de legação São Clemente e Teixeira Leite, filho, secretario do chanceller Nilo Peçanha.

"Revista da Semana"
6 Out.º 1917

"Fon-Fon" 6 outubro 1917

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1917

Mendigos

Antes que o grande rizo grotesco de Rabelais e a voz ardente de Luthero matassem a idade media, já o povo criticava nas suas canções e nos seus rondeis o guerreiro, o padre e todos os outros typos daquella epoca. Os artistas esculpiam no marmore das cathedraes as caricaturas dos abbades e das freiras. Os troveiros cantavam as coplas do Romance da Raposa que mofavam do rei e dos nobres, dos soldados e dos clerigos. E nos «mysterios» que se representavam nas feiras as satyras ainda eram mais perversas.

Nesse tempo, campos e cidades se enchiam de maltrapilhos esmolando, de mendigos falsos, de vagabundos esmulambados, todos roubando quando podiam ou aproveitando o sobejo dos saques das «brancas companhias», dos «esfoladores» e dos «armagnacs».

Essa mendicidade revoltante e perniciosa, que, nos bairros suspeitos de Paris, elegêra o Rei dos Truões, era acerbamente motejada numa comedia de feira intitulada o Mysterio do Bom São Martinho.

Tal santo tinha por costume curar todos os aleijados, dar vista a todos os cégos, sarar todos os ferimentos, vestir todos os esfarrapados. Onde chegava, porém, não o cercava a gratidão dos pobres e sim o seu odio terrivel, porque elle os impedia de ganhar a vida, acabando com o seu aspecto triste e miseravel. Assim, fugiam á sua approximação os truões e os *gueux* como o diabo foge da cruz. Não queriam ser curados ou vestidos contra a vontade e detestavam o santo homem que os prohibia de viver *en gueuserie*.

No tal «mysterio», um côxo trepa aos hombros dum cégo, para mais depressa fugirem de São Martinho, e travam este dialogo, curioso, verdadeiro e singelo nas suas expressões do velho francez:

— Cours tost, cours tost, sans arrester!

— Je ne te puis plus soutenir!

— Tu as grand envie de guarir, je le vois trop bien maintenant.

— Non, sir, par mon serment, guarir ne voudroye jamais....

Mas o grande Martinho os alcança e pespega-lhes com a cura. Os dois, vendo e andando, cobertos de gibões novos, porém desolados por perderem o seu bom meio de vida, disputam:

— Ha! maugré bien, je vois tout clair.

— De mes pieds, je puis bien aller.

— De par le diable! je suis guari.

— Tu l'avois bien veu venir cy!

— Ordoux, paillard, villain, truand!

— Bellistre, villain et meschant!

Na minha memoria acordou a reminiscencia dessa critica á mendicidade medieval, quando acabei de ler as notas dos jornaes referentes á campanha da policia e da prefeitura contra os mendigos do Rio, que transformam esta bella cidade num arraial em tempo de novenas, e são, na maioria, fingidos, vagabundos, preguiçosos e exploradores.

Lembrei-me, então, de aconselhar ao sr. Aurelino Leal e ao sr. Amaro Cavalcanti que, ao envez de perderem tempo com providencias que pouco resultados dão, arranjem um santo qualquer que dê vista aos cégos, movimento aos estropiados, roupas aos semi-núS. Se esse novo São Martinho surgir um dia na Avenida, todos esses pedidores de esmola darão ás de Villa Diogo...

Jotaenne

"Fon-Fon" - 6 - Outº/917

Gatafunhos

A tarde estava deliciosa. Um nevoeiro avelludado escondia os cerros vermelhos da Bôa Viagem e azulava o recorte do pico de Santa Cruz. Para o lado da Gloria raios de sol faúlhavam numa claraboia entre dois cyprestes esguios. E mais adiante avultava no oiro da luz o morro do Castello coroado de oitões vermelhos. No mar arroxeado, aqui, alli palhetado de fogo, negrejava o vulto forte dum cruzador americano. E no ar andava um perfume de romã madura.

Passavam, repassavam pela praia automoveis cheios de mulheres com vestidos claros, a rir. Ao meu lado, um amigo commentava o luxo inconsciente dos parvenus e dizia da sua tristeza ao senitr que o Brasil estava perdido... Eu sorri e murmurei aquellas profundas palavras do puritano Saint John, contemporaneo de Cromwell:

«E' preciso que as coisas peiorem afim de melhorarem.»

"Revista da Semana" - 6 - Outº - 1917 (Cujo numero de Independencia appareceu com esplendida e brilhante capa)

157

"Correio da Manhã" - 15 de Outubro de 1917

CHRONICA LITERARIA

GUSTAVO BARROSO
— *Heróes e bandidos* —
— (1917).

O autor firmou-se em nossa literatura com o livro *Terra de sol* onde se revelava conhecedor profundo de todo o sertão brasileiro de nordéste. *Heróes e Bandidos* é a particularização do mais caracteristico aspecto da terra de sol, consequencia humana do aspecto geographico determinante.

O livro se divide em duas partes: *Coisas* e *typos*. Na primeira, procura o escriptor cearense apontar os factores cosmicos e sociaes do banditismo sertanejo. Recorre a similes e theorias, vale-se de autores e documentos, observações proprias e alheias conseguindo um quadro exacto mas confuso dessas coisas.

Gustavo Barroso procurou basear o estudo em sociologos e criminalistas, revelando a maior probidade na execução do seu programma. Faltou-lhe, precisamente, a sciencia da moderna geographia e o conhecimento do methodo da escola de Le Play e Tourville. Esse methodo já foi, aliás, preconizado entre nós por Sylvio Romero e, embora em mais de um ponto eu me afaste da *nomenclatura* de Tourville e me opponha em muita coisa ás conclusões sociaes da escola, reconheço-o como o esforço mais admiravel de systematização sociologica até agora feito.

Si Gustavo Barroso tivesse noticia dos trabalhos da *Science Sociale* não teria escripto: "As leis que concatenam as coisas e factos e pelas quaes se manifestam aquelles de que vamos tratar, certamente existem, mas são ainda desconhecidas".

Não; essas leis estão perfeitamente conhecidas.

O trabalho consistiria, apenas em applicar ao nordéste brasileiro o methodo de investigação que Demolins applicou, por exemplo, á Hylœa amazonica, no seu livro *Comment la route crée le type social*. No mesmo livro, para não descer ás monographias publicadas pela *Science sociale*, poderia vêr a caracterização do typo albanez, com o qual os cangaceiros têm mais de uma semelhança. Tendo percorrido a zona do cangaço o autor ter-nos-ia dado o livro definitivo e palpitante que lhe saiu da penna um pouco desbotado nesta primeira parte. Porque não fazel-o em segunda edição? Tenho certeza de que, amparado nesse methodo de pesquiza, não se verá constrangido a "expôr dados geraes, esmiuçar os moveis, examinar o meio fisico e moral, mostrar causas apparentes e remotas, alinhar episodios e commental-os".

Aliás, vejo dispersas e baralhadas as linhas principaes do quadro verdadeiro. Falta coordenar isso num todo logico e completar certas lacunas, trabalho facil para o talento assimilador e perspicaz do sr. Barroso.

Lembro-lhe, *data venia*, uma distincção que me parece indispensavel: exame das causas productoras do banditismo e exame das causas *mantenedoras* delle.

Estas ultimas vêm reveladas summariamente, mas importaria descer a pormenores e saliental-as bem.

Tenho que, no estado de desenvolvimento do Brasil, a endemia bandoleira é crime dos governos.

Esse crime se objectiva por diversos modos e no norte do Brasil assume proporções incriveis. O maior factor de persistencia do banditismo é a *situação intoleravel da classe trabalhadora*.

Já Tobias Barreto, no seu *Discurso em mangas de camisa*, patenteava essa miseria exemplificando com a cidade da Escada. Dizia assim: "Para as vinte mil cabeças da população do termo, esta cidade contribue com tres mil, pouco mais ou menos. Sobre estas tres mil almas, ou melhor, sobre estes tres mil ventres é probabilissimo o seguinte calculo: 90 °|° de necessitados, quasi indigentes; 8 °|° dos que vivem soffrivelmente; 1 1|2 °|° dos que vivem bem; 1|2 °|° de ricos em relação". E depois de assignalar esse pauperismo accrescenta: "Nesta conjunctura que faz o Estado, que faz a provincia, que faz o municipio em favor da população, para diminuir-lhe os obstaculos e facilitar-lhe o trabalho? Nada mais nem menos do que, sobre o costado da besta, já caida de fadiga, arrumar mais alguns kilos, afim de ajudal-a a erguer-se. O Estado e a provincia sugam annualmente deste municipio, sem falar de outros canaes, e só do que corre pelas duas collectorias, de 25 a 30 contos de réis. Eis o que vae no refluxo. Vejamos agora o que vem no fluxo: 10 °|° dessa quantia que se gasta com a magra instrucção publica; 15 °|° com a justiça e seus appendices: 20 °|° com a policia..." E Tobias Barreto chamando a attenção para a inutilidade dessa quantia e a ruindade do serviço, observava que "o dispendio feito com as escolas desta cidade é muito inferior ao que se faz com a policia: signal evidente de atrazo intellectual".

Ora, isso na cidade; calcule-se no interior! O proprio dr. Gustavo Barroso assignala a vergonha do analphabetismo no sertão. Mas não me lembra ter-lhe visto nenhuma referencia ao estado do trabalhador dos engenhos e das roças.

E' a mais verdadeira e peor escravidão: a do *salariato sem direitos*. Nesse regimen o salario imposto pelo patrão chega ao minimo possivel, ao extremo limite do comer para não morrer. O lavrador da canna nas regiões riquissimas de Alagôas e Pernambuco, trabalhando ao sol e á chuva, no eito, ganha, *a secco*, para alimentar-se, vestir-se e crear os filhos, quando o assucar se vende pelos altissimos preços do anno passado, apenas *dez tostões*. As mulheres ganham seiscentos réis e os meninos, no maximo, quatrocentos. São generosissimos os que pagam *mil e duzentos!*

E', como se vê, a exploração organizada. A ninguem mais que ao trabalhador do norte, assucareiro, algodoeiro ou seringueiro, se adaptam as lamentações duras do lenhador da fabula de La Fontaine. Pesam sobre aquelles braços rijos e desgraçados o governo federal, o governo estadual, o senhor de engenho, o mandão politico, o homem do *barracão*, todos os parasitas de uma sociedade sem organização, pedantesca e futil.

Para o trabalhador estrangeiro ha leis, fiscalização, imprensa, contractos. Para o nacional, mormente o do norte, ha o *senhor de engenho* com o *tronco*.

Um homem que tenha genio altivo e coragem, nesse meio, faz-se bandido. Os bandidos de nordeste são o que ha de melhor na alma brasileira: *o elemento que se revolta*.

O banditismo é a rebeldia instinctiva de almas brutas e sãs.

Mas elles matam! Nunca mataram tão de plano, tão friamente, tão ambiciosamente, tão infamemente, em tão larga escala, como hoje se entrematam, se enneassassinam os superovilizados allemães e inglezes, russos e francezes, americanos e turcos, italianos e bulgaros, rumenos e portuguezes. E' o banditismo a canhão!

O sr. Barroso mostra que o cangaceiro nunca mata para roubar. Os europeus de hoje matam-se para se roubarem; um quer isto, outro quer aquillo, terras ou mercados, o que chamam cynicamente *compensações*. A historia da Inglaterra é a biographia de um grande bandido internacional, que surgiu com o pirata Drake subvencionado pela rainha Izabel. Quando o sr. Ruy Barbosa tece hymnos á Britannia, ergue hosannas inconscientes a um corsario feliz.

Para os inglezes, palmas, para os cangaceiros, baldões e balas. Foi o que tivemos para os jagunços de Canudos e para os fanaticos do Contestado.

O unico meio de extinguir o banditismo é: *abrir estradas, plantar ensinar*. Que faz o governo? Abre linhas de tiro, planta o militarismo, e ensina a matar.

Os trabalhadores brasileiros offerecem-se, aqui no Rio, para collaborar na obra de organização do trabalho brasileiro, indicam, em duas representações ao congresso e ao presidente da Republica, os meios que acham mais seguros para chegarmos á independencia economica. Que resposta obtem?

A resposta foi-lhes dada pelo sr. chefe de policia, o dr. Aurelino Leal, e pelo governo plutocrata de S. Paulo.

Ambos mancommunados tem provocado o mais que podem os trabalhadores nacionaes e estrangeiros, perseguindo-os, illudindo-os, affrontando-os nas manifestações grevistas consequentes á miseria que os affige.

O sr. Aurelino, como pretexto, descobriu que todos elles são anarchistas perigosos. Para elles expulsão ou cadeia.

E esse cavalheiro que ignora radicalmente a significação da palavra *anarchia* e a situação do anarchismo no Brasil, fornece informações falsas aos tribunaes e commette os maiores abusos, impunemente.

Isto, aqui. No interior não ha meias medidas.

O livro do sr. Barroso devia ser um grito angustiado de reivindicação para os matutos espesinhados. Ha nelle um topico que me vem á memoria continuamente. E' a resposta de um cangaceiro a certo escrivão que supplicava não lhe queimasse os archivos do cartorio:

"Queimem! disse elle aos seus. Ahi dentro é que está a velhacada!" Eis o sentimento delles com o governo.

A sociedade para elles é uma *velhacada*, isto é, o roubo organizado contra elles, os braços que trabalham. Esse bandido genial usou de uma formula profunda, comprehendeu de um impeto toda a infamia social, dilatada pelos maiores anarchistas: Kropotkine ou Reclus.

A segunda parte do livro conta historias de bandidos e desenha os typos mais celebrizados na epopéa sertanista.

O estylo do sr. Barroso tem melhorado consideravelmente, faltando-lhe ainda os toques vivos e o sentimento reivindicador que são a gloria de Euclydes. Ha certa preoccupação de fazer estylo (ex. p. 186) que prejudica a simplicidade da narração: mas o progresso é grande e o sr. Barroso ha de tornar-se em breve um dos nossos perfeitos escriptores.

Na linguagem, bôa em geral, ha descuidos inexplicaveis.

O livro é a maior tentativa de estudo do sertão cearense.

José Oiticica.

158 "Correio Paulistano" 12 Outubro 1917

A dança macabra

(JOAO DO NORTE)

Nos tempos heroicos, os grandes exercitos que marchavam para a conquista do Egypto ou o esmagamento das pequenas nações gregas, sob o azorrague, traziam comsigo a devastação e as pestes; porém os horrores que praticavam não eram sufficientes para desequilibrar o systema nervoso das victimas de sua bruteza e ferocidade.

Segundo narram os escriptores classicos, a propria epilepsia não era muito commum entre essas legiões incontaveis, e, como é symptomatica de enfermidade ou defeito do encephalo, não se propagava. Quando simples archeiros ou guardas das bestas de carga, movidos pela doença hereditaria, estorcegavam no duro chão dos acampamentos, dizia-se que aquillo lhes viera do abuso da carne de cabra; mas, quando o epileptico era um degenerado de grande raça, como Cambyses, os medicos phenicios e gregos falavam com respeito no mal sagrado, o **morbus sacer** dos latinos.

As guerras de Roma, as perseguições aos christãos e as proprias invasões dos barbaros, amaninhando terras, derrocando imperios, subvertendo civilizações, não foram sufficientemente crueis para despertarem nos povos graves perturbações sensoriaes.

E' que todos esses flagellos foram mais ou menos rapidos. A dôr não demorou tempo bastante para crear o cançaço de soffrer.

Mas veiu a edade-média e os soffrimentos dos homens augmentaram, como augmentaram as trevas de sua ignorancia. A Europa era um chaos. Os seculos passavam, vagarosamente, como todos os tempos ruins: e cada qual trazia o seu flagicio. Ora a fome lavrava do oriente ao occidente; ora as epidemias dizimavam a arraia-miuda dos burgos e das provincias; ora as guerras continuas, impiedosas, ceifavam os homens validos, empobreciam os campos e arruinavam as cidades. Calamidades despejavam-se umas sobre outras, e as gentes não encontravam remedios aos seus innumeros males. Todos os esforços eram vãos. Expressiva de angustiosa resignação a phrase de um chronista da época, o freire Raul Glaber: "Tudo em vão, porque não ha outro refugio contra a vingança de Deus sinão Deus mesmo." Comtudo, Deus não se cançava de fustigar os povos! O quadro da vida era negro. Os camponios explorados e roubados, sem saude, sem abrigo e sem pão, roiam raizes, mastigavam folhas, comiam bichos immundos, atiravam-se aos viandantes como cannibaes, e devoravam cadaveres. Emilio Gebhart conta cousas ainda mais horriveis...

E nessa desolação havia um paiz mais desolado, mais infeliz que os outros, onde se iam chocar as ambições contrarias das nações e explodiam as grandes luctas religiosas: a Italia, que o seu maior poeta chama "Hospedaria da dôr", para mostrar o longo tempo que o soffrimento ali demorava.

Os planos diabolicos de Pedro das Vinhas atiravam sobre as risonhas planicies do Tessino e do Pó os lansquenetes ferozes de Frederico II, esse "Rei de pestilencia", conforme dizia o papa Gregorio IX, nas suas encyclicas. A casa de Aragão, cobiçosa e perfida, apoiada na Sicilia, de quando a quando amostrava as unhas. Dos Alpes, desciam os soldados dos Valois e Orleans, com a gana do saque e a **furia francese**. As cidades maritimas viviam expostas aos falconetes dos piratas, á maneira de Barbarôxa e Cacciadiavolo. As montanhas se enchiam de exilados e bandidos. As estradas estavam inçadas de **buli** e as viellas de **bravi** e **spadassini**. Mercenarios esclavonios e centenas de **condottieri** apavoravam os pobres lavradores e os burguezes medrosos. Facções e facciosos, tyrannos e assassinos, dominavam as cidades. Não havia razão nem direito. O paiz se cobria de luto e sangue. A vida era uma aventura. E quasi se não póde explicar como á sombra de tanta maldição floresciam e fructificavam todos os esplendores da arte.

Na "Hospedaria da dôr", primeiro surgiram em grande escala os desequilibrios nervosos das multidões submettidas a alta pressão dos sentidos pelo terror e pela fome. As miserias e medos da guerra dos cem annos tinham causado em França a dança de S. Guido, de que nos fala Michelet. As grandes epidemias, conforme elle assevera, ceifavam aldeias, cidades inteiras. Raros os sobreviventes e esses traziam do choque nervoso resentido a consequencia fatal; a dança de S. Guido, que se transmittia com assombrosa rapidez. Mas o phenomeno não se manifestou tão forte e fartamente como na patria de Dante.

Lá, os terriveis abalos cerebraes produziam essas convulsões choreographicas em milhares de pessoas. E o aspecto de muitos individuos atacados do tremor dançante bastava para que este se transmittisse a quasi todos que o viam. Explica o doutor Marchand, no seu "Manual de neurologia", que a choréa de Huntington ou chronica é de natureza hereditaria, mas a choréa simples tem por causa as emoções fortes e a imitação involuntaria. Nada mais contagioso.

Esses corpos cheios de convulsões e vertigens guardavam almas de vertigens e convulsões cheias. O desespero era a musica da sua dança e nascia duma grande tempestade tristissima dos dançarinos neyroticos:

"Sadios e doentes, todos dançavam. Eram vistos nas egrejas e ruas, segurarem-se violentamente pelas mãos e formarem circulos. Aquelle que, ao principio, ria e olhava friamente a dança, acabava por sentir a vista turva, a cabeça tonta e, por fim, corria a dançar como os outros. Os circulos iam multiplicando-se, enlaçando-se; ornavam-se cada vez mais cegos, rapidos, furiosos, turbilhonantes como immensos reptis, que, de minuto a minuto, augmentassem, torcendo-se."

Na Italia se chamou a essa epidemia o "mazuco" e della morreu, numa camara heraldicamente baldaquinada, em Burgos, o archiduque Felippe da Austria. Foi mais violenta do que em qualquer outra parte. Convulsionarios havia que se atiravam pelas janellas, que se lançavam nos poços de cabeça para baixo ou se despejavam nas aguas dos rios. Exercitos, em pleno saque, tinham a dança contagiosa. Terços e companhias corriam pelas ruas, dançando febrilmente, com as partazanas retinindo sobre as hombreiras de ferro e as rapieiras retinlintando de encontro aos coxotes de aço. Os padres aspergiam de agua benta esses infelizes, julgando-os possuidos pelo demonio.

A arte se inspirou na choréa sinistra. Cada egreja teve o seu quadro, o seu triptico, o seu baixo relevo: a dança macabra, a dança dos ossos. Saint-Saens, com a sua "Danse macabre", não é mais do que um continuador dos musicos mediévos. Em muitos retabulos e pinturas, a dança dos mortos, inspirada na epidemia terrivel, elevou-se ao papel de caricatura e de satira.

Holbein fez o "Theatrum Mortis" e o "Alphabeto da Morte", creando em Basiléa uma eterna maravilha. Em Ruão, na egreja de S. Maclon, engenhosos artistas pintaram e esculpiram uma allegoria ingenua, inspirada na choréa da guerra dos cem annos.

Passada, no emtanto, essa época de desesperança e dôr, nunca mais se cuidou pudesse reapparecer o "mazuco", e a humanidade esqueceu as rondas pavorosas, que iam pelas betesgas e adros, por andurriaes e semeadeiros, sol a pino ou luar funereo, cantando, rindo e soluçando, a dançar freneticamente de mãos dadas até rolar pelas ribanceiras dos arroios ou tombar nas buraqueiras das landes.

159

Ninguem pensava que grandes dôres d. morassem de novo muito tempo á face da terra...

Entretanto, renasceu a choréa tragica. A guerra actual é um inferno, tão grande, sinão maior, que o da guerra dos cem annos e das luctas sem treguas entre guelfos e gibelinos. Muitas almas não resistem á atmosphera de angustia e morte das trincheiras, ao lento perpassar das horas ouvindo o methodico disparar dos tiros de barragem, o pipocar de metralhadoras e granadas, o ruido das sapas, o chiar das automnas radiographicas, as detonações formidaveis dos grandes canhões; sentindo o cheiro de sangue dos postos de soccorro e o acre odor dos gazes asphyxiantes que se avizinham em grandes nuvens lentas; vendo os combates nos ares e as parabolas fumacentas dos obuzes e o andar balanceado dos **tanks**; sempre á espera da morte e a presenciar a morte, sob a influencia do sentimento de que um grande terremoto abala os fundamentos da civilização. O meio alimenta e dá corpo á tensão nervosa e o phenomeno vem se preparando devagarinho, até que explode. Como cordas dum instrumento, desafinam-se os nervos; surge a horrorosa, lugubre e fatal dança de S. Guido.

Já se contam por milhares os casos verificados nos hospitaes de sangue e nas proprias linhas de frente, no occidente europeu. Entre as grandes perturbações nervosas dos soldados feridos ou que ficaram mezes seguidos nas trincheiras: perda de memoria, esquecimento de movimentos, inacções, imbecilidade, vêm os tics nervosos exaggerados e, em aumero de casos cada dia maior, a dança de S. Guido.

Não valeu a pena tanto progresso no mundo, para se chegar a dolorosos resultados assim. E' horrivel vêr brotar de novo o "mazuco" medievo! Esperemos, ao menos como triste consolação, o effeito da nova dança nervosa no vasto campo da arte. Deve ser grande, bem grande, porque a humanidade nunca dançou mais terrivel dança macabra!

João do Norte

"Correio Paulistano" - 11 de Outubro de 1917

Quem tem assistido nestes ultimos tempos á instituição, quasi diaria, de um novo melhoramento na parte editorial desta folha, já com a conquista de brilhantes collaboradores, que são nomes que honram e orgulham não só estas columnas, como a cultura nacional, já com o desenvolvimento de varias secções informativas, em particular a telegraphica, que por uma feliz combinação é, modestia á parte, interessante e completa; quem tem posto reparo em tudo isso, ha de reconhecer, por força, o empenho que estamos empregando no sentido de elevar o jornal á altura dos seus leitores, sem poupar sacrificios nem despesas.

Além do quasi todos os nossos antigos collaboradores, que marcaram com uma esteira de inegualavel brilho a sua passagem pelo "Correio Paulistano", e além de outros ora convidados, começará amanhã a illuminal-o o espirito fino e original de João do Norte, pseudonymo que mal esconde o illustre deputado pelo Ceará, Gustavo Barroso, ductil enfibratura que se desdobra, com egual capacidade e elevação, na politica e nas letras.

Dispensa, pois, o nosso novo collaborador, pelo prestigio de que já gosa, recommendações ou elogios.

"A Razão" - 15 Outubro 1917 (artigo de Paulo Silveira)

PROSA LITERARIA

"IDEAS E PALAVRAS" - GUSTAVO BARROSO

Mais um livro de Gustavo Barroso.

Depois da "Terra do Sol" temos uma producção mesclada de ligeiros estudos, pequenos apanhados sobre varios assumtos interessantes. Não era um livro para tir vindo após o que escreveu sobre o Ceará. Mas, emfim, é um livro de leitura amena, que prende, sem fatigar a attenção do leitor. Está se vendo que a maioria dos artigos que elle escreveu, foram feitos ás pressas, na mesa das redacções, não querendo o seu autor demorar-se em locubrações para produzir.

O que mais agrada o leitor nas obras de Gustavo é o seu estylo claro, sem missangas inuteis, que deslisa calmo pelas paginas que vamos folheando, até chegar ao fim, sem cansar nem ter o cerebro arranhado por asperezas, tão communs em certos arrebitados cultores das lettras indigenas.

Elle escreve naturalmente. Sabe dizer com elegancia simples o que pensa, não embrulhando as idéas em phrases empoladas, quasi sempre verdadeiros enigmas sem chave.

O que falta ao autor das "Idéas e Palavras" para armal-o definitivamente um perfeito cavalheiro das lettras é uma grande dóse de emoção.

Falta-lhe qualquel cousa de humano. Nas suas palavras, precisava haver vibrações sentimentos. O seu estylo, justo esfarinhadamente secco, "photographa" com habilidade todos os quadros da vida, mas, não os anima com o sopro vital que agita a carne para a suprema belleza. E' um escriptor que consegue interessar pela habilidade com que sabe descrever o assumpto. Mas, é uma machina de escrever. Assim como a pianola não consegue imprimir no teclado a alma do artista, executando, entretanto, technicamente bem, a penna de João do Norte, é uma penna mechanica, sobre a qual, não actuam as emoções humanas. E' perfeita, mas é artificial.

Não quero dizer qud com esse defeito, elle seja um autor secundario, não. Raros, muito raros são os autores nossos que escrevem como elle.

"Idéas e palavras" não é um livro de folego. E' uma collectanea de artigos que foram feitos ao sabor da opportunidade e que nem por isso deixam de ter certo interesse para quem os lê.

Ha, por exemplo, paginas varias escriptas sobre politica internacional, feitas durante a guerra balkanica que demonstram ser Gustavo Barroso um entendido em assumptos internacionaes. Elle já previa a conflagração, como a consequencia natural daquella luta.

Portanto, o livro de Gustavo Barroso merece ser lido. Não toma tempo a ninguem. Instrue e distrahe.

"Fon-Fon" - 13 - Outubro - 1917

Gatafunhos

Naquella roda erudita e distincta alguem lembrou Santa Helena e algumas passagens do Memorial de Las Cases humedecidas, pódese assim dizer, pelas lagrimas de Napoleão. E um dos presentes exclamou:

— « Napoleão era muito sensivel e ninguem se emocionava tanto quanto elle, sincera e profundamente. »

Então, Claudio França rebateu esse enthusiasmo:

— « Napoleão era theatral e frio. A sua emoção era tão calculada quanto as suas batalhas. Eu não posso acreditar na sensibilidade do homem que dizia a Metternich, durante as negociações de 1813: — « Não sabeis o que é um soldado. Para mim, a vida dum milhão de homens vale tanto quanto um fiapo de palha. » E não posso crer na sinceridade daquelle que dizia ao filho mais velho da rainha Hortensia, na mesa de almoço das Tulherias: «A tua educação ainda não está completa: não sabes dissimular. »

"Epoca" - 10 - Novembro - 1917

A instituição do "Dia do Soldado"

Duas palavras com o deputado Gustavo Barroso

Em rapida palestra com o deputado Gustavo Barroso, na Camara, perguntámos-lhe sobre a origem da sua idéa de crear, no Brazil, o dia destinado ao soldado brazileiro.

S. ex. assim se exprimiu:

— O governo já adoptára o dia commemorativo da bandeira e a Municipalidade instituira o dia da creança. Lembrei-me, então, de estabelecer em lei o dia do soldado, no qual se realisarão festas militares, se melhorará o rancho nos quarteis e se dará, com essa distincção, um novo estimulo ao nosso "troupier".

— Acredita **v. ex. nos** resultados beneficos da sua idéa?

— Creio que serão grandes. Todas essas festas e commemorações contribuem muito mais do que se pensa para o desenvolvimento do patriotismo publico e incitam o zelo dos soldado.

A prova de que taes commemorações muito influem no animo das nacionalidades está no facto de ter, nestes dias, o rei da Inglaterra instituido o "dia da oração".

Nesse dia, toda a população da Grã-Bretanha e nas colonias realisa preces publicas e particulares em pról da victoria das armas alliadas. E o governo democratico dos Estados Unidos seguiu o exemplo inglez.

No dia determinado pela lei, todos os habitantes da grande Republica, de qualquer religião, rezam, supplicando o triumpho completo dos exercitos da "Entente".

O que se nota no mundo religioso dos paizes anglo-saxonicos se repete, sob outra fórma, nos paizes latinos, onde já se fazem commemorações identicas em varios dias do anno.

Apresentando meu projecto da creação do "dia do soldado", acredito ter tentado prestar um humilde serviço ao meu paiz.

"Jornal do Com.º" 1ª vinha - 11 de nov.º de 1917

Foi certamente esse pensamento patriotico que fez resurgir a idéa da grande missão para o Exercito, afim de que se canalise e aproveite o vehemente surto da renascença militar do paiz. Na Camara essa aspiração encontrou um éco muito sympathico e determinou um projecto que já está com parecer favoravel do respectivo relator Sr. Deputado Gustavo Barroso. O representante cearense demonstrou com argumentos incisivos a necessidade inadiavel da medida de que se trata e formulou um substitutivo que não póde deixar de ser aceito pelos seus pares.

"O Tempo" - Manaus - 4 - nov.º 917

DR. GUSTAVO BARROSO

(JOÃO DO NORTE)

Deste primoroso escriptor e illustre deputado federal pelo Ceará, recebemos uma carta muito attenciosa a proposito do que dissemos do seu magnifico livro "Idéas e Palavras".

Nada tem que agradecer-nos quem, pelo seu brilhantissimo talento, tem direito á admiração de todos os que apreciam as bôas letras.

Teve João do Norte a gentileza de enviar-nos o seu novo livro "Heróes e Bandidos".

Para avaliar o merito desta obra bastará dizer que a primeira edição ficou exgotada, no Rio, em pouco mais de um mez, estando a ser impressa a segunda edição.

Leremos o novo trabalho, com a attenção que o auctor nos merece, para transmittirmos impressões aos nossos leitores; e ao dr. Gustavo Barroso, agradecemos as suas gestilezas, consequencias fidalgas da sua primorosa educação e da velha amizade, de que muito e muito nos orgulhamos.

"Rua" - 13 de novembro de 1917

O deputado Gustavo Barroso. O parecer do deputado cearense sobre o projecto Mauricio justifica plenamente a necessidade da grande missão

"Correio da Manhã" - 7 - 11 - 917

As autoridades do 5º districto apprehenderam hontem uma espada, pertencente ao deputado Gustavo Barroso, que a havia deixado guardada no "bar" da Brahma na tarde do dia em que aquella casa foi assaltada pelos manifestantes contra o germanismo.

A espada foi mandada entregar áquelle deputado em sua residencia.

"Correio Paulistano" 27 de novembro de 1917
S. Paulo

O cyclo dos bandeirantes

(João do Norte)

No acervo rico do folk-lore brasileiro, é necessario reunir num cyclo as lendas oriundas dos colonizadores, lendas de penetração, que symbolizam os perigos das florestas virgens, as agruras das serranias immensas, o deserto das planuras, o desconhecido das chapadas, com as féras a vagar famintas, uivando.

Todas ellas pódem ser reunidas num cyclo, porque todas tendem para um mesmo fim e partem do littoral para o interior. E esse cyclo deve ser denominado "cyclo dos bandeirantes".

Foram elles — os grandes heróes paulistas — os denodados exploradores dos sertões, homens rudos, affeitos á dura vida dos campos sertanejos, que romperam as florestas seculares, luctando com o aborigene, com o clima e com as bestas ferozes; que atravessaram geraes e pampas e taboleirões ao galope ligeiro dos cavallos ardegos ou a passo moroso, paciente, incançavel.

Foram elles que exploraram a aspereza das montanhas, subiram as rampas resvaladias, grimparam de rastos pelos alcantis, dormiram a beira dos precipicios, passaram os largos rios a nado e as torrentes estreitas, espumejantes, roncando raivosamente entre paredes ingremes de gargantas esconsas, em pontes pensis de cipós, que balouçavam ao vento.

Escalaram as ribanceiras com os punhaes nos dentes, os punhos sangrando, o rosto avermelhado pelas urtigas. Atravessaram as catingas e varzeas de chifarotes nús, rasgados pelos espinhos, olhos afusilando á espera das luctas.

A' noite, quando fechavam as palpebras lassas, enrodilhados nas mantas remendadas, ao pé das fogueiras, um ficava atalaiando o denso negrume do sertão hostil. Subito, um grito esganiçado cortava a tréva. Logo, as corujas caladas se afastavam em vôo rasteiro, os uivos da raposa diminuiam ao longe. E tiniam armas, borborinhava a "bandeira". Os homens se agachavam ás pressas por trás das moitas e das pedras. Relampagos riscavam a escuridão. Estrondava a mosquetaria. E a tribu que rastejara quasi até junto da sentinella, não logrando a chacina da surpresa, escoava-se em fuga sorrateira. Depois, os bandeirantes heroicos reatavam o somno.

Foram creadores e propagadores das lendas brasileiras, attinentes na maioria ao mundo natural, consubstanciadoras dos perigos atravessados, dos temores das regiões desconhecidas, da hostilidade do meio em que pelejaram.

Espalharam de norte a sul, de leste a oeste as que crearam e as que encontraram. Dahi se acharem em todo o Brasil versões semelhantes de lendas identicas. Assim, agiram como uma das mais fortes causas — a mais forte talvez — de nossa incipiente unidade nacional.

As suas lendas são tristes e algumas até sombrias. Representam a natureza, selvagem, aspera, inimiga, do nosso interior naquella época. Não podiam ser alegres, porque são cheias de medos e de luctas em que uma victoria não traz a alegria da terminação dos esforços, do repouso merecido, mas é o inicio duma continuação de penas e combates.

Têm a tristeza da solidão em que se estiram as leguas ermas das savanas, do eterno gemido burityzaes imponentes, do sussurro perenne e melancolico dos carnahubaes immensos, das sombras majestosas das cordilheiras se espreguiçando sobre o tapete verde dos plainos, das negras terras revolvidas das grupiáras, da côr barrenta dos rios enormes que não reflectem o azul do céo.

Têm a tristeza impressionadora das florestas gigantes, onde o homem, amesquinhado ante a natureza portentosa, procura com os olhos a cupola das arvores altissimas. Cerca-o uma multidão de folhas, irrompendo do sólo em brutal explosão de vida, arredondadas, lanceoladas, rendilhadas, finas, pontudas, rebrilhantes como laminas, viscosas como cobras, adversarias de quem passa, atacando-o pelos espinhos, pelas sécreções, pelas serrilhas, pela jussára. Lianas pendem em fios tristes, reunem arvores como lios grossos, abraçam-se aos troncos musgosos, sobem pelos galhos, galgam os cumes dos gigantes vegetaes, das perobas, dos jequitibás, das samau'mas, dos ipês, enrodilham-se entrecruzam-se, entrelaçam-se. Nas tronqueiras vetustas, carcomidas, as orchidéas, as jytiranas desatam os cachos arroxeados. Cobrem o chão a relva basta, as moitas crespas, galhos e folhas mortas. Aqui, ali, alumiam marneis, onde as folhiças apodrecem entre a espuma dos sapos e o lento mexer das cobras d'agua.

Naquella majestade de cathedral, os ruidos são mais tristes que o silencio completo. Geme um galho rouçando noutro. O martellar isochronico do pica-páu enerva. Ha mil silvos quasi imperceptiveis, de insectos, de passarinhos, de serpentes, de pixunas, de punarés. O vulto leve dos caxinguelês, dos saguis, das mucuras passa de ramo em ramo. Sussurrejam abelhas, jandahyras, canudos, maribondos.

Ao longe, contrastando com a obscuridade dos intricados da selva, orladas de palmeiras novas e de fétos vistosos, rebrilham as manchas de ouro das clareiras.

As lendas são tristonhas pelo meio selvatico, imponente, perigoso, que as geram, pela psyché apprehensiva da gente luctadora que as imaginou, colligiu e propagou.

Symbolizando a hostilidade cruel do meio conquistado a lenta força, nascem das cousas da natureza, sendo os seus personagens quasi sempre os animaes ferozes: a rapôsa, o guará, o jacaré, o guandu', a cascavel, a caninana, o gavião e sobretudo a onça.

Esta consubstancia uma alluvião de lendas quasi eguaes, conhecidas por todo o "hinterland" brasileiro.

Contam-nas os vaqueiros do Quixeramobim, no Ceará, os seareiros da Borborema, na Parahyba, os tangerinos do Triumpho, em Pernambuco. Narram-nas os campeiros de Paracatu', em Minas, os da Borborema, na Parahyba, os peões de Goyaz e Matto Grosso, que é a terra das onças. Conhecem-nas os vaqueanos do Contestado e os gaú'chos da campanha rio-grandense.

Este o seu "leit motif": uma grande onça preta, pintada, sussuarana ou maçaroca, conforme a região onde uma dessas especies abunda, vive de comer potros, carneiros ou cabritos sómente. Tem uma especialidade de alimentação que varia de ribeira criadora a ribeira criadora. Todo o mundo a persegue, mas ninguem póde matal-a. Alguns feremna. Encontram folhas respingadas de sangue. E é só. Emfim, após muitos annos, um sujeito por acaso a vê doente, velha, arrastando-se. Estimula os cães, que a acu'am. Mata-a a facão. Os versos finaes da lenda enumeram as cicatrizes achadas no seu corpo, lembrando os tiros certeiros e os golpes audazes dos valentes sertanejos que, no passado, lhe deram caça.

Os modernos cantadores das fazendas enxertam, hoje em dia, nas versalhadas dessas lendas estrophes em que "intimam" com as pessoas conhecidas, satirizando-as. Mas no fundo se vê e sente a lenda bandeirante, a lenda de penetração, perpetuando a fama terrivel das féras vagabundas, que atacavam os grupos de sertanistas e devastavam as fazendas incipientes.

Outras lendas não menos interessantes vêm dessa maravilhosa raça de heróes. As que recordam os combates com as cabildas tapuyas, tupiniquins, aymorés, botocudas, paiacu's, á luz da lua ou sob o esplendor do sol, entre silvos de flechas e roucos sibilos das palanguetas e pregos dos arcabuzes, o retinir dos aços nos acapes e o resfolegar dos homens abraçados, rolando pelo capinzal. As dos despenhadeiros e dos paues, com os seus gigantes que devoram homens e os seus pescadores de tarrafas mysteriosas. As das arvores que seguram e sugam os aventureiros como polvos. As das serpentes que nem o fogo chamusca e vôam ferozes pelo ar. As das luctas nas gupiaras, dos embates de ambições desordenadas nos garimpos, das questões sangrentas pela posse das primeiras terras. As dos curandeiros e das molestias. Uma infinidade!

Bemdito será quem conseguir fazer a determinação completa desse formoso cyclo de lendas, cyclo da Tavola Redonda da nossa historia co[illegible].

João do Norte

"O Imparcial" - 7 de nov.º 1917
(Perfidia de Humberto de Campos)

O deputado Gustavo Barroso já recebeu a sua durindana perdida na ultima retirada estrategica

Por occasião do ataque á Brahma, na Avenida, o deputado Gustavo Barroso, que se achava nas proximidades, fardado de socio do Tiro do Leme e armado com uma formidavel espada de voluntario, tropeçou desastradamente no seu armamento, e perdeu-o, sem saber como. Ao chegar á praça Mauá, o sr. Gustavo Barroso deu pela falta da sua espada, e dirigiu-se á policia, pedindo providencias. O dr. Albuquerque Mello, delegado do 5º dstricto, mandou procurar o espadagão por todos os buracos do caminho percorrido pelo queixoso, e soube, então, que um popular o havia encontrado na rua, e o levara ao Lyceu de Artes e Officios, onde o depositou.

Hontem, o delegado mandou receber a espada no Lyceu, entregando-a novamente ao sr. deputado Gustavo Barroso. Essa arma tem na lamina as palavras "Terror del Mundo", gravadas recentemente.

(Perfidia de Humberto de Campos) —

"Gazeta" - 3 nov.º 1917

Garatujas

Actualmente não se fala muito da campanha submarina allemã contra a inviolavel Inglaterra, mas uma rapida leitura de jornaes inglezes bastará para provar quanto ella, embora sem a força dos primeiros tempos, preoccupa o espirito publico no Reino Unido.

Com effeito, se os allemães não conseguiram o insulamento das ilhas britannicas, causaram grandes males ao commercio e ao abastecimento da Grã-Bretanha. E isso justifica a impressão da opinião publica diante de tal processo de bloqueio.

E' de notar que sempre a Inglaterra teve receio dos submarinos. Esse receio é hereditario. Quando ella detinha em Santa Helena, como general em disponibilidade, aquelle que fôra Imperador dos Francezes e senhor da Europa, diz lord Rosebery, com a sua alta responsabilidade, que o governo inglez vivia em sobresaltos, temendo que por meio de um barco submarino algum inventor ou algum aventureiro lhe roubasse Napoleão.

Era infundado esse medo, porém os collegas de governo do mediocre lord Bathurst parece que adivinhavam os prejuizos que taes embarcações dariam no futuro á grande nação.

"Rua" - 20 de nov.º de 1917

O DIA DO SOLDADO

O DEPUTADO GUSTAVO BARROSO APRESENTA UM PROJECTO A' CAMARA

O Sr. Deputado [illegible]vo Barroso apresentou hoje, á [illegible] o seguinte projecto:

"Considerando a necessidade de, por todos os meios, desenvólver na Nação brasileira os sentimentos de patriotismo e amor pelas cousas militares, base da grande e força das nações diante das aggressões e insultos de seus inimigos;

Considerando ser um estimulo civico e patriotico demonstrar á Nação quanto é nobre e elevado o papel do soldado, cidadão armado para defeza de seu paiz, e quanto é honroso o seu mistér;

Considerando que os poderes federaes já estatuiram o dia da bandeira, para a commemoração civica do symbolo da Patria, e que os poderes municipaes crearam o dia da criança;

Considerando ser mais que justo a sagração de todas as grandes datas da historia do Brasil;

O Congresso Nacional decreta:

Art. unico. — O dia 24 de Maio será considerado, em todo o territorio da Republica, como o dia dedicado ao soldado brasileiro, sendo feriado nas repartições militares e realizando-se nelle festas patrioticas e commemorações publicas nos quarteis;

Revogadas as disposições em contrario.

"A Rua" - 16 de novembro de 1917

O projecto dos indesejaveis do sr. Gustavo Barroso

O Sr. Gustavo Barrozo apresentou hoje á Camara o seguinte requerimento:

"Tendo apresentado em 1916 um projecto sobre a momentosa questão da entrada de elementos "indesejaveis" no nosso paiz e verificando por outros projectos que tratam da mesma questão, vindos a lume posteriormente, que a minha idéa não perdeu a sua opportunidade, e como até hoje sobre ella não se tenha manifestado a digna e douta Commissão de Justiça, requeiro "ex-vi" do parag. 1º do art. 145 do Regimento que o meu projecto venha a plenario e seja incluido em ordem do dia independente do parecer. — Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1917. — Gustavo Barroso."

162 "Revista da Semana" - 10 de novembro de 1917

Renascimento Civico
O Concurso annual do Tiro 5, do Leme

1 — Aspecto dos «stands» de fuzil Mauser (200, 300 e 400 metros) e de revolver e pistola de guerra. 2 — O 1º tenente Ney de Carvalho (o 2º á esquerda) cercado dos officiaes atiradores cap. Dionysio de Cerqueira, 1º tenente Diniz Junior e 2ºs tenentes Gustavo Barroso e Barbosa Vianna. 3 — Alguns assistentes e atiradores, no «stand» de revolver.

"Revista da Semana" - 3 de novembro de 1917

Revista da Semana

ANNO - XVIII - Nº 39
Rio de Janeiro
3 de Novem. de 1917

164

"A Rua" - 9 de novembro de 1917

As missoes estrangeiras para o Exercito Nacional

O brilhante parecer do sr. Gustavo Barroso ao projecto do sr. Mauricio de Lacerda

Na reunião da Commissão de Marinha e Guerra, da Camara, hjoe, á tarde, o Deputado Gustavo Barrozo leu o seu brilhante parecer ao projecto do Sr. Mauricio de Lacerda, referente ás missões estrangeiras para o Exercito.

O trabalho do representante do Ceará é este:

"O projecto do nobre deputado pelo Estado do Rio e, conjuntamente, um brilhante discurso do Sr. Nabuco de Gouvêa, ha dias, nesta Camara, vieram pôr em fóco mais uma vez o já tão debatido caso da necessidade de uma missão estrangeira para o Exercito.

Tal necessidade é plenamente reconhecida pela maioria da officialidade do nosso Exercito e defendida com enthusiasmo por aquelles officiaes que contam menos de quatro galões e sentem a eterna improficuidade dos seus esforços, na instrucção da tropa, diante da atonia dos commandos superiores e dos grandes chefes. Estes ultimos se revestem com um mal comprehendido amor proprio nessa questão de missões estrangeiras, amor proprio que os outros não têm, porque bem comprehendem as vantagens da medida e os seus resultados extraordinarios.

Os que se batem contra a vinda da missão argumentam da seguinte fórma: será reconhecer a nossa incapacidade militar. Parece, mas não é. Nossos generaes não têm a pratica completa dos generaes europeus. Desde a guerra do Paraguay que o nosso Exercito repousa, emquanto as guerras em que os paizes da Europa têm tomado parte, no seu continente e fóra delle, se contam por dezenas no mesmo periodo.

Ademais, o homem não é sómente elle; mas sim um élo numa série indefinida de individuos. Traz da ascendencia uma quantidade immensa de conhecimentos e habitos adquiridos. Lega aos descendentes esse patrimonio augmentado. Somos um povo eminentemente civil. Nunca fomos um povo militar. Impossivel compararmos nossas virtudes ou talentos guerreiros com os de nações como a Allemanha nascida sob o guante disciplinador dos Barbaroxas e Segismundos de Luxemburgo, educada por Walensteins, Eugenios de Saboya e Fredericos.

Impossivel nos compararmos com a França, sob o mesmo aspecto, quando essa conta uma historia militar, talvez a mais brilhante do mundo, vinda de Clovis a Napoleão

Não é humilhação aprender com os que sabem aquillo que se não poude aprender devido a varias circumstancias. Reconhecer seus erros é das grandes virtudes humanas. Perseverar nelles por orgulho, peccado contra a humanidade e contra a patria.

Não se negam aos dirigentes do Exercito Nacional as mais altas qualidades de civismo e o mais completo preparo. Porém este é essencialmente theorico, sem applicação pratica. E nós carecemos essencialmente dessa applicação.

Os exemplos de outras nações, tão dignas e tão nobres como o Brasil, deve reflectir sobre a nossa situação actual e inicitar-nos a seguir o seu exemplo.

Foram missões estrangeiras que tornaram os paizes balkanicos militarmente fortes, para enfrentarem e vencerem o seu opprssor secular. A grandeza militar do Japão nasceu dos ensinamentos de uma missão estrangeira. O exemplo da Turquia é ainda da melhor. Alli, duas missões consecutivas não deram resultados por diversas causas e sómente a terceira resolveu a questão, organizando definitivamente o exercito. Aqui se teria, ante o insuccesso das suas tentativas, condemnado o alvitre. No nosso continente, ahi estão os exemplos da Bolivia, do Chile, da Argentina e do Perú. No nosso proprio paiz, os de Minas e S. Paulo.

Todos os militares contrarios á vinda de uma missão, sem se lembrarem que nada é mais honroso do que aprender, affirmam sua opinião, achando que o facto será, para elles uma "capitis diminutio". E, deante desse, repito, tão mal comprehendido amor proprio, póde-se dizer que elles preferem a "capitis diminutio" do Exercito e da Patria á sua propria. Extranho e notavel patriotismo!

Está mais que provado não termos aquelle soberano orgão militar que se denomina Estado Maior e é a alma, a cabeça, o coração dum exercito. Temos uma repartição com esse nome e que é, pela força das cousas, Estado Maior do Ministro da Guerra e não Estado-Maior do Exercito. Esta, a differença essencial e mui digna de reparo.

Em todos os paizes do mundo, o Ministro da Guerra é simples entidade administrativa, mas não é o director-technico do Exercito. Nem se comprehende que o seja. Nos regimens parlamentares, está sujeito a mudanças rapidas, segundo as alternativas dos partidos. Nos regimens presidenciaes, tem sua duração limitada a quatro annos ou tantos quanto durar o mandato do Chefe da Nação.

Sujeitar o Chefe do Estado-Maior, o mentor doutrinario, technico, ao mesmo tempo theorico e pratico do Exercito a essas reviravoltas e substituições é um erro crasso e demonstra absoluta falta de comprehensão da verdadeira defesa militar dum paiz. Porque, assim, a falta de unidade, constancia, seguimento e coherencia na impulsão technica, scientifica do apparelho militar trará, como trouxe para nós, a annullação dos esforços e das tentativas, a morte do espirito de iniciativa e o descalabro da administração.

Foi, perseverando nesse erro, que até hoje gastamos quasi em pura perda a assombrosa quantia de tres milhões de contos, ouro, e mais de um milhão de contos, papel; que o Exercito Nacional passou por tres reformas e usou dez ou vinte modelos de coifas e formatos de tunicas, desde o kepi francez adulterado ao gorro russo com um pennacho "deplacé" e ridiculo, desde o boné que um illustre coronel de cavallaria chamava "boné pluviometro" até o laço hungaro nascido com todas as suas ramagens na inspirada cabeça dos sirgueiros.

E' forçoso reconhecer que a nova officialidade do Exercito, aquella que dá instrucção á tropa está, perfeitamente, á altura de seu mister e pode, bem guiada, conseguir todos os seus fins. O de que carecemos é a alta direcção é a independencia quasi do Estado Maior, a sua libertação do Ministro, a sua facilidade de acção, a sua reintegração no logar que lhe compete, para que seja efficaz, una, indiscutivel e sobretudo continua a sua direcção. O exemplo da Allemanha é flagrante: emquanto os Ministros da Guerra demoravam mezes, os Chefes do Estado Maior ficavam no seu posto 20 annos.

Em 1870, a alta personalidade de Moltke, Chefe do Estado Maior, apagou por completo o nome de Roon, Ministro da Guerra. Na França, onde quasi sempre são civis os ministros das pastas militares, os Chefes de Estado Maior quedam no seu posto muitos annos. O mesmo se dá na Hespanha e Italia. O mesmo acontecia na Russia. O mesmo se passava na Inglaterra, onde sahiam e entravam ministros, se levantavam e cahiam gabinetes, emquanto um Redvers Buller manobrava annos seguidos no campo de Adershot e um Roberts, um Gatacre, um Carl of Minto, um Kitchner paravam no Estado-Maior.

O exercito brasileiro precisa de direcção technica, de direcção pratica. Não a possuimos, está provado com a situação em que a guerra nos colhe. Procuremol-a onde a pudermos achar e appliquemol-a o mais breve possivel.

Se tivesse havido continuidade de acção nos nossos governos e uma certa previsão, se nós não vivessemos, em tudo, infelizmente, a legislar para o momento, sem olhar para o passado e sem vigar o futuro, insulados no tempo, a grave questão de que tratamos neste parecer já estaria resolvida, sem melindrar susceptibilidades e sem despertar contraditores ou inimigos.

Bastaria que o governo tivesse mandado buscar professores militares estrangeiros, tivesse-os enquadrado nas nossas escolas de officiaes, de maneira que elles formassem com seus ensinamentos e sua pratica um grande nucleo de officiaes, que mais tarde dirigiriam o exercito e o levariam, gloriosamente, a seus destinos.

Porém isso era para ser exectutado ha quinze ou vinte annos e não o poderá ser na premencia da situação que atravessamos e da qual é licito esperar todos os perigos e não sómente contar com todos os beneficios provaveis. Ainda não se precisou de fórma decisiva a victoria, para nenhum dos grupos que ensanguentam o mundo e fazem retrogradar a civilisação. E Deus talvez esteja cansado de ser brasileiro...

O projecto do illustre deputado fluminense merece ser approvado pela Camara, com algumas modificações, no emtanto, que não alteram propriamente os seus fins, a sua idéa mater e deixarão ao governo maiores facilidades na sua execução.

Assim, apresento á Commissão o seguinte substitutivo:

"O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º O Poder Executivo entrará em negociações com o governo francez, afim de contratar, com a possivel brevidade, uma grande missão militar, para organizar, efficientemente o Exercito.

Art. 2.º A missão se comporá de tantos officiaes estrangeiros quantos o governo julgar necessarios, devendo ter pelo menos um general e quatro coroneis afóra os subalternos.

Art. 3.º O contrato com a missão não poderá ser effectuado por prazo inferior a dez annos.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

S. C., 9 de Novembro de 1917.— *Gustavo Barroso*, relator.

"Imparcial" - 2 11 1917

"Revista da Semana"

As glorias militares do Brasil podem symbolizar-se no esquadrão de dragões da Independencia, assim chamados por terem assistido no Ypiranga á proclamação de D. Pedro. Recentemente, ainda o deputado Gustavo Barroso, apresentou na Camara um projecto de lei restaurando esse regimento de "elite".

São os dragões da Independencia que servem de thema á bellissima capa da "Revista da Semana", cujo numero de hoje, temos presente. E' uma primorosa composição com uma forte nota patriotica. Aliás, em todo o numero da "Revista" palpita esse mesmo sentimento de patriotismo.

"Fon-Fon" - 15 - 12 - 1917

Gatafunhos

— « Andamos cheios de fidalgos na alta sociedade carioca. A cada canto se encontra um. Alguns têm vindo de Portugal e carregam *pose* de authenticos. Outros são daqui mesmo e nem por isso deixam de ser principes, duques, marquezes, condes e viscondes. »

— « Conheço até vidanas, como na antiga França... »

— « Malicioso! »

— « Nada. E' certo. Existem. O que não se póde explicar é a sua origem. De onde e como vieram? Qual a maneira por que explicam a veracidade dos pergaminhos? »

— « Isso pouco importa. E' a mais facil coisa do mundo inventar parentescos e arvores genealogicas. Já o velho Rabelais dizia de Pantagruel: « lisant les belles chroniques de ses ancestres, trouva que Geoffroy de Lusignan, dict Geoffroy à la grande dent, grand père du beau cousin de la sœur aisné de la tante du gendre de l'oncle de la bruz de sa mère, etc., etc... »

"Correio Paulistano" - S. Paulo - 6 de novembro de 1917

A aguia bicephala

(João do Norte)

Estamos em guerra com o imperio allemão e é, portanto, conveniente mostrar, por todas as fórmas, ás nossas gentes, o caracter do povo que se tornou, após uma série de acontecimentos inevitaveis, nosso inimigo. Livros e jornaes têm estampado as mais verdadeiras provas de frio calculo cruel e da tenacidade preparada em todos os meios para chegar aos seus fins de dominio, que caracterizam as gentes teutonicas. Assim, não será descabido mostrar aos leitores quanto nas menores cousas se palpa e se sente a calma destruidora da nação que, incentivando através dos seculos a sua "kultur", chegou á actual grande situação de força para tentar impôr pelas armas ao universo o "pangermanismo".

A Allemanha é uma só. Inutil tentar differençar Baviera ou Saxe, Wurtenberg ou Prussia, Austria ou Westphalia. O mesmo espirito anima toda a raça tedesca. Nas suas tendencias para guerra e carnagem as varias tonalidades da gente germanica se integralizam num tom unico, o do sangue!

Os appellidos dos seus homens são dictados pela vaidade e pelo furor guerreiro: Plechelm significa "capacete brilhante" e Wilhelm o "senhor do capacete"; Rodolfo, Ataulfo, Ranulfo, Adolfo e Lindolfo partem do mesmo radical "wolf — lobo", como Gundulfo que é o "lobo do combate".

Ha peores: Walramm é o "corvo da matança"; Eitel, nome dum filho do kaiser, nada mais é que Attila, o flagello de Deus, recordando toda a crueza daquelle povo asiatico, de cabeça achatada, cara coberta de cicatrizes e pernas arqueadas pelo habito do cavallo.

O palacio encantado para onde criam os germanos fossem os seus melhores guerreiros, os campos elyseos, o céo da mythologia septentrional chama-se Walhalla, "morada dos degolladores".

Ser degollador era o maior merito para attingir o paraiso.

Nesse duro sentir se identificam austriacos e brandeburguezes, hanoverianos e hessenses, bavaros e huringios, berlinezes e saxões, todos agrupados sob a velha denominação de allemães, "allemannen" — "homens de todas as raças".

E os proprios clans que fugiram do seio da antiga Germania, para occuparem terras latinizadas e dentro em pouco se dissolverem no corpo das populações gallo-romanas ou italicas, levaram titulos de crueldade e furor. Os francos assim se diziam de "vrang" — "feroz" e não livre, como muito escriptor francez pretendeu firmar. Os lombardos, terriveis nos combates, eram os mesmos "longobarden" ou "homens dos grandes machados".

O dominio da Prussia sobre a confederação de povos allemães é recente e nada mais que um accidente historico, talvez passageiro. Elle não se baseia em tradições envelhecidas. Dahi não se poder dar como verdadeiro symbolo nacional da Allemanha a aguia negra e simples copiada do tumulo de Carlos Magno, que é o brazão do imperio federal. Mais direito a esse posto tem a aguia austriaca de duas cabeças, que é verdadeiramente allemã e não austriaca, tendo sido sempre o emblema soberano do grande imperio.

A aguia dos imperadores romanos estatuiu que sómente ella poderia designar o absolutismo cesariano. Por isso, Carlos Magno a fez copiar nos seus pavezes. Mas o artista ignorante da edade-média deu-lhe a fórma exquisita que a heraldica mantem.

O santo imperio romano germanico adoptou-a; porém, dentro em pouco teve de modifical-a, porquanto ella não devia exprimir mais a historia das conquistas leaes e das batalhas heroicas. A nação germanica precisava guardar a memoria da emboscada de Teutberg e exprimir, no seu symbolo nacional, o gosto da carnificina e o espirito de fereza.

Segismundo de Luxemburgo, imperador de Allemanha, mandou pintar no brazão de ouro do imperio a aguia bicephala. Roma inventára a sua, depois de transpor os Alpes e verem as legiões o vôo das aves guerreiras entre os pincaros altissimos. Carlos Magno copiára em negro essas aguias de ouro e prata. Mais tarde, Napoleão, symbolizando na grande ave de rapina a força do imperio, desejára por signo uma aguia dourada. Isabey foi inspirar-se nos baixos relevos do tumulo dos Visconti, em Milão. A alma latina mesclava á idéa de força e altivez uma leve recordação de arte. Porém Segismundo de Luxemburgo, imperador da Allemanha, onde fôra buscar o monstro de duas cabeças?

Havia um povo mais que feroz, em remotos tempos, nas costas da Asia Menor, que vivia de depredações e rapinagens, sujeitando pelo seu poder militar os vizinhos ás mais fortes avanias. Eram os hetheanos, precursores dos phenicios. Contra elles marchou Ramsés II, a frente dos seus milhares de carros de guerra. Derrotou-os e passou-os a fio de espada. O pharáo impiedoso adoptou, porém, para sua divisa, as armas nacionaes do crudelissimo povo hetheano, pois a elle se achava superior em crueldade. E fez gravar nos stélos de Eyub, ainda hoje existentes, em frente ao mar, a aguia bicephala, que dilacera com as garras homens e animaes, symbolo de ferocidade, sempre prestes a devorar e destruir.

Segismundo de Luxemburgo foi á Palestina, com os cruzados fanaticos, viu as gravuras das pedras de Eyub e trouxe para a Europa, depois de ser derrotado pelos turcos em Nicopolis, o brazão hetheano. Deu-o ao imperio germanico. Elyseu Reclus fala do signo asiatico e Maigne, na "Science des Armoiries", diz que a aguia allemã data das cruzadas. O mesmo affirma o "Dictionnaire du Blason".

Quando a casa de Habsburgo perdeu a supremacia no imperio e deixou o sceptro em mãos prussianas, guardou o "triste oiseau bicephale au cruel œil d'ennui", que não é arma particular da Austria e sim, por todos os fundamentos historicos, brazão moral da Allemanha.

Influencia decisiva sempre exerceu na alma dos despotas crueis o baixo relevo de Eyub transportado para a Europa. Já Ramsés não pudera resistir ao seu attractivo. Segismundo collou-o nas suas aureas bandeiras imperiaes. No seculo 18, Pedro, o Grande, transcreveu-a nos estandartes moscovitas. E, nos tempos modernos, os Obrenowitch tyrannizadores copiaram-na nos pavilhões servios. Mas não tiveram coragem de conserval-a negra, côr do corvo da sangueira, côr da tréva do despotismo, côr do luto das guerras. Pintaram-na de branco...

A alma barbara dos teutões bem se revela nessas pequenices. A sua psychologia asiatica decorre de todas as observações que se tentem fazer.

E contra as aguias negras da Teutonia, que deverá fazer o Brasil?

Lembrar-se que no seu escudo republicano existe uma espada nua!

João do Norte

"A Rua" - 2 de novembro de 1917

Os Dragões da Independencia, a "Revista da Semana" e o deputado Gustavo Barroso

Recebemos do Dr. Gustavo Barroso, representante cearense a seguinte carta:

"Sr. Redactor. — Com verdadeira surpreza, vi hoje na "Gazeta de Noticias" uma nota em que se diz que eu fui pedir aos proprietarios de uma casa commercial da Avenida a exposição na sua vitrine, de uma gravura destinada á capa da "Revista da Semana" e allusiva aos Dragões da Independencia.

Não faço parte da redacção do referido semanario e, embora mantenha com os seus directores as melhores relações de amizade, não fui pedir a exposição da gravura, nem para ella contribui.

Faço este desmentido para que não se animem outros noticiaristas a affirmar amanhã que sou espião germanico ou o Mota Assumpção. Muito grato com a publicação desta — *Gustavo Barrôso.*"

166 "Correio Paulistano" 20 de março de 1917

OANNE'S (João do Norte)

No esmalte do céo mais limpido que o dos vasos de Fünfenkirchen, no verde majestoso dos mattos que cobrem o recosto dos morros, no casario immenso, multicôr, apertado entre collinas, a luz se espalha, se diffunde, dourando tudo. Nem um fóco de nuvem corta as linhas imponentes da serra dos Orgams, que avulta ao sol, no fundo da bahia. Vêm do mar apitos de sereias e de toda a cidade se elevam mil ruidos diversos: ranger de ferros, assobios, deslizar ruidoso de carros electricos, fonfonar de automoveis, ratamplans de tambores nos pateos dos quarteis.

Abro a janella de par em par, e a luz inunda-me o gabinete. O meu olhar percorre as encostas pinturescas de Santa Thereza, mergulha nas ruas cujo traçado indeciso percorre e se detem por fim sobre as aguas placidas da Guanabara, como que coalhadas na frescura da manhã. E a minha alma sómente encontra uma expressão capaz de exprimir o seu maravilhamento deante de tão formoso dia: o brado do anglo-saxonico nascido entre friagens, crescido entre nevoeiros, creado entre nevoaças e fuligens, borraceiros e neblinas, ruços e cinzeiros: — "Glorions day!"

Em frente ao arsenal de guerra, no baixio do mercado novo, entre o cruzador "Uruguay" e o capitanea "Pittsburg", rodeado de cabréas e guindastes, de lanchas e chatas, jaz, mergulhando a prôa arrombada, o transporte de guerra inglez "Duncleath". As ondulações mansas do porto encobrem as amuradas de vante e a sua ré se eleva acima da agua, amostrando o leme todo.

Emquanto o "Moreno" passa deante de Villegaignon, escuro e eriçado de canhões, precedido por dois "destroyers" e escoltado por outro mastodonte do mar — o "S. Paulo", um amigo dá-me conta das noticias controvertidas dos jornaes sobre o "Duncleath".

Diziam uns que, sem passe da capitania do porto, quiz, por ser nave de guerra e levar carvão para a esquadra ingleza do Atlantico, transpôr a barra depois de intimado a parar com dois tiros de polvora sêca. Proseguindo a marcha, a fortaleza de Santa Cruz enviára-lhe, para mostrar ser bôa cumpridora de ordens sobre o fechamento do porto, uma pitomba de grosso calibre, que o puzera naquelle lastimavel estado.

Outros noticiaram que o seu commandante, por impericia, deu sobre penedos submersos defronte de Copacabana, sendo obrigado a retornar ao ancoradouro com os porões cheios de agua.

O vulto negro desse navio que aos meus olhos quasi se está afundando faz-me pensar nos horrores da guerra maritima actual, da campanha submarina allemã contra todas as marinhas, para bloquear a Inglaterra.

Vejo com os olhos do espirito os periscopios dos nautilus modernos perscrutando a vastidão das ondas, cobertos, recobertos de espuma de momento a momento; o pavor das tripulações e dos passageiros ao avistarem, surgindo na verde toalha das vagas, o perfil sinistro do cetaceo de ferro; o riso ironico e cruel, pesado e brutal dos piratas lendo os papeis de bordo, escolhendo os melhores mantimentos, dando a ordem de evacuação. Vejo ainda o tumulto do embarque nos escaleres, a explosão do paquete, o mar juncado de detritos, as gargalhadas dos corsarios, o vogar ao léo das maretas da esquadrilha de canôas salvadoras. Ou peor: no escuro mar das noites sem lua, zebrado de leves phosphorescencias, o listão branco do torpedo veloz, o explodir das caldeiras, o bracejar dos homens tragados pelo oceano; outras vezes, pleno dia glorioso, como o de hoje, um submarino mergulhando com o capitão do transatlantico torpedeado, preso por cabos ao convés, guardando no semblante a resignação dos martyres de todas as barbarias.

A associação das idéas leva-me ao passado, ás naus portuguezas e hespanholas dos descobrimentos e das conquistas, aos galeões de Veneza, dominando o Mediterraneo, ás selandras das cruzadas, aos drakkars normandos, ás triremes gregas, ás galeras phenicias.

Recordo, assim, num instante, todos os movimentos maritimos e todas as grandes expansões.

Trocando os primeiros objectos manufacturados por materias primas nas angras das Cassiteridas, nas costas do Baltico, nas ribas da India e nos attols da Melanesia, os phenicios foram os precursores do progresso. Elles iniciaram o grande movimento commercial do mundo, que, através de mil vicissitudes e transformações, deixando o remo pela vela e a vela pelo vapor, veiu dar em resultado a força expansiva do commercio dos nossos dias.

Além delles, porém, na mais remota antiguidade, em plena prehistoria, quando, na Potamia, na Chaldéa, a humanidade ensaiava os primeiros passos, um deus sahira das aguas do golfo persico e viéra, com o seu corpo musculoso de homem, as suas barbatanas nacaradas de peixe, ensinar os rudos individuos a copiarem a forma dos peixes nas embarcações que lhes fez construir e lançar á movimentada superficie do mar. Assim, os barcos tiveram nos remos as barbatanas, no leme a cauda, nos escovens os olhos. E o divino Oannés prégou aos homens a necessidade das permutas de mercadorias e de trocas de cousas espirituaes, do cambio de productos e do commercio de idéas, do engrandecimento do patrimonio material com os lucros, os achados, as preciosidades, as riquezas; do augmento do patrimonio do espirito com os descobrimentos, as invenções, os aperfeiçoamentos, os conhecimentos na terra e no céo.

Luctando para a conquista de todos esses bens, que o peixe-sagrado apontou, a humanidade se atirou á face dos pélagos, arrostando todos os perigos: naufragios, fomes, sêdes, epidemias, revoltas, pavores do desconhecido. Para os phenicios, havia o Velho do Mar espalhando precalços no caminho dos navegantes. Os gregos ouviam sereias e passavam entre Scyllas e Charybides. Os escandinavos temiam a serpente mavinha, que Olans Magno diz podia engulir um navio com a sua equipagem. Os normandos horrorizavam-se em pensar no encontro com o navio phantasma, que enchia os mares de assombrações, todo negro, vélas côr de sangue, um defunto nos vaus do joanete, um esqueleto á roda gemente do leme.

Aos portuguezes appareciam entre as brumas dos cabos tormentosos vultos giganteos, prophetizando males dos quaes o menor a morte fosse. E, actualmente, quando é conhecida toda a crosta terrestre, as cartas registam os menores bancos e rochedos, doze mil pharóes estrellam as penedias das costas, o ferro dos vapores e suas machinas zombam dos vendavaes, os perigos oceanicos se consubstanciam nos monstros de aço e de perfidia que a loura Germania atirou nas aguas européas.

Apesar dos esforços inglezes, continuam elles a afundar barcos, e, si não se achar remedio prompto e efficaz, si proseguirem a nefanda tarefa, é de temer que, ao fim desta medonha guerra, não cheguem para as permutas do negocio e da civilização os navios existentes no mundo.

Já a demora na construcção de vapores faz com que se lancem nos estaleiros brigues e patachos, lugares e clippers, voltando as vélas a gosarem da antiga importancia. Mas a carencia de transportes por toda a parte se avoluma. Os armazens dos portos estão repletos de productos. Os fretes assumem, como os seguros, preços fabulosos. Com a continuação da guerra, e algum tempo após o seu fim, essa falta ainda accrescida perdurará.

O momento é digno de se aconselhar ás nações a construirem febrilmente navios e mais navios. Quem os tiver estará com o futuro do seu commercio garantido.

Olho mais uma vez toda a paizagem ensolada, illuminada em apotheose, e, mentalmente, invoco o deus vetusto da Chaldéa:

— "Vem, Oannés, mais uma vez ao mundo e ensina aos homens de boa vontade, ó divino peixe das barbatanas de nacar, o valor da construcção das naves e a grandeza que decorre das trocas de mercadorias de idéas!"

João do Norte

"Jornal do Commercio" - Ed. de - S. Paulo -
26 - outubro - 1917

Gustavo Barroso — "Heróes e Bandidos" — Livraria F. Alves. Rio, 1917.

Tratando ha pouco do recente livro do Sr. Gustavo Barroso — "Idéas e Palavras", tivemos ensejo de referir-nos ás suas qualidades de observador da vida e da paizagem do Norte, reflectidas com tanto vigor e tamanha fidelidade nas paginas da "Terra do Sol". Rescendia dellas, dissemos, um immenso carinho pelo seu povo, pelos seus campos, pelas suas fazendas, e até pelos seus animaes. Todo o doloroso sertão do Ceará, açoitado de quando em quando pelo flagello das secas, surgia na evocação maravilhosa do escriptor, com um colorido forte, com uma nitidez perfeita.

Dá-nos agora o Sr. Gustavo Barroso outro livro como "Terra do Sol". A mesma preoccupação regional, porém ainda mais elevada e, poderemos sinceramente dizel-o, mais angustiosa. "Heróes e Bandidos" não nos mostram apenas superficialmente a genese e o desenvolvimento dessas estirpes celebres de aventureiros do sertão, especie de "bravi" ou de "condottieri" transplantados para as brenhas da America. Não se limitam á narração de suas turbulentas aventuras, com a perquirição conscienciosa das forças motrizes que os atiram uns contra os outros, ás vezes em grupos ou bandos solidarios, ás vezes isolados, numa contenda de amor ou rivalidade quixotesca de valentia.

O Sr. Gustavo Barroso afasta-se muito do que seria simples obra de reportagem sobre costumes e tropelias dos cangaceiros. Vai á indagação mais profunda e mais patriotica: das causas desse phenomeno secular, das suas raizes, dos motivos que o incrementam.

Estuda as origens do banditismo sertanejo, analysa o caracter do jagunço, evidencia o descaso em que os temos deixado, através dos tempos. E o faz com acuidade, com exactidão.

"Os erros da colonização não deram ao sertanejo meios de progredir. A Monarchia deixou-o em abandono, porque a organização do trabalho, no seu tempo, unicamente se baseava no alicerce falso da escravidão. A Republica até hoje quasi nada fez para instruil-o ou melhorar-lhe a sorte. Antes tem explorado o banditismo para fins politicos. O jagunço é, ás vezes, a "ultima ratio" do Governo Federal, a fim de dominar um Estado rebelde. Para a Nação, são perniciosas as consequencias desse modo de agir, como do descuido em impedir a formação de nucleos de bandidos, consequencias que difficilmente se apagam. Durante annos, um agrupamento de fanaticos rapina e mata. Pedem-se providencias. Os Governos fazem-se surdos ou enviam soldados ás duzias. Os bandoleiros chacinam os pequenos destacamentos e ficam com as armas e munições. Essas victorias prestigiam o bando perante as populações locaes. Seu poder material augmenta com o armamento conquistado. Mais individuos se agregam ao arraial primitivo. O fanatismo os encouraça. Fazem-se entrincheiramentos. As cousas chegam ao ponto de serem precisos um exercito, artilharia, o sitio, a fome e a degola! São muito recentes taes crimes na nossa historia. Quando os Governos aproveitam os jagunços para quaesquer fins ou com elles transigem, fica pessima impressão entre o povo sertanejo, que toma esse modo de agir como prova de fraqueza, o que contribue ainda mais para o desprestigio das autoridades, já tão rebaixadas pela politicagem. Juizes, Prefeitos, Delegados são, na maioria, meros joguetes dos mandões de aldeia. Segundo as alternativas dos partidos e o resultado dos conchavos, são demittidos, renomeados e transferidos. Para auferirem alguns proveitos, sujeitam-se á vontade dos poderosos. Prendem os criminosos desprotegidos ou adversarios e protegem os cangaceiros amigos."

Feito o diagnostico do mal, o Sr. G. Barroso passa a estudar-lhe as manifestações, desenrolando as linhagens de lendarios bandoleiros, cada qual com as suas façanhas e romanescas aventuras.

E' um livro interessante e uma obra de são patriotismo. Oxalá, despertada por essa palavra calorosa, se volte para o recesso das brenhas a attenção dos nossos Governos, quer estadoaes, quer da União!

Correio Paulistano 22 novembro de 1917

Gustavo Barroso, o fulgurante prosador de "Terra de Sol" parlamentar e jornalista dos mais vigorosos da nova geração, que é tambem o nosso apreciado collaborador João do Norte, depois de uma breve permanencia nesta capital, estará hoje mesmo, ás primeiras horas da manhã, de volta para o Rio.

Espirito brilhante, admiravel "causeur", de uma communicação encantadora, o joven escriptor e parlamentar deixa em todos que aqui trabalham, da sua rapida visita, uma impressão inconfundivel e grata.

J. do Commercio - S. Paulo
22 novembro 1917

GUSTAVO BARROSO

Esteve dous dias em S. Paulo, tendo passado algumas horas a encantar-nos com a sua scintillante palestra, o distincto escriptor Gustavo Barroso. Por ser Deputado Federal, "João do Norte" não banio de si as bizarrias seductoras de um verdadeiro belettrista, já consagrado pelos bellos volumes "Terra de Sol", "Idéas e Palavras" e "Heróes e Bandidos", paginas em que palpita com a maior vehemencia o coração do Norte, nas paisagens, nos typos, nos dramas rigorosos e na forte e tragica poesia das secas e das migrações.

Gustavo Barroso regressa hoje pelo rapido para o Rio.

Fon. Fon - "3 de novembro de 1917

Garatujas

O Manoel Evaristo, ignorante e pretencioso, tinha a mania de gostar de latim e por isso aprendêra de cór, embora estropiada, a ladainha de Nossa Senhora.

Depois de ter tido um botequim numa ladeira da Saúde, o Evaristo montára uma venda na Bôcca do Matto. Dahi se passára para um armazem de seccos e molhados no Andarahy, fazendo fortuna em pouco tempo. Mudára logo de genero de negocio. Estabelecêra-se em Haddock Lobo com uma casa de fazendas e perfumarias baratas. Por fim, veio montar uma pequena, mas importante casa de leques e gravatas á rua Gonçalves Dias.

Mas nunca o abandonára a mania do latim. Ao menor motivo, estava elle a murmurar phrases e brocardos latinos, aprendidos de ouvido e devidamente estropiados.

Por isso, os que o conheciam não se assombraram nem chamaram a policia, quando leram em lettras garrafaes pretas na enorme taboleta branca da sua casa de leques: « Dura lex sed lex. »

Um dos amigos, homem mais intelligente e mais culto, chegou-se ao balcão e pediu-lhe explicações. O Evaristo sorrio e pronunciou :—«Dura leques seda leques. » Então, o outro mandou o logo tocar leques com bandurra...

Zenidos

Ainda hoje — e lá se vão bastantes annos que, num discurso parlamentar o sr. Coelho Netto creou a palavra — os jornaes glozam o vocabulo *paredro* e a sua significação. Desde que, num *suelto* de jornal, num bate bocca da Camara, num topico de conferencia, o nome apparece, surgem mil commentarios a seu respeito. Apezar disso, elle de tal maneira se innoculou na nossa linguagem corrente que será tempo e trabalho perdidos combatel-o, condemnal-o ou ridicularisal-o.

Muitas opiniões accusam o illustre escriptor Coelho Netto por havel-o desenterrado do pó de velhos alfarrabios e empregado nos periodos famosos dum seu famoso discurso. Entretanto, nunca se elevou uma voz na imprensa de Paris ou em qualquer jornal do mundo para atacar Edmond About, que no seu livro « La Grèce Contemporaine» o escreve em quasi todas as paginas... Mas é que *paredro* em grego moderno, na Hellenia bavara do Othon, na Achaia dinamarqueza de Jorge, na Hellade convulsionada de Venizelos, significa prosaicamente *Mestre Escola*...

"Sciencias e Lettras" - Nov°. - 1917

GUSTAVO BARROSO — *Heroes e bandidos*, Rio de Janeiro, 1917. — Descrevendo typos de cangaceiros, o escriptor cearense nos pinta varios aspectos da vida rude e semi-barbara dos nossos sertões. E' uma especialidade, em que se compraz o seu espirito observador e impressionista, e em que nos vae dando livros muito curiosos, cuja leitura é sobremodo attrahente, não só pelas revelações, que nos fazem, como pelo talento do escriptor, cuja phrase elegante, colorida e artisticamente disposta, conduz e seduz o leitor.

Sob o ponto de vista sociologico, o estudo que precede a galeria dos heroes e bandidos, contèm analyses e inducções muito preciosas.

168 "Correio Paulistano" 30 de outubro de 1917

A morte de dom Gracia

(João do Norte)

"... elle o tinha pregado á porta de sua casa em trophéo de vingança, como os caçadores prégam á porta das suas, algumas vezes, aguias e corujões que mataram."

(Sismondi — "Historia das republicas italianas").

Na noite escura, entre as montanhas negras, o velho burgo dormia. Dominando-o, faulhava suspensa na treva a almenára do castello de Zuñiga, vermelha como sangue. De quando a quando, interrompia o clarão o lento perpassar da sentinella. A luz fraca dum lampadario, coada através do vitral colorido, mal apontava a posição do mosteiro de Santa Dorothéa, fronteiro ao solar e como elle trepado no cimo dum rochedo. O ninho da religião e do mysticismo olhava o da rapina, da guerra e da oppressão. Entre ambos, o casario humilde dos villões se ajuntava no concavo do valle, medroso como um rebanho e sempre a pedir a protecção da cruz e da espada que os exploravam.

As lisas paredes conventuaes, de granito cinzento, aprumavam-se á beira de ribanceiras perpendiculares, e pareciam nascer da propria montanha, tão rudas, ameaçadoras e impassiveis quanto ella. Na sua catadura sombria, abriam-se duas filas parallelas de janêlos, meudos e quadrados como respiradouros de prisão. Os do primeiro andar, embora os fóssos naturaes dos despenhadeiros circumdantes, tinham grossos varões de ferro, de cujos cruzamentos, a impedir ousadas mãos se approximassem, sahiam afiadas pontas de aço, recurvadas para cima, com meio covado de comprimento. As do segundo andar, mais defendidas pela altura, mostravam sómente os pesados barrotes das grades. E em todas se alinhavam reixas.

Em estreita cella do ultimo pavimento, padecia na solidão da clausura, desde muitos dias, dona Violante de Zuñiga, a mui fermosa e bem prendada, a que amara, com escandalo da familia orgulhosa, o mais bello trovador e o melhor cavalleiro das Hespanhas, dom Gracia de Castañeda, matador de mouros e corredor de aventuras, troveiro de bom e mau trovar. A alta pretenção de fortuna e nobreza do pae preferira fazel-a monja a consentir no casamento com um fidalgote espadachim, de má fama, mal provada linhagem e poucos cabedaes.

O amor não conhece percalços e, quando os topa, torna-os em prós. Uma noite, a freira sentiu leves pancadas nas reixas. Achegou-se e ouviu, num sussurro, palavras de saudade. O coração quiz saltar fóra do peito e os olhos se encheram de agua: era dom Gracia quem falava!

Num barranco da serrania que defrontava o alcantil do mosteiro e ficava proximo, encostára o conto duma longa vara de faia e, atravessando-a por cima do abysmo, apoiára a outra ponta no peitoril fenestral. Marinhára por ella, conforme as ensinanças dum jogral, até alcançar os barrotes. Assim, conseguira vir dizer-lhe da dôr de sua separação e ouvil-a murmurar da dôr de sua desesperança. E o mesmo fez todas as noites sem lua.

Extendiam-se embaixo, aguçados a lima, os espinhos das primeiras janellas e no fundo trevoso da ravina rosnavam aguas encachoadas. A morte, ao menor descuido! Porém elles matavam penas, pertinho um do outro, máu grado sem se poderem vêr!

Naquella noite, aldeia, mosteiro, solar atorreado, tudo dormia; uivavam lobos nas devezas e piavam corujas na matta. Dom Gracia, cavalgando a verga de faia, apertando com as mãos o frio ferro da grade, escutava suaves palavras, quando sentiu que o madeiro fugia da frincha de pedra onde o prendia na riba fronteira. Estremeceu e se lhe arripiaram os cabellos. Encalmou-se e quiz segural-o entre as pernas. Foi peor. A vara largou da janella, desprendeu-se do barranco e cahiu no precipicio, ricocheteando de encontro ás rochas, espadanando aguas lá no fundo. Vampiros e môchos assustados revoaram, gritando. E Violante preguntou receosa:

— "Que foi, meu amor?"

O cavalleiro, suspenso pelas mãos, pés tacteando a parede lisa, recuperou ao frio roçar da morte a leonina coragem de sempre e respondeu, dominando o tremor da voz:

— "Nada. Um galho secco de arvore que o vento quebrou."

Depois dum immenso momento de silencio, accrescentou:

— "Creio que vem gente. Ouvi vozes. Até amanhã."

— "Até amanhã, meu amor."

As mãos doloridas crispavam-se nos varões e no silencio vasto da noite se ouvia o ranger sinistro de suas unhas de encontro aos ferros. Mas os dedos dormentes foram-se abrindo devagarinho. Fechou os olhos e um suor gelado e viscoso correu-lhe pelo corpo. Largou as mãos e despenhou-se. Logo abaixo, as pontas amoladas o esperavam. Bateu-lhes em cheio e de frente. A força da quéda lh'as enterrou, rangendo, entre as costellas. Quatro espéques acerados sahiram-lhe pelas costas. O sangue correu na coira leonada, desceu em fios lentos até ás balugas castanhas, de cujas pontas ficou gottejando. E o seu grito de dôr pareceu no immenso negror da noite um uivo perdido de lobo faminto.

Ao amanhecer, corvos revoavam-lhe em torno. E ninguem podia explicar como ali, tão alto e tão inalcançavel, se espetara o mais bello trovador das Hespanhas. Toda a gente do burgo, desde o alcaide aos mais humildes seareiros e artezãos, zagaes e villôas, se agrupou ao pé do mosteiro arregalando olhos e se persignando. Entre as ameias da barbacã e dos roques, na honra altaneira, os besteiros e servos, homens de armas e adargueiros olhavam o prodigio. E dom Pedro de Zuñiga, o castellão, disse ao abbade de Santa Dorothéa, com um riso cruel:

— " O diabo carregou a alma suja de dom Gracia e pendurou ali, para os abutres, o corpo imprestavel, como os açougueiros mouriscos dependuram em ganchos quartos de carneiro e os caçadores das montanhas pregam á porta as azas das aves de presa e a pelle das raposas."

João do Norte

"Fon-Fon" 1º Dezembro 1917

Gatafunhos

Estava em debate o nome de Brasil com opiniões que o atacavam e outras que o defendiam, quando Claudio França se manifestou.

— « Prefiro os nomes geographicos do novo continente aos do antigo. Os nossos vêm de linguas indigenas, do portuguez, do hespanhol, do inglez, do francez e apresentam mil terminações, mil flexões, mil significações diversas. As denominações geographicas do velho continente cifram-se a determinar os pontos cardeaes, especialmente nos theatros das antigas e portentosas civilisações de que fala a historia.»

Duas ou tres vozes duvidaram. Claudio continuou :

— « A China é o Paiz do sol levante ; a Coréa o Paiz do orvalho matinal ; o Nippon Paiz do oriente. Mar Caspio quer dizer «mar illuminado pelo sol que nasce», de Casatspe nas velhas linguas da região. Anatolia vem do grego Anatolê—nascer do sol. Asia vem do assyrio Assia—terra do sol nascente. Os Allemães chamam o Baltico Ost See - mar oriental...»

Todos pediram a *una voce* : — " Basta, homem! Declaramo-nos convencidos sem que precises recorrer aos outros pontos cardeaes que faltam. Basta !

"Correio Paulistano" - 21 - outubro - 1917

Expulsão de extrangeiros

(João do Norte)

Com exaggero manifesto, todo o mundo diz que o Brasil teve, como primeiros povoadores, degredados e banidos. E' verdade que o governo metropolitano mandou atirar ás nossas plagas algumas levas de criminosos, insular no Recife varias familias de judeus e marranos, povoar o valle do Jaguaribe por tribus de ciganos e abandonar nas povoações nascentes bagaxas e ruões, gentes de má vida e de má fama, que se tornaram os pesadelos, nos garimpos e grupiáras, dos dragões d'El-Rey. Mas não foram tantos quantos se apregôa.

Não obstante, muitos querem que o nosso paiz conserve a sua tradição de terra dos degredados e continue a recebel-os, não só do velho Portugal como de todas as regiões do mundo. E, impatrioticamente, combatem quaesquer medidas destinadas a cauterizar a chaga da existencia de maus elementos extrangeiros, fazendo uma interpretação da Constituição mais liberal que ella propria.

Desta sorte, o Brasil é a unica nação que acolhe os criminosos de direito commum e onde se contesta o direito de expulsão de extrangeiros. As leis liberaes da Gran-Bretanha permittiram na Camara dos Communs e na imprensa, durante algum tempo, discutirem-se as questões de expulsão e não acceitação de elementos inconvenientes; porém, o patriotismo falou mais alto, e imprensa e Camara apoiaram, sem discrepancia, as leis que o governo propoz, para sanar o mal.

As colonias inglezas seguiram o exemplo da mãe patria e elaboraram os estatutos juridicos necessarios á sua defesa contra influencias perturbadoras e deleterias, vindas de fóra. O Canadá excedeu-se em rigor. Prohibiu a entrada de criminosos e de pobres, de mutilados e enfermos provenientes da propria Inglaterra. Esta — tão justa lhe pareceu a medida, não fez a menor reclamação.

Não contentes com a severidade de sua lei sobre **undesirables**, os Estados Unidos tentaram varias vezes crear outra que os livrasse do **perigo amarello** por infiltração, especialmente nos Estados do **Far-West**. A perspectiva, porém, de questões internacionaes, que poderiam sobrevir por sua causa, tolhia-lhes a acção. Veiu a conflagração e a entrada da Norte-America na grande lucta. Immediatamente, aproveitando a distracção do mundo preoccupado com a situação terrivel da Europa, o governo Wilson, usando dum malabarismo politico-administrativo, louvavel porque visa o bem futuro da patria, fez votar e sanccionou a desejada lei.

Essa, sim, é draconiana, mais dura que os rescriptos persas do Rei dos Reis, solenne, aspera, inamolgavel como as decisões de Ramsés, que ainda se lêm, entre dois **cartouches**, na entrada dos velhos templos. Não permitte a entrada de japonezes e chinezes antes dos 15 e depois dos 40 annos. Excusado será dizer que se trata de individuos aptos e sadios, pois a lei anterior não consente no desembarque de mendigos, doentes ou aleijados. Não permitte que tenham profissões sedentarias, que se casem e tenham filhos, que adquiram propriedade immovel e muitas outras cousas mais. Assim, reduz aquelles que já estavam conquistando a California, o Novo Mexico e o Nevada ao papel de ilotas ou de immigrantes provisorios, que só por muita compaixão se deixam entrar em casa, depois de baterem grande tempo á porta, sob a chuva fustigante e a fome ainda mais fatigante.

A lei americana mostra quanto e será terrivel a lucta dos homens na bacia do Pacifico. Dum lado, a China com a sua monstruosa população; a Indo-China a se encher de gente; o Japão onde já não chegam os recursos naturaes para alimentar o seu povo. As colheitas de aroz e as pescarias não bastam. O japonez emigra. Coloniza a Formosa, quasi abandonada. Domina a Coréa. Habita as Kurilas mais septentrionaes sob um frio terrivel, debaixo da neve que, constantemente, cai do céo e lembra aquelles paizes de que falla Herodoto, além dos Scythas, além dos Sauromatas, além dos Roxolanos, onde chovem sem descontinuar plumas e pennas mais alvas que o leite.

Foi preciso a sangueira da guerra contra a Russia, para ter o direito de pescar á vista de Vladivostock, no mar de Okhotz, e estabelecer seus frigorificos e suas salgadeiras na ilha Sakhalina. Busca, depois, o oeste americano e enriquece, prolifierando. Fecham-lhe agora as portas na cara. Terá de descer para a America meridional, onde são menores os recursos, tanto os Andes e o mar confrangem as terras mais ferteis. Em futuro proximo, o duello será medonho.

Tangidos pelas necessidades e pelas guerras, os immigrantes, sendo devidamente joeirados, são immenso bem para os paizes em via de aperfeiçoamento. De má qualidade ou em grande cópia são immenso mal. Dahi a carencia de legislações que previnam os prejuizos e não das que pretendam fechar a janella, após roubo e a fuga do ladrão.

Um paiz como o nosso, extenso, pouco povoado, em pleno progresso, precisa de braços e energias; toda via deve afastar aquelles que não possam ser factores de trabalho, que, por suas condições de saude e raça, não possam sinão contribuir para peorar as condições actuaes do povo brasileiro.

E como resolver o problema? Expulsar os maus elementos existentes pela imprevidencia e, corrigindo esta, promulgar uma lei contra os indesejaveis. Ahi surgirá o alarma em prol do mal comprehendido espirito liberal da nossa constituição. Seccarão as fontes da chicana interpretativa. Expulsar extrangeiros, dirão, um crime contra o pacto fundamental e o espirito de liberdade moderno! Não expulsar perturbadores da ordem social e exploradores dos seus proprios companheiros de classe, crime maior contra as instituições e o futuro do paiz. Não estamos ainda em pleno socialismo. Elle virá, para felicidade dos povos, com a lenta e segura evolução da propria humanidade, não com agitações estereis ou revoluções crueis. O matadouro da revolução franceza foi inutil. Os seus principios venceram quando sua opportunidade chegou. Ella só teve um effeito immediato: a Santa Alliança.

A interpretação do nosso pacto republicano deve ser sempre feita com espirito conservador. Póde entrar no territorio nacional qualquer individuo, está escripto; porém qualquer individuo util, proveitoso, productor de actividades. E' claro e justo que a liberdade de entrada no paiz póde e deve ser restringida em beneficio da saude, da moral e da economia publicas. Interpretando lattamente a letra da constituição, como impedir o desembarque de colericos, variolosos ou bubonicos?

A falta duma lei sobre esse assumpto trouxe para a Hespanha, ha dois annos, graves prejuizos. Com a guerra e as severas medidas militares tomadas em França, especialmente em Paris, os rufiões, as zabaneiras, as meretrizes e os jogadores invadiram a Hespanha em grande numero, enchendo Barcelona, Toledo e Madrid. Até os peores apaches se mudaram das vielas parisienses para os becos sujos de Sevilha.

Logo, o governo decretou a expulsão de extrangeiros e lançou-os fóra, sem maiores formalidades. Já lhe bastavam as chulas e os navalhistas nacionaes.

Comnosco se dá o contrario. Somos os recebedores do lixo universal. Não sómente o recebemos. Declamadores sem patriotismo e sem sinceridade querem que não possamos ao menos mandar embora os que abusam da paciencia brasileira. Muitos paizes, dos quaes se escôa gente para o nosso, procuram encaminhar com as migrações os seus bebedos e incapazes. As ruas da nossa capital federal fervilham de mendigos, todos extrangeiros. Dos vapores que trazem immigrantes descem, trambecando, para os nossos cáes septuagenarios arrimados a bastões, rindo seilmente para a natureza maravilhosa. Veleiros e paquetes carriam de Santa Lucia e Barbados, para Belém, uma multidão

170

de negros rudemente tratados pelos inglezes, que vêm gosar a bôa vida do Brasil, onde se lhes garantem todos os direitos imaginaveis. E o que é mais notavel ainda: as estatisticas mostram que, na casa de Correcção e na Santa Casa do Rio de Janeiro, quasi sempre, existe grande maioria de extrangeiros!

Quando cessar a guerra, a carencia de braços na Europa impedirá a emigração e talvez se dê um outro phenomeno: procurem seus paizes de origem muitos emigrantes, mais ou menos já fixados em outros. No emtanto, estamos ameaçados de sermos procurados pelos inuteis obrigados a viver á matroca, estropiados pela guerra ou reduzidos a maior miseria physica, moral o material, por suas consequencias. Prevendo isso, o Chile não esperou que o seu congresso votasse uma lei contra indesejaveis. Promulgou um decreto prohibitivo. Da mesma fórma, a Argentina regulamentou com um decreto severo um simples artigo da sua lei geral de immigração. Aqui, discutiu-se sem proveito o assumpto e o unico projecto de lei que appareceu dorme ha dois annos na pasta da Commissão de Justiça da Camara.

Velho o rifão: mais vale prevenir que remediar. Uma bôa lei, prohibindo a entrada de elementos perniciosos, teria, entre todas as vantagens, a de impedir a reproducção das scenas desagradaveis que se passaram em S. Paulo e a de poupar aos governos os trabalhos e polemicas das expulsões.

João do Norte

"Fon-Fon" - 3 - novembro - 1917

Garatujas

Rhéa, mãe de Jupiter, deu ás nymphas, amas de seu filho, um dos chifres da cabra Amalthéa, que o amamentara, com a virtude de lhes dar o que pedissem ou desejassem. E assim, quando Adrastéa e Ida inclinavam sobre a pelucia dos relvados onde dormiam a sesta aquella cornucopia, della cahiam, espargindo-se todos os fructos da terra, aquelles que sobre ella nascem das plantas e aquelles que no seu seio as criam: pomos e flores, oiro e diamantes, rubis e turquezas, berylos e aguas-marinhas.

O symbolismo desse corno da abundancia tem se repetido atravéz dos seculos e das civilisações. Elle desnorteou a cubiça de gerações inteiras creando miragens e lendas, levando para o Oriente os que buscavam Ophir e a grande cidade do oiro, conduzindo para o occidente os que procuravam o El Dorado. Emtanto, para obtel-o, basta lavrar a terra. A California foi miseravel emquanto a esfuracaram na gana dos metaes preciosos e repousou no seio das riquezas, depois que cultivou o solo. A Amazonia não passou dum paiz de canha durante o tempo em que os seus filhos e os seus aventureiros unicamente queriam o *latex* da *hevea*. Agora resuscita do nada pelo braço do agricultor.

Tu, Brasil, que tanto desejas o talisman dado pela mãe de Zeus ás que lhe criaram o filho, porque não rumas as tuas energias para o interior, abandonando as lantejoulas sem valor do littoral e não aras o proprio coração. Só assim o obterás.

"Fon-Fon" - 10 - novembro - 1917

Garatujas

Era muito *chic* aquelle *boudoir* onde conversavam tres lindas senhoras, tão formosas e tão suaves como as tres graças, sentadas em poltronas Luiz XVI, lacadas de branco, esparsas entre jarrões de flores sob peanhas. Cortinas amplas de renda fina escondiam as vidraças *biseautées* das janellas e no fundo dum *porte-bibelots* com grinaldas de bronze aos cantos luziam objectos de prata, brilhavam porcelanas finas.

E as tres discutiam o nome que deviam dar ao novo cãosinho da dona da casa, um japonez legitimo, muito pelludo, que todas achavam lindo e eu, com grande escandalo dellas, chamara ignobil. Os nomes succederam-se: Darling, Joujou, Tommy, Polu.

Claudio França, sempre pensando na historia dos homens, inspirado por Clio, propuzera Anubis. Uma gargalhada acolheu o titulo do cynocephalo sagrado do Egypto. Então, elle, furioso, atirou-lhes com este: Chacal! A dona da casa protestou e pediu a minha opinião.

— Ponha Kyne, nome suave, que em grego significa cão e com o qual foram baptisados o cão biblico de Tobias e o cão humoristico de Gargantua.

As tres acceitaram.

Garatujas

Era um homem alto e espadaudo, de face calma e olhos azulados quem fallava a uma ponta da mesa, naquelle enfadonho banquete politico, negando o pangermanismo como doutrina de predominio universal, elogiando-o como liga commercial e fortemente condemnando o imperialismo inglez.

Quando deixou de fallar para sorver duas taças de champagne seguidas, Claudio França, endireitando o laço branco da gravata e dando uns puxões ao seu maravilhoso collete branco, disse-me:

— «Não sei quem é, mas diz tolices. O imperialismo inglez, na accepção que lhe emprestam de conquista e dominio, nunca existio. Os homens de Estado da Inglaterra não têm idéas de Cambyses ou Xerxes como os da Prussia. O imperialismo inglez não é uma doutrina politica nascida no cerebro de *lord* Fulano ou de *lord* Sicrano, mas um facto inegavel e inilludivel, resultando do proprio desenvolvimento da Grã Bretanha e sua colonias, produzindo á sua hora precisa, na sua opportunidade, sem o *forceps* do militarismo, não manifestação do espirito de aggressão e conquista, porém um problema completo de organisação federativa que não faz medo a ninguem».

"Careta" - 10 de novembro de 1917

TIRO 5 DO LEME. — O Concurso de Domingo

171

"A Epoca" - 30 de novembro de 1917

"A Epoca" e as linhas ae Tiro

UMA VISITA AO TIRO DO LEME

Um pelotão de socios do Tiro do Leme, sob o commando do tenente dr. Gustavo Barroso, deputado federal, em posição de: para atirar

"Fon-Fon" - 1º - dezembro - 1917

Garatujas

Era assumpto da palestra a origem das coisas militares e haviam falado da organisação da phalange thebana, da macedonia, da legião servia e do terço hespanhol, quando um tenente de physionomia sympathica e elegantemente fardado perguntou qual o modelo primitivo de que se tinham derivado os capacetes dos guerreiros antigos e da moderna cavallaria. Porque, explicou elle, ninguem podia negar que houvesse uma semelhança extraordinaria entre os cascos gregos e romanos, estes e os dos cavalleiros napoleonicos, os dos dragões francezes, dos dragões italianos, austriacos, dinamarquezes, portuguezes antigos e brasileiros, no primeiro imperio.

Um bacharel muito lido respondeu:

— « Esses modelos de capacete a que o tenente se refere, tanto os da alta antiguidade como os de hoje que delles se originam, em crina ou chenille, pennacho ou cimeiro liso, nasceram dum modelo unico — o barrete phrygio. Comparem as duas formas, descontando as modificações introduzidas, e me darão razão ».

O tenente interrompeu:

— « Os barretes phrygios eram de panno e os capacetes são de metal. Como comparar um objecto de forma fixa com um maleavel?

— « O primeiro capacete, meu amigo, foi um barrete phrygio de bronze, conforme se encontrou nas escavações de Herculanum e existe no museu de Napoles ».

"Diario Official" - 28 - nov° - 1917

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 351 — 1917

Regula a entrada de estrangeiros no territorio nacional; com parecer da Commissão de Justiça, favoravel ao projecto; reservando-se o direito de emendal-o opportunamente.

(Vide projecto n. 177, de 1916)

O projecto véda a entrada, no territorio da Republica, aos individuos de nacionalidade estrangeira, que possam ser nocivos á communhão brasileira, já por defeitos physicos, e já por vicios ou crimes que os tornem suspeitos ou perniciosos á ordem e tranquillidade publica.

Nessa prohibição comprehende o projecto «os cégos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou de ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados de qualquer especie, criminosos condemnados nos paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos, e menores de 16», fazendo excépções que abrandam o texto e esclarecem a sua intenção.

Como se vê, o projecto não visa embaraçar a corrente immigratoria, que possa ser util ao Brasil; evita apenas que este receba elementos máos e improductivos, incapazes de collaboração proveitosa.

Com a previsão do que seja o exodo da população européa, inutilizada na guerra e remanescente aos seus acontecimentos, previsão já accentuada por estatisticas parciaes da entrada, em nossos portos, de elementos estrangeiros, inuteis para o trabalho e perturbadores da nossa situação economica, tem o projecto justificada a sua conveniencia e opportunidade.

Bem se comprehende a utilidade de dotar a nação de uma lei efficiente á interdicção de seus portos e fronteiras ao ingresso de uma immigração, que, longe de estimular o nosso progresso, virá entorpecel-o, concorrendo para o definhamento da nossa raça, e tornando-se, assim, um elemento negativo para o nosso desenvolvimento economico e ethnológico.

Medidas identicas vigoram nos Estados Unidos desde a lei de 3 de outubro de 1882, tornando-se mais rigorosas com

a lei de 3 de março de 1903 reguladora da immigração estrangeira, e promulgada com o intuito de protecção ao trabalho nacional (Annuaire de legislation étrangère, vol. de 1882, pag. 1.004 e vol. de 1903, pag. 642); e a Republica Argentina, ameaçada, como todos os paizes novos da America, do inconveniente da immigração perniciosa, que o projecto procura evitar, já regulamentou, por decreto de 26 de abril de 1916, o art. 32 de sua lei de immigração, de 19 de outubro de 1876, ampliando as suas disposições, de accôrdo com as necessidades e os receios do momento.

Quanto tambem á sua constitucionalidade, o projecto merece o assentimento da Camara.

As providencias por elle cogitadas podem ser tomadas pelo Estado, no exercicio de sua soberania, não as vedando nenhuma disposição da Constituição Federal, que, no art. 72, se refere aos «estrangeiros residentes», conferindo só a estes as garantias que estabelece nos varios paragraphos do mesmo artigo.

Ellas não constituem uma novidade em nosso direito. Disposição equivalente, embora mais restricta, já contém o art. 4º do decreto n. 1.641, de 7 de janeiro de 1907, acatado, nesta parte, como perfeitamente constitucional, tendo igualmente cogitado da prohibição da entrada do estrangeiro no territorio nacional, com brilhantes justificações, o substitutivo do Sr. Mello Franco ao projecto n. 493, de 1912, e as emendas apresentadas pel mesmo Deputado no projecto n. 274, de 1915.

No seu art. 4º, porém, merece o projecto os dous seguintes reparos, sendo o 2º de ordem constitucional:

1º, é deficiente na penalidade que applica aos infractores, cogitando sómente de estrangeiros, quando os naicnaes podem tambem ser autores ou cumplices da infracção, até com mais circumstancias aggravantes, desde que sejam funccionarios, encarregados da fiscalização das medidas decretadas;

2º, creando a pena de expulsão, e impondo-a «a todo o estrangeiro», envolve tanto os estrangeiros itinerantes como os residentes, quando é certo que, quanto a estes, é inapplicavel aquella pena, nos termos do citado art. 72 da Constituição Federal e segundo o conceito dominante na doutrina e na jurisprudencia.

Com essas restricções, e salientando a conveniencia de modificar a redacção do art. 1º, incluindo especificadamente outras especies de «indesejaveis», nelle não enumerados, a Commissão de Constituição e Justiça opina pela adopção do projecto, reservando-se o direito de emendal-o opportunamente.

Sala das sessões, 20 de novembro de 1917. — Mello Franco, Presidente interino, — Maximiano de Figueiredo, Relator. — Passos de Miranda Filho. — Celso Bayma. — Gonçalves Maia com restricções. — Prudente de Moraes, com restricções.

N. 79 A — 1917

Regula a transferencia para a arma de artilharia dos segundos tenentes de infantaria e cavallaria habilitados com o respectivo curso; com parecer favoravel da Commissão de Marinha e Guerra.

PARECER — PROJECTO N. 79, DE 1917

Conforme se verifica na justificação que acompanha o projecto n. 79, do corrente anno, regulando a transferencia para a arma de artilharia dos segundos tenentes de infantaria e cavallaria habilitados com o respectivo curso, o fundamento principal da medida proposta ao Congresso é a falta de officiaes desse posto na arma de artilharia.

Effectivamente, existem nessa arma 115 vagas no primeiro posto. A crise de officiaes subalternos é grande e não ha remedios promptos para ella.

O regulamento da Escola Militar exige, para a matricula nos cursos de artilharia e engenharia, uma média geral permanente no curso fundamental, e a maioria dos alumnos que attingem essa média dão preferencia ao curso de engenharia.

Esta ultima arma terá, dentro em breve, o seu quadro de segundos tenentes completo, pois que possue 21 vagas desse posto e tem 108 alumnos para a ellas concorrerem. A artilharia não; os 38 alumnos do seu curso nunca serão bastantes para cobrirem as suas 115 vagas.

Para resolver essa crise, o Governo propõe diminuir o tempo do curso de artilharia e augmentar o numero de matriculas. O orçamento para 1918 prevê já esse augmento e o Ministro da Guerra espera tão sómente autorização do Legislativo para a diminuição proveitosa.

Do exposto parece que é justa a transferencia de segundos tenentes de infantaria e cavallaria para artilharia, habilitados com o curso respectivo. Ella seria util por trazer algum remedio á crise de officiaes a que nos referimos; mas não é justa, porque vae ferir direitos adquiridos.

Feita a transferencia por meio do projecto presente á Commissão, os segundos tenentes de infantaria e artilharia, não tendo alteração em suas antiguidades, irão prejudicar fortemente os segundos tenentes que alli se acham, arcando com maiores tarefas devido á falta de officiaes. Prejudicarão, tambem, grandemente os aspirantes prestes a concluir o curso e que irão occupar, no quadro, numeros inferiores aos que teriam, si para elle entrassem sem encontrar os transferidos. Esses aspirantes obtiveram suas médias com esforço e desde logo se dedicaram á arma, cujo curso fazem. Não é, portanto, direito crear-lhes tropeços, favorecendo officiaes de outras armas, que, embora com o curso de artilharia, a essas se dedicaram, por cuidarem mais faceis as promoções ou quaesquer outros motivos; e que, reconhecendo não mais lhes convirem as mesmas, desejam tornar á artilharia, á espera de melhoras devido á crise de officiaes.

Pelas razões adduzidas, a Commissão de Marinha e Guerra é de parecer que o projecto seja rejeitado.

Sala das Commissões, 18 de outubro de 1917. — Alberto Abreu, Presidente. — Gustavo Barroso. — Mario Hermes. — Esperidião Monteiro. — Oscrio de Paiva. — João Penido.

PROJECTO N. 79, DE 1917, A QUE SE REFERE O PARECER

Considerando que existe um grande claro no primeiro posto da arma de artilharia;

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º O Governo transferirá para a arma de artilharia, independente de solicitação, os segundos tenentes de infantaria e cavallaria que, da data desta lei em deante, se habilitarem com o respectivo curso, conservando estes a sua antiguidade de posto das armas de que provierem.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario. — Barbosa Lima.

N. 290 — 1917

Manda contar, pelo dobro, o tempo de serviço dos funccionarios civis e militares, que serviram e servem nas commissões de linhas telegraphicas, chefiados pelo coronel Rondon; com substitutivo da Commissão de Marinha e Guerra e parecer da de Finanças, favoravel áquelle substitutivo.

Manifesto opinião favoravel ao que dispõe o projecto n. 181, de 1915, em seus dous unicos artigos e, á digna Commissão de Marinha e Guerra, procurarei justificar meu voto com as considerações que em seguida vou expôr, além de me declarar de accôrdo com os «consideranda» preliminarmente designados pelas lettras *a*, *b*, *c*... *i*, baseado em conhecimento que tenho dos serviços ha 26 annos dirigidos, através dos sertões de Matto Grosso, pelo actual coronel de engenharia Candido Mariano da Silva Rondon.

Proponho apenas uma extensão do favor ahi esboçado, ás praças de pret, a cujo esforço gigantesco — sempre referido com admiração, por tudo quanto disse Roosevelt, após sua excursão ao Brasil, quando percorreu a zona da grande linha telegraphica Cuyabá-Madeira, como pelo proprio coronel Rondon, em multiplos documentos officiaes, onde o typo nacional do caboclo reivindica a sua legitima posição de destaque, pondo em evidencia as optimas qualidades demonstradas no desbravamento do solo inculto — deve-se tambem a conclusão dessa mesma linha telegraphica do Noroeste, o mais recente e o mais difficil trabalho confiado ao valor civico e á dedicação competente desse honrado militar brasileiro.

Tanto quanto possam contemporaneos ajuizar do merito, do valor desses trabalhos que se teem desenvolvido no mais recondito seio das nossas florestas virgens, dos tractos de solo patrio mais afastados das zonas já penetradas pela civilização, parece-me que nenhum outro serviço publico ou particular, dentre os de maior envergadura, póde soffrer confronto com esse da conquista realizada do Noroeste fantasticamente desenhado, até então, nas nossas cartas geographicas.

Alli, os imprevistos do desconhecido misturavam-se ao bem fundamentado receio das aggressões partidas desses milhares de indigenas, que muito justamente reagiam contra a invasão de seus dominios; o grave problema do transporte no sertão augmentava muita vez o soffrer que só a energia e a dedicação sem par puderam dominar e vencer, mesmo quando o theatro das operações era superentendido pelo espectro do impaludismo.

Um rapido olhar á já numerosa bibliotheca publicada pela Commissão, popularmente conhecida por Commissão Rondon, deixa-nos a convicção de que seria impossivel fazer mais do que foi executado nos ultimos dez annos de serviço, digo mais, traz-nos a impressão de que o seu chefe tem o que poderemos chamar «a megalomania do serviço publico».

Ha ainda um aspecto notavel que convém aqui lembrar: a fórma pela qual foi resolvida a approximação dos indios encontrados no decorrer dos trabalhos, a maneira altamente moral e carinhosa com que foram norteadas as providencias que visavam sua pacificação, com a mais absoluta rigidez dos bons principios humanitarios, de modo a despertar a confiança, a amizade e a sympathia desses pobres homens primitivos — que usavam ainda o machado de pedra e dormiam nús sobre o sólo, quando os foram surprehender, no amago

da selva, as pancadas do machado de aço, que se acercavam do veado arisco, do «cervus campestris», para o ferir com a flecha, ha poucos metros, quando as modernas carabinas o abatiam com pontaria certeira de muito longe...

Sabemol-o demais todos nós brasileiros o que tem sido essa cruzada heroica de um quarto de seculo de lutas consecutivas, mantidas por um só homem ao leme, para que dilate mais este preambulo, necessario, todavia, em seus traços geraes, para bem fixar o meu ponto de vista.

Este mal traçado esboço dá alguma idéa do que teem sido os trabalhos a que se ha dedicado o coronel Rondon, pois, deixam sufficientemente claro qual o grão de sympathia que deve merecer do legislador esse grupo de homens, cuja actividade se subordinou á sua direcção, quando surja na arena de suas cogitações qualquer projecto de lei que os beneficie.

Reconhecido dest'arte quanto é merecido, pelos que desse favor virão a gosar, o beneficio que a medida proposta encarna, vamos estudar a questão em si.

E' certo que, melhorando a situação de um pequeno grupo, ou por outra, apressando o momento de descanso, pela reforma ou aposentadoria, o projecto nada encerra que redunde em prejuizo de nenhum outro membro da força armada ou do funccionalismo publico.

Poder-se-hia objectar, no emtanto, trazer essa antecipação uma sobrecarga aos cofres publicos com o crescimento do quadro de inactividos, mas a verdade é que, pelos proprios fundamentos das leis reguladoras de todas as reformas e de todas as aposentadorias, a razão de sua existencia e a sua regulamentação esclarecem que o Estado procura por tal fórma amparar os seus servidores, quando estes consumiram suas energias ao serviço da Patria, de onde a despreoccupação de que a sua retirada venha ou não sobrecarregar as obrigações do Thesouro. Aos servidores, portanto, dos quaes mais cedo esgotou o Estado, em seu serviço, as forças physicas, creando talvez estados morbidos que os acompanharão pelos restantes dias de vida — parece razoavel que se facilite alguma antecedencia sobre os que estão subordinados ao regimen normal existente.

Por outro lado, convém elucidar que se não deve cogitar — como não cogita a redacção do projecto — de restringir essa contagem de tempo ao periodo estrictamente da estadia no sertão, porquanto, na maioria dos casos, os intervallos passados na cidade collimavam fugir á morte, para novamente lançar a vida aos azares de tão perigosos trabalhos.

Não seria, pois, justo contar dia por dia dessa permanencia, quando a coragem civica dos beneficiados afrontava estoicamente aquelles mesmos perigos de que tinham já adquirido conhecimento, por experiencia propria, sentindo no corpo emagrecido os ferreos guantes das doenças.

Depois, como é sabido, contou-se pelo dobro aos officiaes que serviram em Matto Grosso, em 1889, aos que estiveram no Acre, em 1903, aos que foram a Matto Grosso, em 1906, aos militares fizeram a campanha do Paraguay, o tempo de occupação desse paiz, depois de terminado o ultimo combate, contaram-se, por avisos ministeriaes, da mesma fórma, periodos da revolução de 1893-1894 e da revolução do Rio Grande do Sul, até 1895, para os officiaes e soldados que militaram nas hostes legaes e que, embora sem fazer parte das forças propriamente em operações de guerra, serviam na zona em que se desenrolavam a acção combatente.

Não só no Brasil assim se tem procedido. A Russia deu regalias especiaes, entre as quaes contagem do tempo pelo triplo, aos officiaes e soldados que trabalharam na exploração, locação e construcção do transiberiano. A Inglaterra sempre contou pelo dobro o tempo dos officiaes de terra e mar, empregados nos estudos, explorações desbravamentos, construcções ferro-viarias e telegraphicas na Columbia, na Africa, na India, no Afghanistan e no Tribet. O governo francez mandou contar duas vezes, o tempo dos officiaes e praças dos corpos de desembarque que tomaram parte nas expedições scientificas da Indo-China, sob a chefia de Charner, Rigault de Genovilly, Francisco Garnier, Pallegoix, Monhot e Parie, exploradores do Cambodge, do Laos, do Annam e do Tonkin.

O apparente favoritismo de taes medidas resulta evidente se lembrarmos que esses militares, em qualquer dos casos, estavam sob ameaça imminente de marchar e entrar immediatamente em acção de guerra, si tal lhe fosse ordenado, não sendo por culpa sua que se lhes não indicasse aquelle posto, como não concorre a vontade do soldado para que lhe seja designada a linha de frente ou a reserva, a companhia do assalto ou a sentinella do acampamento.

Pois bem, é inteiramente applicavel ao caso da commissão Rondon, esta circumstancia e eu sei que, algumas vezes, sob a premencia da falta de pessoal, houve muitos delles que mal curados, simulavam por telegramma uma cura que estava muito longe de se realizar e recebiam ordem de regressar ás arduas occupações desse sertão. Pondo mesmo de lado, por excepcionalissimo, o exemplo do cornel Rondon; que — como o fazia habitualmente— ao iniciar a memoravel travessia de 1909, exigira do medico a exclusão de todos os que não estivessem sufficientemente sadios e resistentes, para essa magna prova, ao passo que sob o dominio de accessos febris diarios, permanecia á testa do serviço, arrostando e vencendo todas as intemperies e todas as fadigas. Citarei dentre muitos nomes, o de um official, o 2º tenente Marques de Souza, como exemplo do que acabo de allegar, pelo conhecimento que tem o Congresso do que lhe succedeu em pleno coração de Matto Grosso. Este distincto e jovem militar acceitou, mal curado ainda, as responsabilidades da exploração do rio Ananáz, sagrado depois com seu proprio nome, e certamente o estado doentio em que iniciou seus trabalhos foi a causa principal de ter sido victima do ataque dos indios desconhecidos, porque no momento em que este se delineou, o estado de saude do chefe da expedição, precario como era, não lhe permittira reagir e dominar a situação, o que faria inquestionavelmente si o organismo estivesse em perfeito equilibrio de suas funcções.

Vou, finalmente, encerrando estas considerações, ferir o ultimo ponto que falta esclarecer: querem os signatarios do projecto, como se infere de sua redacção, que seja contado pelo dobro, todo o tempo de serviço prestado sob a chefia do coronel Rondon, e julgo tambem perfeitamente equitativo que o favor não só attinja os que prestaram seu concurso aos ultimos trabalhos executados pela Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, como pelas commissões telegraphicas que elle dirigiu em Matto Grosso.

Como entretanto o proprio coronel Rondon, que, seja dito de passagem, desde 1º tenente chefia commissões, foi em periodo intercalado no grande cyclo de sua actividade o chefe da commissão brasileira que acompanhou Roosevelt, em sua travessia pelo interior do Brasil, assim como, resumindo modificação já tratada em topico anterior, proponho que, conservados os nove «itens» de seus «consideranda», seja o projecto assim redigido:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º Aos officiaes do Exercito, Marinha ou Policia, bem como ás praças de pret e aos funccionarios civis que serviram e servem nas commissões de linhas telegraphicas dos Estados de Matto Grosso e Amazonas, chefiadas pelo coronel Candido Mariano da Silva Rondon, inclusive a que acompanhou o ex-Presidente dos Estados Unidos da America do Norte, Sr. Theodore Roosevelt, em sua travessia pelo interior do Brasil, será contado pelo dobro esse tempo de serviço para effeitos de reforma ou de aposentadoria.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Commissões, 31 de julho de 1917. — Alberto de Abreu, Presidente. — Gustavo Barroso, Relator. — Mario Hermes. — Simeão Leal. — Lebon Regis. — Esperidião Monteiro. — Ozorio de Paiva. — João Penido.

PARECER DA COMMISSÃO DE FINANÇAS

Em 1915 foi apresentado um projecto á Camara dos Deputados, assignado por distinctos collegas nossos, mandando contar pelo dobro «para effeitos de reforma ou aposentadoria» o tempo de serviço dos funccionarios civis ou militares, nas commissões de linhas telegraphicas dos Estados de Matto Grosso e Amazonas, chefiadas pelo coronel Rondon.

As medidas contidas neste projecto, precedidas de convincente fundamentação, lograram approvação unanime da Commissão de Marinha e Guerra que acceitou o brilhante parecer do Deputado Gustavo Barroso que, demonstrando em justas e eloquentes considerações, a sua inteira plausibilidade, propoz tambem fossem estendidas os mesmos favores por sentimentos de equidade, ás praças de «pret» e á commissão que acompanhou o ex-Presidente dos Estados Unidos da Amrica do Norte, Sr. Theodoro Roosevelt, em sua travessia pelo interior do Brasil».

Levando em consideração os serviços notaveis que veem prestando ao paiz esses nosso patricios em emprehendimentos uteis á Nação e reveladores de extraordinaria tenacidade e rasgos de heroismo que os recommendam á nossa admiração e ao nosso recnhecimento; e tendo ainda em vista os já varios precedentes neste sentido, porquanto é sabido que foi contado no dobro, aos officiaes, o tempo que serviram no Matto Grosso em 1889 e em 1906, bem como na expedição do Acre em 1903, não fallando dos militares que fizeram a guerra do Paraguay ou dos que pertenceram ás forças legaes, durante a revolta de 1893 a 1894 e a revolução do Rio Grande do Sul até 1895, pensa a Commissão de Finanças que é justa a medida consignada no projecto da Commissão de Marinha e Guerra, pelo que é de opinião seja elle approvado pela Camara.

Sala das Commissões, 17 de outubro de 1917. — Galeão Carvalhal, Presidente. — Moniz Sodré, Relator. — Torquato Moreira. — José Bonifacio. — Barbosa Lima. — Ildefonso Pinto. — Alberto Maranhão. — Octavio Mangabeira. — Raul Fernandes. — Cincinato Braga.

"Correio Paulistano" 4 dezembro 1917

171

A evolução das unidades tacticas

(João do Norte)

Os exercitos da antiguidade oriental não tinham a menor organização tactica: eram bandos ferozes como alcateias de lobos, que combatiam até ao exterminio, sem cohesão e sem disciplina, catervas crueis e rapinantes nas victorias, multidões loucas de pavor nas derrotas. As proprias guardas dos soberanos se distinguiam do commum das tropas pelos adornos e privilegios, mas não por uma melhor organização. Assim foram os sacios de Dario, os gibborim de David, os oeris dos pharaós.

Coube a Sparta a creação da primeira unidade tactica que conheceu a civilização militar da humanidade. Emquanto Athenas se preoccupava com os seus estaleiros, com a construcção das suas biremes e triremes, com as colonizações distantes preceituadas pelos oraculos, com a sua "thalasso cracia", tal qual a Grã-Bretanha, Sparta creava o primeiro poder militar terrestre, fomentando no sport o lançamento da javelina e do disco, enquadrando a juventude no serviço obrigatorio da defesa nacional.

Appareceu a phalange lacedemonia com as suas seis moras divididas cada uma em quatro lochos, que comprehendiam dois pentecostyos e num destes se contavam duas enomotias. Como toda unidade tactica original, era composta por todos os cidadãos capazes de combater.

A guerra do Peloponeso trouxe, como todas as guerras, grande evolução nos conhecimentos militares. A phalange se modificou de accôrdo com as necessidades da época. Deixou de comprehender todos os cidadãos armados e passou a ser um agrupamento bem organizado, de seis mil homens, mais ou menos, formados em dezeseis filas obliquas.

Essa phalange — a thebana, como era chamada — acompanhou os progressos da arte militar antiga. Vamos encontral-a sob o commando de Philippe, pae de Alexandre Magno, e com o titulo de macedonica, contando dezeseis mil homens, divididos em sticas de mil, syntagmas de quinhentos, meias syntagmas, e tetrarchias de sessenta e quatro.

Foi a mais celebre unidade tactica da historia. Com ella, aquelle joven Alexandre, discipulo de Aristoteles, que delle não nos deixou uma impressão, o que nos faz ainda hesitar em tomal-o como louco ou como deus, atravessou os continentes, bateu todos os asiaticos e constituiu o maior imperio até hoje conhecido.

O correr dos tempos enferrujou a phalange macedonica. Perseu arrastou-a ainda á batalha de Pydna. Porém Paulo Emilio trazia contra ella a nova unidade tactica, que deveria substituil-a. E a legião romana bateu completamente a phalange. Os seus legionarios vararam os hoplitas com o ferro acerado dos piluns, os seus cavalleiros golpearam com os gladios curtos os vélites, as suas catapultas derrubaram as filas de sarissas afiadas, os seus fundibularios mataram os peltastas.

A origem da legião se identifica com a da phalange. No tempo dos reis, a legião servia compunha-se de todos os romanos. Mais tarde é que lhe dão as tres classes de soldados — hastats, principes e triarios, e se dividem as centurias em manipulas. Vai evoluindo. Mario estabelece a divisão em dez cohortes. Cesar estabelece o effectivo classico: seis mil homens, commandados por um legado assistido por um prefeito do campo.

As cohortes de seiscentos homens são chefiadas por um tribuno; as manipulas constam de duas centurias; cada centuria é guiada por um centurião sob as ordens do qual ficam alguns "option" e decuriões.

Subverte-se o imperio romano e na arte militar nada subsiste das suas creações. A hoste medieval quasi não é uma unidade tactica. Ella comprehende todos os homens de armas e todos os acostados dum feudo. A reunião de todas as hostes ou mesnadas dos senhores de pendão e caldeira, o "ban" e o "arriére ban", fórma a hoste real. O castellão é o commandante; o alferes, rodeado de pagens, leva o guião; os almogavres batem os caminhos nos seus ardegos cavallos zebrunos; "besteiros de a cavallo", no dizer dos foraes, formam as costaneiras ou alas, caudilhados pelos seus coudeis. Na batalha ou centro, brilham as armaduras pesadas dos cavalleiros acontiados e dos membros da familia. Homens menos nobres, montados, porém com esporas de ferro, compõem a deanteira ou vanguarda. Os "besteiros de a pé" e os fundibularios guardam o coice, a reguarda ou retaguarda. E as bagagens, as uchas, os feixes de ascumas e de virotes, os ôdres, vêm, entre a pionagem rés, na çaga.

Sente-se a influencia de Roma no orgulho dos cavalleiros, nas béstas de bodoque e de virotão que vêm das balistas, nos fundeiros ainda procurados nas Boleares, ou assim chamados. Palpa-se a influencia do arabe nos termos começando pelo artigo al, no ligeiro combater de esculcas e almogavres, nos postos inferiores, no armazem dos mantimentos, no alferes, que leva o pendão heraldico E o peso da armadura, a raiva do combater, a rudeza das almas e da organização tráem a origem gôda a origem barbara.

Gonçalo de Corôova, o grande capitão, assenta no limiar dos tempos modernos uma nova base de organização militar: — o terço hespanhol de dez companhias de trezentos homens, com o seu mestre de campo, um sargento-mór, um alferes-mór, dez capitães, dez tenentes e dez alferes.

O seculo maravilhoso de Luiz XIV substitue o terço castelhano pelo regimento francez de oito companhias de trezentos homens commandados por um coronel, um tenente e um major.

A Revolução, matando tudo quanto existia no antigo regimen, cancella os regimentos, os seus nomes historicos, as suas bandeiras flammantes. E vence a Europa colligada com uma nova unidade tactica — a meia-brigada.

O genio de Napoleão restabelece a ordem social e crêa na arte militar uma outra unidade. Os regimentos revivem, mas não são mais a base da organização guerreira, que passa a ser o batalhão. Cada regimento enquadra dois, tres ou quatro, a mil homens cada um.

Os ensinamentos das guerras contemporaneas, os immensos, os fantasticos progressos da sciencia de matar, obrigaram os estados-maiores ao estabelecimento de nova base tactica. E tivemos a companhia de guerra de duzentos e cincoenta soldados, embora subsistissem os batalhões e os regimentos, para recebel-a.

Procurou-se, porém, nos ultimos tempos, como que prevendo os resultados da experiencia guerreira actual, dotar cada uma dessas unidades do maior numero de elementos defensivos possiveis.

Num artigo publicado no "Merkure", de Frankfurt, o general von Mayer dizia que, sob esse aspecto, o pequeno exercito francez era superior ao grande exercito allemão. Emquanto este possuia companhias ou batalhões especiaes de telephonistas, metralhadores, granadeiros, mineiros e outros especialistas, que deveriam ser distribuidos pelas tropas na mobilização, o outro tinha esses mesmos elementos fazendo parte integrante de cada companhia, de cada esquadrão, de cada unidade tactica.

Prevaleceu nesta hedionda guerra a opinião de von Mayer. Os guias militares das grandes massas de homens, que se mutilam e matam na Europa, chegaram á conclusão da necessidade de condemnar a companhia e crear uma nova unidade de combate e mesmo de organização.

175

Surgiu, assim, a actual secção de trinta e dois homens classificados desta sorte: oito atiradores, oito granadeiros de mão, oito granadeiros de fuzil e oito metralhadores.

E' interessante notar a evolução das unidades tacticas do geral para o particular. Primeiramente, o exercito é a multidão; depois, o conjuncto dos homens validos da cidade ou da nação; por fim, o seu numero se precisa. A phalange tem deseseis mil homens, a legião seis mil, o terço tres mil, o regimento dois mil, a meia-brigada mil e quinhentos, o batalhão mil, a companhia duzentos e cincoenta, a secção trinta e dois. E, certamente, no futuro será um homem armado com as formidaveis machinas electricas de matar, que por ora ainda estão na phantasista cabeça dos Wells, porém se realizarão praticamente um dia.

A organização de combate brasileira é ainda a companhia, já abandonada na Europa. Todavia, apesar disso e de muitas outras cousas, os nossos dirigentes acham inteiramente desnecessaria uma missão extrangeira.

João do Norte

"Diario do Estado" (Cearà)
27-nov.-1917

Para desmentido cathegorico á noticia divulgada pelo «Unitario» sobre o nosso illustre amigo deputado Gustavo Barroso, publicamos o telegramma abaixo, datado do dia 16:

Rio, 16

Constou-me hoje que os rabellistas fizeram telegraphar para ahi a noticia calumniosa da «Lanterna» e do «Imparcial» [onde tenho desaffectos) de que eu havia fugido da populaça na noute do ataque ao restaurant Brahma, estando eu fardado de official do tiro n. 5, havendo perdido a espada.

Não desmenti a noticia aqui porque a calumnia foi evidentissima, reprovando toda gente a perfidia do seu auctor. Peço ao querido amigo desmentir ahi a calumnia. Faço este de accordo com os officiaes do tiro 5 capitão Dionysio Cerqueira Tenentes Ney Carvalho, Diniz Junior, Barbosa Vianna, Mario Lago, os quaes podem testemunhar falsidade boato. Tenho mais vinte testemunhas que poderão attestar que na referida noute eu me achava em uma reunião familiar em Santa Thereza. Abraços.

Gustavo Barroso

O ASSYRIO

(João do Norte)

Os violinos gemiam, tocando uma valsa lenta, sensual e dolorida. Sobre cada mesa, rebrilhavam luzes escapando por baixo dos abat-jours de seda. Em torno, alumiavam joias sobre collos nu's, rebrilhavam peitilhos gommados, quebrando a manotonia negra das casacas. Havia um longo, ininterrupto, ciciado parolar. Raramente, uma risada. A eterna frieza dos logares onde os brasileiros se divertem.

A valsa parou. Entrava mais gente, dava uma sensação extranha vêr homens e mulheres vestidos á moderna, sentados em mobilias modernas, divertindo-se á moderna naquelle scenario antigo, entre os touros alados e barbudos do restaurante do Municipal.

Fiz longas considerações a respeito, mostrando quanto a architectura duma época corresponde ao seu modo de pensar, de sentir, de vestir, de dançar, de comer.

Um tango requebrado interrompeu-me. Alguns rapazes e algumas mulheres sahiram a dançar pelo meio do salão, sob o reflexo dos lampadarios de bronze, com um modo lubrico, silenciosamente hieratico de quem pratica um rito solar.

Aborrecido, enervado mesmo, quiz despedir-me e partir; mas um dos meus amigos fez-me sentar e, calmamente molhando as palavras com a prata liquida do seu Kummel, falou desta sorte:

— "Condemnaste a escolha de architecturas exoticas para logares onde deve grulhar a vida moderna, anciosa de emoções outras e avida de conforto. Falaste sobre essa questão da arte de construir corresponder ao tempo, á occasião, aos costumes, á vida emfim, com a fria analyse de Boutmy e sem a phantasia scientifica dum Viollet-le-Duc.

Essa questão me apaixona. Por isso, falo-te assim. Tens razão. Tens toda a razão. E de tal cousa ficarás mais convencido ainda quando verificares que, na maior parte, essas resurreições de velhos estylos e artes archaicas são feitas erradamente.

Aqui temos um exemplo. Este restaurante assyrio é muito mais persa do que assyrio.

Houve um movimento de incredulidade na nossa roda. Alguns sorriam. Um engenheiro civil duvidou. E o amigo continuou com a sua imperturbavel serenidade, expondo as suas idéas num silencio attento dos outros, que deste modo demonstravam estar palpando a verdade.

— "As côres claras dos mosaicos que cobrem estas paredes eram usadas nos paços e moradias persas, não nas assyrias e babylonicas. Aqui os tijolos são lisos, esmaltados como os da Persia, não tendo gravadas, a ponta de buril, as formulas da Assyria, conjuradoras e fortes, que livravam o edificio das maldades dos genios, da ferocidade das mãos inimigas e da insidia dos bichos damninhos.

As columnas que estamos vendo sustentarem as vigas avermelhadas dos tectos nunca pertenceram ao estylo classico da Assyria. Toda a columna com cabeças de touro, de cabra, de licorne e de cavallo, no capitel, é persa. Estas foram copiadas exactamente das da Apadana de Artaxerxes, na Susa dos Achemenides, como é facilimo verificar.

Damos as costas á muralha em que um rei faz sacrificios num altar, seguido pelos seus soldados. Esse baixo relevo é persa. O seu original está no museu do Louvre.

Sobre o altar brilham chammas Ora, o fogo não se accendia nos altares da Assyria, sim nos da Persia, onde o seu culto datava de Zarathusthra. O proprio soberano não tem o typo dos sares ninivitas, tão bem gravado no stélo triumphal de Aesarhaddon; porém as vestes e a physionomia dos ras de Susa e de Persepolis. E os soldados são os typos classicos dos infantes médas, lança alta, mangas cahidas, arco e carcaz, saiote franjado.

Atrás do rei se perfilam os flabelliferos com seus leques á moda persica e acima de sua cabeça pianam as duas azas classicas do "ferher" de Ormuzd.

Estas escadarias largas, estas balaustradas leves, estas aberturas no tecto, entre as pranchas côr de cedro, lembrando o cedro, tudo é persa.

Ao envez daquelles genios assyrios, de cabeça de ave de rapina, lembrando os Haroeris e Osiris egypcios, encontram-se aqui sómente dois baixos relevos, um de cada lado do salão, dominando duas fontes cantantes. Ambos estavam á entrada do palacio de Dario, na Persia antiga.

Aquelle, onde um guerreiro apunhaia um grypho monstruoso, é inteiramente persico e, além de figurar no peristylo do paço de Dario, foi gravado por ordem real no reverso das moedas de ouro de Artaxerxes

No outro, um caçador estrangula um leão. E' Gilgamés, o Nemrod da Biblia, rei da Chaldéa, dono do paiz de Assur. O assumpto é duma lenda chaldaica. O trabalho persa é feito para o maravilhoso palacio do rei dos reis."

— Então, aqui não tem nada de assyrio? perguntou o engenheiro.

— "Quatro cousas, meu caro. Os quatro touros alados que sustentam o travejamento e ornam as escadarias. Tão sómente. São esphinges assyrias, kerubs, symbolos da força bruta e do grosseiro materialismo daquelle povo feroz e rapinante, que tambem teve como genios tutelares, numa região onde as nuvens de gafanhotos devastam as plantações, os seraph, gafanhotos gigantescos."

— E porque se fez como assyrio e se chama assyrio um restaurante de estylo persa?

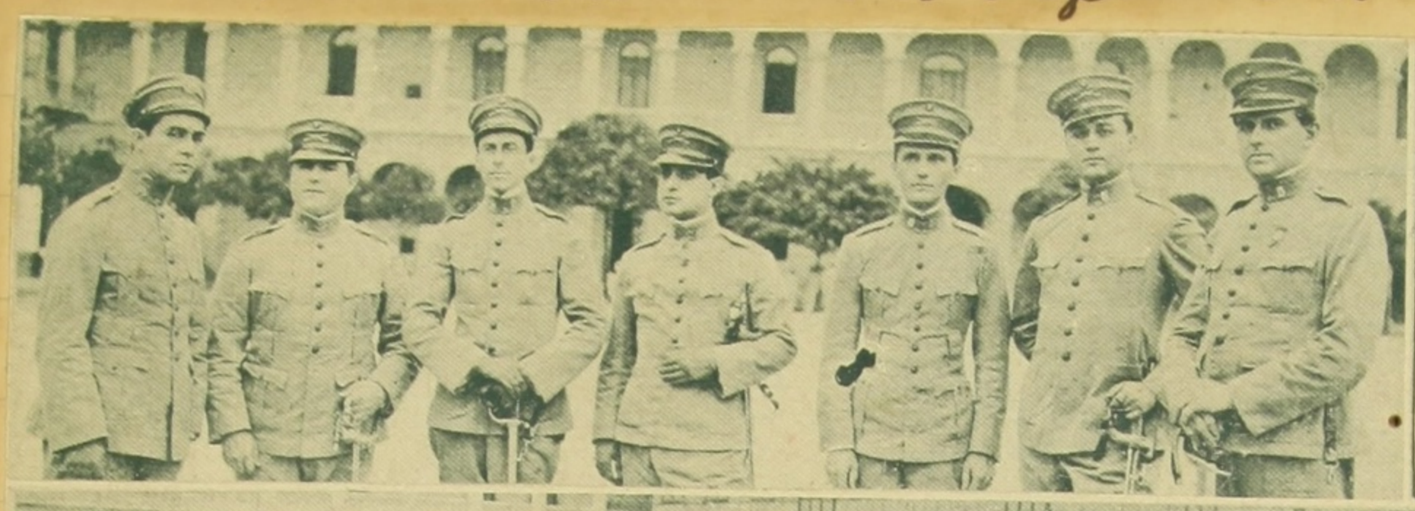
— "Porque no nosso paiz, infelizmente, só existe uma preoccupação: a de não acertar."

João do Norte

"Correio Cearense" - 1ª - Alegre, 4 - 1917

176

"Revista do Centro" - 8 de dezembro de 1917



3 A officialidade do Tiro 5 e o instructor 1º Tte. Ney Carvalho.
4. Uma companhia do Tiro 5, que fez domingo a sua primeira marcha de resistencia (18 kilometros).

"Folha do Norte" - Belem - 17-11-1917
(Peregrino junior).

LIVROS NOVOS

Heróes e Bandidos (Os cangaceiros de nordeste).—Gustavo Barroso (J. do Norte).—1917

Devemos á captivante gentileza do deputado Gustavo Barroso (João do Norte), o offerecimento affectuoso de seu ultimo trabalho, que se titula «Heróes e Bandidos» e que acaba de ser editorado no Rio de Janeiro.

Espirito observador e penetrante, Gustavo Barroso, tendo nascido e vivido longo tempo no Ceará, soube estudar com cuidado e carinho, a vida, os habitos e a alma do povo de sua terra, publicando dois grandes livros—«Terra de Sol» e «Praias e Varzeas», que o sagraram como estheta requintado da prosa e como narrador suave e emocional da historia do Nordeste.

E desde então até esta parte é justamente de manancial fresco e inestancavel da historia e da lenda, dos costumes e do viver da gente simples dos sertões do meio norte, que tem brotado o reluzente filão de oiro da obra de Gustavo Barroso.

E, dess'arte, depois de dotar as nossas lettras com as paginas vigorosas da «Terra de Sol», com os contos maravilhosos das «Praias e Varzeas» e com as chronicas lapidares das «Idéas e Palavras», o rico joalheiro da prosa nacional deu á estampa a obra mais original, mais bella e mais preciosa da litteratura do Nordeste brazileiro.

Nas vibrantes 278 paginas do elegante volume dos «Heróes e Bandidos», o sonhador imaginoso dos «Dragões da Independencia» explica-nos as *causas* complexas do banditismo do meio norte e pinta-nos, a largos e vivos traços, a vida angustiada e incerta e alma paradoxal e grande dos bandoleiros sertanistas.

E, assim, desde os remotos Cunhas do Boqueirão, que «as condições do meio, as questões do momento e as pretenções de casta», arrastaram lá do remanso pacifico da ribeira do Jaguaribe para a lucta e para o crime até o vulto sinistro e famoso de Antonio Silvino, cuja «historia domina a historia de uma região inteira», Gustavo Barroso retrata-nos, com uma verdade flagrante, os mais famigerados e singulares *typos* de cangaceiros daquelle claro rincão do nordeste, onde o homem, quer nos angustiados dias de affiicção, luctando contra a secca ou fugindo da terra esbrazeada e da fome negra, quer nos tempos felizes e venturosos de invernia e paz, é um exemplo de amor, de energia, de audacia e de estoicismo.

E esse livro forte, como o classificou Afranio Peixoto, é innegavelmente um dos capitulos mais emocionantes e arrebatadores dessa epopéa latente e formidavel, que o sertanejo vae creando com a sua energia e com o seu esforço.

"Fon-Fon"
15-12-1917

Gatafunhos

— Nunca tive o menor enthusiasmo pelos chefes guerreiros dos povos. O meu espirito sempre os repellio.

— Que idéa! Pois não te enche de assombro um Alexandre dono do mundo ao sahir da adolescencia, um quasi deus? Não merece tua admiração um Bonaparte general aos 26 annos e Imperador e semelhante a deus?

— Não, meu caro. A minha experiencia da vida e o meu amor ao proximo fazem-me preferir Pasteur e Bichat, Colombo e Edison, Guttemberg e São Vicente de Paula, os que construiram, os que deixaram mais alguma cousa do que nomes sonoros de victorias.

A minha razão quasi nivela, quasi eguala Madus o scytha, Thearco o ethiopio, Cabus o trero, Ransés o egypcio, Cyro o persa, Alexandre o macedonio, Hannibal o carthaginez, Mirthridates o pontino, Cesar o romano, Attila o huno, Mahomet o arabe, Gengis-Khan o mongol, Tamerlão o tartaro, Bajazet o turco, Carlos Magno o franco, Napoleão o corso e Guilherme o *bocbe*. Todos da mesma fêlpa, uns peores e os peores de todos Attila e Guilherme...

Garatujas

Contaram-me do general Pinheiro Machado a seguinte anecdota:

O governo escolhera um novo ministro da agricultura, acto que não fôra muito de sua vontade. Trouxeram lhe a noticia quando jantava, á sobremeza. Não fez um commentario. Continuou a comer em silencio.

Um dos presentes, porém, não se conteve. Exacerbou-se contra a escolha. E falou:

— E' um ignorantão. Vae fazer uma figura feia. Vae desgraçar-se...

O general interrompeu-o, ironico e frio:

— Não, amigo, elle não se vae desgraçar. Elle vae, mas e, infelizmente, desgraçar a agricultura...

Garatuja:

Meu caro amigo. Perguntas-me varias cousas para as estampares em teu jornal, expondo assim a todo o mundo a minha psychologia. Respondi-as mentirosamente, porque não quero vêr a minha alma tão conhecida como já é talvez a minha cara.

Entre as muitas respostas que te enviei ha uma na qual menti mais que nas outras. Que desejaria eu ser? Disse com orgulho: eu mesmo. Mentira tres vezes grande! Saiba que, se eu pudesse escolher o que devesse ser, não me escolheria a mim, tal qual sou. Nunca.

Amo immensamente as mulheres e, de bôa vontade seria simplesmente um *Taquiye*, isto é, um homem de quem dizem as velhas chronicas lendarias hispano-moiriscas: «no miraba á la mujer que bien le pareçia que non a alcançala.» Isto sim, meu caro, era ter sorte!...

Gatafunhos

Numa destas luminosas tardes do começo do verão, conversava com o meu amigo Claudio França, ao pé da estatua do Barroso, na praia do Russell.

De quando a quando, paravamos de palavrear e ficavamos minutos quêdos, apreciando os tons violetas que o crepusculo espalhava nos morros do outro lado da bahia. Tons fulvos escorriam nas silharias dos sobradões da Avenida e por cima da serra dos Orgãos se estendia um listão de nuvens vermelhas, flamineas, douradas, como uma gigantesca flammula de guerra.

E comparamos a gente latinisada de hoje com a gente latina da Roma cesariana. E ambos exprimimos o terror de que a civilisação emanada da latina rolasse pela decadencia como a outra rolou. E ainda nos assombramos em pensar que novos barbaros a subvertessem como os antigos subverteram a outra.

Claudio suspirou e soltou estas phrases:

«Eu amo as decadencias das coisas, dos homens e dos imperios. E é por isso que eu adoro Luciano de Samosata, alma da decadencia da civilisação antiga, e Anatole France, o espirito subtil da decadencia moderna.»

177

"Fon-Fon" - 15- dezembro - 1917

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1917

O Velho do Mar

Os marinheiros phenicios, acostumados aos vendavaes do oceano Indico, quando buscavam Ophir, aos temporaes do Atlantico, quando demandavam as Cassiterides, palestrando sentados nos cáes de Tyro, de Sidon e de Carthago contavam das proezas arripiantes do Velho do Mar, que as narrações de Sindbad nas «Mil e uma noites» reproduzem, adulterando.

A' sombra das vélas trapezoidaes, losanguladas de vermelho, das galeras ancoradas, com a barba côr de espuma açoitada pelo vento do largo, depois de invocarem a bôa vontade da deusa Achtoneth, ennumeravam as perversidades commettidas pelo velho encantado, que de todas as dôres sempre ria cruelmente, cynicamente.

Era elle, o famigerado guardador dos segredos oceanicos, quem assoprava os rodamoinhos e furacões, erguendo cordilheiras de vagas espumejantes e ululantes, e quem derrubava os mastros com a faisca irresistivel despejada das nuvens. Trazia as calmarias pôdres e arruinava os mantimentos, entre sevandijas, no fundo trevoso dos porões. Embebedava os pilotos de quarto, que se enganavam de portos, perdiam os rumos ou atiravam os barcos sobre arrecifes. Escondia cachôpos sob a face lisa e calma das aguas. Dava rabanadas de virar as triremes com a cauda barbatanada das baleias. Conduzia do septentrião para as aguas de Thulé os grandes gêlos fluctuantes.

Não tinha fim a sua malvadez. Encalhava as naves sobre os desertos bancos de areia, onde dias e dias as tripulações se alimentavam com algas, carangueijos e mariscos. Levava as prôas para ilhas desconhecidas, povoadas de cannibaes e féras, onde eram devorados os marinheiros que desembarcavam corajosamente a fazer aguada. Dava os longos captiveiros, as torturas nas jangadas ao léo das ondas, a experiencia de todas as miserias e a pratica de todos os misteres. Preparava as batalhas com os navios inimigos e as abordagens terriveis dos piratas. Era o deus-autor consciente, premeditado e frio dos naufragios, das fomes e das crueldades.

Procedia de modo contrario nos seus raros dias de bom humor — um de centenario em centenario. Então, offerecia achados optimos, descobrimentos gloriosos, espectaculos nunca vistos, levando os navegantes ousados a paizes onde se apanhavam no areial das praias pepitas de oiro, escarbunculos e berylos, ambar e dentes de elephante.

Ao redor dos narradores avisados, premiam-se os ouvintes credulos a scismar na aventurosa vida dos marinheiros e nas alegrias do retorno ao lar. Todos murmuravam preces pelo bom resultado das travessias em que se empenhavam os viajores ousados, construindo a grandeza da terra mãe atravez do continuo arrostar de perigos multiformes, que a lenda do velho tão bem consubstanciava.

Passaram os seculos e a memoria das coisas phenicias foi esmorecendo. O progresso, dando ao homem o vapor e o telegrapho sem fio, o conhecimento exacto e total dos mares e terras, matou o Velho do Mar. Os mareantes contaram com novos elementos para vencer os maleficios desencadeados pela mysteriosa personagem. Terminára o pesadelo dos navegadores.

Mas eis que um povo moderno se encarrega de fazer resurgir a lenda phenicia, enchendo os mares de corsarios submersiveis. O espirito da maldade do monstro marinho se encarnou no bôjo dos submarinos germanicos e na *calote* dos torpedos. E quando nos veremos livres do actual Velho do Mar?

Jotaenne

15-12-917

Gatafunhos

Como soubera que aquelle homem magro e pallido tinha um medo terrivel do diabo, sendo incapaz de dormir só e no escuro, comecei a contar historias de demonios e a fallar destes como de creaturas muito conhecidas, deixando até transparecer que entre nós existia certa intimidade.

Fallei de Lusbel, Ariel, Satan e Lucifer, companheiros constantes dos alchimistas. De Asmodeu, o côxo, libertado da garrafa onde um magico o prendêra pela leviandade dum estudante. E lembrei Aliboron e Demogorgon, Geryon e Gilgotte, Penthagruel e Rappallus, Tenebron e Iblis, Sidragarum, o espirito maligno que faz dançar as mulheres núas, e Sabnac, o demonio das fortalezas, vestido de soldado, com uma enorme cabeça de leão.

Contaram-me, dias depois, que o pobre homem, impressionado, não dormira e suara frio a noite inteira...

20-out°-1917

Garatujas

Todo o dia que Deus dava, um dos meus melhores amigos, jornalista competente e sincero, escrevia uma pequena secção, acre e aggressiva, contra um desses politicos sem intelligencia, mas felizardo, que occupava importante cargo administractivo, sem nada conseguir dos poderes publicos contra o palerma venturoso. A referida secção era curta e bem feita, forte, energica, vasada em moldes vernaculos, primorosa muitas vezes. Jamais houve um movimento contra o politicão.

O meu amigo desgostou-se e parou de escrever. Tempos depois o toleirão era obrigado a pedir demissão e lá ia embora com as suas enxundias e a sua bobagem.

Conversando commigo, o jornalista lamentou-se por não terem os seus escriptos valido nada contra aquelle idiota, que sómente cahira por obra e effeito do acaso. E eu lhe disse aquella phrase sceptica e desdenhosa dum dos maiores jornalistas francezes, ao sentir que nada valiam contra a tolice enorme dos homens publicos os floreios de estylo e a esgrima grammatical das notas bem lançadas:

— «Não se matam elephantes com alfinetadas!»

20-10-917

Gatafunhos

Quando Claudio França entrou no meu gabinete, o cuco da sala de jantar, ao lado, tocava cinco horas. Apontei-lhe a caixa dos Partagos sobre a mesa de trabalho, perdido entre revistas, jornaes e papeis e approximei mais da ponta do *bureau* o cinzeiro de porcelana clara de Copenhague. O meu amigo accendeu um charuto e sentou-se á borda do divan, cruzando as mãos enluvadas de *marron* sobre o castão de marfin da bengala. Tirou duas fumaçadas, contou-me alguns *potins* apanhados no salão rosa do Itamaraty, no ultimo baile e por fim perguntou-me o que lia.

— «Sophocles, traduzido por Lecomte de Lisle.»

— «Effectivamente é a melhor traducção que existe; mas não é de todo verdadeira. Os italianos são categoricos e certos: *traduttore-traditore*. Ainda não encontrei traductor que escapasse a tal regra. Meziéres affirma que Prevost-Paradal era o unico traductor que não trahia antes melhorava o original; mas nunca li as traducções de Paradal e não acredito em Meziéres...»

178 "O Imparcial", Belem, 29, novembro, 1917

HERÓES E BANDIDOS

(Os cangaceiros de nordeste)

Euclydes da Cunha, em um momento feliz de seu fecundo labor mental quando burilou as paginas lapidares da «maior obra da nossa literatura», em incisivas e eloquentissimas palavras, esboçando o perfil singular e estranho do homem do nordeste brazileiro, disse que o sertanejo era antes de tudo um forte.

E, dess'arte, definiu sabiamente, porque no laconismo de um vocabulo apenas exprimiu a feição mais caracteristica e inconfundivel, d'essa gente brava e indomavel, que nunca em tempo algum se quêda abatida ou desalentada ao peso esmagador dos mais agros e duros revezes, que lucta com a natureza, que peleja com a secca e que, estoicamente, com a sua envergadura rude de spartana, vence a Fome e a Morte, e atira se, num supremo arroubo de valor, para os mares além e vem perpetuar o seu nome, nas mattas invioladas da Amazonia, levantando o mais assombroso e empolgante monumento que jamais se viu.

Na desigualdade da sua existencia incerta e vaga, ora bonançosa e feliz ao fluir d'uma invernia productiva, ora angustiada e adversa sob a soalheira candente das estiagens devastadoras, o sertanejo é sempre, inalteravelmente, o Forte, que o formidavel estylista dos «Sertões descreveu, reflectindo embora no aspecto «a feialdade typica dos fraccos».

E, assim, esse typo autheutico de Forte, cusado e viril, resignado e crente, é incontrastavelmente a figura mais original e admiravel da nossa raça complexa e quiçá decadente. Vive insulado no seu «habitat» maldito, cerceiado quase do resto do mundo pelos accidentes naturaes da terra, e só se alegra e rejubila com o catadupear das chuvas beneficas e apenas se contrista com o esbrasear causticante da soalheira brava.

E se por ventura lá um dia a secca impiedosa e arrasadora o opprime e depaupera é tortura com o seu rigor, bem ao contrario de cruzar musulmanamente os braços, como era até natural elle abala, resoluto e impavido, para a terra alheia, num exodo coagido e doloroso, e vem continuar a sua lucta heroica, derramando prodigamente a actividade de seu braço aventuroso nesta brenha mysteriosa da Amazonia, descobrindo a, no esplendor maravilhoso da sua grandeza, ás vistas do mundo e conquistando-a, na sua virgindade selvagem, á natureza.

Nos rincões provincianos do nordeste, de nada receios pode-se dizer, vive e palpita, abroquellado com a energia epica que Deus lhe doou, «o povo mais genuinamente brasileiro do Brasil», muito embora isolado, encarcerado e confinado pelas serras e pelas distancias intransponiveis. .O espirito vigoroso e brilhante de Severino Silva, em estudo memoravel, proclamou que «o sertão, em si, era uma revelação da actividade heroica». «O homem alli vive primitivamente,» «murado num ambiente onde não ha o menor desenvolvimento, ignorando quase por completo a civilisação moderna».

A vida estacionaria do sertanista, como affirmava eu na imprensa, em 1915, é ainda hoje a copia adulterada de muitas eras passadas.

«O sertão solitario estiolla-se na lucta silenciosa contra a natureza» e não pode avançar. O habitante do nordeste, posto que congenitamente intelligente e trabalhador, permanece ainda, mercê de factores multiplos e diversos, por assim dizer, segregado da civilisação hodierna e divorciado por absoluto das recentes conquistas culturaes da humanidade. Elle conserva até agora intemeratas e integras as tradicções dos avoengos remotos e as qualidades moraes e fysicas herdadas dos ascendentes. «A sociedade sertaneja não evoluio». E d'ahi, naturalmente, a genese, a origem palmar de certos fenomenos esporadicos que se nos deparam na sociedade sertaneja. No entanto, «a par dos prejuizos decorrentes da educação rudimentar e da nenhuma cultura, na alma do sertanejo, crea-se o heroe».

E, d'ess'arte, lá nas terras quentes e claras do interior do nordeste, vivem ao mesmo passo, muita vez numa só pessoa, o Bandido e o Heroe. E é esse paradoxo que explica a existencia dos «cangaceiros» propriamente ditos, que «muita vez são mais bandidos que heroes, porem quase sempre mais heroes que bandidos».

***

Acabo agora mesmo de manusear um precioso livro de Gustavo Barroso (João do Norte) sobre os cangaceiros do nordeste.

Ainda resta muito a dizer da historia do nosso sertanejo. Entretanto, o «conteur» primoroso das «Velas Brancas» pode desvanecer-se, orgulhoso, de ter escripto alguns dos primeiros e mais bellos capitulos dessa admiravel epopéa, estudando, agora, «o typo social do cangaceiro alma feita de contraste, anormalidade quase normal na primitiva e estiolada sociedade sertaneja».

O profundo e acurado analista da «Terra de Sol», que tão longas e fecundas fadigas ha consagrado á anatomia social dos nossos sertões do meio-norte, acaba ha pouco de fazer o estudo e a analyse histologica de um dos mais interessantes e curiosos tecidos do organismo social de nossa terra.

Varios outros, é certo, antes d'elle, como J. Brigido, Rodolfo Theofilo e Carlos D Fernandes, já haviam estudado diversas faces dos habitos e da vida do sertanejo Nenhum, porem, até hoje, conseguira fazel-o como o chronista delicado das «Idéas e Palavras». Logo á primeira prova, com a «Terra de Sol», João do Norte revelou se o escriptor meticuloso e vibrante, o observador penetrante e suspicaz, que é, conquistando o alto logar que, sem favoritismo, tem nas nossas lettras.

E, assim, desde logo ficou consagrado o maior desenhador das scenas, da alma e dos costumes do sertão.

Narrador sobrio, emotivo e delicado, o rico e lapidar joalheiro da prosa das «Praias e Varzeas», dispondo de um extraordinario poder de descripção, ao ciuzelar as paginas brilhantes de sua obra, offerece nos sempre as visões, os quadros e os esboços mais flagrantes e vividos da terra sertaneja que ainda temos visto.

O seu ultimo livro, que é um valioso e completo estudo dos cangaceiros do Nordeste, titula-se—«Heroes e Bandidos». Nas suas espelhantes 278 paginas encontramos, traçada pelo pulso firme dum escriptor de raça, a historia inteira do povo nobre e heroico do sertão, com a sua alma paradoxal e grande, tão mal comprehendida até hoje. E ante os nossos olhos deslumbrados ergue-se o vulto do sertanejo, que já viramos outr'ora, vivo e enigmatico, ora alcandorando-se nos surtos homericos da heroicidade, ora chafurdando-se na lama bastarda do crime.

"Correio Paulistano" — S. Paulo - 19. dezembro - 1917

E perquirindo, esmerilhando e auscultando os factos, elle esclarece e demonstra á saciedade as causas complexas e multiplas determinantes desse fenomeno social, tão commum nos sertões, que é o «cangaceiro».

Depois de justificar sobejamente, com testemunhos de mestres e com o exemplo dos factos, as suas idéas, Gustavo Barroso proclama quaes são as «complexas causas do banditismo». «O meio a cumplicidade do habitante e a facilidade de fugir dum Estado para outro offerecem guarida segura a todos os criminosos».

Alem disso, a protecção dos mandões e politiqueiros, o insulamento do homem, a deficiencia das vias de communicação, o desprezo que lhes votam os poderes publicos, as distancias em que vivem, o atrazo social, o analfabetismo, a incultura, os rigores periodicos do clima, o culto pela bravura e pelo crime mantido pela tradicção—:são, incontestavelmente, as unicas bases para um systema de idéas que nos dê as rasões explicativas do banditismo sertanejo».

E a nós tambem são esses os motivos que se nos figuram os factores reaes do «mais importante fenomeno da rude vida do sertão».

Depois de expor em 97 paginas as «causas» do cangaceirismo, passa a retratar nos, com o atticismo apollineo de um estheta requintado e com a nitidez fidelissima de um psychologo penetrante, os differentes TYPOS de bandoleiros do meio-norte.

E conta-nos pittorescamente, na sua prosa espelhante e tersa, que revela o contista harmonioso das «Velas Brancas», a historia dos Cunhas e Patacos, dos Cacundas, dos Mourões e dos Moquecas, dos Liberatos e dos Guabyrabas, do Cabelleira e do Condurú, do Rio Preto e dos Simões, dos Brilhantes e dos Suassumas, dos Viriatos e do Adolfo Meia Noite, dos dois José Antonio e do Athayde, do João do Bomfim e, afinal de Antonio Silvino, «o maior vulto de criminoso dos sertões da nordeste», «jamais igualado na sinistra fama».

E desta guiza, com a publicação dos «Heroes e Bandidos», a epopéa brava do sertanejo generoso ou feroz do nordeste, que tem sido creada em torrentes de sangue e com arroubos de valor, eternisar-se-á, atravéz dos tempos, pela prosa lavorada e escorreita de um dos maiores talentos da geração contemporanea do Brasil.

Peregrino Junior

Inscripções indigenas

(Jcão do Norte)

Ha muito tempo se descobriram numa grande lage, na Gavea, grosseiras inscripções, mais parecendo produzidas pela acção erodente das aguas do que feitas, em remotas epocas, pela mão do homem.

Agora, os jornaes noticiam que um entendido na materia, o presidente do Instituto Historico e Geographico do Amazonas, conseguiu, qual novo Champallion, lêr e traduzir esses caractéres barbaros.

Ainda ha renitentes que continuam affirmando não passarem elles de mordeduras e rugas resultantes da acção chimica da "agua molle" sobre a "pedra dura", negando fossem os indigenas, embora os tupys ou vencedores, muito menos os tapuyas ou vencidos, capazes desse trabalho.

Não se póde affirmar, por emquanto, si a traducção amazonense é exacta ou, pelo menos, scientificamente baseada, porquanto nem os seus dizeres se conhecem; porém é impossivel negar a existencia de inscripções executadas pelos indios nos penedos e lagedos do nosso paiz.

Nos sertões de nordeste, ellas abundam. Nos pedrouços e rochas, á margem de rios e riachos, nas penedias insuladas como menhirs naturaes, nos fraguedos e nos mocoçáes, lá estão ellas, desafiando a curiosidade dos espiritos esclarecidos que por ali passem.

Umas sómente se aprofundam na rude face dos granitos e dos syenitos; outras chamam logo a attenção pela berrante côr vermelha do **enduit** com que as rebocaram.

Estas têm, nivelando a sua profundeza com a superficie rugosa das pedras, um betume encarnado, feito talvez de urucu' com outras substancias, tão forte de tom, que o sol e as chuvas, as reacções chimicas naturaes não conseguiram fazer desbotar; tão endurecido que á ponta de faca mal se arrancam fragmentos diminutos.

Os sertanejos não sabem explicar a sua origem. Ellas nada lembram da colonização. Não têm o menor significado que a esta se relacione. Só podiam ter sido feitas pelas raças anteriores.

Houve quem lembrasse já serem taes signaes marcas de gado gravadas, assim, para guia dos vaqueiros, que procuram bichos sumidos em ribeiras extranhas, pelos primeiros colonos e fazendeiros. A explicação não basta. Muitos desses signaes são tão complicados e outros tão grandes, que queimariam toda a anca duma rez. E bem se sabe a ogeriza de todo vaqueiro, de todo criador, em todos os tempos e paizes, pelas marcas de **muito fogo**, isto é, as que maltratam sem precisão o gado.

O costume de **escripturar** as marcas ou "ferros" de animaes extranhos ao pasto, que apparecem num logar, fazenda ou povoado, é velho e muito arraigado no sertão brasileiro. Mas essa escripturação sempre se fez na porta das moradias a carvão ou mesmo a fogo, com a ponta escandecida do giz, ou num grosso tronco dominando uma varzea, um cerro, uma lombada de monte. Dahi esse nome de localidade tão conhecido no interior do centro-norte brasileiro — "Pau dos ferros".

Mas do mesmo habito, em pedras, seguindo o curso das aguas correntes, ou nos pedregaes soltos, não ha tradição nem ha noticia.

Embora a formosa theoria de Ihering, tão bem discutida por elle, de que a escripta nasceu das marcas de gado, accrescendo até que a pelle do boi morto deu origem, em Pergamo, ao pergaminho, bisavô do papel, a razão humana está mostrando que povos, nunca pastores, inteiramente desconhecendo a criação e seus methodos, possuiram escripta gravada nas pedras, ideographica e rudimental.

Assim, será melhor talvez a acceitação de se ter todo o desenho originado nos ornatos primitivos e barbaros da ceramica das primeiras eras, quando a retina, cançada das parallelas, exigiu o traçado das verticaes equidistantes, creando a grêga ornamental.

Existe um municipio no Ceará, onde são communs os caractéres numerosamente gravados em rochas, — o de Quixeramobim, onde todo o curso do rio Fonseca, nas terras da fazenda "Condado", está cheio de inscripções, e o logarejo Giqui poesue muitos penedos com gravuras betuminadas de vermelho.

Os signaes são complexos ou simples. Quasi não ha meio termo. Os primeiros constam de linhas longas cortadas por grande numero de pequenas linhas verticaes, como si alguem tivesse contado dias, semanas ou mezes, dando um traço a cada um que passasse e cancellando-os, depois, todos duma só vez. Muitos são verdadeiros labyrinthos. Alguns se compõem de polygonos unidos a circulos, de onde saem raios ou patas, lembrando figuras de animaes, cabeças de bois reunidas, corpos de bichos com partes decepadas.

Os segundos conetam de cruzes, circulos, cupolas e gregas, signaes esses que Elyseu Reclus assegura se acharem nas inscripções de todos os povos. Uns tomam o geito de objectos conhecidos, dando a impressão de que as gravuras são ideogrammas metonymicos ou metaphoricos, sendo o aspecto verdadei-

180

ro da cousa representada — desfigurado pela grosseria do instrumento e a inhabilidade do tracejador.

Um signal é repetido a miu'de: o chamado "pé de gallinha", que os chinezes conhecem sob o nome de "garras de passaro", e é encontrado nos artefactos dos pelles vermelhas, na tenda dos patagões, nos monumentos aztecas, e na escripta ou ornamentação de todos os povos do oriente antigo.

Ha circumferencias cortadas por um diametro, quadrilateros diversos, angulos varios, taes quaes os que estão nas pedras tumulares hymiaritas e Carlos Mauch notou nos moveis dos cafres. Os circulos atravessados por grandes linhas verticaes e horizontaes, os triangulos, os Z Z, os B B invertidos, os T T, as forquilhas, tudo isso as inscripções possuem como tudo isso possuiam os alphabetos archaicos de Théra, dos etruscos, dos lycios e dos campanios que precederam o desenvolvimento maravilhoso de Roma.

Ninguem, até hoje, se propôz á rude tarefa de colligir, estudar e esclarecer as myriades de inscripções dessa ordem que existem no **hinterland** brasileiro. E quanto segredo interessante sobre a vida da indiana raça não está nellas sepultado!

João do Norte

"Fon-Fon" - 17 - nov.º - 1917

Gatafunhos

Ao entrar na casa de chá, ás 5 em ponto, dou com o meu amigo Claudio França sentado a um canto, relanceando pela casa cheia de gente os seus olhos observadores. Fiz-lhe companhia. Começavamos a conversar sobre certos habitos cariocas, quando veio sentar-se na mesa fronteira um rapaz elegantemente trajado, porém de physionomia antipathica. Olhounos e suas pupillas fusilaram de raiva.

Claudio notou:

— Quanta gente anda por esta grande taba e que te odeia e que me odeia sem a menor razão, sem o menor motivo.

— Deve ser simplesmente por inveja...

— Daquillo que pensa nós possuirmos e infelizmente não temos. Illusão optica!

O sujeito nos examinava da cabeça aos pés e sentia-se no seu todo um desejo de provocação. Murmurei a Claudio as palavras dum velho e risonho escriptor francez:

—*Masque de brouse de vacbe!*

O meu amigo tornou:

— Tenho melhor. Um termo grego para appellidar esses typos:

— Scatophagos!

"Correio Paulistano" - 21 - dezembro - 1917

A mui nobre arte da falcoaria

(João do Norte)

Nós que hoje em dia mal ligamos importancia ás caçadas mesquinhas dos soberanos europeus, ás aventuras venatorias de Roosevelt e ás coutadas presidenciaes francezas de Rambouillet, não avaliamos quanto era preciosa a arte da caça nos tempos em que os grandes senhores não tinham outra occupação mais nobre, sinão a guerra. O progresso extraordinario das armas de fogo, presenteando o homem moderno com as Winchester, as balas explosivas, as clavinas de dois canos, matou o valor antigo das traças de veação, das matilhas e da falcoaria. E sómente na Persia, no Kurdistan e na escola de Valkenward, na Hollanda, se ensinam as aves de presa a perseguirem animaes, segural-os e entregal-os ao caçador.

Entretanto, nada subiu mais alto nem foi considerado mais nobre do que a arte da falcoaria, da edade-média ao inicio da época moderna, com a sua classica divisão em altaneria ou vôo alto e volateria ou vôo baixo. A' primeira pertenciam os grandes falcões nobres: gerifaltes, nebris, sacres e peregrinos; á segunda, os pequenos gaviões communs: francelhos e tinunculos, tagarotes e nisos açores e gavineis.

O valor dessa arte de caça está attestado pelos especialistas no assumpto e pelos documentos contemporaneos. Brehm, na sua "Vida dos animaes", conta que, no cerco de Accon, Felippe Augusto, rei de França, offereceu aos turcos, em vão, mil peças de ouro por um falcão branco que fugira e elles tinham apanhado; e que Eduardo III de Inglaterra punia com a morte o roubo dum falcão.

Alexandre Herculano mostra quanto valia essa arte, no "Monge de Cister": O proprio mestre de Aviz consagrava parte das horas que lhe deixavam os cuidados da guerra e da politica a escrever um tratado de cetraria, isto é, da arte de caçar com açores, falcões e gerifaltes.

O tratado pelo qual Carlos V cedeu a ilha de Malta aos cavalleiros, expulsos de Rhodes pelos turcos, estipulava que os mesmos lhe dariam annualmente um falcão branco.

Frederico II da Allemanha tambem se dedicou á falcoaria e achou tempo, embora as suas querelas na Italia, a guerra das Investiduras, para escrever um livro a respeito — "De arte venandi cum avibus".

Chiorino narra no seu "Manuale del falconiere" que Bajazet, tendo feito prisioneiros na batalha de Nicopolis o duque de Nevers e muitos outros fidalgos francezes, rejeitou todos os resgates e sómente cedeu deante da offerta, feita pelo duque de Borgonha, de doze gerifaltes brancos.

Os reis possuiam falcoeiros-móres e incitavam a nobreza a essa caça elegante. Assim, cada gentilhomem creava innumeros falcões. Bandollus diz nas suas chronicas que Reynaldo, marquez d'Este, tinha cento e cincoenta. Sabe-se que a Francisco I, de França, pertenciam trezentos, a Carlos V outros tantos, a Ricardo Coração de Leão uma centena.

Ademais, o adestramento das aves de rapina para a caça vinha da mais remota antiguidade. Houve falcões na China. Otessias viu-os na India. Maternus da Sicilia fala delles tres seculos antes de Christo. Appolinario diz que, em Roma, ao tempo do imperador Avito, o seu filho Eudicio praticava a falcoaria. Os concilios de Agda, de Epaon e de Macon occuparam-se do assumpto, prohibindo que os padres a ella se dedicassem e permittindo que os nobres, quando ouvissem missa, ficassem do lado da epistola, tirassem os falcões do punho e os collocassem sobre o altar, do lado do Evangelho. Os editos de Carlos Magno multavam os ladrões de aves adestradas e as velhas leis dinamarquezas mandavam enforcal-os. O rei Ethelberto era falcoeiro e pedia a Bonifacio, arcebispo de Moguncia, lhe mandasse esparvarios e milhafres da Allemanha.

Na Italia, Bruneto Latino, em pleno seculo doze, ensinava a altaneria no seu livro "Tesoro".

O doge de Veneza perdoou a rebellião de Scutari, na Albania, mediante o tributo de quatro astureos e quatro gerifaltes nevados. Marino Sanudo conta dos nebris e açores com que a politica veneziana presenteava os principes italianos.

O seculo dezesete começou a matar a nobre arte e o dezoito ultimou-a.

Hoje, sómente uma curiosidade de artista faz com que se tente desenterrar essa interessante manifestação do espirito inventivo do homem, aproveitando as qualidades fortes dum animal selvagem em seu beneficio, com um methodo admiravel e um bello cunho de arte, até applicando a ousada ave de rapina no ataque ao homem, como assegura Chardin na sua "Voyage en Perse".

E bem merecem que se lhes consagre um artigo esses bichos valentes, de quem dizia um poeta latino:

"Aspicis ut immunem condescendens aethera [falco
Sublimis reliquas emivet interaves."

Sim, bem merecem um pouco de attenção, mau grado os vertigens da vida actual, os soberbos gerifaltes brancos, que se iam buscar na Islandia e na Groenlandia, os formidaveis falcões terdilhos do Gerez e

os bornis, destros, tenazes, ardegos e possantes. Delles se póde falar com o orgulho dum escriptor italiano:

"Mai piu' valoroso uccelli solcarono col rapido loro volo il cielo, mai il sole venne rimirato da occhi piu' bravi, mai l'aria acarezzó forme piu' splendide ed agile!"

Em plena edade-média, havia os homens que sómente a elles se dedicavam. Os falcoeiros cuidavam do seu alimento e dos sainêtes ou apperitivos que lhes davam antes das caçadas; punham-lhes á cabeça o capirote emplumado, que os impedia de ver e agitar-se sem motivo, quando em repouso nas alcandoras das salas; amarravam-lhes nas pernas as campanulas que os denunciavam entre as moutas e os impediam de perder-se; limpavam-lhes as garras, os entrededos, e adestravam-nos agitando o ról — um passarinho fingido de côres berrantes.

Outros curavam-lhes as molestias: o papo de agua, as impações, a lepra das pernas, a gotta, a nostalgia do ar livre. Os pagens levavam-nos para as monterias senheriaes, orgulhosos, de pé sobre as luvas grossas de camurça.

Era elegante colleccional-os. Mandavam-se buscar exemplares raros pelo mundo inteiro. Flaubert no "Saint Julien" fala de treçós do Caucaso e tartaranhas da Scyltria, côr de neve. Enrique Larreta, no "Gloria de d. Ramiro", enumera os nebris, os francelhos de Flemcen, e os gerifaltes escandinavos, alvos como gaivotas.

Necessitava-se todo um arsenal e um armazem, no verdadeiro sentido desta palavra, para mantel-os, palmetas para unguentos e remedios, piozes e avessadas de couro para amarral-os, chocalhos, guizos, caparões empennachados, luvas, correias, tóros, poleiros, mantimentos, apperitivos.

Conforme a sua origem, si pegados no ninho ou educados já crescidos, eram sáfaros e ninhegos; segundo o sexo, primas e treçós. Uns se amansavam, cosendo-lhes os olhos, outros mettidos em camisas de força.

Seria, effectivamente, deslumbrante assistir ao desfilar duma cavalgada fidalga, partindo para a abertura da caça, em plena meia-edade. A poeirada mal apagaria os relumbros dos venabulos e ascumas, o brilho dos velludos e dos marterénios. A' frente dos cavallos zebrunos e pigarços, trotavam os alões, os veadeiros, os sabujos e os podengos. No punho alto de cada senhor, de cada dona pousava um falcão enfeitado e orgulhoso.

Tempo romantico e bello, porque vai longe, já passou com o seu brilho e as suas curiosas usanças. Hoje, sómente a penna póde recordal-o com os seus interessantissimos pormenores. E desta sorte, relembrando a velha e mui nobre arte da falcoaria, só se póde repetir a enthusiastica exclamação de Chiorino, recordando que as nobres aves de presa muita vez fizeram os aços limpidos sahirem das bainhas, as cidades capitularem, as terras serem cedidas e os guerreiros e principes salvarem a vida:

— "A voi, dunque, poderosi e sublimi falconi, — Gloria!"

João do Norte

"Fon-Fon"-22 outubro 1917

Gatafunhos

No sul do Brasil não se ensinam aos cavallos de sella todos os passos que no norte elles aprendem. Em Minas. e no Rio Grande, os animaes de montaria têm o passo de viagem ou então choutam, trotam e galopam. No Ceará e em Pernambuco, elles possuem andaduras macias, que não fatigam o cavalleiro e encurtam as distancias.

O palafrem nortista anda ao passo de estrada, ao de estrada alta, ao de meia-marcha ou *meio*, ao de marcha, ao de baralha e no de esquipado; sabe galopar, mas não trota e muito menos chouta.

Destas observações mais uma vez se infere quanto naquella parte do Brasil melhor se guardam as tradições do que nesta. Esses passados floreados dos animaes de sella são classicos e vêm de remota antiguidade. Nós a encontramos nas *Ensinanças de cavalgar* escriptas em portuguez á lei, taes como a do rei Don Diniz. Encontramol-os ainda nos velhos livros da mesma epoca, em linguas extrangeiras. Rabelais com a sua stupenda erudição de minucias enumera no capitulo XII de «Gargantua», alem do *penader, saulter, voltiger, ruer* e *danser*, que correspondem a empinar, saltar, volteiar, rodear e chaçar, as seguintes andaduras ensinadas: *entrepas, amble, hobin* e *traquenard*, isto é, estrada, marcha, baralha e esquipado.

Gatafunhos

Claudio França mosfrou-me um album encadernado em marroquim e oiro, no qual figuravam com fino colorido todas as especies de armas usadas pelos homens contra os homens e contra as feras, desde o machado de pedra e a flecha de madeira endurecida ao fogo até o canhão 420 e o *tank* britannico. Demoramos mais os olhos no capitulo sobre as armas mais nobres,—as espadas. E vimos gladios gregos, sicas romanas, tulivars hindús, cimitarras persas e alfanges arabes. Depois, montantes e malcus medievaes, lansquenetas bavaras, rupieiras prussianas, hespanholas de Valencia, bastardas catalão e bacamartes saxonicos. Por fim, no lado de espadins cortezãos, schiavonas florentinas, claymores escocegas, yatagans mamelucos, chilfarotes lusitanos, lattes de cavallaria pesada, paffuses hespanhóes, mandosianas de Veneza, sangedezes borguinhões, badelarias flamengas, sabres austriacos, briquetes francezes, cuchillos paraguayo.

Ao meio duma pagina, uma lamina de dois gumes ostentava a limpidez do seu aço bem temperado e a ponta acerada e desafiadora. Perguntei a Claudio o nome daquelle gladio elegante e forte. Elle leu as indicações da margem e respondeu:

— Verdun!

Entreolhamo-nos. Verdun! o nome duma espada. Esplendido o symbolismo dessa denominação! A heroica cidade foi mesmo uma espada heroica que deteve a avançada dos barbaros modernos, como a lhes recordar o verso do poeta latino:

Non est animus strictus concurrere ferro!

"Fon-Fon"-8-dezembro-1917

Garatujas

Segundo muitos autores, quasi todas as invenções que passam por modernas tiveram sua origem na China lendaria. Outras são attribuidas a mais de uma pessoa. Algumas não têm autores conhecidos. Tudo isto prova que o inventor não existe, porque a invenção resulta do trabalho, do esforço e do aprendizado collectivo. Aquelle que chega a um resultado definitivo aproveita todo o encaminhamento preparado pelos ascendentes. Dahi, ás mais das vezes, serem obra do acaso as descobertas e os descobrimentos. *Verbi gratia*: Newton e Colombo, Schwartz e Stephenson.

Franklin, por exemplo, passa por ser o inventor, o primeiro applicador do para-raios. Entretanto, poucas coisas mais antigas que esse apparelho. Os egypcios já conheciam o seu principio basico. Aquelle povo que inventava os respiradouros de seus tabernaculos de maneira, a uma certa hora duma noite determinada, avistar tal ou qual constellação, tinha sobre os pylones dos templos altos mastros com pontas agudas de cobre, que serviam — explicam inscripções e papyros — «para cortar a tempestade.»

"Fon-Fon"-24-12-1917

Gatafunhos

Claudio França fallou de Pinheiro Machado, do seu grande prestigio pessoal e das suas virtudes politicas. Tirou duas lentas, longas, fumaçadas do seu claro charuto de Monterey e, depois affirmou:

— Sómente existem dois homens na vida politica do Brasil republicano, dos quaes se possam relatar phrases typicas, respostas caracteristicas, anecdotas que lhes exprimam o caracter: Floriano e Pinheiro.

Nas raras vezes que estive no morro da Graça, onde não ia pedir nem bajular, mas observar, verificar, quei quanto era forte o animo e o espirito daquelle homem.

Uma noite, um candidato á Camara interrompeu-o no melhor duma partida de bilhar, para supplicar-lhe que intercedesse pelo seu reconhecimento, que delle somente dependia. Isto diante de todo o mundo aborreceu o general. Elle franziu a testa rugosa, como que os cabellos se arripiaram, e respondeu, duro como uma ponta fria de aço:

— « O senhor não póde ser reconhecido por dois motivos. »

— « Quaes, general? » indagou o cacete assombrado.

— « O segundo é porque não foi eleito! »

O candidato eclypsou-se e elle continuou a jogar.

187

"Fon-Fon" - 17 - novembro - 1917

Rio, 17 de Novembro de 1917

O milhafre de duas cabeças

Santa Martha, novembro de 1917.

Meu caro amigo. Escrevo-te do largo alpendre da fazenda, olhando o esplendor do sol sobre as vastas campinas verdes, cobertas de gado sadio, os milheiraes amarellecidos, as aguas de ouro do rio e as distantes serranias azúes. Quebro a minha preguiça deliciosa de exilado voluntario, para contar-te um facto bem interessante. Achei-o assim. Não sei se serás de minha opinião.

Sabes que não caço, nem permitto que se cace nas minhas terras. O resultado dessa medida bondosa é o seguinte: a minha casa demora entre a alegria dos trinados, a impaciencia dos pipilos, o bulicio dos ninhos e o enthusiasmo dos cantos triumphaes. Arvoredos e moutas circumdantes são verdadeiros aviarios. Nunca vi tantas aves! E bem deves calcular como o meu coração se desannuvia ouvindo os cantores de pennas. Conheço já as vozes de alguns artistas dos que me circumdam. Ha um sabiá que geme e que suspira todas as tardes e uma graúna que me enche os ouvidos de notas gloriosas todas as manhãs. Deitado na minha larga rêde cearense, fumando um charuto claro, gozo diariamente esse admiravel concerto symphonico.

Hontem, de repente, como por encanto, os Carusos alados deixaram de cantar. Um silencio de pedra pesou no mattagal. Levantei-me a procurar a causa daquella mudez, e um grito esganiçado logo m'o denunciou. Olhei para o alto duma peroba sêcca e deparei com um gavião vermelho, ameaçador e guerreiro, crispando as garras, azas colladas ao corpo, olhos amarellos, redondos, afusilando, a soltar de quando em quando o seu brado de guerra.

Chamei o Mathias, que me trouxe a espingarda de dois canos, carregada. Fiz pontaria lentamente. Dei ao gatilho. O malvado cahio com as duas cargas de chumbo no peito.

Immediatamente, as arvores se cobriram de passaros de todas as côres, feitios e tamanhos, que abandonavam alegres os seus esconderijos. E todos, em côro unisono, cantavam fortemente, como se entoassem hosannahs e alleluias pela morte do salteador. Durou mais de meia hora o desusado contentamento.

Estou vendo-te sorrir, escarninho, do que conto e aposto que murmuras:

— «O Claudio não tem mais que fazer! Deu-lhe na têlha contar pétas e fazer dos amigos creançolas.»

Não terás razão. Falo a verdade. Ao principio, não quiz acreditar. Eu, que tudo vira, tudo attribui a méra coincidencia. Mas esta manhã encontrei num formoso livro de geographia historica e sociologica estas palavras que te envio:

«A la Martinique, à Sainte Lucie, les oiseaux de la brousse s'assemblent en tumulte pour signaler á l'homme la proximité du trigonocephale, et temoignent par des cris de triomphe et des chants de felicitation á la gloire du vainqueur la mort de l'ennemi detesté.»

A prova è inconfundivel. Abraço-te. E, para terminar, pergunto-te se palpitas quando chegará o dia feliz em que o mundo abaterá o milhafre germanico de duas cabeças, afim de poder cantar o epinicio da paz e as litanias duma vida melhor.

Do teu

Claudio França

Fon-Fon - 15 - dez.º 1917.

"Fon-Fon" - "Selecta" - "Fon-Fon" - 24 - 12 - 1917 (Natal)

Garatujas

Commentava-se a grande falta de homens já bem sensivel na Europa por causa da guerra, que maior se tornará logo após a cessação da luta, transtornando todas as actividades e todos os calculos. Cada um lembrou medidas uteis para a procreação de novas humanidades, defendendo-se até a instituição da polygamia.

Eu não pude ficar silenciososo e reclamei para os homens nesse delicioso periodo que tem de vir as grandes vantagens que, no amor, possuia o velho Zeus helleno.

Que os homens, afim de corresponderem bem á sua missão de fecundar e fazer nascer por toda a parte, possam ser, ao sabor das necessidades, chuva de ouro, cysne alvo, touro fortissimo, porque foi assim que conseguiste Danaé, Lêda e Europa.

Que elles possam como tu. Jupiter Magnifico, que tiveste Perithons da mulher de Ixion; Perseu da filha de Akrisio; Minos e Rhadamanto; Dionysos de Semelê; Hercules de Alcmena; Coraxe da nympha Ora; Dardanus de Electra, e outros de Laodamia, filha de Bellerophonte; que elles possam desta sorte espalhar os germens de novas e extensas proles!

MULHERES

A historia, de mão dadas à lenda, creou para umas tantas mulheres um nome de ave ou de animal. Semiramis era representada com azas e corpo de passaro. Uma sacerdotisa de Thebas, que fugiu para a Lybia e lá fundou o oraculo de Ammon, porque se foi ás escondidas como se voára, ficou denominada pomba. A mulher do pastor latino que amamentou os dois filhos da vestal, Romulo e Remo, teve o nome de loba e, sua effigie de bronze, com o aspecto desse animal, foi insignia da republica. A mulher dum barqueiro persa creou o Grande Cyro. Chamava-se Spaco, que, na sua lingua, queria dizer cadella, o que deu origem ao conto de ter sido esse conquistador alimentado em pequeno por uma cachorra.

Assim, mulheres celebres vão ficando nos annaes da humanidade sob nomes e formas de animaes, alem das deusas que já tiveram taes privilegios. Mas as que são conhecidas por lobas ou cadellas não teriam ficado satisfeitas se disso soubessem antecipadamente.

Os troveiros da edade-media apellidavam suas damas - collos de garça, cabellos de aza de corvo, corpo de corça, andar de perdiz. Dahi aquella celebre rainha das canções antigas — *la reine Pedangue, pied d'oie*, pé de ganso...

Outro dia, passou por mim uma creatura linda, uma dessas mulheres *belles et inconnues comme des songes dorés de jeune homme*. Seguia-a maravilhado e quiz por em pratica o systema dos trovadores e dos antigos; porem não encontrei nenhum animal a que se comparasse aquella mulher, porque não ha nenhum animal que se compare a mulher; e todos, contadores archaicos e trinistas medievaes, erraram crassamente nas suas comparações.

Então, murmurei:

— Corpo de jaspe e ouro, cabellos de claro sol.

Jotaenne

183

"Fon-Fon" - "Selecta" - 24-12-1917 (Natal)

"Fon-Fon" 29-12-1917

FON-FON

Flôres

Em Saïs e Bubastes, onde iam ter as grandes peregrinações religiosas dos Egypcios, havia annualmente duas festas alegres e muito concorridas, a das lampadas e a das flôres.

Festas de flôres e festas de espigas se contavam por dezenas na Grecia e no Lacio, mesmo entre alguns povos barbaros.

A tradicção de taes ajuntamentos festivos não se perdeu com o christianismo, que creou o domingo de Ramos, quando todo o mundo traz da egreja as suas palmas bentas, como o Grego e o Romano voltavam dos templos coroados de anemonas ou diademados de espigas.

Na Allemanha, em certas epochas do anno, as *edelweiss* enfeitam os chapéos das mulheres e as lapellas dos homens.

Na Italia, no anniversario da rainha Margarida de Saboya, todo o mundo se ornava com margaridas, desde o camponez ao elegante de Turim.

A Suissa tem a festa annual da *petite fleur jaune*. Todo o mundo, sem excepção, é obrigado a pôr nesse dia na gola ou no sombreiro uma florsinha amarella, que custa uma ninharia. E o producto dessa venda é destinado a obras de caridade.

No sul da França se imitou esse costume. Creou-se a festa da *petite fleur bleue*, com o mesmo fim.

Temos tantos dias do anno consagrados a varias cousas e a varias gentes : á mulher, á creança, ao soldado, á bandeira ; porque não poderemos crear um no qual todo o Brasileiro ponha ao peito uma florsinha qualquer do preço de um tostão, sendo o producto destinado aos asylos de mendicidade, aos institutos de cégos, aos hospitaes, aos albergues nocturnos ou á creação de escolas, créches e dispensarios ?

João

Outra vida

Robert Le Menil, o fino personagem do *Lys Rouge*, disse uma vez com desenfado :

— Se não houvesse Deus, se nossa alma não fosse immortal, seria muito triste.

E Thereza, a amorosa e finamente sensual amante de Dechartre, respondeu :

— Não sabemos que fazer d'esta vida tão curta, quanto mais de uma outra infinita.

Houve um silencio. Laivos de luz palpitaram na sombra tépida. A conversação seguiu, depois, outro rumo.

Eu, se estivera presente a essa elegante reunião, teria apoiado a resposta de Thereza, com toda a força, porque nada mais idiota do que viver a fantasiar uma outra existencia quando esta aqui já nos devia ter absolutamente desgostado, por antecipação, de qualquer experiencia.

A vida é um mal estar continuo, feito de uma mistura de receios e desejos. E' mais ainda. E' um castigo. Para que, então, sobrecarregal-o com as penas de outro mundo; uma eternidade de pasmaceira azul e harmoniosa, no céo; outra eternidade de brazeiros e torturas ardentes ou mal cheirosas, no inferno.

Se taes penalidades existem, nada mais injusto. Qual o goso que a vida deu, por melhor que corra, para soffrermos por ella de novo?

Foi Budha quem melhor comprehendeu a maldade da vida e, por isso, doutrinou que não ser, não sentir, dissolver-se, desapparecer, é a unica felicidade possivel. O nirvana é a melhor das recompensas, como o somno da noite é o melhor repouso das canceiras do dia.

E neste silencio dourado da tarde, que me clareia a copa das mangueiras, em derredor da casa, aqui no meu retiro, onde não ouço fonfonar de automoveis nem ranger de carros electricos, longe do movimento e da maldade dos outros, porque estou insulado e só existe perto de mim a minha, innata e fatal, não tenho escrupulo em confessar que não vejo o menor inconveniente em que a humanidade leve a bréca para sempre, sem céo, sem purgatorio e sem inferno.

Claudio França

Garatujas

A antiga geographia creou a lenda da existencia de povos extranhos e fabulosos, que jamais existiram. Os livros de Herodoto e Strabão estão cheios delles.

E' lá que se encontram os Ethiopios macrobios, os pygmeus, os arimaspes dum olho só, os hyperboscos comedores de azeite, os enotocetos, os astornes, os arrhinos, os monophtalmos e os macroscelos. Uns são designados pelo seu horrivel aspecto, outros pela sua alimentação e outros por seus vicios e costumes.

Assim, existiam ophistodactylos, sphenocephalos, ichyophagos e lotophagos, que não bebiam agua, enareus e hippemolgos, os mais justos dos homens. Os erembes viviam em furnas, os pheacios insulavam-se e os loestrygons eram gigantes.

Hoje em dia, que até nos mysteriosos sanctuarios do Thibet penetrou o Europeu, a denominação extranha desses povos extranhos sómente serve para nos mostrar a velhice da ignorancia humana e para offerecer um rapido prazer artistico ao *chercheur* de pormenores nos velhos livros.

29-12-1917

Gatafunhos

A simples vista ligeira dos animaes exquesitos da Africa: avestruzes, girafas, elephantes, dromedarios, antilopes, fez com que os viajantes espalhassem pela Europa, em tempos remotos, as fabulas mais extravagantes do mundo.

Muito antes de Leonardo da Vinci escrever o *Bestiario* e mesmo muito antes de S. João crear o *Apocalypse*, já os Gregos conheciam uma centena de monstros medonhos. Entre elles occupavam os primeiros logares os que tinham formas de passaros: o cynamolgo, que mamava nas cadellas, e o caprimolgo, que mamava nas cabras, o neares, o ophyro e o byturo.

Depois, vinham os de corpo de serpente : selsir, reptil que apodrecia aquillo em que tocava ; pareaves; onocrotado, serpente que zurrava como um burro ; ceraste, cobra de chifres.

Ainda havia bichos nunca vistos : tarando, veado fabuloso ; cartasonas, licornes, camellos-pardaes, pephagos ; raphe, lobo mosqueado e ferocissimo ; oryges, monopes dum pé só.

Por fim combinações monstruosas, que impressionam como pesadelos : o bonases da Peonia, que ejacula esterco ardente sobre os cães ; o cepho com pés e mãos de homem ; o calo, enorme, corpo de hippopotamo, mandibulas de javali, cornos moles como orelhas de jumento, e o oncroculo veloz, de peito de leão e pernas de veado.

29-12-1917

Garatujas

Eu me detive á esquina da rua do Ouvidor, olhando distrahidamente uma quantidade de individuos amontoada em torno dum preto que vendia remedios contra callos. Alguem segurou o meu braço com força. Voltei-me e dei de cara com o meu amigo Claudio França, de flanella branca, risonho como um fauno.

— « Como vaes, Claudio? »

— « Com calor e raiva de ver um homem de espirito parado entre tantos idiotas. O Rio é a cidade dos *mirones* e desoccupados. Delle se póde dizer o que dizia Rabelais do Paris de seu tempo : « ... os Parisienses são tão tolos, tão ineptos por natureza que um bateleiro, um marmiteiro, um burro com seus chocalhos, um palerma ao meio duma esquina reunem em derredor mais gente do que o faria um optimo prégador do Evangelho. »

Um outro escriptor francez, assim define os basbaques :

«Bons Parisiens que de tout temps se sont arretés avec curiosité pour voir un chien qui se noie ou un roi qui passe. »

Em materia de *badauds*, o Rio é muito peor do que a Lutecia rabellaiseana. E eu, quando vejo esses ajuntamentos, tenho impetos de castigal-os e dissolvel-os como o fazia o impagavel Gargantua, chafarisando-os...

Claudio calou-se e eu, ao recordar-me desse espirituosissimo episodio narrado pelo cura de Meudon, disparei a rir...

184

Diminuição de idade para a compulsoria

CAMARA DOS DEPUTADOS

N. 159 A — 1917

Manda reduzir de dous annos, em cada posto, a idade para a reforma compulsoria para o Exercito Nacional; com parecer favoravel da Commissão de Marinha e Guerra e substitutivo da de Finanças.

PARECER SOBRE O PROJECTO N. 159, DE 1917

O projecto ora presente á Commissão de Marinha e Guerra é um dos primeiros passos para a solução do grande problema, que muito preoccupa a officialidade do Exercito brasileiro: o rejuvenescimento dos quadros.

Todas as nações civilizadas estabelecem, não arbitrariamente, mas procurando aproveitar tanto quanto possivel o vigor physico do homem, uma idade limite para os officiaes permanecerem nos seus postos, de maneira que a sua sahida favoreça a ascenção de elementos novos, mais aptos para as funcções de commando, portadores de energias novas e novas iniciativas. Dahi a compulsoria estabelecida em todos os exercitos do mundo e creada no nosso pela Republica, com maior benevolencia. Essa deu origem ao envelhecimento do nosso quadro de officiaes, o qual bate o «record» da grande idade sobre todos os outros, conforme se póde verificar da maneira mais ampla no schema que abaixo transcrevemos.

Paizes	General de divisão	General de brigada	Coronel	Tenente-coronel	Major	Capitão	1º tenente	2º tenente
Brasil	68	65	62	60	56	52	48	45
Argentina	63	60	57	54	50	46	43	40
Chile	63	61	58	55	50	45	35	30
Uruguay	65	62	60	55	50	45	41	42
Perú	65	60	58	54	50	46	42	40
Japão	62	58	55	53	50	46	45	
França	65	62	60	58	56	53	52	
Rumania	65	63	58	56	54	50	—	45
Ingiaterra	67	62	57	55	55	45	45	
Italia	65	62	60	58	55	52	45	
Russsia	67	63	60	58	55			

A vida militar é rude. Para ella, não ha differenças de horas nem differenças de temperatura. A fadiga nunca foi desculpa para o soldado deixar de manobrar ou combater. Foi Anatole France quem fez lembrar que os termos romanos «serumna» e «impedimento» eram significativos da aspereza de viver dos legionarios. A guerra é um mister para o qual só se vae impellido. Nos exercitos antigos, havia os flagelladores, que incentivavam a soldadesca com o azorrague. Hoje, ha toda uma cópia de aguilhões moraes. Para vida tão forte são necessarios homens fortes.

A arte da guerra hoje em dia, mais complicada, mais destruidora, mais selvagem, requer energias melhores, vantagens physicas enormes, capacidade extraordinaria de resistencia e combatividade.

Não se podem exigir essas cousas de um quinquagenario. Já lá se foi o tempo da epopéa napoleonica com os seus combates em grande gala e os alferes de granadeiros, analphabetos, com 60 annos de idade e oito campanhas marcadas pelas divisas vermelhas dos braços. Para a vida de trincheira, a fome nos vallados circumscriptos pelos tiros de barragem, o arremesso das vagas de assalto, requer-se immensa fortaleza physica.

Dahi o gesto de Joffre, retirando da actividade os officiaes generaes, superiores e subalternos envelhecidos e, portanto, enfraquecidos.

A responsabilidade do projecto de que ora tratamos fez o seu Relator solicitar informações a respeito á maior autoridade militar do paiz, officialmente, o Sr. Ministro da Guerra. Eis um trecho de sua resposta:

«O rejuvenescimento dos quadros dos officiaes do Exercito é uma necessidade indiscutivel; o serviço arregimentado exige robustez e saude, tanto maiores quanto menores são os postos; o official subalterno, obrigado a conduzir nos exercicios e no combate soldados no pleno vigor da mocidade, precisa não se deixar nunca exceder por elles na resistencia á fadiga; e em todos os outros postos o official deve dar o exemplo aos seus commandados, resistindo ás longas marchas, á falta de conforto da vida de acampamento.»

E o Sr. Ministro da Guerra unicamente se referiu ao aquartelamento e ás manobras. Essa rudeza e essas difficuldades multiplicam-se na guerra, que é a verdadeira funcção de um exercito.

Na nossa Marinha, a compulsoria é muito mais severa que no Exercito. Ha uma differença, para menos, de dez annos no primeiro posto.

O verdadeiro criterio da compulsoria seria igualal-a em ambas as classes armadas. Mais uma vez se cumpriria o que manda a Constituição; reger Marinha e Exercito por leis iguaes. Mas a medida seria muito forte e equivaleria a uma foiçada terrivel no quadro de officiaes de terra. A diminuição de dous annos iniciará o movimento para essa méta tão desejada pelos que bem comprehendem as nossas necessidades militares. Ella não resolve de modo completo o problema, porém dá inicio á sua solução, que depende, em primeiro logar, de uma lei de promoções justa e do aproveitamento dos officiaes afastados dos corpos na burocracia militar, nos arsenaes e outros serviços militares, até uma idade mais avançada.

Com a diminuição dos dous annos, serão reformados officiaes que só o seriam mais adeante e, nesse interim, poderiam ser promovidos a postos superiores.

Esses mesmos não escapariam. Seriam attingidos nos postos alcançados, como se póde inferir de um exame no Almanack da Guerra, onde sua estadia teria curta duração. Todavia, avelhantado e decrepito, continuaria a arrastar-se o quadro de officiaes, porque mal lhe dão vasão as poucas vagas dos postos mais altos da hierarchia, proseguindo a estagnação dos postos inferiores, até vir a compulsoria retirar suas victimas.

Assim, baixaria o nivel de efficiencia do Exercito, ficando elle possuidor de uma officialidade obrigada a reformar-se antes de qualquer guerra e sem ter preparado uma que a substituisse.

A timida compulsoria creada pela Republica envelheceu o Exercito e a situação se apresenta como arma de dous gumes: eliminar os velhos ou perder os moços, atupindo de tropeços a sua marcha, trazendo-lhes desanimo e com o correr do tempo a velhice nos postos quasi fixos. E o sacrificio da nova geração do Exercito seria muito mais prejudicial e perigoso para a nação do que o dos velhos.

A lei presente obrigará a deixarem as fileiras oito generaes, 56 officiaes superiores, 49 capitães, 65 primeiros tenentes e 18 segundos tenentes. Isto prova como se envelhece, no Brasil, nos postos mais baixos, onde nos grandes exercitos não ha compulsoria, tão rapidas são as promoções. E' urgente a carencia de uma injecção de estimulo e esperança no seio dos officiaes estagnados, retirando-os do marasmo em que estão e mostrando-lhes melhores perspectivas.

Nas suas informações, o Sr. Ministro da Guerra diz que a idade para a compulsoria das classes annexas do Exercito deve ser mais alta, pois as suas condições de vida são diversas das dos combatentes.

Não estamos de accôrdo nesse ponto quanto á vida dos intendentes e outros officiaes da administração militar, muito menos sobre a do Corpo de Saude. Na guerra moderna, o medico necessita de tanta saude quanto a do commandante de seu batalhão. Elle vive nos «boyaux» de communicação, presidindo á evacuação dos feridos; está nos postos de soccorro junto ás linhas de fogo, ás vezes nos «block-haus» das trincheiras, pensando os soldados mais gravemente attingidos; acompanha a pé, com os seus padioleiros, as vagas de assalto, com ellas occupando o entrincheiramento inimigo, afim de attender aos homens que cahem pelo caminho e estabelecer na nova posição o novo posto de soccorro. E a sua existencia nos hospitaes de sangue requer saude, força e resistencia a toda prova.

Os seus sacrificios na guerra são iguaes aos dos que combatem, affirmam as estatisticas. No Paraguay, os cirurgiões militares não bastaram aos trabalhos das forças em operações e o imperador viu-se obrigado a convidar para as suas vagas os estudantes dos ultimos annos de medicina, promettendo-lhes a carta de doutor, sem exame, depois da campanha. Nessas mesmas condições de falta de medicos, tantos teem sido mortos pela metralha, estão actualmente a Italia, a França e a Inglaterra. Tanto assim que o primeiro pedido dos alliados aos Estados Unidos foi a remessa de 10.000 medicos!

Seria injustiça excluil-os dos beneficios da presente lei.

As opiniões contrarias ao projecto n. 159 argumentam com o augmento de despeza que a lei trará, sem cuidarem dos beneficios que o valem. Não é da competencia desta Commissão discutir esse assumpto. O seu julgamento é sómente sobre a parte technica, doutrinaria, militar da lei. O estudo das condições financeiras que crea compete á douta Commissão de Finanças. Dahi limitar-se a Commissão de Marinha e Guerra a aconselhar a adopção da medida, de accôrdo com as necessidades apontadas pelo Governo e as razões expostas neste parecer.

Sala das Commissões, 18 de outubro de 1917. — Alberto Abreu, Presidente. — Gustavo Barroso, Relator. — Esperidião Monteiro. — Osorio de Paiva. — Mario Hermes, com restricções.

"A Rua" - 28 - Dezembro - 1917

185

Nostalgia da Patria

Uma carta do nosso embaixador em Washington ao autor dos "Heróes e Bandidos"

O nosso collega João do Norte recebeu do Dr. Domicio da Gama, Embaixador do Brasil em Washington, a proposito de seu ultimo livro "Heróes e Bandidos", a seguinte carta :

"Meu caro confrade. Fico-lhe muito obrigado por se ter lembrado de mim, mandando-me o seu livro dos Cangaceiros do Nordéste, que me interessou tanto que o li todo, apezar de muitas interrupções (A gente agora, quando abre um livro, a não ser em viagem, mal sabe se terá uma hora de leitura recolhida).

O seu livro é um dos mais brasileiros que tenho lido, mais natural, mais directo, talvez mais sincero, como as historias dos contadores que acreditam em forças sobrenaturaes e mysteriosas. Tem penetração psychologica e, ao mesmo tempo, elevação admirativa.

Talvez me engane, mas quer-me parecer que, quando os escrevia, os nomes desses bandidos eram-lhe evocativos de outra cousa mais do que façanhas de sertanejos faccinorosos.

Para mim, elles soam como os accórdes dominantes em musica symphonica e têm todo o prestigio das memorias heroicas.

Com esse cabedal, estou certo de que o Sr. não ficará nesta primeira obra. Dênos mais, que seja assim brasileiro, barbaro e forte e simples como a propria vida do sertão.

Eu, que do Norte só conheço a doçura e a bondade, e tambem a fraqueza de alguns, espero que tambem esses traços moraes serão retratados em futuros livros.

Ainda uma vez obrigado e continue a lembrar-se deste que se não esquece nunca da terra bemdita do nosso carinho e do nosso orgulho".

"Fon-Fon" - 5 - Janeiro - 1918

Gatafunhos

A escola moderna é um logar de aprazimento para as crianças, livres hoje em dia da palmatoria e das exigencias brutaes dos velhos mestres, que sómente sabiam ensinar o b-a-ba de ferula horrenda em punho.

Esse tempo de torturas para a meninada felizmente já passou e ninguem mais comprehende que seja necessario bater para ensinar, para educar.

E quanto mais se mergulha no passado da humauidade mais se palpa a bruteza dos homens para com as crianças.

O mestre-escola egypcio era uma verdadeira féra. Os meninos chamavam-no «crocodilo». A escola de Memphis, de Hecatompyla, de Naukratis, verdadeiro ergastulo, barbara casa de castigo. Um proverbio egypcio dessa época dizia : «nas costas dos meninos é que estão as suas orelhas.» Por isso batiam nellas com força para elle escutar e aprender.

Barbaros !

"Correio Paulistano" - 3 - janeiro - 1918

JERUSALEM

(João do Norte)

No cume dum cerro nu', dominando o valle, se erguiam as grossas muralhas de Jerusalaim, capital dos Jebuseus, inexpugnavel e altiva, encerrando a sua fonte perenne de Gihon, que hoje se chama a fonte da Virgem.

O monte fortificado e povoado de Sion desafiava a cobiça dos hebreus, que emprehendiam vagarosamente a conquista difficil da Palestina. Saul deixára varias yezes a cidade de Gabaa e impellira os seus soldados até o pé dos muros desafiadores, mas a falta de recursos e machinas de guerra o forçava a não começar o assédio.

Mas o talento politico e estrategico de David, quando guiou a nação dos Beni-Israel, comprehendeu quanto representaria para o futuro do seu povo e o inteiro dominio da região a posse da fortificação jebusita. Sua obra era a continuação da obra dos suffetas ou juizes: unir a nação, apagar as rivalidades, ter sempre sob a mão Ephraim e Juda, e tirar do seio do povo de Jacob todos os espinhos dolorosos. Desses, o maior era aquelle constante e impertinente desdem da forte Salim, "logar de segurança", povoação destinada a centralizar o governo real e symbolizar a homogeneidade do povo de Iaveh.

O livro biblico de Samuel diz que os jebuseus, quando souberam que David se propunha a expulsal-os daquelle ninho de aguia, riram e juraram, por chacota, defender os muros com uma guarnição de cegos e aleijados. David, porém, copiou as machinas de arremeço dos assyrios e babylonios, reuniu sua gente de guerra e marchou contra Jerusalaim.

Os mercenarios de Creta e da Caria, os "gibborim" cobertos de escamas de ouro, os fundibularios da Iduméa, os frecheiros de Moab, todos os mercenarios e todos os auxiliares, penetraram de roldão na cidade baixa, saqueando, violando, chacinando. As helepoles se levantaram aos pés das muralhas da cidadella, os arietes e a sapa bateram nas pedras dos contra-fortes e dos alicerces, os balistas despejaram os seus virotões envenenados e, assim, o cerco começou. Foi lento e cheio de tropeços. Um dia, porém, as lanças hebraicas arrancaram os pavezes de bronze das ameias, os croques puxaram e derrubaram os parapeitos, o vai-vem desmantelou a cortina, a brecha se abriu e o sarsaba Joab, á frente das tropas de escól, penetrou na fortaleza. Foi a primeira vez que Jerusalém foi tomada.

Depois que Salomão a ornou e engrandeceu, Seshonq, o pharaó que acolhera as queixas de Hadad, o Idumen e de Jerobão, e guardára suas pessoas, aproveitando as dissensões de Israel, invadira a Pelestina e derramara sobre Sion os seus guerreiros barbaros, chardanas e chiltas com as suas calanticas riscadas de azul e branco, os braços tatuados e os escudos de vime. A cavalhada do exercito egypcio seccou a corrente limpida do Cedron e a soldadesca barbara rompeu os muros da cidadella, ganhou as ruas e o tempo, pilhou as riquezas e levou as mulheres captivas. Pela segunda vez Jerusalem cahiu em mãos inimigas.

O livro dos Reis diz, tristemente: "... a colera de Iaveh se accendeu contra Israel e o entregou ás mãos de Khazael, rei da Syria, e ás mãos de Ben-Hadad, filho de Khazael." E' que o despota syriaco ameaçara a capital biblica e só se retirara assolando os campos e herdades, após ter recebido todo o ouro que o rei Jehu, impotente e medroso, lhe poude enviar, embora reduzisse o povo á miseria. Porém, si a cidade escapou dessa vez, não teve a mesma sorte deante das tropas crueis de Nabucodonosor, o rei que furava com a ponta da lança os olhos dos prisioneiros. Nem o soccorro da cavallaria ligeira do pharaó Apries a poude salvar. A fome, o escorbuto, as disputas intestinas não impediram que a resistencia se prolongasse por dezoito mezes, longos e lentos, no fim dos quaes os babylonios coifados de mitras pelludas, brandindo lanças curtas e gladios espatulados, penetraram pelas brechas aos gritos de furor e aos berros enthusiasticos de victoria. As gentes foram levadas para o captiveiro e Jerusalem contou a sua terceira quéda.

Já sob as patas da loba romana, dominada a quarta vez, uma sedição sectarista, politico-religiosa, agitou-a ruidosamente. Correu o sangue nas ruas. As legiões de Tito puzeram-lhe cerco. Cahiu pela quinta vez. O fogo ateado pelos soldados, cujas caligas ferradas batiam nas pedras dos adros tristes, queimou-a de Bezetha ao Hebron. As chammas alanceavam o céo enfumaçado e rebrilhavam, faulhando, nas pontas das soliferreas e na haste dos piluns. E Adriano acabou de arrazal-a mais tarde: a sexta quéda.

Os seculos passaram. Um schah persa, um general byzantino, um

186

califa arabe, um sultão ottomano e um sultão seldjucida tomaram-na e retomaram-na pela setima, oitava, nona, decima e onzena vezes.

O movimento assombroso contra o oriente, o reflexo scintillante de armas e de idealismo que se chamou as Cruzadas, trouxe de novo hostes guerreiras contra a fortaleza de Sion.

Emfim, uma manhã o exercito das cruzadas, dizimado pelas pestes a fome, os cercos de Nicéa e de Antiochia, o eterno combater com os almogavares turcos, as batalhas com o sultão da Persia, cahiu de joelhos, nas alturas de Emmau's. Dalli avistara o risco prateado do Jordão, as oliveiras verdes de Gethsemani, os minaretes de Jerusalem, Godofredo de Bouillon, o bispo de Monteil, Tancredo, Montaigu, Saint Vallier erguem os braços num brado que os cavalleiros, os besteiros de a pé, os fundibularios repetem, persignando-se: "Deus o que! Deus o quer!"

O sol derrama luz sobre as terras vastas e nuas, a cidade branca, as oriflammes, os arnezes de sôlhas e os caparazões das mesnadas christãs.

O exercito desce a rampa do muro de Emmau's e investe a cidade santa. Vinte mil cruzados encerram em rêde de aço sessenta mil turcos. O fogo grego dos sitiados queima os escorpiões e as balistas; mas a torre de madeira de Godofredo encosta-se ao muro e os occidentaes entram na fortaleza. A massa brutal da turcalhada os envolve e abafa sob os alfanges que reluzem e se avermelham. Porém, no Horto das Oliveiras, um cavalleiro branco apparece, espicaçando o cavallo branco. Um longo grito se eleva: "São Jorge! São Jorge!" e Everardo de Puisaye accorre com reforços, ajudando a tomar Jerusalem. E' a duodecima capitulação.

Era uma sexta-feira e justamente na hora em que os Evangelhos dizem que Christo expirava. Mas essa religiosa lembrança não turbou a colera feroz dos vencedores, que o longo sitio exasperára. O chronista Raymundo d'Agila conta que o sangue das victimas degolladas chegára á porta das mesquitas até o peito dos cavallos. Nem o exemplo de Godofredo descalço e desarmado, rezando deante do Santo Sepulcro, diminuiu duma hora os dez dias horriveis de morticinio e pilhagem.

Annos após, Saladino, ao fim de doze dias de combate, entra em Jerusalém, derrotando os christãos enfraquecidos e pela decima terceira vez derrubando a velha cidade predestinada dos Jebuseus.

Já lá se vão sete seculos que o turco a dominava e escarnecia, quando as inesperadas acções desta guerra em que as forças vivas do mundo se consomem levaram até ás planicies nuas da Palestina um exercito europeu. Ninguem póde dominar sua emoção ao lêr e commentar a noticia de que as tropas britannicas, relembrando os feitos de Ricardo Coração de Leão naquellas mesmas paragens, penetraram em Jerusalem. E a força espiritual desse nome é tão grande que logo o vulto branco do Papa se levanta e excommunga as nações que tiverem a ousadia de querer retomar a uma nação não catholica, mas christã, aquella lendaria conquista por que tantas gerações occidentaes suspiraram e se bateram.

O' Jerusalém, quão vario e interessante tem sido o teu destino! Nunca os chefes jebuseus que alicerçaram na rocha os teus grossos muros pensaram no futuro glorioso, dolorido e inapagavel que te reservavam. Emquanto as grandes metropoles religiosas do mundo murcham e morrem como perolas envelhecidas, tu atravessas os seculos sempre desgraçada, mas sempre aureolada. Quiz o grande successor de Saul fazer-te Ir-Daond, a cidade de David; quiz Adriano transformar-te em Elia Capitolina: mas tu resististe ao apagamento desses pseudonymos e ficaste sempre Sion, Jerusalaim, o "logar de segurança". A historia nunca ratificou as outras denominações com que foram baptisados os teus aridos rochedos e por isso de ti diz Dieulafoy que, em vez da cidade de um homem, tu és a patria das almas e a capital do pensamento religioso.

Jerusalém, que matas os prophetas e lapidas os que te querem salvar, como Christo dizia, talvez já tenhas terminado o teu castigo. Quatorze vezes homens de extranha raça e extranha lingua pisaram triumphantes nas tuas ruas sombrias e humidas sob arcadas brancas. Quartorze estações, muitas das quaes cahindo nessas mesmas ruas de bruto lageado, foram as de Jesus, no caminho do supplicio e da morte, dizem os retabulos das egrejas. Quem sabe si a essas quatorze dores não correspondem as tuas quatorze quédas?

João do Norte

"Fon-Fon" - 12-1-918

Gatafunhos

Passou por mim aquelle homem alto e forte, tão alto e tão forte que eu me senti amesquinhado, apezar dos meus metro e dez centrimetros de peito, dos meus metro e oitenta e um de altura. Então, não me pude conter e chamei-o em voz baixa pelos nomes de gigantes, que constam dos livros de cavallaria:

— Ferragus, Ferrabraz, Gayofe, Galafre, Mabruno, Fracasso, Falurdino, Gallehault, Mirelangault, Roboastro, Sortimbrante, Brushante, Bruyer e Longis.

Recitei os nomes dos que estão na Biblia:

— Goliatte, Og, Gog, Magog, Gemagog, Sarabroth, Nembroth e Faribroth.

Lembrei-me daquelles da mythologia pagã:

— Atlas, Eryx, Titão, Eryon, Polyphemo, Cacus, Etion, Encelado, Cêo, Typhoé, Aloé, Otho, Artacheu, Oromedonte, Egeu, Briareu, Porphyrio, Adamastor, Anteu, Agatho, Porus, Aranthas, Sisypho, Hercules e Enay.

E ainda a memoria me repetio os gigantes impagaveis de Rabelais:

— Hurtaly, Bringuenarilhas, Morbois, Machura, Gabbara, Morgan, Pegamôsca, Bolivorax, Comefeno, Queimaferro, Engolevento, Foutasnou, Hacquelebac, Rifflandulho, Vivedegrão, Grandgousier, Gargantuá e Pantagruel.

Safa! Que nunca mais passe um homem gigante junto de ti! dirá o leitor.

Garatujas

Tinhamos subido ao topo do Pão de Assucar naquella deliciosa tarde, toda de oiro e blau, com uns cirrus brancos, preguiçosos, arrastando-se pelo céo. Ventava. Traziamos os chapéos nas mãos e nossos cabellos fluctuavam ao vergasto do sudoeste.

Claudio França lamentou não se usarem mais designações como as antigas para indicar os ventos, baptisando-se esses deuses decahidos hoje em dia, pelos nomes banalissimos dos pontos cardeaes. E elle recordou os ventos da Grecia antiga: o galerno, o zephyro, o favonio, a brisa, de que Homero tanta falla: o euro, o noto e o bóreas; o lybico e o africo, que vinham do sul; o hellespontino, que vinha de leste; os seyronios, os alisios pelos quaes se regulavam as navegações do Egeu, os etesios, que, segundo Thales de Mileto, demoravam a correnteza do Nilo; o apeliota e o argeste, trazendo o frio do inverno; o leuconotus, que fórma as nuvens leves; o libs e o cœcias de Aristoteles e de Timosthenes.

Lembrou os ventos rispidos da Africa: o simun, varrendo o deserto; o sirocco, levando o calor africano ás margens européas. Ainda fallou do aguião e do aquilão romano; do melainboreas, limpando as planicies de Marselha; bisch, que os normandos temiam; do guarbino, que os marujos sicilianos esperam; do pampeiro, que devasta as savannas, do minuano que corta de frio e do aracaty, que refresca os sertões resequidos do nordeste brasileiro.

E, emquanto elle fallava, o vento nos açoitava as roupas e os cabellos, dando-nos depois dum longo dia de calor uma esplendida sensação de bem-estar, o vento alimpava o céo e enrugava o mar, o vento silvava nos cabos de aço estendidos entre o Pão de Assucar e a Babylonia, o vento desmanchava no poente um enorme acastellamento de nuvens fulvas, flavas, flammejantes...

63.805

187

"Fon-Fon" - 5 - janeiro - 1918

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1918.

O leilão das moças

O que se vae ler está no capitulo cento e noventa e seis de *Clio*, o primeiro livro das «Historias» de Herodoto. No seu estylo singelo e attico, que tanto agradou os juizes dos jogos olympicos, o grande historiador conta dos venetos-illyrios, povos que habitavam na margem do Adriatico perto da Istria, o seguinte costume.

Annualmente, tinham um dia destinado ao leilão das moças em estado de casar. Nelle se realisavam festas e se reuniam todas as donzellas nubeis numa praça, de maneira que os homens, amontoados ao redor, as pudessem vêr e examinar á vontade.

Um arauto soprava a sua tuba de prata e chamava as raparigas uma a uma, pelos seus nomes. Em primeiro logar, a mais bella, de antemão escolhida pelos maioraes da tribu. Punha-a á venda e entregava-a a quem désse mais. O dinheiro era recebido e guardado por um magistrado especial. Depois, se fazia o mesmo com a segunda em belleza e assim por diante á menos formosa. Os preços diminuiam.

Então, se iniciava o leilão das feias, coitadas! começando-se pela menos feia, segundo a classificação feita na lista do arauto. Estas não davam um drachma de prata, um lepsta de cobre, porém quem as escolhia recebia um dote, que variava de valor conforme a fealdade da mulher. Aquelle que, heroicamente, se resolvia a ficar com a mais feia ganhava o valor por que a mais bonita fôra arrematada.

Vinham homens de longe, especialmente de Babylonia, comprar bellas mulheres na Illyria e davam por ellas muitos talentos euboicos de ouro puro, de maneira que eram quasi sempre elevadissimos os dotes das desprovidas daquillo que os gregos consideravam um don dos deuses, de Phebo-Apollo e de Venus-Aphrodite especialmente.

Herodoto não commenta este costume illyrico. Limita-se a contar que os rapazes pobres, desejosos de casar, não considerando a belleza como cousa indispensavel, mas sim o dinheiro, tomavam conta das feiosas, disputando-as.

A um espirito moderno o grande inconveniente desse habito antigo estará no cerceamento da liberdade feminina, pois um leilão desses não permittiria a uma moça escolher o seu marido e sim ser escolhida por elle. Esse ponto está resolvido pelos venetos. A condição *sine qua non* da compra era o casamento e só se podia levar a donzella, após a ceremonia, accrescendo que, se lhe não agradava o comprador, era nullo o contracto e nullo tambem o da feia que disso derivasse. Restituia-se o preço e tornava-se a pôr a moça em hasta publica.

E' forçoso confessar que o meio de que lançavam mão os barbaros do Adriatico era muito bem achado e muito conveniente, desde que a liberdade de escolha da mulher não se achava de todo tolhida. Nunca houve lei que tanto protegesse a mulher sem formosura nem que impedisse de haver solteironas de modo tão completo. Pena é que tal costume, dirão as feiosas, não esteja ainda em inteira voga. E muito rapaz casador ou caçador de dotes deve tambem lamentar não viver entre os venetos-illyricos.

Tanta moça, neste Rio de Janeiro, graciosa e linda existe que, se houvesse leilões e se pudessem arrematar mais de uma, a gente empobrecia á custa de arrematar!

A lei de que falla Herodoto não trazia inconvenientes a ninguem, antes pelo contrario. Fazia que as formosas pagassem com o preço da sua face macia e do seu corpo loção a infelicidade das outras.

Quem sabe se não poderia pôr em pratica uma lei semelhante, que teria o apoio de todas as feias, a maioria, e, se não tivesse tambem o apoio das bellas, pelo menos não despertaria opposição?

Talvez fosse esse o unico, excellente, maravilhoso meio de acabar duma vez com as suffragistas, as litteratas, as neurasthenicas, as cochichadeiras e as beatas, horriveis especies femininas nascidas da classe immensa, descontente, vingativa e audaz das *vieilles-filles*...

Jataenne

"Correio Paulistano" 8 - Janeiro - 1918

O banho de Alexandre

(João do Norte)

"La Macedoine a tué la Gréce: Philippe l'asservit, Alexandre lui fit plus de mal, il l'entraina sur ses pas et la dispersa siur la surface de l'Asie."

"Alexandre avait ce que les grecs regardaient comme un don des dieux, la beauté: ses yeux étaient doux et limpides, sa peau très blanche et relevée au visage et à la poitrine par un vif incarnat; il inclinait légerement la tête sur l'epaule gauche."

(Victor Duruy — "Histoire Grecque" — pgs. 347, 395 e 396).

A' margem do Cydnus, aquem dos desfiladeiros Amanicio e Cilicio, o exercito acampára, rumorosamente. A natureza em torno era selvagem e desolada como toda a terra asiatica do mar da Pamphylia ás florestas da Bithynia e aos montes da Cappadocia, sempre talada por invasores ferozes. A perder de vista, penedos, cascalhos, raros grupos de arvores, plainos côr de cinzaz e côr de leão.

Ao longe, no topo dos comoros, vultos de pegureiros apoiados ás lanças, olhavam, esgazeadamente, o torvelinhar de homens e o branquejar de tendas. As dos capitães, de alvo linho, franjadas de escarlata, rodeavam a de Alexandre, orlada de purpura e ouro, guardada por dois hoplitas altos, cobertos de escamas, aprumando as sarissas. Nella entravam e sahiam officiaes e mensageiros, abrindo e fechando as cortinas, que ruge-rugiam.

As tropas ainda armavam barracas e construiam abrigos. Cataphractas amarravam ás sógas os cavallos thracios, que se alimentam com lotus e serinos los pantanos. Vélites afiavam, á sombra dos tamarindos, espadas curtas e lanças com uma romã de metal no canto de madeira. Relinchavam garanhões, farejando as eguas de carga. Em grandes fogueiras, assavam, chiando, quartos de bois e bandas de carneiros.

Os athenienses, que combatem ao som da frauta, alimpavam, poliam os broqueis redondos, onde se re-

torcia a figura negra dum escorpião e uma cabeça de guerreiro apparecia entre grinaldas de louro. Archeiros agrianos untavam as cordas de reserva. Mercenarios odryos e tribalos dormiam sob pannos remendados, extendidos em varas. Auxiliares getas e illyrios abrigavam-se debaixo de velhos couros de bufalo e de hemione. Os thracios, tatuados de azul, faziam cabanas de estrume e os scythas enareus, que soffrem doenças de mulher, abriam cóvas no chão. Aqui, ali se viam auletridas de Argos, toucadas de mangerona, de Athenas, com uma cigarra de ouro no cabello, que viviam na çaga do exercito, batidas e sugadas pelas noites de amor, que se abandonavam nas retiradas á lança cruel da cavallaria inimiga, pobre gado de soffrimento e de prazer!

Cruzavam-se soldados: macedonios ageis, doricos pesados, ionicos esbeltos, carios membrudos. Havia massagetas montados em cavallos com peitoraes de aço, saggitarios cretenses, que marcham ao som da harpa, frecheiros da Propontida, com escudos de couro de urso, fundibularios do Epiro.

Sentado numa pedra, ao pé de um sycomoro, a corda de esparto apertando na cintura a tunica rota, côr de musgo, folhas de louro na fronte alta e branca, riscada de veias azues, como um marmore, velho rapshodo dedilhava o kinnor de cinco cordas e cantava os antigos feitos dos heróes. Officiaes e soldados, que o escutavam em silencio, atiravam-lhe ao regaço, quando findava, leptas de cobre com um bico de aguia no cunho, drachmas de prata com a coruja da Attica ou uma cabeça rodeada de peixes.

Passavam enomotias e melas syntagmas, em exercicio, marcha candenciada, cnémides de bronze reluzindo, capacetes de cobre cobertos de crinas vermelhas. Ouviam-se berros, relinchos, uivos, cantos, gritos, rumores de armas e um continuo zumbir de colmeia gigante.

Debaixo de latadas de ramos, vendilhões byzantinos apregoavam antidotos contra o veneno das settas, feito com o sangue dos patos do Ponto, esterco de bisonte, que queima como fogo, para causticos, e sphingites brancos da Gedrosia, que dão felicidade. Phalangiotas de cinturão desapertado comiam cebolas, que provocam sêde, e bebiam laconias de vinho de Prammelos salpicado de queijo de cabra ralado. Outros, esquecendo, em nostalgia, a sua cotyla de sumo de uva fermentado, tamborilavam com os dedos na couraça, acompanhando sem sentir a musica que esparzia da sua flauta de Pan um rapazêlho coberto de trapos, com flôres no cabello e o olhar glauco como um céo matutino. E os vendedores offereciam oleos do Cizyco, ledano da Ethiopia, nardo da India, cinnamono de Tamrapani, rhodino de Susiana; balsamos para feridas, cuja receita o centauro Chiron ensinára a Esculapio e este legara a seu filho Makahon; o incenso, que medra sobre uma montanha, defendida por serpentes aladas, que só o fumo do styrax afugenta; medimnas e chènices de farinha, talismans de Esiongaber e ferros afiados da Paphlagonia, onde nascem as mulas selvagens

Barganhavam-se cavallos e mulheres. Jogavam-se ossos sobre mantos abertos no chão. Homens da Mysia contavam cousas curiosas, que maravilhavam: a vida do passaro Lumerpa, cujas pennas valem mais que diamantes; o povoamento de Kalybé pelos malfeitores ferozes chamados por Philippe; os motivos por que a cabra é sujeita ao mal sagrado e o som da flauta cura as mordeduras de cobra e as dôres sciaticas. No alto, revoavam abutres. Soavam tubas. O calor amollecia. Muita gente deitava-se de bruços e começava a dormir.

Perto dos carros de guerra, arrumados em semi-curculo, com os temões no ar, tinham erguido um pequeno templo de madeira. Apesar das occupações guerreiras, as almas hellenas não esqueciam os mythos religiosos, que lhes davam a belleza harmoniosa da vida. O madeiramento rudo mal recordava as linhas sobrias da architectura grega, mas nas métopes um engenhoso peltasta dependurara os escudos do seu lochos e fizera, com as caveiras dos bois abatidos para o reparto, os bukranios ornamentaes. Aquelle simulacro recordava aos gregos o seu maravilhoso passado: as panoplias de armas persas e as cabeças dos bois sacrificados em holocausto, suspensas entre os triglyphos dos templos atticos, depois de Marathona e de Salamina.

Abriu-se a tenda real. Dentro illuminou tocado de sol um jarro de bronze sobre um escabello. O heróe macedonio surgiu entre seus generaes e tenentes, erguendo a face moça e arrogante, saudado pelos soldados, que se curvavam, batendo nos escudos de bronze. Tinha o rosto corado, o nariz fino e energico, o olhar dôce e claro. Vestia saio de correias, cóta de escamas compridas, cnémides abotoando em fivelas de prata. Do boldrié chapeado de ouro pendia o curto gladio grego e na cimeira do capacete de viseira levantada um dragão abria as azas.

Um silencio profundo apagou até o pregão dos mercadores e o riso das mulheres. Todos os velhos se voltaram para elle, que passava orgulhoso, sorrindo, a cabeça inclinada para o hombro esquerdo. Ia ao rio, bonhar-se. Não o seguiam escravos com amphiras de aromatas, krateras de vinho e mantas peludas.

Como simples soldado, pendurava a armadura num galho e atirava-se na agua. Fizera-o assim a sua educação de athleta: o pugilato, o disco, a carreira.

Os capitães sentaram-se no hervaçal da margem: Perdiccas junto de Ptolomeu e Demarate conversando com Philotas. Alexandre, orvalhado de suor, atirou-se ao Cidnus. O contacto da agua arripiou-o de frio

Sahiu a tremer, enrolando-se no manto vermelho.

Mais tarde, dentro de sua tenda, luctava com febre coberto de pelles grossas. Os officiaes circulavam-lhe o leito, de braços cruzados sobre o peito do chlamyde. Klito e Arés, em desassocego, iam e vinham com o andar machinal dos leopardos enjaulados.

Um archeiro da Bisalcia entrou apressado. Nearko tomou-lhe das mãos uma taboleta encerada e passou-a ao rei. Alexandre, erguendo-se um pouco, leu os caracteres riscados pelo estylete. Sorriu. Era uma carta de Parmenio denunciando uma conspiração para envenenal-o da qual constava fazer parte o seu medico Philippe. Chamou-o e queixou-se de sêde.

Ao pé do leito, num vaso de prata, boiavam pedaços de açafrão em vinho de Karpathos. O medico deu-lhe a cópa e Alexandre, deixando cair no chão a missiva que o prevenia, bebeu sem pestanejar.

No acampamento, uma sombra de cuidado annunciava o rosto dos veteranos, que o tinham visto vencer os povos do Ister e montar, um dia, Bukephalo, o cavallo feroz da carranca de touro, que custára a Philippe, o amigo dos cavallos, treze talentos emboicos. A' frente do templo tosco, todos se prosternaram. O sacerdote, tendo á cabeça as tiras douradas do ritual, invocou Phebo e Esculapio, espalhando a cevada sagrada sobre a ara de pedra. Dois adolescentes degolaram um cordeiro esfolaram-no e esquartejaram-no, emquanto o padre fazia sobre a victima libações de vinho escuro. Sobre um fogo de galhos seccos, perfumosos, assaram as côxas envoltas em gordura, com as entranhas por cima. Consumidas as carnes, os mancebos tiraram com espetoos pedaços de tripa enfumaçada, que mastigaram de vagar. O sacrificador ergueu os braços, pedindo aos deuses a saude do rei, e os soldados entoaram o peân.

Assentados nos degraus do templo, o velho rapshodo das phalanges deliberou o kimor recurvo como o crescente da lua e cantou um velho hymno pelasgico.

Depois, baixando a cabeça, murmurou:

— Acabaram-se as republicas enfraquecidas ante a ambição deste heróe. A velha Grecia morreu. Hoje Alexandre, filho de Zeus, a governa, e representa. O esforço de sustentar a sua ambição espalhará pela Asia, mas matará na Helenia, o seu velho espirito de altivez e saber!

João do Norte

"Diario do Estado" 31 de Dez.º 1917

Gatafunhos

Vendo n'uma fita americana um bando de sereias, de corpo de mulher e cauda de peixe, Claudio França extranhou que assim se desfigurassem essas nymphas do mar. Eu acostumado a vel-as sempre representadas dessa maneira, perguntei-lhe porque as achava mentirosas e erradas.

E elle me disse:

— Na Grecia antiga, eram representadas com corpo de passaro, e cabeça e seios de mulher, ou então inteiramente como mulheres perfeitas, sentadas sobre os rochedos, a cantar e tocar. Da maneira como as vês agora nunca os Hellenos as imaginaram. Pódes examinar as pinturas dos vasos atticos, onde ellas attraem o navio de Ulysses e os baixos relevos que as perpetuam.

Com effeito, nada mais feio do que tornar parecidas com phocas aquellas lindas creaturas que obrigaram o subtil Ulysses a tapar os ouvidos para lhes não escutar a voz harmoniosa: Glanké, Parthenope, Leucosia, Amphitoé e Kalianassa.

Mas o nosso seculo trouxe o destino de matar, aleijar, mutilar as velhas lendas.

Garatujas

Olhando o branco areal da praia do Arpoador, na Gavea, apontoado de pequenas moutas, eu comecei a pensar no horror desolado dos desertos, onde o olhar somente enxerga o saibro amarello e uma palmeira á beira dum poço enche a alma de alegria.

Rememorei, então, os perigos dos que atravessam essas extensões safaras: o Gobi, o Chama, o Sahara, as planicies mortas que levam a Samarkanda. Alli os montes de areia fina caminham e soterram caravanas e aldeias. Nada ha que lhes resista.

Por isso, entre os oasis de Amon, na fimbria do Sahara, a poeira soterrou parte do exercito persa de Cambyses, segundo narra Herodoto. E não faz muito tempo as dunas movediças do Turkestan, tragaram sem deixar vestigios um corpo de exercito russo. Quando as areias se retiraram, lá estavam os cadaveres dos cossacos contorcionados, bocca, nariz, ouvidos cheios de pó. O seu supplicio fôra ao mesmo tempo sepultura!

"Fon-Fon", 12 de Janeiro de 1918

Garatujas

Eu leio todos os jornaes e vivo ao par de tudo quanto se faz politica, legislativa e administrativamente neste paiz. Até hoje essa cuidadosa analyse diaria sómente me trouxe uma certeza: a de que no Brasil a unica preoccupação é não acertar. Tudo se faz ao avesso como aquelle animal da fabula antiga que unicamente produzia filhos ao avesso.

Herdamos essa qualidade primordial do monstro de que nos fallam velhos escriptores.

A's vezes, enche-me a alma uma grande tristeza, de outras aborrecimento, tedio, desprezo. Mas como tudo acostuma quasi sempre me sinto resignado e até me inhibo de commentarios. E' que eu já vou com a idade me compenetrando da inutilidade dos bons esforços e do exito das más intenções e dos maus passos. A minha tristeza, quando a tenho é tão sómente aquella de que fala um proverbio persa: «A maior tristeza dum homem é ter idéas sensatas e nada poder fazer».

"Fon-Fon", 19-1-918

Gatafunhos

Toda a gente que alli estava, quando se tratou das guerras persicas e se compararam algumas de suas phases e causas com a guerra de hoje, unanimemente atacou Dario e Xerxes, as alluviões barbaras da Asia. Então, Claudio França pedio um pouco de silencio e disse:

— Somente conhecemos nos mais intimos pormenores essa questão pelo lado grego, porquanto os nossos classicos em litteratura, poliorcetica, estrategia e historia dessa época são os escriptores hellenos ou delles derivados: Herodoto, Strabão, Polybio, Polyeno, Thucydides, etc. Dahi a idéa que fazemos de mais virtude e melhores qualidades e maior brandura da sua parte. Nenhum documento persa sobre taes guerras directamente nos veio. Elles não tiveram um Herodoto nem um Homero ou, se os tiveram, esses até nós não chegaram. Quem, portanto, sem taes documentos, conhecendo tão sómente o testemunho duma parte interessada poderá com justiça julgar os factos? Quem em taes condições poderá aquilatar do valor real dos homens e das cousas persas?

E' preciso não esquecer, meus amigos, que, na vespera de Salamina, a propria historia grega diz Temistocles vendera-se por 30 talentos de prata.

"Fon-Fon" 19 de janeiro de 1918

Garatujas

— Os pygmeus de que fallam os escriptores classicos, gregos e romanos, nunca existiram. E' uma das muitas patranhas com que nos engabelaram os antigos. Engraçada e mentirosa historia desses homens pequeninos habitando o centro da Africa e escondendo-se das cegonhas que os devoravam como rãs!

— Não falles mal dos velhos historiadores e poetas. Elles nos dão tanto consolo ao espirito. E no fundo de todas as lendas, que seriamente contam, ha uma base verdadeira.

— Qual nada! E a desses pygmeus?

— E' certa. Está provado scientificamente que, no centro africano, existiram e ainda existem tribus inteiras de anões negros. Delles fallam os sizudos viajantes Johnston e Donaldson Smith, jámais tendo sido desmentidos.

— Ora!

— E não só existiam anões ou pygmeus no continente lybico, como tambem havia nos outros. Foram encontrados esqueletos de homens diminutissimos nas cavernas européas, onde viveram os typos primitivos e nas *huacas* peruanas. Cala-te e não digas asneiras, por favor!

Deputado Gustavo Barroso

Transcorreu, sabbado passado, a data natalicia de nosso prezado amigo e valoroso correligionario dr. Gustavo Barrozo, deputado do P. R. C C. na Camara Federal.

O illustre cearense é de ha muito um nome feito na litteratura nacional, em que occupa um logar dos mais em destaque; na imprensa de todos os matizes revelou-se sempre um espirito culto, dedicado aos grandes interesses patrios No «Jornal do Commercio, em que foi Redactor, deixou traços inapagaveis de sua passagem; na Camara Federal, onde ha tres annos representa o Ceará, a sua voz se tem sempre feito ouvir todas as vezes que o reclamam os altos interesses du sua terra natal.

Embora tardiamente, nós do DIARIO lhe enviamos affectuoso abraço acompanhado dos mais ardentes votos pela sua felicidade pessoal.

190 "Correio Paulistano" 16 de jun.º de 1918

A Santa Vehme

(João do Norte)

A todas as oppressões corresponde sempre uma reacção tenaz, que nasce e se desenvolve no segredo. Deante de todas as perseguições se esgueiram as associações de mutuo auxilio, occultas e poderosas. Quando a injustiça se abate sobre um povo, as organizações escondidas da justiça pullulam.

O regimen de ferro dos conquistadores egypcios, a força brutal dos oeris e dos soldados crearam a casta sacerdotal com os seus segredos terriveis. Das violencias dos sares persas nasceu a sociedade dos magos. A disciplina oppressora das dirigentes dos operarios do templo de Salomão deu origem á maçonaria, que atravessou os dez seculos da edade-média cohesa e robusta, alevantando cathedraes maravilhosas, onde as caricaturas e as satiras riem nas gárgulas e nas rendas dos capiteis. O despotismo chinez dos imperadores mandchu's fez as ramificações terriveis das associações do Nenuphar e da Garra. O guante de ferro inglez na India tornou possivel brotarem em toda a parte os "estranguladores", com o seu signo inilludivel — um lotus fatidico.

Nos tempos primitivos do christianismo, por causa das perseguições imperiaes, a grande religião foi uma seita secreta, murmurando preces na escuridão das catacumbas.

Quando o Santo Imperio Romano Germanico vivia e pesava sobre os povos, sobre a Europa, rudemente, fortemente, prosperou a mais poderosa sociedade secreta de que dá noticia a historia, embora omittindo os pormenores mais interessantes e pouco deixando entrever da sua importancia.

Os eleitores ecclesiasticos e seculares punham á cabeça dum principe de Suabia ou de Habsburgo a velha corôa de Carlos Magno e esse imperador logo se erguia á altura dos semi-deuses. Opprimia as gentes e levantava tropas contra o Papa, contra os suissos rebellados, contra os feudatarias teimosos, contra os burgraves ferozes, contra o turco invasor, contra o rei da Polonia ou o rei da Hungria, pretendentes e fortes, a vida era uma guerra continua. Luctava-se nas fronteiras repellindo o extrangeiro ou invadindo o seu paiz. Luctava-se no interior, de aldeia para aldeia, de castello para castello.

A insegurança campeava por toda a parte. Bufarinheiros, cambiadores e negociantes eram assaltados, roubados, aprisionados ou mortos por qualquer castellão salteador das margens do Rheno. As viellas escurasras das cidades se inçavam de emboscadas e bandidos. Cada arco de pedra escondia estocadas. Cada esquina occultava punhaes. A unica vontade dum suzerano bastava para enforcar o burguez, o mesteiral ou o villão.

Direitos só existiam para o nobre e o guerreiro. As monterias dos palatinos estragavam as searas do pobre. Os falcões do fidalgo preavam os patos do aldeão. Os cães dos senhores solarengos esfuracavam as sebes, comiam os coelhos, matavam os bacoros, dispersavam os rebanhos do camponez. Os varletes, os besteiros, os homens de armas dos préstamos bebiam o vinho e violavam a mulher dos lavradores. Por muito tempo "reitre", cavalleiro, foi synonymo de bandido.

Os impostos esmagavam as commarcas e impediam a livre passagem das estradas.

As alcavolas eram pesadissimas. A judenga fazia os judeus chorarem aos pés dos recebedores. Portagens, pesos e medidas, peitas e colheitas eram augmentados ao talante dos poderosos. Cada ponte, cada povoado, cada encruzilhada fazia o viandante, o genovez ou o lombardo, homens de negocio, suarem dinheiro. Multiplicavam-se os peagios segundo os desejos do dono da terra.

A justiça desapparecera, e enchia o imperio uma injustiça constante. Os tribunaes perseguiam aquelles que desagradavam a nobreza e puniam os que reclamavam seus direitos á vida. Eram multas, ferros-caldos, borzeguins, polés, estrapadas, a forca e o esquartejamento, a roda e o pelourinho. Os barões feudaes desobedeciam ao chamamento das dietas, respondiam com malcriação ás citações do imperador e encolhiam os hombros ás excommunhões papaes.

Sómente se respeitavam a força e a violencia, sómente valiam a espada e a coragem. Tudo o mais palavreado vão. O saber queimava-se na fogueira, a dignidade apodrecia nas masmorras e quem se aborrecesse de tanta maldade um unico recurso lhe restava: vegetar na paz dum claustro.

Ao lado disso, no amago da grande sociedade, apesar do insulamento das castellanias e dos burgos, mau grado as penas do inferno promettidas pela religião, a corrupção lavrava.

A condessa de Die escrevia descaradamente ao trovador Reinaldo, conde de Orange: "Mon bel ami, vien ce soir occuper dans ma couche la place de mon mari". Um chronista monacal da época assim se expressa: "Jamais on entendit parler de tant d'incestes, d'adultéres, d'onions illicites."

A corrupção medieval se espalhava, como pestilencia ou maleficio, pela Europa inteira. Os velhos documentos de Portugal falam a miude das "máas donas", mulheres de "máo preço", que "faziam torto" aos maridos, amantes e paes. Nem ha outra lingua que mais que a nossa tenha tintas denominações de mulheres "máas donas", desde a corrorça á bagaxa, desde a zabaneira á marafona e desde a manceba á alcaiota.

Nessa Allemanha de oppressão e injustiça se organizou o Tribunal secreto da Westphalia, terrivel associação com intelligencias em todas as classes, mais poderosa que os exercitos, mais forte que Roma, que se impoz ao respeito de todo o imperio germanico. Era policia, era tribunal e era carrasco. Enforcava o villão culpado. Apunhalava o nobre criminoso. Reunia-se em cemiterios e adegas, pronunciava a sua sentença, ás vezes convidava o réo a emendar-se, quasi sempre o condemnava á morte. Então, um dia elle apparecia com um punhal cravado no peito á porta dum albergue ou enforcado num sobreiro á beira dum rio.

Cesar Cantu diz desse tribunal interessante o seguinte: "Justiça extranha, nascida no seio da immoralidade e da superstição, para refrear ambas, e propagada pela violencia geral que só podia ser reprimida pela violencia. Esse poder temivel, mistura de justiça e illegalidade, cuja força consistia no segredo, apavorava os reis sobre o proprio throno e punia os crimes que se julgavam mais occultos."

O criminoso que acreditava ninguem conhecer a sua má acção, era um dia surprehendido em logar solitario por um homem mascarado, vestido de velludo negro, que lhe falava duma reunião julgadora no cemiterio de Dortmund e duma sentença sem appello nem aggravo pregada ao tronco da pereira de Marienbad, exprobava-lhe sua [illegible] e apunhalava num momento.

Quando um conde lançava um novo tributo sobre as aldeias e herdades ou procurava a ruina moral duma mulher, recebia um cartel do tribunal exigindo que não continuasse. Si não obedecia, era homem morto. Outros crimes eram punidos com multas e restituições, penitencias e exilios. Essa justiça phantasma irradiava-se da "terra-vermelha", da Westphalia por todo o imperio até a Polonia e a Lithuania.

O santo imperio, que já possuia os landgraves, condes das terras, os margraves, condes das fronteiras ou marcos, os burgraves, condes dos castellos ou burgos, o pfalzgraf, conde palatino ou do palacio, os irildgraves condes das florestas, os rheingraves, condes do Rheno, os rangraves e gangraves, condes de direito pessoal e de direito commum; o imperio teve o freygrave, conde livre, presidente dos "freyschoffen", juizes livres, e do "wissenden", sabios, do santo tribunal, chefe impalpavel da maçonaria justiceira e barbara para vencer a barbaria.

Era elle, o conde desconhecido, que pronunciava nas reuniões da "terra vermelha", em voz soturna, a formula condemnatoria do julgamento, entre os seus juizes vestidos e armados de negro, conforme ainda se vêm nas estatuas dos francos-juizes do arruinado palacio de Heidelberg.

"Gazeta de Noticias" - 30 - janeiro - 1918

"A todos os reis, principes, senhores, cavalleiros, escudeiros, condes e escabinos, e a quem quer que pertença ao Santo Imperio Romano Germanico, ordeno auxiliar como puder á punição desse maldito, conforme o entende o tribunal secreto do Santo Imperio; que nada no mundo os detenha, nem amor, nem dor, nem amizade e nem parentesco."

Os associados, ao encontrarem-se, reconheciam-se entremeando ao discurso palavras cujas iniciaes formavam as letras capitulares da commandita: "Stok, stein, gras e grein" E a superstição respeitosa e grata da arraia-miuda protegida de exacções e chacinas transformou o neme de "Tehmegericht" em "Santa Vehme".

A regra geral indicada no principio deste artigo é confirmada nos dias que correm pela communhão secreta e audaz, que, na Belgica opprimida e revolvida por espiões, mantém, publica e faz circular a "Libre Belgique".

Entre nós, com excepção de poucos Estados e poucas capitaes, a justiça dia a dia se rebaixa e avilta, de maneira que appellar para ella é hoje em dia um recurso extremo a que se foge emquanto se póde fugir. E quem sabe não seria producente e educadora a instituição duma Santa Vehme benigna, que velasse pelo interesse publico, e pelos direitos particulares?

João do Norte

"Fon-Fon" 19-Jan-1918

Gatafunhos

— Como vaes?

— Bem.

— Bem não; muito bem, aliás. Estás gordo, roliço, alegre, physionomia falstaffiana, corado como um inglez.

— Ai! meu amigo, não me agradam nada os teus elogios. Essa minha propensão para engordar só me traz desgostos. Então, logo que augmento um kilo, meio vae para a barriga. Estou ficando horrivel.

— Isso é verdade. Francamente, o teu ventre crescido dá-te qualquer cousa de suino. Compra uma cinta e faz exercicios suecos.

— Nada adiantam. Já os experimentei. As minhas banhas são resistentes, teimosas, não despegam...

— Então anda a pé 20 kilometros por dia, rema em canôa de banco fixo, passeia a cavallo.

— Tudo isso já pratiquei sem resultado. E tenho um desgosto! Imagina tu que eu vivesse entre os celtas. Estaria pobre. Ephoro conta que esse povo tinha uma lei que multava amiudadamente os rapazes que deixavam crescer a barriga. A minha seria o sustentaculo do thesouro celta!

O CASO DO TIRO 5

Como se passou o incidente com o Dr. Gustavo Barroso

Diniz Junior, o causador de tudo

O tenente Ney já se indispoz com tres ex-officiaes do Tiro

Os jornaes têm andado mais ou menos mal informados quanto ao caso occorrido no Tiro de Guerra n. 5. Procurámos conversar com muitos atiradores e, diante de seus depoimentos sinceros e accordes de testemunhas de vista, podemos reconstruir os factos com verdade. Para elles chamamos a attenção do Sr. ministro da Guerra.

Todos os moços do Tiro 5 a que nós temos dirigido affirmam que até a data do lamentavel incidente o Dr. Gustavo Barroso foi o official mais disciplinado e querido no seio da corporação, facto este que poderão attestar os membros mais prestigiosos do conselho director, como o Sr. Mario Lago, o major Moura Castro e o Sr. Belém. A maioria dos atiradores do Leme lamenta o que aconteceu e culpa o ex-tenente Diniz Junior, que até agora não teve a hombridade de vir a publico contar os factos como se deram. Nós, porém, aqui estamos para relatal-os.

Na manhã de domingo ultimo, o Dr. Gustavo Barroso, chegando á séde do tiro, queixou-se de estar cansado e pediu ao Sr. Diniz que lhe cedesse o seu logar de ajudante do batalhão, afim de poder ir montado. O tenente Ney de Carvalho consentiu na troca. O ex-official Barroso foi então ao pateo do quartel da Brigada Policial, de cavallaria, onde funcciona o tiro, e pediu ao official de serviço, capitão Carneiro, um cavallo. Quando o encarregado das baias sellava este, chegou o Sr. Diniz, dizendo que o instructor o destacava para fiscal do batalhão e que ia montado. Mandou sellar outro cavallo. Ambos montaram e dirigiram-se á área do quartel onde o tenente Ney estendera em linha o batalhão de atiradores. O referido tenente, voltando-se para elles, disse:

— O capitão Dionysio e o tenente Mario Lago não compareceram. Não ha officiaes para commandar a primeira companhia. O Sr. Barroso apeie-se e assuma o commando da companhia.

Este obedeceu immediatamente á ordem, conforme todos os atiradores estão dispostos a testemunhar. Mas o Sr. Diniz sahiu-se de seus cuidados e saltou do cavallo declarando que preferia ir a pé. O tenente Ney, que é sujeito a impressões e impulsos de momento, aborreceu-se com isso; mas, como o Sr. Diniz o vive chaleirando, não teve coragem de exasperar-se com elle. Explodiu em altas vozes, diante de grande numero de soldados da Brigada, que assistiam ao exercicio:

— Vivo me sacrificando pelo tiro e todo o mundo me désobedece! Os senhores me estão desconsiderando. Não quero mais ser instructor desta porcaria (sic)!

Então, o Dr. Gustavo Barroso, já em marcha para assumir o seu posto, respondeu-lhe, embora estranhando tanta bulha sem motivo:

— Tenente, o senhor não tem razão! E está commettendo uma injustiça commigo. Grite lá com o tenente Diniz, mas não commigo que lhe obedeci!

O Sr. Ney já estava furioso e referiu-se, o que foi uma falta de linha militar diante da força formada, a intrigas que lhe levavam contra o ex-official Barroso. Bradou:

— Não admitto explicações! Batalhão, por dous á direita!

A tropa executou a manobra e recolheu ao quartel. O tenente apeou-se e acompanhou-a, seguido pelo Dr. Barroso, que lhe pedia:

— Tenente, ouça-me! O senhor é injusto! Ouça-me!

Dentro da séde do tiro, quando a força ia dispersar, o tenente Ney de Carvalho, depois de discutir em altas vozes com o ineffavel Sr. Diniz Junior, que submissamente nada dizia, dirigiu-se violentamente ao Dr. Barroso, soltando phrases como esta, que varios atiradores estão dispostos a repetir no inquerito:

— O senhor pensa que, porque é deputado, faz medo a todo o mundo?

O Dr. Gustavo Barroso exasperou-se com aquella falta absoluta de motivo da questão e com aquella injustiça. Não se conteve. Repelliu:

— Não estou aqui para aguentar desaforos! Tome os numeros do "seu" tiro (arrancou os numeros da gola e lançou-os ao chão). Tome a espada (e deixou-a cahir no assoalho). Não sou mais atirador! Não sou mais nada! Fique-se!

A sua indisciplina foi muito menor do que propalaram os jornaes e resultou de uma causa séria. Emquanto isto, o Sr. Diniz Junior procurava acalmar o tenente Ney, animava-o, fazia esquecer que deu origem a todo o mal, e sahiu com elle para tomarem café... "Horresco referens"! A prova desta cumplicidade do tenente com o seu humilde amigo está na defesa graciosa que pelos jornaes de hontem o mesmo fez do companheiro do café.

Os factos aqui expostos são a expressão inconfundivel da verdade, e atiradores correctos, como os Srs. Antenor Costa, Belém e outros, não os negarão, estamos certos. O inquerito que os apurar dará razão á reportagem da "Gazeta".

E' o Sr. Diniz Junior o provocador de todos os factos tristes que se têm dado no Tiro 5. Por causa do seu modo de tratar, muitos atiradores têm deixado de ir aos exercicios militares. Entre esses estão os Srs. deputado Costa Rego, B. Braga, Vonzellas, Caldas, etc. Por sua causa deixou o Tiro 5 o ex-official Faerban.

O tenente Ney tambem tem a sua culpa. Elle promoveu indevidamente a 1° tenente o Sr. Diniz, deixando de parte o Sr. Eduardo Faerban, official de concurso, homem limpo, socio fundador do Tiro do Leme. Este reclamou por escripto contra a injustiça, e o tenente Ney procurou desfeiteal-o por isso, obrigando-o a ir para outra sociedade de tiro. O tenente Ney implicou com um antigo socio fundador do tiro, o pharmaceutico J. Ribeiro de Freitas, official atirador. Desautorou-o varias vezes, obrigando-o a abandonar a associação. Por causa de um erro simples num officio, exasperou-se contra o Sr. Alfredo Cardoso Machado, professor municipal, secretario do tiro, ameaçando-o pessoalmente e forçando-o a retirar-se. Não faz muito tempo, porque o cabo da banda de cornetas chegou tarde ao ensaio, ficou furioso, avançou para elle, arrancou-lhe as divisas diante da companhia forma-

192

"Correio Paulistano" 22 janeiro 1918

da e sacudiu-o brutalmente pela gola. O pobre rapaz ficou chorando! De outra feita, simplesmente porque um atirador perguntasse se devia trazer attestado medico por ter faltado ao exercicio, insultou-se e insultou-o, propondo e obtendo, depois, a sua expulsão, por parte da directoria, composta, nesse tempo, unicamente de amigos seus.

Em tudo isso, os factos demonstram qual o caracter violento, impulsivo do instructor e o geito enfatuado e ranzinza do seu comparsa Diniz, causa motora de todos os factos desagradaveis.

Exposta a questão desta maneira, resta transcrever a carta com que o Dr. Gustavo Barroso pediu demissão do tiro, que foi acceita pelo conselho director, não por unanimidade, mas sim por simples numero legal. Eil-a:

"Sr. presidente do Tiro de Guerra n. 5 — Motivos imperiosos, que não convém pôr sobre o papel, obrigam-me a pedir-vos demissão do cargo de vice-presidente desta sociedade, sempre por mim tão mal exercido, e eliminação de socio da mesma. Esta minha resolução é irrevogavel. Rio, 24 de janeiro de 1918. — Gustavo Barroso (rua da Passagem n. 250)."

Diante do que aqui está, é conveniente que as autoridades militares abram um rigoroso inquerito, não para innocentar o Dr. Gustavo Barroso, porém afim de redazir o incidente ás suas justas proporções, castigar os co-réos e causadores do incidente, e libertar o Tiro 5 da "coterie" que pretende dominar na directoria, do qual é "magno pars" o famigerado Diniz.

"Fon-Fon"

2 de Fevereiro 1918

Gatafunhos

Uma quadra do nosso antigo hymno nacional assim dizia:

« Não temais que impias phalanges
Apresentem face hostil
Nossos peitos, nossos braços
São muralhas do Brasil! »

Não entrando na apreciação de taes versos sob o aspecto artistico, mas encarando pela sua face patriotica, queremos crêr que nenhuns dirão melhor da coragem dos Brasileiros e do seu amor pelo Brasil.

Jamais haverá para uma nação melhores muros do que a coragem civica de seus filhos. A grande muralha da China e os muros romanos dos Grampians nunca impediram as incursões dos tartaros e dos pictos. Entretanto os peitos de aço dos Belgas, dos Francezes e dos Inglezes detiveram a maior avalanche armada da historia.

Agesiláu dizia que Sparta não tinha muros de pedra, porque possuia muros de carne coberta de bronze—as suas phalanges. E Panurgio sempre louvou os parisienses por se descuidarem de reparar as suas fortificações tão certos estavam do seu valor e da sua virtude guerreira.

OS CONGOS

(João do Norte)

Dos divertimentos e cantos que o negro legou á gente mestiça do nordeste, o que mais caracteriza os pendores da raça africana é a reminiscencia de costumes guerreiros e de barbara pompa dos sóbas, que o povo chama "os congos".

Do titulo logo se deprehende a origem da diversão. Veiu do sertão adusto do Congo e, apesar das modificações implantadas no transcorrer dos annos, ainda ferem os ouvidos dos que presenciam as exoticas danças sons gutturaes, gargarejados, syllabas nasaes e duras dos dialectos da Africa.

A dança quasi se mantém a mesma, contorcionada, hieratica, enfadonha, vagarosa e triste. A orchestra, que a acompanha, constava de tambores rudos e gazás. Actualmente, já lhe addicionaram uma clarineta desafinada e um harmonium fanhoso. As musicas, que eram melopéas nostalgicas e batuques monotonos, hoje se enfeitam com alguns trechos copiados de ouvido dos realejos de feira.

Em tudo, ha, porém, um tom sinistro, que as desvirtuações não conseguiram matar e é o maior caracteristico de qualquer modalidade africana do folk-lore nacional.

Os congos têm um enredo mais ou menos interessante. São como uma especie de opera importada pelos escravos, por elles desenvolvida e ligada aos descendentes já libertos, porém tão barbaros e ignorantes quanto elles. São como uma relembrança saudosa de antigas luctas de reis e chefes de tribus do continente negro.

Do dia de Natal ao dia de Reis, os Congos dançam num tablado dentro de cercas, nos arrabaldes das cidades e villas, com numerosa assistencia, á luz de tochas de kerozene. O rei do Congo, de corôa de latão e manto de chita vermelha com os filhos aos lados do throno, cercado de sua côrte em grande gala, chama o seu secretario, um mulatão alto, de saiote azul e espada em punho, com phrases meio espirituosas como convem a um rei paternal, descuidoso e ridiculo:

— "Secretario, meu secretario, vaqueiro de minhas perú'as, chaveiro do meu thrôno dourado!"

— "Senhor, senhor, acudo ao vosso chamado."

— "Tudo está prompto?"

— "Prompto está."

— "Então, mande tocar violas, rabécas, pandeiros e maracás."

O secretario volta-se, faz um signal, a orchestra sôa e dois cordões de negrinhos, de saiotes lantejoulados e cocares de plumas, armados de azagaias de papelão dourado, iniciam uma série infindavel de contradanças e combinações choreographicas, cantando versos puramente africanos como estes, que lembram vozes de Loanda e Bengala:

"Maracondê, maracondê,
Ede bombaiê, ê de bombaiê."

Outros em que a mistura dos dialectos da Africa e do portuguez é patente:

"Gaiola para a feira
Vendê, vendê.
Maria Tirandeira
E' de bombaiê."

Nem elles proprios sabem mais o que significam taes palavras, entre as quaes mal se adivinham as tarefas de vender na feira ou trabalhar nas roças dos escravos antigos, palavras repetidas de cór como éco duma liturgia perdida.

Ainda outras coplas são canalhamente brasileiras e foram enxertadas pelos "eruditos" da "troupe" no acervo de rimas antigas:

"Seu cadete da gola encarnada,
Não namore a moça
Que ella é casada!"

"Seu cadete da gola azul,
Não namore a moça
Que ella é do sul!"

"Seu cadete da gola amarella,
Não namore a moça
Que ella é donzella!"

Quasi sempre é o secretario quem diz o primeiro verso e os outros, as duas filas de negros, repetem como um estribilho.

O rei passa o tempo a elogiar os dançarinos, a cochichar com os filhos, a sorrir tolamente deante das zumbaias exaggeradas dos aulicos, verdadeiro rei "faine-aut" do deserto. A critica é mordaz como toda critica popular. Mas os passos choreographicos param, as cantigas extinguem-se nos labios, os instrumentos fazem silencio. Chega o embaixador da Turquia, negro alto, espadaudo, de meias brancas, sapatos de fivelões, grande manto rubro, espadagão á cinta e capacete de folha de flandres, empennachado heroicamente. Seguem-no os seus officiaes, com corpetes de belbute ordinario e velhos kepis de policia emplumados de vermelho, arrastando espadas antigas da Guarda Nacional.

Entre todo esse apparato e ensceação barbara, a alma grotesca do rei se descobre, dando ordens ao secretario.

— "Secretario, vê quem está batendo ahi no fundo do meu quintal".

O embaixador entra, dá o seu re-

cado ao rei, e, de um pulo, quer matal-o.

Os principes atravessam-se, os soldados, os cortezãos acorrem, o secretario esconde-se tremendo detrás do throno. Lanças e espadas ameaçam o largo peito do extrangeiro, que se ajoelha humildemente. E o principe Sureno, filho mais velho do rei, canta, acompanhado unisonamente por todos:

"Preso e morto, embaixador,
Este cruel assassino,
Veiu matar rei meu senhor
Que mandou rainha Gino."

Esse nome de soberana mysteriosa, que ninguem explica mais, deve ser o de uma regula africana, cuja memoria se tornou celebre e veiu ecoar nas terras brasileiras como tradição duma raça transplantada, talvez uma Amazona ou uma Sapho das cubatas e aringas do Congo.

O embaixador entrega a espada e supplica:

"Senhor rei, não me mateis.
Não me mateis por piedade,
Tambem sou filho de rei.
Tambem tenho majestade!"

Enumera suas qualidades, parentesco e titulos, sua heraldica selvagem:

"Sou filho do rei Catroqueis,
Afilhado da virgem Maria,
Almirante e general,
Embaixador da Turquia!".

A um gesto generoso do soberano, escoltam-no entre chufas até ao fim do tavoado, todos de armas em riste.

As cançaș e cantorias proseguem, depois do secretario se ter gabado de haver primeiro que os outros apontado a espada ao inimigo.

Quando a festa vai na maior animação, ouvem-se ao longe rufos de tambor e cantos de guerra. Cai um silencio de espectativa e receio.

E as palavras de lucta e animação vêm nas azas do vento, sob o céo estrellado:

"Coragem, meu soldado,
Que nós vamos guerrear!
Quando entrares na lucta,
E' vencer ou é morrer!"

"Coragem, meu soldado,
Que nós vamos guerear!
Quando entrares na lucta,
E' morrer ou matar!"

"Pega na arma, meu soldado,
Pega na arma, meu soldado,
Quando entrares na lucta,
Faz pontaria com geito!"

Corre a noticia terrivel, apavoradora. E' o embaixador que, á frente do exercito, vem contra o rei e o reino. Osnegrinhos de salote extendem-se em pelotões.

Agitam-se grandes bandeiras de côres berrantes. E o principe Sueno, herdeiro da corôa, passa as tropas em revista, seguido de officiaes, armas desembainhadas, cantando:

"Papae, eu vou á guerra
O inimigo combater."

O côro responde:

"Ou vencer ou morrer,
Ou vencer ou morrer!"

Elle repete:

"Papae, eu vou á guerra
O inimigo batalhar."

E ainda o côro:

"Ou vencer ou morrer,
Ou a bandeira tomar!"

O velho rei levanta-se, chorando:
— "Adeus, adeus, meu filho, meu filhinho!"

O outro principe, d. Affonso, cai em prantos ao pé do throno. O secretario esconde-se. As tropas partem. Ouve-se o choque das espadas. Depois, os soldados de saiote vêm recuando deante dos soldados de kepi do embaixador. Já no tablado, este mata com um golpe de espada o principe Affonso, que cai aos pés do soberano estarrecido. Por todos os lados, o combate prosegue, ao som tristonho deste estribilho:

"Fogo e mais fogo!
Fogo até morrer!"

Ha brados de furor e gritos de carnagem. Os grandes mantos rubros ondeiam. Corpos tombam na poeira ou surdamente baqueiam no assoalho. Rostos negros, afogueados á luz de archotes resinosos, turbilhonam. Tinem, retinem armas.

O rei é vencido. O principe Sueno aprisionado. Côrte e soldadesca não passam dum montão de cadaveres. O secretario treme, sentado nos degraus do throno. O embaixador vingativo ordena a morte do principe herdeiro. E' quando o pae tenta a cobiça do vencedor:

"Vem commigo, embaixador,
Vem commigo ao meu thesouro,
Dou-te prata e diamantes,
Dou-te dois milhões de ouro."

O outro altivo e irreductivel responde com orgulhoso entono:

"O general de meu monarcha
Não se vende por dinheiro.
Segue, segue e algemado,
Vais morrer prisioneiro!"

Um guerreiro ergue a alabarda e desfere o golpe. O principe cai debruços, logo se immobilizando. E um grande lamento se eleva das gentes prisioneiras e tristes da derrota, emquanto o pae se abraça, convulsivamente chorando, ao cadaver querido.

Outróra, em Fortaleza, capital do Ceará, essa reminiscencia do passado não estava confinada no bairro das Arêas ou do Outeiro, onde mora a arraia-miuda. Andava pelas ruas principaes e repetia em cada esquina o seu espectaculo selvatico, fazendo o secretario com o chapéo uma boa colheita de nickeis e pratas dos circumstantes. Ora, nesse tempo, os Congos do Xavier, mesti-

ço muito conhecido que os organizava, vestia, ensaiava e fazia o papel de Sueno, andava uma noite pela rua Senna Madureira em fóra. Em frente ao Arsenal de Marinha, parou e representou, cercado pela multidão. Houve a batalha e o principe, justiçado pelo satellite do vencedor, cahiu sobre os trilhos do bonde, que já vinha perto, ouvindo-se o tilintar das guizeiras dos burros. Mas o Xavier estava cheio de aguardente e, naquella posição, ferrou no somno. O carro approximava-se. Chamaram-no. Nem se moveu. Então, o açougueiro Gorgulho, que representava de embaixador, esporeou-o com a ponta da espada e bradou, imperiosamente:

— "Alevanta, principe, vai morrer mais adeante, sinão o bonde te pisa!"

Foi a unica vez que os Congos foram vaiados pelo poviléo.

João do Norte

"Fm. Fo" - 26 - janeiro - 1918

Gatafunhos

Por toda a parte, só se ouve falar em emprestimos para a guerra. Nos Estados Unidos, para onde emigrou todo o ouro europeu em troca de obuzes e canhões, lança-se um por semana. E' até no nosso pacifico Rio de Janeiro multiplicam-se os cartazes pedindo subscripções para o ultimo emprestimo francez.

Esta guerra formidavel empobrece a Europa e, consequentemente, empobrece o mundo. Nunca se vio desperdicio mais terrivel de vida, de ouro e de riquezas. Se, dum momento para outro a fortuna publica dos paizes em guerra se acabasse, ella, a Gorgona que tantos milhões de homens tem ceifado, pararia exhausta. Mais do que a disciplina teutonica, a indomita coragem franceza, a tenacidade britannica, o heroismo servio e o martyrio da Belgica vale para o exito das campanhas o *vil metal*. Elle é o unico sustentaculo verdadeiro da guerra.

Não era sem razão que frei João dos Funis dizia ao impagavel Gargantua no frances interessante do seculo XVI:

« Et guerre faicte sans bonne provision d'argent n'a qu'un souspirail de vigueur. Les nerfs des batailles sont les pecunes. »

"Plus Ultra" - Buenos Aires - 1917 - Diciembre -

1914

La muerte del trovador

La aldea, entre montañas abruptas, dormía envuelta en las tinieblas de la noche. No lucían estrellas en el cielo cargado de negros nubarrones. Una luz rojiza, suspendida en el aire, cortaba las sombras: era la hoguera del castillo de Zúñiga que, trepado en la cima de un cerro, dominaba el valle, los desfiladeros de la sierra y el humilde caserío de los aldeanos. A los resplandores de la hoguera paseaba lentamente un centinela.

Frente al castillo, erguíase sobre un alto morro el sombrío perfil del monasterio de Santa Dorotea. Imponía respeto. Las murallas de granito liso caían a plomo sobre los despeñaderos. El edificio parecía nacer de la montaña, tan hosco y pesado, amenazador y macizo como ella misma. Dos filas de ventanas pequeñas y cuadradas. Las del primer piso, a pesar de los abismos circundantes, fosos naturales, tenían rejas de hierro de gruesos barrotes, cuyos cruces, para impedir que las manos se aproximasen a ellos, remataban en afiladas puntas de acero, de medio codo de largo, curvadas hacia arriba. Las del segundo, menos defendidas, de barrotes más finos y sin puntas. Todas guarnecidas de persianas.

En una estrecha celda del último piso, vivía doña Violante de Zúñiga, la hermosa y encantadora que amó, con escándalo de su familia, al trovador más bello y al mejor caballero de España, don García de Castañeda, vencedor de árabes y aventureros. El rígido orgullo de casta de su padre prefirió verla enterrarse en el convento antes que consentir su enlace con un guerrero de fama equívoca y de bajo linaje, que por único patrimonio poseía la espada, el puñal y la ambición.

El amor no reconoce obstáculos y, cuando existen, los vence. La monja oyó una noche leves golpes en la persiana. Se acercó. Llegó hasta ella un dulce susurro, palabras de «saudade». Llenáronsele los ojos de lágrimas. ¡Era la voz de don García!

Colocando en un declive de la sierra la punta de una larga vara de haya y tirándola por encima del abismo, apoyó su extremo en el marco de la ventana. Trepó por ella hasta asegurarse en sus barrotes, consiguiendo llegar valientemente a contar a doña Violante el dolor que le causaba la separación y a oirla murmurar la pena de su soledad. Así hizo todas las noches sin luna.

Abajo amenazaban las puntas de hierro, afiladas a lima, de las primeras ventanas, y en el fondo, sombrío, bullían las aguas del torrente. Al menor descuido, ¡la muerte! Mas ellos eran felices, muy cerca uno del otro, sin poderse ver, sin embargo,

La aldea dormía. El convento también. La hoguera del castillo se apagó. Don García, a horcajadas sobre la vara de haya, apretando con las manos los barrotes, oía dulces palabras de amor, cuando sintió, haciendo un movimiento para acomodarse mejor, que la madera saltaba de la hendidura de piedra, donde la había asegurado, en la barranca de enfrente y se deslizaba del marco. No consiguió asegurarla entre sus piernas. La vara cayó al precipicio, partiéndose entre las rocas y desapareció en las aguas del fondo.

Violante preguntó asustada:

— ¿Qué ha sido, amor mío?

Y don García, asegurándose con las manos en la reja, buscando con los pies un apoyo en la pared lisa, con los cabellos erizados, sintiendo el frío de la muerte próxima, dominó su pavor y respondió:

— Nada. Una rama seca que el viento arrancó del árbol.

Cambiaron algunas frases más. El caballero dijo, ya casi sin fuerza, con un temblor nervioso, que apenas su voluntad de hierro podía dominar:

— Creo que viene gente. Oigo voces en la floresta. Debo partir. Violante, mi amor, hasta mañana.

— ¡Hasta mañana, luz y consuelo de mi triste vida que es pena y dolor!

Don García cerró los ojos, crispó nerviosa y ansiosamente sus manos en los barrotes. Después, sus dedos, extenuados por el esfuerzo, fueron abriéndose poco a poco. No luchó más. Despeñóse.

Allá abajo las afiladas puntas lo esperaban. Cayó sobre ellas. La fuerza de su caída las enterró en sus costillas con un crujido tétrico. Cuatro puntas aparecieron por la espalda. La sangre brotó en su casaca amarilla, corrió hasta sus zapatos verdes de cuya punta quedó goteando.

Al amanecer, los cuervos revoloteaban en torno. Y nadie lograba explicarse como fué a estrellarse allí, el más bello de los trovadores de España.

Don Pedro de Zúñiga, el castellano, decía que el diablo se llevó el alma de don García y colgó su cuerpo inútil en aquellas puntas, para los buitres, como en las carnicerías los moros cuelgan de los ganchos de hierro, para sus parroquianos, los cuartos de carnero...

GUSTAVO BARROSO.
(JOÃO DO NORTE).

DIBUJOS DE RIAMBAU.

195

"Fon-Fon" - 2 de Fevereiro de 1918

Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1918.

Machado de Assis

Foi, se me não falha a memoria, Afranio Peixoto quem, num admiravel estudo, apontou tres grandes typos principaes de escriptores: os que sómente observam os outros, os que só se observam a si mesmos e os que se observam e observam os demais. Apontou os tres litteratos que exprimem a expoencia dessas tres formulas: Flaubert, Machado de Assis e Dostoiewski.

O nome do grande romancista brasileiro figura dignamente ao lado dos outros dois. Por ora, ainda é um espirito nacional que assim o colloca. Dia virá em que serão espiritos superiores do extrangeiro que o consagrarão. Porque o renome de Machado de Assis e o de sua obra dia a dia se fazem maiores.

As maravilhosas conferencias de Alfredo Pujol, que vae occupar a sua cadeira na Academia, começaram o pedestal da estatua que lhe vamos elevando no decorrer desta geração, para que outras por virem a encontrem de pé e lhe atirem mancheias e braçadas de flôres.

Nas conferencias de Pujol, resalta viva, atticamente analysada a obra vasta e duradoura do mestre, julgada com admiração justissima elogiada com orgulho patriotico.

Agora, um moço vem render o seu preito ao escriptor admiravel e ao sceptico e subtil analysta de caracteres e costumes. E' o Sr. Dr. Luiz Ribeiro do Valle com a these medica intitulada «A psychologia morbida da obra de Machado de Assis.»

E bem se fundamenta naquella phrase tão verdadeira de Scipio Sighele, o laureado autor da «Litteratura Tragica»:

« A litteratura contemporanea não é mais que uma vasta clinica. »

O Sr. Dr. Luiz Ribeiro apoia-se nas theorias dos semi-loucos de Grasset e analysa os personagens que nellas se enquadram, pertencentes á litteratura classica, especialmente a Shakespeare e a Cervantes. Depois, vae ás paginas de Balzac e de Zola, enfronhando-se pela dissolução moral de Maupassant e chegando aos nossos contemporaneos, através dos typos slavos de Gogol, Tourgueneff, Tolstoï e Dostoiewsky.

Em linguagem clara e concisa, com analyse calma e critica segura, o joven escriptor nos mostra os pontos alcançados pela sua doutrina em Camillo e Fialho, em Aluizio, em Coelho Netto e em Euclydes da Cunha.

Esta, a primeira interessante parte do livro. A segunda exclusivamente se occupa da obra de Machado de Assis, na qual campeia a sua eterna mania do meio termo. Nella, o autor da these mais se detem nos capitulos de «Qincas Borba», «Braz Cubas», «Yayá Garcia» e «Ressurreição».

A leitura da brilhante these nos familiarisa com observações do mestre que ainda não tinhamos notado e nos explica muitas interrogações que viviam no nosso espirito depois de fecharmos os seus livros. Então, mais se quer e mais se admira o grande e frio escriptor brasileiro, que levou a sua vida inteira a sorrir scepticamente, observando a alma dos outros.

Porém o que de preferencia se deve registar nesta passageira chronica é o crescimento constante da personalidade de Machado de Assis, que quanto mais distante mais cresce aos olhos da nossa alma admirada e do nosso espirito agradecido, fecundando com o seu sopro de além-tumulo obras como as conferencias de Pujol e esta de que tratamos.

Para os *mortos* e *vivos* das lettras francezas, houve um Meziéres. Para os mortos das nossas lettras, começam agora a apparecer os que se dedicam á nobre tarefa de critical-os com justiça e eleval-os sem interesse pessoal, sim com enthusiasmo verdadeiramente brasileiro. Para os nossos vivos, tão cêdo não haverá criticos, senão os que por inveja ou tacanhice injuriam ou calam-se invejosamente.

Se a lingua que herdámos de Portugal e será no futuro tão sómente nossa, pois os nossos trinta milhões de habitantes prevalecerão, não fosse uma muralha chineza em torno da poesia e da litteratura nacionaes, o tumulo do pensamento, como alguem disse, Machado de Assis seria actualmente um dos grandes nomes da intellectualidade mundial.

Jotaenne

Garatujas

Contou-me um amigo mui viajado que, em certas cidades cultas da Allemanha e em quasi todas as da Suissa, são prohibidos os barulhos que incommodam a gente, maximé depois de dez horas da noite. E eu penso nessas deliciosas povoações, onde se pode dormir socegado e acordar ás horas que se quizer, coin um desejo louco de experimental-as, pois que nunca vi rua mais barulhenta do que a minha.

A's quintas e domingos, o gremio Flôr da Peroba, que funcciona defronte de minhas janellas dá um sarau dansante, que só me deixa conciliar o somno ás 7 da manhã. Aos sabbados, na mesma séde, ensaio até meia noite, felizmente! a banda musical Lyra de Ouro. Automoveis parados á porta dum club proximo businam toda a noite. De manhã cêdo a rua se enche de pregões e cornetas em todos os tons, desde a da guarda do Exercito, que passa, á do padeiro e tintureiro, Ademais, uma egreja na esquina poe-me louco.

A's quatro da madrugada é a sua primeira missa. O sino tange. A's cinco a segunda. Tange o sino. A's seis a terceira. Torna a tanger. Assim vae, de missa em missa, aié meio dia. Dias ha em que, por causa de festas, o sino dobra, carrilhona e repica. Noutros lamenta os mortos, azucrinando os vivos.

A's vezes penso que moro na forja de Hephaistos ou onde Dodona bate nos seus caldeirões de bronze. Sonho que me perco nos areaes egypcios e escuto os mil ruidos do colosso de Memnon. De outras vezes, parece-me estar encostado á guizolhante torre de porcelana de Pekin ou que me approximo daquella ilha resoante, que é uma das melhores criticas do sarcastico e alegre Rabelais.

Gatafunhos

Num dos corredores da Escola de Bellas Artes, sob uma placa de xarão, existe uma estatueta de bronze escuro, interessantissima como trabalho e como idéa. E' uma maravilha de perfeição nos mais infimos pormenores. Representa um camponio japonez, que caminha com alguns apetrechos ás costas, kimono remangado, pés descalços.

O artista japonez que a executou é um verdadeiro mestre. O homem é um como Sileno da raça amarella, gordo, barrigudo, contente e esperto, vem meio bebedo e sorri caricaturalmente.

Ha dias, levei Claudio França para vêl-a. O meu amigo esteve examinando-a uma longa meia hora. E, quando sahimos, disse:

— « E' curioso como ha approximações na historia fóra do tempo e do espaço. Dois unicos povos até hoje se conhecem que tenham feito caricaturas artisticas de bronze: os etruscos e os japonezes, ambos tão dessemelhantes e tão affastados. Porque? »

Gatafunhos

Foi sómente depois das varias invasões da Italia, das campanhas do Milanez, que se espalhou pelo mundo a fama do arremeço valente da infantaria de França, que os patricios de Dante appelli daram *la furia francese*.

Mas esse caractaristico herd dos gaulezes já tinha sido notado ha muito tempo pelas maiores pennas do mundo antigo. O velho Strabão diz que todos os povos pertencentes á raça galatica são loucos na guerra, irritaveis e promptos á luta, não sendo, no fundo n aus. Acha que o seu caracter é tumultuoso, porém franco e cheio de generosidade, sentindo a injuria feita a outrem como se a elles proprios fôsse feita. Apezar das suas fanfarronices e da sua franqueza, julgava-os optimos soldados de a pé e de a cavallo.

Melhor do que Strabão no capitulo IV do seu livro I ninguem até hoje descreveu o verdadeiro caracter gaulez.

1.96

"Fon-Fon"-2-Fev.º/918

O CINTO DE « CASTIDADE

«Si en y eut-il une qui s'advisa de s'accostei dun serrurier fort subtil en son art, a qui ayant montré le dit engin, et le sien et tout, son mary etant allé dehors aux champs, il y appliqua si bien son esprit qu'il lui forgea une fausse clef, que la dame l'ouvroit et le fermoit à toute heure et quand elle vouloit.»

Pierre de Bourdeilles, abbê et seigneur de Brantôme — «Les Dames Galantes».

GEMEOS e mui amigos, Gualdim e Froila, ricos e volteiros senhores, habitavam bem defendido villar, de cujas torres, nos tempos de assédio, os escorpiões e balistas, as bestas de bodóque e de pelouro, ceifavam os inimigos, não lhes permitindo construir gatas e bastidas, para se ampararem. Era um lindo solar com todas as axeganças precisas. Rodeavam-n'o honras e coutados, adémas de adúbio e lavrança faceis, terrenos agegelados, almargens, padeliças e figueiredos. De um lado, entre piúgos, se estendia um vazeiro proprio para justas e jogo de bola. De outro, se espalhavam as choupanas dos colheireiros, que lavravam e afrutavam as terras raçoeiras. E como o castello, do alto de sua penha, olhava as ondas do mar havia nome de Mira-Agua.

No mez de agosto do anno da Graça de 1327, uma ordem regalinda determinou-lhes que, com brevidade, partissem em acorrimento do fronteiro Crimenço Leirão, encurralado pelos ismaelitas no préstamo de Salzêda. Os dois irmãos, obedecendo ao mandamento do rei, ordenaram ao villíco, aos cuiteleiros e açagadores preparassem o alçamamento da hoste para grande arrancada. Pressa e gosto tinham no feito, porque o barão sitiado era pai de suas mulheres, as duas formosas irmãs de Salzêda, dos collos de garça real e dos labios côr de cravo vermelho.

Quando foi acabado o aquadrelamento dos besteiros do numero, fornecidos pelos alfózes do feudo, e a peonagem da çaga recebeu cuitélos e ascúmas, e se içaram ao lombo dos mulatos e quartáus os uchotes de pão e as uchas de vianda, os dois mandaram sellar os seus murzellos com os arnêzes de guerra. Cingidos nos gibanêtes de aço, o brazão agironado de oiro e góles ao peito das jaquetas, subiram as escaleiras da alcáçova, para se despedirem das damas. Pelas enxáras e alvercas abarregadas da redondeza soavam, resoavam, na luminosa alegria da manhã, os toques de clarom, convocando os vassalos retardatarios para a arremetida guerreira.

Froila entrou na camera de Brites. Diante da ogiva aberta, sentada na estadela, reclinada sobre alpes macios, ella fitava o mar com os olhos rasos de agua. Achegou-se devagarinho e beijou-a na testa.

santaome. Com um grito de prazer e lagrimas de alegria enrodilhou-se ao pescoço do marido, enchendo-o de beijos, indagando da sua ferida e de como a recebêra. Brites, segurando o braço do cunhado, perguntou, contendo os soluços:

—« E o meu Froila?»

Gualdim empalideceu e, com os olhos humidos, fez uma triste narração. Já nas alfas do reino com as terras dos infieis, em pugna bem travada, perseguindo os agarenos desbaratados, um garruchão derrubára-o. Penetrára pela juntura da brafoneira sinistra e varára o coração. Já o corpo fedia, quando os serviçaes o encontraram. Sepultaram-n'o no mosteiro de Linhares, ao pé de Salzêda, com um orgulhoso bitafe e o brazão agironado, esculpidos na lousa.

A viuva rompeu em choro convulsivo agarrada á irmã e ao cavaleiro. Leanor soluçava com a facil vehemencia de sempre. E os rudos besteiros da hoste, de olhos pregados no chão, tinham as ruivas barbas orvalhadas.

Já na alcôva luxuosa, depois que Gualdim lavára as faces e as mãos no jacto de agua da agomía que Ericlo inclinára com elegancia, Leanor, envolvendo-o em apaixanado olhar, disse com suave e demorada voz:

—« Senhor meu esposo, aqui me tendes pura como me deixastes. Verificai o cinto—dôce lembrança que me déstes. Vereis que nem tentações tive. Pois se sou tão somente vossa!»

E Gualdim tornou entre dois beijos:

—« Minha mui fiel esposa, dize a Simeão Croio que te mande os arrieis de orelhas.»

Nesse mesmo tempo, sósinha na sua camera, Brites punha o cinto de castidade em torno dos quadris e por entre a alvura das côxas, dava as três voltas do cadeado de segredo e atirava a chave no mar.

GUSTAVO BARROSO

Garatujas

Fallar com affectações eruditas ou com termos absoletos e difficeis é um grande signal de pouco espirito.

Octavio Augusto, imperador de Roma, achava que se deviam evitar os termos pouco conhecidos como um piloto evita arrecifes e baixios. Aulo Gello aconselha somente usar os termos que todos empregam. Mas ha muita gente que não segue esses velhos e bons conselhos. Dahi aquella anecdota da moça litterata, que pedia á creada a thesoura afim de aparar o pavio da lampada de petroleo:

— « Traz-me o instrumento cortante para diminuir as excrescencias do fogo luminoso. »

Um estudante limosino dizia a Pantagruel:

— « Nós transpomos o Sequana no diluculo e no crepusculo. Deambulamos pelas compitas e quadrivias da *urbs*. Despejamos a verbocinação latial e, como verisimilares amorabrudos, captamos a benevolencia do ommijuge, ommiforme e ommigeno sexo feminino. »

Conheci um Pernambucano que a um canoeiro negro, á margem dum rio no sertão, no inverno de 1899, assim se dirigiu:

— « Ethiope, transporta-me deste polo áquelle hemispherio. »

O preto ficou furioso e gritou, de faca em punho:

— « Estiope, pôlo e misfero é você, *seu* diabo! »

"Fon-Fon"-23-2-918

Garatujas

Discutia-se o passado e o futuro das nações européas, tanto as que estão em guerra como as que difficilmente mantêm a sua neutralidade, emquanto o creado punha sobre a mesa o licoreiro de crystal e as caixas de charutos.

Manoel Beretta lamentou a sorte do pequeno e sacrificado Luxemburgo. Hugo Brown condemnou a sua intervenção:

— Quando se trata do destino duma França, duma Inglaterra, duma Italia, duma Hespanha, você traz á baila essa fazendola feudal esquecida a um canto da Europa, como tantos outros vestigios dos senhores solarengos e das communas medievaes: Andorra, Monaco, Liechtenstein e San Marino.

E Claudio França, levantando-se, sorriu e fallou:

— Tens razão, Brown, toda a razão. Penso como tu pensas e como pensava o nosso pae Hugo: — a historia absolutamente não é um microscopio.

197

"Correio Paulistano" - 14. Fevereiro . 1918

Regina Pedauca

(João do Norte)

Foi lendo as aventuras impagaveis de Gargantua e Pantagruel que, pela primeira vez, avistei o mysterioso nome da rainha Pedauque. E Rabelais falava della como de personagem muito conhecida no seu tempo. Mais tarde, veiu-me ás mãos "La Rotisserie de la reine Pedauque" de Anatole France. O livro nada diz do que significa o nome da casa de pasto, onde se desenrolavam tantas scenas interessantes aos olhos maravilhados de Jacques Tournebroche e de Bertha, "la sage et brave femme". A acção da obra é pouco posterior aos heróes rabelaiseanos e a escolha do titulo demonstra a popularidade dessa rainha desconhecida, porque só se escolhiam, para insignias de estalagens, albergues, hospedarias e casas de vender comidas, objectos ou nomes muito conhecidos.

Esses meus ligeiros encontros com a tal Pedauque ou Pedaucque despertaram na minha alma de folklorista impenitente o desejo de conhecel-a. Nada mais difficil. Um commentador das obras de Rabelais ensinou-me que, nos fins da edade-média, quando era moda o latim, alguns a chamavam "Regina Pedauca", que a sua figura era popularissima nos arredores de Tolosa e constava que o seu tumulo ficava na egreja de Nossa Senhora de La Daurade. Victor Hugo, numa das suas assombrosas cartas do Rheno, em que os ensinamentos pullulam, a ella ligeiramente se refere, affirmando que existia uma sua estatua, na pequena cidade de Villenaxe, ~~da Borgonha~~ na Champagne.

Fui de indagação em indagação, pacientemente, e, si não cheguei a resultados definitivos, consegui saber alguma cousa, pelo menos as interpretações dessa figura lendaria, cuja significação verdadeira, estou certo, ainda não foi conseguida.

O nome de Pedaucque vem da antiga lingua dóc, da França meridional, opposta a lingua d'oil, de septentrião, como os trovelros se oppunham aos trovadores. "Pedauco" quer dizer "pied oie", pé de ganso. E' a rainha dos pés de ganso, a rainha dos pés de pato. Todas as suas imagens lhe dão um formoso e suave rosto sob a corôa real de florões ricos, vestes longas um tanto remangadas, amostrando as patas grossas, palmadas e fortes. Assim, ella pode ser vista esculpida nos portaes das antigas egrejas gothicas. Lá está na entrada solenne do priorado de Saint Pourçain, entre os columnêllos da ogiva principal da abbadia de São Benigno, em Dijon, no portico das cathedraes de S. Pedro de Nevers e de Santa Maria de Nesles.

Quanto ao que significa, as opiniões divergem. Uns querem que represente a filha de Marcello, soberano antigo de Tolosa, mulher de Eurico, rei dos Visigodos, que amava descompassadamente os banhos e vivia a nadar pelas lagôas, em companhia de suas damas, como uma marreca. Dahi a popularidade da sua figura no paiz tolosano, onde havia até o habito campesino e villão de jurar pelo seu nome.

Outros acham que é Santa Clotilde, a que converteu os francos e foi symbolo de vigilancia e de prudencia. Estas duas virtudes estão consubstanciadas nos taes pés de ganso, que rememoram os gansos capitolinos, a cuja prudencia e vigilancia Roma deveu um dia a sua salvação.

Para outros ainda, não passa da rainha Bertha, mulher de Pepino o Breve, afamada pela sua bondade, mãe de Carlos Magno, conhecida pela alcunha de Bertha dos pés grandes. E' justamente a lembrança desses pés exaggerados que o esculptor medieval quiz perpetuar.

O padre Lebeuf escreveu um trabalho sobre o assumpto, refutando taes opiniões e assegurando a verdade da sua. Julgava que fosse a rainha de Sabá, cujos pés, muito feios, em desaccôrdo com a belleza de suas fórmas e do seu rosto, Salomão criticára, chamando-os pés de ganso.

Maior numero, porém, acredita tratar-se de Bertha de Borgonha, a linda e infeliz mulher e prima de Roberto 1.o, o Piedoso, rei de França. Esse casamento foi julgado pela Egreja, devido a razões politicas, incestuoso e o papa excommungou rei e rainha. Mais tarde, o rei voltou ao seio da Egreja e abandonou Bertha, sobre quem pesavam as maldições papaes, á sua triste sorte. Os pés de ganso symbolizam a excommunhão, tanto assim que, na média edade, quando os leprosos tinham uma caveira, os judeus uma rodella ou uma estrella, as prostitutas uma mão aberta como signaes publicos sobre as roupas, as "cagots" bearnezes e navarros traziam no peito dos tabardos, dos mantós ou das simarras uma pata de ganso — signal de excommunhão.

O cardeal Pedro Damiano garante, porém, que a allusão não é propriamente á excommunhão de Bertha, o que seria pouco; mas á sua damnação de alma e corpo, que fez com que tivesse até um filho com os pés de pato, que morreu ao nascer e não era filho do rei credulo, embruxado, sim de Satanaz em pessoa, com quem ella partilhava o leito.

Aqui está mais uma dessas grandes injustiças que enchem a alma de desesperança. Essa pobre Bertha de Borgonha que tanto amou e tanto foi amada, tudo soffreu por causa desse amor, desde a excommunhão do Papa ao abandono do seu rei e marido, não teve a perpetuar-lhe a belleza, o soffrimento, a dor uma lenda amavel e sympathica como a de Francesca di Rimini e Paolo Malatesta, porém a figura mysteriosa e o nome espalhado entre a arraia-miuda da rainha Pedauque!

Ficou, si é essa a verdadeira significação da personagem lendaria, durante seculos exposta á risota das beatas, figurando no portico das casas de oração com o seu rosto lindo e os seus pés horrorosos, a mostrar como sob os atavios da carne formosa, clara e sensual se escondem os pés de pato do demonio da luxuria.

Extranho destino o de quem tanto amou e soffreu, limpamente e resignadamente, ser tida e havida pela personificação dos delictos da carne!

Esta ultima parece ser a versão mais acceitavel da Regina Pedauca. Primeiro, porque é a prova duma grande injustiça e esta sempre morou no coração dos homens. Segundo, porque em verdade os pés de ganso ou de marreco só podem significar cousas infernaes e não a feiura dos pés de Belkiss ou Bertha, mulher de Pepino o Breve. Tanto assim que o signo da excommunhão medieval era a pata do palmipede e todas as lendas dizem que, por ter os pés desta sorte, o demonio não consente que para elles se olhe.

Heine conta que os kobolds ou pequenos demonios da mythologia escandinava tinham os pés de pato e nós brasileiros bem sabemos como se faz o diabo dar ás de villa delle mesmo, bastando dizer:

— "Figa, pé de pato!"

João do Norte

"Jornal do Recife"
28-Janeiro-1918

Dois bellos livros

Heróes e Bandidos, o novo livro que o joven e já reputado intellectual brazileiro, sr. Gustavo Barroso (João do Norte) vem de dar a lume, completa magnificamente o «*Terra de Sol*», já em segunda edição.

Neste, surgem, com fidelidade e relevo photographados, aspectos da natureza e costumes do norte, ou melhor, do sertão norista, com o valor de observação que o escriptor teve opportunidade de fazer, para melhor servir ás luses do seu talento.

Lá estão, bem descriptos, a terra e o homem, o sertão e o sertanejo, com o maravilhoso de expressão das paginas que pintam as agruras da sêcca, os scenarios naturaes durante o flagello, as queimadas, as procellas psychicas

"Correio Paulistano" 28 de Fevereiro de 1918

do matuto, a emigração ou a morte. Depois vêm as chuvas, os campos renascem, a vegetação touca de novo as planicies e as serras, enfloram-se as caatingas, resurge a vida, retornam os sertanejos.

E é dessa luta periodica, cruel, stoica que se robustece a alma sertaneja, levando o sr. Gustavo Barroso a bem affirmar, embora paradoxalmente, «ser a secca um factor do progresso, porque forma a molda uma raça de fortes.»

A vaquejada — um dos aspectos caracteristicos dos nossos sertões — para apartamento do gado, tem um capitulo de uma tal vivesa de descripção que dá a quem nunca assistiu a scena, uma nitida visão dessa predilecta diversão matuta constituindo um dos seus poucos dias festivos.

O sr. Gustavo Barroso dá paginas tocantes do seu livro aos animaes — cachorros, cavallos, bois e aves — todos companheiros, servidores alguns, do homem, nos desertos brasileiros onde a civilisação bem se retarda em chegar.

As danças, as festas populares ás religiões, a rudimentar arte' dos matutos, tambem são consagrados capitulos dos mais fieis e curiosos.

Os cangaceiros occupam varias paginas, e é neste ponto que o *Heróes e Bandidos* completa o *Terra de Sol*, porque naquelle o apreciado escriptor cearense desenvolve um interessante e documentado estudo ethnico-social a respeito do cangaceirismo, «nessa grande região comprehendida entre o rio S. Francisco e o valle do Cariry».

E' a vida dos Cacundos, Liberatos, Cabelleira, Cundurú, Rio Preto, Brilhantes, Viriatos, Joao Antonio e tantos outros profissionaes do crime, até o nosso Antonio Silvino, com todas as suas façanhas, seus actos de banditismo e seus rasgos de generosidade, todos esses a quem a predisposição, o meio, as injustiças sociaes levaram ao crime,—como acertadamente reflecte o escriptor—e «que os governos criminosamente deixaram de aproveitar, preferindo punir depois.

O livro é traçado com abundancia de observação e criterio, a que o estylo sereno e terso do sr. Gustavo Barroso empresta o melhor apuro e realce.

O banditismo, elle o mostra nitidamente, sem exageros, nas justas proporções, como um mal que os proprios governos têm alimentado, valendo-se delles com fins politicos, como elemento eleitoral e forças dos sertões.

Esses cangaceiros ferozes em verdade, mas quasi sempre levados á fereza dos seus actos pelas injustiças do meio, pelo analphabetismo em que os deixam os governantes, sempre promptos a armar-lhes o braço para ter prestigio, para fazer deposições, servindo-se-lhes tambem dos nomes para pretextar manifestações de força, esses cangaceiros são de facto, no dizer do escriptor cearense, mais bandidos que heróes, porém quasi sempre mais heróes que bandidos.

Como livro nosso, bem brasileiro, o «Heróes e Bandidos» honra o thema que deu a Euclides da Cunha, as paginas immortaes da sua obra magestosa e bronsea.

M. S.

OS URUBÚS

(João do Norte)

Outróra, nas nossas cidades do interior e até em algumas capitaes de Estado, os unicos encarregados da limpeza publica eram os urubu's tristonhos e admirados por sua utilidade.

Conta-se mesmo que, em Belém do Pará, a municipalidade punia com multas quem matasse uma dessas aves. Foi a edade de ouro dos urubu's, no Brasil, embora muito plantador dos arredores das povoações os enxotasse a tiros, pois que as suas dejecções matavam os coqueiros e as mangueiras.

Agora, porém, a sorte mudou, abandonando os pobres bichos, e é interessante ler nos jornaes cariocas a campanha feita contra elles. Houve um scientista ou aviario, o sr. João de Escobar, que na "Noite" tornou os negros carniceiros aulicos de sua majestade Guilherme II, imperador e rei, affirmando que elles grasnam desta maneira: **kaiser, kaiser, crac, crac!**

O modo de tratar essas questões ornithologicas pelo sr. Escobar lembra o arrevezado e contundente estylo daquelle celebre medico bysantino Demetrius, autor dum tratado de falcoaria, que propalava a necessidade de aspergir com agua benta os milhafres lançados á caça, afim de preserval-os da perseguição das aguias, taes as abstrusas opiniões que ambos emittem. O collaborador do vespertino carioca acha até que o urubu' transmitte o **cholera-morbus** e varias outras doenças.

Não é o Rio nem S. Paulo e nem Minas a terra promettida, a Chanaan, o paraizo terreal das aves negras.

O seu Eden, o seu Walhalla é o sertão do Ceará, no tempo da secca, quando, no dizer dum matuto, meu amigo, habil paraphraseador dos dictados populares, as pragas dos urubu's começam a matar os cavallos.

A prova é que aqui no sul, delles sómente existe a especie menor e mais ordinaria, a mais commum e humilde, aquella que os grandes scientistas têm quasi desprezado. O carioca, o paulista, o mineiro unicamente conhecem o urubu'-una, todo negro, de pescoço e cabeça cinzentos escuros, cheios de rugas — ocoragypes dos naturalistas.

O habitante do nordeste, além deste, conhece o urubu' camiranga, de pescoço e cabeça encarnados, maior e mais forte, o celebre **catharte aura**, tão bem observado por Tschudi, que conhecia os seus minimos habitos. Diariamente, vê buscando a carniça no seu lento remigio, espiralando os revôos vagarosos, o urubu' tinga, outra variedade do genero **catharte**, de cabeça alva como algodão.

Além desses, dominando-os pela sua majestade, embora pertencendo a outra especie, á immensa olygarchia dos abutres, o sertanejo admira o **rex vulturum**, o urubu' rei, primo legitimo do condor, de pescoço frocado, corpo claro e enfeites vermelhos, que a historia natural denomina **Sarcoramphо-papa**.

Dizem os vaqueiros que, quando elle se abate sobre um animal morto, todos os outros urubu's se afastam, deixando-o sósinho escolher os melhores pedaços e voltando ao repasto, depois de sua partida. Sempre cuidei que fosse isto uma fabula como muitas contadas pela gente do sertão, em que o urubu', animal commum e ligado á vida dos criadores, é sempre **magna pars**. A leitura, porém, dos especialistas no assumpto veiu provar-me que a historia é verdadeira. Schomburgk diz ter assistido a essa scena varias vezes. Brehm refere observações identicas e, si nunca viu pessoalmente o facto se passar com os urubu's, affirma tel-o visto na Africa, entre o abutre calvo e os perucopteros, que o respeitam. Herdon tambem relata que os pequenos abutres da India, segundo elle proprio viu, se retiram da carniça á chegada do grande abutre real de cabeça pellada.

O urubu está na ordem do dia. O sr. Henri Lavedan escreveu na "Illustration", de Paris, um famoso artigo sobre a entrada do Brasil na guerra e nelle calumnion os urubu's, chamando-os, em primeiro logar, **ouroubous**, e, em segundo, carniceiros ferozes.

Ora ninguem é mais avido, guloso e ignobilmente amante da carne, porém pacificamente, calmamente, cynicamente.

Essa psychologia do urubu' está bem explanada numa fabula sertaneja, que vou contar.

Era no inverno e a natureza do sertão sorria farta e orgulhosa. Os comedores de carniça andavam a morrer de fome, mendigando um fiapo de carne esquecido nas varas de seccar das fazendas. Um gavião vermelho, valente como os chiqueras da Persia e audaz como os govindas do Hindostão, encontrou um urubu'

"Rua" - 12 - Março - 1918

camiranga, com o vermelho da cabeça esmaecido pela fome, tristemente pousado num galho baixo, de mulungu', á beira duma varzea. O sol ia alto e glorioso. A catinga verde sussurrava na luz. A mancha negra do camiranga sujava a paizagem.

O gavião parou e perguntou a causa daquella melancolia.

— "Ora, compadre gavião, você sabe que o inverno é esplendido e não morre bicho nenhum de fome ou doença. Eu não acho nada que comer".

— "Compadre urubu', faça como eu, arme-se de coragem, pegue uma jurity, um mocó, um bem-te-vi, um fogo-apagou, um salta-caminho, mesmo uma tejubina, homem de Deus!".

— "Qual, compadre, eu gosto muito de vêr os outros morrerem para mim; mas não tenho geito nenhum de matar. Comtudo, compadre, como a fome é enorme, dê-me ahi uma licção, para eu pegar um bicho qualquer, um pinto ou um punaré".

O gavião promptificou-se a mostrar como se agarra uma presa. Nisto, passa em vôo rasteiro e veloz um pica-pau de poupa escarlate. O rapina frecha sobre elle. O outro entra na catinga. O gavião procura entrar tambem, porém se espeta numa ponta afiada de galho secco, que entra junto á titela e lhe sái pelo dorso, ensanguentada, gottejante. Ouve-se a risada escarninha do pica-pau. Voa devagar o urubu' e pousa calmamente ao lado do empalado, que se debate e geme:

— "Compadre da minha alma, pelo amor de Deus me acuda, me desenfie deste espeto!"

O urubu' sorri horrivelmente, respondendo:

— "Compadre, não lhe disse, eu não tenho geito para matar, mas gosto muito de vêr morrer. Morra logo, compadre gavião, que a minha fome é medonha!"

E Henri Lavedan, ignorando essa psychologia sertaneja dos urubu's, chamou-os aves ferozes da carnagem!

Melhor os conheceram os primeiros exploradores hespanhóes, que não adoptaram o nome caraiba, de corumu', nem o mexicano de zopilotl e os denominaram "gallinazos", tão proximos das gallinhas pela innata covardia os acharam.

Em pleno sertão de nordeste, um seu companheiro de festim é ainda mais medroso, porém desenvolve na lucta pela vida uma astucia politica inconcebivel. E' o caracará, o "polyborus braziliensis", que teve a honra de ser estudado pelo principe de Wied, ascendente do primeiro e ultimo rei da Albania. Parente dos expertos "rosthramos" ou caracoleros de Cuba, elle acompanha os caçadores para roubar a presa abatida pela bala, antes que o homem a alcance. Orbigny, um de seus amigos, assegura que elle espera o parto das ovelhas, para matar o anho recem-nascido. Homeyer viu-os levantarem o vôo, perto das praias, levando grandes molluscos nas garras e deixando-os cahir do alto sobre as pedras, afim de abril-os.

E como os corvos de Olafsen seguiam as aguias, para aproveitar os restos das suas refeições, elles seguem os gaviões, devorando os pedaços que os mesmos deixam, por descuido, cahir.

O seu dia de prazer e gloria é aquelle em que o incendio rompe numa matta sertaneja, porque devoram, sofregamente, os animaes torrados no brazeiro. Dahi as suas reuniões bulhentas antes do incendio das capoeiras para pastagens ou das catingas para roçados, presenciadas e narradas por Andubon.

Os sertanejos affirmam mais que os caracarás carregam tições nas garras e os deixam cahir sobre os capinzaes resequidos, com o fim de provocar nova queimada e fartura consequente de comida.

A's vezes, as denominações de aves passam para a politica. Os seus grandes chefes são sempre aguias como "aguias" são os seus membros mais expertos. O sr. Ruy Barbosa, uma feita, comparou os seus collegas do Senado, em discurso publico, a aves de toda a sorte, desde o "quero-quero" dos bailados gauchos ás arapongas martellantes da Bahia.

Na minha terra natal, já houve o partido numeroso dos "chimangos" ou liberaes e a familia politiqueira dos "caracarás". Isto, no tempo do imperio. Agora, em quasi toda a parte só se vêem urubu's esperando que os gaviões morram espetados, para satisfazerem os seus appetites.

João do Norte

"Diario do Estado"
Ceará - 6 - Fevereiro - 1918

Rio, 5

Agradeço commissão executiva P. R. C. honroso telegramma me dirigiu. Soldado disciplinado do Partido acato as suas ordens. Solidario em todas as suas deliberações espero que a commissão disporá de meus pequenos serviços em todos os terrenos. Felicito Partido pela escolha dos nomes prestigiosos com que compoz a chapa. Fico á espera de suas determinações.

Saudações respeitosas.

Gustavo Barroso.

Quando foi da successão governamental cearense, em 1916, o sr. deputado Moreira nos concedeu uma entrevista a respeito, na qual elogiou grandemente o caracter do sr. João Thomé, então candidato á presidencia do Ceará. S. Ex. nos disse que a probidade pessoal do actual governo da terra de sol era tão grande e tão conhecida, que, tratando alguns de fazel-o arbitro da eleição presidencial do sr. Franco Rabello, contestada pelo general Bezerril, o sr. deputado Eduardo Saboya, irmão do sr. João Thomé, a isso se oppuzera tanta certeza tinha de que elle daria uma sentença justa e essa seria a favor do sr. Franco Rabello.

O sr. coronel Benjamin Barroso recebeu o seguinte telegramma:

"Fortaleza, 10. — O resultado da eleição senatorial no primeiro districto, faltando apenas os municipios de Trahiry e Meruoca, é o seguinte: Benjamin Barroso, 9.173 votos; Barbosa Lima 7.239.

No segundo districto, faltando apenas Coité e Porteiras: Benjamin, 9.097 votos; Barbosa, 5.427.

Parece não ter havido eleição nos municipios cujos resultados faltam. Sua maioria total é de 5.604 votos. Affectuosos parabens. — João Thomé, presidente do Estado."

As felicitações do sr. João Thomé demonstram que S. Ex. está convencido da victoria nas urnas do coronel Benjamin.

Quizeramos saber agora o que pensa o sr. Manuel Moreira da Rocha. Temos á mão a sua entrevista passada e esperamos suas novas declarações sobre o espirito da justiça do sr. João Thomé para compararmos em publico as duas opiniões, a antiga e a moderna. Se de facto o governador do Ceará é para o sr. Moreira um espelho de justiça, o assombroso deputado cearense deve estar convencido que o sr. Benjamin venceu.

Se não está, é porque, de accordo com a escola do sr. João Brigido, mudou de opinião...

"Fa-Fa" 9 - Março - 1918

Gatafunhos

Dizem que o segredo é a alma do negocio e eu estou que o segredo é tambem a alma do amor. Sem elle, amar é banalissimo e nem sei que valor possa ter amar á vista de todos. Melhor do que eu poderia dizer em abono dessa these na réles prosa desta nota, dirão estes versos leves sarabanda de Francisco, tão em moda no seculo de Luiz XIV, entre as cabelleiras empoadas, os laçarotes e os *grands paniers* de Versailles.

«Jaloux, que sert tout votre effort?
L'amour est trop fort:
Et quelque peine
Que l'on prenne,
Elle est vaine,
Quand deux coeur une fois sont d'accord
Il faut devant vous,
Cacher ce qu'on fait de plus doux:
Ou contraint ses plus chers desirs;
Ou prend cent plaisirs;
Mais pour lens soins
De cens temoins,
En secret on n'aime plus moins».

E em segredo é, na verdade, como se ama mais a mulher!

100

"Correio Paulistano" - 28-janeiro-1918

O PERIGO MOSCOVITA

(João do Norte)

A barbaria calma dos allemães na guerra actual talvez tenha surprehendido a muita gente, mas a mim absolutamente não surprehendeu.

Eu de ha muito sentia que o espirito philosophico septentrional, apoderando-se duma nação forte e audaz, conduzil-a-ia a imprevistos destinos, cujas consequencias não poderia apontar, porém cautelosamente palpitava fossem as mais terriveis e mais crueis.

A evolução ou involução da alma allemã, para a seccura completa dos sentimentos de piedade e de humanidade, manifestamente vinha a passos largos se delineando desde Luthero. Kant encarniçara-se contra Deus, matando a sua idéa no coração das classes cultas da época e Fichte seguira-o no mesmo caminho, com mais damninhos resultados para a alma popular.

A grandeza de sua concepção do eu absoluto escapou á grande maioria, que se fixou na concepção restricta e quasi perversa do eu pessoal. Veiu depois a philosophia natural até Hegel e os allemães se tornaram cada vez mais frios, mais pensadores e talvez por isso mesmo menos humanos.

Os resultados da estrondosa victoria de 1870, quarenta annos de paz e labor infatigavel, o methodo levado ao excesso, a ordem completa em tudo estabelecida, grandes qualidades de esforço e apprehensão, tornaram esse antigo povo de louros sonhadores numa gigantesca nação de commercio, de industria e de civilização militar, prompta a perturbar o bom viver do mundo na occasião em que seus interesses em jogo achassem necessario.

Do desvirtuamento da creação do eu absoluto e admiravel de Fichte nasceu o egoismo particular de cada germano, e do desvirtuamento de todas as grandes concepções philosophicas dos seculos passados vieram por certo as idéas aceradas, agudas e selvagens dos sectarios da "kultur". Já Nietzsche representa a quintessencia da philosophia allemã na prégação do seu insulamento sensualista, affirmando todos os direitos á vida seja lá como fôr.

As analyses frias dos systemas têm o incremento de espiar os espiritos communs e a sua má comprehensão leva-os a disparates no terreno das realizações moraes e sociaes. As assombrosas argumentações logicas dos genios como Kant, como Fichte, como Schelling, como Hegel, não estão ao alcance de todas as intelligencias e desde que impregnem a alma duma população através dos estudantes e dos professores publicos, como na Allemanha, os seus resultados são prejudiciaes.

E é de lastimar que um movimento philosophico, tão grande como o da Grecia antiga, tenha indirectamente servido tão sómente a entenebrecer mais ainda a guerra, num seculo em que se devia repetir, no protocollo official das cerimonias, o antigo costume dos chinezes: os militares desfilarem depois dos elementos civis, para mostrar quão pouco vale a matança.

Entretanto, a Germania resuscitou o amor pelas cousas guerreiras e não ha hoje em dia quem não reconheça a sua necessidade intrinseca deante do egoismo philosophico e barbaro da nação mais forte em armas do mundo inteiro. Ninguem póde até deixar de aconselhar a militarização do nosso paiz, de prégal-a, de auxilial-a potentemente, tal receio de ataques subitaneos poz nos corações o arremesso germanico contra a civilização.

Esse arremesso realizou, na éra que transcorre, entre maravilhas do progresso em todos os sentidos, o assombroso "truc" de fazer resurgir o huno e o "bulgaro peor que o huno", de que nos falam as velhas chronicas medievaes. A philosophica Allemanha, apregoando o seu Deus especial e kaiseriano, que só serve para o effeito marcial das proclamações militares, calcou aos pés todas as regras espalhadas por Deus pelas revelações antigas, pela voz dos prophetas, pelas trombetas biblicas, pela alma doce dos messias, afim de minorar a sorte dos homens. E frei Martinho Luthero, que, na dieta de Worms, tanto falou do "amai-vos uns aos outros", condemnando os erros papaes, haveria de cobrir o rosto de vergonha e dôr ao vêr como os seus teutos interpretam o preceito evangelico, "amando" os belgas, os servios, os romaicos e os francezes dos territorios invadidos. Ademais, essa interpretação está na razão directa da maneira de interpretar no seu eu personalissimo o bello eu absoluto do inamolgavel Fichte.

Repito: não me surprehendeu de nenhum modo o arremesso vandalico dos tudescos. Eu tinha lido ha muito as palavras propheticas de Heine, o poeta semi-gaulez e semi-germanico, nas primeiras paginas do seu livro explicativo sobre a Allemanha.

Ell-as:

"Os philosophos da natureza se identificarão com a propria obra de destruição. A mão do kantista ferirá forte e certa, porque seu coração não se emociona com nenhum respeito tradicional.

O fichteano desprezará todos os perigos, porque estes não existem para si na realidade. O philosopho da natureza será terrivel, porquanto, em communicação com os poderes originaes da terra, conjurando as forças escondidas da tradição, poderá evocar todas as do pantheismo germanico e despertar o ardor de lucta dos antigos allemães, que combatiam não para destruir ou vencer, mas simplesmente para combater. Até certo ponto, o christianismo adoçou a brutal ardencia batalhadora dos germanos, porém não poude destruil-a, e quando a cruz, talisman que a encadeia, se quebrar, então novamente transbordará a ferocidade dos combatentes de outróra, a exaltação frenetica dos Berserkers, que os poetas do norte ainda hoje cantam. Virá o dia em que as velhas divindades guerreiras se alevantarão dos tumulos fabulosos, limpando dos olhos a poeira dos seculos. Thor erguer-se-á com o martello gigantesco e demolirá as cathedraes gothicas..."

Henrique Heine viu ha quasi um seculo, com os olhos do espirito, as cousas nefastas que estamos presenciando com os olhos do corpo e os do coração, ambos cheios de lagrimas.

Prophecia maravilhosa! O martello de Thor, o velho deus tonante da Germania de Hermann e de Teutberg, destruiu as halles de Ypres, a bibliotheca de Louvain e a cathedral de Reims.

E ainda se eleva no ar contra as basilicas romanas do Friul e as egrejas byzantinas das lagunas do Adriatico e as columnatas quasi mouriscas, levantinas, mosarabes de Veneza.

O mundo inteiro se arma e va contra o martello de Thor, numa ancia de pôr um termo definitivo ás ameaças da "kultur" philosophica e brutal. Porém, o maior perigo para a Allemanha não será talvez esse das baionetas e canhões universaes. Elle virá da anarchia russa que ella fomenta, sorrindo, como uma criança sopra o fogacho duma bomba de dynamite, inconscientemente.

No intimo do povo allemão, sob a capa frigida e formalista da ordem social, queimam aspirações que ninguem confessa e que muitos ainda não sentiram, tão latentes são.

Quando a revolução franceza passeou nas ruas de Paris a cabeça de Luiz Capeto, nas cervejarias da Baviera e do Rheno houve simples cochichos de apoio. Quando Napoleão penetrou na Allemanha e modificou a sua Constituição, as manifestações foram bem maiores. Após a revolução de julho de 1830, os moços e os velhos cantaram a Mar-

"Correio Paulistano" - 11 - Fevereiro - 1918

selheza nos cafés e nas adegas. Já em 1848, seguindo o exemplo vizinho, o povo berlinez fez uma sedição.

Agora, o espelho de emulação está mais visivel e mais proximo. E' a Russia entregue ao populacho e descambando para o socialismo com todas as suas formulas ainda impraticaveis. Quem sabe si não se cantará na Germania a "Internacional"? Não serão as revoltas de Kiel os prodromos duma revolução gigantesca que abalará nos seus fundamentos o novo imperio, filho do velho e santo imperio, como elle enraizado na noite dos tempos, cujo vento terrivel açoitará no fundo da caverna solitaria de Adsberg as longas melenas de Frederico Barbaroxa?

Seria melhor para a Allemanha a Russia armada e luctando do que a Russia dos "soviets" maximalistas e ukranianos, mostrando ao soldado e ao operario allemão quanto é facil depôr os Cesares e gosar um pouco a vida antes de morrer. Como as epidemias, as revoluções são contagiosas. Maior perigo, actualmente, é para a Allemanha a desorganização moscovita do que a organização americana.

João do Norte

(Transcripto na "Razão")

"Fon-Fon" - 23 - Fevº 1918

Garatujas

Estou certo de que todo o homem tem no rosto, no aspecto, no andar qualquer cousa que lembra um animal. A's vezes, embebido nessa minha observação vou ahi pelas ruas, pelas casas de chá, pelos cinemas e pelos bonds tomando nota das figuras de bichos que vejo nas caras dos meus semelhantes. E até diante dum espelho já verifiquei que tenho no abrir das narinas e no modo de andar algo do cavallo e um pouco do burro.

Tenho visto sujeitos que lembram o lynce, o porco, a onça, o gato, a cegonha e especialmente o macaco. As mulheres se approximam melhor dos passaros. Mas ha gente indefinida que se não assemelha a bicho nenhum. Ahi a minha classificação emperra. Raramente consegue safar-se. Outro dia vi na Avenida uma mocinha, olhei-a, examinei-a, estudei-a e depois tomei nota da minha impressão. Só lhe pude achar uma determinante, que me forneceu Hamilton, o escriptor anglo-francez: — cara de carneiro sonhando!

O tambor do Adulterio

(João do Norte)

"Tching-tang, le fondateur de la dynastie dite des "Tchings", fut celebre par sa sagesse. On lui attribue l'art de preparer les peaux pour en faire du cuir."

(J. Lingay- "La Chine").

O imperador Tching-tang, tchi-nu-ta-quany-nan, "verdadeiramente grande e luz gloriosa", regressava do seu palacio de campo á cidade de Hao, pela linda estrada de Hsignan. Fatigado da viagem, dormia no macio palanquim, carregado aos hombros de quatro soldados possantes, de capacete fingindo cabeças de tigre. Um duplo cordão de archeiros com alabardas de formas extravagantes e cotas de solhas de ferro cercava a liteira, cujas cortinas de quando a quando se abriam ao vento, mostrando o vulto do soberano de bruços sobre os travesseiros de bambu' desfiado, envolto na cabaya de setim amarello brochado de ouro, com desenhos de cordão, em relevo.

Depois dos guardas, vinham, a pé, lentamente, os membros da familia imperial, de faixas alaranjadas, e as cinco ordens de officiaes da corôa, distinguindo-se pelos seus botões de coral, de lapis-lazzuli, de alabastro, de ouro e de prata. Seguiam-se a gente de serviço do imperador, com um dragão de cinco garras no peito e os cortezãos ricos, trazendo o rabicho, augmentado por fios de retroz preto, um dragão de quatro garras sobre o coração e, para mostrar sua fortuna, todos os seus vestidos de seda enfiados uns sobre os outros. Contavam-se entre elles vice-reis, governadores, prefeitos das provincias e muitos descendiam das familias primordiaes de Ba-hô, fundadores do imperio. Por fim, após os politicos, os letrados, os agentes do cadastro e os professores, fechando a comitiva, os militares, pessoas de infima classe na hierarchia da côrte, o que demonstrava a pouca importancia que a guerra merecia.

Dum lado e de outro do caminho, extendiam-se immensos arrozaes, rindo ao sol com o seu verde novo, repartidos, por veredas lamacentas, em tantas partes quantos os filhos machos do agricultor. Os grandes salgueiros de folhas argenteadas curvavam-se sobre os corregos gementes e á sua sombra deitavam-se os carneiros malhados, de caudas mais gordas que os quartos trazeiros. Alternavam com as côpas floridas dos pecegueiros e os ondulantes pennachos dos bambu's tectos de palha trançada, de ramos e de terra batida das cabanas de lavradores. Marginando os pantanaes, as aldeias aquaticas descançavam em estacarias. Uma escada se arrimava ás portas das casas e os frangos piavam nos gallinheiros suspensos. De onde em onde, o cortejo surprehendia, enfiando a sacha no campo ou concertando a sebe da horta, um camponez vestido de folhas seccas, com os dedos grandes dos pés tão afastados que podiam servir de pollegares e apanhar objectos no chão. Logo o homem se prosternava com o rosto na terra humida, os braços estirados, tremendo.

Ao resoarem as solas grossas dos soldados no assoalho da ponte do Hoang-ho coberta pelo seu tejadilho lustroso e ladeada de casinholas de mercadores, o grande-cathayo acordou. Ergueu, vagarosamente, meio corpo, recostou-se em almofadas e respirou o frescor da agua corrente. Juncos de velas pregueadas desciam o rio, galhardetes flammantes fluctuando ao vento da tarde.

Começaram as alamedas dos suburbios da capital. Casas nobres, de tings ou tectos recurvos envernizados de amarello, sorriam entre arvores floridas, ao meio dos jardins. Adeante, era o mercado das Delicias, cheio de gente em movimento e bulicio, que á passagem do palanquim cahia de joelhos, os braços abertos, ou se extendia de rosto na poeira.

O prégão dos negociantes de potes e esculpturas de marfim écoava sob as ruas cobertas, enfeitadas de taboletas perpendiculares com grandes letras escuras, esgalhadas como chifres de veado. A' frente dos açougues, pendiam cães de pelle rosea esfolados e abertos, perfumados com hervas aromaticas, fileiras de ratos gordos dependurados pelas caudas, texugos recheados de toucinho. Sobre as cafetas dos camponios, empilhavam-se pecegos, maçãs, fructos hybridos, jacas de bagos amarellos e viscosos, melancias côr de sangue de criança. Montanhezes de camisa azul apertada na cintura conversavam mascando paus de canella.

Acotovellava-se gente de toda a sorte. O chinez calmo, barba rala e sedosa na face alvarinta, mostrava o seu doce caracter contemplativo de infinita paciencia. Distinguiam-se logo o mandchu' assomado, cerdas asperas no rosto amarello bistre, casaco de pelles de salmão, facalhões na cinta, e o thibetano do Paiz das Servas, onde as formigas ajudam o trabalho dos mineiros.

Caçadores dos montes celestes, enfeitados com unhas de tigre, e pescadores de Fo-Kien com escamas de tubarão no saiote, devoravam em escudellas de pau, á porta dos albergues, peixes fermentados em vinagre de arroz. Mongóes da Terra das Servas, que comem os piolhos dos amigos, traziam presos em correias macacos barbudos, do rabo de porco, adestrados a roubar.

Jograes coreanos introduziam fios de ferro pelas narinas até á garganta, enguliam sabres e bolas de chumbo, enfiavam finissimas varetas nos lacrymaes e nos ouvidos, cuspilhando sangue, entre o assombro dos meninos e o riso alvar dos basbaques. E os negociantes passavam, vagarosos, sorridentes, mastigando gengibres confeitados, com um rosario de sapecas de ouro enfiadas num cordão pendendo do braço, emquanto os pobres os seguiam lamuriosos e famintos, esmolando.

A comitiva imperial aligeirou o passo pela rua do Repouso Perpetuo entre palacetes ricos, luzentes de porcellana. De novo as sandalias grossas dos soldados pisaram um tavoado resoante. Era a ponte do canal das Aguas Amaveis, bordada de estatuas, perlongada por serpentes de pedra, recoberta por um telhado

repousando em columnas de marmore.

Então, abriu-se deante dos olhos de Tching-tang a perspectiva alegre da rua do Odor Suave, terminando no alto muro de tijolos vermelhos do paço imperial, com a sua porta redonda gradeada de ferro. Por ella o sequito illustre entrou no jardim.

Uma avenida lageada de marmore claro corria entre dragões de bronze arremettendo de socalcos de onyx, encerrados em rêdes de latão para impedir as andorinhas de fazerem ninhos nas azas e as moscas de os sujarem.

Dum lado, sombreavam a pellucia verde dos relvados, arvores copadas, a cuja sombra cahiam braçadas de flores dos jarrões pintalgados de azul. Amoreiras floridas cercavam no alto de pequena collina um kiosque de madeiras finas incrustadas de marfim, que abrigava a imagem do genio protector dos insectos: das borboletas que alegram prados e parques, das moscas de ouro e de coral que beijam as flores, das abelhas que zumbem nos vergeis, da lagarta nojenta que produz a seda maravilhosa.

Do outro, era um jardim de pesadelo. O chão todo de saibro alvo palhetado de ouro e prata, sem uma sombra de arbusto copado, com faisões dourados orgulhosamente passeando e pavões esplendidos majestosamente abrindo os leques. Em canteiros de formas extranhas, vicejavam fétos cultivados, balançavam-se flores vermelhas, azues, brancas, roxas, maiores do que uma cabeça de homem. Todas as plantas tinham sido contorcionadas por mãos habeis e diabolicas. Um buxo affectava o perfil humano; um tronco de kananga fôra retorcido e esculpturado para fingir um dragão; cada galho dum pecegueiro anão colleava como uma serpente. E entre os tanques de porphyro, cheios de aguas coloridas amarellas como o ambar, rubras como o sangue, negras como a noite e verdes como o mar, os vultos brancos das cegonhas e das garças immobilizavam-se no crepusculo.

A noite cahiu de todo, quando o imperador se recolheu aos seus aposentos. Sentado sobre um tapete felpudo, lia sósinho algumas taboas enceradas que tratavam da maneira de combinar essencias para conseguir os liquidos que amaciam ou endurentam os couros. Tching-tang vivia em continuos estudos e continuas preoccupações. A fama do seu saber enchia o imperio e a sabedoria de seu governo deslumbrava o povo. Elle era considerado maior que Chum o lavrador, que Hoang-ti o imperador amarello, que Tchao-ping o enjeitado glorioso, mesmo que Fu-hi o legislador; e como Yas o dragão inventara a arte divina de tecer os pannos, Tching-tang inventara a arte sublime de curtir os couros.

Descobrira os meios infalliveis de tornar as pelles duradouras e adaptal-as ás grandes necessidades da vida. Envelhecera em tentativas e indagações, em meditações e experiencias. Jamais cuidara de outras cousas e até se esquecia de que o esperava submissamente ajoelhada sobre grandes almofadas de seda, na sua sala de lacas nacaradas, faiscando de pedraria, a mais bella mulher do mundo, Nenuphar Branco, da pelle côr de luar, imperatriz da China.

O imperador deixou as taboletas e murmurou, erguendo os olhos para o tecto escuro:

— "A pelle do yak, que é a mais grossa, deve ser bem batida e ficar tres annos de môlho no cozimento de raizes e cascas de amoreira. A do hippopotamo sómente presta depois de bem molhada numa serie de banhos e esfregada com sêbo e pedra hume. E' preciso muito cuidado para as do tigre e do leão não perderem os pellos quando são mergulhadas no banho de tanino. E a do babirussa, dentro da solução de cevada, curte sómente durante os dias de lua cheia."

A chamma dos brandões clareava lacas e porcellanas nos paineis das paredes, onde voava toda a especie de bichos, desde o grou ás tartarugas. Sobre as suas peanhas, o deus do lar, apertando o ventre com as mãos, e a deusa do lar, erguendo uma amphora, ladeavam o altar dos antepassados, de cujas caçoletas se desprendia o fumo odorante do aloes e do sandalo.

Tching-tang estendeu os pés sobre as lages de marmore branco e, olhando pela janella aberta o céo estrellado, continuou a falar de si para comsigo:

— "São necessarias cincoenta e sete noites de mergulho na agua quente, com raizes de salgueiro, para amollecer a pelle do cão; seis luas de curtimento na agua de sal e centeio, para abrandar a do cavallo; e oito na de ferrugem, para preparar a da rapôsa. A pelle humana requer fôlhas de myrto e de lentisco, fricções leves de oleo de betula. Sei todas as formulas e todos os processos de cortume e defumagem. Preparo os couros verdes, sêccos e salgados, e emprego a cal afim de tirar os cabellos. Mas quanto me tem custado esse saber! Vivo consumido e só. Em todo este palacio não ha, a esta hora, um unico ente que pense em mim ou que agradeça as minhas vigilias para o beneficio de todos."

O imperador levantou-se, apoiou-se ás columnas de madeira vermelha da janella e olhou a noite negra sobre a terra, luminosa no alto do céo. Passeou a vista pelos jardins silenciosos e pousou-a, depois, numa ala do edificio que avançava sobre os relvados. O quadrado claro duma janella accesa recortava-se na escuridão, suspenso no ar. Por traz do papel da Coréa illuminado moviam-se vultos. Tching-tang prestou-lhes attenção. Eram uma figura de homem e uma figura de mulher, muito negros na luz. Andavam. Pararam. Approximaram-se. Trocaram um longo beijo. O velho reconheceu o fino perfil sob a tiara faustosa de Nenuphar Branco, a imperatriz.

Deixou a janella, pousou a mão no ferrolho de bronze em forma de morcego, que fechava a porta, e dirigiu-se ao interior do paço. Atravessou os desertos e escuros salões de laca feita da gomma da arvore Tsi, colhida no valle de Sze-tchuen; o salão de lacas negras com paizagens de marfim e madreperola embutidos; o de lacas palhetadas de ouro, com vasos de bronze e cobre sobre tripeças de xarão; o de lacas vermelhas, onde se alinhavam estatuetas de quartzo hyalino, de calcedonia, de chrysoprasio e de heliotropio, de pé em bancos de ebano; e o de lacas pardacentas com meandros de fio de ouro e flores de rubis.

Arrancou a barra de ferro que trancava uma porta. Um jorro de luz clareou as paredes ricas, o lageado precioso. Num quarto forrado de sedas pallidas, um archeiro moço beijava a imperatriz.

Tching-tang segurou um martello de ouro esquecido ao pé duma banqueta com porcellanas finas, e golpeou um gongo de prata. O éco dos jardins repetiu o som argentino. Os dois amantes levantaram-se surprehendidos e cahiram de joelhos. De toda a parte accorriam servos e soldados. Ferros de lança alumiavam nos corredores, á luz dos archotes. Brutos punhos abateram-se sobre os dois culpados. E o soberano ordenou ao commandante de suas guardas:

— "Mande esfolar ambos cuidadosamente, curtir suas pelles e fazer com ellas os couros dum tambor!"

Muitos dias mais tarde, reunia-se o conselho imperial no salão das lacas vermelhas. Vieram os letrados com os seus graus de tan-hou e hoang-giap, os interpretes, os astronomos que commentavam o vetusto livro de Yiking, e os velhos sábios, que tentavam desvendar as obscuras theogonias ou tinham já empregado mil caracteres dos oitocentos mil que possuia o alphabeto chinez. O imperador mostrou-lhes o tambor, que um mandchu' fez soar, e, quando o barulho findou, disse:

— "Foi feito com a pelle duma mulher deshonesta e vil e com a dum traidor ao seu rei. Dai-o a guardar aos censores do Tutetrayunan. Que o arauto publico sómente o toque, na cidade Hao, para annunciar o castigo dum desleal e a morte duma adultera."

Contam velhas chronicas do Imperio do Meio que sete luas após essa ordem, o chefe do tribunal da Censura pedia ao Filho do Céo licença para mandar curtir a pelle da sua esposa, surprehendida nos braços de um collega, afim de com ella

uso.

João do Norte

"Fon-Fon". 23-Dez. 1918

Garatujas

No banco de frente do Auto-Avenida, sentaram se dois rapazes de vinte a vinte e cinco annos, um de cinzento, outro de azul escuro, ambos bem vestidos, bem engravatados, bem escovados, bem calçados e bem enchapelados.

O meu companheiro de viagem disse-me:

— Eis alli dois elegantes.

Eu protestei.

— Não. A elegancia requer um certo *sans-façon*, um certo *laisser-aller*. O homem elegante, verdadeiramente elegante, senta-se á vontade, cruza as pernas á vontade, anda á vontade. Nunca mostra cuidado pela roupa nem pelo cabello nem pelo vinco das calças. O seu modo de ser é esplendidamente natural. Nada nelle deve trahir a preoccupação de vestir bem, isto elle o faz com a naturalidade com que falla, janta ou fuma o seu charuto perfumado. E é até de bom tom, por essas razões, estar um tanto torto o laço da gravata, um tanto amarfanhado o casaco. Aqui nesta grande cidade, meu caro amigo, são rarissimos os elegantes e andam aos alluviões esses a quem um camarada meu chama *os arrumadinhos*. Até as chronicas mundanas deviam substituir o *set*, os *trezentos de Gedeão* e os *encantadores* pelos *arrumadinhos*...

203

— "Diario da Tarde" - S. Gabriel - R. G. do Sul - 9-Fevº 1918 —

IMPRESSÕES DO RIO

PRAIAS E VARZEAS

Ha cinco annos, num silencio de provincia, sem ruido e apagada, fizemos a nossa estréa no jornalismo

Uma aguda sensação de arte levou-nos a commetter essa imprudencia. O primeiro livro de João do Norte nos encantára. E «Terra do Sól» foi publicada em o «Diario da Tarde», de São Gabriel, com viva surpreza dos que me não conheciam

Rememorando essa passagem, seriamos injustos se não reconhecessemos que a popularidade do nosso trabalho de estréa devemol-a a um lettrado vendedor de «beef» (naquella epoca) que, publicada, correu logo á botica, a dizer que a chronica não era nossa. Rindo de jubilo, desse modo, o magriço hoteleiro nos fez lido. Devemo-lhe esse favor. Nunca o esqueceremos.

—

Viemos para o Rio e aqui a nossa sympathia pelo escriptor Cearense era augmentada toda a vez que viamos a sua bella figura elegantisando, com vivo fulgor, os «boullevards» arioças.

João do Norte é um typo raro de homem, cujo physico fortemente impressiona. A' sua passagem todos os olhares para elle se voltam e sobre elle se debruçam em alvoroço, admirando-lhe a plastica das linhas fortes de homem sadio, vestindo pelos ultimos figurinos. Ha nelle qualquer cousa que rememora outros paizes, que relembra outras raças. E' um encanto vel-o.

João do Norte é um triumpho de linhas em marcha.

—

Quasi que a um só tempo o joven escriptor cearense publica trez livros novos: «Praias e Varzeas», «Ideas e Palavras» e «Heroes e Bandidos».

Não pretendemos nestas linhas, traçar a critica a nenhum d'elles.

Por uma questão de esthesia e de temperamento, preferimos a paysagem ao homem, essa eterna incognita levantada, como uma esphynge, no seio luminoso do universo. Fujamos ao homem. Evitemos a dôr que nos vêm do seu contacto deshonesto. Olhemos a paysagem e bemdigamos a natureza.

Deixemos, portanto, á margem os dous ultimos trabalhos do festejado cearense, em que se estudam typos e costumes de sua terra, e penetremos, felizes por o fazer, na prosa azul de «Praias e Varzeas». Apreciamol-a, porem, em conjuncto, sem a tortura dolorosa do detalhe, com a mesma alvorotada volupia de quem contempla a curva alva de um seio, a columna bronzeada d'um pesco o ou a gloria perturbante d'uma cabeça loira

«Praias e Varzeas» da primeira á ultima pagina é uma tela gloriosa de Turner—o revolucionario artista da luz.

Les Goncourt sustentam que só é perfeita a obra que nasce da observação ou da dôr.

«Praias e Varzeas» nasceu da observação, e crystalisou-se numa prosa musicada em que ha ancias de perfeição e de rythmo, o mesmo rythmo que immortalisou a prosa divina de Chateaubriand.

João do Norte professa essa especie de pantheismo, com que todo artista de sentimento anima e harmonisa a materia.

A arte não é um simples jogo de imaginação e de ficção como pensam Schiller e Spencer. A arte tem alguma cousa de mais superior e de mais intangivel, envolta no sonho de sua grande alma, que é a belleza.

A emoção artistica não é uma Emoção Social como define Spieggel, mas uma emoção individual, que vive adormecida em cada um de nós, prompta a despertar ao encontro forte d'uma sensação extranha.

Esta verdade esvoaça, com ruido, pelas paginas suaves de «Praias e Varzeas», onde o sentimento emerge d'uma luz nova, a revelar sempre novas sensações. E um lago, uma montanha, uma aza branca aberta sob o azul.

Nos menores detalhes, o imaginoso regionalista revela-se um perfeito aquarelista, emprestando a tudo que descreve a sua alma a cantar dentro da alma insensivel da natureza.

A luz forte do nosso sol, que torna monotona a paysagem, sem cambiantes contrastes e colloridos, é quebrada pela penna artistica de João do Norte que consegue imprimir o mysterio dos claros-escuros na linda paysagem nortista.

Fechando, «Praias e Varzeas» é um livro sentido, é todo um panorama fulgurante do longinquo Ceará, feito atravez d'um temperamento profundamente artistico.

Janeiro—1918.

RAMIRO GONÇALVES.

"Rua" - 21 - Fevereiro - 1918

Quasi critica...!

Belmiro Braga — Collatino Barroso — Virgilio de Sá Pereira Alguem (?)

As "Rosas" do florido e sempre perfumado canteiro, ou melhor jardim, de Belmiro Braga, apparecem em terceira edição. Isto é o melhor reclame de quanto agradaram. Mas um quasi critico de jornal é obrigado a dizer mais alguma cousa. Nem o Belmiro gostaria que se ficasse em tão pouco.

Ao se lerem os versos leves e limpos das "Rosas", acode á lembrança que o autor é um homem de outras eras e de outro meio, tão poucos são poetas como elle o é. E o espirito segreda a si mesmo: Ora, pois, dom Ramon de Campoamor, autor das suaves "Doloras y Poemas" não se reencarnou num poeta brasileiro? Porque é a mesma doçura de expressão e a mesma simplicidade emotiva.

204

E. Zerolo, criticando a obra de Campoamor, affirmou que elle produziu, em Hespanha, pela sua maneira original e pelo seu nacionalismo uma verdadeira revolução. Aqui, onde ha poetas que sómente cantam as tristezas de Bruges la Morte, os canaes e os moinhos flandrenses, outros que fazem versos por formulas, combinando umas tantas palavras, sempre e sempre as mesmas, a poesia natural e espontanea de Belmiro parece um verde campo brasileiro muito banhado de sol. Elle é, actualmente, no seu genero alegre e vivo, sentimental e simples, unico. Não tem imitadores e não faz, como dom Ramon, uma revolução, porque a alma nacional não quer vêr o que é bem nacional.

Poderiamos citar nesta breve e fria nota algumas quadras de Belmiro. Porém todo o mundo as conhece. Emfim, como amostra de ouro lizo quaes os brazões de maior nobreza vae um soneto. Eil-o:

"Como um ladrão, de mansinho,
Em seu quarto entrando um dia,
Fuí vêl-a dentro do ninho,
Toda encolhida. Dormia.

Através do niveo linho
Da camisola alvadia,
O jaspeo roseo adivinho
De sua carne macia.

Córo-me todo, e voltando,
Nas pontas dos pés pisando,
Cá fóra exclamo: — Senhor!

Dae-me de novo juizo,
Pois entrei no Paraiso,
Eu, que sou tão peccador!"

Esta poesia é, em verdade, como dizia Campoamor:

"Tan fresca como el agua de verano
En el fondo de un pozo serenada."

* * *

Um espirito original e interessante o de Collatino Barroso, autor conhecido dos "Anathemas" e da "Suggestão do Bello e do Divino na Natureza".

Elle, que, em primeiro logar, apregoou no Brasil a necessidade da Defesa Nacional e foi o precursor da campanha de Bilac, nos dá, num folheto de 45 paginas, a sua ultima conferencia "A belleza e suas formas de expressão", merecedora de elogios. E' um trabalho escripto em boa lingua, onde ha "bellezas de expressão" e comparações felizes.

Collatino Barroso expõe as suas idéas em estylo elegante, talvez um tanto empolado, mas que não desagrada.

Diz da Belleza e suas fórmas de expressão, isto é, diz das interpretações da natureza pelo artista, na ourivesaria, na pintura, na esculptura, na musica, na architectura. O thema é vasto e se presta á dissertação.

* * *

Uns artigos que o Sr. Joaquim Eulalio enviou de Paris para o "Jornal do Commercio", tratando de litteratura nacional, sobretudo da influencia franceza nessa litteratura, condemnavam certas faces do grande espirito de Tobias Barreto e expunham idéas pouco baseadas. O Sr. Desembargador Virgilio de Sá Pereira, magistrado erudito e dedicado de boa vontade ás boas lettras, retrucou-lhe. Travou-se a discussão e o "Jornal" estampou muitos artigos de ambos os contendores a respeito.

Agora, sob o titulo de "Tobias Barreto", o Sr. Virgilio de Sá Pereira reuniu numa brochura a sua parte na discussão, da qual constam capitulos muito interessantes. Eu chamei a esse trabalho brochura por não saber que nome lhe dar. O proprio autor é o culpado dessa minha incerteza. Elle diz á entrada de suas paginas que a denominação de livro é demasiada e hesita entre livrinho, livreco e livrete.

Em linguagem clara e segura, em estylo leve e formoso, o illustre homem de lettras nos leva através da critica do espirito allemão, cujos defeitos condemna, cujas virtudes aponta, imparcialmente, até o germanismo de Tobias, germanismo esse todo intellectual, porque elle não sympathisava com a politica tudesca.

Dá prazer a leitura desses artigos de polemica. São delicados e ao mesmo tempo combativos, sem que a elegancia do dizer estrague a exposição das idéas, pelo contrario, grandemente a auxilia. Infelizmente, não temos em mão, muito menos de memoria, as razões do Sr. Eulalio. Só por isso não podemos julgar quem levou a melhor na casuistica critico-jornalistica-litteraria; mas affirmamos, em fé de nosso grão de leitor, que o Desembargador Virgilio não é adversario facil de desmontar, num torneio qualquer.

Os seus estudos sobre a origem e a evolução da nossa litteratura, tão pobre e sem verdadeiro cunho nacional, porque as escolas se vem succedendo sem poder fixal-o nem no indianismo de Alencar, nem ainda no sertanismo de Euclydes, são acurados e bem digeridos. Assim, só resta nestas linhas dar-lhe parabens.

* * *

"Primeiros vôos", poesias, por Alguem (?). O titulo é mysterioso. O livro ainda o é mais. No prefacio, o autor, que até póde ser o Homem da Mascara daquelle "film" do Pathé, diz que os seus versos são fructos duma epoca de doença, são productos de insanidade, duma alma doentia e tempestuosa. Por isso denega o seu valor e elle mesmo os critica com severidade.

Não o desmentimos nem criticamos o seu livro com medo. Esse "alguem" é muito zangado. Diz elle, depois de affirmar que no mundo só existem pygmeus usurpando a tiara dos genios (pensavamos que fosse a tiara do "pape des fous") e fanfarrões que não passam de assassinos:

"O autor não teme os homens modernos, quer no campo da intelligencia, quer no campo da critica, quer no campo da coragem!"

E o homem diz que foi doente! Accrescenta elle:

"No campo da coragem provará immediatamente ao primeiro que quizer. Aquelles que se julgarem offendidos com essas declarações podem-se manifestar por qualquer um desses meios pelos quaes os homens tornam publicos seus pensamentos, porque o autor está prompto em lhe dar reparações pelas armas. A luva está lançada, quem quizer que a levante."

Deus nos livre de tal! Sentimo-nos não offendidos, mas até lisongeados pelas declarações corajosissimas do Sr. Alguem e renunciemos a qualquer critica ao seu livro.

Para illustrar, porém, esta noticia, que devemos ao bom publico, adiantamos que o livro é uma brochura de capa azulada, formato commum, com 127 paginas e umas 45 producções poeticas. Em toda a obra ha, demonstrando a erudição do autor, nove citações de Victor Hugo, quatro de Longfellow, tres de Byron, duas de Horacio, Alvares de Azevedo, André Chenier, Alfredo de Musset, Dante, Casemiro de Abreu, Gonçalves Dias, uma de Metastasio, Tasin, Lamartine, Castro Alves, Guimarães Passos, Shakespeare, Voltaire, Zorrilla e Campoamor.

Impossibilitados de fazer critica, diante do cacête de Damocles suspenso sobre o nosso querido lombo, recorremos á estatistica e terminamos transcrevendo alguns versos do Sr. Alguem:

"Amor

O amor é como o calix odoroso
Da flôr que no verde bosque rescende,
Que por vezes em lugar de perfumes
Em suas petalas o veneno prende."

E' mesmo!

"Paquetá, senhora, é uma risonha ilha
De Guanabara é a predilecta filha."

E' mesmo!

"Conselhos

Vós que quereis ser puro, fugi á humanidade.
Vós que quereis ser grande, deixae a alma subir.
Vós que quereis ser bom, praticae a caridade.
Vós que quereis ser f'liz, p'ra Deus deveis fugir."

E' mesmo!

Eis o que diz de Pinheiro Machado:

"Eras um novo, redivivo Hercules triumphante,
Esmagando em Cerna, medonho,
Uma nova Hydra, dum negro formato immenso.
E sob os meus sonhos suspenso,
Eu vi naquellas faces frias
A' Cesar, á Hercules, á Jupiter, á Antheu.
Vivo, eu sonhara nelle um novo Prometteu.
Morto, acheio-o digno da tumba de Osymandias."

Coitado!

J. N.

"Para-Pau" 16-3-918

Gatafunhos

E' impossivel neste assombroso Brasil ser um homem de gabinete por duas insophismaveis razões: não se podem ter livros de bôa encadernação ou raridade; não se podem possuir objectos de arte.

Se as estantes são abertas, a poeira, as larvas de toda sorte, o bicho, o caruncho, a barata, a traça estragam a livraria. Se as estantes são fechadas, o bicho continua a estragal-as e, para substituir a barata e a poeira, apparece o terrivel môfo branco. Estes flagellos são nada diante do Attila terrivel que é o amigo que pede livros emprestados ou do desgosto que dá a filha do visinho, perguntando a um homem de espirito:

— O sr. tem romances de Julio Verne, Eugenio Sue e Dumas pae que me possa emprestar?

Os objectos de arte são outra tortura inquisitorial. A visita chega, olha um vaso de Sêvres, um grez branco e ouro de Wedjood e diz, assim:

— O sr. já vio os vasos de vidro que está fazendo a fabrica Esberard? São lindos e de graça quasi.

Um horror!

As creadas ao varrerem ou espanarem a casa atiram ao chão um Guda precioso, pintado á mão, um Doulton sangue de boi, um Carlsruhe *sous email*, um *rouge flambé sans pareil*, um Saxe com as suas espadas, um Campolide com a cruz de Aviz, um Bauscher bysantino-bulgaro, despedaçam-n'o e dizem, cynicamente, com um muchôcho:

— Ora, o patrão fazendo um barulhão destes por um jarrinho á tôa. Eu trago outro da rua e maior ainda! Alli na esquina tem cada um grandão que custa cinco mil réis.